



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

ANDERSON BRAGA DO CARMO

**ABORDAGEM SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DE UM  
INSTRUMENTO LINGUÍSTICO:  
O DICCIONARIO BRAZILEIRO DA LINGUA PORTUGUEZA**

ANDERSON BRAGA DO CARMO

**ABORDAGEM SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DE UM  
INSTRUMENTO LINGUÍSTICO:  
O DICCIONARIO BRAZILEIRO DA LINGUA PORTUGUEZA**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, UEL, como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Mariângela Peccioli Galli  
Joanilho

Londrina  
2013

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da  
Universidade Estadual de Londrina**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

C287a Carmo, Anderson Braga do.

Abordagem semântico-enunciativa de um instrumento linguístico : o  
Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa / Anderson Braga do Carmo. –  
Londrina, 2013.  
351 f. : il.

Orientador: Mariângela Peccioli Galli Joanilho.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de  
Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em  
Estudos da Linguagem, 2013.

Inclui bibliografia.

1. Língua portuguesa – Dicionários – Teses. 2. Língua portuguesa –  
Regionalismos – Teses. 3. Semântica – Teses. 4. Lexicografia – Teses. 5. Linguística –  
Teses. I. Joanilho, Mariângela Peccioli Galli. II. Universidade Estadual de Londrina.  
Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da  
Linguagem. III. Título.

CDU 806.90-3

ANDERSON BRAGA DO CARMO

**ABORDAGEM SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DE UM  
INSTRUMENTO LINGUÍSTICO:  
O DICCIONARIO BRAZILEIRO DA LINGUA PORTUGUEZA**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, UEL, como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Mariângela Peccioli Galli Joanilho  
UEL – Londrina - PR

---

Profa. Dra. Sheila Elias de Oliveira  
UNICAMP – Campinas - SP

---

Profa. Dra. Fabiane Cristina Altino  
UEL – Londrina - PR

Londrina, 16 de abril de 2013

Aos meus pais,  
Claudete e Edmur.

## AGRADECIMENTOS

Por acreditar que não se chega a nenhum lugar sozinho, gostaria de agradecer a todos que contribuíram para a realização dessa pesquisa:

A Deus, por ter possibilitado que eu caminhasse até aqui.

À minha orientadora, Profa. Dra. Mariângela Joaquinho, por ter me apresentado a Linguística e pelos diálogos de carinho e sabedoria que conduziram meus passos enquanto pesquisador, e que fizeram significar as reflexões que estão dispostas nesse trabalho.

Aos meus pais, Edmur e Claudete, e à minha irmã Amanda, porque sei que me amam, e como se isso não fosse bastante dedicaram e dedicam muito de suas vidas para o cumprimento dos meus sonhos.

Aos meus avós Alcir, Regina, Clarismundo (*in memoriam*) e Maria de Lourdes (*in memoriam*), pelas preces e pelos exemplos de vida.

Aos amigos que me acompanham desde a graduação, Cássia, Giliane, Patrícia, Rafael e Taciane, cuja companhia fez projetar em Londrina o ambiente acolhedor de carinho e alegria que recordarei para sempre.

Às professoras Aparecida Negri Isquerdo e Sheila Elias de Oliveira, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação, e à professora Fabiane Cristina Altino, pelas contribuições na defesa da dissertação.

Aos meus amigos do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UEL, por dividirem comigo disciplinas, conversas e uma amizade que levarei pra sempre.

Aos meus professores de graduação e do PPGEL, pelos ensinamentos compartilhados.

À Universidade Estadual de Londrina, pelas oportunidades oferecidas.

À CAPES, pela bolsa de mestrado concedida.

Ao Doutor Antonio Joaquim de Macedo Soares, por ter contribuído com o corpus da pesquisa.

... e, se Deus me concedesse a mercê de morar numa ilha deserta (deserta, mas com relativo conforto, está claro — poltronas, chá, luz elétrica, ar condicionado) o que levava comigo era um Dicionário. Dicionário de qualquer língua, até com algumas folhas soltas; mas um Dicionário.

Não sei se muita gente haverá reparado nisso — mas o Dicionário é um dos livros mais poéticos, se não mesmo o mais poético dos livros. O Dicionário tem dentro de si o Universo completo.

...

E como o bom uso das palavras e o bom uso do pensamento são uma coisa só e a mesma coisa, conhecer o sentido de cada uma é conduzir-se entre claridades, é construir mundos tendo como laboratório o Dicionário, onde jazem, catalogados, todos os necessários elementos.

Eu levaria o Dicionário para a ilha deserta. O tempo passaria docemente, enquanto eu passeasse por entre nomes conhecidos e desconhecidos, nomes, sementes e pensamentos e sementes das flores de retórica.

Poderia louvar melhor os amigos, e melhor perdoar os inimigos, porque o mecanismo da minha linguagem estaria mais ajustado nas suas molas complicadíssimas. E sobretudo, sabendo que germes pode conter uma palavra, cultivaria o silêncio, privilégio dos deuses, e ventura suprema dos homens.

(Cecília Meireles, “O livro da solidão”)

CARMO, Anderson Braga do. **Abordagem semântico-enunciativa de um instrumento linguístico:** o dicionário brasileiro da língua portuguesa. 2012. 351 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

## RESUMO

O século XIX, no Brasil, foi um período em que vários acontecimentos significativos como a Proclamação da Independência, da República e a Abolição da Escravatura possibilitaram contornos fundamentais para a história do país. Esses acontecimentos tiveram seus reflexos no fazer linguístico da época, sendo concomitantes às primeiras reflexões sobre a língua falada no Brasil e suas diferenças em relação a da ex-colônia. É neste cenário, inaugural da efetivação do processo de *gramatização* do português brasileiro, que circulam enunciados como, “Já é tempo dos brasileiros escreverem como se falla no Brazil, e não como se escreve em Portugal” (MACEDO SOARES, 1888). Foram enunciados representativos dessa realidade, como este, que suscitaram o interesse da pesquisa, que tem como objetivo central compreender o funcionamento dos sentidos que são construídos para a língua nacional do Brasil, em um período marcado por transformações linguísticas e históricas, e em um instrumento linguístico específico – o *Diccionario Brasileiro da Língua Portuguesa* (1888). Então, buscamos examinar quais as designações estabelecidas para esta língua, investigar se o léxico contribuiu na determinação dessas e compreender a relação Língua/História/Dicionário, ligação que representa a essência deste trabalho. A análise que realizamos coloca o nosso estudo na articulação da História das Ideias Linguísticas com a Semântica do Acontecimento, ciência que se coloca numa concepção materialista da linguagem e que a considera em sua historicidade. Logo, pudemos verificar que descrever e instrumentar ganham significação maior e importância política no contexto em que a obra está inserida. Assim, o dicionário se arrosta como objeto de saber e como espaço de constituição de um imaginário de língua, sociedade, história e nação. Propiciamos um espaço de reflexão sobre o dicionário enquanto instrumento linguístico (AUROUX, 1992), mostrando outras funcionalidades para este que, da mesma forma que a língua, também é atravessado pelas categorias do político, do simbólico e do ideológico. O saber sobre a língua que é possibilitado pelo *DBLP* apresenta uma espessura temporal que significa o processo de historicização da língua portuguesa no Brasil, e é ao fazer significar a língua pelo léxico em descrição que o dicionarista organiza, escolhe e constrói um saber que ultrapassa o nível do metalinguístico e faz dizer sobre uma sociedade e sobre uma história brasileira.

**Palavras-chave:** Língua. Dicionário. Sentidos. Brasileirismos. História.

CARMO, Anderson Braga do. **Semantic-enunciative approach of a linguistic instrument: the dicionario brasileiro da lingua portugueza.** 2012. 351 p. Dissertation (Master's degree in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

### ABSTRACT

The nineteenth century in Brazil consisted in a period in which several significant events such as the Proclamation of Independence of the Republic and the Abolition of Slavery enabled essential outlines to the history of the country. These events had their reflexes in the language making of that time, concomitant with the first reflections on the spoken language in Brazil and its differences from the former colony. In this scenario, the inaugural execution process of the grammatization of Brazilian Portuguese, circulating statements like, "It's time for Brazilians to write as they fall in Brazil, and not how to spell in Portugal" (Macedo Soares, 1888). Representative statements like this aroused the interest of this research, which aims at understanding the operation of the senses that are built into the national language of Brazil, in a period marked by linguistic and historical transformations, in a specific language tool - *Dicionario Brasileiro da Língua Portuguesa* (1888). In this way, we seek to examine what are the designations established for this language, to investigate whether the lexicon contributed in determining these and understand the relations among Language/History/Dictionary that represents the essence of this work. The analysis we perform puts our work in the articulation of the History of Linguistic Ideas and the Semantics of the Event, science that puts a materialist conception of language and considers that in its historicity. We could verify, then, that describing and instrument gain greater significance and political importance in the context in which the work is situated. Thus, the dictionary is constituted as an object of knowledge and also as a space for creation of an imaginary language, society, history and nation. We provide a space for reflection on the dictionary as a language instrument (AUROUX, 1992), showing other features for this, the same way that language, it is also crossed by the categories of political, symbolic and ideological. The knowledge about the language which is made possible by this specific dictionary presents a temporal thickness which means the process of historicizing of the Portuguese language in Brazil, and it is in mean to make the language in the lexical description of the lexicographer organizes, selects and builds a knowledge that goes beyond the metalinguistic level and makes you say about a society and on the Brazilian history.

**Keywords:** Language. Dictionary. Senses. Brasileirismos. History.

CARMO, Anderson Braga do. **Approche sémantique-énonciative d'un outil linguistique: le dictionnaire brasileiro da lingua portugueza.** 2012. 351p. Dissertation (Maîtrise en Études du Langage) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

## RÉSUMÉ

Le dix-neuvième siècle, au Brésil, a été une période où plusieurs événements importants comme la Proclamation de l'Indépendance, de la République et l'Abolition de l'Esclavage ont donné de contours fondamentales pour l'histoire du pays. Ces événements ont eu leurs réflexes sur le faire linguistique de cette époque là, c'est à dire, ils étaient concomitantes à les premières réflexions sur la langue parlée au Brésil et ses différences avec la langue de l'ancienne colonie. Dans ce scénario, où il y avait le processus de *grammatisation* du portugais brésilien, il y avait plusieurs de énoncés telles que: «Il est déjà temps de les brésiliens écriraient comme si parle au Brésil et non comment s'écrit au Portugal» (Macedo Soares, 1888). Énoncés représentatifs de cette réalité, comme ceci, qui a incité l'intérêt de notre recherche, qui vise à comprendre le fonctionnement des sens qui sont construits pour la langue nationale du Brésil, dans une période marquée par des transformations linguistiques et historiques, et dans un outil spécifique du langage - le *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa* (1888). Donc, nous essayons d'examiner quelles sont les désignations établies pour cette langue, si le lexique a contribué pour déterminer celles-ci et comprendre la relation Langue/Histoire/Dictionnaire, lien qui représente l'essence de cette étude. L'analyse que nous ont effectué s'établit-elle dans l'articulation de l'Histoire des Idées Linguistiques avec la Sémantique de l'Événement, science qui présente une conception matérialiste et qui considère le langage dans l'historicité. Donc, nous pouvons vérifier que décrire et outiller acquièrent une plus grande signification et l'importance politique dans le contexte dans lequel l'oeuvre est inséré. Ainsi, le dictionnaire est situé comme objet de savoir et comme espace de création d'un imaginaire de langue, de la société, de l'histoire et de la nation. Nous faisons la promotion d'un espace de réflexion sur le dictionnaire comme un outil linguistique (Auroux, 1992) en montrant d'autres fonctionnements pour cela que, comme la langue, est également percé pour les catégories du politique, symbolique et idéologique. Le savoir de la langue qui est rendu possible par le *DBLP* présente une épaisseur temporelle que signifie le processus d'historicisation de la langue portugaise au Brésil, et c'est pour faire signifier langue par la description lexicale qui le lexicographe organise, choisit et construit une connaissance qui va au-delà du niveau métalinguistique et qui vous fait dire d'une société et d'une histoire du Brésil.

**Mots-clés:** Langue. Dictionnaire. Sens. Brésiliennismes. Histoire.



2.7	SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS .....	77
2.7.1	O Político e a Divisão de Sentidos .....	79
2.7.2	Espaço de Enunciação: Manifestação e Divisão da Língua .....	80
2.7.3	Agenciamento Enunciativo: Modos e Procedimentos.....	82
2.7.4	Para Compreender a Designação, o Sentido e seus Domínios .....	87
2.8	CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	89

**CAPÍTULO III – SENTIDO, TEXTO E DESCRIÇÃO LEXICOGRÁFICA:  
ABORDAGEM SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DE UM  
INSTRUMENTO LINGUÍSTICO.....**

3.1	DICIONÁRIO, CIÊNCIAS DA LINGUAGEM, SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO.....	90
3.2	DICIONÁRIO, CIÊNCIA, IDEOLOGIA: CONCEPÇÕES E GESTOS DE LEITURA .....	92
3.3	O DICIONÁRIO COMO TEXTO: METALINGUAGEM SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA NA ANÁLISE LEXICOGRÁFICA .....	96
3.4	CARACTERÍSTICAS DA OBRA E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE: A MACROESTRUTURA E A MICROESTRUTURA DO <i>DBLP</i> .....	100
3.4.1	Produzir dicionário – Trabalhar com Textos: Considerações Macroestruturais do <i>DBLP</i> .....	101
3.4.2	A microestrutura do <i>DBLP</i> : o Funcionamento Semântico-Enunciativo do Verbete.....	104
3.5	CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	111

**CAPÍTULO IV – DICCIONARIO BRAZILEIRO DA LINGUA PORTUGUEZA:  
CONTRIBUIÇÕES E ANÁLISES DO SABER LEXICAL E  
SEUS DOMÍNIOS.....**

4.1	INTRODUÇÃO À ANÁLISE .....	113
4.2	NOMEAR UM DICIONÁRIO - SIGNIFICAR UM INSTRUMENTO LINGUÍSTICO E O SEU FAZER .....	113
4.3	INICIANDO A LEITURA DO <i>TEXTO</i> : O PRÓLOGO .....	119
4.4	A EPÍGRAFE COMO ENUNCIADO LEGITIMADOR DE UM POSICIONAMENTO .....	121
4.5	OS BRASILEIRISMOS DE MACEDO SOARES E OS SENTIDOS DE UM LÉXICO BRASILEIRO .....	123
4.5.1	O Elemento Indígena no Português do Brasil: Contato, Imaginário e Herança Linguística .....	125
4.5.2	O Elemento Negro da Língua: os Africanismos do <i>DBLP</i> .....	134

4.5.3	Outras Vozes na Constituição de um Léxico Brasileiro .....	142
4.5.4	Novos Vocábulos: Formações e Derivações Brasileiras.....	146
4.5.5	Ressignificar a Língua da Metrópole: a “Versão” Brasileira do Português.....	152
4.5.6	Uma Língua Significada por Arcaísmos.....	155
4.5.7	Últimas Considerações sobre os Brasileirismos.....	158
4.6	O <i>DBLP</i> como Espaço de Categorização e Prescrição da Língua?.....	160
4.7	CONSIDERAÇÕES SOBRE A ARQUITETURA DO <i>DBLP</i> : AS PROBLEMÁTICAS DA LEMATIZAÇÃO .....	162
4.8	A SOCIEDADE BRASILEIRA NO SÉCULO XIX: CONSTRUÇÃO LÉXICO-DISCURSIVA DA HISTÓRIA.....	167
4.9	A LÍNGUA DO BRASIL: SEUS NOMES E SUAS DESIGNAÇÕES.....	181
4.10	CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	187
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	1899
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	1922
	<b>APÊNDICE</b> - <i>Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa</i> .....	200

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber. (AUROUX, 2009, p.12)

Dizer que “o aparecimento dos instrumentos linguísticos não deixa intactas as práticas linguísticas humanas”, como nos apresenta Auroux (2009, p.70), é mostrar que o domínio instrumental de uma língua, suas gramáticas e seus dicionários, mais do que descrever a “linguagem natural”, transforma, prolonga, permite o acesso e amplia um saber linguístico que nenhum falante, independente de sua competência, alçaria de forma espontânea. Por esse prisma, analisar um instrumento dessa natureza permite verificarmos um *construto* sobre a língua, que a afeta e que a significa. Seria impossível conceber um instrumento linguístico sem relacioná-lo com a sociedade e com a história, o que faz com que esse objeto de conhecimento da língua seja determinado sócio-historicamente (ORLANDI, 2001, p.8). Assim, *Língua/Sociedade/História* foi a primeira relação que consideramos, visto que esta é a aliança que se forma de maneira mais direta em nossa reflexão. Então, verificamos logo de início que a análise de um instrumento linguístico não deixa ilibadas apenas as práticas linguísticas, e sim *qualquer* prática humana que se localize em um espaço e tempo determinados, pois *a língua é elemento central e regulador de outros saberes e também de uma história*.

Alicerçados nessa reflexão é que iniciamos a apresentação do nosso estudo, pois é por meio de um instrumento linguístico específico, um *dicionário*, que fomos conhecer e estudar o funcionamento dos sentidos que são construídos para uma língua, e todo o saber que se constrói sobre ela, e realizamos isso concebendo ao mesmo tempo as conjunturas históricas, sociais e ideológicas que o saber linguístico pode nos fornecer (ORLANDI, 2001, p.9). Enfim, fizemos de um dicionário o instrumento responsável por responder as perguntas que surgiram durante um percurso de trabalho, o que nos apresentou considerações que tocam, além das categorias mencionadas, o científico, o político e o nacional. E é dessa maneira, partindo das infiltrações causadas por essas categorias que passamos a esquadrihar um desenho de pesquisa.

## I O dicionário em perspectiva: razões e ideias da pesquisa

O dicionário enquanto lugar da completude, da certeza, da exaustividade, do dizível, que pretende dizer algo de tudo e tudo de cada algo, que pressupõe uma relação termo-a-termo entre linguagem-mundo e naturaliza a relação palavra-coisa, pareceu-me um lugar discursivo importante em uma sociedade letrada, como a nossa, para seguir e analisar o perpétuo desdobramento das palavras, no movimento social e histórico do sentido que produz os sujeitos em seus processos de reconhecimento e de identificação. (SILVA, 1996, p.153)

Sabemos que o dicionário, nosso objeto de pesquisa, constitui obra de amparo aos sujeitos-leitores que possuem dúvidas sobre a ortografia ou sobre o significado de uma determinada palavra da língua. Por certo, esse uso propicia um olhar direcionado, embora verificável, que é recorrente a este instrumento, e que negligencia outras funcionalidades, impossibilita outras leituras, fazendo com que o dicionário seja significado sempre em um singular, impassível de amplas interpretações.

Ao considerarmos o que Silva (1996, p.153) nos apresenta sobre os dicionários no fragmento que tomamos como epígrafe deste tópico, buscamos criar espaços nesta pesquisa para pensarmos em configurações que *dilatam* o saber sobre este *objeto*, mostrando que o dicionário, além de apresentar significados de palavras, possibilita interpretações que mostre os modos de dizer de uma sociedade e como se circunscreve ideologicamente, historicamente, socialmente e linguisticamente um imaginário que simboliza e diz sobre sujeitos, línguas e conjunturas históricas de um país.

Vista esta funcionalidade, e também a necessidade de compreender a relação que se mantém presente, entre língua(gem), dicionário, saber linguístico e fazer ciência, articulação que mereceu toda a atenção em nossa pesquisa, nos dedicamos a uma pesquisa que possibilitasse ver como o dicionário, ao funcionar como texto e instrumento linguístico, produz sentidos que contornam os processos históricos de constituição de um país, e sua relação com a língua e seus falantes. Assim, a análise específica que efetivamos caracteriza-se por atentar para a historicidade, para a textualidade e mostrar os mecanismos dos processos de significação que presidem o funcionamento do texto.

É nessa reflexão que recortamos como material de análise, dentro de um conjunto heterogêneo de dicionários que foram produzidos no Brasil, o *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa (DBLP)*, produzido por Antonio Joaquim de Macedo Soares.

A primeira vez que os leitores brasileiros tiveram contato com o *DBLP* foi em 1888. Segundo Biderman (2002, p.71), foi uma das primeiras tentativas de descrever o vocabulário brasileiro, ao lado de precursores como Luiz Maria da Silva Pinto, que em 1832 publicou seu *Diccionario da Lingua Brasileira*. Entretanto, o dicionário de Macedo Soares não foi publicado integralmente no século XIX. A primeira publicação deste dicionário encontra-se nos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro de 1888. Devido ao grande sucesso da obra, em 1889 saiu uma separata dos anais, cerca de 200 exemplares idênticos à primeira publicação. Durante os treze anos que a obra foi pensada (1875-1888), Macedo Soares registrou um número de vocábulos muito maior, contudo, a obra completa só foi publicada em 1954-1955, por seu filho, Julião Rangel de Macedo Soares.

Embora tenhamos a versão finalizada dessa obra no século XX, utilizamos em nossa pesquisa a separata dos anais, publicada em 1889. Esse recorte se deve por dois fatores. Primeiramente, esta separata, da mesma forma que a publicação nos Anais, é uma publicação realizada pelo próprio Antônio Joaquim de Macedo Soares, portanto, preocupados com a autoria da obra, optamos por essa versão. O segundo motivo foi o fato de possuímos em mãos um dos 200 exemplares publicados em 1889. No entanto, nossa escolha não impossibilita que recorramos à versão completa de 1954-1955, para eventuais consultas.

Voltaremos a apresentar mais detalhadamente nosso instrumento de análise nas próximas páginas deste estudo, principalmente no primeiro capítulo, no qual reservamos um espaço para apresentarmos maiores considerações sobre esta obra e seu idealizador.

Outro ponto que merece ser destacado na apresentação desta pesquisa é que pensamos o nosso objeto de um lugar específico nas ciências da linguagem, o ambiente teórico-metodológico da Semântica do Acontecimento (SA) em articulação com a História das Ideias Linguísticas (HIL). Ao centrarmos nossa pesquisa nessa articulação, construímos um ambiente fértil de análise, o que esperamos servir de incentivo ao amadurecimento de trabalhos futuros, uma vez que encontrar trabalhos que privilegiem esta articulação na análise de dicionários tem sido uma tarefa difícil, pois as pesquisas com este caráter ainda são insuficientes. Contudo, devemos ressaltar que embora existam poucos trabalhos estabelecidos nessa articulação, como exemplo podemos citar Elias de Oliveira (2006) e Machado (2007), estes estudos têm nos mostrado que esta articulação propicia boas reflexões em relação a este instrumento linguístico, portanto, conjecturamos que nosso estudo seja mais um trabalho expressivo desse conjunto.

Enfim, esperamos que essas poucas palavras tenham justificado e esclarecido a importância, a necessidade e algumas ideias e contribuições deste estudo, para que, sob um olhar mais direcionado, apresentemos os objetivos da nossa pesquisa.

## II Objetivos

Nosso objetivo central foi compreender em que sentido o *Diccionario Brasileiro da Língua Portuguesa* trabalha a produção de ideias linguísticas e nos faz entender e significar a constituição de uma língua no Brasil. Gostaríamos de esclarecer que não foi nosso objetivo refletir em apenas uma direção, não buscamos encontrar um sentido de língua, e sim compreender os processos que geraram efeitos de sentidos e os seus funcionamentos. Sabemos que no processo de produção de sentidos há um jogo, de força simbólica, entre história e ideologia, portanto, verificar a constituição e manifestações dessas categorias no funcionamento dos sentidos que são estabelecidos para a língua também foi uma prioridade nesta pesquisa. Dessa forma, nosso estudo concentra-se no âmbito do linguístico e do histórico, pensando o histórico sempre relacionando história, ideologia e sociedade.

Comprendemos também que a produção dessas ideias linguísticas está totalmente relacionada com o funcionamento e arquitetura do dicionário de Macedo Soares. Visto isso, não poderíamos nos ausentar da obrigação de verificar algumas funcionalidades desse instrumento. Como ressaltamos, o período em que o dicionário foi pensado é marcado por acontecimentos históricos que deram contornos fundamentais para a história do nosso país, logo, não seremos negligentes em descartar outras reflexões que o instrumento linguístico propicia. Esperamos, inclusive, que esta seja uma das contribuições da pesquisa: pensar como o dicionário constrói, representa uma história e uma sociedade.

Embora o contexto histórico presente seja o século XIX, não podemos esquecer que os efeitos de sentidos dessa língua, desse dicionário, estão conectados a um processo de construção mais amplo: a construção de uma identidade nacional. Por conseguinte, nossas reflexões, além de considerar o que expusemos acima, se estenderão a observar acontecimentos anteriores, períodos anteriores; afinal, o processo de construção de uma identidade, de sentidos para a língua, e para a história inicia-se com o “descobrimento” do nosso país; então, consideramos nosso instrumento (o dicionário) e nosso objeto de estudo (os sentidos que são construídos para a língua) peças resultantes de um processo já com mais de 300 anos de história.

Abrimos espaço nesse estudo para mais um discussão: apresentar e refletir sobre uma história do dicionário, mais especificamente, sobre processos de dicionarização, com o intuito de esclarecer e compreender a relação entre língua(gem), dicionário, saber linguístico e fazer ciência.

Também consideramos que entre o linguístico e o histórico instaura-se uma categoria extremamente relevante para a pesquisa, a memória. Segundo Pierre Achard (2007, p.17), “a memória suposta pelo discurso é sempre construída na enunciação”. Dessa forma, começamos a pensar a enunciação como categoria essencial na nossa pesquisa. Por isso, realizamos uma abordagem semântico-enunciativa dos sentidos, perspectiva teórica que será apresentada no terceiro capítulo.

Enfim, resumimos nossos objetivos no seguinte quadro:

#### **Objetivo geral:**

Compreender em que sentido o *Diccionario Brasileiro da Língua Portuguesa* trabalha a produção de ideias linguísticas e nos faz entender e significar a constituição da língua nacional;

#### **Objetivos específicos:**

Estudar e entender o funcionamento das designações dos nomes que são estabelecidas para essa língua;

Investigar como o léxico, a morfologia, a sintaxe e outros níveis linguísticos contribuíram na determinação desses sentidos e na designação dos nomes desta língua;

Propiciar um espaço de reflexão sobre o uso do dicionário enquanto instrumento linguístico (AUROUX, 1992), reflexo de um espaço de enunciação (GUIMARÃES, 2002) e textualidade significante (texto) (GUIMARÃES, 2011);

Verificar como os domínios do *DBLP* apresentam discursos atravessados pelas categorias do ideológico, do político, do social e do histórico em suas constituições;

Mobilizar a relação – língua(gem), dicionário, saber linguístico e fazer ciência – por meio da reconstrução de percursos históricos estabelecidos por Auroux (1989, 1998, 2009), Guimarães (1996), Isquierdo (2011), Nunes (2006), Pimentel (1978) e outros, para que possamos explicitá-la em nossa análise.

### III Metodologia e procedimentos de trabalho

Cabe-nos neste tópico outra tarefa essencial, explicitar os procedimentos de pesquisa, os paradigmas nos quais concentram o nosso estudo e nosso percurso de trabalho.

Visto que este trabalho de dissertação vincula-se à linha de “Estudos do texto e do discurso”, cujo objetivo maior é compreender os processos de construção textual e os aspectos interativo-discursivos da linguagem, concebendo os objetivos do estudo e suas articulações, e enquanto cientistas da linguagem, consideramos que uma abordagem qualitativa orienta e sustenta de forma mais significativa a nossa investigação. Isso porque, além de refletirmos sobre a concepção tradicional desta abordagem (a pesquisa qualitativa trabalha com dados simbólicos recortados de um determinado contexto), compreendemos o estudo de natureza qualitativa como aquele em que o pesquisador encontra-se no centro do processo, o que significa que as verificações, descobertas e apontamentos gerados são resultados de leituras teóricas que identificam determinadas posições e verdades, e que possibilitam uma práxis de investigação que ao ser executada, relacionando-a a um objeto, transforma o conhecimento provindo destas leituras em novas reflexões, o que de fato são as contribuições do estudo para a linha a qual nos filiamos.

Dessa forma, nosso primeiro passo foi realizar uma série de leituras que nos permitissem compreender a constituição das bases teóricas articuladas nesse estudo, a Semântica do Acontecimento e a História das Ideias Linguísticas. Interessou-nos da realização dessa etapa do trabalho verificar como cada área do saber constituiu seu arcabouço teórico, como cada teórico discutiu determinado conceito, como cada leitura contribuiu para pensarmos e concluirmos nossos objetivos, e, por fim, como se efetivou a comunhão das áreas teóricas propostas, Semântica do Acontecimento e História das Ideias Linguísticas, concretizada em nossa análise. Dessa articulação, já com um direcionamento teórico bem estabelecido, partimos para a leitura do instrumento de pesquisa selecionado, o dicionário de Macedo Soares.

Fazendo pesquisa qualitativa, também concentramos este estudo no paradigma interpretativista de pesquisa, pois, pautados no caráter fenomenológico deste paradigma, consideramos duas expressões conceituais, a *indexicalidade* e a *reflexividade* (SCHWANDT, 2006, p.196). “A primeira indica que o significado de uma palavra ou enunciado é dependente de seu contexto de utilização”: voltando esse pressuposto ao estudo que promovemos, consideramos que a indexicalidade se efetiva pelo fato de não

considerarmos os sentidos atribuídos aos enunciados estudados sem contemplarmos os contextos em que são produzidos, ou seja, os efeitos de sentidos materializados no discurso dicionarístico só podem ser compreendidos em relação à sua constituição histórica. Já o conceito de reflexividade, “direciona nossa atenção para o fato de que os enunciados não são apenas sobre algo, mas também fazem algo; um enunciado compõe, em parte, um ato de fala”: por meio desse elemento, compreendemos que Macedo Soares ao instituir um espaço de descrição da língua, possibilita um espaço de reflexão linguístico-histórico-social, fazendo com que o seu discurso seja, além de esclarecedor, incentivador e transformador de ações.

Pela perspectiva teórico-metodológica assumida, nos colocamos em uma posição materialista das práticas de linguagem, assim, temos que: “a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma”; “a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos)”; e “o sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam” (ORLANDI, 2010, p.19-20).

De forma geral, analisamos todos os domínios do dicionário, tanto a macroestrutura<sup>1</sup> quanto as microestruturas<sup>2</sup>, no entanto, na impossibilidade de trabalharmos todas as microestruturas, efetuamos recortes que melhor representem esta categoria. Como recorte compreendemos “um fragmento do acontecimento da enunciação” (GUIMARÃES, 2011, p.44), ou seja, “não se trata simplesmente de uma sequência, mas de formas linguísticas que aparecem como correlacionadas em virtude de terem uma mesma relação com o acontecimento, independente da posição na sequência”<sup>3</sup>. Por meio deste recurso, selecionamos uma quantidade expressiva de enunciados de vários domínios do *DBLP* para constituir nosso *corpus* de análise, os quais julgamos significativos e representativos do dicionário como um todo.

---

<sup>1</sup> Macroestrutura, *Macrostructure*, Nomenclatura, *Nomenclature*, *Word-list*, *Wörterverzeichnis*, *Lemmabestand*, *Makrostruktur* ou *Macrostructura* (WELKER, 2004, p.80). Embora haja uma variedade de designações e definições sobre o que denomina-se macroestrutura, consideraremos como tal a “forma como o corpo do dicionário é organizado” (WELKER, 2004, p.80).

<sup>2</sup> Para Rey-Debove (apud WELKER, 2004, p.107), microestrutura é “o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada”. Portanto, corroborando com o que foi proposto pela autora, as categorias que compõem esta são, geralmente, a lematização, a ortografia, as indicações fonéticas e gramaticais, as indicações sobre os usos e os aspectos históricos e etimológicos dos verbetes.

<sup>3</sup> *Ibidem*.

Em síntese, podemos dizer que a nossa pesquisa é de natureza qualitativa, concentra-se no paradigma interpretativista e parte de uma perspectiva materialista da linguagem.

Diante do que já esboçamos sobre este trabalho, pode-se perceber que alguns lugares de reflexão teórica servirão como bússola para realizá-lo. Entretanto, a formulação destas teorias, bem como o nosso instrumento de análise, delimita lugares específicos de reflexão. Portanto, a fim de facilitar a compreensão de nossa pesquisa, apresentamos individualmente e de forma mais detalhada as considerações em torno das abordagens teóricas que se encontram entrecruzadas em nossa análise. Assim, dividimos o nosso estudo em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, apresentamos as contribuições que a História das Ideias Linguísticas forneceu para a nossa pesquisa. Primeiramente, explicitamos como se configura esta área de saber e quais seus interesses de análise, e em seguida, expusemos o contexto histórico-social e também as reflexões linguísticas nos quais se justapõe nosso instrumento de pesquisa. Sobre o dicionário, também percorreremos um percurso histórico, como já expusemos em nossos objetivos, a fim propiciar uma reflexão sobre este instrumento linguístico desde o aparecimento da escrita, passando pelo surgimento das primeiras obras lexicográficas, para depois observar a produção lexicográfica no Brasil. A partir destes influxos, apresentamos algumas considerações sobre o processo de *gramatização* do português brasileiro, e de forma mais detalhada postulamos sobre nosso instrumento de análise, o *DBLP*, e seu idealizador, Antônio Joaquim de Macedo Soares. Ainda neste capítulo, apresentamos reflexões que por um lado mostre como se configura a relação Língua/História/Sociedade, e por outro como se consolida a relação Saber linguístico/Fazer lexicográfico/Ciência. Desta forma, esperamos que o primeiro capítulo forneça uma contextualização do instrumento em análise e sua relação com a história e a língua nacional, contribuindo, assim, tanto para o âmbito da análise lexicográfica, quanto para a História das Ideias Linguísticas no Brasil.

No segundo capítulo, estabelecemos a nossa proposta teórico-metodológica de análise, a Semântica do Acontecimento. Iniciamos este capítulo apresentando o percurso que a categoria “enunciação” percorreu nos estudos linguísticos a partir do corte saussuriano, revisitando autores fundamentais para a configuração dos estudos da enunciação, como Benveniste e Ducrot, e compreendendo a relação entre esta categoria e outras áreas do saber, como a Análise de Discurso e a Pragmática. Ao final deste percurso apresentamos como se

assume a nossa abordagem teórica e o que incutimos por perspectiva semântico-enunciativa, já nos comprometendo com a posição teórica tomada a partir da Semântica do Acontecimento. Findado esse percurso iniciamos uma apresentação sobre como se dá o funcionamento da linguagem e do sentido nesta linha de pesquisa, e então, firmados em uma perspectiva materialista da linguagem, apresentamos conceitos fundamentais da área, como a concepção de *acontecimento enunciativo*, *político*, *espaço de enunciação*, *cena enunciativa*, *agenciamento*, *designação* e várias outras categorias e procedimentos que mobilizamos em nossa análise.

No terceiro capítulo, explicitamos nossa compreensão do dicionário enquanto *texto*. A partir dessa concepção, realizamos a análise lexicográfica de alguns domínios do *DBLP*, trabalhando nossas perspectivas teórico-metodológicas. Desse modo, estabelecemos algumas considerações sobre os domínios de nosso *corpus* e as questões e o tipo de ancoragem que o entrecruzamento que a Semântica do Acontecimento e a História das Ideias Linguísticas trazem para a análise lexicográfica que buscamos nesse trabalho.

O quarto capítulo é dedicado às análises do nosso objeto de pesquisa. Dividido em seções, buscamos mostrar como o funcionamento semântico-enunciativo se dá em cada domínio do dicionário, mobilizando procedimentos específicos e que melhor analisem cada recorte, domínio ou tema colocado em tela. O que importa da análise que realizamos foi não apenas verificar os acontecimentos propiciados pelo momento histórico em que o dicionário figura no cenário constituído pelo período de gramatização abordado, mas verificar *como* e *o que*, enquanto texto, ele nos diz sobre a língua descrita e sobre a sociedade brasileira do século XIX.

Após este percurso, apresentamos as considerações finais deste estudo e as respostas que as análises possibilitaram. Apontamos as principais contribuições que cada domínio proporcionou, mostrando, dessa maneira, como o *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa* constrói sentidos para uma língua e fazem significá-la. Da mesma forma, ao verificar o funcionamento linguístico desses sentidos, observamos a relação que se estabelece entre língua e mundo, e na qual, por uma abordagem semântico-enunciativa, pudemos acessar a materialidade histórica de práticas, situações, objetos, comportamentos, sujeitos e ideias.

## CAPÍTULO I

### NOS DOMÍNIOS DA HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS: DICIONÁRIO, HISTÓRIA E A LÍNGUA

Nenhuma revolução é feita em nome de idéias que não tenham alguma receptividade e as razões que explicam por que certas idéias surgem ou vencem em determinado momento só podem ser entendidas quando se analisa a realidade vivida pelos homens que lutam a favor ou contra elas. (COSTA, 1987, p.326)

[...] a língua faz parte da terra. Se queremos defender a nacionalidade, defendendo o solo, é urgente que defendamos também e antes de tudo, a língua, que já se integrou no solo, e já é base da nacionalidade. (BILAC, 1916, p.371)

#### 1.1. HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS: PROJETO, PROGRAMA, DISCIPLINA<sup>4</sup>

Como expusemos em nossas considerações iniciais, um dos lugares de ancoragem da reflexão de nossa pesquisa é o domínio da História das Ideias Linguísticas. Inicialmente como um projeto coordenado por Eni Puccinelli Orlandi, no Brasil, e Sylvain Auroux, na França, hoje classificamos este domínio como destacável área do saber linguístico, estando presente, inclusive, nos currículos de programas de pós-graduação de grandes universidades brasileiras como a UEL, a Unicamp, a UFSM, a Unesp, a USP, entre outras.

Presente no Brasil desde o final da década de 1980, o programa História das Ideias Linguísticas tem motivado uma série de estudos, eventos, instrumentos e projetos, dos quais podemos destacar o que nos filiamos, desenvolvido na UEL, “O Discurso sobre a Língua no Brasil: articulações, saberes e memória para uma História das Ideias Linguísticas”, coordenado pela professora Mariângela Peccioli Galli Joaniho.

Como domínios de pesquisa, o HIL possui alguns projetos que servem, ao mesmo tempo, como delimitações de estudo e objetivos do programa, são eles: “HIL – Conhecimento e Política de Língua”; “HIL – O Controle Político da Representação”; “HIL – Ética e Política das Línguas”; “HIL – Construção de um Saber Metalinguístico e a Construção

---

<sup>4</sup> Gostaríamos de esclarecer que as informações que serão dispostas a seguir foram, em sua maioria, possibilitadas e estão disponíveis pela/na página oficial do programa História das Ideias Linguísticas no Brasil <<http://www.unicamp.br/iel/hil/index.htm>>.

da Língua Nacional”. Para este estudo consideramos os dois últimos projetos, pois estes permitem um diálogo maior com os nossos objetivos.

O projeto “HIL: Ética e Política das Línguas”, tem como objetivo geral “o conhecimento sistemático da história da língua portuguesa no Brasil e da constituição de um saber sobre ela”. A necessidade de refletir, de forma ampla, sobre construções éticas e políticas públicas fez com que pesquisadores se atentassem sobre “as condições de desenvolvimento da vida social na história” e as “práticas” que permitem estas condições. Portanto, perceber como se relacionam os acontecimentos no Brasil, a participação dos seus governantes, o funcionamento do Estado e suas instituições (escola, igreja etc) com a constituição da língua falada neste espaço foram focados por pesquisadores distribuídos em duas linhas de pesquisa: uma que observa a “História da constituição da Linguística” e cujos trabalhos organizam-se em torno de temas, dos quais podemos destacar, “Relações entre as línguas africanas, as línguas indígenas, as línguas de imigração e o português do Brasil”, “Constituição de um Léxico Brasileiro” e “Estudos da Significação: da enunciação e do discurso”. E uma outra, chamada “As políticas, o ensino e as normatividades”, cujos temas destacáveis são: “História de Ensino de Português no Brasil” e “Questões de norma na língua”.

Em outra fase do programa de estudos História das Ideias Linguísticas, tivemos o “HIL – Construção de um Saber Metalinguístico e a Construção da Língua Nacional”. Este compreende o estudo de “instrumentos tecnológicos como gramáticas e dicionários, no Brasil, e o processo de constituição da língua nacional” (Orlandi, 2001, p. 7). Concebendo o português-brasileiro como língua nacional, o projeto espelha a constituição da língua de forma “sistemática”, refletindo sobre como a produção de instrumentos linguísticos se relacionam com os acontecimentos que marcaram a história, ou seja, como a história, a memória e o político determinaram a constituição de um imaginário linguístico e a materialização deste, que por sua vez contribuiu para a emergência e fortalecimento de um sentimento nacionalista e de uma nação, cujo componente articulador maior foi a língua.

Vistas as preocupações e razões que marcam estes dois domínios, podemos incluir o nosso estudo em ambos, pois, partindo da análise de um instrumento linguístico como o dicionário, consideramos: as práticas que possibilitam os acontecimentos que marcam o desenvolvimento de uma sociedade em um determinado período histórico, o funcionamento de determinadas instituições desta sociedade, a produção de tecnologias linguísticas, a

caracterização de uma língua em espaço e tempo diferentes e a constituição de um sentimento nacionalista possibilitado por esta.

Então, na medida em que compreendemos a constituição e a função de um instrumento e a sua ligação com o saber e o fazer linguístico de uma época, buscamos refletir sobre como este se relaciona com a sociedade, as ideologias presentes nela, o conhecimento linguístico e a constituição da nossa língua. Assim, praticando novos “gestos de leituras”, articulamos em nosso estudo e buscamos em outros as contribuições de/para uma História das Ideias Linguísticas no Brasil.

## 1.2 ESCRITA E GRAMATIZAÇÃO: DESENVOLVIMENTO E HISTÓRIA DO PENSAMENTO LINGUÍSTICO OCIDENTAL

É a partir da *palavra* que as entidades da realidade podem ser identificadas. Se temos a nomeação da realidade como uma necessidade e como uma primeira etapa do desenvolvimento humano, a partir do momento em que o homem foi se desenvolvendo, e lembremos, embora a linguagem se trate de um *fenômeno* eminentemente *social* ela está ligada à *evolução corporal* dos hominídeos (AUROUX, 1998, p.63), houve a necessidade de suportes que permitissem que o depósito dessa realidade nomeada não ficasse na dependência apenas do canal áudio-oral, ou ainda que não utilizassem mais o corpo, fazendo com que a comunicação pudesse ser feita a distância, e que a memória humana não fosse o único reduto de acúmulo de informações e conhecimentos de uma sociedade.

Dentre esses *suportes transpostos*, ou seja, dentre qualquer meio que pudesse substituir o corpo humano enquanto permanecesse a identidade da linguagem, o mais importante foi o *suporte gráfico* (AUROUX, 1998, p.64), dado que além de utilizar da bidimensionalidade do espaço plano, foi o primeiro suporte que permitiu à fala humana manifestar-se sem a presença de som emissor. Assim, a *invenção da escrita* foi o que Auroux (1998, 2009) chamou de *primeira revolução tecnolinguística* na história da sociedade.

Antes de abordarmos o que seria uma revolução tecnolinguística, o que ainda faremos nesta seção do capítulo, devemos ressaltar as condições iniciais da reflexão que propõe Auroux (2009), para que possamos, desta forma, traçar uma trilha, uma possível cronologia da reflexão linguística.

Enquanto pesquisador, Auroux diz que seu campo de estudos é o da Filosofia da Linguagem. Para o filósofo, tendo em vista a diversidade que o termo Filosofia

da Linguagem faz referência, esta área não corresponde nem a um conceito, nem a um campo disciplinar bem constituído. Para o filósofo:

Entende-se por filosofia da linguagem um conjunto de reflexões de origens distintas: observações dos filósofos a respeito da linguagem, análises técnicas construídas a partir dos formalismos lógicos, avaliações do papel da linguagem comum, representações construídas a partir dos saberes positivos que tomam a linguagem como objeto ('filosofia da linguística'). (AUROUX, 2009a, p.7)

Desta forma, são questões como: Quando e em que circunstâncias nasceram as disciplinas consagradas à linguagem? Qual é o seu impacto sobre o desenvolvimento cultural humano? Quais são os grandes movimentos? (AUROUX, 2009b, p.8), que interessam ao filósofo francês, e que o levou a propor duas teses, que são as bases do seu pensamento.

A primeira consiste em dizer que a escrita é um dos fatores necessários ao aparecimento das ciências da linguagem, o que remontaria à virada do terceiro e do segundo milênio antes de nossa era. A segunda tese concerne ao que Auroux chama de *gramatização*, cujo ponto de inflexão é o Renascimento europeu.

Para o filósofo francês (1998, p.76), a história nos mostra que nas civilizações em que houve aparecimento de um saber linguístico, este nasceu depois de a escrita ter sido uma técnica bem dominada, ou seja, a escrita foi técnica fundamental para a constituição de um retrospecto dos conhecimentos linguísticos. A partir do aparecimento da escrita, com a possibilidade dos textos serem fixados, vemos que o saber, e principalmente o saber linguístico, passa a ser representado. E são as representações linguísticas que nos interessam aqui, pois, a partir destas, podemos constituir um percurso que nos mostra que está imbricado, junto ao nascimento das ciências da linguagem, o desenvolvimento de instrumentos de fixação e associação deste saber.

Então, o que nos interessa de uma cronologia da reflexão linguística<sup>5</sup> é verificar na relação Linguagem/Saber/Ciência o aparecimento e o papel dos instrumentos linguísticos.

Foi após a denominada “revolução neolítica” que tivemos o aparecimento da escrita. Junto ao desenvolvimento de técnicas como a agricultura, a cerâmica e a tecelagem, temos, na Mesopotâmia, o registro de um sistema de escrita cuneiforme por volta de 3000

---

<sup>5</sup> Para a realização desta cronologia utilizamos como texto de apoio o anexo 1, do livro *Filosofia da Linguagem* (1998), de Auroux, intitulado “Cronologia da reflexão linguística”.

anos antes de nossa era. O mais antigo tipo e resquício de escrita que possuímos. O que vale ressaltar desse momento é que esse marco só foi possibilitado em virtude do aparecimento de instrumentos que comprovam, atestam isso.

É entre os sumérios e acádios, povos mesopotâmicos, que vemos os primeiros textos escritos da história da humanidade. Conservados em tábuas de argila, tratam-se de listas lexicais, silabários e textos gramaticais. Com estes, notamos que a necessidade de registrar a língua, e principalmente o léxico, foi uma das primeiras preocupações do homem “escritor”, o que faz da lexicografia uma das atividades linguísticas mais antigas da história. Podemos dizer que já neste limiar da escrita, o desenvolvimento destas técnicas básicas de fixação da língua são peças condicionadoras fundamentais daquilo que virá a ser um dicionário (NUNES, 2006, p.45). Desse modo, junto ao aparecimento da escrita e das primeiras reflexões sobre a linguagem, podemos estabelecer estes itens lexicais como o marco zero da lexicografia, visto que mostrar o aparecimento das práticas que permitiram a construção de instrumentos como os dicionários, são pontos fundamentais para uma reflexão sobre o processo histórico de constituição destes instrumentos.

Não só na Mesopotâmia, mas em todas as civilizações em que a escrita era do tipo fonético e que a língua apresentava uma morfologia rica, com flexões verbais por exemplo, verificamos o surgimento de uma tradição gramatical (AUROUX, 1998, p.404). Assim, entre os egípcios, os indianos, os árabes, os gregos e os latinos manifestaram-se listas lexicais, esboços de paradigmas, listas bilíngues, manuais de instrução fonética, listas de palavras. Ou seja, a partir do surgimento da escrita, desenvolveram-se técnicas e instrumentos que possibilitaram o registro de um saber metalinguístico. Por isso, Auroux (2009) diz que a implementação destes instrumentos não deixam intactas as práticas linguísticas humanas, pois permitem a fixação e a perpetuação de um saber que até aquele momento era exclusividade da memória do homem.

Refletir sobre a linguagem foi iniciativa de várias civilizações, no entanto, no que se refere à tradição ocidental, a nossa, a Grécia alçou impacto e contribuições maiores. No entanto, vale ressaltar que importâncias para os estudos linguísticos vieram de outros pensadores que não apenas gregos e latinos. Assim, ao lado Platão, Aristóteles, Varrão e outros pensadores dessa tradição, temos a figura de Panini, cujo *Ashtadhyayi* é uma das primeiras gramáticas da história. Em sânscrito, sua gramática, só descoberta pelo ocidente no século XVIII, possibilitou uma das reflexões mais avançadas para a época, sendo sua teoria constituinte de bases teóricas modernas da Linguística.

Um dos pontos nodais do que caracteriza uma revolução tecnolinguística, como foi a invenção da escrita, é que ela apresenta sempre uma ruptura e abre caminhos para mudanças e existência de novas técnicas, práticas e instrumentos para pensar a linguagem, o que causou um impacto sobre o desenvolvimento do conhecimento humano. Logo, corroboramos com a primeira tese de Auroux: a escrita foi um dos fatores necessários ao aparecimento das ciências da linguagem. Afinal, foi apenas com a emergência desta “técnica” que as entidades e as representações linguísticas vieram à tona.

Após este período marcado pelo surgimento das metalinguagens, vemos o desenrolar de um processo único na organização das sociedades humanas. Processo possibilitado, principalmente, por uma só tradição linguística inicial, a greco-latina: a *gramatização* massiva de todas as línguas do mundo, o que Auroux (2009, p.35) chama de *Segunda Revolução Tecnolinguística*, sua segunda tese.

“Por gramatização deve-se entender o processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (AUROUX, 2009, p.65). Esse é o conceito canônico, introduzido pelo filósofo francês, para pensar o fenômeno de produção de dicionários e gramáticas que arrolou pelo Ocidente após o “nascimento das metalinguagens”.

Na Idade Média, tivemos a manifestação das primeiras gramáticas de vernáculos europeus, como o *Auraicept na nEces* (século VII), a primeira gramática do irlandês, a primeira gramática do latim redigida em um vernáculo europeu, composta por Aelfric (945-1010), a primeira gramática do islandês (século XII), a primeira gramática do gaulês (1322), a primeira gramática do francês, *Donait François*, desenvolvida em 1409, por J. Barton, e uma série de outras obras que se propõem a pensar e refletir sobre a linguagem. No entanto, embora a Idade Média tenha dedicado uma boa parte de sua reflexão às artes da linguagem, as quais constituíram a base de seu sistema de ensino, o *trivium* (gramática, lógica e dialética), não podemos falar ainda em *gramatização* dos vernáculos europeus. Visto que a “gramática é reservada à língua escrita (gramática é frequentemente, nos textos, sinônimo de língua latina), que é igualmente objeto da lógica e da gramática especulativa” (AUROUX, 2009, p.413). Inclusive, vale ressaltar que uma das características essenciais da época medieval é a predominância do latim e de importantes contribuições da lógica para a história das ciências.

Nesse período, sobressai a composição, nos séculos VI-VII, das *Etimologias* de Isidoro de Sevilha. Segundo Nunes (2006, p.46), “as *Etimologias* se situam num lugar

intermediário entre o dicionário e a enciclopédia, tomando as palavras por tema”, o que fez com que fosse bastante retomada em antologias escolares e dicionários. Além das *Etimologias*, houve, a partir do século VI, a multiplicação de glossários, que se desenvolveram com a prática de decodificação e interpretação de textos gregos e latinos na escola. Sobre a lexicografia da época, podemos dizer que esta se ligava a textos que se comentavam e interpretavam. Com isso, tivemos adiante uma autonomia do glossário, que passará a ser usado no ensino de línguas, um passo fundamental no desenvolvimento do que configurará um dicionário<sup>6</sup>.

No século XI, tivemos um conjunto de dicionários medievais de latim que circulou pela Europa, como o *Papias*, que inclui unidades lexicais descontextualizadas e entradas com enunciados teóricos, e o *Catholicon*, de João Balbo de Gênova<sup>7</sup>. Entretanto, como estes dicionários ainda tinham uma preocupação com o latim, também não podemos dizer que tenham possibilitado ou efetivado o processo de gramatização europeu.

A partir do Renascimento temos uma mudança no desenvolvimento de instrumentos e de práticas linguísticas. Com a produção de dicionários e gramáticas que, realmente, serviram para descrever e instrumentar os vernáculos europeus, o Renascimento foi o “ponto de inflexão” da gramatização. Assim, ao mudar a ecologia da comunicação humana e dar ao Ocidente um meio de comunicação e dominação sobre as outras culturas do planeta, podemos dizer que é neste período que ocorre a *Segunda Revolução Tecnolinguística* (AUROUX, 2009, p.8-9).

O desenvolvimento da imprensa, o rompimento com o latim medieval, o desenvolvimento do público letrado, o crescimento de estudos linguísticos que buscavam construir uma ciência das línguas, a abordagem da multiplicidade das línguas ao encarar o problema da origem da linguagem a partir de novas bases (não religiosas), a literalização dos idiomas e a relação com a língua nacional, a expansão colonial, o contato com povos de diferentes línguas, esses foram alguns dos fatores que possibilitaram que essa *revolução* só ocorresse no Renascimento, sendo, em 1492, a publicação da primeira gramática do castelhano, de A. de Nebrija, um marco na história da lexicografia ocidental.

É no período que se estende do Renascimento ao fim das Luzes, que teremos junto a publicação de várias gramáticas de vernáculos europeus, como a *Grammatica da Linguagem Portuguesa* (1536), de F. de Oliveira (a primeira gramática do português), a

---

<sup>6</sup> *Ibidem*, p.47.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p.47.

produção de dicionários *monolíngues*, como o *Dicionário da Academia Francesa*, o que instaura um grande avanço na história lexicográfica.

Se o Renascimento foi um período fundamental para a efetivação do processo de gramatização na Europa, a partir do século XIX, tivemos o desenvolvimento da gramática comparada, prática e fenômeno responsável por elevar os estudos linguísticos a um outro patamar de reflexão, e que serviu de horizonte de retrospecto<sup>8</sup> para a configuração de uma ciência linguística no início do século XX.

Caracterizado pela matematização da lógica, e com a divisão (abandono) da filosofia às reflexões linguísticas, a preocupação central do século XIX, no que se refere à linguagem, é com o parentesco genético das línguas.

Nomes como o de F. Bopp, J. Grimm, A. Schlegel, W. Von Humboldt, F. Diez, A. Schleicher, circulam entre as reflexões linguísticas do século. Um grande número de gramáticas comparadas, colocando em evidência o parentesco entre o sânscrito, o grego, o latim, o alemão, o lituano, e diversas outras línguas, serão responsáveis por assegurar a existência de uma língua que seria a origem de todas as outras: o Indo-europeu.

Já pelo último quartel do século XIX, uma nova escola de pensamento linguístico, formada por nomes como A. Leskien, H. Osthoff, K. Brugmann, Herman Paul e diversos outros pensadores renovaram os estudos de linguística comparada: os neogramáticos. Ao introduzir na linguística histórica e comparada os princípios positivistas que triunfavam em outras ciências, e ao estipular o princípio da regularidade das mudanças e estabelecer leis fonéticas para explicar as línguas observadas, foi esta a escola responsável por acrescentar um forte caráter científico aos estudos da linguagem, o que foi imprescindível para a virada linguística no século XX.

Certamente, um dos acontecimentos marcantes do século XX, e responsável por grande parte das orientações e reflexões linguísticas atuais, foi a investitura da Linguística como *ciência*. A partir do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, discípulo dos neogramáticos, a Linguística passa a ser vista como uma ciência, com objeto e método definidos. Neste momento de nossa reflexão iremos efetuar uma pausa, visto que o caráter científico das ciências da linguagem foi matéria abordada de forma mais detalhada e

---

<sup>8</sup> Para Aurox (2008, p.141), todo ato de saber não é ele mesmo algo sem relação com a temporalidade. Assim, denomina-se horizonte de retrospecto o conjunto de conhecimentos antecedentes a uma atividade cognitiva em questão.

direcionada à abordagem teórica e ao instrumento linguístico que escolhemos, nos capítulos II e III da dissertação.

Por ora, antes de entrarmos nas reflexões linguísticas específicas do processo de gramatização brasileiro, vale ressaltar que além das duas revoluções tecnolinguísticas explicitadas até o momento, uma *Terceira Revolução Tecnolinguística* foi possibilitada devido ao desenvolvimento de máquinas, a partir da segunda metade do século XX, que instauraram uma automatização da informação. Assim, a Terceira Revolução é a informatização das línguas e dos instrumentos linguísticos que as descrevem e as instrumentam. Período esse que vivenciamos atualmente, no início do século XXI.

Feitas estas considerações gerais, passaremos a evidenciar o caráter do pensamento linguístico brasileiro, mostrando como a especificidade do processo de colonização e gramatização do Brasil garantiu o surgimento de articulações, reflexões e instrumentos linguísticos peculiares, o que fez com que História das Ideias Linguísticas alcançasse configurações próprias nos estudos brasileiros sobre a língua.

### 1.3 LÍNGUA, HISTÓRIA E SOCIEDADE: NOTAS DO PROCESSO DE GRAMATIZAÇÃO BRASILEIRO

Para Guimarães e Orlandi (1996, p.9), “não há como tratar a história das ideias fora das condições históricas”, o que nos leva a entender que não há ideias que se realizam fora de um contexto histórico e que não sejam firmadas pela prática humana. Nessa perspectiva, “falar da história das ideias linguísticas no Brasil é tratar da constituição de um saber linguístico (metalinguístico) nas condições próprias da história brasileira”.

Dessa forma, quando dizemos que a primeira relação que contemplamos é Língua/História/Sociedade, nos atentamos para o fato de que a história apresenta uma acepção muito peculiar e uma importância fundamental para realizarmos a construção de uma reflexão sobre a língua. Afinal, é a partir da *história* de uma colônia portuguesa que se torna um Estado independente no início do século XIX, que começamos a pensar na configuração de uma língua, e na contribuição que esta teve para a construção da história de um país.

A partir dessa articulação, então, apresentaremos um outro percurso, e que mais diretamente nos atinge: o da história brasileira e de sua relação com língua nacional<sup>9</sup>. No entanto, é preciso explicitar que nossa pretensão é fazer uma história das ideias linguísticas e

---

<sup>9</sup> “Língua nacional: é a língua de um povo, enquanto língua que se caracteriza, que dá a seus falantes uma relação de pertencimento a este povo”. (GUIMARÃES, 2006, p.14)

não historiografia (ORLANDI, 2001, p.16). Logo, trabalhamos com a história do pensamento sobre a linguagem no Brasil e, para tanto, tomamos como lugar de observação tanto a produção de instrumentos linguísticos como gramáticas e dicionários, quanto a circulação de textualidades sobre a língua que nos interessaram em cada momento revisitado. Dessa forma, consideramos o processo de *gramatização* da língua para a realização deste percurso.

Segundo Guimarães (1996, p.127), podemos considerar quatro períodos, levando em conta fatos de ordem política e institucional, para refletirmos sobre o processo de gramatização da nossa língua, ou seja, atentando-nos às ideias sobre a língua e relacionando-a a um contexto histórico, temos quatro momentos relevantes.

O primeiro período vai de 1500 até a primeira metade do século XIX, o segundo período, da segunda metade do século XIX até o final dos anos 30 do século XX, o terceiro período, do final dos anos 30 até meados dos anos 60 e o quarto, de meados dos anos 60 até os dias hoje.

Sabemos que cada período é constituído de fatos de ordem política e institucional e de produções linguísticas peculiares, que acabaram por delinear o contorno de um saber histórico nacional e de um saber sobre a história da língua. Logo, se desconsideramos uma etapa deste movimento não temos um conhecimento sobre o todo. No entanto, avaliando a extensa espessura temporal que abarca as instâncias do saber nacional e os objetivos deste estudo, efetivamos um recorte, direcionando nosso olhar para o primeiro e para o segundo período estipulado por Guimarães, ou seja, de 1500 até 1930.

O motivo desta escolha deu-se pelo nosso objeto de análise, o *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa*, ter sido publicado em 1888, portanto, faz parte deste segundo momento de gramatização. Assim, ao focarmos nestes dois momentos, organizamos considerações históricas e linguísticas em torno da produção de um conhecimento sobre a língua, que apresenta tanto um saber contemporâneo à produção do nosso instrumento de análise, o *DBLP*, quanto de conhecimentos anteriores ao aparecimento do dicionário, o que configura, por consequência, seu horizonte de retrospectiva, mostrando mais uma vez que não há conhecimento instantâneo. (AUROUX, 2008, p.141)

O primeiro momento vai da “descoberta” do Brasil em 1500, ou seja, do primeiro contato dos portugueses com a “realidade brasileira” daquela época, até a primeira metade do século XIX. Embora este período caracterize-se por não ter estudos sobre a língua portuguesa feitos no Brasil, é neste recorte de tempo que iniciam as primeiras manifestações sobre a natureza da língua do Brasil, pelo fim do primeiro quartel do século XIX (PINTO,

1978, p.XV)<sup>10</sup>. A título de exemplo, podemos citar a tentativa do Visconde de Pedra Branca, em um texto escrito em francês e conforme o pensamento determinista e evolucionista da época, para a Introdução do *Atlas Ethnográfico do Globo* (1824-1825), de Aldrien Balbi, em que o autor recorre aos campos fonológico e léxico para apontar algumas características do falar específico do português do Brasil, que segundo o autor é um ramo da língua portuguesa que foi transplantado para a América, destituindo, assim, o texto de qualquer conotação nacionalista (PINTO, 1978, p. XV):

Sans manquer à l'idiotisme, on peut aussi hardiment former des superlatifs ou des diminutifs de tout adjectifs: on en fait quelque fois même des substantifs. L'âpreté dans la prononciation a accompagné l'arrogance des expressions et conserve encore aujourd'hui en héritage : *mais cette langue, transportée au BRÉSIL, se ressent de la douceur du climat et du caractère de ses habitants ; elle a gagné pour l'emploi et pour les expressions des sentiments tendres, et, tout en conservant son energie, elle a plus aménité.* (PEDRA BRANCA, 1824-1825, p.5 – grifo do autor)

Outro exemplo de escritor que começava a apresentar em suas obras considerações em torno da língua foi Gonçalves de Magalhães, que, em 1836, no prólogo de seu livro *Lede*, apresentou algumas preocupações inovadoras:

Algumas palavras acharão neste Livro que nos Dicionários Portugueses se não encontram: mas as línguas vivas se enriquecem com o progresso da civilização, e das ciências, e uma nova idéia pede um novo termo. (MAGALHÃES, 1836, p.15)

Podemos perceber, por este fragmento, que se iniciam no Brasil reflexões sobre a língua e sobre o caráter dos instrumentos linguísticos da época. Lê-se no subentendido deste enunciado (em uma perspectiva ducrotiana), que temos caracterizações da língua que apontavam para uma diferença em relação à língua da metrópole, e que o domínio instrumental brasileiro ainda não apresentava instrumentos que descrevessem ou classificassem essas novas ideias – brasileiras – sendo que as únicas opções de consulta dos “brasileiros” eram os dicionários portugueses. Destarte, percebe-se a necessidade de instrumentos que descrevessem a realidade brasileira da língua, o que o livro de Magalhães

---

<sup>10</sup> Vale ressaltar que muitas considerações dessa seção do capítulo foram possibilitadas pelo livro *O Português do Brasil: textos críticos e teóricos 1 – 1820/1920*, fontes para a teoria e a história (1978), de Edith Pimentel Pinto. Livro em que a autora apresenta uma seleção de textos significativos sobre a língua falada no Brasil, no período que vai de 1820 a 1920.

apresenta. Contudo, o texto de Magalhães, da mesma forma que o de Visconde de Pedra Branca é livre ainda de qualquer conotação nacionalista.

Apenas nos meados do século XIX, a língua do Brasil assume contornos de problema de interesse nacional e, da mesma forma, “passa a constituir objeto de cogitação, para registro de uma realidade já consistente e documentável” (PINTO, 1978, p.XVI). Segundo Pinto, calcados em um pensamento romântico em formação, delineia-se duas posições na defesa de propósitos aproximadamente coincidentes à vigência de uma variante brasileira da língua portuguesa, em termos da fala: uma baseada em fatos, e na qual se inserem nomes como Varnhagen e João Francisco Lisboa, e uma de caráter emocional, na qual se inserem outros, como Junqueira Freire e Montalverne.

Havia ainda uma reverência aos modelos clássicos portugueses e a aceitação da gramática normativa (PINTO, 1978, p.XIX), no entanto, a referida comunidade das duas correntes defendia a modalidade brasileira da língua, aceitando e até mesmo defendendo os *neologismos* provindos de outras línguas para esta modalidade:

Movidos uns de puro nacionalismo, pois se trata de ressaltar a maior riqueza da língua do Brasil; levados outros pela consciência do inelutável das alterações sócio-culturais do léxico, empenham-se todos na defesa e na justificação dos neologismos, que se firmam como ponto vital na definição da língua do Brasil. (PINTO, 1978, p.XIX)

O crescimento desse sentimento nacionalista não se deve, porém, apenas às diferenças linguísticas, outras diferenças também foram sendo evidenciadas, e outras ideias começaram a fazer parte da realidade brasileira.

Desde a origem da história brasileira, ou seja, a partir do momento em que se configura o enunciado “inaugural” do Brasil: Terra à vista! (ORLANDI, 2008, p.17), vivencia-se um imaginário histórico-social de país colônia: o Brasil foi de 1500 até 1822 colônia portuguesa na América.

Enquanto colônia, o Brasil afirmou uma tradição agrária em sua economia: o Brasil era um país rural. Restrito a um regime de monopólios com sua metrópole, a colônia era submetida a um sistema montado segundo a lógica do capitalismo comercial e em função dos interesses do Estado absolutista. Outro regime mantido no país, e totalmente ligado às questões econômicas, era o escravocrata. Durante três séculos a escravidão foi praticada e aceita sem que as classes dominantes questionassem a legitimidade do cativo (COSTA, 1994, p.17).

Diante da configuração econômica e social que se apresentava no Brasil durante os três primeiros séculos de sua colonização, ao iniciar o século XIX, uma série de pensamentos e ideias começaram a mudar a realidade brasileira, e esses, como pudemos ver, também foram responsáveis pela realização de reflexões na língua.

Os colonos, que a princípio se consideravam portugueses do Brasil, acreditando que a única diferença em relação aos habitantes da metrópole era a localização geográfica, foram percebendo a incompatibilidade existente entre os seus interesses e os interesses metropolitanos (COSTA, 1987, p.22). Por essa razão, a população colonial mostrou-se respectiva a ideologias revolucionárias que se difundiram na Europa no século XVIII. Os livros de pensadores como Rousseau, Montesquieu, Mably tiveram total aceitação na colônia. Mais importante do que os livros desses pensadores para a divulgação do pensamento revolucionário, foi o impacto que algumas revoluções, das quais destacamos a Revolução Francesa, causaram nessa sociedade. Assim, os colonos iniciaram uma luta por sua emancipação.

No entanto, uma série de barreiras se colocavam à difusão das ideias liberais europeias: analfabetismo, marginalização do povo de vida política, deficiência dos meios de comunicação, um entrave entre a essência dessas ideias e a realidade brasileira e a inexistência de uma burguesia dinâmica e ativa que pudesse servir de suporte a essas ideias. Apenas uma pequena parcela elitizada de revolucionários adeptos às ideias liberais estavam dispostos a mudar a realidade brasileira sem medir esforços, nem prejuízos.

Dessa forma, o nacionalismo, da mesma forma que o liberalismo, não teria condições de assumir seu significado pleno em um país cuja economia baseava-se essencialmente na exportação (COSTA, 1987, p.29). A falta de integração nacional foi, inclusive, um dos motivos pelos quais todos os movimentos revolucionários anteriores à Independência sempre tiveram caráter local, irradiando-se, quando muito, às regiões mais próximas. Porém, por meio de um nacionalismo manifestado por um “antiportuguesismo generalizado” e sob o rótulo das ideias liberais advindas da Europa, distintos grupos sociais associaram-se em prol da *Independência*.

Para o povo, composto de negros e mestiços, a revolução da Independência configurava-se como uma luta contra os brancos e seus privilégios. Para os despossuídos, a revolução implicava a eliminação das barreiras de cor, na realização da igualdade econômica e social e na subversão da ordem. Para os representantes das categorias superiores da sociedade, fazendeiros ou comerciantes, a condição necessária da revolução era a manutenção

da ordem e a garantia de seus privilégios. Dessa forma, o movimento aglutinava sujeitos pertencentes a diferentes estratos da sociedade, e até mesmo representava aspirações contraditórias (COSTA, 1987, p33).

Enfim, com a tomada de poder realizada pelas elites brasileiras, compostas por fazendeiros, comerciantes e membros de sua clientela, ligados à economia de importação e exportação e interessados na manutenção das estruturas tradicionais de produção, cuja base era o regime escravocrata e a grande propriedade, e com uma mudança fundamental na configuração do sistema monárquico, não cabia outra alternativa para o então príncipe regente, Dom Pedro, senão proclamar o rompimento definitivo com Portugal. Assim, no dia sete de setembro de 1822, foi proclamada oficialmente a *Independência do Brasil*.

Com a independência, houve a conclusão de alguns objetivos que a elite brasileira propunha: libertação do país das restrições impostas pelo Estatuto Colonial, liberdade de comércio e garantia da autonomia administrativa. No entanto, por mais modificações que este acontecimento tenha promovido, o poder saia das mãos do Estado Português e passava às mãos de uma minoria que disputaria ao imperador o privilégio de dirigir a nação.

Contudo, a partir da independência e de todas as ideias liberais que se configuram junto a ela, começam a desenhar-se novas conjunturas sobre a questão linguística no país. “Inicia-se a busca da identidade do português do Brasil, quando ganha força a preocupação com a descrição da língua num afã nacionalista, representado particularmente pelos escritores românticos” (ISQUERDO, 2011, p.121)

Faziam parte dessa realidade de romancistas, poetas e escritores em geral, nomes como Gonçalves Dias, José de Alencar, Paulino de Souza, Salomé Queiroga, Antônio Henriques Leal, Brás da Costa Rubim, Júlio Ribeiro e, nosso “sujeito em análise”, Antônio Joaquim de Macedo Soares. Para ilustrarmos o afã nacionalista que “contaminou” tais escritores, tomamos nota de um nome específico, José de Alencar. Eis alguns recortes sobre o que o autor pondera no “Pós-escrito” de *Iracema* (1865):

O autor deste volume e do que o precedeu o título de *Lucíola* sente a necessidade de confessar um pecado seu: gosta do progresso em tudo, até mesmo na língua que fala.

Entende que sendo a língua instrumento do espírito, não pode ficar estacionária quando este se desenvolve. Fora realmente extravagante que um povo adotando novas ideias e costumes, mudando os hábitos e tendências, persistisse em conservar rigorosamente aquele modo de dizer que tinham seus maiores.

...

A língua é a nacionalidade do pensamento como a pátria é a nacionalidade do povo. Da mesma forma que instituições justas e racionais revelam um povo grande e livre, uma língua pura, nobre e rica, anuncia a raça inteligente e ilustrada.

...

Criar termos necessários para exprimir os inventos recentes, assimilar-se aqueles que, embora oriundos de línguas diversas, sejam indispensáveis, e sobretudo explorar as próprias fontes, veios preciosos onde talvez ficaram esquecidas muitas pedras finas: essa é a missão das línguas cultas e seu verdadeiro classismo.

...

Não há contestar: é o direito da inspiração e do gosto, exerça-se ele sobre a idéia ou sobre a palavra. Ao público cabe a sanção: ele desprezará o autor que abuse da língua e a truçide, como despreza aquele que é arrastado às monstruosidades e aleijões do pensamento. Da mesma forma aplaudirá as ousadias felizes da linguagem, como aplaude as harmonias originais e os arrojos do pincel inspirado.

...

Concluindo, chamo sua atenção para a nota junta, em que eu justifico algumas inovações de que me tornei réu, nos dois volumes referidos. Não quero que me sejam elas relevadas a pretexto de erros tipográficos: cometi-as muito intencionalmente. (ALENCAR, 1865, p. 55-60)

Observamos neste texto (em recortes) um dos pilares do pensamento de Alencar, e também de vários outros escritores românticos: “a profunda consciência da missão específica do artista ante o instrumento artesanal que é a língua” (PINTO, 1978, p.XXVI). Boas reflexões linguísticas, como frisar que uma coisa é a linguagem literária e outra é a fala comum, também foram colocadas em tela pelo autor.

Tomado por um extremo nacionalismo, destaca-se a tentativa de romper com um passado português, procurando valorizar o uso da língua de sua época, exemplificando com o seu próprio uso. Outro ponto que será lançado é o de que a civilização brasileira é mais denodada, o que implica o desenvolvimento de instrumentos de expressão mais aperfeiçoados.

Devido a repercussão de ideias como a de Alencar, um movimento contrário ao pensamento nacionalista romântico também se desenvolverá neste período. É neste momento que desencadeará uma das polêmicas mais célebres do país, um forte debate entre Alencar e o escritor e jornalista Pinheiro Chagas:

Na opinião do Sr, Pinheiro Chagas, a gramática é um padrão inalterável, a que o escritor se há de submeter rigorosamente. Só o povo tem a força de transformar uma língua, modificar sua índole, criar novas formas de dizer.

...

Acusa-nos o Sr. Pinheiro Chagas a nós escritores brasileiros do crime de insurreição contra a gramática de nossa língua comum. Em sua opinião

estamos possuídos da mania a tornar o *brasileiro* uma língua diferente do velho português!

...

Os operários da transformação de nossas línguas são esses representantes de tantas raças, desde a saxônica até a africana, que fazem deste solo exuberante amálgama do sangue, das tradições e da língua.

...

Se a transformação por que o povo português está passando no Brasil importa uma decadência, como pretende o Sr. Pinheiro Chagas, ou se importa, como eu penso, uma elaboração para a sua florescência, questão é que o futuro decidirá [...]. (ALENCAR, 1870, p.74-76)

Nessa mesma perspectiva, outros escritores contemporâneos a Alencar, chamaram a atenção para outras reflexões sobre a “mudança” da língua, e também defenderam o romancista. Para citar um nome, selecionamos o de Salomé Queiroga:

Acresce que a mistura das raças devia produzir, como efetivamente produziu uma linguagem nova, que se irá melhorando para o futuro; mas sempre com o tipo próprio do país, como tem acontecido com todos os idiomas.

[...] Basta de imitação servil. Deixe que fale o Sr. Pinheiro Chagas.

...

[...] Nosso clima americano virgem a popular de luxuosa seiva, independente e livre. Nossos costumes e usos adquiridos aqui neste abençoado torrão, tão separado do velho Portugal. Nem se diga que dele herdamos os hábitos; não, nem nada. Tudo aqui difere. Aquele país cai de velho, e o Brasil sai apenas das faixas infantis.

Quer o S. Pinheiro Chagas que falemos português quinhentista, e diz que estamos amesquinhando a língua de Camões. Engano: somos brasileiros e falamos a linguagem brasileira. (QUEIROGA, 1871, p.160)

Salomé Queiroga, da mesma forma que Alencar, insistia em documentar uma realidade linguística brasileira, distante da língua da ex-metrópole. Para tanto, valia-se de fatos fonológicos, e, sobretudo, de fatos léxicos para obter a desejada cor local, e comprovar a diferença.

Com o posicionamento dos escritores românticos em geral, pudemos verificar que o saber linguístico passa a configurar uma nova articulação: Língua/Estado/Nação. Com a proclamação da independência, cresce o sentimento nacionalista em uma sociedade que busca emancipar-se em todos os sentidos da realidade e das influências portuguesas. Assim, na tentativa de se tornar um Estado realmente independente, a língua falada no Brasil exerceu um papel fundamental.

Verificamos, também, que junto ao eloquente desejo de *mostrar* as diferenças e *construir* uma identidade para a língua, há a necessidade de formar-se uma

*Nação* brasileira, e esse sentimento, que teve início a partir da segunda metade do século XIX, se estendeu até as primeiras décadas do século XX, como podemos perceber pelas palavras de Laudelino Freire (1920), em uma de suas conferências realizadas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, intitulada “A defesa da língua nacional”:

Antes de tudo precisamos ser uma nação, e não um simulacro, uma aparência, um arremedo de nação. E para podermos sê-lo, força é não desfitemos a vista de tudo quanto possa concorrer para fortalecer, vigorar e tornar coesa, robusta, indissolúvel e insuperável a unidade nacional, como expressão inequívoca e soberana de uma consciência nacional, de uma cultura nacional, de uma política nacional, de uma indústria nacional, de um comércio nacional, de uma imprensa nacional e de uma língua nacional. (FREIRE, 1920, p.473)

Voltando ao nosso percurso, é no segundo momento da gramatização brasileira que se efetivou o processo de instrumentação e descrição da língua, pois entraram em cena os primeiros instrumentos tecnolinguísticos realmente preocupados em descrever a língua oficial<sup>11</sup> e nacional do Brasil. Logo, nunca foi tão grande a necessidade de legitimação da língua falada pelos brasileiros. Como exemplo, podemos citar o *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa*, de Brás da Costa Rubim, de 1857.

Segundo a trajetória que a língua portuguesa percorreu no Brasil, percebe-se que esta se foi distanciando da de Portugal, nos mais variados domínios da gramática, e isso foi apresentado pela maioria das reflexões literárias da época: “Sendo a língua o expoente moral de uma raça, a afirmação característica de uma nacionalidade, é natural que essas diferenciações lexicológicas e gramaticais se vão refletindo nas produções literárias” (PEREIRA, 1933, p.407).

Ainda envolto em polêmicas, temos o aparecimento de instrumentos linguísticos importantes, como a *Gramática Portuguesa* (1881), de Júlio Ribeiro, a *Grammatica da Língua Portuguesa* (1887), de Pacheco Silva e Lameira de Andrade, a *Grammatica Analytica* (1887), de Maximino Maciel, os *Estudos Filológicos* (1884), de João Ribeiro.

---

<sup>11</sup> “Língua oficial: é a língua de um Estado, aquela que é obrigatória nas ações formais do Estado, nos seus atos legais”. (GUIMARÃES, 2006, p.14)

Também tivemos dois outros acontecimentos históricos que colaboraram, da mesma forma que a Independência, para a configuração da realidade social, histórica e linguística da época: a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889).

Após a Independência, continuava no país uma estrutura de produção colonial. O trabalho escravo e semi-servil, o latifúndio, a economia baseada na exportação de produtos tropicais e um sistema político paternalista baseado num sistema de clientela e de marginalização de extensas camadas da sociedade configuravam o surgimento de novos imaginários, cenários e pensamentos no país.

No que se refere à sua urbanização, podemos dizer que o contexto brasileiro forneceu condições para a constituição de um modelo de urbanização característico de áreas de economia colonial e periférica (COSTA, 1987, p.194). Embora, com a transferência da sede do governo português para o Brasil, com a abertura dos portos em 1808, com o rompimento do sistema de monopólios e com a Independência, tenham sido criadas novas condições para o processo de urbanização.

A legislação posterior à Independência não concedia grande autonomia às cidades, o que fazia com que os núcleos urbanos, principalmente do interior do país, dependessem de oligarquias rurais, que controlavam as legislaturas, a administração e a justiça (COSTA, 1987, p.208).

Na contribuição para o desenvolvimento do mercado interno e estimulação do processo de urbanização, tivemos em 1850 a cessação do tráfico, a entrada de emigrantes no sul do país, a instalação da rede ferroviária em 1852, e tentativas bem sucedidas de industrialização.

Como já dissemos, durante três séculos a escravidão foi praticada e aceita sem questionamentos. No entanto, as doutrinas que justificavam a escravidão foram sendo, pouco a pouco, abaladas por conceitos novos, e que empatizavam com a visão de mundo da ordem social tradicional. Com o intuito de combater os privilégios que cimentavam a ordem política e social existente, os revolucionários criticavam a teoria que atribuía aos reis um poder divino e exigiam a criação de formas representativas de governo. Afirmavam, ainda, a “supremacia das leis e os direitos naturais do homem, entre os quais o direito de liberdade e igualdade de todos perante a lei” (COSTA, 1994, p.18). Nesse contexto revolucionário, iniciava-se “as origens teóricas do abolicionismo”.

Vista antes como fruto dos desígnios divinos, a escravidão passou a ser vista como vontade dos homens (COSTA, 1994, p.18). Um primeiro passo, rumo à libertação, foi a

consagração dos princípios liberais pela constituição, porém, a grande maioria da classe dominante no Brasil dependia inteiramente do trabalho escravo, o que dificultava a sua concretização.

Se a consagração dos princípios liberais pela constituição foi um primeiro passo, até a abolição foi feita uma grande caminhada. Em 1850 foi aprovada a Lei Eusébio de Queiroz, que reprovava e punia o contrabando de escravos. Após a abolição do tráfico, o próximo passo foi a aprovação da Lei do Ventre Livre, causando grande agitação e grande mobilização popular. Esta lei considerava livre todos os filhos de mulher escrava nascidos no Brasil a partir de 28 de setembro de 1871, data de aprovação da lei. Em 1885, foi promulgada mais uma lei, a dos Sexagenários, ou Saraiva-Cotegipe, que garantia a liberdade aos escravos com mais de 60 anos de idade.

Observando os passos que o regime escravocrata seguia no país e o contexto em que este se encontrava, evidenciava-se que a Abolição era inevitável. O povo tinha arrebatado das mãos das elites a direção do movimento. “A Abolição se tornara uma causa popular e contava com o apoio não só de amplos setores das camadas populares, como também de importantes setores da classe médias e, até mesmo, alguns representantes das elites” (COSTA, 1994, p.71). Além desses, o movimento tinha ainda o apoio da princesa e do imperador.

Nesta luta pela emancipação e liberdade dos escravos, podemos citar alguns sujeitos que se reinscreveram na história enquanto abolicionistas, e que tiveram participação ativa no movimento, são eles: Joaquim Nabuco, Luiz Gama, André Rebouças, Antonio Bento e também, Antônio Joaquim de Macedo Soares, o idealizador do nosso objeto de pesquisa. Infelizmente, a história não tem sido justa com o dicionarista, omitindo na maioria das vezes a ligação do seu nome ao movimento, no entanto, também chamamos a atenção para mais esta característica do nosso sujeito.

Após uma longa caminhada de intensos debates, a Câmara dos deputados aprovou uma proposta de lei que declarava extinta a escravidão no Brasil. Na tarde do dia 13 de maio de 1888, a então regente, Princesa Isabel, assinava a lei que ficou conhecida sob a denominação de Lei Áurea. Assim, “mais de 700 mil escravos foram, do dia para a noite, transformados em homens livres” (COSTA, 1994, p.14).

Concomitante aos ideais abolicionistas, também se configuravam no país outras ideias: as republicanas. Uma posição mecanicista da história aponta, entre os fatores da proclamação da República, a constituição etnográfica, a transição para um regime de trabalho

agrícola e industrial de tipo europeu, as relações entre nações americanas, a propaganda em prol da república promovida por meio de livros e jornais, a corrupção política, a deficiente administração do Império, a perniciosa influência do poder pessoal, a repercussão da Lei Áurea, a atitude da armada e do exército, a má disposição em relação a um terceiro reinado, a atuação do partido republicano, e, o fator desencadeante do movimento: a política levada a efeito pelo ministério de 7 de junho contra os republicanos e as classes armadas. (COSTA, 1987, p.269). Certamente, podemos dizer que a proclamação da República resultou de crises que abalaram o sistema governamental monárquico.

Atribui-se a queda da Monarquia ao fato de o poder estar concentrado nas mãos do imperador, que envelhecera perdendo o controle da situação, e a alude à má disposição existente em relação às perspectivas de um terceiro reinado. Entretanto, este não foi o único nem o principal fator da queda.

Segundo Costa (1987, p.322), “a República correspondia a uma aspiração nacional, como revelaram os movimentos revolucionários ocorridos no país antes e depois da Independência”. Assim, além dos excessos cometidos pelos monarcas, as ações do Partido Republicano, criado em 1870, foram frutificadas.

A proclamação da República foi resultada de profundas transformações que vinham operando no país: “a decadência das oligarquias tradicionais, ligadas à terra, a abolição, a imigração, o processo de industrialização e urbanização, o antagonismo entre zonas produtoras, a campanha pela federação contribuíram para minar o edifício monárquico e para deflagrar a subversão” (COSTA, 1987, p.323).

Os setores mais progressistas, eliminando o trabalho escravo, esposando relações capitalistas e ansiando por reformas, opunham-se aos setores estacionários e retrógrados que apoiavam a Monarquia e eram apoiados por ela. Interessados em monopolizar o aparelho do Estado, os grupos progressistas deram acolhida às ideias mais avançadas, nas quais figuravam a República.

Ao lado do núcleo progressista das classes rurais colocaram-se as classes médias, desejosas de participação política, igualmente favoráveis às mudanças de regime. A República resultou, assim, da aliança entre grupos ativos da classe média e representantes do setor mais dinâmico da classe senhorial (COSTA, 1987, p.325).

As agitações que se sucediam no país, instigadas pelo movimento abolicionista, depois pela propaganda republicana, e, por fim, pelas medidas que desagradaram aos militares, causaram grande impacto na sociedade. Então, em 15 de

novembro de 1889 a Monarquia era derrubada por golpe militar e proclamava-se a *República no Brasil*.

Para Costa (1978, p.361), o ano de 1889 não significou uma ruptura do processo histórico brasileiro. “As condições de vida dos trabalhadores rurais continuaram as mesmas; permaneceram o sistema de produção e o caráter colonial da economia, a dependência em relação aos mercados e capitais estrangeiros”. Porém, com a República houve crescimento da população, desenvolvimento industrial, urbanização, formação do proletariado e criação da classe média, a crise que atingiu a crise cafeeira, a crise internacional de 1929, as contradições entre os vários setores de produção e o aparecimento de novas ideologias. E aí sim a República significou e inaugurou um novo período na história do Brasil.

Podemos dizer que a Abolição e a República “são sintomas de uma mesma realidade; ambas são repercussões, no nível institucional, de mudanças ocorridas na estrutura econômica do país que provocaram a destruição de esquemas tradicionais” (COSTA, 1978, p.328). Voltando a nossa reflexão inicial, na qual incluímos a língua, podemos dizer que o século XIX foi um momento de rupturas no Brasil, e com a língua não seria diferente. As ações políticas e de tomadas de poder influenciaram as várias camadas da sociedade, e como já pudemos perceber, os intelectuais e estudiosos da língua também apresentaram suas ideias de mudança.

Ainda considerando a articulação Língua/História/Sociedade, pudemos entender que a constituição do caráter histórico das ideias, e isso se refere às ideias liberais, abolicionistas, republicanas, nacionalistas e linguísticas, compreende interpretar como os fatos, os eventos, as demarcações constituem gestos de leitura repletos de construções políticas, simbólicas e ideológicas que determinam o conhecimento e seus trajetos.

Vista a realidade histórica, política, linguística e social que caracteriza este século, acreditamos que a apresentação do nosso objeto de estudo, o *DBLP*, e de seu idealizador, Antonio Joaquim de Macedo Soares, que como já apontamos foi sujeito presente na configuração dos acontecimentos e pensamentos desta época, serão melhor realizadas.

#### 1.4 ANTÔNIO JOAQUIM DE MACEDO SOARES: BIOGRAFIA E IDEIAS

Antônio Joaquim de Macedo Soares<sup>12</sup> nasceu dia 14 de janeiro de 1838, na fazenda do Bananal, distrito de Ponta Negra, na cidade de Maricá, então província do Rio de Janeiro.

Em 1853, foi matriculado no seminário episcopal do Rio de Janeiro, e em 1855 terminou o curso teológico, com aprovações plenas. No entanto, não sentindo vocação para a carreira sacerdotal, em 1857, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, onde inicia sua fase literária, jurídica e jornalística. Formou-se em ciências sociais e jurídicas em 1861. Aos 23 anos foi fazer seu ano de prática forense em Araruama, Rio de Janeiro, onde se casou, em 1862, com sua prima Theodora Alvares de Azevedo Macedo, casamento que lhe deu quinze filhos.

Quando estudante da Academia de Direito, foi redator do *Correio Paulistano*, e escreveu, em jornais e revistas de São Paulo, artigos de crítica literária, transcritos por jornais do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhã e Rio Grande do Sul. Também por esta época, escrevia para as revistas *Ensaio Literários* e do *Ateneu Paulistano* estudos de práticas literárias, romances e poesias líricas.

Desde cedo, Macedo começou a publicar obras jurídicas, sendo sua primeira publicação, *Da liberdade religiosa no Brasil*, um estudo de Direito Constitucional, no qual advogava a liberdade de todos os cultos no então Império do Brasil, livro que teve uma repercussão enorme, merecendo uma segunda edição em 1865.

Depois de formado, fixou residência em Araruama, onde foi delegado de polícia, inspetor escolar e juiz municipal e de órfãos. Nas palavras de Soares (2000):

Espírito altivo, emancipado, homem de combate, não se quedou Macedo Soares ante a perseguição de um gabinete retrogrado e injusto. Já, agora, liberto das peias da magistratura lança-se na causa que lhe era tão cara quanto a liberdade de consciência: a abolição da escravatura. (SOARES, 2000, p.17).

Como explicitamos anteriormente, Macedo Soares foi um dos grandes defensores da abolição. Como advogado, apresentava-se para defender, gratuitamente,

---

<sup>12</sup> As considerações biográficas em torno de Macedo Soares foram possibilitadas pela leitura do livro *Antonio Joaquim de Macedo Soares: síntese biográfica* (2000), escrito por seu neto José Celso de Macedo Soares.

qualquer escravo em busca de sua alforria ou de qualquer outra pretensão que julgasse justa (SOARES, 2000, p.18). Sob este aspecto, dizia-se que Macedo Soares era “prematamente abolicionista, quando muitos outros amigos dos escravos não passavam de emancipadores” (MORAES, apud SOARES, 2000, p.20). Como juiz foi o primeiro magistrado que pôs em execução a lei de 7 de setembro de 1831, de Diogo Feijó, mandando passar carta de liberdade aos escravos importados em fraude a lei (SOARES, 2000, p.20-21). Além disso, afrontava o Conselho de Estado e o Ministério Lafayete, sempre em combate à escravidão. Por tal posicionamento, Bricio Filho, no jornal *O Correio da Manhã*, afirmava ser Macedo Soares chamado, pelos dias da abolição, de “Juiz Redentor”.

Em 1865, foi vereador municipal, tempo em que contribuiu para a construção da estrada de ferro de Niterói a Campos. Em 1870, foi eleito deputado provincial pelo 2º distrito do Rio de Janeiro, sendo reeleito em 1872, 1874, 1876 e 1878. Por decreto de 30 de novembro de 1866, por serviços prestados à integridade da Pátria, foi nomeado cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, aos 28 anos.

Recebeu, em 1874, a nomeação de juiz de direito de S. José do Campo Largo, então província do Paraná, onde se instalou e exerceu o cargo de chefe de polícia. Em 1877 foi removido para a província de Mar de Espanha, em Minas Gerais, e novamente para a de Cabo Frio, em 1881, no Rio de Janeiro. Em 1886 passou para a 2ª Vara Comercial da Corte, onde, em 1887, foi Juiz de Feitos da Fazenda.

Nova nomeação ocorreu em 1890, quando tornou-se Juiz da Corte de Apelação da capital. E, em 1891, sucedeu ao Marechal Deodoro da Fonseca no cargo de Grão Mestre, grande comendador da Ordem Maçônica no Brasil. Foi reeleito em 1894 e recusou uma terceira reeleição. Em 1898 foi-lhe conferido o grau de grão-mestre da maçonaria lusitana.

Em 1892, foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal, função que exerceu durante 14 anos, e a qual exercia quando faleceu no dia 14 de agosto de 1905.

Sobre a sua biografia, vale ainda ressaltar que Macedo Soares pertenceu a diversas associações literárias e científicas entre as quais, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Sociedade de Geografia de Lisboa.

Além de *Da liberdade religiosa no Brasil*, foi Macedo Soares escritor de várias obras, das quais podemos destacar o dicionário que analisamos. Desta produção, atentamo-nos às obras que revelavam suas considerações sobre a língua falada no Brasil.

Como vimos, Macedo Soares sempre manifestou interesse e prioridade pelas Letras. Enquanto aluno no Seminário Episcopal do Rio de Janeiro, em 1849, com onze anos de idade, “manifestou pronunciado pendor pelos estudos de filosofia e filologia, aprofundando-se nos das línguas mortas (sânscrito, grego e latim) em suas origens, formação, etimologias, no interesse do nosso idioma, procurando [...] ‘arrancar dos nervos da palavra a força vital da língua’” (SOARES, 1952, p.XI)<sup>13</sup>.

Aos 17 anos escreveu seu “Ensaio onomástico brasileiro ou vocabulário analítico dos nomes próprios de pessoas, lugares, animais e plantas seguidos dos respectivos vocabulários alfabéticos”, uma já proeminente atividade lexicográfica, mostrando que o interesse pelos estudos lexicais figurou desde cedo na vida do jurista.

Durante o período que foi Juiz de Direito de S. José do Campo Largo, dispôs-se a aperfeiçoar seus conhecimentos de linguística, atentando-se aos africanismos e indianismos:

Percorria os campos, caminhava léguas, embrenhava-se pelos pinheirais, lhano democrático, acessível a palestrar com o povo constituído de tabaréus, mamelucos, pretos escravos ou libertos, caipiras guascas e caboclos. Com isso se distraía horas e horas, entre eles, numa conversação amistosa, ao alcance de todos e apurando o ouvido, para melhor aprender-lhes os ditos, o significado, a pronúncia, tendo em vista registrar todos os aspectos da linguagem popular, todo o mecanismo da língua geral e da africana.” (SOARES, 1954, p.XII)

Com as anotações tomadas “*in loco*” e registradas em vários caderninhos de bolso, redigiu o “Vocabulário da Província do Paraná”. A *Revista Paranaense* (1881), publicou alguns desses estudos com o título de Notas Lexicográficas acerca de alguns nomes tópicos do Paraná.

Com a sua remoção para Comarca de Mar de Espanha, novos projetos foram colocados em tela, tendo publicado novas “Notas Lexicográficas”, agora sobre nomes indígenas de algumas localidades da província de Minas.

A maioria destas “Notas Lexicográficas” foram coligidas e publicadas em 1943, no segundo volume das *Obras Completas de Macedo Soares – Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro*. Obra póstuma, publicada por seu filho Julião Rangel de Macedo Soares.

---

<sup>13</sup> Consideração retirada do prefácio da edição de 1954, do *DBLP*, escrito por Julião Rangel de Macedo Soares, em 1952.

Desses trabalhos, recebeu Macedo Soares uma série de considerações, que podemos verificar de forma elencada em uma das primeiras páginas desta última obra que citamos.

#### MACEDO SOARES

A. J.

“O filólogo americanista de maior valor que possuímos.” João Ribeiro – *Rev. Sul Americana*, 1.º, pág. 23.

“Em rigor, só conheço dois cultores sistemáticos e teimosos do indianismo: Macedo Soares, no sul, com suas poesias *Almas Errantes*, *A Maldição do Piaga*, *O Canto da Indiana*, e outras, e Santa Helena Magno, no norte, em seu livro dos *Harpejos Poéticos*”. *Sylvio Romero – História da Literatura Brasileira – II*, pág. 900.

“Todos os que teem sustentado a existência de dialeto brasileiro (entre os quais José de Alencar e Araripe Junior, cearenses), aplaudiram por certo o uso dos brasileirismos. E ultimamente os dicionários de Rohan e Macedo Soares, compostos exclusivamente de vocábulos brasileiros, são autoridades irrecusáveis, que a este respeito merecem todo o estudo e consideração.” *Bias Mendes – Brasileirismos explicados*. De *O Sobral* 14 de Outubro de 1892.

“Jurisconsulto, crítico literário, poeta, linguista, lexicógrafo, americanista, os seus numerosos e interessantes trabalhos revelam a sua rara erudição e a ansia de investigar e de saber.” Dr. Manuel Cicero, sessão comemorativa do centenário natalício do Dr. A. J. de Macedo Soares. Instituto Histórico – 14 de Janeiro de 1938.

“... o espírito aberto às investigações linguísticas, e ao indianismo que, ainda hoje, provocam admiração.” *Spencer Vampré. – Memórias para a História da Academia de São Paulo – I*, pág. 488.

“Ainda hoje fôra oportuno reunir seus escritos em volume.” *Salvador de Mendonça – No O Imparcial* 13 de Abril 1913.

Do conjunto de suas obras publicadas em jornais e revistas, e até mesmo como livros, passou Macedo Soares a rascunhar o que futuramente seria o *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa* (1888), obra mais representativa do seu trabalho.

Tendo em vista não só a carreira jurídica, verificamos que Macedo Soares fez seu nome ressoar entre os grandes estudiosos da língua nacional. Segundo Pinto (1978, p.XXI-XXII), há na obra de Macedo Soares alguns pontos bem definidos sobre a sua produção linguística.

1. De forma tradicional, apesar da sua grande intuição linguística, *Macedo Soares* se conservou sempre *etimologista*, aplicando-se, porém, não à legitimação ibérica, mas à filiação americana do léxico brasileiro, que, segundo ousava prever, seria totalmente diferente do léxico português na segunda metade do século XX;

2. Dedicado à *pesquisa de campo*, embora sem a metodologia adequada, procedeu a um *levantamento léxico da província* – a seu ver, a única fala autêntica, pois a da Capital estaria contaminada de “gálico” e “lusismo”;
3. Coerentemente, censura a ausência deste léxico na *língua jornalística*, que atinge o grande público, inclusive fora da Capital, cuja imprensa é o alvo das suas censuras. Este ângulo foi *Macedo Soares* um dos primeiros a abordar;
4. Quanto ao aproveitamento de tal léxico na língua literária, deixou seu pensamento consignado no pórtico do Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa: “Já é tempo dos brasileiros escreverem como se fala no Brasil e não como se escreve em Portugal”;
5. Reconhece, tacitamente, a importância do sistema, quando alude à impossibilidade de ignorar a gramática, sobretudo na criação dos neologismos, que serão incorretos se formados no desconhecimento das regras vigentes;
6. Reconhece, da mesma maneira, e com visão crítica, a existência de uma gramática subjacente, que se pode induzir do uso comum.

Levantadas estas considerações sobre nosso “sujeito de pesquisa”, esperamos ter apresentado as características mais marcantes e relevantes concernentes à biografia e ao fazer linguístico de Macedo Soares.

Dessa maneira, com o objetivo de contextualizar e facilitar a compreensão, passemos a considerar nosso instrumento de pesquisa, o *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa*, e o momento em que este emergiu no processo de dicionarização e gramatização brasileiro.

## 1.5 O DICIONARIO BRAZILEIRO DA LINGUA PORTUGUEZA E O FAZER LEXICOGRÁFICO NO BRASIL

Da mesma forma que estabelecer uma cronologia da reflexão sobre a língua implica levar em conta a história social do país, ao examinar o percurso que os estudos lexicográficos trilharam até a emergência do *DBLP*, não poderíamos deixar tal realidade externada ao panorama responsável por constituir o horizonte de retrospectão do nosso instrumento. Isto é, o fazer lexicográfico no Brasil apresenta fortes relações com os fatores históricos e representativos da sociedade brasileira. Desse modo:

[...] o saber lexicográfico passa a ser interpretado também como um saber histórico, à medida que o dicionário configura-se como o espaço de registro sistemático do léxico em uso numa comunidade de falantes. Considerando-se que o léxico representa um patrimônio cultural e está estreitamente atrelado às transformações ocorridas na sociedade, o dicionário consubstancia a memória social da língua em uso na época em que foi produzido [...] (ISQUERDO, 2011, p.115-116)

Se pensarmos nas quatro sincronias estipuladas por Guimarães (1996), ao estabelecer os quatro momentos da gramatização brasileira, também podemos pensar em quatro momentos para o *fazer lexicográfico* no Brasil, como apresenta Isquierdo (2011). O percurso lexicográfico estabelecido pela autora leva em consideração uma divisão em séculos, o que não se distancia tanto dos momentos da gramatização estipulados por Guimarães. O primeiro período é do século XVI ao XVIII, o segundo é o século XIX, o terceiro o século XX, e por fim o século XXI.

Da mesma forma que efetuamos um recorte ao explicitar uma reflexão sobre os dois primeiros momentos da gramatização, também nos atentamos apenas às duas primeiras sincronias apresentadas por Isquierdo, visto que nosso objetivo maior é apresentar a configuração do fazer lexicográfico antecedente e contemporâneo ao *DBLP*. Para compreendermos em detalhes esse momento da história da lexicografia, também nos apoiamos nos pressupostos de NUNES (2006).

As primeiras manifestações do saber lexicográfico foram embrionadas pelos relatos dos viajantes e missionários portugueses, que tinham como objetivo descrever a “nova terra” da América. Estes relatos transmitiram as primeiras impressões dos colonizadores sobre, principalmente, a fauna, a flora e os povos indígenas que já habitavam o país. Segundo Nunes (2006, p.50), o contexto lexicográfico brasileiro foi marcado nos inícios da colonização pela descrição de línguas indígenas.

Então, durante quase três séculos, o fazer lexicográfico brasileiro preocupou-se com os estudos das línguas indígenas, com vistas a garantir a comunicação entre os colonizadores e os povos colonizados. Os primeiros dicionários brasileiros são bilíngues português-tupi, e foram elaborados pelos jesuítas nos séculos XVI-XVII (NUNES, 2006, p.51).

Segundo Isquierdo (2011, p.119), “os primeiros relatos de viagens constituem um *corpus* privilegiado para observar a construção de um modo de dizer o léxico no território brasileiro [...] Enquanto os viajantes desenvolveram um saber enciclopédico, os missionários jesuítas produzem dicionários de língua”.

Desse modo, as produções lexicográficas produzidas pelos jesuítas, os vocabulários e dicionários bilíngues, e os relatos dos viajantes, serviram como base para a construção das obras lexicográficas monolíngues do século precedente (ISQUERDO, 2011, p.119).

Embora a realidade deste primeiro período seja a produção de dicionários bilíngues, vale ressaltar um momento importante para a lexicografia brasileira. Em 1789, Antonio de Moraes Silva, autor brasileiro, publica seu dicionário monolíngue, o *Diccionario da Lingua Portuguesa*. O dicionário de Moraes, mesmo retomando a tradição portuguesa, é uma obra fundamental para a lexicografia em geral, e essencialmente para a brasileira. Isto porque, mesmo apresentando considerações da língua falada em Portugal, é um dicionário produzido por um brasileiro, e um dos primeiros e mais reeditados dicionários monolíngues da história.

A realidade lexicográfica na qual se insere o dicionário de Moraes marca, também, a realidade da fase final deste primeiro período. Visto que, no final do século XVIII, mesmo sem haver universidades, imprensa, bibliotecas e tipografias no Brasil, o que fazia de Portugal o maior centro e referência intelectual dos estudiosos da língua, os livros impressos no exterior já chegavam ao país.

Findada esta primeira fase, inicia-se como já explicitamos em outra seção deste capítulo, uma nova realidade linguística no século XIX, marcada por movimentos decisivos e que acabaram por desenhar o surgimento de uma Nação independente.

No início do século, vemos figurar em instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Biblioteca Nacional, trabalhos lexicográficos que muito se aproximavam dos vocabulários feitos pelos jesuítas. A diferença estava em um engajamento maior com a história, fazendo com que a partir de um intenso trabalho arquivístico, pudessem ser elaborados uma história das línguas indígenas brasileiras e um projeto lexicográfico compatível com essa história. O que fez com que “as línguas indígenas passassem a ser consideradas como provas de um passado linguístico brasileiro” (NUNES, 2006, p.135).

Se a realidade lexicográfica do início do século XIX ainda não apresenta reflexões sobre a língua nacional do país, a partir da segunda metade do século XIX, junto à efetivação do processo de gramatização do português brasileiro, tivemos uma mudança considerável na produção de obras lexicográficas.

Surgem, concomitantes à busca de uma identidade da língua nacional, dicionários de complemento aos dicionários portugueses, bem como os de regionalismos, brasileirismos e de termos técnicos (NUNES, 2006, p.51). Logo, a partir da segunda metade do século, emergem os primeiros dicionários brasileiros monolíngues.

Junto aos diversos glossários elaborados por escritores como o Visconde de Pedra Branca, e romancistas como José de Alencar, tivemos uma série de obras que buscavam explicitar as diferenças entre a língua portuguesa europeia e a língua do Brasil. Uma obra lexicográfica bem ilustrativa desta realidade é o *Vocabulário Brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa* (1853), de Braz da Costa Rubim, citado anteriormente.

Resumidamente, podemos dizer que o dicionário de Rubim se apresenta, como está no próprio título, como um complemento aos dicionários de língua portuguesa. Assim, o dicionário seria:

[...] como uma ‘coleta’ de vocábulos ‘usados no Brasil’, realizada a partir dos escritos sobre ‘nossas coisas’. A acumulação, seleção e reformulação de escritos, ou seja, o trabalho de arquivo, visa a uma representação nacional do léxico brasileiro. Esse trabalho forma uma imagem de incompletude (‘não é ainda um trabalho completo’) e de uma temporalidade futura. É uma característica dos dicionários desse gênero, como se sua unidade estivesse por se concretizar em um porvir (NUNES, 2006, p.207).

Além do dicionário de Costa Rubim, podemos ainda destacar outras obras com este caráter, como a *Coleção de vocábulos e frases usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul* (1852), de Antônio Coruja, e o *Vocabulário dos termos técnicos de construção naval* (1888), de Antônio Alves Câmara (NUNES, 2006).

Enfim, ao lado das obras lexicográficas *complementares*, *regionalistas* e de *termos técnicos*, também figuraram, no final do século, os primeiros *dicionários de brasileirismos* na história da Lexicografia brasileira. Assim, chegamos ao ponto que queríamos na exposição deste percurso lexicográfico que iniciou com os relatos dos viajantes. Afinal, o *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa* é um dos dicionários representativos desta etapa da dicionarização no Brasil. No entanto, antes mesmo de falar sobre os dicionários de brasileirismos vale ressaltar, no que consiste esta categoria: *o que são brasileirismos?*

Sabemos que antes de o Brasil ser povoado pelos colonizadores portugueses, vivia nas terras do novo mundo, uma infinidade de povos indígenas falantes de inúmeras línguas, distribuídas por todo o território nacional. Junto a estas, tivemos com a chegada dos colonizadores, a inserção da língua portuguesa no cenário linguístico brasileiro. Desse modo, tivemos de início um entrecruzamento, um intercurso comunicativo bem expressivo, fazendo com que “essa linguagem oblíqua, interposta e inserida entre o elemento

originário e o português culto, [decrecesse] consideravelmente, deixando vestígios que a observação nos revela a todo instante” (RIBEIRO, 1889a, p.347).

Entretanto, os portugueses não foram os únicos a “frequentar” o novo solo americano, tivemos também a presença de holandeses, franceses e diversos outros povos europeus neste início de nação.

Por fim, acrescentam-se as línguas faladas pelos povos africanos, que viviam a realidade escravocrata no Brasil. Do mesmo modo que o tupi-guarani, as línguas africanas introduziram no vocabulário brasileiro, sobretudo das nações ou tribos do Congo, Caçanje, Angola, Moçambique e Mandinga, vários termos que facilmente entraram em nossa terminologia.

Com todos esses contatos etnolinguísticos realizados nesta fase colonial do país, o Brasil constituiu uma sociedade “híbrida, multifragmentada, com características diferentes da portuguesa”, o que também refletiu no modo peculiar de falar inúmeros vocábulos nesta terra. Para Pires de Oliveira (1998, p.111), “toda essa efervescência sociolinguística e cultural encontra-se melhor retratada no léxico, nível linguístico que melhor espelha o modo como uma sociedade vê e organiza a realidade”.

A esfera lexical foi uma das que mais fez sentir a peculiaridade da língua falada no Brasil. Assim, quando estes elementos específicos da linguagem brasileira, provenientes de outras línguas, ou que sendo da língua portuguesa passaram a ter uma significação diferente no Brasil, ou ainda que foram criados para designar o que havia de único no país (como elementos da flora e da fauna), receberam a atenção dos escritores e pensadores do século XIX, que estavam tomados por um ímpeto nacionalista na busca de uma identidade para a língua nacional, tivemos a construção de um dos argumentos mais valiosos para alegar que a língua falada no Brasil era diferente da falada em Portugal.

Desse modo, com a afirmação de uma mudança no nível léxico das competências linguísticas dos falantes da língua portuguesa no Brasil, os *brasileirismos* tomaram conta das reflexões linguísticas deste período, propiciando um legado de estudos que estão presentes até hoje entre instrumentos e pesquisas linguísticos.

Por conta disso, houve a ainda há uma variedade de textos e considerações sobre a categoria, iniciando com o artigo já citado neste capítulo, do Visconde de Pedra Branca:

[...] il faut encore ajouter celle des mots qui ont changé tout-à-fait d'acception, ainsi que celle de plusieurs autres expressions qui n'existent point dans la langue portugaise, et qui ont été empruntées aux indigènes, ou qui ont été importées au Brésil par les habitants des différentes colonies portugaises d'outre-mer. (PEDRA BRANCA, 1824-1825, p.5)

É a expressão que damos a toda a casta de divergências notadas entre a linguagem portuguesa vernácula e a falada geralmente no Brasil. (RIBEIRO, 1889a, p.333)

*Brasileirismos* são vocábulos ou locuções da língua portuguesa falada pelos brasileiros, ou modos de dizer especiais do idioma luso brasileiro.

Os *brasileirismos* ou são *léxicos* ou *sintáticos*: os primeiros respeitam às palavras, já consideradas em seus elementos fônicos, já em sua própria forma; os segundos dizem respeito à frase, ao tecido mesmo do discurso. (RIBEIRO, 1890, p.359).

Os colonos do Brasil trouxeram no século XVI as mesmas qualidades e a mesma linguagem idiomática dos precursores da época clássica; muitos dos chamados *brasileirismos* de expressão, e até de prosódia acham-se em perfeita concordância com certas peculiaridades dos séculos XVI e XV; e talvez não haja ousadia em dizer que o exclusivo gênero lírico que predomina ainda na literatura brasileira é o desenvolvimento natural da antiga poesia dos cancioneiros, transplantada sob o novo céu americano. (RIBEIRO, 1905, p.352)

Succede porém que o português do Brasil não é precisamente o português europeu: recebeu numerosos termos da população indígena, e o tupi entrou como elemento constituinte no organismo da moderna linguagem brasileira.

...

Note-se entretanto: nem todos os termos, a que eu apponho a nota de *brasileirismos*, e que como taes são considerados pelos mais conspícuos vocabularistas, como Beaurepaire-Rohan, provieram dos tupís ou foram criados por brasileiros. Muitos d'elles são velhos portuguesismos, que partiram daqui com os descobridores e colonizadores das terras de Santa-Cruz, e que lá vivem e prosperam ainda, sendo aqui já esquecidos ou mortos. (FIGUEIREDO, 1913, p.v-vi)

Da língua portuguesa que falamos e escrevemos no Brasil, há milhares e milhares de vocábulos que não têm entendimento nem significação em Portugal: nomes de plantas, de animais, de visões e aparências da terra, do céu, do mar, de utensílios de guerra, de caça, de pesca, de lavoura, de navegação, de indústria. Dessas palavras, legitimamente *brasílicas*, muitas são legados dos dialetos indígenas ou africanos: outras, porém, sem ascendência real, sem raízes nos idiomas nativos ou importados, são verdadeiras invenções do povo e diretas inspirações do torrão nacional, originadas da contemplação dos acidentes físicos do território, da luz e da cor do firmamento, da agitação dos rios e do oceano, do barulho do vento e das folhagens, do canto das aves de todas as formas e de todas as vozes do meio em que vivemos. Esse fenômeno, verificado e estudado por todos os filólogos, aparece na formação de todos os idiomas. (BILAC, 1916, p.371)

[...] qualquer fato linguístico peculiar ao português usado no Brasil, em contraste com o fato linguístico correspondente peculiar usado em Portugal ou lusitanismo. (CÂMARA JÚNIOR, 1964, apud CUNHA, 1987, p.27)

[...] entendo que os brasileirismos, ao passo que afirmam um lugar de identidade linguística brasileira, instabilizam uma certa normatividade de sentidos da língua portuguesa [...]. (OLIVEIRA, 2002, p.84)

Podemos resumi-los em dois tipos: a) elementos de língua portuguesa que passaram a ter uma significação diferente no Brasil; b) elementos provenientes de outras línguas (principalmente indígenas e africanas), que foram “incorporados” ao português. Ambos os tipos foram considerados dentro da categoria de “brasileirismos”. (NUNES, 2006, p.225)

Os brasileirismos são considerados como “termos”, “palavras” ou “expressões” que, por sua diferença de sentido ou de significação com relação à língua portuguesa, ganham um estatuto linguístico definidor de nacionalidade. (NUNES, 2006, p.226)

Com estes fragmentos, nota-se que as *caracterizações* e o *conceito* de brasileirismo apresentam uma certa hegemonia no quadro das reflexões linguísticas sobre esta categoria, visto que algumas considerações inscrevem praticamente os mesmos argumentos e as mesmas compreensões. Desse modo, podemos apontar como fatores de concordância na definição de brasileirismos: I) o fato de serem elementos da língua que só foram possibilitados devido a realidade histórica, social e linguística do Brasil, ou seja, tratam-se de exclusividades da língua que só aparecem em um contexto brasileiro de contato etnolinguístico (mesmo sabendo que muitos dos considerados brasileirismos são palavras originariamente portuguesas, podemos perceber que a mudança de espaço e tempo, condicionaram novas interpretações e significações para tais vocábulos); II) são elementos que argumentam para/com uma identidade própria para a língua falada no Brasil; III) são elementos que desenvolvem-se em uma relação de alteridade, ou seja, são componentes linguísticos cujo desenvolvimento e uso se construiu em oposição, principalmente, ao português europeu.

Desta forma, um passo considerável para a representação das ideias em torno destes elementos, para confirmar as diferenças entre o português brasileiro e o europeu, para estabelecer uma identidade para a língua falada no Brasil, para efetivar o processo de instrumentação e gramatização da língua, e perfazer um passo fundamental no processo de dicionarização brasileiro, foi a elaboração dos dicionários de brasileirismos, cujos maiores expoentes são o *Dicionário de Vocábulos Brasileiros* (1889), de Beurepaire Rohan, e o *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa*, de Antonio Joaquim de Macedo Soares.

Vale ressaltar, ainda, que nem todo defensor de um “dialeto”, “língua”, “vertente” brasileira(o), era a favor das ideias construídas ou possibilitadas pelos brasileirismos, como nos apresenta Laudelino Freire, no seguinte excerto:

*Brasileirismo*, como o está entendendo aquele areópago de humanistas, e segundo tem tomado a si demonstrá-lo o provector Sr. Solidônio Leite, é sinônimo de corruptela, e toda corruptela vocabular nunca deixou de ser escalracho da linguagem. Não continue a egrégia corporação a gastar o tempo com essas cogitações. (FREIRE, 1920, p.478)

Mesmo assim, os dicionários de brasileirismos foram essenciais para substanciar ainda mais as discussões sobre a língua nacional. Visto que, ao reunir tais elementos da língua, bem como grande parte do material lexicográfico desenvolvido até o momento, estes dicionaristas desenvolveram instrumentos representativos para a fundamentação do saber linguístico da época.

Segundo Nunes (2002, p.113), “o momento associado à identidade nacional está na produção de dicionários de brasileirismos, quando se buscava uma identidade para o povo brasileiro”. Além dos contatos etnolinguísticos, diversas condições sociais podem ser observadas na constituição da microestrutura destes instrumentos, possibilitando uma série de termos relativos à conjuntura brasileira, sejam: “designativos de raça e grupo social, termos culturais, termos do cotidiano das cidades”<sup>14</sup>.

Entre o vasto campo dos dicionários, e dentro de um processo de dicionarização e gramatização nacional, figuram estes dicionários, sendo nosso instrumento de análise, o *DBLP*, representante da modalidade.

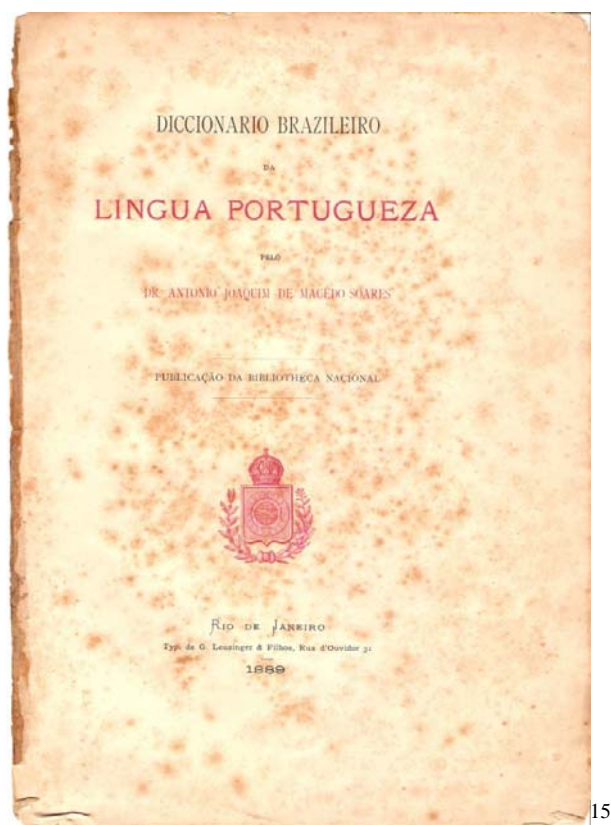
“Não são poucos, nem os piores, aqueles dicionários que não foram feitos por especialistas da linguística ou do ensino das línguas, mas antes por físicos, matemáticos, médicos, juristas, actores e jesuítas” (WEINRICH, 1979, p.314). Certamente, a verdade que esta afirmação posta pode ser concretizada na verificação do processo de dicionarização do Brasil. Se mensageiros, viajantes e jesuítas foram os primeiros a esboçar os instrumentos que caracterizaram os passos iniciais de uma tradição lexicográfica no Brasil, na continuidade desse caminhar, ainda sem a manifestação de uma “ciência” linguística no país, foram representantes de “outras áreas” os que se interessaram pela arte da lexicografia.

Assim, fazendo parte dessa realidade, Macedo Soares, jurista de formação, inclinou-se em manifestar seu já interesse pela língua falada do Brasil, na produção de seu *Glossario etymologico-critico da lingua Luzo-brasileira* ou *Elucidario das Palavras e Phrases que, sendo originarias do Brazil ou aqui vulgares, se não encontrão com forma ou significação diferente* (1874-1876), que foi alterado para *Glossario Brasileiro da Lingua Portuguesa – Vocabulario etymologico-critico do Idioma Luso-Brazileiro*, compreendendo

---

<sup>14</sup> *Ibidem*.

palavras e frases originárias do Brasil, ou aqui vulgares, que se não encontram nos dicionários da lingua portugueza, ou se encontram com forma e significação diferente (1875-1886), passou à *Diccionario Completo da Lingua Luso-Brazileira*, sendo finalmente publicado, em 1888, no Volume XIII dos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, como *Diccionario Brasileiro da Lingua Portugueza*, como correntemente ficou conhecido.



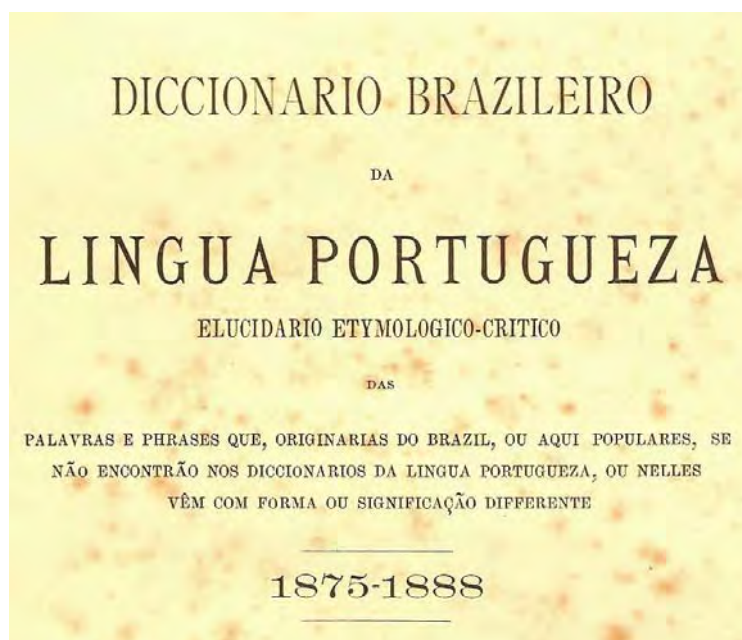
Vale ressaltar que a imagem anterior não é a capa do dicionário. O Volume XIII dos Anais está dividido em duas partes, a primeira, concerne à *Historia do Brazil*, do Frey Vicente de Salvador, e a segunda traz o *DBLP*, de Macedo Soares. A primeira página do dicionário apresenta<sup>16</sup>:

<sup>15</sup> Para a reprodução das imagens, utilizamos a separata dos Anais, publicada em 1889, o que explica a data abaixo das considerações iniciais.

<sup>16</sup> Devemos ressaltar que as considerações dispostas nesta seção do capítulo, servem no mais para apresentar e contextualizar a obra de Macedo Soares, visto que uma análise mais detalhada se encontra no quarto capítulo da dissertação.



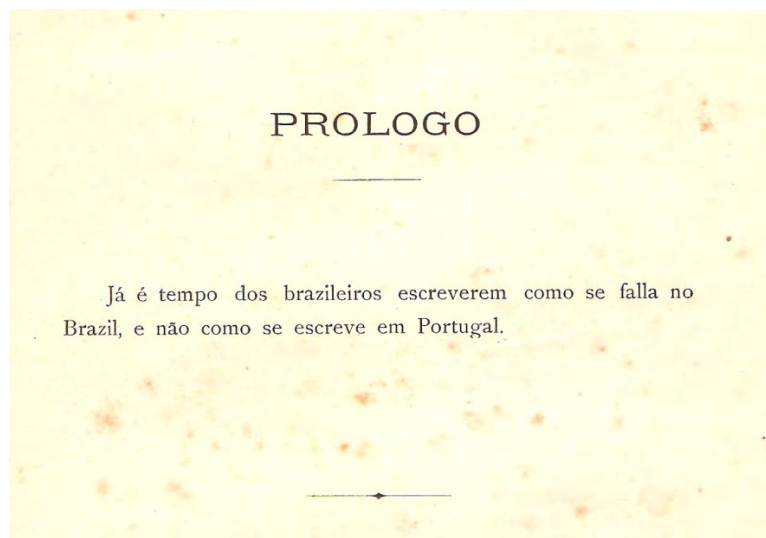
O sucinto enunciado já nos relata o valor e a representatividade que ostenta o instrumento, trata-se de um dicionário *brasileiro*, característica marcante e designação que Macedo Soares não descartou em nenhum momento do processo de elaboração do dicionário. Assim, tratando-se de um período em que se carecia de instrumentos brasileiros, e que o assunto em pauta era a legitimidade e a especificidade da língua falada no país, o jurista apresenta sua grande contribuição: é um instrumento nacional, e que busca tratar da especificidade da língua nacional, o que pode ser confirmado na quinta página do *livro*. Em nossa análise, verificamos outras questões que se arrolam em torno dessa caracterização.



“Elucidario Etymologico-critico das palavras e phrases que, originarias do Brazil, ou aqui populares, se não encontrão nos dictionarios da Lingua Portugueza, ou nelles

vêm com forma ou significação diferente”. Se faz presente neste enunciado o próprio conceito de *brasileirismo* do dicionarista, o que mostra já de início a pujança de suas intenções.

Ainda neste início de obra, o autor apresenta um prólogo no qual apresenta a utilidade e necessidade deste instrumento para a época:



Vemos claramente que Macedo Soares chama a atenção da sociedade para vivenciar uma realidade linguística genuinamente brasileira, o que valida seu instrumento: trata-se de um “dicionário brasileiro”, feito para mostrar à metrópole portuguesa que o Brasil já não é Portugal.

Ao todo foram treze anos de dedicação neste dicionário. Isso mostra que fazer um dicionário é “assunto sumamente laborioso que requer, além de capacidades científicas tão espectaculares como agudeza de espírito, fantasia, coerência e juízo crítico, muitas virtudes discretas, aparentadas com a dos artífices, como paciência, assiduidade, constância, precisão nos pormenores [...]”. (WEINRICH, 1979, p.314). No entanto, a publicação nos Anais não contou com a publicação de todo o arsenal léxico levantado pelo dicionarista nestes treze anos. Nos Anais foram publicados um total de 900 verbetes, que vão da letra A até a palavra Candeieiro.

Vale dizer que, embora apresente “apenas” 900 verbetes, realidade diferente de qualquer dicionário da atualidade, o número de indicações remissivas ressalta um trabalho muito maior efetivado pelo dicionarista. Contudo, não foi a quantidade, e sim a riqueza das definições e o valor da obra que fizeram com que o *DBLP* tivesse uma separata dos Anais, sendo reeditado novamente em 1889, um ano depois de sua primeira aparição. Mesmo assim,

ressalta o dicionarista em nota de pé de página, logo no primeiro verbete: “Protesta o A. que este livro, debaixo de todos os pontos de vista, não passa de mero ensaio”.

“Mero ensaio” ou grande obra, não podemos negligenciar o valor precursor da obra. Como nos apresenta Biderman (2002, p.71), foi a primeira tentativa de descrição do léxico brasileiro, além disso, foi a primeira obra lexicográfica *brasileira monolíngue* sob o título de dicionário.

Assim, como toda e qualquer obra que manifesta um posicionamento e um trabalho inovador, e até mesmo polêmico, o *DBLP* foi alvo de muitas críticas, como a que segue (em recorte), feita por Carlos de Laet, um dos críticos mais severos da época.

O belo trabalho de Macedo Soares parou em meio da letra C ... Muito resta a publicar ... Entendo que todos devemos exigir: venha o resto. Como prefácio da obra, disse unicamente o autor: – “É tempo dos brasileiros escreverem como se fala no Brasil, se não como se escreve em Portugal.” – Se com isto pretende aconselhar a formação daquele dialeto brasileiro do Sr. Araripe Junior, tenha paciência o Sr. Macedo Soares, que não ganhará meu voto.

Sobre a perduração do português como língua nacional e admirável liame dos diversos elementos étnicos que constituem a nossa pátria, estou tranquilo, porque tenho por mim a lição da história literária. A difusão do ensino, a crescente facilidade de comunicações, iriam matando os dialetos, se eles existissem.

Mas não vale negar, que dentro de uma língua comum, há provincianismos, idiotismos, uns escusados, outros elegantíssimos, estrangeirismos impostos pela necessidade ou pelo capricho, os quais todos devem ser reconhecidos pelos que prezam de estudiosos do idioma. O livro do Sr. Macedo Soares, é na história da língua portuguesa, noticiário palpitante de atualidades. Urge concluí-los. (LAET, 1889, p.357-358)

Podemos ver que a crítica não se faz tanto ao trabalho de Macedo, e sim ao posicionamento do jurista face a natureza da língua falada no Brasil. No entanto, considerar a categoria dos brasileirismos como “idiotismos”, e reconhecer a obra do dicionarista como “noticiário palpitante de atualidades”, não é necessariamente umas das formas mais apazíveis de se direcionar à obra. Porém, diferentemente do posicionamento de críticos como Laet, sobre a língua, e sem o tom irônico que notamos neste recorte de texto, uma série de estudiosos, dos quais destacamos nomes como Sylvio Romero, Bias Mendes, Salvador de Mendonça, e João Ribeiro, atearam considerações elogiáveis à obra, das quais destacamos a seguir (também em recortes) o artigo intitulado “Macedo Soares”, publicado em 1889, na Revista *Sul-americana*, por João Ribeiro:

O *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* é um trabalho colossal, digno de qualquer das grandes literaturas estrangeiras, e sem exemplo similar na bibliografia latino-americana. Os trabalhos de Cuervo, Arona, Zarobabel Rodrigues, De Armas, sob todos os aspectos imagináveis, são produções inferiores, muito aquém do levantado nível do livro do doutor Macedo Soares.

...

O doutor Macedo Soares tem várias produções, livros estimadíssimos em outras matérias literárias ou científicas, mas evidentemente o seu padrão de glória, o elemento capital do crédito do seu nome entre os pósteros, será esse pesado monumento filológico, para cuja integridade não deve mais poupar esforços. Esse trabalho por si só abre-lhe o registro da história intelectual da nossa pátria no período contemporâneo.

A modéstia do autor é excessiva quando classifica o *Dicionário Brasileiro* de simples “apontamentos”. Se o seu livro é uma tentativa, é pela única razão de que todos os glossários são ensaios, sujeitos continuamente à revisão dos coevos e ao acréscimo inevitável que traz o progressivo e instável cabedal das línguas.

...

O *Dicionário* do doutor Macedo Soares precisa ser convenientemente vulgarizado, e ser conhecido de todo o público legente brasileiro – pois é indispensável aos nossos homens de letras. (RIBEIRO, 1889, p.349-350)

Podemos perceber que razões para estudarmos esta obra não faltam, afinal, tanto o valor representativo do *DBLP*, quanto o número de críticas arroladas a este abrem espaço para uma série de pontos a serem observados, como a problemática dos brasileirismos, por exemplo, que como explicitaremos, foi fundamental para a criação de um imaginário de língua nacional. Também refletimos sobre a arquitetura do *DBLP* e como essa colabora no direcionamento de sua leitura, qual a configuração e particularidade da obra no quadro histórico dos dicionários, como se dá o funcionamento do espaço de enunciação que é refletido no dicionário, como se efetiva o processo de construção e os sentidos dos sujeitos socio-históricos e que habitam a textualidade do dicionário etc. Dessa maneira, nosso trabalho será o de verificar como este dicionário aborda estes pontos e quais as contribuições e leituras que são possibilitadas em seus enunciados.

Vale ainda ressaltar que o dicionário de Macedo foi publicado *integralmente* nos anos de 1954 e 1955, em dois volumes, por seu filho Julião Rangel de Macedo Soares. No entanto, trata-se de mais uma publicação póstuma, “coligida, revista e completada” por seu filho, como bem está explicitado nas páginas iniciais da obra.

## 1.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Cabe à história não dizer o que continua, mas na contínua sequência de fatos da vida compreender, ao contar, o que torna uma coisa outra. [...] Trata-se, para mim, de poder acompanhar como certos conceitos, certas noções, certas categorias se constituirão e como ao permanecerem mudaram, ou ganharam contornos específicos. Ou seja, em que momento encontramos acontecimentos pelos quais um conceito se constitui, permanece ou se torna outro. (GUIMARÃES, 2004, p.13)

Consideramos que os elementos refletidos, bem como os percursos estabelecidos neste capítulo, tenham evidenciado as ramificações que encontramos ao trilhar o caminho percorrido pelo saber linguístico, tanto em âmbito nacional, quanto ocidental. Ao revisitarmos estes percursos, verificamos que todo saber é um *produto histórico* (AUROUX, 2009, p.14). Logo, cada passo, técnica, estudo, concepção, teoria, acontecimento que emergiu, possibilitando o desenvolvimento de novos saberes, resultou de interações específicas.

Se “o ato de saber (a produção de conhecimento) não é ele mesmo algo sem relação com a temporalidade” (AUROUX, 2008, p.141), é porque quando propomos verificar as condições específicas de um instrumento, de um saber, ou de uma atividade cognitiva, vemos que uma série de *relações* e *conhecimentos* se articulam *antes* e *depois* de suas manifestações.

Visto que objetivamos compreender em que sentido o *Diccionario Brasileiro da Língua Portuguesa* trabalha a produção de ideias linguísticas e como ele nos faz entender e significar a constituição de uma língua no Brasil, mobilizaremos em nossa análise os elementos explicitados nesse capítulo, afinal, como já pudemos verificar, esse instrumento linguístico se inscreve em conjunturas históricas específicas.

Enfim, esperamos que as considerações deste capítulo façam compreender a nossa inscrição no domínio da História das Ideias Linguísticas. Desse modo, o que apresentamos até o momento deve ser visto como suporte necessário para a realização da nossa análise e para a concretização dos objetivos da pesquisa.

## CAPÍTULO II

### A SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO COMO PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA: CONSTITUIÇÃO DE UM PERCURSO E COMPREENSÃO DOS PROCEDIMENTOS

[...] bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver. Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar. Pela amplitude desta definição pode-se medir a importância que deve caber à significação. (BENVENISTE, 2006, p.222)

#### 2.1. DA ENUNCIÇÃO AO ACONTECIMENTO ENUNCIATIVO EM SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO: A ENUNCIÇÃO COMO CATEGORIA DE REPRODUÇÃO DE UM PERCURSO

A análise que pretendemos realizar, além de considerar os pressupostos expostos no capítulo anterior, tem como dispositivo os estudos enunciativos sobre a linguagem, dos quais destacamos de forma essencial a Semântica do Acontecimento, pois, foi sob uma perspectiva semântico-enunciativa que pudemos compreender o dicionário enquanto *texto*, nossa outra abordagem do instrumento.

Segundo Guimarães (1998, p.109), um domínio específico de conhecimento constitui-se historicamente. Logo, “os fatos que uma teoria busca explicar são constituídos pela teoria enquanto fatos que a história do campo específico recortou como coisa a conhecer para a teoria”. Então, para compreender o que é enunciação, visto que esta categoria foi a chave que nos possibilitou entrar em nosso campo de estudo, foi preciso fazer a história deste domínio, não só contando, mas reconstruindo o próprio saber sobre ele.

Visto isso, propomo-nos neste capítulo, revisitarmos teóricos e obras fundamentais para a composição desta perspectiva de estudo. Assim, ao final deste percurso, esperamos deixar esclarecido o que compreendemos por abordagem “semântico-enunciativa” e bem explicitada a nossa interpretação de outros conceitos da área.

#### 2.2 O PAPEL PRECURSOR DE BENVENISTE

Logo nas primeiras páginas de seu livro *Problemas de Linguística Geral I* (1966), Émile Benveniste esclarece o rápido desenvolvimento que a linguística sofreu e o aumento de obras e domínios que alçou durante o século XIX e início do XX. Uma multiplicação de trabalhos na área e grande aproximação de teorias consideradas

independentes marcaram o período pré-saussuriano. Neste, destacava-se um “caráter exclusivamente histórico”: “a história era a perspectiva necessária e a sucessividade como princípio de explicação” da doutrina linguística.

No entanto, em 1916, o *Curso de Linguística Geral*, publicado por Bally e Sechehaye, e no qual constavam apontamentos estabelecidos por Ferdinand de Saussure em seus cursos de linguística proferidos entre 1906 e 1911, viria marcar para sempre a história da linguística moderna. Principais pontos do curso, como as famosas dicotomias, língua/fala, sincronia/diacronia, relações sintagmáticas/relações associativas, significado/significante e a noção de língua como sistema de signos seriam os axiomas responsáveis por estabelecer um corte nos estudos linguísticos, dividindo a linguística em uma pré e uma pós-saussuriana. Assim, o corte saussuriano foi o responsável pelo estabelecimento da linguística enquanto ciência geral, com objeto e método definidos.

Para Benveniste (1966, p.5), “a novidade do enfoque saussuriano [...] consistiu em tomar consciência de que a linguagem em si mesma não comporta nenhuma outra dimensão histórica, de que é sincronia e estrutura, e de que só funciona em virtude da sua natureza simbólica”. Filiado aos pressupostos de Saussure, partilhando e discutindo os conceitos de estrutura e signo, Benveniste inseriu, de forma singular, novas ideias no cenário linguístico, principalmente, por articular estrutura e sujeito.

O linguista francês possui um lugar de destaque na história da linguística, por ser o primeiro a refletir sobre o que chamamos, a partir de seu texto “L’appareil formel de l’énonciation” (1970), de *enunciação*. Partindo de pressupostos saussurianos, mas ao mesmo tempo instaurando um pensamento diferenciado sobre a linguagem, Benveniste pode ser considerado neste novo “habitat” de estudo um precursor.

Para Benveniste (1970, p.12), “a enunciação é a língua posta em funcionamento por um ato individual de utilização.”<sup>17</sup>. Este conceito, canônico, resume uma série de informações para compreendermos o que é enunciação nos moldes benvenistianos. Desmembrando o conceito, podemos definir alguns *paramètres* ou categorias necessários para a realização desta.

---

<sup>17</sup> “L’énonciation est cette mise en fonctionnement de la langue par un acte individuel d’utilization.” (BENVENISTE, 1970, p. 12)

Uma primeira categoria seria o locutor. O locutor é, para Benveniste, o responsável pela enunciação<sup>18</sup>, pois é “a relação do locutor com a língua que determina as características linguísticas da enunciação”<sup>19</sup>. Ao se “apropriar” da língua para proferir seu enunciado, ao tomá-la como “instrumento”, o indivíduo assume uma posição de locutor, denotativamente representado por um “eu” (*je*), que se direciona a um alocutário, “tu” (*tu*). A relação eu-tu (*je-tu*) é, desta forma, o indício de pessoa que é produzido na e pela enunciação. A presença do locutor na enunciação faz com que cada instância do discurso seja determinada por este jogo de formas específicas, que são representadas pelos pronomes citados. Desta forma, a categoria eu-tu é uma das estruturas fundamentais da enunciação.

Outra categoria da enunciação é o espaço. Cada instância de enunciação proferida por um locutor possui um espaço de realização, que também influencia no momento da enunciação. Da mesma maneira que o locutor possui formas específicas para representar a sua categoria, o espaço é caracterizado pelo advérbio “aqui” (*ici*). A categoria espacial ostenta o lugar de realização da enunciação, o que também faz do “aqui”, estrutura básica da enunciação.

Por fim, temos o tempo. Em realidade, “da enunciação procede a instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo”<sup>20</sup>. Como origem (*source*) do tempo, o presente é a presença no mundo que o ato de enunciação possibilita, pois, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” (*maintenant*), de inserir o discurso no mundo, senão pelo presente. O “presente” é o que marca o “agora”, é inerente à enunciação, delimitando por referência interna a esta estrutura uma temporalidade, distinguindo o que será o antes e o depois, configurando ao ato singularidade.

Então, pensar que a enunciação é a língua posta em funcionamento por um ato individual de utilização, significa dizer que ao ser tomada pelas categorias dêiticas citadas, locutor, espaço e tempo, formalmente designadas por eu, aqui e agora, enunciar é transformar

---

<sup>18</sup> “L’acte individuel par lequel on utilise la langue introduit d’abord le locuteur comme paramètre dans les conditions nécessaires à l’énonciation. Avant l’énonciation, la langue n’est que la possibilité de la langue. Après l’énonciation, la langue est effectuée en une instance de discours, qui émane d’un locuteur, forme sonore qui atteint un auditeur et qui suscite une autre énonciation en retour.” (BENVENISTE, 1970, p.14)

<sup>19</sup> “La relation du locuteur à la langue détermine les caractères linguistiques de l’énonciation.” (BENVENISTE, 1970, p.13)

<sup>20</sup> “De l’énonciation procède l’instauration de la catégorie du présent, et de la catégorie du présent naît la catégorie du temps.” (BENVENISTE, 1970, p.15)

a língua, que enquanto competência é virtual, em discurso, de forma individual<sup>21</sup>. Individual, porque todas as vezes que a língua é pronunciada, temos um locutor diferente, em espaço e tempo distintos. Logo, a alternância de uma dessas categorias confere uma instância de discurso nova e um momento de enunciação irrepitível.

Ao apropriar-se do aparelho formal da enunciação, apropriando-se assim da língua, o locutor produz novos usos e sentidos novos. Para Benveniste, “é a semantização da língua que está no centro da enunciação”<sup>22</sup>.

Ainda para o autor (1966, p.130), “o sentido é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter status lingüístico”. Como “condição” indispensável da análise lingüística, Benveniste inicia uma discussão que “persegue” toda a lingüística moderna, a relação entre *forma* e *sentido*. Enquanto “a forma de uma unidade lingüística define-se como a sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior” (BENVENISTE, 1966, p.135), o sentido “define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior” (BENVENISTE, 1966, p.136). Desta maneira, forma e sentido são “propriedades conjuntas, dadas necessária e simultaneamente, inseparáveis no funcionamento da língua”. No que se refere ao sentido, identificar a capacidade de exercer a “função proposicional” de uma unidade lingüística e enumerar as funções que essa unidade está apta a exercer nos possibilita compreendermos o aspecto significativo que cada segmento da língua possui. Temos em mente que o sentido é “implícito”, inerente ao sistema da língua (relação entre forma e sentido), no entanto, ao mesmo tempo, em situações concretas e específicas, sabemos que cada enunciado, e cada termo do enunciado, tem um “*referendum*”, ou seja, refere-se a objetos do mundo: é por meio deste mecanismo único, referência, que ocorre o processo de “semantização” da língua, conforme explicita Benveniste. E este processo de semantização, como já dissemos, é central na/da instância da enunciação.

### 2.3 DIZER E ENUNCIAR: CONTRIBUIÇÕES DUCROTIANAS

Nesse âmbito de estudos Oswald Ducrot é outro nome que devemos destacar nos estudos enunciativos. Na mesma rede de filiações que Benveniste, sua obra

---

<sup>21</sup> “L’*énonciation* suppose la conversion individuelle de la langue em discours.” (BENVENISTE, 1970, p.13)

<sup>22</sup> “C’est la *sémantisation* de la langue qui est au centre de cet aspect de l’*énonciation*.” (BENVENISTE, 1970, p.13)

também manifesta contribuições saussurianas. Suas pesquisas instauram os domínios da disciplina chamada Pragmática semântica ou Pragmática linguística, cujo problema fundamental é “saber por que é possível servir-se de palavras para exercer uma influência, porque certas palavras, em certas circunstâncias, são dotadas de eficácia” (DUCROT, 1987, p.163).

Antes de explicitarmos a(s) definição(ões) de enunciação elaborada(s) por Ducrot, devemos ressaltar alguns pressupostos que serão importantes para a compreensão desta(s), e também para a compreensão de nossa visão sobre outros conceitos linguísticos.

Devemos distinguir, primeiramente, duas entidades básicas: *frase* e *enunciado*. Para Ducrot (1989, p.13), “o enunciado é um segmento de discurso. Ele tem, pois, como o discurso, um lugar e uma data, um produtor e (geralmente) um ou vários ouvintes. É um fenômeno empírico, um observável, e, a este título, não se repete”. Já a frase “é uma estrutura abstrata, ou seja, algo diferente de uma sequência de palavras escritas” (DUCROT, 1989, p.14). Outras designações dadas por Ducrot (1984, p.368), provindas do inglês, para estas categorias são, *type* (frase) e *token* (enunciado). *Type* é a “entidade abstrata recorrente”, enquanto *token* é a sua “manifestação concreta”. O enunciado é um fragmento do discurso, enquanto a frase é uma construção do linguista que permite dar conta dos enunciados (DUCROT, 1987, p.166). Embora sejam diferentes, estas unidades relacionam-se entre si. A frase é “um conjunto de instruções a partir das quais é possível construir, dada uma situação de enunciação, a interpretação do enunciado – e, nomeadamente, o seu valor informativo (DUCROT, 1987, p.372), assim, “um enunciado é sempre a realização de uma frase” (DUCROT, 1987, p.373). Por realização linguística, compreendemos a “atividade psicofisiológica que conduziu o locutor a dizer aquilo que disse, e cujo produto são as palavras, pronunciadas ou escritas” (DUCROT, 1987, p.369). Podemos ainda dizer que uma mesma frase deu lugar a diversos enunciados, mas nunca podemos afirmar que alguém repetiu várias vezes o mesmo enunciado” (DUCROT, 1987, p.369).

Enunciado e frase são entidades do nível elementar, em um nível complexo temos o discurso e o texto. A palavra discurso designa “uma sequência de enunciados ligados entre si” (DUCROT, 1987, p.369), portanto, enunciado e discurso se relacionam, sendo o enunciado, como o próprio Ducrot expõe, um segmento do discurso. Já a frase se relaciona com o texto. O texto é uma sequência de frases, e da mesma forma é do domínio das entidades abstratas. Em síntese, frase e texto pertencem a um nível gramatical e o enunciado e o discurso são as categorias da língua que nos interessam neste estudo.

A distinção entre frase/texto e enunciado/discurso nos conduz a distinguirmos ainda os valores semânticos destas entidades: de modo totalmente arbitrário, a palavra ‘significação’ refere-se à representação semântica da frase ou do texto, e a palavra ‘sentido’ para a representação do enunciado ou do discurso<sup>23</sup>. Em geral, concebe-se que entre sentido e significação existe uma diferença de “grau”: há no sentido tudo o que há na significação, no entanto, não estão presentes na significação nem o valor referencial, nem o valor ilocutório que estão presentes no sentido. Mas, segundo Ducrot (1987, p.170), entre significação e sentido existe, ao mesmo tempo, uma diferença de estatuto metodológico e uma diferença de natureza. De estatuto metodológico porque, para o semanticista, “o sentido pertence ao domínio do observável, ao domínio dos fatos: o fato que temos de explicar é que tal enunciado tem tal(is) sentido(s), ou seja, que ele é suscetível de tal(is) interpretação(ões)” e a significação é o objeto teórico etiquetado “para dar conta de modo sistemático da associação ‘observada’ entre sentidos e enunciados”. E de natureza, pois “a significação não se encontra no sentido como parte sua: ela é, no essencial pelo menos, constituída de diretivas, ou ainda de instruções, de senhas, para decodificar o sentido de seus enunciados”. (1989, p.14), já o sentido é “descrição da enunciação” (1987, p.172).

No início do capítulo “Estruturalismo, enunciação e semântica<sup>24</sup>”, presente no livro *O dizer e o dito* (1987), Ducrot (p.63) afirma que “uma lingüística da língua é impossível se não for também uma lingüística da fala”. Em termos saussurianos, “a língua (como objeto teórico) deve conter uma referência àquilo que para Saussure constitui a fala” (DUCROT, 1987, p.64). A relação dos dois termos se dá pelo fato de o objeto teórico língua não poder ser construído sem fazer alusão aos “acontecimentos históricos que são os diversos atos de comunicação efetivamente realizados”, os atos da fala. Então, em horizontes ducrotianos, língua e fala não são fenômenos independentes, o que faz a divisão proposta por Saussure não passar de oposição metodológica.

A relevância desta consideração ducrotiana é fundamental para compreendermos a principal tese de Ducrot: a teoria ADL ou “a argumentação na língua<sup>25</sup>”. A clássica teoria da argumentação, elaborada por Ducrot em parceria com Jean-Claude Anscombre, consiste em dizer que a língua desempenha na argumentação uma concepção que vai além daquela que a considera “um conjunto de frases semanticamente descritas” (1989,

---

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 372.

<sup>24</sup> Uma primeira formulação deste artigo foi publicado em *Poétique* (1978,p.107-125)

<sup>25</sup> “L’argumentation dans la langue” (ANSCOMBRE, J.-C. ; DUCROT, O., 1976, p.5-27)

p.17). Dizer que a argumentação está na língua, significa dizer que a argumentação é diretamente determinada pela frase, assim, as próprias frases são argumentativas. Para o francês, “certas frases contêm instruções que determinam a intenção argumentativa a ser atribuída a seus enunciados: a frase indica como se pode, e como não se pode argumentar a partir de seus enunciados” (DUCROT, 1989, p.18). Certas unidades da língua podem, em enunciados cujo conteúdo factual seja o mesmo, interferir nos valores argumentativos, argumentando de forma diferente, por isso a argumentação é intrínseca à língua.

É em “L’argumentation dans la langue” 1976, que Ducrot e Anscombe concebem uma definição fundadora de enunciação:

*A enunciação será para nós a atividade linguageira exercida por aquele que fala no momento em que fala. Ela é, pois, por essência histórica, acontecimento<sup>26</sup>, e, como tal, não se reproduz jamais duas vezes idêntica a ela mesma. O enunciado-ocorrência será o objeto da enunciação; estas duas noções estão intimamente ligadas, e se consideramos a enunciação como um processo, o enunciado-ocorrência é deste então o produto (linguístico) (DUCROT, 1976, p.18)<sup>27</sup>.*

Para os autores, a enunciação é um processo essencialmente histórico, é acontecimento e não se repete. Embora, partilhe da mesma definição benvenistiana de que a enunciação é uma ação individual e irrepetível, já nesta definição a enunciação não se trata de uma ação de *apropriação* da língua, como considera Benveniste. Assim, considera-se aqui que o sentido do enunciado é a representação que ele faz de sua enunciação, ou seja, do acontecimento do seu aparecimento (GUIMARÃES, 2005, p.57).

Em “Enunciação” (1984, p.379), Ducrot ressalta que “o acontecimento lingüístico é a enunciação, compreendida [...] como o aparecimento do enunciado ou do discurso, como a sua erupção num lugar determinado da história”. Na estrutura da enunciação proposta por Ducrot, “cada ato de enunciação constitui um acontecimento único, que implica um locutor particular” (1987, p.65), ou seja, não trata-se da apropriação da língua por parte de um locutor, e sim, a existência da enunciação que condiciona um locutor, que é o responsável

---

<sup>26</sup> Traduzimos “*événementielle*” por acontecimento, na falta de haver em língua portuguesa um adjetivo que melhor traduzisse o sentido do termo. No entanto, tal como os autores expõe, o acontecimento é característica do processo.

<sup>27</sup> “L’*énonciation* sera pour nous l’*activité langagière exercée par celui qui parle au moment où il parle*. Elle est donc par essence historique, événementielle, et, comme telle, ne se reproduit jamais deux fois identique à elle-même. L’*énoncé-occurrence* sera *ce qui fait l’objet de l’énonciation* ; ces deux notions sont intimement liées, et si l’on considère l’*énonciation* comme un *procès*, l’*énoncé-occurrence* en est alors le *produit* (linguistique).” (DUCROT, 1976, p.19)

pela realização lingüística – “o agente psicofisiológico de que resulta o ato de fala, aquele que escolhe as palavras e as pronuncia” (1984, p.386). Então, diferentemente da estrutura enunciativa de Benveniste, cujo locutor é categoria principal, na sua estrutura enunciativa, Ducrot sugere a introdução de outro termo como categoria principal, a *situação*. Introduzir a situação na estrutura da enunciação “equivale a dizer que o ato da fala se apresenta ele próprio como situado” (1984, p.392). Desta maneira, “a enunciação, é pois, ainda, descrita, como uma reação motivada pela representação de uma situação” (1987, p.176).

Em “Esboço de uma teoria polifônica da enunciação”, presente do livro *O dizer e o dito* (1987), Ducrot retoma vários conceitos que já expusemos, e apresenta três acepções de enunciação (1987, p.168-169). Logo, enunciação pode ser: a) “atividade psicofisiológica implicada pela produção do enunciado (acrescentando-lhe eventualmente o jogo de influências sociais que a condiciona)”; b) “produto da atividade do sujeito falante, quer dizer, um segmento de discurso, ou, em outros termos, o que acabo de chamar ‘enunciado’”; c) “acontecimento construído pelo aparecimento de um enunciado”.

Ainda neste artigo, o linguista da Semântica Pragmática expressa a sua preferência pela última acepção que descrevemos. Para o teórico, “a realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico: é dado existência a alguma coisa que não existia antes de se falar e que não existirá mais depois”. É esta aparição momentânea que ele chama de ‘enunciação’. Desta forma, Ducrot centraliza a enunciação no espaço e no tempo, diferentemente de Benveniste que centraliza no locutor. Portanto, a enunciação não é mais definida como “ato individual”, e sim como “acontecimento histórico”. O enunciado carrega a ideia de construção histórica, e é referir o acontecimento histórico o que se concebe enunciação.

Feitas estas considerações, ainda em Ducrot, devemos compreender a teoria da polifonia, para que possamos finalizar nossas observações do autor.

O conceito de polifonia, em Ducrot, condiz em “mostrar como o enunciado assinala, em sua enunciação, a superposição de diversas vozes” (DUCROT, 1987, p.172), ou seja, Ducrot contesta a tese de que na base de um enunciado exista uma “unicidade de sujeito”. Para compreendermos como se dá o conceito de polifonia, precisamos apresentar outra divisão: para Ducrot, o sujeito falante reúne três instâncias distintas: “o sujeito falante, propriamente dito, indivíduo que pertence ao mundo, o locutor responsável pela enunciação face a seu alocutário, e o enunciator responsável pelos atos ilocucionários, isto é, pelos efeitos produzidos sobre seu destinatário” (PAVEAU-SARFATI, 2006, p.185).

O sujeito empírico, ou sujeito falante, não nos interessa neste quadro polifônico. O que nos interessa são as outras instâncias, o locutor e o enunciador. A polifonia é um desdobramento do locutor, agente responsável pela enunciação, em várias vozes enunciativas. Os enunciadores, desta forma, são as vozes, pontos de vista, que o locutor põe em cena nos enunciados. Assim, o enunciador é uma perspectiva expressa pela enunciação, cuja identificação só é possível por intermédio do locutor.

Em linhas gerais, a ideia de enunciação enquanto acontecimento histórico, a ideia de enunciado enquanto construto histórico, a diferença entre enunciado/frase, discurso/texto, sentido/significação e sujeito empírico/locutor/enunciador são conceitos fundamentais da obra ducrotiana que contribuíram não só para a nossa análise, como também para o desenvolvimento de uma ciência semântica e dos estudos enunciativos da linguagem, portanto, não poderiam faltar neste caminho que percorremos.

#### 2.4 DIÁLOGO ENTRE ENUNCIÇÃO E ANÁLISE DE DISCURSO<sup>28</sup>

Seguindo o percurso que a categoria da enunciação tem percorrido desde o início do século XX, e as contribuições que tem alçado para os estudos linguísticos deste século, devemos ressaltar um diálogo fundamental, e cujas considerações se refletiram em nossas análises: *Enunciação e Análise de Discurso*. Segundo Guilhaumou e Maldidier (1989, p.70), a enunciação é a categoria que “abre a possibilidade de realizar a história da análise de discurso”.

Os primeiros pontos de referência da história da AD, em 1970, funcionaram sobre a dicotomia *enunciado/enunciação*, tal como formulou Benveniste<sup>29</sup>. Esta perspectiva problematizou questões centradas na ideia não questionada de um sujeito subjetivo e na elaboração de tipologias a partir das marcas enunciativas. Porém, situada entre preocupações de ordem histórica e teórica, a AD fez avançar a questão do sujeito, “arrancando-o a uma visão psicologizante, por um lado, e à empiricidade imediata das situações de comunicação, por outro”,<sup>30</sup>.

---

<sup>28</sup> Grande parte das reflexões pensadas nesse tópico foram possibilitadas pela leitura do artigo “Da enunciação ao acontecimento discursivo em análise do discurso”, escrito por Jacques Guilhaumou e Denise Maldidier.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p.61.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p.62.

Nos primeiros estudos realizados pela AD, a questão da enunciação desenvolvia-se em torno da noção de *estratégias discursivas*:

Tratava-se de circunscrever os afrontamentos entre sujeitos empíricos que conferiam legitimidade e aceitabilidade a práticas discursivas. Uma tal relação entre enunciação e ideologia, tomada no sentido marxista do termo, desfazia a estrutura enunciativa: o aparelho formal da enunciação não era mais o único meio para posicionar sujeitos em uma conjuntura. Quanto aos sujeitos da enunciação, eram sujeitos determinados por um exterior ideológico, sujeitos plenos, dir-se-ia então. (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1989, p.62)

A enunciação, então, sob a perspectiva da AD, era abordada de forma bem heterogênea, e não ocupava o primeiro lugar nas reflexões produzidas por esta área de estudos.

Entretanto, a partir de uma nova configuração da AD, propiciada por Michel Pêcheux: a proposta de um deslocamento em direção a uma reflexão teórica sobre a forma-sujeito e as ilusões da transparência do sentido, do sujeito – fonte de sentido, a enunciação se formulava em um *metadiscurso*<sup>31</sup>. Como nos mostra Pêcheux em *Semântica e Discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio (*Les Vérités de la Palice*), “designa-se por enunciação, ao mesmo tempo, o fato do sujeito ser o suporte de seu enunciado e o conjunto dos efeitos subjetivos (conteúdos psicológicos variados) subjacentes a esse enunciado” (Pêcheux, 2009, p.58-59).

Nessa nova abordagem, a língua não é mais tomada como sistema, como observamos em Benveniste e Ducrot. Enquanto ligada à história e aos sujeitos falantes, a língua não é mais concebida apenas como estrutura, como pensada por Saussure.

Com Michel Pêcheux, tivemos transplantado para a Análise de Discurso um conceito fundamental: o de formação discursiva, tal como propôs Foucault, em sua *Arqueologia do Saber* (1969).

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*. (FOUCAULT, 1969, p.43)

---

<sup>31</sup> *Ibidem*, p.63.

A noção de formação discursiva é um pressuposto básico para a Análise de Discurso, “pois permite compreender o processo de produção de sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso” (ORLANDI, 2010, p.43). A formação discursiva, como nos mostra Foucault, se define como aquilo que a partir de uma condição ideológica específica determina a possibilidade do dizer.

Assim, as formações discursivas, bem como as noções de “formas de repartição” e “sistemas de dispersão”, também de Foucault, reconfiguram a concepção de enunciação, que neste momento reaparece “sob a categoria da *contradição* que seria designada, de forma mais descritiva, de *heterogeneidade* e, sob uma outra categoria, a do *acontecimento*”(GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1989, p.64), centro atual das preocupações da AD.

Ao chegarmos neste ponto de nossa reflexão, verificamos que tanto a heterogeneidade, quanto o acontecimento discursivo, permitem circunscrever o papel que a enunciação empreendeu na história da AD.

Segundo Guilhaumou e Maldidier (1989, p.65), as reflexões iniciadas por Michel Pêcheux sobre a divisão de sentido receberam novos desenvolvimentos, e novos questionamentos sobre as regras de formação do enunciado são abertos. A noção de enunciado dividido, proposto por Courtine, permitia abordar a questão do heterogêneo no interior da formação discursiva. Nessa fase da AD entraram em cena os trabalhos de Jacqueline Authier-Revuz, cuja temática era centrada na presença do outro no discurso dos falantes.

Considerando todos estes trabalhos, Michel Pêcheux enfatiza um deslocamento em torno da questão do sujeito. “A descrição do sujeito enunciativo, definido por uma legitimidade externa, acabava por diluir-se nos mecanismos institucionais, tornando-se impossível localizar suas racionalidades históricas e linguísticas” (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1989, p.66). Assim, a constância da razão enunciativa existe apenas na *singularidade do acontecimento*. “Este sujeito enunciador não está mais no centro dos processos de legitimidade: ele está em outro lugar, lá onde apenas as descrições locais podem recuperá-lo e categorizá-lo”<sup>32</sup>.

Em uma perspectiva histórica o sujeito se constrói em uma dispersão de enunciados da qual ele é o elemento unificador. Instalado nos dispositivos de arquivo, ele

---

<sup>32</sup> *Ibidem*, p.66.

intervém no exato momento em que algo é enunciado. Dessa forma, a noção de enunciação cede espaço à de acontecimento, que se opera em um duplo deslocamento: 1) “as marcas enunciativas, não sendo mais consideradas no início da análise, são deslocadas e dependem de um processo singular de construção do sujeito da enunciação”; 2) “em uma perspectiva histórica, toda interpretação de um lugar enunciativo necessita levar em conta a consciência linguística da época considerada e a forma como a questão da enunciação é colocada nesse período”<sup>33</sup>.

Pela abordagem do acontecimento discursivo, podemos, concomitantemente, caracterizar fatos de língua e conhecer proposições de sujeitos históricos e sua consciência linguística.

Enfim, podemos dizer que a partir das contribuições de analistas como Pêcheux, Courtine e Authier-Revuz, tivemos um deslocamento que fez emergir novas caracterizações do discurso, que passaram a focar além de questões relativas às condições de produção e constituição do *corpus*, o *valor reflexivo da enunciação*, de um metadiscurso.

Ao mostrarmos como se deu o envolvimento da enunciação com o estudo do discurso, sob uma perspectiva pêcheuxtiana, vimos a configuração específica de algumas categorias como a de *formação discursiva*, *heterogeneidade* e *acontecimento discursivo*. Então, como este espaço tem tratado das questões recorrentes à AD, gostaríamos de apresentar dois outros pressupostos desta área de estudos, também introduzidos ou evidenciados por Michel Pêcheux, que serão mobilizados para a nossa análise: o *interdiscurso* e a relação *sujeito/ideologia*. Iniciemos essas considerações por esta última relação.

Sabemos que para a Análise de Discurso de linha francesa, o conceito de ideologia é um termo central. É com base nas teorias marxista e althusseriana que Pêcheux vai introduzir em sua teoria do discurso o termo ideologia. Em *Semântica e Discurso*, Michel Pêcheux fez toda uma reflexão sobre a aparição e emprego do termo ideologia e como este é importante na forma-sujeito do discurso, nas condições de reprodução e transformação das relações de produção, o que possibilita afirmações como “só há prática através de e sob uma ideologia” e “só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos” (PÊCHEUX, 2010, p.135), o que nos leva a concluir que *não há sujeito sem ideologia*, e é nos embasando nestes pressupostos que podemos considerar como Orlandi (2010, p. 17) que, “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para sujeitos”.

---

<sup>33</sup> *Ibidem*, p.67.

É a ideologia que torna possível a palavra/coisa. Para isso têm-se as condições de base, que é a língua, e o processo, que é discursivo, onde a ideologia torna possível a relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo. Ou, em outras palavras, reúne sujeito e sentido. Desse modo o sujeito se constitui e o mundo se significa. Pela ideologia. (ORLANDI, 2010, p.95-96)

Ao focarmos no acontecimento discursivo e no processo de enunciação teremos sempre uma ideologia mantendo em funcionamento as roldanas de uma sociedade, de uma língua, de uma história que, no caso deste estudo, foi enunciada por um sujeito (o lexicógrafo) e materializada em um instrumento linguístico (o dicionário). Isto fez com que o dicionário fosse concebido como material significante que é tomado por uma ideologia. Para melhor configurar o termo ideologia em nosso estudo, consideraremos a seguinte afirmação:

Se pensarmos a ideologia a partir da linguagem [...] não a tratamos como visão de mundo, nem como ocultamento da realidade, mas como mecanismo estruturante do processo de significação. Pelo que podemos expor, a ideologia se liga inextricavelmente à interpretação enquanto fato fundamental que atesta a relação da história com a língua, na medida em que esta significa. A conjunção língua/história também só pode se dar pelo funcionamento da ideologia. (ORLANDI, 2010, p.96)

Podemos depreender então que, ao verificar como a ideologia está presente no dicionário de Macedo Soares, pudemos observar melhor como se configuram os sentidos e as posições de um sujeito que é brasileiro/lexicógrafo/juiz/abolicionista. Em outras palavras, observamos como um sujeito afetado por circunstâncias históricas materializou significados neste instrumento linguístico, pois é na relação entre a língua e a história que a ideologia se manifesta, se enuncia, *acontece*. Na perspectiva discursiva a materialidade é o que permite observar a relação do real com o imaginário, ou seja, a ideologia que funciona pelo inconsciente, assim a materialidade específica da ideologia é o discurso.

Esclarecida a relação sujeito/ideologia, passemos a considerar o conceito de *interdiscurso*. Segundo Orlandi (2010, p.31), o interdiscurso “é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente”. Trata-se de uma memória pensada em relação ao discurso, de uma memória discursiva. “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2010, p.31). Dessa forma, ao observar o interdiscurso, temos acesso a uma filiação de dizeres que nos possibilitam compreender o funcionamento do discurso, e a relação entre sujeito e ideologia explicitada anteriormente.

Ao considerar o interdiscurso, vemos configurar outra categoria, a memória. Entre o linguístico e o histórico, “a memória suposta pelo discurso é sempre construída na enunciação” (ACHARD, 2007, p.17). Dessa forma, voltamos a refletir sobre a categoria que permitiu traçarmos este caminho, a enunciação. É pela enunciação que vemos significar o interdiscurso, é no acontecimento discursivo e na sua relação com um já-dito que novos sentidos são construídos para um dizer.

Dessa forma, chegamos ao fim das explicitações sobre Enunciação e Análise de Discurso. Esperamos que as considerações dispostas em torno dessa articulação tenham sido esclarecedoras para a compreensão das condições teóricas deste estudo, visto que esse diálogo é fundamental para colocarmos em tela as considerações de uma Semântica do Acontecimento.

## 2.5 ENUNCIÇÃO E PRAGMÁTICA: UM DESVIO EM NOSSA CAMINHADA

A necessidade de incluirmos um tópico para discutirmos a relação entre pragmática e enunciação deveu-se pela persistência que o termo “pragmática” apareceu durante o caminho teórico que percorremos, e principalmente à leitura do livro *Relações entre pragmática e enunciação* (2002), organizado por Ana Zandwais<sup>34</sup>.

Ao reportarmo-nos a uma afirmação de Zandwais (2002, p.7) proferida no livro acima citado, conseguimos entender o principal ponto de articulação entre enunciação e pragmática: “a linguagem não significa senão em relação a uma exterioridade que a determina e da qual não pode ser abstraída”. Visto isso, não há como “dissociar” da relação sujeito/linguagem/sentido, as “instâncias do dizer”. No entanto, o tratamento desta exterioridade remete a perspectivas teóricas, que ora aproxima, ora distancia o diálogo entre a enunciação e questões pragmáticas. Portanto, busquemos na articulação deste diálogo as contribuições para a nossa pesquisa.

O primeiro domínio de fronteiras que nos mereceu ser destacado figura-se entre a Pragmática e a Análise do Discurso. Neste domínio, o que colocamos em relevo foram as concepções de sujeito que são propostas pelas duas disciplinas.

Segundo Possenti (1996, p.76), para a Pragmática, a relação do falante com a língua “é postulada de forma não só a permitir, mas a exigir que o falante individual (falante

---

<sup>34</sup> ZANDWAIS, Ana. (Org.). *Relações entre pragmática e enunciação*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2002.

ou ouvinte) seja concebido como detentor de um certo conhecimento em relação à língua e às circunstâncias de utilização da língua”. Desta maneira, de forma consciente, o “falante/autor” seleciona as formas adequadas para obter os efeitos que deseja da forma mais eficaz possível. Em síntese, “o falante sabe o que está acontecendo quando participa de um evento discursivo e tem, ao participar dele, intenções que busca tornar conhecidas e objetivos que busca concretizar”.

Já para a Análise do Discurso, “tanto os elementos linguísticos (em especial, o sentido) quanto os elementos das condições de produção são concebidos como se fossem inacessíveis ao sujeito, de maneira que a relação que o sujeito tem com eles pode ser descrita como de desconhecimento”. (POSSENTI, 1996, p.78). Então, o sujeito da Análise do Discurso não é intencional, ele é “mais uma peça e uma função do que agente ou mesmo ator”.

Para que não prolonguemos ainda mais as discussões deste domínio, podemos dizer, de forma resumida, que as principais diferenças entre AD e pragmática são: o fato de a AD trabalhar com a noção de “prática” e a pragmática com a de “ação”, a AD trabalhar com a noção de “funcionamento” e a pragmática com a de “operação”, a pragmática trabalhar com “interação” e a AD com os “efeitos de sentido”, a pragmática trabalhar com a “interlocução” e a AD com o “discurso”, e principalmente, a pragmática trabalhar com a noção de sujeito enquanto “locutor” e a AD com a noção de “posição” (ORLANDI, 1996, p.32).

Vistas estas considerações, a questão comum que é posta pela pragmática e pela AD, a relação entre língua e exterioridade deve ser tratada com muito cuidado, pois o confronto entre estes campos do saber se dá pela natureza da relação linguagem/exterioridade (ORLANDI, 1996, p.27).

Um segundo domínio de fronteiras, estabelece-se entre semântica e pragmática. Para Guimarães (2002, p.36), o espaço em que se cruzam estas duas disciplinas, coloca como ponto específico questões sobre a significação, assim, “os estudos da significação trazem sempre de volta para a questão da linguagem a sua exterioridade: o sujeito, a história, o mundo”.

Considerando a relação entre as disciplinas que estamos discutindo e o caminho que estamos percorrendo desde Benveniste, observamos que há uma distinção no tratamento da exterioridade na linguagem, que ocasiona duas linhas de posicionamentos:

Uma linha que considera o sentido como “a intenção do falante em comunicar algo ao ouvinte” (GUIMARÃES, 2002, p.38). Nesta, o sentido de uma expressão depende da situação. Neste posicionamento, “a questão do sujeito é posta como uma relação entre interlocutores como usuários, como quem usa a linguagem como instrumento para realizar algo, ou manifestar intenções”. O que aí se considera como enunciação é o ato de dizer algo para alguém. A enunciação nesta perspectiva não diz respeito à língua.

Já a outra perspectiva não reduz o sentido à intenção do locutor. Nesta, para compreendermos “a constituição do sentido, devemos considerar que o funcionamento da língua, que constitui a enunciação, é histórico” (GUIMARÃES, 2002, p.44), desse modo, o sentido é afetado por uma memória que faz a língua funcionar e significar no acontecimento enunciativo. Neste posicionamento, tratamos a questão do sujeito como uma questão linguística, ou seja, “o que interessa da questão do sujeito é o que ela tem de linguístico”.

Enfim, o primeiro posicionamento, formalista, intencionalista, no qual o sujeito é pré-existente, psicológico, é o concebido pela Pragmática. E o segundo posicionamento, da constituição linguística do sujeito, é mantido pela Semântica.

Em linhas gerais, verificamos que os diversos modos de tratamento da exterioridade na linguagem exigem que sejam estabelecidas algumas diferenças entre as considerações sobre enunciação que concebemos até agora em nosso percurso e o posicionamento desta perante a pragmática.

Segundo Guimarães (1996, p.99), “na pragmática a questão do sujeito é posta como uma relação entre interlocutores considerados como usuários, como quem usa a linguagem como instrumento para realizar algo, ou para manifestar intenções”. Desta forma, o que a pragmática considera enunciação é o ato de dizer, sendo este dizer proferido intencionalmente por alguém e para alguém, ou seja, a categoria da enunciação está numa ordem fora da língua.

Estas considerações nos coloca em discordância com essa área de estudos, pois nós consideramos que “para estudar a enunciação é preciso tratá-la como fenômeno linguístico” (GUIMARÃES, 1996, p.99). Desta forma, fiéis às raízes de nossos estudos, nos aproximamos das perspectivas da Análise do Discurso e da Semântica (da enunciação).

A enunciação interessa em nosso estudo na medida em que podemos relacioná-la na língua, e desta forma esperamos que o “desvio” que realizamos em nosso percurso, se justifique na tentativa de esclarecer ainda mais o que compreendemos por abordagem “semântico-enunciativa”.

## 2.6 CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS A UMA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO: A ENUNCIÇÃO SOB UMA PERSPECTIVA BRASILEIRA

O conceito de enunciação, como pudemos evidenciar, é constitutivo de muitas abordagens teóricas que se propõem a estudar a linguagem. Dessa forma, o caminho que percorremos é de fundamental relevância para a reflexão que iremos dispor a partir deste momento, pois a área teórica que nos filiamos nesta pesquisa, a Semântica do Acontecimento, inscreve seus conceitos em uma “linha de filiações” que passa por Benveniste, Ducrot e outros autores que revisitamos. Portanto, nosso trajeto constituiu-se de recortes significativos sobre os estudos enunciativos, que serão agora colocados em discussão.

Para Eduardo Guimarães, idealizador da Semântica do Acontecimento<sup>35</sup>, “para estudar a enunciação é preciso tratá-la como fenômeno linguístico” (GUIMARÃES, 1996, p.99). Para tanto, tomamos a enunciação enquanto categoria que pode ser tratada relativamente à língua. Assim, interessa-nos nesta categoria o que ela expressa de linguístico.

Durante o percurso que percorremos durante todo o capítulo, vimos que, para os autores considerados, interessou sempre incluir na língua as marcas da subjetividade. Ou seja, “a questão do sujeito interessa na medida em que se põe como uma questão de linguagem e de língua”<sup>36</sup>. Dessa forma, qualquer formulação que coloque um sujeito preexistente, como pudemos verificar no tópico “Enunciação e pragmática: um desvio em nossa caminhada”, não nos interessa nessa abordagem.

Na perspectiva que embrenhamos, consideramos o sujeito algo que “acresce à linguagem”, o sujeito é constituído *na* e *pela* linguagem. Assim, Guimarães trata a enunciação “numa perspectiva em que a semantização é considerada relativamente ao funcionamento da língua”, então, é necessário descrever a língua incluindo os paradigmas da subjetividade.

Ao dizer que a enunciação se faz pelo funcionamento da língua, Guimarães inscreve-se numa posição próxima ao que Benveniste e Ducrot consideraram. No entanto, não interessa apenas dizer que “a enunciação é a língua posta em funcionamento pelo locutor”, ou que “a enunciação é o evento do aparecimento de um enunciado”. Interessa nesta perspectiva estudar o funcionamento da língua, mas considerando que esta funciona ao ser afetada por sua

---

<sup>35</sup> A partir deste momento do texto nos referiremos à Semântica do Acontecimento pela sigla SA.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p.101.

exterioridade<sup>37</sup>: “há uma alteridade constitutiva do sentido que faz a língua funcionar. Essa alteridade é uma memória dos sentidos, é a interdiscursividade”.

A categoria do interdiscurso, tal como foi retratada no tópico “Diálogo entre Enunciação e Análise de Discurso”, é o conceito que Guimarães coloca em cena em sua abordagem. A enunciação, para esse pesquisador, “é pôr-se a língua em funcionamento movimentada pelo interdiscurso, quando alguém ocupa aí uma posição de sujeito. E o interdiscurso, ao movimentar a língua, movimenta-se em conjunto, como memória”<sup>38</sup>. Isso faz com que a enunciação seja uma dispersão de posições de sujeito, e, identificar-se como sujeito, é “sempre estar dividido entre o que se supõe saber sobre si e o que é dito na enunciação”.

A enunciação é, deste modo, um acontecimento de linguagem perpassado pelo *interdiscurso*, que se dá como espaço de memória no acontecimento. É um acontecimento que se dá porque a língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso. É, portanto, quando o indivíduo se encontra interpelado como sujeito e se vê como identidade que a língua se põe em funcionamento. (GUIMARÃES, 2005, p.70)

Nesta perspectiva, começamos a pensar em *sentidos* e como defini-los. Visto que compreender os sentidos que são construídos para uma língua é o cerne da nossa pesquisa.

Para Guimarães (1996, p.101), “o sentido de um enunciado são os efeitos de sua enunciação”. Ou seja, são efeitos da memória e do presente do acontecimento. E assim para configurarmos melhor a abordagem do sentido e sua relação com a língua e com a enunciação, explicitaremos o que é uma Semântica do Acontecimento, isto é, “uma semântica que considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer”. (GUIMARÃES, 2002, p.7)

## 2.7 SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Como vimos no tópico anterior, para Guimarães, a enunciação deve ser considerada como categoria ligada à língua, sendo tratada numa perspectiva que considera a

---

<sup>37</sup> *Ibidem*, p.101.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p.101.

historicidade da língua e do sentido. E o sujeito, nesta configuração de enunciação, constitui-se pela presença do interdiscurso no acontecimento.

Antes de nos aprofundarmos neste domínio de saber, devemos fazer uma ressalva. Como expressamos nas considerações iniciais desse estudo, o objetivo central deste trabalho é compreender o funcionamento dos sentidos que são construídos para a língua portuguesa do Brasil, no *Diccionario Brasileiro da Língua Portuguesa*. É muito importante esclarecermos o objetivo deste estudo, pois, e isto explica e faz diferença, não nos colocamos na ótica da lexicografia, que é a ciência, por excelência, que estuda os processos de produção de um dicionário, nos colocamos enquanto semanticistas, pois nossa preocupação é com os sentidos e seus efeitos. O que faz desse estudo um trabalho de semântica, mais especificamente de Semântica do Acontecimento.

Da perspectiva teórica que nos filiamos “o sentido deve ser considerado a partir do funcionamento da linguagem no acontecimento da enunciação” (GUIMARÃES, 2005, p.11). Em outras palavras, para a S.A. “a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer” (GUIMARÃES, 2002, p.7).

Nessa perspectiva, vemos que *acontecimento enunciativo* é uma *categoria* fundamental a considerar em nosso estudo. Diferentemente do conceito de acontecimento configurado pela AD, para Guimarães (2002, p.11), o acontecimento “se faz pelo funcionamento da língua”. A *língua* é o primeiro elemento a constituir o acontecimento da enunciação, e isso porque a língua é o que garante a representatividade do acontecimento, sem língua não há dizer, é considerando como se dá o funcionamento da língua, como uma forma funciona em um enunciado, que visualizamos o funcionamento dos sentidos.

O segundo elemento caracterizador do acontecimento da enunciação é o *sujeito*. Para Guimarães<sup>39</sup>, não tem como retratar a enunciação como funcionamento da língua “sem remeter isto a um locutor, a uma centralidade do sujeito”. O sujeito é o *responsável* pela enunciação, é quem *permite* o dizer. Sem sujeito também não temos enunciação, não temos acontecimento.

Além da língua e do sujeito, outro elemento decisivo para configurarmos o acontecimento enunciativo é a sua *temporalidade*. É a temporalidade que consagra o acontecimento “enquanto diferença na sua própria ordem”<sup>40</sup>. O acontecimento temporaliza e

---

<sup>39</sup> *Ibidem*.

<sup>40</sup> *Ibidem*.

“se caracteriza em uma temporalidade específica”<sup>41</sup>. Não é o sujeito quem temporaliza, é o próprio acontecimento que *instala* a sua temporalidade. Essa se configura “por um presente, uma latência de futuro (uma futuridade), e um passado (um memorável)”<sup>42</sup>. O acontecimento é sempre uma nova temporalização, “um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação”<sup>43</sup>.

O quarto elemento a considerar é o *real*. O real “é a que o dizer se expõe ao falar dele”<sup>44</sup>. O real é tratado em sua materialidade histórica: “enuncia-se enquanto ser afetado pelo simbólico e num mundo vivido através do simbólico”<sup>45</sup>.

E assim, compomos o quadro caracterizador do acontecimento enunciativo, que, como vimos, é sustentado por quatro elementos: língua, sujeito, temporalidade e real. Desta forma, são estes quatro elementos que sustentam o funcionamento do sentido de qualquer expressão linguística. A análise de uma expressão linguística permite observar que esta funciona, de um lado “por uma relação do locutor com aquilo que ele fala, do locutor com o acontecimento no qual ele fala aquilo que ele fala”<sup>46</sup>, ou seja, por uma relação estabelecida por aquele que se responsabiliza por um dizer considerando os quatro elementos supra-explicados. E de outro lado, “por uma relação entre os elementos linguísticos”<sup>47</sup>.

Antes de descrevermos como se dá o acontecimento de linguagem, e quais os mecanismos responsáveis pela sua constituição e pelo seu funcionamento semântico-enunciativo, vale ressaltar dois conceitos fundamentais para Guimarães: o *político* e o de *espaço de enunciação*.

### 2.7.1 O Político e a Divisão de Sentidos

Para Guimarães (2002, p.15), o político é algo que é próprio da divisão que afeta materialmente a linguagem e o acontecimento da enunciação. Assim, é caracterizado “pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos”<sup>48</sup>.

---

<sup>41</sup> *Idem*, 2007, p.204.

<sup>42</sup> *Idem*, 2007, p.204.

<sup>43</sup> *Idem*, 2002, p.12.

<sup>44</sup> *Idem*, 2002, p.11.

<sup>45</sup> *Ibidem*.

<sup>46</sup> *Idem*, 2009, p.50.

<sup>47</sup> *Ibidem*.

<sup>48</sup> *Ibidem*, p.16.

O político é um “estar sempre em conflito”, no que se refere ao dizer e nos sentidos constituídos por este. Trata-se de uma categoria impossível de ser contornada, e isso porque “o homem fala”, há sempre um sujeito que assume a palavra.

O político não é uma categoria expressa apenas em SA. Esta categoria também foi amplamente problematizada pela AD. Pensado discursivamente, o político “está presente em todo discurso. Não há sujeito, nem sentido, que não seja dividido, não há forma de estar no discurso sem constituir-se em uma posição-sujeito e, portanto, inscrever-se em uma outra formação discursiva que, por sua vez, é a projeção da ideologia do dizer”. (ORLANDI, 2012, p.55). Se todo sujeito “é constitutivamente colocado como autor de e responsável por seus atos em cada prática em que se inscreve; e isso pela determinação do complexo das formações ideológicas (e, em particular, pelas formações discursivas) no qual ele é interpelado em ‘sujeito-responsável’”, ou seja, se os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes por formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes (PÊCHEUX, 2009, p.198), podemos assentir que não há *neutralidade* no/do dizer. Temos, então, posicionamentos divididos e orientados por formações ideológicas que manifestam relações de poder, e é nesta divisão, desdobrada por um sujeito da enunciação, que configura o que designamos político.

Assim, temos o confronto do político com o simbólico, e as relações de poder ao serem simbolizadas constituem a categoria em cena.

Contudo, concebendo o político enquanto a “afirmação da igualdade, do pertencimento do povo ao povo, em conflito com a divisão desigual do real, para redividi-lo, para refazê-lo incessantemente em nome do pertencimento de todos no todos”<sup>49</sup>, voltamos a considerar o aspecto enunciativo. O próprio acontecimento de linguagem, por se dar nos espaços de enunciação é um acontecimento político. “A constituição da temporalidade do acontecimento se faz pelo funcionamento da língua enquanto numa relação com línguas e falantes regulada por uma deontologia global do dizer em uma certa língua”<sup>50</sup>.

### 2.7.2 Espaço de Enunciação: Manifestação e Divisão da Língua

Outro aspecto fundamental para determinar o acontecimento da enunciação, para Guimarães, é considerar o que o semanticista chama de *espaço de enunciação*.

---

<sup>49</sup> *Ibidem*, p.17.

<sup>50</sup> *Ibidem*, p.17-18.

A primeira relação que é colocada em cena na configuração deste conceito é *língua e sujeito falante*: “Só há línguas porque há falantes e só há falantes porque há línguas” (GUIMARÃES, 2002, p.18). Interessa-nos pensar nessa relação na medida em que ela determina um “espaço regulado e de disputas pela palavra e pelas línguas”<sup>51</sup>. Trata-se de um espaço dividido, portanto, atravessado pelo político, no sentido que concebemos esta categoria anteriormente.

Nesta perspectiva, o sujeito falante não é o sujeito empírico, tomando emprestado a configuração ducrotiana. São falantes, sujeitos politicamente determinados pelas línguas que falam, ou seja, sujeitos da língua, o que faz de falante categoria linguística e enunciativa. Nesse sentido, é este espaço de línguas e de falantes que constitui o espaço de enunciação:

Os espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam, por uma disputa incessante. São espaços ‘habitados’ por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. São espaços constituídos pela equivocidade própria do acontecimento: da deontologia que organiza e distribui papéis, e do conflito, indissociado desta deontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais. (GUIMARÃES, 2002, p.18/19)

Assim, o espaço de enunciação é uma categoria essencial para se tomar a enunciação como uma prática política e não individual ou subjetiva, nem como uma divisão estratificada de características. Falar é assumir a palavra neste espaço dividido de línguas e falantes.

Além de funcionarem em relação ao falante, as línguas funcionam sempre em relação a outras línguas (GUIMARÃES, 2006, p.12) e são afetadas historicamente, por isso que o espaço de enunciação se divide e se transforma, tornando-se sempre outro.

O conceito de espaço de enunciação nos mostra que a língua funciona no acontecimento, pelo acontecimento, e não de forma individual, mostrando mais uma vez que ao estar a língua em funcionamento, uma série de instâncias são relacionadas, socialmente, ideologicamente e historicamente, configurando modos particulares de línguas em funcionamento: “as línguas não são abstratas e as pessoas sempre falam uma língua e de um certo modo”<sup>52</sup>.

---

<sup>51</sup> *Ibidem*, p.18.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p.13.

Trazendo esta categoria para pensarmos os objetivos da nossa pesquisa, vemos que nosso objeto de análise, o dicionário de Macedo Soares, é um instrumento que se configura em um espaço de enunciação brasileiro recheado de configurações históricas, sociais e linguísticas específicas, como explicitamos no primeiro capítulo. Observa-se em nossa análise, de forma mais detalhada, as particularidades de um espaço de enunciação brasileiro, no final do século XIX, e que este possibilitou compreendermos os sentidos que foram construídos para essa língua, esse português, e também para esses falantes. Assim, verificamos como se deu, pelos processos semântico-enunciativos, o funcionamento de uma língua e de uma identidade nacionais.

### 2.7.3 Agenciamento Enunciativo: Modos e Procedimentos

Antes de figurarmos os mecanismos agenciadores de uma expressão linguística qualquer, vale ressaltar que a manifestação de uma expressão, palavra, enunciado, em uma SA, se dá em *cenar enunciativas*.

Consoante Guimarães (2002, p.23), “uma *cena enunciativa* se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas”. A cena enunciativa é um espaço particularizado de distribuição dos lugares de enunciação.

Considerando o espaço de enunciação, na cena enunciativa “aquele que fala” e “aquele para quem se fala” tratam-se de uma configuração do agenciamento enunciativo<sup>53</sup>, assim, podemos considerar que assumir a palavra é pôr-se no lugar de quem enuncia, o lugar de um Locutor, ou seja, este Locutor representa no dizer a sua própria fonte, de onde emana o dizer. No entanto, para o locutor se representar como origem do que enuncia, é preciso que ele não seja ele próprio, “mas um lugar social de locutor”<sup>54</sup>: um Locutor só pode falar enquanto predicado por um lugar social. Então, “é preciso distinguir o Locutor do lugar social do locutor, e é só enquanto ele se dá como lugar social (locutor-x) que ele se dá como Locutor. Ou seja, o locutor é díspar a si. Sem esta disparidade não há enunciação”<sup>55</sup>.

---

<sup>53</sup> *Ibidem*, p.23.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p.24.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p.24.

Esse lugar social significa na enunciação, pois no jogo colocado pela cena enunciativa, ele poderá configurar, por exemplo na nossa análise, papéis enunciativos como locutor brasileiro, locutor dicionarista, locutor abolicionista etc. O Locutor, então, se apresenta sempre enquanto um lugar predicado por uma deontologia do dizer<sup>56</sup>.

No entanto, a cena enunciativa também coloca em jogo *lugares de dizer*. E estes são a representação da inexistência dos lugares sociais de locutor, ou seja, são lugares que se configuram fora da história, que representa na enunciação como sendo o lugar do qual se diz sobre o mundo<sup>57</sup>. São estes lugares, também chamado(s) de enunciador(es), que submete o Locutor ao regime do verdadeiro e do falso.

Assim, na medida em que colocamos em jogo as figuras da cena enunciativa, e, considerando que o falante é determinado por este espaço político de dizer, o espaço de enunciação, que configuramos o que compreendemos por *perspectiva semântico-enunciativa*, na qual “o funcionamento das expressões linguísticas são lugares de produção de sentido”<sup>58</sup>.

Refletindo nessa concepção de funcionamento da linguagem e de produção de sentido, consideramos que qualquer expressão linguística funciona em uma relação do locutor com aquilo que ele fala, de forma que esta relação se dá no acontecimento pelo *agenciamento político da enunciação*. Ou seja:

[...] não é o Locutor que escolhe uma forma para dizer algo, mas ele é agenciado a dizer pelo modo como as formas linguísticas se constituem sócio-historicamente e pelo modo como o espaço de enunciação distribui as línguas, e os modos de dizer e o que dizer, para seus falantes. (GUIMARÃES, 2009, p.50)

Para compreendermos como se figura o agenciamento enunciativo, Guimarães considera que a enunciação mobiliza dois procedimentos gerais: a *articulação* e a *reescrituração*<sup>59</sup>. Esclareceremos como e configuram esses dois procedimentos começando pelas relações de articulação.

Segundo Guimarães (2009, p.51), “a articulação é o procedimento pelo qual se estabelecem relações semânticas em virtude do modo como os elementos linguísticos, pelo agenciamento enunciativo, significam sua contiguidade”. Ou seja, significada pela

---

<sup>56</sup> *Ibidem*, p.26.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p.26.

<sup>58</sup> *Idem*, 2009, p.50.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p.51.

enunciação, uma articulação é uma relação que se estabelece entre formas próximas dentro de um enunciado.

A articulação pode se dar de três modos diferentes<sup>60</sup>: por dependência (quando os elementos contíguos se organizam por uma relação que constitui no conjunto um só elemento), por coordenação (aquela que apresenta um processo de acúmulo de elementos numa relação de contiguidade) e por incidência (relação que se dá entre um elemento de uma natureza e outro de outra natureza, de modo a formar um novo elemento). Para exemplificarmos como se dá o procedimento de articulação, consideraremos o verbebo *administrador*<sup>61</sup>.

**administrador** sm., a principio senhor de indio capturado nas entradas do sertão, como se vê do ex. supra; hoje, feitor-mór das fazendas cujos donos residem na Côrte, ou nas capitaes das provincias, ou em outras fazendas: preside aos feitores da roça e do terreiro, á enfermaria etc., superintendendo no serviço geral da fazenda.

Considerando o fragmento “senhor de indio capturado nas entradas do sertão”, verificamos que há uma relação de contiguidade entre “senhor” e “de indio”, da mesma forma que há entre “indio” e “capturado nas entradas do sertão”. Notamos que essa relação constitui no conjunto um só elemento, o que faz com que as formas constituintes desse fragmento sejam caracterizadas por uma articulação por dependência. No fragmento “feitor-mór das fazendas cujos donos residem na Côrte, ou nas capitaes das provincias, ou em outras fazendas”, observamos, além de uma articulação por dependência estabelecida pelas formas “feitor-mór” e “das fazendas ...”, um acúmulo de elementos numa relação de contiguidade marcada pelas formas “na Côrte”, “nas capitaes das provincias”, “em outras fazendas”, o que caracteriza uma articulação por coordenação. Também podemos ver no enunciado, considerando tanto o fragmento “a principio senhor de indio capturado nas entradas do sertão”, quanto “hoje, feitor-mór das fazendas...”, que o advérbio “a principio” incide sobre “senhor de indio...”, e que o advérbio “hoje”, também incide sobre “feitor-mór...”, pois tratam-se de elementos sem uma relação de dependência estabelecida, o que caracteriza uma articulação por incidência.

---

<sup>60</sup> *Ibidem*.

<sup>61</sup> Para exemplificar os procedimentos de articulação e reescrituração, fizemos uso de verbetes retirados do próprio *DBLP*. Assim, esperamos indiciar porque optamos em utilizar a Semântica do Acontecimento como proposta teórico-metodológica, e como nos procederemos nas análises.

Ao realizarmos esta breve análise, podemos concordar com Guimarães (2009, p.51), para quem “nas relações de dependência e coordenação o acontecimento especifica uma operação pela qual o Locutor relaciona elementos do enunciado”, o que fica muito claro com a análise dos dois primeiros fragmentos que selecionamos, e que “na articulação por incidência o acontecimento especifica uma operação pela qual o Locutor relaciona sua enunciação com o enunciado”. Observa-se que a inserção dos elementos “a principio” e “hoje”, ao se relacionarem com os outros elementos do conjunto, arrolam elementos que acrescentam uma informação, e que direcionam um sentido para o verbete. Se considerarmos o paralelismo existente entre “a principio senhor de índio...” e “hoje feitor-mór...” vemos que os advérbios esclarecem uma *diferença temporal* fundamental na designação do elemento que está sendo reescrito, no caso, na relação de um sujeito, suas designações e suas práticas.

As relações de reescrituração “consistem em se redizer o que já foi dito” (GUIMARÃES, 2009, p.53). Fundamental na constituição do sentido pelo acontecimento enunciativo, esse procedimento de redizer o que já foi dito significa o presente da temporalidade do acontecimento (GUIMARÃES, 2002, p.28). Diferentemente das relações de articulação, a reescrituração não é necessariamente uma operação entre elementos contíguos.

Segundo Guimarães (2009, p.53), as características básicas que são estabelecidas para a reescrituração consistem em dizer que entre o elemento reescriturado e o que o reescreve, temos uma *relação transitiva, simétrica e não-reflexiva*. Transitiva porque a relação está diretamente ligada ao seu funcionamento à distância e transversal. Simétrica, pois mostra como opera os modos de integração dos enunciados com o texto, e não-reflexiva, pois não estabelece uma igualdade entre os elementos, estes significam diferentemente no enunciado.

A reescrituração é um procedimento que atribui (predica) algo ao reescriturado (GUIMARÃES, 2007, p.84). Predicar, nessa perspectiva, é uma operação pela qual, no fio do dizer, uma expressão se reporta a outra, pelos mais variados procedimentos. São esses procedimentos que caracterizam a reescrituração de diversos *modos*. Assim, a reescrituração pode ser por repetição (retomada completa ou reduzida de uma expressão inteira), substituição (uma expressão é retomada em outro ponto por outra expressão), elipse (na reescrituração por elipse a expressão não é nem repetida, nem substituída, ela é simplesmente omitida), expansão (ampliar o que já foi dito), condensação (restringir,

condensar o dito) e definição (a reescrituração por definição apresenta um modo de definir, explicar uma expressão já enunciada)<sup>62</sup>.

No próximo capítulo mostraremos de forma mais detalhada como funciona esse procedimento exemplificando como articulamos reescrituração e definição lexicográfica. Portanto, valeremos aqui de um exemplo de Guimarães (2009, p.53):

*Paulo* viajou ontem. Deve estar em São Paulo na quinta. *Ele* deve voltar no final de semana.

Considerando a relação entre os elementos em relevo, Paulo e Ele, Guimarães destaca que a relação que se estabelece é *simétrica*, pois se *ele* reescreve *Paulo*, então *Paulo* é também uma reescrituração de *ele*. Desse modo, vemos uma relação que tem a ver diretamente com o fato de que os enunciados e seus elementos significam em virtude do texto que integram.

Além de simétrica, também podemos dizer que é uma relação *transitiva*, pois *Paulo* é reescriturado por elipse no segundo enunciado. E o elemento elíptico é reescriturado por *ele*. O que faz com que se o elemento x (*Paulo*) seja reescriturado por um outro, a elipse (y), e se y é reescriturado por um terceiro elemento (z), no caso *ele*, o elemento (z) também reescreve (x).

Outra caracterização das relações de reescrituração é o fato delas serem *não-reflexivas*. Vemos que mesmo havendo a reescrituração de *Paulo* por *ele*, essa não apresenta uma relação de igualdade, pois *ele* não significa no enunciado como *Paulo*, e vice-versa.

Sendo as características básicas da reescrituração o fato desse procedimento apresentar uma relação transitiva, simétrica e não-reflexiva, podemos dizer, segundo Guimarães, que a reescrituração não opera com a identidade. Assim, “a característica da reescrituração está ligada a um aspecto fundamental: fazer sentido envolvendo sempre um diferente que se dá no acontecimento enunciativo” (GUIMARÃES, 2009, p.54).

Nessa relação, ainda, podemos verificar que uma expressão pode reescrever outras de diversos modos, por repetição, substituição, elipse, expansão, condensação e definição. Tratando nosso objeto de estudos um dicionário, o modo de reescrituração que mais nos interessou foi a definição.

No próximo capítulo, expusemos como funciona o processo de reescrituração dentro dos verbetes do dicionário de Macedo Soares. Dessa forma,

---

<sup>62</sup> *Ibidem*.

explicitaremos como no processo de redizer o dito a definição faz significar a palavra-entrada. Veremos, inclusive, que outros modos de reescrituração também podem ser agenciados na definição, como a enumeração, por exemplo. Enfim, maiores considerações sobre esse processo foram arrolados na seção “O funcionamento semântico-enunciativo dos enunciados definidores do *DBLP*”.

#### 2.7.4 Para Compreender a Designação, o Sentido e seus Domínios

Ainda dentro do quadro teórico formulado pela Semântica do Acontecimento, vale ressaltar um conjunto de reflexões que se configuram em torno do funcionamento dos nomes. Estes estudos tem conjurado, de forma específica, um conjunto de conceitos para os dispositivos semânticos, que permitem compreendermos mais este funcionamento da linguagem.

Dentro deste quadro, interessa-nos uma categoria específica, a *designação*; no entanto, vale explicitar em nossas considerações um conjunto de palavras que muitas vezes são usadas em relação de sinonímia, são elas: *nomeação*, *referência*, *denotação* e a própria *designação*.

Para apresentarmos melhor estes conceitos, iremos antes explicitar o que vem configurando como *determinação* nesta perspectiva semântica. Como vimos no tópico anterior, a *predicação* configurou uma forma de operação essencial em um modo de agenciamento específico, a reescrituração. A determinação, da mesma forma que a predicação apresenta uma relação semântica tratada no interior dos enunciados. No entanto, *determinar*, para Guimarães (2007, p.78), “é uma relação semântica tratada no interior dos sintagmas, normalmente considerada como uma relação própria do sintagma nominal”, o que a distingue da predicação. A diferença central entre uma operação e outra se dá por uma conexão do sintático com o semântico.

Assim, a determinação é uma relação fundamental para o sentido das expressões linguísticas, relação na qual as palavras significam segundo as relações de determinação semântica que se constituem no acontecimento enunciativo.

Feita esta consideração sobre a determinação, voltemos a explicitar as razões deste tópico, os procedimentos responsáveis pelo funcionamento dos nomes.

Como dissemos antes, *nomeação*, *designação*, *referência* e *denotação* são palavras muitas vezes utilizadas como sinônimas, no entanto, configuram de formas diferentes

em SA. Descartando o conceito de denotação, que pode ser usado ou não como sinônimo de designação e referência, nos concentremos nos três procedimentos restantes.

Sucintamente, podemos dizer que a *nomeação* é o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome. A *referência* é a particularização de algo na e pela enunciação. E por fim temos a *designação*, que seria algo próprio da significação de um nome (GUIMARÃES, 2002, p.9).

Embora a teoria apresente uma série de possibilidades, destacamos a designação, pois esta foi a categoria do funcionamento dos nomes que mais nos auxiliou em nossa análise.

A designação é o que poderíamos chamar de “significação de um nome”. Entretanto, “seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história” (GUIMARÃES, 2002, p.9)

Guimarães deixa claro que ao constituirmos sentidos para uma determinada palavra estamos articulando esse processo às categorias do real, do político e do histórico. O que é designado é uma construção de sentido, uma relação entre elementos linguísticos. O semanticista ainda aponta que só é possível pensar as palavras, se nos atentarmos às relações que estas mantêm com outras. Desta forma, para que fosse possível compreender o que um nome designa, o semanticista tem utilizado o conceito de *Domínio Semântico de Determinação* (DSD). Também constituído por Guimarães, um DSD é “uma análise de uma palavra”, assim, estabelecê-lo é representar “uma interpretação do próprio processo de análise e deve ser capaz de explicar o funcionamento do sentido da palavra no corpus especificado.” (GUIMARÃES, 2007, p.81).

Um DSD é construído pela análise das relações de uma palavra com as outras que a determinam em textos que funcionam (GUIMARÃES, 2007,p.80). Ao representar as relações que constituem o sentido de uma palavra, o dispositivo DSD faz uso de alguns sinais específicos. Os sinais são os seguintes:  $\vdash$  ou  $\dashv$  ou  $\perp$  ou  $\top$  (que significam determina, por exemplo,  $y \vdash x$  significa x determina y, ou  $x \dashv y$  significa igualmente x determina y); que significa sinonímia; e um traço como \_\_\_\_\_, dividindo um domínio, significa antonímia<sup>63</sup>.

---

<sup>63</sup> *Ibidem*, p.81.

Nesta configuração, um DSD é uma análise de uma palavra. Ele representa o funcionamento do sentido, da designação, e apresenta uma interpretação do próprio processo de análise de uma expressão linguística.

## 2.8 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Esperamos com este capítulo, que o percurso inicialmente apresentado por meio de recortes teóricos e históricos sobre como se deu a configuração de um domínio, a enunciação, seja esclarecedor para configurarmos a perspectiva teórica que embrenhamos neste estudo. Vemos por meio deste trajeto, que tem seu início nas primeiras décadas do século XX, que um domínio científico, como é a Semântica do Acontecimento, configura-se e só é possibilitado por gestos de leitura anteriores. Assim, uma ciência só pode ser configurada em uma relação com a história, e o que esta permite frente à história de um saber, neste caso, de uma categoria em comum: a enunciação.

Ensejamos que este percurso e as explicitações envoltas ao que se denomina Semântica do Acontecimento tenham sido claros o suficiente para tornar possível a compreensão do que seja uma abordagem semântico-enunciativa, ou seja, uma abordagem que considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer. Além disso, consideramos que os elementos colocados em tela na configuração desta ciência tenham sido suficientes para apresentarmos algumas considerações do próximo capítulo e de nossa análise.

### CAPÍTULO III

## SENTIDO, TEXTO E DESCRIÇÃO LEXICOGRÁFICA: ABORDAGEM SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DE UM INSTRUMENTO LINGUÍSTICO

La confection d'un dictionnaire – c'est-à-dire la tentative d'une certaine description du lexique de la langue – implique par elle-même une prise de position sur les problèmes essentiels de la linguistique. (GUILBERT, 1969, p.4)

### 3.1 DICIONÁRIO, CIÊNCIAS DA LINGUAGEM, SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO

Como vimos no primeiro capítulo, a invenção da escrita possibilitou uma verdadeira revolução nas práticas humanas. No entanto, se a “escrita é um dos fatores necessários ao aparecimento das ciências da linguagem” e das ciências em geral, como nos apresenta Auroux (2009, p.8), podemos dizer que anterior a essas se deu o aparecimento do que elas estudariam. E assim se fez, a linguagem sempre despertou o interesse da humanidade.

Observamos que, com o surgimento da escrita foram desenvolvidos instrumentos, listas, plaquetas, tábuas em argila, que compunham as primeiras tentativas de descrição do léxico, o que faz da lexicologia prática mais antiga do que a própria gramática (AUROUX, 2009, p.72). Dessa forma, vemos que com escrita inicia-se uma série de outros domínios e questões que ampliaram o ambiente dos estudos da linguagem.

É a aparição desses domínios, onde se apresentam as manifestações da linguagem humana, um dos fatores que possibilitaram que os estudos da linguagem fossem tão heterogêneos e tão dispersos até o início do século XX. E isso, porque como sabemos, é Saussure, em seu *Curso de Linguística Geral*, publicado em 1916, quem estabeleceu um corte fundamental e que possibilitou uma nova configuração desses estudos: Saussure faz da *língua* o objeto ao mesmo tempo integral e concreto da Linguística. Dessa forma, com um objeto e com um método de estudo baseado na *sincronia*, podemos dizer que a Linguística é uma *ciência*.

Certamente, Saussure possui uma importância incontestável no percurso teórico dos estudos da linguagem, entretanto, seu corte não impossibilitou que aqueles que se detivessem do que foi colocado em segundo plano em seus estudos, a *fala*, ou que apresentassem outro método de análise, ou até mesmo que focassem em certas especificações

ou instrumentos da linguagem que não necessariamente a língua, *deixassem de se considerar linguistas ou fazer linguística*.

Vemos nos dias de hoje que Saussure foi um dos primeiros a instaurar a cientificidade nos estudos linguísticos, e isso permitiu que muitos pesquisadores e pensadores dessem os primeiros passos em domínios específicos de estudos da linguagem.

Nessa perspectiva, podemos começar a explicitar o que Louis Guilbert nos apresenta no fragmento que escolhemos como epígrafe desse capítulo. Afinal, se a confecção de um dicionário apresenta um posicionamento sobre os problemas essenciais da linguística, é porque a concepção do que seja a linguística mudou de configuração, principalmente a partir do que instituiu Saussure.

Desse modo, com o estabelecimento da Linguística, os estudos da linguagem, cujos registros datam desde a época da invenção da escrita, se desenvolveram de maneiras mais específicas e em diversas direções. As consequências disso resultaram em domínios específicos, disciplinas que em conjunto podemos chamar de *Ciências da Linguagem*.

Cada uma dessas disciplinas apresentam perspectivas específicas de estudo da linguagem. Ou seja, cada disciplina tem um objeto e apresenta um método específico. E é por isso que podemos dizer que “a lexicografia é a ciência dos dicionários” (BIDERMAN, 2001, p.17). Se a manifestação de instrumentos linguísticos como dicionários antecede e muito a linguística enquanto ciência, podemos dizer que a cientificidade é algo que vai se moldando e se constituindo com o tempo, visto que as práticas lexicográficas de sempre também foram fundamentais para o desenvolvimento de uma ciência lexicográfica no século XX. No entanto, por muito tempo a lexicografia foi definida enquanto arte de fazer dicionário, ou como técnica de fazer dicionário.

Contudo, a Lexicografia, tal como é desenvolvida nos dias de hoje, apresenta estudos mais significativos e regrados a partir do corte saussuriano. Inclusive, muitos dos estudos dessa área são ainda hoje de base estruturalista. Para Fernández, enquanto disciplina científica, a lexicografia se encarregaria não só dos problemas de produção e composição de um dicionário, como abarcaria “outros conteúdos como a teoria da

lexicografia, a história da lexicografia, as investigações sobre o uso dos dicionários e a crítica destes” (2003, p.38 – tradução nossa)<sup>64</sup>.

Enfim, sendo a Lexicografia a ciência dos dicionários, não poderíamos descartar algumas de suas reflexões para realizarmos nossa análise, pois cremos que mais essa perspectiva permitirá maior mobilidade para fazermos nossas reflexões.

Para esclarecer algum equívoco que possa surgir durante a descrição que faremos, é preciso deixar claro, porém, que nossa abordagem centra-se nos estudos semântico-enunciativos da linguagem e nos de História das Ideias Linguísticas: nosso objetivo central não é fazer uma análise do dicionário de Macedo Soares, mas compreender quais são os sentidos que são construídos para uma língua tendo o dicionário como instrumento e espaço de reflexão para esta pergunta. Assim, a análise lexicográfica que faremos apresenta configurações próprias e das quais nos ocuparemos a partir de agora.

### 3.2 DICIONÁRIO, CIÊNCIA, IDEOLOGIA: CONCEPÇÕES E GESTOS DE LEITURA

[...] gracias a la revolución tecnológica que supuso la imprenta, el diccionario irá adquiriendo cada vez mayor implantación social, perfilándose como **un instrumento imprescindible, primeramente, para el aprendizaje de las lenguas clásicas y, más tarde, para facilitar el de las lenguas modernas e favorecer los intercambios culturales, comerciales,** etc [...] en su vertiente monolingüe, el diccionario – junto con la gramática y la ortografía – **desempeñará un papel fundamental en el proceso de consolidación de la norma culta de las lenguas nacionales de los diferentes estados** surgidos tras de la caída del régimen feudal (FERNÁNDEZ, 2003, p.32 – grifo nosso).

Una de las propiedades esenciales del diccionario parece radicar en su orientación práctica y en su finalidad didáctica; probabelmente, nadie dudaría en afirmar que nos encontramos ante una obra de consulta. [...] **Los diccionarios son textos conformados por una serie de estudios entrelazados.** (PASCUAL; SOUTO, 2003, p.57 – grifo nosso)

Numa certa concepção, um *dicionário geral* é **aquele que tende a apresentar a totalidade dos lexemas de uma língua**, isto é, o ‘tesouro lexical’, podendo tal dicionário também ser chamado de tesouro ou thesaurus. (WELKER, 2004, p.77 – grifo nosso)

O dicionário de língua – a mais prototípica das obras lexicográficas – **constitui-se no único lugar que reúne, de modo sistemático, o conjunto dos itens lexicais criados e utilizados por uma comunidade lingüística,**

---

<sup>64</sup> “La lexicografía como disciplina científica abarcaría, pues, otros contenidos como la teoría lexicográfica, la historia de la lexicografía, las investigaciones en torno al uso de los diccionarios y la crítica de estos”. (FERNÁNDEZ, 2003, p.38)

**permitindo que ela reconheça-se a si mesma em sua história e em sua cultura.** Além de se constituir em **espelho da memória social da língua** o dicionário **desempenha o papel de legitimar o léxico.** E, como tal, alcança o estatuto de um código normativo que orienta parâmetros orientadores dos usos lexicais [...] o dicionário converte-se no **testemunho, por excelência, da constituição histórica do léxico de um idioma, bem como da identidade lingüístico-cultural das comunidades.** (KRIEGER et al., 2006, p.174 – grifo nosso)

O dicionário **representa a memória coletiva da sociedade e é uma de suas mais importantes instituições simbólicas.** (LARA, apud BIDERMAN, 1998, p.164 – grifo nosso)

Os dicionários constituem uma **organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua.** [...] Um dicionário é um **produto cultural** destinado ao consumo do grande público. Assim sendo, é também um **produto comercial**, o que o faz diferente de outras obras culturais. É preciso considerar igualmente que o dicionário **deve registrar a norma linguística e lexical vigente na sociedade para o qual é elaborado, documentando a práxis linguística dessa sociedade.** (BIDERMAN, 2001, p.132 – grifo nosso)

Celle-ci considère les dictionnaires pour ce qu'ils sont d'abord, **des textes, structurés sémiotiquement par une finalité pratique, mais reflétant tout ensemble une conception de la langue et du monde, un souci d'informer, une symptomatologie culturelle, et, ce dont on parle le moins, de marchandises, produits d'un travail et résultat d'intentions économiques.** (REY, 1977 p.11 – grifo nosso)

A lexicografia discursiva vê, nos dicionários, discursos. Desse modo, na escuta própria à análise do discurso, podemos ler os dicionários como **textos produzidos em certas condições, tendo o seu processo de produção vinculado a uma determinada rede de memória ante a língua.** [...] ao representar a língua [o dicionário] a provê de uma realidade. [...] consideramos que **o dicionário assegura, em nosso imaginário, a unidade da língua e sua representabilidade:** supõe-se que o dicionário contenha (todas) as palavras da língua. (ORLANDI, 2000, p.98 – grifo nosso)

O dicionário **produz, na nossa sociedade, certos efeitos de sentido** bem conhecidos: de lista, **inventário ou registro do saber linguístico de uma sociedade;** de **discurso competente sobre a língua, de discurso anônimo da coletividade;** de **neutralidade e imparcialidade** próprias da 'objetividade' do saber, isto é, de que está fora do alcance das determinações sócio-históricas e ideológicas; de **ter o papel normativo de legitimizar ou de referendar os usos linguísticos aceitos e prestigiados em uma sociedade e de regulamentar a manutenção e a mudança linguísticas.** (BARROS, 2000, p.76 – grifo nosso)

[...] o dicionário é **um material interessante para se observar os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas.** Nele as significações não são aquelas que se singularizam em um texto tomado isoladamente, mas sim as que se sedimentam e que apresentam traços significativos de uma época. [...] Se, por um lado, o dicionário tem essa aura de **'discurso do sério'**, de um **espaço sem falhas** e de uma **definição modelar e estável**, por outro lado, **ele tem sua historicidade: ele se reproduz, se transforma, se renova e se**

**atualiza.** Situando-nos em uma perspectiva discursiva, questionamos a evidência dos sentidos dos dicionários para mostrar seus processos históricos de constituição. **Ver o dicionário como um discurso implica em desestabilizar aquilo que aparece como uma certitude e explicitar os gestos de interpretação que subjazem às formulações dos verbetes.** (NUNES, 2006,p.11 – grifo nosso)

Definir o dicionário. Segundo o que vemos nestes dez fragmentos enumerados, podemos perceber que este instrumento possui um vasto conjunto de definições e abordagens, sendo muitas destas ligadas a alguma perspectiva teórico-metodológica, que não exclusivamente a lexicografia.

Seja enquanto instrumento pedagógico, instrumento legitimador do léxico de uma língua, memória de uma sociedade, produto cultural, produto comercial, unidade da língua, produto histórico-social e diversas outras abordagens que podemos desses fragmentos depreender, não podemos dizer que as definições apresentadas sejam excludentes umas das outras, algumas delas são até muito complementares. Reflitamos, então, sobre essas abordagens pensando o estudo que efetivamos.

Uma das considerações que podemos verificar na produção dos dicionários arrola-se sobre a imposição do ensino. Não podemos desconsiderar a presença desses instrumentos linguísticos na escola, como vemos em Fernández, o dicionário é um instrumento fundamental para a aprendizagem de línguas. No entanto, a finalidade didática e a importância que esse instrumento desempenha na escola não foram temas privilegiados na pesquisa. Nosso objetivo não foi verificar a aplicação, a função do dicionário para o ensino, mas saber do funcionamento dele na relação do sujeito com a sociedade na história (GUIMARÃES; ORLANDI, 2001, p.8). Nessa linha, também não refletimos sobre seu desempenho comercial, pois para nós a constituição do saber e da língua são colocados em primeiro plano.

Agora, pensar o papel do dicionário no processo de consolidação das línguas nacionais (FERNÁNDEZ) foi uma questão que nos fez refletir. O *DBLP* é um dicionário do final do século XIX, período em que havia uma reivindicação por uma língua nacional, dessa forma, tentar compreender *como e se* o dicionário de Macedo Soares colabora para um processo de consolidação da língua foi algo fundamental para entendermos o dicionário enquanto instrumento de gramatização.

O *DBLP*, como já expusemos, é um dicionário de brasileirismos, logo, verificar como o dicionário trabalha a questão da legitimação do léxico foi prática que inscrevemos em nossa análise, inclusive, não só para pensarmos a constituição de um saber

metalinguístico, mas também para compreendermos sobre essa categorização da língua e de dicionário.

O dicionário, como podemos ver em alguns desses fragmentos, pode ser pensado também enquanto memória coletiva da sociedade (LARA). Se a língua não é feita de um homem só, e o dicionário busca sempre representar a totalidade da língua, ou especificidades locais dessa, podemos dizer que o instrumento lexicográfico significa sim a questão da memória, e coletiva, afinal, se relacionarmos memória a interdiscurso veremos que o dizer não pode ser particularizado. Portanto, notamos que o dicionário foi um material interessante para se observar os modos de dizer de uma sociedade, e como se dá o discurso em determinadas conjecturas (NUNES).

Vale retratar, porém, que o fazer lexicográfico é uma prática pessoal, do dicionarista, o que não faz do dicionário espaço de definição modelar e estável. Enquanto sujeito o dicionarista é interpelado por ideologias, assim, dizer que há neutralidade ou imparcialidade em seu discurso é uma posição equivocada.

O que nos chama a atenção no dicionário seria a capacidade que esse instrumento tem de assegurar a representatividade da língua (ORLANDI), testemunhar a constituição histórica do léxico (KRIEGER) e fazer observar os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em determinadas conjecturas históricas (NUNES). É por meio dessas caracterizações que vemos o dicionário funcionar na relação Língua/Sociedade/História.

Enfim, podemos assegurar que as concepções apresentadas não são excludentes, pois inscrevem gestos de leitura e posicionamentos teóricos de cada pesquisador frente a este instrumento linguístico. Sendo assim, nossas filiações teóricas, a História das Ideias Linguísticas e a Semântica do Acontecimento, só vieram somar para pensarmos o dicionário que analisamos.

Se compararmos o percurso que o saber lexicográfico alçou nos primórdios de seu desenvolvimento, como expusemos no primeiro capítulo, e compará-lo com as abordagens propostas a pouco, veremos que mais do que concepções de um instrumento, trata-se de uma construção histórica das ciências.

Ao compreender que a história das ideias acompanha como certos conceitos, noções e categorias se constituem e como, ao se constituírem, ganharam contornos específicos, observamos com a história lexicográfica e ao compará-la a estas abordagens, que a partir de um princípio, o corte saussuriano, foi possibilitado novos esquadramentos sobre

o dicionário (aperfeiçoamentos, correções, críticas, refutações, resultados postulados de outras ciências e de elementos não científicos), demarcando novas e diferentes formas de conhecimento. Entendemos, assim, que a constituição do caráter histórico das ideias, de instrumentos, compreende interpretar como certas demarcações constituem gestos de leituras repletos de construções científicas, simbólicas e ideológicas que determinam saberes, ciências e trajetos.

Como nos apresenta Pêcheux (1971, p.36), “nas condições de toda e qualquer prática, figura sempre algo de ideológico”. Ao verificarmos o percurso lexicográfico e as abordagens teóricas a partir da segunda metade do século XX, notamos que se trata de uma construção, acima de tudo, ideológica. Pensando no papel que as formulações ideológicas teóricas e práticas (PÊCHEUX, 1971) exerceram na cientificidade, no estudo da prática lexicográfica, entendemos que os conteúdos são regulados, também, por efeitos extracientíficos derivados da relação de diferentes práticas e interpretações, o que faz do domínio instrumental em tela, os dicionários, constructos ideológicos e simbólicos.

As abordagens teóricas, que iniciam este tópico, apresentam, dessa forma, forças sociais em luta, que ora se dialogam e ora são contraditórias. Percebemos, então, que “as ideologias não ‘flutuam’ no céu das ideias, são práticas inscritas em realidades materiais, em instituições, em aparelhos” (MALDIDIER, NORMAND, ROBIN, 2010,p.82).

É na confluência desta reflexão, que postulamos nosso gesto de leitura do dicionário, que não só entra nessa luta de forças ideológicas com as outras teorias, como também propõe um diálogo.

Visto que a nossa abordagem teórico-metodológica se realiza em uma articulação, entendemos o dicionário de forma diferente em cada um desses domínios. Se a perspectiva da História das Ideias Linguísticas, como observamos no primeiro capítulo, vê o dicionário como *instrumento linguístico*, ou seja, um instrumento que prolonga a fala natural, dando acesso a formas que não configuram na competência de um sujeito, para a Semântica do Acontecimento ele será concebido como *texto*.

### 3.3 O DICIONÁRIO COMO TEXTO: METALINGUAGEM SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA NA ANÁLISE LEXICOGRÁFICA

Sabemos que a Semântica, independente de suas diversas perspectivas de aplicação, não possui como objeto de análise o texto; o objeto de estudo de uma semântica é a

significação. Entretanto, sendo o texto uma “unidade de significação”<sup>65</sup> (GUIMARÃES, 2011, p.9), o “texto interessa porque significa”, têm-se em Semântica do Acontecimento, principalmente pelos trabalhos desenvolvidos por Eduardo Guimarães, e como exemplo podemos citar o livro *Análise de Texto: procedimentos, análise, ensino* (2011), colocado em tela como um semanticista pode usar dessa unidade para a realização dos seus trabalhos, mostrando como devemos analisar um texto, procurando “dizer o que ele significa e como significa” (GUIMARÃES, 2011). Dessa forma, verificar como o texto tem sido feito lugar de reflexão nessa área de estudos, ou seja, quais são os procedimentos próprios para a sua interpretação e compreensão em SA, foi fator essencial em nossa pesquisa para que pudessemos pensar e conceber o dicionário como “objeto textual”, fazendo uma leitura proficiente e direcionada. Para Guimarães (2002, p.7), “considerar o processo no qual uma forma constitui o sentido de um enunciado é considerar em que medida esta forma funciona num enunciado, enquanto enunciado de um texto”. Assim, o sentido de um elemento linguístico tem a ver com o modo como este elemento significa em uma unidade maior, funcionando e constituindo em um texto. Ainda para o semanticista (2011,p.19), “texto é uma unidade de sentido que integra enunciados no acontecimento de enunciação”:

Esta definição considera de modo direto que o texto é uma unidade de significação. Ela se caracteriza por produzir sentido, e é isso que faz dela (desta unidade) um texto. O outro aspecto é que esta unidade (o texto) integra enunciados, ou dito de outro modo, o texto é integrado de enunciados. E é este aspecto que faz com que o texto seja texto e faça sentido. E é este aspecto que é preciso melhor caracterizar para que esta definição não se transforme numa fórmula um tanto vazia. E também para que não se considere que o texto tenha uma unidade ou unicidade de sentido, para que não se considere que o texto seja uno. (GUIMARÃES, 2011, p.19)

Para compreendermos o dicionário como texto, e para que não haja nenhuma dúvida sobre essa concepção, devemos esclarecer como pensamos o processo de elaboração do instrumento, no qual o conceito de acontecimento, como foi explicitado no capítulo anterior, é fator essencial.

Se refletirmos sobre o trabalho do lexicógrafo ou do dicionarista na produção de um dicionário, podemos ressaltar dois momentos. O aspecto primário a que esses sujeitos se prezam faz com que consideremos que a sua principal função seja a de “decompor textos em palavras”, afinal, é essa atividade que permite dizer que o dicionário “descreve o

---

<sup>65</sup> “Não se trata de dizer que o texto tem unidade, mas que ele é uma unidade, assim como a palavra é uma unidade, o enunciado é uma unidade, etc.” (GUIMARÃES, 2011,p.9)

léxico de uma língua”. No entanto, é o passo seguinte que permite dizer que o dicionário é um objeto textual, no qual da decomposição de textos em palavras tenha-se a necessidade de produção de novos textos, os verbetes de dicionários, isto é, há um segundo momento que faz do dicionarista produtor de textos, e essa reflexão já está presente em Weinrich (1979):

Precisamente nos últimos anos a atenção dos linguistas desviou-se dos dicionários e voltou-se para as frases, os textos e as situações de fala e de comunicação. Porque mostraria especial inclinação para os dicionários, digamos, um linguista que – como eu – tem certas esperanças na linguística de texto, quando o trabalho de fazer um dicionário consiste, principalmente, na engenhosa decomposição de textos em palavras, privando-as assim, inevitavelmente, da sua textualidade! Mas os partidários da linguística de texto podem ficar sossegados; pois a força da razão linguística faz com que do trabalho de decompor textos em palavras, resultem, finalmente, novos textos, a saber, os artigos dos dicionários, susceptíveis de serem lidos como artigos de fundo, protocolos, relatórios e memórias comerciais, tendo, portanto, ao menos o estatuto duma espécie de textos não-literários” (WEINRICH, 1979, p.315)

Desse modo, para nossa abordagem o segundo passo é tão fundamental quanto o primeiro, pois é nesse momento que, da criação de novos textos, vemos como “o sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento” (GUIMARÃES, 2002, p.12) e como esse acontecimento se constitui, é atravessado pelo político e se dá em um espaço de enunciação, o que confere sentidos a esses novos textos.

Tomar o dicionário enquanto texto é pensar que os enunciados constitutivos de seus domínios (prólogo, lista de abreviaturas, verbetes etc.) constroem sentidos no acontecimento da enunciação. Desse modo, para melhor entender esse aspecto durante a descrição que faremos do *DBLP*, retomaremos uma configuração em especial da cena enunciativa.

Sendo a cena enunciativa um espaço particularizado de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento (GUIMARÃES, 2002, p.23), e tendo em mente o labor lexicográfico, consideramos que “aquele quem fala”, quem assume a palavra, enuncia, produz texto, define, descreve, assume o lugar de Locutor (L). Porém, visto que para o Locutor se representar como origem do que enuncia é necessário que ele seja constituído por um lugar social de dizer, chamaremos de *locutor x* esse lugar de predicação que representa nosso sujeito (dicionarista). Assim, todas as vezes que fizermos uso da palavra locutor estaremos compreendendo o locutor que produz texto, que enuncia, um sujeito-dicionarista.

O texto como um todo se apresenta por um engajamento particular do locutor num certo espaço de enunciação, o que Guimarães (2011, p.25) tem chamado de

“relação de autor”, ou seja, “o engajamento do Locutor com o texto se dá pelo agenciamento do falante, no espaço de enunciação, como autor”. Desse modo, o semanticista (2011, p.26) ressalta que “a relação do falante é com as línguas e a relação do autor, enquanto um engajamento do locutor, é uma relação do acontecimento de enunciação, e nesta relação é uma relação com o texto”. É este vínculo, sem o qual não há texto, que significa a convivência de integração dos enunciados com a unidade texto: a relação do autor “permeia todo um conjunto de elementos, na medida em que o texto não é um conjunto de elementos, mas uma unidade integrada por enunciados” (GUIMARÃES, 2011, p.26). Portanto, a integração de enunciados no texto é produzida pelo acontecimento da enunciação, pela relação de autor:

[...] estamos diante de um aspecto importante que caracteriza um texto: ele se apresenta enunciativamente enquanto unidade de integração por uma relação com a exterioridade, por uma relação com um lugar social de locutor (o lugar do autor). E é exatamente por isso que a relação de sentido, a relação de integração não é segmental, não se reduz à linearidade, considerar o texto linearmente seria pensá-lo ou como uma unidade empírica, ou como unidade lógica da ordem do Locutor. (GUIMARÃES, 2011, p.26)

Dessa maneira, a pertinência de um objeto ao qual se atribui o nome de texto diz respeito à relação que a sua composição tem com o acontecimento de enunciação em que ela se apresenta. Assim, o verbete de dicionário, por exemplo, tem a sua realização configurada de acordo com as instâncias enunciativas que o Locutor que o produz tem no acontecimento.

Ainda para Guimarães (2011, p.27), “um aspecto a considerar na constituição do texto é que seus enunciados se reportam sempre a enunciados de outras enunciações anteriores, de outros textos. Há no acontecimento do texto sempre o dizer de outros”. Vemos nessa reflexão um diálogo com nossa outra abordagem, a que estabelece o dicionário como instrumento linguístico, pois, quando um locutor faz uso de outros textos no seu texto, ou quando vemos um texto falar de outros textos, temos comprovado que as formas do conhecimento não se configuram na competência de um único sujeito.

Um bom exemplo para compreender que o texto não tem unidade, ou seja, que ele não é uno, homogêneo, pode ser observado quando consideramos o *corpus* em que um dicionário é baseado, e esse é um dos aspectos que arrolaremos na descrição do *DBLP*.

### 3.4 CARACTERÍSTICAS DA OBRA E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE: A MACROESTRUTURA E A MICROESTRUTURA DO *DBLP*

Considerando o percurso que Weinrich (1979) apresenta em seu texto “A verdade dos dicionários”, concordamos com o que o autor pondera em sua busca por um dicionário verdadeiro: “a verdade dos dicionários, ela também, é uma verdade histórica”. Dessa forma, “uma certa congruência e correspondência entre o modo de se fazer um dicionário e aquilo que, sumariamente chamarei o espírito da época, parece a condição prévia para se poder falar de verdade de um determinado dicionário ou tipo de dicionários” (WEINRICH, 1979, p.320-321).

No primeiro capítulo, vimos que o *DBLP* é um dicionário de brasileirismos. Ao avaliarmos o “espírito da época” em que o dicionário foi desenvolvido, podemos dizer que a realidade, principalmente, linguística desse século favoreceu a formulação de um instrumento dessa natureza, o que pode ser comprovado pela produção de outras obras sob essa mesma classificação. Cabe ressaltar que essa via de produção de dicionários, ao se afastar da tradicional, portuguesa, assume uma especificidade em seu fazer lexicográfico, marcando não só uma ruptura no que se refere à representatividade da língua, como também estabelecendo uma nova tradição lexicográfica, brasileira.

No entanto, sendo que a Lexicografia e a Linguística só figurarão seu caráter de ciência no século seguinte, fica esta etapa do processo de formulação de dicionários no Brasil consagrada “período de transição”, na qual as obras produzidas apresentam um “caráter mais autônomo” (ISQUERDO, 2011, p.128), garantindo peculiaridades diversas em suas composições.

Tendo em mente essas condições e a perspectiva teórico-metodológica que adotamos, sentimos a necessidade de realizar, anterior à nossa análise, a descrição de alguns aspectos do nosso objeto de estudo que apresentasse as características da obra e que concebesse os procedimentos de análise fornecidos pela SA. Desse modo, consideramos as próximas seções desse capítulo fundamentais para a realização da nossa análise e esclarecedora do nosso estudo.

### 3.4.1 Produzir Dicionário – Trabalhar com Textos: Considerações Macroestruturais do *DBLP*

Salvo o índice de “Abreviaturas bibliographicas”, arrolamos nas análises do próximo capítulo os demais componentes do *DBLP*<sup>66</sup>. Portanto, para evitarmos uma repetição de conteúdo efetivaremos nesta seção apenas considerações sobre esse índice e que o faça significar na compreensão da obra.

Segundo Weinrich (1979, p.322), o *corpus* é “conjunto de textos donde parte a elaboração dum dicionário qualquer”. Então, sendo o *DBLP* um dicionário de brasileirismos, o primeiro aspecto a observar seria verificar quais foram as “fontes” que serviram de base para a sua elaboração. No entanto, temos de ressaltar que a Linguística de corpus constituiu-se como disciplina recentemente, logo, a produção de dicionários a partir de um *corpus* ou de *corpora* figura-se apenas a partir da segunda metade do século XX. Nessas condições não poderíamos dizer que o *DBLP*, por ter sido produzido no final do século XIX, beneficiou-se ou foi resultado de um trabalho de *corpus*.

Contudo, pudemos evidenciar no dicionário referência a vários outros estudos e autores, o que nos permitiu verificar que o *DBLP* fez uso de diversos textos como definições e abonações, mesmo não sendo a presença destas uma constante no dicionário, o que dá pistas sobre a inexistência de um *corpus*. Visto isso, o que podemos afirmar é que o dicionário de Macedo Soares não advém de um saber isolado, ele compreende também trabalhos anteriores, até mesmo realizados por ele.

Vemos que por vezes o dicionarista fez uso desses textos não só como abonações, como também para constituir a definição do verbete por meio de transcrições diretas. Ao observarmos a seção de “Abreviaturas bibliographicas”, logo no início do dicionário, pudemos verificar quais foram essas obras.

A seção de “Abreviaturas Bibliographicas” vai da página 7 à página 12 do *DBLP*. Nessas seis páginas, além das abreviaturas dos nomes de autores e de obras que são frequentemente citados no interior do dicionário, tomamos conhecimento dos textos dos quais foram extraídos algumas palavras-entrada e informações microestruturais dos verbetes, bem como de outras obras que tenham auxiliado o dicionarista em outros aspectos das definições.

---

<sup>66</sup> O índice de “Abreviaturas léxicas” embora não tenha recebido uma seção específica de análise no capítulo IV, como o prólogo e a epígrafe por exemplo, apresentou relevância em vários tópicos de análise, portanto, também não trataremos dele aqui.

Com isso, temos que Macedo efetuou leitura de arquivos de museus, jornais, revistas, dicionários, glossários, vocabulários, anais de bibliotecas, gramáticas, livros científicos de diversas áreas (História, Geografia etc.), clássicos literários, tratados, testamentos e relatos, sendo a maioria dessas obras do século XIX e algumas poucas que fazem parte da segunda metade do século XVIII. Notamos, então, que o material garante a representatividade temporal de um século e meio, salvaguardando que algumas dessas fontes (as do século XVIII) foram utilizadas apenas com o intuito de comparar formas linguísticas ou significados de palavras.

Também prestamos a observar que o autor utilizou de obras em outras línguas, como o *Vocabolario della Lingua italiana*, de Longhi e Toccagni, o *Etymologisches Wörterbuch der Romanischen Sprachen*, de Friedrich Diez, o *Glossarium mediae et infimae Latinitatis*, de Du Cange, o *Vocabulary of the Yoruba Language*, de Samuel Crowther, a *Grammaire de la Langue d’Oïl*, de Burguy e diversas outras. Essas textualidades, no entanto, não funcionam como fontes de extração de palavras e sim como material de consulta para explicação de questões referentes à etimologia dos vocábulos lematizados, portanto, ressalvamos isso da nossa consulta à seção de abreviaturas.

A maioria das lematizações, e isso verificamos pelas abonações dos verbetes, são retiradas de fontes brasileiras: periódicos, como o *Jornal do Commercio*, dirigido por Carlos de Laet, o *Diario Official do Brazil*, o *Fluminense*, o *Monitor Sul Mineiro*, a *Revista Brasileira*, arquivos de museu, como os *Archivos do Museo Nacional do Rio de Janeiro*, obras lexicográficas, como a *Collecção de Vocabulos e Phrases usadas na prov. de S. Pedro do Rio Grande do Sul*, de Antonio Alvares Pereira Coruja, o *Vocabulario Brasileiro*, de Braz da Costa Rubim, o *Glossario de Vocabulos Brasileiros*, de Beaurepaire Rohan, obras que apresentam especificidades culturais, históricas e geográficas do Brasil e suas regiões, como o *Descobrimento do Brazil e seu desenvolvimento no século*, de João Capistrano de Abreo, a *Historia da Republica Riograndense*, de Assiz Brazil, o *Ensaio sobre os Costumes do Rio Grande do Sul*, de João Cesimbra-Jacques, o *Catalogo dos Diversos Productos da Exposição Provincial do Paraná*, as *Cartas de um Roceiro*, de Faustino de Xavier de Novaes, a *Geographia Physica do Brasil refundida*, de Wappoeus, anais de bibliotecas, como os *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro* e clássicos literários brasileiros, como o autor assinala em nota no fim da seção: “Os *classicos brasileiros*, coloniaes e contemporaneos, não contemplados n’estas abreviaturas, vão citados no corpo do Diccion. com os nomes por inteiro [...]” (MACEDO SOARES, 1889, p.12).

Compreendemos, portanto, que o *DBLP* inscreve obras e textos que abarcam especificidades linguísticas, históricas, geográficas e sociais do Brasil e de suas regiões, o que garante a legitimidade do léxico em descrição. Vemos que o dicionarista opta pela utilização de estudos que sejam representativos do Brasil como um todo, o que pode ser ilustrado pela seleção que faz de periódicos de várias regiões do país. Percebemos no levantamento que fizemos a presença de instrumentos linguísticos nacionais, gramáticas, dicionários, vocabulários produzidos no Brasil e de clássicos literários idem o que garante a autenticidade do que é informado e descrito no dicionário, mostrando, assim, a necessidade de atestar concretude nacional ao instrumento, o que pode ser apontado como característica desse momento de gramatização. Desse modo, vemos na figura de Macedo Soares a tentativa de romper com o modelo de gramáticas e dicionários de até então, que ainda utilizavam como meios de documentação e extração de exemplos e abonações instrumentos e clássicos portugueses.

No entanto, vale ressaltar que o *DBLP* também faz uso de textualidades portuguesas, como o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de José de Moraes e Silva, *O Panorama, O Paiz, o Novo Diccionario critico e etymologico da lg, port.*, de Francisco Solano Constancio, o *Diario de Noticias* e diversas outras, porém, as obras portuguesas ou são utilizadas para destacar as diferenças entre o português da ex-metrópole e o português falado no Brasil da época, ou para mostrar como certos vocábulos vigentes no Brasil se tornaram arcaísmos em Portugal. Dessa forma, quando comparadas às obras portuguesas e brasileiras, o lexicógrafo pode comprovar as diferenças entre os significados e as formas dos vocábulos que lematiza como brasileirismo, visto que as produções literárias dos dois países são fontes refletoras de realidades linguísticas específicas.

Ao verificarmos que o *DBLP* também é influenciado e efeito de outras leituras realizadas pelo autor, podemos dizer que a “lexicografia tem por isso mais a ver com textos e partes de textos do que com palavras isoladas” (WIEGAND, 1979, p.121). Nesse ponto, vemos que no processo de produção de dicionário há um intenso trabalho com textos e de produção de textos.

A ancoragem feita por Macedo Soares para a fundamentação de verbetes, mostra de forma explícita o que afirma Guimarães: “há no acontecimento do texto sempre o dizer de outros” (2011, p.27). Afinal, a produção desses verbetes diz sobre outras enunciações, textualidades e materialidades. Ou seja, essa questão é um bom exemplo para

mostrar que texto não tem unidade, homogeneidade, pois a sua realização depende do que configura em outros textos, e esse aspecto é uma constante no dicionário de Macedo.

Enfim, vemos que embora o *DBLP* não seja procedente de um trabalho de *corpus*, não poderíamos deixar de destacar a influência e relevância dessas leituras e obras para a configuração do dicionário. Afinal todo saber possui um horizonte de retrospectão, e a referência a essas obras é um dos fatores que garante e explica a espessura temporal dos elementos descritos.

Como já expusemos, as demais considerações sobre os domínios que caracterizam a macroestrutura do *DBLP* vêm disposta em análise no capítulo IV, portanto, passaremos a tratar agora da microestrutura do dicionário.

### 3.4.2 A Microestrura do *DBLP*: o Funcionamento Semântico-Enunciativo do Verbetes

Gostaríamos de ressaltar que por se tratar de um dos primeiros dicionários brasileiros monolíngues, e por ser seu idealizador e produtor, um jurista interessado pelas causas linguísticas, e não um lexicógrafo, temos no *DBLP* uma microestrutura bem peculiar, o que faz com que consideremos a singularidade desse dicionário que, já de antemão avisamos, não possui estruturado seus subdomínios (definição, etimologia, abonação etc.) de forma uniforme.

Partindo do pressuposto de que o Lexicógrafo ou o Dicionarista é um Locutor determinado por um espaço político de manifestação linguística, ou seja, ele é “agenciado a dizer pelo modo como as formas linguísticas se constituem socio-historicamente e pelo modo como o espaço de enunciação distribui as línguas, e os modos de dizer e o que dizer, para seus falantes” (GUIMARÃES, 2009); observamos como os efeitos de sentido são produzidos e quais são os procedimentos enunciativos reguladores do funcionamento enunciativo dos enunciados definidores e dos demais domínios deste instrumento linguístico. Para tanto, mobilizaremos para a construção de nosso dispositivo analítico um procedimento citado anteriormente, a reescrituração.

A partir desse mecanismo, esperamos construir, primeiramente, um modelo semântico-enunciativo para a análise de enunciados definidores que permita acessarmos a materialidade histórica de práticas, objetos, ações, situações, ideias, sujeitos etc., que se manifestam e se refletem na microestrutura deste dicionário, principalmente nas definições. Desta forma, filtraremos do conteúdo do verbete apenas o que se refere à definição, excluindo

nesse momento os outros domínios como as marcas de uso, as informações etimológicas, as abonações e outros aspectos do verbete.

O nosso olhar é para o que a Análise de Discurso classificou como Enunciado Definidor, como podemos ver nos trabalhos de Collinot e Mazière (1997), Mazière (1989), na França, e de Horta Nunes (2006), no Brasil.

Nessa perspectiva, o enunciado definidor “é considerado em uma rede de relações parafrásticas com outros enunciados, na qual se estabelecem os limites e as fronteiras das formações discursivas” (NUNES, 2006, p.36), portanto, esses enunciados são tratados como segmentos de um discurso (*segments d’un discours*) (COLLINOT; MAZIÈRE, 1997, p. 194).

Para André Collinot, uma análise discursiva do enunciado definidor “concebido como o lugar em que se constrói e se pode mostrar o ‘como se diz’ de uma sociedade”, coloca em evidência um pronto para dizer (*prêt à parler*) (COLLINOT apud MAZIÈRE, 1989, p.48).

Segundo Mazière (1989, p.49), a definição “clássica” de enunciado definidor pode ser esquematizada da seguinte forma: *N-entrada: N-cabeça (adj.) (Particípio) (S.Prepo.) (Rel.) (Circunstancial)*. Obervemos o verbete *alevante*, retirado do DBLP:

**alevante** sm., 1º levantamento popular contra alguma auctoridade; sublevação de povo; insurreição de escravos. || 2º aleive, calúnia, acusação falsa. || ETYM. pref. *a* para, contra + th. *levant* + desin. *e*. Cp. *acceite, es quente*. || HIST. port. ant. *alevanto* alvoroço, motim, estrondo, descomposição de palavras, ralhos, disputas, contendas. Vit., sec. XIV. Roq. dá *alevanto* sublevação. || LEX. PORT. *levante*.

Nas condições propostas, fariamos alguns recortes e consideraríamos apenas a definição. Assim, teríamos o seguinte enunciado definidor:

**alevante** – 1º levantamento popular contra alguma auctoridade; sublevação de povo; insurreição de escravos. 2º aleive, calúnia, acusação falsa.

Onde alevante é o nome-entrada, os elementos levantamento, sublevação, aleive, calúnia e acusação são nomes-cabeça, e o restante trata-se do circunstancial, que é considerado dependendo da definição, pois instauram diferentes configurações enunciativas.

No entanto, na perspectiva que nos colocamos neste estudo, buscamos configurar um novo modelo de análise para o enunciado definidor: nossa proposta é pensar o enunciado definidor pela perspectiva da Semântica do Acontecimento, o que nos leva a novas configurações do enunciado.

Nessa perspectiva, consideramos que tanto a significação quanto a sua relação com o “que acontece” são construídas linguisticamente (GUIMARÃES, 2007, p,77), assim, o aspecto fundamental do nosso trabalho é ser capaz de mostrar como se dá o funcionamento dos sentidos no enunciado definidor. Se para a SA, como vimos, o sentido de uma expressão pode ser analisado como seu modo de integração num enunciado, enquanto elemento de um texto (GUIMARÃES, 2002, p,26), então, para nós o enunciado definidor será concebido enquanto elemento integrativo de um texto: o dicionário será assim concebido como objeto textual inserido em um espaço político de manifestação linguística, o que faz com que o locutor seja agenciado a dizer pelo modo como as formas linguísticas, presentes na definição, se constituem socio-historicamente e pelo modo como esse espaço de enunciação distribui as línguas e o os modos de dizer e o que dizer para seus falantes. (GUIMARÃES, 2009, p.49)

Embora a articulação seja um procedimento do agenciamento enunciativo que nos possibilitaria ver a organização e a relação dos elementos na definição, preferimos trabalhar com a reescrituração, pois, segundo vemos figurar no enunciado definidor, esse procedimento poderia fornecer contribuições mais significativas sobre a relação que se estabelece entre a *entrada* e os demais elementos do verbete na definição.

As relações de reescrituração, como já expusemos, “consistem em se redizer o que já foi dito” (GUIMARÃES, 2009, p.53). Fundamental na constituição do sentido pelo acontecimento enunciativo, esse procedimento de redizer significa o presente da temporalidade do acontecimento (GUIMARÃES, 2002, p.28). Nessas condições, a reescrituração pode ser concebida de diversos modos, ela pode se dar por repetição, substituição, eclipse, expansão, condensação e definição. Consideremos, então, o verbete

*angustura* do *DBLP* para verificarmos como funciona, para nós, esse redizer no enunciado definidor.

**angustura** sf., lugar estreito, passagem apertada, boqueirão || ETYM. lat. *angustura*; hisp. *angostura*. || GEOGR. Paraná, RGS. || LEX. PORT. angustia : é t. obs., sg. Aul. || SYN. apertado, biboca.

Primeiramente, devemos dizer que para nós o que interessa do verbete é apenas a definição, portanto, nosso olhar direciona-se para a seguinte estrutura:

**angustura** sf., lugar estreito, passagem apertada, boqueirão.

Para nós, a reescrituração concentra-se no processo de redizer a entrada do verbete. Assim, *angustura* seria o termo reescriturado e *lugar estreito*, *passagem apertada* e *boqueirão* suas reescriturações. Logo, compreendemos o enunciado definidor como um exemplo por excelência de reescrituração, pois o que busca o locutor é “fazer interpretar uma forma (reescriturada) como diferente de si (em virtude da reescrituração)” (GUIMARÃES, 2009, p.53), e é nessa medida que o locutor faz significar sua prática e seu objetivo. Além disso, conseguimos ver que a relação entre os elementos é simétrica, transitiva e não reflexiva, o que caracteriza essa relação como sendo de reescrituração.

Considerando se tratar de um verbete, o que podemos dizer é que o modo reescrituração mais convencional a esse gênero seria a “definição”. No entanto vários outros modos podem ser articulados nesse processo de definir. No exemplo escolhido anteriormente, vemos que a reescrituração pode significar uma *expansão*, pois as três reescriturações buscam ampliar o que está dito na entrada, uma *sinonímia*, pois se retoma a entrada por termos com equivalência de sentido, uma *especificação*, a reescrituração apresenta elementos que determinam, especificam, apresentam elementos de sentido como “estreito” e “apertada”, e por fim, vemos que todo o conjunto de acepções caracteriza uma reescrituração por *enumeração*, pois vemos que os três elementos significam a entrada em conjunto, e isso, pode ser entendido de forma mais evidente, quando o enunciado definidor traz acepções diferentes, onde a reescrituração determina a entrada com mais de um sentido.

O que a análise dos verbetes do *DBLP* nos permitiu compreender foi que os processos de reescrituração são regrados de acordo com aquilo que o dicionarista quer fazer evidenciar, e desse modo cada verbete traz um modo de reescrituração que se destaca perante os outros. Por exemplo, no caso acima, vemos que o dicionarista traz elementos que buscam especificar a palavra entrada, então, destaca-se nessa reescrituração uma definição por especificação e até mesmo por sinonímia. Em outros momentos vemos que a expansão se sobressai, como em *calumbá*:

*calumbá* sm., « nos engenhos de assucar é o cocho do caldo ». Rub. || ETYM. bd. *calumba* giboso, corcovado. || ORTHOGR. vj. *calimbá*. || SYN. *cocheira*. « Para alimpar o coxo do caldo (a que chamão *cocheira* ou *calumbá*) ». Antonil.

Vemos que a reescrituração de *calumbá*, que também funciona como abonação, busca ampliar e explicitar o que significa a palavra entrada. Nesse caso a expansão se mostrou mais significativa, pois o autor buscou explicar a entrada, no entanto, não podemos dizer que essa reescrituração não seja também especificadora.

Comprendemos, portanto, que em alguns casos são colocados mais de um modo de reescrituração em destaque, o que mostra que a definição no *DBLP* não apresenta um caráter uniforme. O locutor coloca em funcionamento na definição os elementos que acredita significar da melhor forma a entrada, seja trazendo sinônimos, elementos especificadores, acepções diferentes e até mesmo não trazendo uma definição.

Os modos de reescrituração também são fundamentais para verificarmos que tipo de verbete o dicionarista buscou construir. Vemos que, muitas vezes, Macedo Soares não traz uma definição e sim uma informação enciclopédica. Os modos de reescrituração, então, funcionam também para entendermos em que momentos o locutor traz apenas as definições das coisas e em que momentos ele busca trabalhar o verbete enquanto unidade da língua. Por mais que a estruturação dos verbetes nos aponte um trabalho e consideração maiores com a língua.

Sobre a definição, então, buscamos expor aqui como a Semântica do Acontecimento contribui com a nossa análise. Atentando compreender os modos de

reescrituração dos enunciados definidores, vemos como o trabalho de constituição da definição significa a manifestação dos sentidos que afetam ideias, práticas, objetos, sujeitos etc. e faz significar a língua, a sociedade, a história e também o fazer lexicográfico.

Feitas nossas considerações sobre a definição lexicográfica, nos atentaremos agora às demais configurações do verbete. Vale ressaltar que a presença ou não de determinadas elementos diz muito sobre o dicionário em análise.

Nos verbetes que constituem o *DBLP* vemos que as marcações ETYM., GEOGR., LEX. PORT., SYN., HIST., ORTHOGR. SYNT., ORTHOPH, são aspectos marcados com frequência, mesmo não sendo utilizados na configuração de toda unidade microestrutural, nem em uma ordem determinada. Respectivamente, esses elementos tratam da etimologia do vocábulo (ETYM.), seu domínio de localização geográfica (GEOGR.), sua aceção portuguesa (LEX. PORT.), seus sinônimos (SYN.), considerações históricas (HIST.), considerações ortográficas (ORTHOGR.), considerações sintáticas (SYNT.) e ortofonéticas (ORTHOPH).

Vemos que esses elementos nos oferecem informações fundamentais para mostrar as intenções da obra. Sendo o *DBLP* um dicionário de brasileirismos, as informações de sua microestrutura funcionam para caracterizar cada elemento da língua em sua especificidade.

A etimologia, por exemplo, é a categoria mais frequente nos verbetes do *DBLP*. No subtítulo da obra somos informados de que se trata de um “elucidário etimológico”, logo, vemos que o autor dá muita importância a esse aspecto. É esta a categoria que permite mostrar quais foram as línguas que ajudaram na composição de um léxico brasileiro, tópico especial em um dicionário de brasileirismos. Por meio da etimologia, podemos entender as relações entre línguas que figuram no Brasil desde a sua colonização, a relação do português com as línguas indígenas, africanas, hispano-americanas e os demais contatos que foram efetivados. Pela informação etimológica podemos certificar quais línguas tiveram mais influência na caracterização do português brasileiro, assim, conseguimos acessar o percurso histórico da língua. O detalhamento no processo de formação das palavras nos possibilita ver que toda língua sofre um processo de historicização que lhe é próprio, e por isso as considerações etimológicas no *DBLP* são priorizadas, pois vão mostrar que a língua no Brasil trilhou um caminho diferente da língua em Portugal, questão fundamental e levantada pelos estudos linguísticos do final do século XIX.

As considerações geográficas também são engendradas com a importância de sinalizar o pertencimento do vocábulo a um determinado território. No *DBLP*, essa marcação é fundamental para legitimar a presença dos vocábulos nas comunidades linguísticas do Brasil, logo, o aspecto geográfico figura de forma significativa para estruturar o argumento da diferença em relação a Portugal.

Também vemos que alguns verbetes trazem além da acepção brasileira, a marcação *portuguesa* para uma determinada palavra. Isso só faz evidenciar que a língua portuguesa passou por um processo de ressignificação no território brasileiro. O dicionarista, ao apontar a diferença entre a acepção brasileira e a portuguesa de um determinado vocábulo, faz acentuar a diferença entre as línguas mais uma vez.

De forma geral, podemos dizer que as especificidades de todas essas marcações buscam, enquanto elemento estruturante desses verbetes, atentar o consulente sobre as diferenças de usos, de sentidos, sintáticas, ortográficas, fonéticas, históricas entre o léxico português e o brasileiro. E isso condiz com o que o dicionário traz como tema: mostrar como se fala no Brasil. Assim, vemos que essas marcações funcionam em uma mesma direção, e isso é fundamental para a caracterização da obra e para marcar o seu pertencimento no processo de gramatização brasileiro do século XIX.

Outros elementos estruturantes dos verbetes do *DBLP* são as abonações. Segundo Welker (2004, p.151), podemos distinguir pelo menos cinco finalidades gerais das abonações:

- Comprovar que o lexema ocorre, de fato, na respectiva acepção;
- Mostrar que os bons autores usaram o lexema;
- Mostrar o lexema num contexto “estilisticamente belo” ou incomum;
- Mostrar como o lexema é usado no discurso real e ajudar, desse modo, na produção de textos;
- Auxiliar na compreensão do lexema consultado.

Todas essas finalidades, com certeza, mostram que as abonações desempenham um papel importante no funcionamento do verbete, embora cremos que no *DBLP* as abonações apresentem outros objetivos, além dos mencionados por Welker.

Pelas abonações temos acesso àquilo que as definições não nos possibilitam, mostrar de forma autêntica os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação

em determinadas conjunturas históricas. As abonações são fundamentais para compreendermos a relação do histórico com o linguístico, e nessa relação, como se faz preponderar as ideologias de uma determinada época. Vale ressaltar, porém, que as abonações são selecionadas de acordo com aquilo que o dicionarista quer fazer evidenciar, portanto, não podemos desconsiderar que se trata de uma escolha política do sujeito, ou seja, ao mesmo tempo em que as abonações legitimam uma memória coletiva da sociedade, instaura um direcionamento do sujeito dicionarista no dizer.

As abonações do *DBLP*, ao passo que legitimam os sentidos e a existência dos brasileirismos, nos mostram as relações de poder e os modos de significar a sociedade brasileira do século XIX, logo, foi um lugar essencial para evidenciarmos a relação sociedade/língua/história.

De forma geral, tratamos aqui dos elementos mais destacáveis no dicionário, contudo, em nossa análise, explicitaremos as demais marcações do *DBLP* e como a estruturação e o conteúdo microestruturais foram fundamentais para efetivarmos nossos objetivos.

### 3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo, buscamos evidenciar nossa compreensão do dicionário enquanto texto e enquanto instrumento linguístico. Pensar o dicionário na articulação dos dois domínios, A Semântica do Acontecimento e a História das Ideias Linguísticas, possibilitou que a análise lexicográfica nos mostrasse como o dicionário instaura em sua materialidade um lugar de dizer que faça significar o saber metalinguístico e toda uma conjuntura social e histórica brasileira.

Dada a peculiaridade do instrumento linguístico em tela, vemos pela sua arquitetura que ao mesmo tempo em que se evidencia a falta de critérios na organização dos seus domínios, compreendemos a existência de um ideal regulador da prática lexicográfica que permite um direcionamento de leitura, que no caso é o fato da gramatização brasileira do final do século XIX.

Partindo do ensejo de diagnosticar um conteúdo que diferencie o português falado no Brasil e o falado em Portugal, notamos que há em cada elemento ou marcação a necessidade de contribuir com esse objetivo. Assim, vemos figurar no dicionário os gestos de interpretação do dicionarista e sua filiação com os ideais da época.

Cabe-nos agora, então, explicitar em detalhes como cada um desses elementos funciona no texto do dicionário, e como as regularidades enunciativas de cada domínio nos conduziram ao saber que se constrói sobre a língua.

## CAPÍTULO IV

### **DICCIONARIO BRAZILEIRO DA LINGUA PORTUGUEZA: CONTRIBUIÇÕES E ANÁLISES DO SABER LEXICAL E SEUS DOMÍNIOS**

De diferentes maneiras e em histórias e culturas diversas [...] toda língua nacional se constitui em um processo de confrontos, alianças, oposições, ambiguidades, tensões com outras línguas. A relação língua/nação é tensa e é uma relação de consistência histórica singular entre a língua e seus falantes que podemos compreendê-la, avaliá-la. (ORLANDI, 2002, p.42).

#### 4.1 INTRODUÇÃO À ANÁLISE

O que importa da análise que realizamos é não apenas verificar os acontecimentos propiciados pelo momento histórico em que o dicionário figura no cenário constituído pelo período de gramatização abordado, mas entender *como* e *o que*, enquanto texto, ele nos diz sobre a língua descrita e sobre a sociedade brasileira do século XIX. Logo, na medida em que Macedo Soares nos abre a porta de um conhecimento sobre a língua, somos levados a conhecer uma época e perceber o que há de significativo desse momento na concepção de língua de um país em mudança política.

Tratamos neste capítulo de compreender o *DBLP* em suas partes ou em temáticas que julgamos ser destacáveis nesse instrumento linguístico. Desse modo, pudemos ver o que há de memorável, significativo e o que faz do dicionário um instrumento linguístico, afinal, como notamos no primeiro capítulo dessa dissertação, esse instrumento não deixou intactas as percepções linguísticas brasileiras, vista a repercussão que a obra alçou na época em caráter múltiplo. Assim, buscamos no decorrer desse quarto capítulo proporcionar uma análise que mostre que pelas páginas desse livro de composição singular pudemos compreender o eco de um trabalho que fala de uma história, de uma sociedade e de uma língua.

#### 4.2 NOMEAR UM DICCIONÁRIO - SIGNIFICAR UM INSTRUMENTO LINGUÍSTICO E O SEU FAZER

O funcionamento semântico que fez do *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa* obra conhecida e referenciada a partir de 1888 mereceu mais atenção neste momento do trabalho, afinal, a atividade de intitular a obra, nomeá-la, ao passo que nos apresenta o instrumento o faz significar pela sua relação no acontecimento em que funciona.

Talvez, estudar o nome da obra fosse tarefa final a ser realizada, visto que a verificação de como esse nome significa também deve ser balizada na sua relação com uma unidade maior, o texto do dicionário. O que não descartaremos, pois durante as análises voltaremos a refletir sobre esse aspecto. No entanto, valem do título do dicionário de Macedo Soares, nessa ocasião, para apresentar o início de um percurso de reflexões e compreensões sobre o dicionário e o que ele apresenta.

Ao pesquisarmos sobre o nosso objeto, descobrimos que o dicionário que colocamos em tela, ao longo dos seus treze anos de elaboração (1875-1888), recebeu diferentes nomes, segundo nos informa o prefácio da segunda edição desse instrumento, escrito por Julião Rangel de Macedo Soares, em 1952. Seguem, em tabela formulada por nós, os nomes atribuídos:

<i>Glossario etymologico-critico da lingua Luzo-brazileira ou Elucidario das Palavras e Phrases que, sendo originarias do Brazil ou aqui vulgares, se não encontram nos dictionarios da lingua portugueza, ou se encontram com forma ou significação diferente, - por Antonio Joaquim de Macedo Soares – Paraná, 1874-1876</i>
“Glossario Brasileiro da Lingua Portuguesa” – <i>Vocabulario etymologico-critico do Idioma Luso-brazileiro, compreendendo palavras e phrases originarias do Brazil, ou aqui vulgares, que se não encontram nos dictionarios da lingua portugueza, ou se encontram com forma e significação diferente, - 1875-1886 -</i> , por Antonio Joaquim de Macedo Soares, juiz de direito, membro C. do Instituto Philologico da Côrte.
“Dictionario Completo da Lingua Luso Brazileira”
<i>Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa: elucidário etymologico-critico das palavras e phrases que, originarias no Brazil, ou aqui populares, se não encontram nos dictionarios da língua portugueza, ou nelles vêm com forma ou significação diferente. 1875-1888</i>

Como podemos notar, nos treze anos em que a obra foi produzida, a sua nomeação foi função colocada em pauta, como podemos perceber pelos quatro títulos pensados, que denunciam que o dicionarista refletiu sobre a natureza da obra que estava produzindo: seria um dicionário ou um glossário? Vocabulário ou elucidário? E também sobre a designação que seria concedida à língua: língua luso-brasileira ou língua portuguesa?

Sabemos que foi Macedo Soares, antes de iniciar a produção do dicionário, escritor de várias notas lexicográficas sobre aspectos etimológicos indígenas e africanos presentes no caráter toponímico, geográfico e instrumental vivenciado pelo jurista pelas províncias em que habitou. Esses textos, publicados em jornais ou em regimentos, continham

listas de palavras sobre os aspectos citados<sup>67</sup>, o que não faz do *DBLP* o primeiro trabalho lexicográfico do autor.

Contudo, conseguimos visualizar, pelas designações apresentadas, que houve um processo de reflexão sobre o nome da obra ao passo que o autor compilava as palavras que seriam lematizadas, o que nos indicia que o processo de indicação da natureza da obra, sua classificação tipológica, aponta para um refletir sobre o instrumento e seu fazer e a relação intrínseca destes com o tempo. Consideramos então, e os treze anos de formulação da obra mostram isso, que é necessário tempo para saber, e que a produção de um instrumento como esse não é resultado de um conhecimento instantâneo, e sim de um caminho de pesquisa percorrido pelo autor. Assim, de um compêndio de “palavras e frases” para a designação “Dicionário completo”, observamos que houve um período de reflexão, que marca a dimensão científica que a produção de um dicionário acarreta, e a relação do conhecimento que é disposto neste com o tempo. Dessa forma, conseguimos visualizar, pelas designações do quadro, indícios do que Auroux (2008, p.137) chama de “representação histórica do conhecimento científico”, pois “a emergência de novas entidades e a irreversibilidade das sequências emergentes”, dispostas aqui pelas designações tipológicas que a obra foi recebendo, apontam para uma relação entre o ato de saber (a produção de conhecimento) e a temporalidade.

Já a segunda questão, o nome da língua, será assunto de nossa última seção, visto que outras designações nos foram apresentadas no interior do dicionário, o que faz com que esse fato deva ser analisado de forma mais atenta.

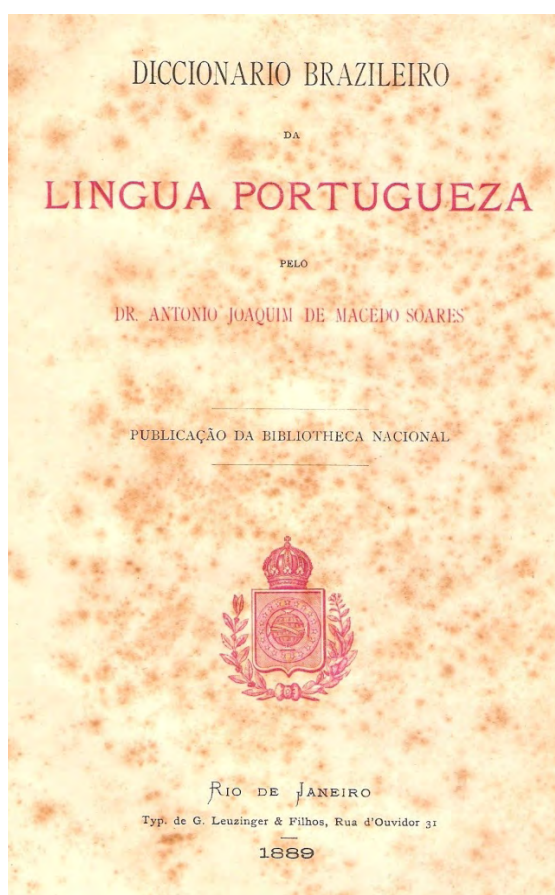
Voltando ao nome do dicionário, o que é destacável do momento de sua idealização até a publicação é a persistência em dizer que se trata de uma obra do Brasil e sobre o léxico falado no país. Sobre o fato de atestar o pertencimento da obra: trata-se de um dicionário brasileiro, que é a primeira manifestação do dicionário, antecedente até mesmo ao título:




---

<sup>67</sup> Para melhores esclarecimentos sobre esses textos consultar: MACEDO SOARES, Antônio Joaquim de. **Obras completas do Conselheiro Macedo Soares II – Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro**. SOARES, Julião Rangel de Macedo (Org.). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

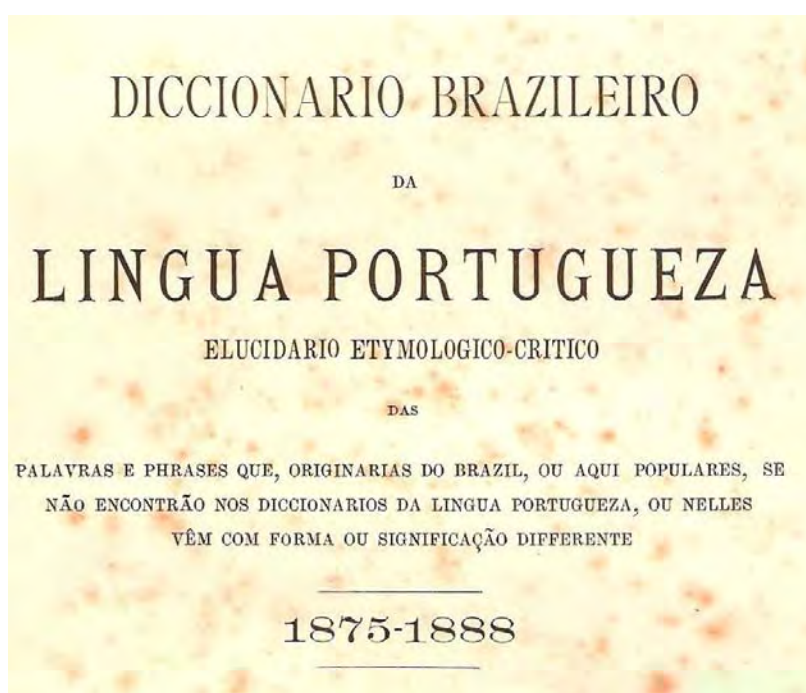
Enunciar, logo na primeira folha dos anais de 1888 e da separata de 1889 que se tratava de um dicionário *brasileiro*, mostra, em primeira instância, que tinha a obra a função de dar concretude nacional ao instrumento, de marcar pertencimento. Somado ao conjunto de outras obras significativas do período, busca o dicionário de Macedo uma inscrição fundadora sobre os estudos linguísticos do português falado no país, ou seja, a designação “brasileiro”, que também é recuperada no título da obra, sustenta a existência de um pensamento sobre a língua ligado à identidade. Dessa forma, concordamos com Guimarães (1996, p.134) no que se refere aos estudos sobre o português do Brasil do segundo período de gramatização: “o que ressalta nesta discussão é que ela não é, naquele momento, simplesmente uma discussão teórica e descritiva, mas é uma discussão fortemente política e militante”, caráter não só alimentado pela especificidade do português, mas também por movimentos políticos, como a independência do país neste mesmo século. Podemos reforçar essa inscrição, ainda, por marcações na folha de rosto do dicionário:



Podemos visualizar, nesta página, que se trata de uma publicação da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cuja impressão foi feita na cidade do Rio de Janeiro.

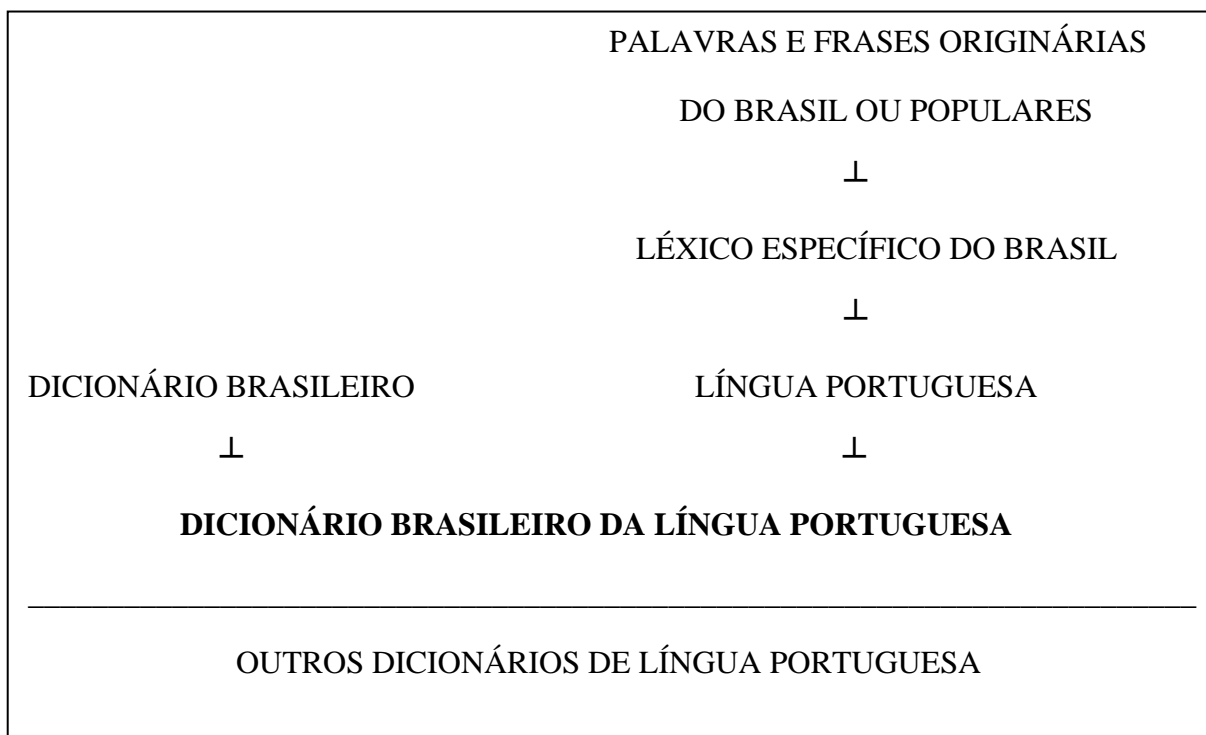
Estas marcações confirmam e fortalecem a natureza do dicionário, trata-se de uma obra nacional e publicada no país. Fortifica também o caráter nacional do instrumento a presença do Brasão do Império, símbolo que rememora a Independência do país e que ainda se faz presente no período de publicação do dicionário, momento de transição da Monarquia para a República. A presença do Brasão, ainda, ratifica o caráter político e militante que figura nos estudos desse segundo momento de gramatização.

Outro aspecto observado nas formulações do título, independente da designação da língua, é que o subtítulo do dicionário é fator fundamental para a caracterização do que será tratado no interior da obra. Tomemos a publicação final como lugar de observação:



Percebemos que “Elucidario etymologico-critico das palavras e phrases que, originarias do Brazil, ou aqui populares, se não encontrão nos dictionarios da lingua portugueza, ou nelles vêm com forma ou significação diferente” reescritura *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa*. Ao passo que *elucidário etimológico crítico* determina o caráter tipológico do “dicionário brasileiro” e o restante do enunciado a “língua portuguesa”. Dessa forma, podemos depreender das *palavras e frases que, originárias do Brasil, ou aqui populares, se não encontram nos dicionários da língua portuguesa, ou neles vêm com forma ou significação diferente* que: a) primeiramente, o léxico é fator determinante para a determinação da língua; b) esse léxico apresenta uma exclusividade frente ao que se encontra

em outros dicionários de língua portuguesa, logo, tratamos de um caráter único dessa língua enunciada; c) a questão levantada anteriormente sobre a intenção de dar concretude nacional ao instrumento é corroborada pelo fato desse instrumento frisar que apresenta elementos que não se fazem presentes em outros dicionários. Esses aspectos todos podem ser observados a partir do seguinte DSD:



Fazemos a leitura desse DSD da seguinte forma: a necessidade de atestar concretude nacional ao instrumento influencia (faz aparecer) a designação *dicionário brasileiro*. Já o subtítulo, que reescritura *DBLP*, permite verificar que as *palavras e frases originárias ou populares do Brasil* determinam a existência de um *léxico específico do Brasil*, que por sua vez determina *língua portuguesa*. Assim, determinado por esses dois aspectos, o *DBLP* mantém uma relação de antonímia com *outros dicionários de língua portuguesa*.

A construção do DSD estabelece, portanto, que ao nomear seu dicionário Macedo Soares reproduz significativamente as intenções que marcam e caracterizam a maioria dos instrumentos linguísticos do segundo período de gramatização brasileiro: dar visibilidade ao que é produzido no país e ressaltar as diferenças entre a língua portuguesa falada no Brasil e a de Portugal. Com essa análise, fortalecemos o fato de os títulos dos instrumentos linguísticos e o desenvolvimento dos estudos gramaticais se inscreverem em um

processo de gramatização que criou o espaço da diferença com a língua de Portugal no final do século XIX (GUIMARÃES, ORLANDI, 2001, p.27), desse modo, o argumento do “novo”, do “nacional”, busca romper com uma tradição linguística, o que pode ser rememorado em outras seções do dicionário, como o prólogo.

#### 4.3 INICIANDO A LEITURA DO *TEXTO*: O PRÓLOGO

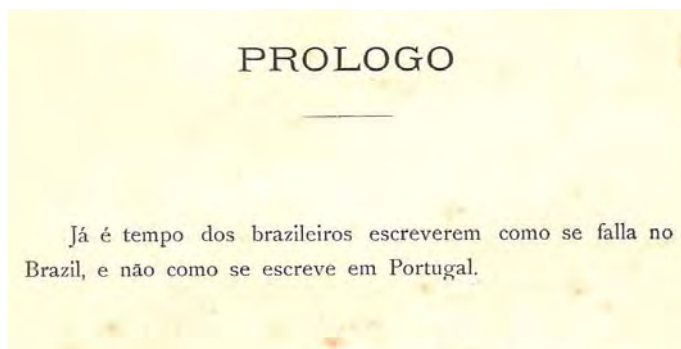
Da mesma forma que Macedo Soares, outros autores buscaram trazer a tona um rompimento com a tradição linguística da metrópole que ainda figurava no país. Desde 1832, poucos anos após a Independência, com a publicação do *Diccionario da Lingua Brasileira*, de Luiz Maria da Silva Pinto, já começamos a ver florescer a necessidade de solidificar o que é nacional<sup>68</sup>, o que pode ser observado no prólogo desse dicionário quando o próprio autor define que foi “a raridade de dicionário do nosso idioma”, palavras do autor, fator que sugeriu o projeto de imprimir um “auxiliante” da gramática e da ortografia da língua, tarefa que o próprio autor reescreve ao final do prólogo como “esforço patriótico”.

Compreendemos, então, que por meio de diferentes instrumentos, mas a partir de um mesmo posicionamento, operam na produção dessas obras efeitos de brasilidade, o que culminou no final do século na efetivação do processo de gramatização brasileiro, pois foi quando houve uma tomada mais expressiva do trabalho intelectual de diferentes autores sobre a língua, a história e a geografia do Brasil, o que foi fundamental para a formação do país e passo imprescindível para a institucionalização dos estudos linguísticos.

Certamente, nesse processo de colocar no plano da língua a questão da diferença entre Brasil e Portugal, instaura o prólogo do *DBLP*, constituído de um único enunciado, grande representatividade para o período:

---

<sup>68</sup> Lembrando, é claro, que a caracterização do português do Brasil pelo léxico já é reflexão presente em texto do Visconde de Pedra Branca, pouco antes da publicação do dicionário de Silva Pinto, como observamos no primeiro capítulo.



Seguindo o pensamento que iniciamos desde a análise do título, vemos no prólogo do *DBLP* uma das manifestações materiais fundamentais para deprendermos “as condições de produção do discurso” e “a posição do lexicógrafo” (NUNES, 2006, p.33). A partir do que é enunciado, “Já é tempo dos brasileiros escreverem como se fala no Brasil, e não como se escreve em Portugal”, podemos inferir ainda sobre o plano da obra, o objetivo dessa, a imagem dos leitores e a concepção da língua que será descrita.

Então, podemos dizer que a afirmação sustentada pelo prólogo implica em mostrar com autoridade: a) que o Brasil já não é mais Portugal; b) que a língua falada não é a mesma, e como fator de discernimento vimos, pelo subtítulo do *DBLP*, que é o léxico o aspecto utilizado como diferenciador; c) que as formas próprias de organizar e significar o saber lexical rompem com a tradição linguística ligada à ex-metropóle; d) que já se passou da hora dessa sociedade vivenciar uma realidade genuinamente brasileira.

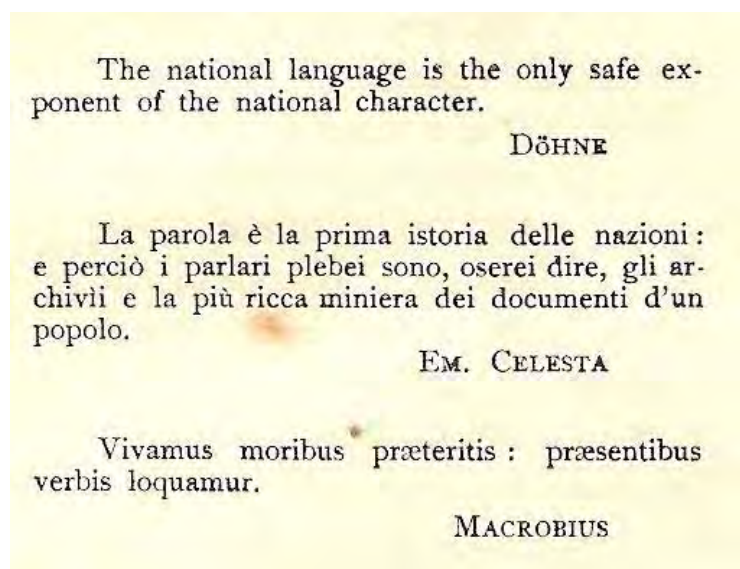
Pelo prólogo, portanto, compreendemos a posição do dicionarista e suas intenções com a produção da obra, afinal, o prólogo ao passo que situa o consulente sobre o conteúdo do dicionário, mostra também a sua finalidade. Desse modo, Macedo Soares posiciona-se “no movimento social de construção da história brasileira na formação do Estado, na organização da sociedade brasileira com suas instituições” (ORLANDI, 2002, p.192). Assumindo, assim, do lugar de dicionarista brasileiro, uma posição na história das ideias linguísticas do Brasil.

Por meio do enunciado balizado, verificamos que ser autor de dicionário aponta ao mesmo tempo, como nos diz Guimarães e Orlandi (2001, p.28), uma responsabilidade enquanto “homem de ciência” e ter “uma posição de autoridade em relação à singularidade do português do Brasil”, dessa maneira, o dicionarista tem um posicionamento sobre o saber que rompe com a “reprodução” tradicional e dá forma, caráter científico, legitimidade e visibilidade ao que é “nacional”. O prólogo nos remete a um espaço de

linguagem singular e que aponta o processo de gramatização como efeito da instauração de um espaço-tempo próprio, historicizado de forma diferente do português.

#### 4.4 A EPÍGRAFE COMO ENUNCIADO LEGITIMADOR DE UM POSICIONAMENTO

Mais do que representar a realidade linguística brasileira, principalmente pelo seu caráter lexical, busca-se pelo dicionário criar um imaginário de língua nacional, o que faz significar a eficácia simbólica que um instrumento como esse pode causar. Para Macedo, dispor as diferenças entre a língua falada no Brasil e a do colonizador é um fator essencial, e os possíveis motivos para que seja feita esta distinção podem ser encontrados na epígrafe do dicionário:



Esta epígrafe é fundamental para a compreensão da obra, pois também se trata de um texto introdutório pelo qual se fala indiretamente sobre o conteúdo do *DBLP*, e onde temos manifestadas mais uma vez considerações do autor. Então, recorrendo às vozes de Döhne, Celesta e Macrobius, o dicionarista faz significar propósitos sobre a língua que apresentam e legitimam seu posicionamento.

Primeiramente, salientamos que não de forma casual os enunciados constituintes da epígrafe são escritos em outras línguas que não o português. Ao apresentar estes enunciados no original de suas respectivas obras, vemos funcionar uma metalinguagem para caracterizar filiações com outros autores que também falam sobre língua e nacionalismo

em seus respectivos espaços de enunciação, explicitando um posicionamento e validando os dados que serão apresentados no decorrer da obra.

O primeiro enunciado, “a língua nacional é o único expoente seguro do caráter nacional”, de Döhne, fortalece na conjuntura enunciativa do *DBLP* a relação língua e nacionalismo, e assim, pensando no argumento dos brasileirismos para se pensar a língua, temos no enunciado apoio para considerar o saber linguístico sobre o léxico como lugar de reflexão da identidade nacional.

Articulando essa afirmação com o segundo enunciado, de Celesta, temos que a língua historiciza, portanto, conhecer a língua é saber a história de um povo. Ao dar atenção a língua como documento de um povo, podemos inscrever na realidade brasileira do momento que é por meio da materialidade da língua que compreenderemos a história da nação.

O terceiro enunciado, de Macrobius, “Vivamos dos costumes passados, falemos das palavras presentes”, fecha a epígrafe dialogando muito com o prólogo do *DBLP*. Este enunciado ressalta a questão dos brasileirismos ao mesmo tempo em que instaura o aspecto da diferença entre o português brasileiro e o europeu. Ressignificando as “palavras presentes” por brasileirismos, mais uma vez o autor faz significar a necessidade de se escrever “como se fala no Brasil”, e vivenciar a realidade presente da língua, que é documento da história de um povo e caráter nacional.

Ao reproduzir os enunciados no *DBLP*, compreendemos os sentidos atribuídos acima por conta de nossa filiação com o materialismo histórico que nos faz pensar que os fatos estão na base e são a causa determinante do que é apreendido. São as condições de produção desse momento de enunciação que significam o que é novamente enunciado. Desse modo, fechamos o entendimento da epígrafe dizendo que, em sua completude, a reprodução desses enunciados ressignificam um pensamento sobre a língua que, ao entrar em contato com o que até o momento foi apresentado sobre a obra, nos faz refletir sobre o funcionamento das formações ideológicas presentes no imaginário que inscrevem esses enunciados, que não nos faz refletir fora do contexto da obra e sim como argumentos para se pensar a realidade brasileira desse final de século XIX.

#### 4.5 OS BRASILEIRISMOS DE MACEDO SOARES E OS SENTIDOS DE UM LÉXICO BRASILEIRO

Não é demais frisar que a inter-relação entre língua, cultura e sociedade manifesta-se, sobremaneira, no léxico, estrutura lingüística que melhor deixa transparecer o ambiente físico e social a que os falantes estão afetos. É no nível lexical que vamos encontrar meios que poderão fornecer a explicação da concepção de mundo de uma época, do modo de vida de um determinado grupo social e, também, elementos essenciais para que possamos caracterizar a realidade sociocultural de seus falantes. (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p.66)

Ao realizarmos a análise da primeira edição do *DBLP* pudemos verificar que os novecentos vocábulos lematizados por Macedo Soares retratam uma variedade de vozes, que articuladas, surgiram para exprimir os elementos de um novo meio físico e social. Assim, ao passo que se formava um Estado brasileiro, verificamos que foi constituindo-se e desenvolvendo-se um léxico de expressão sem igual, e que refletia uma realidade lingüística, cultural e social de um país que marchava em busca de sua emancipação, o que nos leva a compreender que a partir dos primeiros contatos entre portugueses e índios, o que dá início à formação do país, até os dias de hoje, o nível lexical da língua estrutura de maneira substancial uma profunda e extensa diferença entre o português europeu e o português brasileiro.

Partindo dessa premissa, o *DBLP* foi uma das obras que documentaram, já no final do século XIX, que a língua falada no Brasil evidenciava inúmeras especificidades em relação ao português europeu, afinal, não é sem intenção que o autor chama a atenção logo no prólogo para a necessidade de o brasileiro escrever como “se fala” no Brasil.

Então, iniciando o processo de descrição das “palavras e frases que, originárias do Brasil ou no país populares”, como bem ressalta o subtítulo do dicionário, protesta o autor que o “A”<sup>69</sup> é a primeira letra do alfabeto luso-brasileiro<sup>70</sup>.

Avaliando em pouco mais de cinco folhas essa letra, que leva três entradas diferentes (enquanto primeira letra do alfabeto, enquanto artigo e enquanto preposição), ressalta o autor as diferenças de uso no que se refere aos aspectos fonológico, lexical, etimológico, ortográfico, sintático e semântico entre a língua falada no Brasil e a de Portugal. Tratando-se do *a* enquanto preposição, salienta o autor, em tabela comparativa, que no lugar

---

<sup>69</sup> Assim como o “A”, todos os demais verbetes podem ser consultados no apêndice dessa dissertação, que traz a primeira edição do *DBLP*.

<sup>70</sup> A designação “luso-brasileiro” empregada aqui receberá atenção especial em outro momento de nossa análise.

em que os portugueses somente empregam *a*, os brasileiros empregam *com*, *de*, *em*, *para* e *por*, como podemos visualizar no recorte que efetuamos como ilustração:

Portuguez	Brazileiro
Trabalhar <i>a</i> preceito.....	<i>com</i> preceito.
Consentem <i>a</i> grande pena.....	<i>com</i> muita pena.
Ter medo <i>á</i> pobreza.....	<i>da</i> pobreza.
Pescar <i>á</i> canna, <i>á</i> linha.....	pescar <i>de</i> pindahiba, <i>de</i> linha, <i>de</i> anzol.
Caçada ao leão (fr. <i>la chasse au lion</i> )	
Alfr. Sarm. cap. 1.º.....	caçada <i>de</i> onça, <i>de</i> paca, <i>de</i> veado, <i>de</i> tató, <i>de</i> leão.

Mais do que definição ou descrição de um item lexical, o que verificamos nestas três primeiras entradas, principalmente e bem marcada nesta última, é que há uma necessidade de mostrar, mais do que definir, a *diferença*. A dissimilitude entre a língua falada em Portugal e no Brasil vai além do caráter lexical, pois o que observamos nessa tabela é uma mudança de fisionomia da língua. Enquanto preposição, palavra gramatical, notamos que o autor salienta uma mudança de estrutura, na sintaxe da língua, o que nos mostra que o enriquecimento atingiu outros níveis linguísticos.

Ultrapassando o nível lexical e ressaltando uma dessemelhança sintática de uso de preposições, somos levados a transpor o fator linguístico e os dados e verificar uma diferença política que confronta Brasil X Portugal: o nosso (português) X o outro. Compreendemos nessa disparidade ecoar o prólogo do *DBLP*, reescrevendo: Os portugueses exprimem as relações ou circunstâncias de causa, companhia, contiguidade, direção, distância, fim, instrumento, matéria, modo, ordem possessão e outras por uma única preposição *a*, já os brasileiros se expressam de forma distinta e por meio de uma variedade maior de formas.

Nesta reflexão, verificamos que os dados apresentam formas diferentes para as duas comunidades de uso do português. Portanto, já de início o dicionário cumpre o objetivo de elucidar, e para isso pressupõe o outro, o que também é significativo na construção do sentido do verbete, que no Brasil não se usa de forma universal a preposição *a*, o que acontece em Portugal.

Então, explicitado que a diferença entre o português brasileiro e o europeu pode ser notada em outros níveis, como evidenciamos logo no primeiro verbete do dicionário, avançaremos na análise da microestrutura do *DBLP* colocando em destaque aspectos

referentes ao léxico, visto que, a nosso ver, “reside sem dúvida no vocabulário a mais profunda e extensa diferença entre o português europeu e o português brasileiro” (MELO, 1981, p.145). Ao dizer isso, classifica Melo, em sua obra *A língua do Brasil* (1981), em seis grandes grupos a quase totalidade dos brasileirismos vocabulares. Seriam esses:

1. Tupinismos;
2. Africanismos;
3. Vozes ameríndias e hispano-americanas;
4. Formações e derivações brasileiras;
5. Brasileirismos quanto à significação;
6. Arcaísmos.

Segundo Pires de Oliveira (1999, p.84), essa é a classificação mais abrangente para organizarmos os brasileirismos, por isso, utilizaremos desse enquadramento para analisarmos o restante dos enunciados definidores do *DBLP*, no entanto, ressaltamos que essa divisão nos servirá mais como critério de organização de nossas reflexões do que guia de análise.

#### 4.5.1 O Elemento Indígena no Português do Brasil: Contato, Imaginário e Herança Linguística

Temos que a palavra “herança” expresse de melhor forma a contribuição que as línguas indígenas efetivaram no português do Brasil, pois a nosso ver “influência”, de alguma forma, seria pouco representativo para falarmos desse fato.

Sabemos que não era desabitada a terra que os portugueses descobriram do outro lado do Atlântico em 1500. Os índios, povos assim denominados a partir do equívoco de Colombo anos anteriores à “descoberta”, já habitavam as terras brasileiras de par com a natureza do lugar, dessa forma, foram esses, primeiramente, objeto de curiosidade dos colonizadores lusitanos.

No entanto, sabemos que do contato cultural entre os habitantes de aquém e além-mar houve uma longa e precária convivência, fazendo com que logo fosse necessário apelar para a mão de obra africana a fim de atender às exigências serviços da nova terra. Segundo Melo (1974, p.55), “os indígenas adaptaram-se mal às tarefas a eles impostas, e

pouco a pouco se foram internando os que não apreciaram o encontro com a gente branca vinda do mar indevassado e até então seguro. Fora, é claro, os que tombaram em luta e simples extermínio”.

Do ponto de vista que nos interessa, as problemáticas que se impõem são duas, totalmente ligadas às reflexões em História das Ideias Linguísticas: a) “de que língua (ou línguas) foi necessário distanciarmos historicamente para termos uma língua portuguesa?” (ORLANDI, 2008, p.86); b) qual a contribuição das línguas indígenas para a formação de uma identidade brasileira da língua?

A primeira questão foi amplamente discutida por Eni Orlandi em *Terra à vista! Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo* (2008), em seção intitulada “A dança das gramáticas”. Neste capítulo, Orlandi analisa relatos de missionários, viajantes e pesquisadores em botânica e em geografia do período colonial, que servem de matéria linguística para a autora falar do imaginário que se constrói para a significação do brasileiro e como o discurso sobre os índios, desde o século XVI, mostra que a ciência (a antropologia, a linguística), a política social (indigenismo) e a religião (catequese) se articulam para apagar a presença indígena na constituição da identidade cultural (política) brasileira.

Sabemos que, no período colonial, os missionários estudavam o tupi com finalidades utilitárias de evangelização, produzindo a “disciplinarização” das línguas dos povos colonizados, assim, ao passo que instalavam seu poder de controle sobre os índios, também exerciam o seu poder de negociação com o governo português. A presença dos missionários na catequização dos índios pode ser visualizada em verbetes do *DBLP*, por exemplo, em *abaré* e *abuna*.

**abará** sm., guar., « sacerdote selvagem, diz DV., é nome dado pelos indígenas do Brasil aos missionários »; e cita este trecho de Simão de Vasconcellos: « E como esta gente se preza muito de que os Abarés (assim

chamão aos Padres) lhes gabem seus bailes e vozes. » Está no mesmo caso de *abaeté*, t. guar., que jámais se introduziu no uso vulgar. Note-se, porém, que *abará* não significa « sacerdote selvagem »; ao contrário este é *abá pajé* homem feiticeiro ou sacerdote; o padre christão é *pai-abará* padre homem outro, que « conserva consigo até morrer aquella innocencia com que fôra amamentado. » *Conq. Espir.* || ETYM. tp. guar., s. *abá* homem + adj. é diverso, diferente, outro = 'ré.

**abuna** sm., padre, frade: nome que os índios das Missões davão aos jesuitas, alludindo á sua roupeta negra. || ETYM. br. s. *ab (á)* homem + ad. *una* negro, preto.

Os dois lemas apresentados fazem referência à forma como os indígenas nomeavam seus catequizadores. Disso podemos ressaltar que o contato entre esses povos fez surgir a necessidade de criação de vocábulos que retratassem a realidade daquele momento. Vemos em *abuna* que o fator de designação para a criação do nome é a roupa utilizada pelos missionários. Percebemos que essas denominações, pensadas aqui em termos da construção do referente, faz transparecer a nebulosidade do desconhecido, ou seja, significam em termos de domínio de pensamento do índio a imagem do missionário. E, não só os missionários, mas os portugueses em geral também foram referenciados pelos índios, como podemos ver no verbete *boava*.

**boava** sm. e adj., 1º filho de fora, portuguez. || 2º estrangeiro em geral. || ETYM. corr. pop. de *em-boaba* qv. || GEOGR. Paraná, sertão de SP., campos de S. Cathar.

Em obra completa publicada em (1943) sob o título de *Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro*, temos publicado um texto de Macedo Soares, de 1879, intitulado “Sobre a etimologia da palavra boava ou emboaba”. Neste, o autor diz ser “*embuaba* o nome de um pássaro de pernas emplumadas, e foi dado aos europeus por andarem de *botas*”. E para confirmar seu argumento Macedo Soares cita o escritor Joaquim Manuel de Macedo, que em suas *Lições da História do Brasil* traz: “*Emboaba* ou *boaba* quer dizer *pernas vestidas*: vem do guaraní *Mboab*, que assim chamavam os índios aos europeus, por estes trazerem calças”.

Vemos que *boava* reescritura o português, o estrangeiro, o filho de fora, da mesma forma que *abuna* significa padre, fadre, jesuíta, ou seja, a partir da sua realidade e com o que possuíam como referente, elementos da fauna local, o índio passou a significar o português relacionando-o ao seu aspecto mais destacável e distinto, a vestimenta. Dessa forma, por meio de criações de imagens que se configuram como produção de coincidências entre os animais conhecidos pelos índios e a forma de se vestir dos colonizadores, vemos que na contribuição indígena, representada por essas designações, está presente uma memória indígena sobre o colonizador, em outras palavras, a produção lexical indígena pode ser vista como lugar de construção de uma história do Brasil, e o mais interessante, pela perspectiva do catequizado, colonizado, que muitas vezes é silenciado.

Também devemos ressaltar que, se havia a necessidade dos indígenas em referenciar o missionário, da mesma forma havia a necessidade não só dos missionários, mas dos bandeirantes e portugueses em geral, em referenciar o índio, como verificamos nos verbetes: *aldeiado*, *bugre*, *caboclo* e outros. Tomemos esses três verbetes<sup>71</sup>, em recortes<sup>72</sup>:

---

<sup>71</sup> Como a primeira edição do *DBLP* vai apenas de A até candeieiro não colocaremos em tela o verbebo índio, no entanto, vale ressaltar que esse verbebo está presente no primeiro volume da segunda edição do *DBLP*, publicado em 1954.

<sup>72</sup> Para compreensão maior da reflexão proposta pedimos que o consulente consulte a íntegra dos verbetes no apêndice.

**aldeiado** adj. e sm., reduzido a vida colonial ; índio manso, que vive em aldeamento. « O cacique Victorino Condá, chefe dos índios mansos aldeados em Palmas. » Ermelino *Rel. Pres. Paraná* 1871, 19.

**bugre** sm., 1º índio brazil, índio brabo, indígena no estado primitivo. « Guarda destinada para defesa dos bugres ou tupis ». 1798 J. Saldanha *R.I.H.* 1841, 65. « Achámos saborosas jaboticabas, muitos vestígios de bugres, tanto de um como de outro lado ». 1845 Elliott *R.I.H.* 1847, 25. « Hoje, o viajante caminha tranquillo, não teme a flexa do bugre ; e o lavrador, habitando solitario esses sertões [de Santa Catharina], goza das delicias do campo, sem receiar os perigos do ermo ». Ol. Paiva *R.I.H.* 1841, 519. || 2º índio manso, já domesticado, aldeiado. « Os oito camaradas índios, temendo os bugres bravos, decidirão-se a voltar, apesar de promessas e ameaças ». Elliott. cit. 24. Vê-se: *bugre brabo* (Elliott, estrangeiro, erudito, escreve *bravo*) contraposto a *índio* ou *bugre manso*. || 3º fig., selvagem, grosseiro, estúpido, perfido, desconfiado.

**caboclo**, 1º sm., indígena do Brazil, e, em geral, da America, índio. « Minha mãe .. Pegue na cabocla, Dê-lhe co o bordão, Que ella foi causa Da minha prizão ». SR. I, 165. || 2º raça de côr acobreada. ||

3º mestiço de branco com índio brazil. || 4º mulato de côr acobreada e cabellos corridos, como os brazís. || 5º o sertanejo, caipira, tapuia &., o proletario do sertão ou da roça, queimado do sol. « Si não pudermos sustentar, com a lei do contracto ao serviço estipulado, o nosso caboclo, que vive aggregado á nossa propriedade. » *Diar. de S. Paulo* 20 jul. 83. « Affrouxa a redea, Caboclo ! Encosta a espora, Preguiça ! » SR. I, 90. || 6º adj., côr de caboclo, acobreado. « Abelha cabocla, boi caboclo, formiga cabocla, marimbondo caboclo, páo caboclo, pomba cabocla (especie de rôla côr de tijolo. Rub.) ». || 7º fig., sujeito desconfiado e traiçoeiro. ||

É curioso observarmos que a construção do referente, índio, é feita de formas diferenciadas para cada entrada estabelecida. E, por essas diferenças, verificamos um imaginário que reflete a ação do colonizador sobre o indígena. Se compararmos *bugre* e *aldeiado*, notaremos qualidades que ultrapassam o aparente e faz transparecer um imaginário sobre o índio criado pela ótica do colonizador, visto que são retratados dois momentos da colonização: o bugre, que é o “indígena no estado primitivo” e o “aldeiado”, que vive sob o

domínio dos colonizadores. Cria-se então, pela reescrituração das entradas, duas imagens: a de que o índio em estado primitivo era selvagem, grosseiro, “brabo”, ao passo que o *aldeiado* era manso. Vemos, portanto, que as designações determinam relações de contato entre os povos e o reflexo desse processo.

Ainda sobre a relação entre esses povos, principalmente no que toca às relações de poder, gostaríamos de evidenciar dois outros verbetes: *administrado* e *administrador*.

**administrado** sm. e adj., índio escravizado. Por euphemismo, em vez de *escravo* dizia-se *administrado*. « Tres mil tupys (estes são os índios administrados dos paulistas, que n’aquelle tempo tinham por seos administradores os que no sertão os conquistavão e do centro da gentilidade os trazião ao gremio da Igreja, ficando os seos descendentes tambem administrados). » P. Taq. *RIH*. 1869. I, 185. Vj. *amo*.

**administrador** sm., a principio senhor de índio capturado nas entradas do sertão, como se vê do ex. supra; hoje, feitor-mór das fazendas cujos donos residem na Côrte, ou nas capitaes das provincias, ou em outras fazendas: preside aos feitores da roça e do terreiro, á enfermaria etc., superintendendo no serviço geral da fazenda.

Os verbetes *administrado* e *administrador* trazem definições importantes para compreendermos como se deu o processo de colonização do índio ao mesmo tempo em que são construídas as designações. A construção do eufemismo não é sem fundamento, há um posicionamento moralizante que faz trabalhar esse sentido. Após serem conquistados pelos bandeirantes, os índios eram reduzidos ao cativo até o momento em que seriam entregues aos jesuítas e missionários da colônia, esses, impelidos sob a capa da religião, protestavam em tê-los por administrados e não escravos. Vemos, então, que o processo de compreensão dos sentidos nos mostra as razões políticas que determinam os nomes. O verbo, visto assim, diz muito mais sobre as relações de contato do que propriamente sobre a língua.

Ao mesmo tempo, notamos que as relações entre os povos vão enriquecendo o léxico da língua, seja pela forma de designar o desconhecido, seja pelo interesse em ressaltar ou amenizar o funcionamento e o impacto da colonização.

Então, para as denominações apontadas aqui “vão sendo engendradas memórias, ou seja, vai sendo construída uma discursivização outra, ao mesmo tempo em que vai sendo produzido um esquecimento entre palavras e coisas” (MARIANI, 2004, p.32). Assim, entendemos que a “introdução” de novas palavras se fazem necessárias para significar a realidade vivida tanto pelos indígenas quanto pelos colonizadores naquele momento, e que isso, como nos apresenta Mariani, produzem memórias sobre os fatos que significam sujeitos, embora que ao denominá-los também somos levados a esquecê-los.

Sobre a herança indígena deixada na língua portuguesa, ou seja, quando procurávamos, segundo o caráter etimológico, os tupinismos<sup>73</sup> do *DBLP*, notamos que poucos, em um universo de novecentos, vinham com a marcação *tupi* (tp.), *tupi-guarani* (tp-g.), *tupi do Amazonas* (tp. am.), *tupi da costa, do litoral* (tp. c.) e *guaraní* (guar.), que foram as línguas indígenas identificadas e que são marcadas em verbetes como: *arayaué!* (tp.), *bacaba* (tp. guar.), *bubuia* (tp.), *ãatá* (tp. am.), *aturá* (tp. am.), *arara*, (guar.), *atará* (guar.), *aurana* (guar.), *baguá* (guar.), *caborê*<sup>1</sup> (tp. guar.). No entanto, parte bastante considerável dos verbetes traziam a marcação etimológica br., que no índice de abreviaturas significa *lingua brazil ou lingua geral tupi-guarani*, exemplos desses vocábulos seriam: *abacaxi*, *abará*, *acará*<sup>1</sup>, *aguapé*, *aipim*, *ajurú*, *angá*, *ananguera*, *araponga*, *araçanga*, *aracati*, *assú*, *atapú*, *bacuara*, *baguarí*, *botoque*, *cabiuna*. Essa marcação nos mostra um aspecto fundamental sobre a relação entre línguas. Ao referir a língua geral como fator etimológico, o autor mostra que da relação entre os indígenas e os portugueses configurou-se um espaço de enunciação peculiar: para que houvesse comunicação entre o bandeirante e o indígena, ou entre o missionário e o indígena foi criado um espaço-tempo próprio.

Para Orlandi (2008, p.88), a instituição do tupi (imaginário) jesuítico serviu de imediato “à sustentação de uma forma de governo, mas teve outras consequências, das quais uma de importância crucial: ela embaralhou, ou melhor, ela reduziu a importância da relação entre o tupi e o português do Brasil, num domínio em que a etimologia popular e a ideologia se misturam”. Esse fato, ao mesmo tempo em que dificulta o reconhecimento dos elementos indígenas que influenciaram na formação de um léxico brasileiro, possibilita verificarmos, nas raízes do contato, como começa a moldar-se uma língua que não é mais nem

---

<sup>73</sup> Segundo Melo (1981, p.149), tupinismos são “as palavras de origem tupi que se incorporaram ao léxico da língua nacional, enriquecendo-a”. Gostaríamos de ressaltar que “tupinismo” não seria a palavra mais adequada para a avaliação que fazemos, visto que tratamos também de palavras de outras línguas indígenas que não o tupi, no entanto, verificamos que o tupi, não de forma eventual, foi a língua que mais apresentou influência lexical, de acordo com a nossa leitura do dicionário.

o português europeu e nem o tupi. Então vemos que as línguas indígenas brasileiras, principalmente o tupi, começam a desempenhar uma importância fundamental não só para que houvesse comunicação entre os povos, mas também para a significação dos elementos que figuram nessa proeminente nação brasileira.

Segundo Melo (1981, p.42), o tupi era uma das línguas das *Bandeiras*: “falavam-no as levas que partiam do litoral e se embrenhavam pelos sertões à busca do ouro e do índio escravo, e com nomes tupis foram batizando os acidentes geográficos, as serras, os rios, os lagos, as chapadas, os vales e as aldeias, que aqueles plantadores de cidades iam deixando como lembrança da sua passagem”. Em seus *Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro*, temos reunidos uma infinidade de textos de Macedo Soares que apontam para a importância do tupi no processo de nomeação de cidades e de acidentes geográficos brasileiros:

- “Nomes indígenas de algumas localidades da Província de Minas”, carta enviada à redação do jornal *Monitor Sul-Mineiro*, publicada em 1880, na qual Macedo trata da significação etimológica e toponímica das seguintes localidades: Arassuahy, Abaeté, Baependy, Bambuhy, Caeté, Cajurú, Camapuan, Capanema, caranday, Catinga, Congonha, Cuiabá, Ibitipoca, Ibituruna, Itabira, Itacambira, Itacolomi, Itatyaia, Jequitinhonha, Jequi, Mucury, Pará, Parahyba, Parahybuna, Paranahyba, Piracicaba, Piumhy, Pyranga, Sabará, Sassuhi, Uberaba, Urucaya, Xypotó.
- “Alguns nomes tópicos da Província do Rio de Janeiro”, anotações feitas por Macedo Soares no “Regimento das Câmaras Municipais”, no qual o autor expõe, da mesma forma que no texto anterior, as localidades de: Aguapeí-Merim - Guapimirim, Carapebús, Caraí, Casserebú, Cernambitiba – Saranabitiba, Copacabana, Ereditiba, Guaxindiba, Guapi, Guarapina, Gurirí, Iguaba, Imbassaí, Inhomerim, Ipuca, Itacorussá, Itaipú, Itinga, Itocaia, Jacareí, Juturnahyba, Jaconé, Magé, Mangaratiba, Mariatiba, Maricá, Matamba, Mataruna, Meretí, Muriaé, Niterói, Nuam, Paratí, Peíbe, Piraí, Saquarema, Soubara, Suruí.
- “Alguns nomes tópicos do Paraná”, texto de 1881, no qual Macedo retrata as nomeações de: Guarápuava, Curityba, Tayacoca, Bareguy, Ikrim, Erê e Paiquerê, Chapecó, Guaira, Nhundiaquara, Taperussú, Votuverava ou Vutuverava.

A partir da importância dada por Macedo ao estudo de topônimos das localidades em que atuou como juiz, temos documentada a riqueza de topônimos brasileiros de origem indígena como fonte de reconhecimento da preferência inicial dada ao tupi como instrumento de comunicação.

Segundo Orlandi (2008, p.88), “de um lado, houve a disciplinarização das línguas indígenas em função do imaginário tupi-jesuítico; do outro, o imaginário do português *standard* apagou qualquer relação com as línguas indígenas”. Para explicitarmos nossa reflexão sobre o assunto, escolhemos o verbete caborê:

**caborê** <sup>2</sup> sm., 1º boião, vasilha de barro para aquecer água, cozinharervas &. BR.; Rub. || 2º fig., homem gordo, de baixa estatura. BR., por analogia da forma bojuda do boião.|| ETYM. br. *caá* herva + *poré* continente, vaso &. : que levou hervas dentro, mas está sem ellas. BC. Vj. pret.guar. *cuer*. || GEOGR. 2º Mgr.

Na marcação etimológica do verbete vemos a inscrição br., língua geral, como língua de procedência de caá e poré. Como sabemos, e o próprio dicionário traz, as partículas caá e poré são procedentes do tupi. Vemos, então, que o espaço-tempo de circulação da palavra fez com que fosse criado um imaginário de língua, a língua geral, que faz distanciar a relação do português com as línguas indígenas. Verificamos, por conseguinte, que parte considerável do léxico brasileiro é construído sobre um imaginário de língua que silencia a memória indígena e instaura uma outra, a da colonização.

Porém, mesmo que o fator etimológico apresente marcas de um processo de apagamento do índio na constituição da língua, como também notamos acontecer na história que se conta do Brasil, o léxico em formação, seja pela herança linguística deixada ou pela necessidade de descrever o funcionamento do contato entre os povos, faz reviver a memória indígena.

Também devemos frisar que a intenção maior desse momento da gramatização era dar visibilidade ao nacional, portanto, o índio, silenciado nos relatos dos missionários e dos viajantes e corrompido pelos regimes escravocratas e de catequização,

passa a ser exaltado a partir da metade do século, e os empenhos literários da época podem comprovar isso, para dar consistência a uma identidade brasileira.

Dessa forma, se o aspecto etimológico de alguns vocábulos faz refletir no *DBLP* o silenciamento causado pelos missionários, viajantes e bandeirantes, não da mesma forma podemos ver pelos verbetes do dicionário a importância indígena na constituição vocabular, que é reflexo da determinação indígena na fauna (acará<sup>1</sup>, arara, araponga, baguá, baguarí), na flora (bacaba, bacabal), na culinária (bacabada), na relação do índio com o homem branco português (abará, abuna, administrado, administrador, aldeado, aldeamento, aldeiar, bandeirante, bandeiras, bugre), na miscigenação (acabocado, caboclo) e na formação de palavras dos mais variados domínios (-aba, abá, acan, açú, babacuara).

Então, nas relações de contato, nas descrições dos processos de conquista, nas nomeações dos aspectos físicos da fauna, flora e relevo, na toponímia brasileira, na culinária, na religião, na medicina, no folclore, na cultura em geral, em todos esses domínios podemos fazer figurar uma memória indígena que possibilita evidenciarmos a sua contribuição e participação na constituição de um Estado, de uma história, de um léxico e de uma língua.

#### 4.5.2 O Elemento Negro da Língua: os Africanismos do *DBLP*

É verdade concebida que houve no Brasil, oficialmente, a partir de 1550 até 1850 larga escravidão de povos africanos. Segundo Melo (1981, p.70), “nestes três séculos teriam entrado no Brasil 3.500.000 escravos”, o que justifica a forte presença africana na cultura brasileira.

Durante três séculos de tráfico se foi estabelecendo a convivência entre os antigos habitantes da África com os antigos habitantes de Portugal. Logo, nas lavouras, na mineração, na criação de gado, no interior das casas e em diversos outros ambientes de trabalho foram esses povos estabelecendo funções que repercutiram em um complexo e significativo aglomerado de fatores que aos poucos foram sendo introduzidos na constituição de uma cultura brasileira.

Para Melo (1981, p.72), “nessa longa e íntima convivência, o negro se lusitanizou e se abasileirou, mas também contribuiu muito para a cultura mestiça”. Misturou grandes doses de suas crenças, de seus feitiços, de suas concepções religiosas, de seus temores, maus-olhados e amuletos ao catolicismo tradicional. Na música popular brasileira

temos visto a importância da realidade africana. Na culinária, na indumentária, no folclore, idem. Então, dada a convivência e a transculturação dos povos provindos das mais diversas regiões da África para a submissão do regime escravocrata que eram submetidos no Brasil, herdamos das matrizes africanas uma direta herança linguística. Assim, a influência africana no português falado no Brasil “até certo ponto correu paradas com a miscigenação racial e com a importância social do negro na formação histórica do Brasil” (MELO, 1981, p.75)

Diferentemente da importância indígena, a influência africana, denominada por diversos estudiosos como o “elemento negro da língua” (MACEDO SOARES, 1943; MENDONÇA, 1935; MELO, 1974), foi diversa e acentuada, visto que não só no léxico deixou marcas.

No entanto, divergente também foi o interesse em estudar a matriz africana face à indígena. Se muitos foram os trabalhos que se dedicaram a perscrutar a influência das línguas indígenas na realidade linguística brasileira desde o descobrimento, foram poucos os trabalhos que se efetivaram sobre a herança africana. Renato Mendonça, em sua obra *A influência africana no português do Brasil* (1935), chama a atenção para esse fato: “o tupi, como filho dileto, teve muito quem lhe cuidasse, entre nós; desde o Império que há indianólogos do vulto de Batista Caetano e Couto de Magalhães, e os africanismos encontraram só em Macedo Soares um precursor notável”.

Em mais de três séculos de escravidão, foi apenas nos anos finais desse regime que se iniciaram as primeiras contribuições sobre a influência africana no português brasileiro. Dessa reduzida realidade, porém, temos em nosso estudo o privilégio de analisar o trabalho de um dos que mais contribuíram para o conhecimento e divulgação dos africanismos, Macedo Soares, como bem lembra Renato Mendonça.

Como vemos no *DBLP*, mas também em trabalhos anteriores, Macedo Soares destaca-se entre seus contemporâneos pela seriedade e profundidade com que estudou os africanismos, o que fez do dicionarista um precursor no assunto.

Em 1880, escreve Macedo Soares um dos seus textos mais significativos sobre essa questão, “Sobre algumas palavras africanas introduzidas no português que se fala no Brasil”. Nessa obra, o autor discute alguns africanismos atentando-se para o caráter etimológico, ortográfico, fonético e promovendo interpretações para vocábulos como samba, mucama, tanga, banzé, bugio, cacimba, candomblé, gingar, malungo. É por esse estudo que somos possibilitados de compreender o que são africanismos para o dicionarista:

São vocábulos africanos vivos; vivos aqui e na África: introduzidos no Brasil em tempos históricos, e que não vão distantes; falados, ou pelo menos entendidos, por centenas de milhares, quase dois milhões de negros, dos quais parte os articularam n'Angola ou no Congo, parte os tem ouvido da boca de seus pais, parte os vão reconhecer na tradição imemorial da fazenda de seus senhores. (MACEDO SOARES, 1943, p.46)

Ao passo que somos apresentados a uma concepção de africanismo, também somos convidados, nesse fragmento, a conhecer um imaginário sobre a formação do país que particulariza uma memória: a da realidade vivenciada pelos povos africanos na América. Dessa forma, vemos que não se trata apenas da contribuição de um saber sobre a língua o que nos é apresentado e sim do funcionamento de uma relação que envolve língua, sujeitos, sociedade e história.

O caráter etimológico que tanto preza o *DBLP* é um fator essencial para compreendermos um aspecto fundamental sobre os africanismos presentes no português do Brasil: o de que há um repertório vasto de línguas que forneceram o que são unicamente concebidos por africanismos. Assim, vemos que se instaura no Brasil sob o tópico da unidade o que é de caráter plural no continente africano. Não obstante, essa pluralidade é uma das grandes responsáveis pelo caráter peculiar e regionalizado do português que vai se construindo no Brasil, visto que em cada região brasileira houve a predominância de determinadas raças e etnias africanas, o que vem bem marcado no *DBLP*.

No índice de abreviaturas léxicas, logo no início do dicionário, temos exposto oito línguas africanas, que seriam as que originaram os africanismos que são descritos no *DBLP*: *bd.* (bundo ou lg. angolense), *cfr.* (cafre, lg. da Cafraria), *cg.* (congo, lg. do Congo), *dah.* (dahomeu, lg. fongbê, fallada na Costa dos Escravos, na Guiné, pelos negros do Dahomey, Portonovo etc.), *fb.* (fongbê, lg. dahomeia), *jor.* (joruba, lg. dos negros nagôs, haussas etc.), *moç.* (Moçambique ou suahile), *sh.* (suahile, lg. de Zanzibar, Moçambique e outras terras da África oriental).

Entretanto, dessas oito apenas três são marcadas no caráter etimológico dos 67 africanismos<sup>74</sup> que encontramos na primeira edição do *DBLP*: *abará* (jor.), *aberem* (jor.), *acarajé* (jor.), *aiuê!* (bd.), *ambrozô* (jor.), *angana* (bd.), *angola* (bd.), *angú* (bd.), *anguzô* (fb-bd.), *babaça* (bd.), *babatar* (bd.), *bamba* (bd.), *bambá<sup>1</sup>* (bd.), *bambá<sup>2</sup>* (bd.), *bambaquerê* (bd.), *bambaré* (bd.), *bambê* (bd.), *bangolê* (bd.), *banguê* (bd.), *banguela* (bd.), *bangula* (bd.),

---

<sup>74</sup> Vale ressaltar que esses termos não aparecem com a rubrica de africanismos, porém, podemos considerá-los assim pela identificação da região proveniente presente no étimo.

*bangulê* (bd.), *banzar* (bd.), *banzé* (bd.), *banzeiro* (bd.), *batucar* (bd.), *batuque* (bd.), *bendenguê* (bd.), *bengala* (bd.), *binga* (bd.), *bobó* (fb.), *bombó* (bd.), *bongar* (bd.), *bunda* (bd.), *bundo* (bd.), *ca*<sup>1</sup> (bd.), *cabaça*<sup>2</sup> (bd.), *cabungo* (bd.), *cacaoio* (bd.), *cacheringuengue* (bd.), *cachimbo* (bd.), *cachinguelê* (bd.), *cachumba* (bd.), *cacimba* (bd.), *caçula* (bd.), *caçula*<sup>2</sup> (bd.), *caçulê* (bd.), *caçulo* (bd.), *cacúlo*<sup>1</sup> (bd.), *cacumbú*<sup>1</sup> (bd.), *cacumbú*<sup>2</sup> (bd.), *cacunda* (bd.), *cafife* (bd.), *cafúia* (bd.), *cafune* (bd.), *cafungar* (bd.), *cafunge* (bd.), *calombo* (bd.), *caluge* (bd.), *calumbá* (bd.), *calundú* (bd.), *calunga* (bd.), *camba* (bd.), *cambembe* (bd.), *cambondo* (bd.), *camondongo* (bd.) e *candago* (bd.). Ainda dessa realidade, vemos que há uma predominância da língua angolana, o *bundo*, o que mostra a forte influência que a língua trazida dessa região da África causou no português do Brasil.

Vale ressaltar que embora tenhamos encontrado marcação etimológica que comprove as influências africanas em apenas 67 verbetes, o número de africanismos presentes no *DBLP* é muito maior. Verbetes como *aluá*, *cabaceiro*, *cabungueiro*, *cafuca*, *cafundó*, *cafundorio* e diversos outros que não trazem a rubrica ou étimo de línguas africanas podem ser facilmente reconhecidos como africanismos pelas informações concedidas no interior da microestrutura. Também devemos ressaltar o caso de verbetes como *bugia* e *bugio*, que são africanismos provenientes de regiões que não são marcadas no índice, nesse caso, *bugia* e *bugio* vieram da Argélia, país com forte presença francesa. Outros casos que merecem atenção são verbetes como *cacheringuengue*, nos quais houve influência tanto de línguas indígenas quanto de africanas em sua composição, no caso de *cacheringuengue* houve tanto influência do *bundo* quanto do tupi em sua formação. Em geral, o que se observa é que o elemento negro se faz tão enraizado na língua brasileira, seja pelo aspecto etimológico, fonético, morfológico, que muitas palavras influenciadas pelas línguas africanas não trazem marcações. Há um processo de naturalização e também de miscigenação que torna difícil a identificação do caráter etimológico do vocábulo.

Embora não tenhamos encontrado nenhum verbete na primeira edição do *DBLP* para comprovarmos a existência da nomenclatura “africanismo” para a designação desses termos, vemos que o autor já havia pensado nessa terminologia. Na segunda edição do dicionário, com a publicação de todo o material em manuscrito deixado por Macedo Soares, vemos vários verbetes trazerem essa marcação, como os exemplos que seguem:

*nhônhôzinho* sm. dim. de *nhô* e *nhônhô*.  
 É sem dúvida um divertimento (o fogo de bixas, de pistolas e outras diabruras) como outro qualquer, que pais, *basbaques* com pouco juízo, sem reflexão, procuram a seus *nhônhôzinhos* com preferência a bonecos ou outras galanterias". *JC.* 31-5-850, publ. em 1951. —  
*nhô não*, africanismo.  
*nhô sim*, africanismo.

Considerar apenas a primeira edição do dicionário em nossa pesquisa nos trouxe certas limitações sobre a totalidade do pensamento do autor, no entanto, valendo-se do recorte metodológico que temos (a edição de 1889), além de estarmos assegurados da fidelidade da autoria da obra, também nos servimos das mesmas informações que qualquer outro consulente do século XIX. Desse modo, cremos que o material que analisamos não limita nossa leitura e nem compromete nossas reflexões sobre a língua descrita.

Segundo Melo (1974, p.70-71), os negros escravizados eram comprados em pontos de comércio na África situados principalmente em Angola e em Moçambique. Nesses “empórios” esses sujeitos se misturavam, o que enfraquecia seus traços culturais e dificultava o reconhecimento de suas origens. Contudo, por mais que fosse difícil apurar os fatos, houve no Brasil uma predominância dos povos *bantos* provindos de Angola e do Congo. Podemos dizer que isso se deve pelo fato desses povos terem se traficados em várias regiões do Brasil, ao passo que os povos sudaneses, como os iorubás, daomés e fanti-achanti, por exemplo, foram traficados para uma região específica, no caso desses, a Bahia. Confirmamos as afirmações apresentadas por Melo ao verificarmos na língua o reflexo desse processo.

Dos africanismos que elencamos no *DBLP* pudemos notar que há uma predominância de palavras importadas do *bundo*, o que não é inexplicável, afinal, sendo de bantos uma parcela considerável de escravos que entraram no país, logo, seriam eles os que mais influenciariam em nossa língua. Todavia, vemos por vocábulos como *acarajé*, *acassá*, *bobó*, de origem iorubá, que o fato dessa cultura ter se desenvolvido na Bahia gerou uma forte influência no caráter regional dado a esses vocábulos, visto que hoje *acarajé*, *acassá* e *bobó* são considerados pratos típicos da culinária baiana.

Ainda sobre a língua, notamos que os africanismos retratam em sua maioria os lugares que eram destinados aos escravos africanos em nossa sociedade. Cabendo a esses trabalhar nas cozinhas, nas plantações, nos engenhos, no interior das casas dos fazendeiros

como criados de quarto, ou responsáveis pela criação dos filhos dos senhores, e a habitarem o único espaço que podiam chamar de “seu”, a senzala. Observamos que a herança deixada por esses na língua, seja na culinária, na religião, na dança ou na cultura geral, ou advêm do regime de trabalho desumano a que eram submetidos nas fazendas, ou dos poucos momentos de alegria vivenciados nas festas das senzalas. Essa realidade está representada no dicionário, então, selecionamos alguns verbetes que mostram isso:

**camba** sf., mucama, mucamba, criada de quarto, escrava de serviço domestico. « Si Thereza é mui bonita, Mulata guapa e bizarra, Com mui bom ar se desgarra A mestiça Mariquita. Ninguem a uma e outra quita Serem lindissimas cambas ». Gr. Mattos I, 281. || ETYM. bd. || GEOGR. Bah.; no R. Jan. *mucama*.

**batuque** sm., 1º dança com sapateados e palmas, ao som de cantigas acompanhadas só de tambor quando é de negros, ou também de viola e pandeiro quando entra gente mais açada. « Acolá .. rasgado cateretê. Ao longe, ouvem-se sons surdos de tambores acompanhando umas cantigas monotonas, porém cheias de suave tristeza. E' o *batuque* dos negros das fazendas circunvizinhas ». Fr. Jr. *Folh.*

**cabungueiro** adj., 1º moleque ou negrinha encarregada da limpeza da latrina; carregador de *cabungo*. || 2º fig., porco; desprezível; que só serve para officio baixo.

Vemos que os espaços habitados pelos escravos trazidos da África fizeram significar as funções que esses foram encarregados de exercer no Brasil, como vemos em *camba*. *Camba*, ou *mucama* não era qualquer escrava, era a encarregada dos serviços domésticos, com isso, vemos que as particularidades servis desempenhadas, e de gênero também, vão determinando novas formas lexicais. A palavra *camba*, por exemplo, por vir do bundo, mostra que eram os próprios escravos os responsáveis pelas designações. No verbete *cabungueiro* verificamos que as funções servis desempenhadas por esses sujeitos também eram divididas de acordo com a faixa etária, ou seja, vemos que cada nomeação é determinada de acordo com o espaço de atuação, gênero, faixa etária, e é assim que vamos percebendo como a sociedade brasileira vai se moldando e como os regimes, o escravocrata nesse caso, vão determinando os sujeitos. Em *cabungueiro* ainda, observamos que a função

exercida por essas crianças vão determinando novos usos vocabulares, como podemos notar pela segunda acepção.

Se por um lado a permanência africana no Brasil contribuiu para a necessidade de designações que especificassem e retratassem a realidade vivida, por outro, vemos que os costumes, as religiões e qualquer outros elementos africanos também foram se manifestando no Brasil, como percebemos em *batuque*. O verbete *batuque* está aqui apresentado em recorte, pois ocupava quase duas páginas de descrição. Em geral, Macedo Soares dá grande visibilidade aos elementos africanos presentes na cultura e língua brasileiras, o que mostra mais uma vez que foi esse autor grande estudioso desses elementos.

Sabemos, por biografia escrita por José Celso de Macedo Soares, que além de grande estudioso da influência africana na língua falada no Brasil, foi Macedo Soares grande defensor das causas abolicionistas. Mesmo que não tivéssemos acesso a essa informação, poderíamos depreender, por alguns verbetes do *DBLP*, que a realidade escravocrata era uma constante na obra, o que faz do dicionário além de instrumento linguístico também um objeto histórico, afinal, o ano de publicação do dicionário também é marcado pelo fim do regime, logo, as caracterizações do regime e as ideias abolicionistas também se faziam presentes no léxico da língua. O que nos chama a atenção, no entanto, é que o dicionarista, por vezes, além de promover o conhecimento de termos referentes a essa realidade (*amocambado*, *aquilombado*, *calhambola* etc.), também apresentava seu posicionamento frente à escravidão.

Podemos dizer, inclusive, que em determinados verbetes notamos muito mais uma necessidade de fazer uma avaliação das ações cometidas pela sociedade, do que dizer sobre a língua falada no Brasil, mesmo que não tenha como apartar uma coisa da outra. Podemos verificar o posicionamento de um sujeito abolicionista, por meio de comentários apresentados no meio das definições, pela arquitetura do verbete e até mesmo pela escolha das abonações.

No entanto, no interior do verbete *batuque*, vemos figurar na diferença e na comparação entre a dança “de negros” e a de “gente mais aceada”, um certo preconceito em relação aos habitantes da senzala, o que nos indicia a forma discriminadora que os escravizados eram vistos. Então, notamos preponderar um posicionamento tomado como dominante na época, e que pode ser percebido aqui na descrição feita pelo dicionarista, que diz se preocupar, como verificaremos em outros verbetes, com as injustiças sofridas por esses sujeitos. Vemos, portanto, um posicionamento contraditório e não homogêneo no dizer do

dicionarista, o que nos permite verificar que a luta pela libertação dos escravos desliza com o preconceito dessa sociedade, o que se faz evidente aqui.

Enfim, não entraremos em detalhes sobre esse aspecto nesse momento da análise, pois nosso objeto maior nessa seção é com a constituição da língua falada no Brasil, contudo, voltaremos a tratar desse aspecto do *DBLP* em outro momento.

Não da mesma forma que a influência indígena, a influência africana também pode ser sentida na toponímia brasileira. O segundo volume da segunda edição do *DBLP*, de 1955, traz como verbete a seguinte lexia complexa: *nomes africanos de lugares*:

nomes africanos de lugares: *Bangu* (R. J.); *Cabenda Cabôcô*, (Campos, R. J.); *Cabundá*; *Cabundu*, *Cacimba*; *Caconde*; *Calabouço?*; *Calambáu*, (Minas); *Calembe*, (Saquerema); *Calimbá* (é outro nome da erva *baleeira*). (Niterói); *Calimbu*; *Calonga*; *Calubandê*; *Caluge* (Itaboraí, R. J.); *Calumbão*; *Calundu?* *Candongá*, *Carangola* (R. J. e Minas); *Catende* (Minas); *Catolé?* (Paraíba); *Catuama?*; *Catumbi?* (Côrte); *Catumby?* *Caxambí* (Côrte); *Caxambu*, (Minas); *Caxangá*, *Cubango*, (Niterói); *Cubata*, (Côrte, para os lados da Lagoinha); *Culubandê*; *Guendu* (R. J.); *Macacu?* (R. J.); vide também *Macaé*, *Macabú*, *Ma-*

*cambira*, *Macamecran*, *Macapá*; *Macaúba*, onde *macá* parece termo de compos.; *Mas-sambará* (R. J.); *Maxambomba* (Cp. Muanaxambamba, a E. do lago Banguéolo); *Mazombo* (Itaguai); *Mocamba* (fazenda do Barão de Paraim, comarca de Parnaguá, Piauí); *Mombaça* (Saquerema e Ceará); *Muzambo* (Minas); *Quibango* (Milliet de St. Ad.); *Quibanguça* (Niterói); *Quihêpe*; *Quilombo* (R. J.); *Quinquinda* (Sergipe); *Quipapá* (Alagoas); *Quissamã* (Macaé); *Quitandê* (Alagoas); *Quitunde* (Minas); *Quixaba* (Paraíba); *Quixadá* (Pará).

Vemos nesse verbete que o contato entre os povos, o português, o indígena, o africano, ao passo que vão se desenvolvendo em solo brasileiro, vão deixando marcas na sociedade que dizem sobre os mais variados elementos, e isso é fundamental para o enriquecimento do léxico e para a constituição do país. Nesse verbete, e não estamos tratando de um caso isolado, verificamos que não há uma preocupação em definir, o que nos é apresentado não é uma definição. Observamos uma reescrituração por enumeração, pois os elementos que compõem o conjunto dos nomes africanos de lugares expadiram-se enumerativamente. O processo de atribuição de sentidos ao enumerado, nesse caso, não é por definição, trata-se de uma descrição no sentido de arrolar os elementos de um estado de coisas. A partir disso, notamos mais uma vez que o *DBLP* não apresenta uma uniformidade no processo de construção dos seus verbetes. Assim, notamos que as reescriturações dos lemas selecionados são significados e agenciados de formas variadas, e nesse verbete vem com o intuito de evidenciar a influência que as línguas africanas exerceram na toponímia brasileira, e com isso mais uma vez dar visibilidade para o que o Brasil possuía de peculiar.

Mesmo que a escravização de povos africanos não seja constituinte apenas de uma história brasileira, o fato de mostrar a influência das línguas africanas na marcação da terra é mais uma forma de mostrar que o espaço de enunciação brasileiro constituiu-se de forma diferente, e isso também é arrolado para mostrar a diferença entre as línguas.

A compreensão dessa análise nos leva a entender que no processo de descrição da língua não pode ser construído saberes isolados, visto que não tem como apartar do saber linguístico o saber socio-histórico que aquele propicia, desse modo, ao considerar os africanismos do *DBLP*, vemos que na constituição da língua nacional todo elemento inscreve condições próprias a uma história brasileira. Ver a contribuição africana no português do Brasil nos leva a compreender uma parcela de como a sociedade e a língua brasileiras se constituíram. Além disso, para Macedo Soares:

Um estudo completo dessas vozes d'África e das tribus indígenas do Brasil seria trabalho, além de curioso, de evidente utilidade, para se conhecer não só a influência que exerceram sobre a nossa sociedade os elementos negro e indiano, também a direção que vai seguindo a língua portuguesa falada no Brasil em comparação com a falada na metrópole. (MACEDO SOARES, 1943, p.72)

A partir desse fragmento, percebemos que Macedo Soares, já neste texto de 1880, apresentava interesse em formular uma obra que fizesse significar essas “vozes d'África e das tribos indígenas”. Se o *DBLP* é esse estudo completo a que ele se refere, não sabemos, mas podemos afirmar que a presença dessas vozes nesse dicionário é o que caracteriza substancialmente a diferença que o dicionarista busca mostrar entre a língua portuguesa falada no Brasil e a falada na ex-metrópole, o que já aponta uma resposta para a questão levantada oito anos antes: de que, ao ser enriquecida por esses elementos, a língua seguiu sua própria direção.

#### 4.5.3 Outras Vozes na Constituição de um Léxico Brasileiro

Além do contato com as línguas indígenas e as africanas, também figurou em terras brasileiras o contato do português com elementos advindos de outras línguas que também habitavam a América, e a isso se deve à colonização de outros países do novo continente, ou o contato com o comércio exterior europeu e africano.

Sabemos que Portugal não foi o único país a colonizar o sul do continente americano, os espanhóis, da mesma forma que os portugueses, desempenharam grande papel

na colonização dessa região, logo, os contatos do português ultrapassaram os limites geográficos e linguísticos que foram atribuídos aos colonizadores portugueses e se estenderam às regiões habitadas por vozes ameríndias e hispano-americanas. Não da mesma forma que as línguas indígenas brasileiras e as africanas, dessas infiltrações, em número incomparavelmente inferior, surgiram outros tantos vocábulos que foram sendo utilizados no espaço de comunicação brasileiro. Desse contato também floresce um outro aspecto do caráter brasileiro da língua, determinando outros tipos de brasileirismos. Para Melo:

Figuram no vocabulário nacional algumas dezenas de palavras que nos vieram de línguas americanas não brasileiras. Quase sempre vieram de veículo para que tais palavras chegassem até nós nas modalidades espanholas da América. Notadamente a paraguaia, a uruguaia e a argentina. Na maior parte dos casos, essas vozes emigraram pela bacia do Prata. Os rios e as vastas planícies da bacia platina foram e continuam a ser importantíssimo elemento na geografia linguística sul-americana. As palavras aí sobem e descem os rios, discorrem pelos vales, várzeas e pampas, donde surge uma tendência a se uniformizar o vocabulário da região. (MELO, 1981, p.154)

No *DBLP* notamos um número considerável de verbetes que trazem como fonte etimológica a sigla *cast.* ou *hisp.*, que segundo o índice de abreviaturas referem-se ao “*castelhano (hispanhol); cast. do Rio da Prata*”. Elencamos a seguir esses verbetes os dividindo entre os que apresentam a sigla *hisp.* e *cast.*, também ressaltando a região brasileira de circulação, conforme é exposto no interior do verbete:

HISP.: acochar (Sergipe, Rio de Janeiro), açoiteira (Sergipe, Rio de Janeiro), acolherar, alambrar (RGS), albardão (RGS), alcazar, amizade, anilho (Paraná, RGS), aplastado (RGS), aporrear (RGS), arreglo (Paraná, RGS), arrinconar (Paraná, SC, RGS), bagatela, boçal, brôa, buque.

CAST.: abichornado (RGS), acolherar, aguachado (RGS), alcaguete (RGS), aperar, aperos, aquerenciar-se, aragano (RGS), arreglar (Paraná, RGS), arribe (Paraná, RGS), assolear, azulego, balandronada (RGS), basto, bochinche (RGS), bolapé, cajetilha (RGS), camote (fronteira do RGS. com as republicas do Prata), cancha (RGS, SP, Paraná, SC, Minas, Rio de Janeiro).

O fato que nos chama a atenção ao visualizarmos esse quadro é que a maioria, para não dizermos predominância devido a poucas exceções, desses verbetes figuram nos estados da região sul do país. Conforme o que nos expõe Melo sobre a contribuição hispano-americana para o léxico brasileiro, a maioria dessas vozes migraram pela região do rio Prata. Assim, visto a vigência regional desses verbetes, verificamos que nas regiões de contato, o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, houve maior influência dessas infiltrações. Essa comprovação pode ser melhor visualizada no verbe *camote*, que trazemos à baila:

**camote** sm., namoro. Ces. ||

ETYM. cast. || GEOGR. fronteira do RGS. com as republicas do Prata.

Fica explícito pelo aspecto geográfico exposto no verbe que “as palavras sobem e descem o rio”, como nos aponta Melo, afinal, o aspecto geográfico foi grande facilitador desse influxo linguístico. O Rio da Prata, nesse caso, pode ser compreendido como grande responsável pelas correspondências linguísticas entre as culturas, entretanto, devemos lembrar também que esse também proporciona outras contribuições socio-históricas e políticas na formação de uma cultura sulista, provendo esses estados de especificidades linguísticas, sociais e culturais, caracterizando, desse modo, uma realidade diferente da vislumbrada em outras regiões do país. Vemos, portanto, que ao passo que compreendemos mais esse fator de enriquecimento do léxico brasileiro, somos apresentados a uma história de contato e a uma cultura não encontrada em outras localidades brasileiras. Nos atentemos aos quatro verbetes que selecionamos: *alambrar*, *balandronada*, *cancha* e *arribe*.

**alambrar** va., cercar o pasto, a roça etc. com fios de arame atravessados em moirões ou postes de madeira ou de ferro. || ETYM. hisp. *alambre* arame. O port. *alambre* é o hisp. *alambar*; do ar. art. *al* + s. *ânbâr*. || GEOGR. RGS.

**balandronada** sf., fanfarronada, hispanholada. « Não ha na provincia do Rio Grande do Sul nenhum symptoma que ameace as instituições do paiz; e a doutrina do nobre senador, dizendo que empregou esforços para garantir alli essas instituições, não passa de uma simples balandronada para fazer effeito nos espiritos fracos ». Disc. dep. Silva Tavares sess. 4 jul. 88. || ETYM. cast. || GEOGR. RGS.

**cancha** sf., 1º «logar no mata-douro das charqueadas onde o boi vai morrer». Cor. || 2º «logar onde o [cavallo] parrelheiro está acostumado a correr. Diz-se *está na sua cancha*, isto é, em lugar conhecido, onde é mais forte etc.». Cor. || 3º «logar onde

se correm carreiras». Ces. || 4º fig., comodo, commodidade; lugar onde a gente está a seu gosto. Taunay, *Narrat. Milit.* 114. «Condemne-se de veras o detestavel systema de procurar o emprego, ou antes a cancha ou a sinecura para o afillado, mas escolha-se o funcionario para o cargo». Apd. *JC.* 29 jan. 83. || ETYM. cast. || GEOGR. RGS., SP., Paraná, SC., Min., RJ. || SYN. o proloquio «estar na sua cancha» corresponde ao port. «estar nos seus geraes», e ao min. «estar no seu bem-bom».

**arribe** sm., chegada, importação, «O commercio [do matte] está muito abatido .. Receiamos baixa ainda muito mais importante em vista dos proximos arribes que se esperão. » P. c. *Dezen. Dez.* Curitiba 2 ag. 82. || ETYM. cast. *arribo* chegada. || GEOGR. Paraná, RGS.

Conforme temos acesso às definições, às informações no interior do verbete e às abonações, vemos como a cultura dessa determinada região foi influenciada por esses contatos com os países vizinhos: as transações comerciais, as intenções políticas, o desenvolvimento de culturas econômicas próprias, como a pecuária e a plantação de mate. Todos esses fatores que tanto caracterizam nossa compreensão de uma identidade sulista do Brasil se devem a essa relação entre falantes, e isso, como podemos ver, influencia e se reflete no léxico, na língua. O empenho hispano-americano no português brasileiro colabora, nesse sentido, em ser mais um fator de distinção entre a língua falada no Brasil e em Portugal.

Vale ressaltar, ainda, que as vozes hispano-americanas, indígenas e africanas não foram as únicas a perscrutar o espaço de enunciação brasileiro. Outras condições históricas específicas permitiram contribuições lexicais para o português do Brasil, o que também pode ser visualizado no *DBLP*. Então, são considerados brasileirismos, por

Macedo Soares, vocábulos de origem inglesa (*bife, bifestéque, bond, breque, brequefeste*), indiana (*canarim*), persa (*bazar*), árabe (*adufo, alcaide, alfafa, alfaque, bajú, caçamba, cáfila, caften*) e francesa (*abajur, abatiz, anginhos, aprumo, blusa, brinquete, bucaneiro, burocracia, caleça*).

Os elementos que acabamos de elencar nos mostram que a construção do léxico brasileiro funciona em uma relação entre línguas. O português do Brasil constrói-se na relação do português vindo da Europa com as línguas indígenas, as africanas, as hispano-americanas, as de imigração e também por diversos outros contatos proporcionados pela relação entre diferentes tipos de falantes e culturas.

A partir da descrição desses vocábulos por Macedo Soares, vemos que, no seu funcionamento, a língua portuguesa do Brasil é afetada por condições históricas e geográficas específicas. Assim, compreendemos que a diversidade do léxico brasileiro se dá pela dissensão das condições históricas que colaboraram para a formação do país. Ao funcionar em uma relação de línguas, vemos, então, que a língua é regulada por configurações locais desse espaço de enunciação.

#### 4.5.4 Novos Vocábulos: Formações e Derivações Brasileiras

Se por um lado a língua portuguesa falada no Brasil se mostra funcionar em uma relação entre línguas, por outro, como também já pudemos verificar, ela é afetada por condições históricas determinadas. Todavia, outros fatores *condicionantes*<sup>75</sup> também contribuíram para a formação de um léxico e de uma cultura brasileiros.

Segundo Melo (1974, p.29), são chamados de fatores condicionantes, porque dão o colorido local, características peculiares e conformação regional em uma cultura. Gostaríamos de ressaltar que introduzimos esse conceito para falarmos de *aspectos específicos do meio físico brasileiro*, visto que a herança étnica e as condições históricas também se configuram como fatores condicionantes.

Sabemos que desde a chegada dos portugueses no Brasil, o meio físico, ou seja, o solo, o relevo, o clima, a hidrografia, a flora, a fauna e tudo o que significa a natureza exterior, foi objeto de interesse do conquistador português. Logo, o desenvolvimento de um léxico que fizesse referência às peculiaridades físicas da nova terra seria uma questão de tempo e de confluência entre culturas e línguas diferentes.

---

<sup>75</sup> A designação “fatores condicionantes” é uma reflexão que se faz presente em Melo (1974).

A extensão territorial brasileira foi grande influenciadora da movimentação lexical brasileira, as grandes dimensões geográficas e a necessidade de desbravamento dessas terras foram aspectos que possibilitaram a caracterização de várias localidades. No papel de desbravadores, o papel assumido pelos *bandeirantes* foi pioneiro e fundamental. Intentados a descobrir minas e a capturar índios para escravizá-los, essas caravanas marchavam em expedições, como podemos ver nos verbetes *bandeirante* e *bandeirante* no *DBLP*, que figuravam no reconhecimento do país.

Nessa atividade, deram os bandeirantes grandes contribuições para a nomenclatura do relevo nacional. Em texto de 1880, chamado “Chapada, chapadão, chato, lomba, planiço, varge”, e em um de 1889, chamado “Barra, barro e suas formações”, Macedo Soares estuda as formações dessas designações do relevo dadas pelos bandeirantes. Esses estudos trazem contribuições fundamentais para evidenciarmos aspectos da língua falada no Brasil, como podemos notar no fragmento que recortamos do texto de 1880:

CHATO, terreno plano, não acidentado, chão *parelho*: o contrário de *repecho*, que é chão desigual, escabroso, cheio de altos e baixos, chão *dobrado*.

É notável a tendência dos brasileiros para substantivarem os adjetivos que exprimam a qualidade característica da coisa, e particularmente quando se trata da terra e objetos a ela pertencentes, sejam campos, matos, rios, etc.; tão numerosos formigam os exemplos que podemos classificá-la entre as *tendências dialetais* do português falado no Brasil. (MACEDO SOARES, 1943, p.82 - grifos do autor)

Compreendemos, portanto, que o relevo foi fator condicionante para a formação de novas palavras brasileiras, sendo assim, essas designações também foram utilizadas para ressaltar a diferença entre o português brasileiro e o europeu. Logo, vemos que esses elementos também entram na categoria de brasileirismos, e esse aspecto também está refletido no *DBLP*: *angustura, apertado, araxá, areião, banco, barranca, barranceira, barranco, barrocão, bocaina, boqueirão, brocotó, cafúa, campanha, campão, campestre, campo e campos-geraes*. Selecionamos dois verbetes para ilustramos melhor esse aspecto: *bocaina* e *campanha*.

**bocaina** sf., boqueirão, rasgão de serra, desfiladeiro; «depressão de uma serra ou cordilheira quando a escarpa d'esta parece abrir-se como formando uma grande *bocca*, que facilita o acesso ao plano superior ou chapada». BHM. ap. BR. «O alto da serra do Tinguá tem na bocaina da estrada do Commercio 360 braças, isto é, 792 metros, acima do nível do mar.. O rio de S. Pedro corre naturalmente mais baixo, e a estrada do Commercio desce para o atravessar; assim como, depois de atravessal-o, tem de subir para alcançar a bocaina da serra de S. Anna». Apd. *JC*. 6 abr. 85. || ETYM. ç br. *bocaba*, part. de *bog* fenda, racha, buraco em forma de rasgão? Antes, s. port. *bocca* + suff. *anho*=*aneo*, por metath. *ãeno*=*aino*, dando *bocanha*=*bocaina*? || ORTHOPH. pron. braz. *bôcâi-nã*; port. *bucâi-na*.

**campanha** sf., 1º campo extensíssimo, a perder de vista. «Pantanaes que recebem os escoantes que esgotão os largos campos que os cercão. Estas campanhas formão um quadro de 14 leguas de lado, ellas fazem com os campos de Villa-Bella uma alagação geral no tempo das aguas». Serra *RIH*. 1840, 27. «Não achei vestigios que me orientassem, .. pois a campanha é espaçosa n'aquelle lugar». Lopes *RIH*. 1850, 324. «Do Tacuman segui por uma campina vasta, a que dão o nome de *Campo Grande*, sem descobrir agua». D'Alincourt *RIH*. 1857, 339. Eis a campanha, campina vasta, campo grande. «D'elles [morros] entra-se em campanhas dilatadas até ao rio Apa». Ibid. 341-2. «As campanhas comprehendidas nos limites d'esta provincia [das Missões] não são igualmente criadoras. Todos os campos ao sul do Ibicuhy têm preferencia em bondade». Th. Rab. *RIH*. 1840, 157. || 2º campos geraes do Rio Grande do Sul e Minas Geraes. «E não vinha pessoal sómente de Porto Alegre, mas de outros pontos assás longinuos da campanha». Disc. sen. Visc. de Pelotas sess. 3 jun. 85. || ETYM. s. *camp* (o) + suff. *anha* extensão. || GEOGR. provs. do sul e do centro || SYN. *campina* RJ.; *campos geraes* Paraná; *campos* RJ., Min.

O fato de Macedo Soares selecionar esses aspectos para estudar e trazê-los para o interior de sua obra, com vastas considerações, como podemos verificar nas abonações dos dois vocábulos, nos mostra que essas designações concentram um ponto relevante na construção de uma nação independente. Pois, ao mesmo tempo em que é apresentada uma peculiaridade linguística, temos representado, pelo relevo, pela terra, que o Brasil já não é Portugal. Os aspectos do ambiente físico em geral atestam isso.

Da mesma forma que acontece com o relevo, podemos perceber que há verbetes que marcam peculiaridades sobre a flora (aningal, azedinha, bacabeira, bacabal, baga, bagaço, balsedo, buritizal, bambual (p.74), bananal, banhado, (78), cafelama (130), cafezal, cahatinga etc.), fauna (anta, anù, araponga, arara, aratanha, ayurú, baguá (p.67), borrachudo (104), burrego, caborê, calango, calunga, camachirra, camondongo, hidrografia (bahia, brejal) e o clima (aracati). Destacamos desse conjunto o verbete *balsedo*:

**balsedo** sm., matagal fluctuante nos rios, lagos e banhados. || ETYM. *bals* (*a*) matagal + suff. *edo* collecção, reunião, muito, grande porção. Cp. *arvoredo, atoledo, rochedo, vinhedo*. || LEX. PORT. *balseiro* é matagal espesso (Aul.), sem a ideia de fluctuação, ou de existencia n'agua ou em logares humidos. O sent. do nosso *balsedo* é o de uma das significações que de *balsa* dá S. R. de Viterbo: «logar apaulado, coberto de matagaes, charcos ou lagôas».

Em *balsedo*, percebemos que ao mesmo tempo em que Macedo Soares apresenta a definição do lema, conforme ele é concebido no Brasil, ele também apresenta a definição portuguesa do item lexical, com a ressalva de mostrar a diferença de acepção entre as línguas. Entendemos também que é a existência ou não “de água” o fator que condiciona a mudança de significado, ou seja, vemos que os elementos do meio físico foram grandes responsáveis pelas diferenças de acepção para os vocábulos.

Ainda sobre a atuação dos bandeirantes pelos sertões do Brasil, vale ressaltar que esses também foram os responsáveis por designar diversas localidades. Ao passo que escravizavam os índios e conquistavam determinados locais, esses sujeitos atribuíam nomes aos lugares, e faziam isso conforme as individualidades encontradas pela fauna, flora, hidrografia e relevo nesses espaços. Desse processo, sabemos que a língua do escravizado, o indígena, alçou grande papel, como já verificamos em outras seções da análise. Portanto, cabe ressaltar aqui a importância desses sertanistas na marcação toponímica brasileira.

Além de nomear as terras brasileiras, as ações que eram desempenhadas por esses sujeitos também alçaram formas nacionais. Como exemplos, podemos destacar os verbetes *amalocar*, *aldeiar* e *apendoar*. Reflitamos sobre o verbeito aldeiar.

**aldeiar** va., reunir índios em povoação, formar aldeia. « Recebi ordem para mandar aldeiar índios em Marrecas, no município de Guarápuava. » C. A. Carvalho *Rel. Pres. Paraná* 1882, 84. « Hordas immensas de selvagens, alliciadas pela piedade fervente dos religiosos capuchinhos .. já procurão aldeiar-se. » Villa-da-Barra *Rel. Pr. Min. Ger.* 1876, 25. || SYNON. *amalocar*.

Já falamos, em outro momento, que as abonações muitas vezes nos permitem verificar como se efetivavam os processos colonização e os regimes que eram mantidos no país. Considerando as duas abonações, notamos que a atividade de aldeiar, pela forma como é colocada, faz ver que se trata de uma prática escravizadora. Os índios assujeitados ao aldeamento eram aqueles que seriam catequizados pelos missionários ou escravizados pelos bandeirantes. De uma forma ou de outra, vemos que a atividade busca reduzir o índio a vida colonial. Sobre essa prática vemos arrolar outros verbetes no dicionário como *amalocar*, *aldeiado*, *aldeiamento*, o que nos faz perceber que as instituições, seja de escravizamento, de desbravamento ou de mineração, foram fazendo surgir vocábulos para denominar a realidade brasileira da época. E isso pode ser verificado em outros verbetes como: *aperar*, *apinchar*, *apoiar*, *aporrear*, *aquerenciar-se*, *aquilombar*, *arejar*, *armar*, *arranchar*, *arreganhar*, *arreiar*, *arrinconar*, *assoalhar*, *assungar*, *atacar*, *atalhar*, *atirar*, *atocaiar*, *atomatar*, *atorar*, *atropilhar*, *atucanar*, *avalentoar-se*, *babatar*, *barrear*, *bater*, *blindar*, *bolear*, *bongar*, *botar*, *botocar*, *brocar*, *burlequear*, *cabrestear*, *cabriolar*, *cabrocar*, *caçar*, *cacetear*, *cachimbar*, *cacimbar*, *cafungar*, *cambar*, *camboatá*, *campar*, *campear*.

O vocabulário brasileiro condicionado por esses fatores do ambiente é resultado das práticas que vão sendo disseminadas ou mantidas na colônia. No entanto, frisamos que o verbeito, bem como toda manifestação linguística, é a construção de um locutor. Falamos que Macedo Soares possui determinados posicionamentos frente ao regime,

e que isso pode ser evidenciado pelo dicionário, logo, vemos o efeito da ideologia interpelando o sujeito em sua prática lexicográfica a todo momento, portanto, ao passo que conhecemos as condições socio-históricas da época, devemos ressaltar que é sempre por um crivo de valor.

Para finalizar esse tópico, chamamos a atenção para evidenciar que por termos refletido no dicionário toda uma conjuntura socio-histórica, vemos figurar também como a entrada de novas ideias, advindas principalmente da Europa e da América do norte, foram colaborando para o desenvolvimento de uma sociedade cada vez mais crítica e questionadora. A vigência de determinados vocábulos, marcadamente como novos, nos faz ver que ao passo que a sociedade foi se desenvolvendo, as práticas foram sendo avaliadas, e nem todo regime aceito. Para evidenciarmos isso, destacamos o verbete abolicionista:

abolição sf.

abolicionismo sm.

abolicionista s. 2, termos novos, creados modernamente, para exprimir ideias relativas a medidas tendentes á extinção da \*escravidão. « Partido dos Estados-Unidos » dizem Littré e DV.; podião acrescentar: — e do Brazil, e de todos os paizes onde se mantem como instituição social o abuso chamado *escravatura*, sustentado pelo homem ladrão, locupletando-se com o suor do homem roubado, á sombra da lei da força, tolerada por governos cobardes, em beneficio de sociedades que não têm clara a noção da justiça. || ETYM. do port. *abolir*; lat. *abolere*, comp. do pref. *ab* diminuição, supressão + r. ary. *ol* crescimento, augmento + suff. *ere*; prov. hisp. fr. *abolir*; ital. *abolire*.

O vocábulo “abolicionista” é extremamente significativo para o conjunto da obra por vários motivos. Primeiro, como já dissemos, este dicionário foi publicado em 1888, ano marcado na história do Brasil pela Abolição da Escravatura. Outro, Macedo Soares, fazendo uso do seu papel de juiz e como cidadão brasileiro engajado com as causas políticas e

sociais, foi um grande defensor das causas abolicionistas, portanto, ao mesmo tempo que vemos no *DBLP* a retratação do regime, vamos vendo surgir as avaliações dessas práticas. Para Borba (2007, p. 307) “é pelo léxico que se pode avaliar a ideologia vigente num determinado grupo social em determinada época”, esta afirmação se confirma ao observarmos o vocábulo, pois conseguimos traçar, por meio da descrição do termo, o que o lexicógrafo pensa sobre o regime escravista, “abuso chamado *escravatura*, sustentado pelo homem ladrão, locupletando-se com o suor do homem roubado, á sombra da lei da força, tolerada por governos cobardes, em benefício de sociedades que não têm clara a noção da justiça”, ou seja, fica nítido o quanto este sujeito é contra tal processo e o quanto apoia a abolição. Podemos notar, então, que não se trata apenas de definir o que é abolicionista, trata-se também de manifestar um ponto de vista, o que faz evidenciar o político. Outro fator percebido, no que se refere à linguagem empregada, neste caso, do sujeito enunciador, é que a influência jurídica se faz muito presente ao utilizar vocábulos como “lei” e “justiça”, por exemplo. O dicionário, nesse ponto de vista, assume um outro papel, que não é o de instrumentador da língua, vemos ele como um “material interessante para se observar os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas” (NUNES, 2006, p.11), e isso faz refletir o que vem a ser o sujeito-autor dicionarista neste final de século.

O que evidenciamos por esses verbetes sobre a formação de vocábulos brasileiros, foi que o fato da língua ter se historicizado de forma diferente deve ser pensado como efeito dos acontecimentos históricos que eram mantidos no país. A forma como o Brasil foi deixando de ser colônia de Portugal e passou a ser um país independente, os avanços políticos, sociais e econômicos, o contato entre línguas, todos esses fatores condicionaram para a formação de um léxico que refletisse uma realidade genuinamente brasileira, e esse é mais um fator utilizado para diferenciar as línguas.

#### 4.5.5 Resignificar a Língua da Metrópole: a “Versão” Brasileira do Português

Segundo Orlandi (2002, p.25), “o que funciona, pois, em nossa memória linguística, na identidade nacional, são as imagens construídas para nossa relação com a língua portuguesa, nossa “versão” brasileira dessa relação”. Considerando a afirmação de Orlandi e relacionando-a as nossas considerações sobre o léxico brasileiro, podemos dizer que há uma classe de brasileirismos que expressa muito bem como se deu a nossa versão da língua: são os *brasileirismos quanto à significação*.

São designados brasileirismos quanto à significação “as palavras que, sem perderem a significação tradicional portuguesa, se enriqueceram de mais um ou vários sentidos brasileiros” (MELO, 1981, p.159), ou seja, são considerados brasileirismos se privilegiarmos a acepção que é dada ao vocábulo no Brasil.

Em 1824-1825 Visconde de Pedra Branca, um dos primeiros estudiosos a tratar dos brasileirismos, já havia observado sobre o esse aspecto da língua portuguesa no Brasil, apontado em uma tabela “*des mots qui ont changé tout-à-fait d’acception*”. Reproduzimos a seguir a tabela elaborada pelo autor:

#### Noms qui ont Changé de Signification (2)

<i>Mots</i>	Signification au Portugal	Signification au Brésil
Faceira . . . . .	Grosse Mâchoire . . .	Coquette
Arrumamento . . . . .	Action d’arranger . . .	Parade
Babados . . . . .	Bavé . . . . .	Jabot, falbalas
Tope . . . . .	Entrave . . . . .	Cocorde, bouquet de fleur
Chacota . . . . .	Chanson grivoise . . .	Moquerie
Cecia . . . . .	Action de grasseiyr . .	Minaudière
Capoeira . . . . .	Cage à poules . . . . .	Broussailles
Sotão . . . . .	Souterrain . . . . .	Mansarde

Vemos, portanto, que a resignificação dos vocábulos portugueses em terras brasileiras foi uma das primeiras observações feitas sobre os brasileirismos. O que mostra a importância do tema. No *DBLP* são muitos os vocábulos que trazem essas marcações. Observemos o verbete *alcaide*:

**alcaide** sm., coisa avariada, mercadoria mofada, trastes velhos de pouco ou nenhum valor. « O facto é que consegue attrahir alguns papalvos transeuntes que sahem depennados e com cada alcaide até indigno de figurar no mais reles belchior. » Red. *FN.* 15 jan. 85. || ETYM. ar. art. *al* + s. *caid* commandante. HIST. o cargo foi gradualmente diminuindo, desde chefe de districto ou provincia entre os mauro-arabes, commandante de praça militar na Hispanha (Eng.), até magistrado sem letras e meirinho em Portugal e Brazil, onde ficou com a significação pejorativa. || LEX. PORT. ant., governador de provincia, de comarca, de castello, de navio; juiz do povo; official de justiça, meirinho.

A acepção que faz de *alcaide* um brasileirismo quanto à significação é a reescrituração “coisa mofada, mercadoria mofada, trastes velhos de pouco ou nenhum valor”. No entanto, podemos perceber que se trata de uma significação brasileira do vocábulo pela presença de outras categorias que estão dispostas no verbete. As categorias HIST. e LEX. PORT. são marcações fundamentais para compreendermos a diferença entre as línguas. Em relação à significação no Brasil e em Portugal, vemos que a palavra possui acepções diferentes, o que é notório do conteúdo do verbete, porém, o fato de o dicionarista apresentar o percurso da mudança foi um fator fundamental para compreendermos como se deu a pluralidade de sentidos desde os primeiros usos do vocábulo.

O que podemos verificar dos brasileirismos presentes no *DBLP* que dividem a mesma tipologia, é que todos trazem as marcações LEX. PORT. após a apresentação da acepção brasileira. O que deduzimos desse funcionamento, portanto, é que o dicionarista ciente de que a palavra apresenta usos diferentes no Brasil e em Portugal, também traz a significação portuguesa como mais uma tentativa de enaltecer a diferença entre as línguas dos dois países. A explicação histórica da mudança não é uma constante nos verbetes, já a marcação semântica se faz presente em todos os verbetes que são considerados brasileirismos

por esse aspecto. É o que acontece em *alcoviteiro*, *ajoujo*, *azeiteiro*, *babador*, *bazulaque*, *burjaca* e *cabriola*, só para citar alguns exemplos.

Segundo Melo (1981, p.160), nesta classe “se enfileira o maior número de brasileirismos de uso corrente e geral. Na verdade, dificilmente se encontrará um vocábulo rico de significados que não apresente um, dois ou três significados peculiares no Brasil”. O autor ainda ressalta sobre esse tipo de brasileirismo, “para verificá-lo, basta abrir e ler um pouco o dicionário, atentando nos verbetes mais extensos. Quase que se poderá dizer: não há polissemia na língua portuguesa sem que exista pelo menos um brasileirismo de acepção”. Ao considerarmos o dicionário de Macedo, concordamos com o autor sobre a extensão do verbete, mas não pelo aspecto que ele apresenta, afinal, o *DBLP* é um dicionário de brasileirismos, logo, não seria um bom exemplo para verificarmos as várias diferenças de acepções da palavra, visto que o que preza o autor desse dicionário é a significação brasileira. No entanto, é exatamente o fato de definir, abonar e marcar a diferença o que torna esses verbetes extensos nesse dicionário.

A forma como esses brasileirismos são descritos no dicionário mostra que a relação entre as línguas é trabalhada de forma refletida: o dicionarista ao mesmo tempo em que instaura a diferença semântica configura uma memória portuguesa. E é nesse trabalho simbólico de resgate da memória que faz significar a acepção brasileira, pois é assim que ele faz funcionar a diferença.

#### 4.5.6 Uma Língua Significada por Arcaísmos

Para fecharmos nosso quadro de considerações em relação aos brasileirismos, trataremos de um aspecto importante da relação português brasileiro X português europeu, os *arcaísmos*, ou seja, os vocábulos portugueses que uma vez estabelecidos no Brasil permaneceram, ao passo em que foram sendo esquecidos na língua falada em Portugal, de onde vieram.

A questão dos arcaísmos portugueses que são vocábulos vigentes no Brasil é assunto que muito colaborou para que estudiosos *não* considerassem que os brasileirismos lexicais fossem contribuintes para a afirmação de uma identidade linguística brasileira. Manuel de Paiva Boléo é um dos defensores dessa posição:

[...] Sucede com frequência que alguns termos considerados durante muito tempo como próprios do Brasil, se vão encontrar em textos antigos portugueses ou na fala popular de nossos dias, com a mesma ou outra significação. Daí a tendência dos modernos dicionaristas do Brasil para restringirem, prudentemente, o número dos brasileirismos vocabulares. Também neste domínio alguns autores brasileiros estão, por vezes, tão mal informados, que ficamos deveras surpreendidos com as correspondências de termos que estabelecem e que vão passando de uns para outros como verdades dogmáticas. Seria fácil encher páginas e páginas de rectificações. (BOLÉO, 1943, p.44)

No entanto, devemos ressaltar que esse fator *quando bem trabalhado* mostra o contrário. Esses vocábulos é aspecto fundamental para atestarmos que a língua portuguesa, ao figurar no espaço de enunciação do Brasil seguiu seu próprio caminho, se historicizando de forma diferente. Trabalhar com esse aspecto dos brasileirismos possibilita um bom trabalho sobre a memória da língua, afinal, quando da sua marcação, o uso vigente faz significar que uma vez foi pertencente ao léxico português. Assim, apresentar o funcionamento desses vocábulos na relação entre línguas, nesse caso o português europeu e o brasileiro, sem desconsiderar a origem do vocábulo e fazendo repercutir sua memória portuguesa, colabora e muito para marcarmos a deriva da língua e a identidade da língua portuguesa no Brasil. Sobre esse aspecto, refletamos sobre os brasileirismos do *DBLP* que se enquadram nessa temática.

Se as marcações históricas (HIST.) já eram fundamentais para a caracterização dos brasileirismos quanto à significação, para evidenciar se o vocábulo em uso tornou-se um termo antiquado (ant.) ou um arcaísmo (arch.) ele foi essencial. Observemos os verbetes *afanar-se, apendoar e acochar*.

**afanar-se** vr., cansar-se, fatigar-se, afadigar-se, trabalhar com excesso. || ETYM. b. lat. *affanare* trabalhar com as mãos; d'onde *affanator*; hisp. *affanador* operario; v. fr. *affaineur*, *affanour*; b. lat. *ahanare* lavrar o campo; voz de quem, vencido pelo labutar, succumbe exclamando *ahan!* (DC.). Sg. Diez, o v. port. *afanar* era transit. e intransit.; e o v. fr. *ahaner* ou o b. lat. *ahanare* significava trabalhar de enxada, lavrar a terra: donde *ahans* o cultivo dos campos; *ahanables* campos de cultura, terras de lavoura. No Braz. temos só a forma reflexiva com o signif. port. ant. || HIST. ant. em Port.; vig. no Br. desde 1852.

**apendoar** vn., botar pendão ou bandeira (o milharal). || ETYM. pref. *a* + sm. *pend(ã)o* + suff. vb. *ar*. || GEOGR. geral no norte; no sul dizemos *pendoar* qv. || HIST. em Mor. e Roq., ant. ornar, guarnecer com pendões (as náos etc.); Aul. já o não dá. Arch. em Port., vig. no Braz.

**acochar** va., conchegar apertando, calcando. «O sebo está muito caro, Stá valendo um dinheirão: Quero ver com que se acochão Estes cocós

de cordão». SR. 1, 64. || ETYM. hisp. *acocharse* agachar-se. || GEOGR. Ser-gipe, R. Jan. etc. || HIST. Blut. traz na forma reflexiva, e como signif. de agachar-se. Roq. dá nas formas activa e reflexiva. Aul. não incluye o voc., que parece ter-se antiquado em Port.

Comprovamos com esses exemplos que o aspecto histórico levantado por Macedo Soares é fundamental na caracterização dos brasileirismos, marcando que o termo em uso no Brasil configura-se em arcaísmo em Portugal. Chamamos atenção nesse aspecto para a forma como o dicionarista atesta o arcaísmo, por meio de dicionários portugueses de língua, como verificamos em *apendoar* e *acochar*, pois em *afanar-se* o dicionarista apresenta uma data exata para a vigência no Brasil (1852).

As siglas Blut. Mor. Roq. e Aul. referem-se, respectivamente, às seguintes obras e autores: *Vocabulario Portuguez e Latino*, do padre Rafael Bluteau; *Diccionario da Lingua portugueza* (1779), de José de Moraes e Silva; *Diccionario da Lingua Portugueza* (1867), do padre J. I. Roquette; *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza* (1881), do prof. Julio Caldas Aulete. O que Macedo Soares faz é mostrar pelos dicionários, que descrevem em momentos diferentes a língua portuguesa, que a palavra estava em uso, e a

presença dela no dicionário atesta isso, e que a partir do momento que ela deixa de estar no dicionário ela se torna um arcaísmo. Por exemplo, o verbete acochar, vemos que ele está presente nas obras de Bluteau e Roquette, e que já não está no dicionário de Aulete, que é um dicionário mais contemporâneo, como o próprio título aponta.

Ao verificarmos esse aspecto, compreendemos que o dicionário também é utilizado como documento que comprova a vigência do léxico de uma língua em momentos específicos, pois a partir do momento em que os dicionários deixam de registrar vocábulos que antes traziam, vemos refletir que esses se tornaram formas arcaizadas da língua. Assim, o estudo de dicionários de diferentes épocas é um trabalho fundamental para acompanharmos o processo de historicização da língua, visto que a presença ou não de determinados vocábulos mostra muita mais do que o seu uso: ela nos fala sobre as condições socio-históricas de determinados períodos.

Diferentemente do que atesta Boléo, vemos que Macedo Soares não está mal informado sobre a procedência dos vocábulos, nem sobre seu uso português. O que o autor faz é usar da vigência ou não desses vocábulos nos dicionário portugueses de língua para mostrar que no Brasil a palavra encontra-se em uso e com acepção diferente ou não. O que o dicionarista frisa não é a exclusividade do vocábulo e sim que a sua presença na língua em uso no Brasil e a não mais vigência em Portugal atesta para o fato de que as línguas traçaram caminhos diferentes, e é nesse ponto que a independência linguística vem marcada.

#### 4.5.7 Últimas Considerações sobre os Brasileirismos

A partir da análise que efetivamos, podemos ressaltar que o caráter múltiplo dos brasileirismos ao passo que afirmam, por meio de diferentes direções, um estatuto definidor de nacionalidade para a língua portuguesa falada no Brasil (ELIAS DE OLIVEIRA, 2002; NUNES, 2006), impossibilita uma definição sobre a categoria que seja única e redutora, o que resulta na infinidade de considerações e acepções referentes ao termo, como já mostramos no primeiro capítulo.

Desse modo, ao nos atentarmos para as definições de brasileirismos que apresentamos, das quais destacamos: “toda a casta de divergências notadas entre a linguagem portuguesa vernácula e a falada geralmente no Brasil” (RIBEIRO, 1889a), “elementos provenientes de outras línguas (principalmente indígenas e africanas), que foram ‘incorporados’ ao português (NUNES, 2006), “qualquer fato linguístico peculiar ao português

usado no Brasil, em contraste com o fato linguístico correspondente peculiar usado em Portugal” (CÂMARA JUNIOR, 1964, apud CUNHA, 1987), “milhares de vocábulos que não têm entendimento nem significação em Portugal” (BILAC, 1916), “são velhos portuguesesismos, que partiram daqui com os descobridores e colonizadores das terras de Santa Cruz, e que lá vivem e prosperam ainda, sendo aqui já esquecidos ou mortos (FIGUEIREDO, 1913), vemos a heterogeneidade de considerações sobre a categoria, o que comprova sua dificuldade de definição.

No entanto, notamos que no *DBLP* a categoria, em sua multiplicidade, funciona como argumento para propiciar o espaço da diferença entre o português falado no Brasil e o falado em Portugal. E nesse sentido, evidenciando a concretude e as peculiaridades da língua, vemos que essa passa a funcionar como materialidade reguladora de um sentimento nacionalista.

Ao analisar os verbetes do *DBLP*, conseguimos enxergar o caráter múltiplo sobre os brasileirismos e acompanhamos como se deu o desenvolvimento de um léxico brasileiro. As classificações que apresentamos, pautadas em Melo (1981), nos mostraram que os aspectos levantados para conceber esses brasileirismos, à medida que evidenciam residir no vocabulário uma profunda e extensa diferença entre o português europeu e o brasileiro, faz notar também os modos de dizer de uma sociedade e as conjunturas históricas de desenvolvimento e estruturação do país.

Gostaríamos de acentuar que o modo como o dicionarista constitui o corpo dos verbetes, junto às informações arroladas é um trabalho fundamental para acessarmos as maneiras como foi construído um imaginário de língua e de sociedade no final do século XIX. As peculiaridades semânticas das acepções, as marcações dêiticas que trabalham a disjunção “no Brasil – em Portugal”, o aspecto geográfico, sintático, etimológico, ortográfico, fonético, histórico, as marcações diaevaluativas e diastrásticas e as abonações consolidam um saber que faz evidenciar a diferença entre a língua portuguesa falada no Brasil e a falada em Portugal, objetivo principal do segundo momento da gramatização brasileira.

Por fim, o que vemos, pelas descrições desses brasileirismos é que a historicização do português em solo brasileiro é caracterizada de forma particular por conta de um espaço-tempo determinado por relações entre línguas e acontecimentos históricos, políticos e sociais que deixaram suas marcas no léxico da língua portuguesa falada no Brasil. O *DBLP*, então, ao figurar nesse espaço-tempo determinado por essas especificidades, documenta um saber que afeta diretamente sujeitos, sociedade, história e a língua.

#### 4.6 O *DBLP* COMO ESPAÇO DE CATEGORIZAÇÃO E PRESCRIÇÃO DA LÍNGUA?

Sendo o dicionário e a gramática as tecnologias responsáveis por descrever e instrumentar a língua, como determina Auroux (2009), podemos dizer que ambos se complementam. Compreendemos isso por várias afinidades que estes dois instrumentos apresentam e, principalmente, por serem, a gramática e o dicionário, espaços de divulgação, reflexão e conhecimento do saber metalinguístico.

No entanto, vale ressaltar que as duas tecnologias apresentam especificidades e formulações próprias. Desde a antiguidade, ainda como listas de palavras, sabemos que os dicionários mantiveram uma preocupação com a descrição do léxico, ao passo que as gramáticas sempre se interessaram pelo funcionamento da língua, mostrando: “a) categorização das unidades; b) exemplos; c) regras mais ou menos explícitas para construir enunciados” (AUROUX, 2009, p.66). Por mais que reflitamos sobre isso sem um maior aprofundamento, podemos dizer que cada uma dessas obras é construída a partir de uma determinada “fórmula” e com competências e objetivos específicos.

Ao realizarmos a análise do *DBLP*, por vezes, fomos surpreendidos por Macedo Soares no que se refere a determinadas definições e lematizações. Verbetes como *accentos prosodicos*, *adjectivo possessivo*, *adverbios em mente* e alguns outros nos mostraram que tinha o autor, também, uma preocupação em “expor” mais do que “as palavras e frases da língua”. Vejamos, como exemplo, o verbete *adjectivo possessivo*:

**adjectivo possessivo** antes de nome de parentesco, com referencia á pessoa que, com quem ou de quem se falla, é imprescindivel. «Meo pae, tua mãe, nossos irmãos, suas tias.» Não leva artigo, salvo si entre o possessivo e o nome se interpõe adjectivo qualificativo. É a regra do italiano. « Meo pae, tua mãe, seo tio, nossos irmãos, vossas filhas, seos cunhados; o meo velho pae, a tua sancta mãe, o seo generoso tio, os nossos bons irmãos, as vossas queridas filhas, os seos aman-

tes cunhados. » || SYNT. PORT. o adj. poss. na especie é sempre precedido do artigo. « O meo pae, a minha mãe, os nossos filhos, as vossas irmãs », quando não supprimem o possessivo como é de regra lá. « O pae, a mãe, os irmãos, os tios, » significando *o meo, o teo, os nossos, os vossos*.

O fato de lematizar estruturas como essa já nos mostra que não há uma preocupação apenas em “definir” ou “dizer” sobre o léxico, vemos que o autor busca *categorizar* unidades da língua e expor suas *regras*. O saber aqui ultrapassa o nível “lexical” e avança no “gramatical” no que se refere à descrição linguística, afinal, Macedo Soares não constrói uma definição, ele *categoriza, expõe a regra e apresenta* uma *abonação* que comprova o uso, processo que é feito por autores de gramática. Desse modo, o que temos em *adjectivo possessivo* é uma consideração prescritiva da língua moldada como verbete.

O que podemos considerar dessa prática? O que vemos, e a publicação da segunda edição do dicionário nos mostra, é que esse processo de categorização e prescrição não acontece de forma exaustiva, embora essa prática apareça de forma mais substancial na segunda edição, que apresenta verbetes como *pronome proclítico em vez de enclítico, pronome proclítico ao particípio passado, pronomes depois do verbo, pronomes objetivos contrapostos à negativa não, verbo no singular com sujeito no plural* e diversos outros que buscam fazer uma descrição sobre o caráter morfológico ou sintático da língua. Isso nos faz pensar que não era seu objetivo prescrever regras, visto inclusive o aspecto descritivo que muitos desses verbetes apresentam.

O que percebemos aqui é mais uma tentativa do autor em ressaltar o caráter diferencial que o português brasileiro apresenta em relação ao português. Vemos com esses verbetes que o autor quer fazer intensificar as diferenças de usos sintáticos e morfológicos entre o português europeu e o brasileiro, ou seja, busca o dicionarista querer mostrar que a diferença também atingiu outros níveis da língua que não apenas o lexical.

Podemos dizer, então, que o dicionário de Macedo Soares inova na compreensão do que seja um dicionário de língua? Bom, alguns aspectos precisam ser avaliados, porém, a questão maior que é colocada não é se tratar de inovação ou não, o que verificamos é que essa é mais uma forma de destacar a diferença entre as línguas faladas pelos brasileiros e pelos portugueses.

Enfim, com casos como esse de Macedo Soares, verificamos que os autores de dicionários, bem como os de gramáticas nesse final de século XIX, além de desempenharem um papel fundamental na produção do saber metalinguístico, pois articulavam esse saber em prol da constituição de uma língua nacional, também apresentavam particularidades quanto às práticas e formas de divulgação de conhecimento. A partir do exposto, vemos que o *DBLP* é um bom exemplo para mostrar que o objetivo maior era dar visibilidade ao nacional, em explicitar uma identidade brasileira da língua e não em

reproduzir uma técnica de produção de dicionário. O que a história nos mostra é que essa preocupação tomará forma a partir do estabelecimento da linguística enquanto ciência, e principalmente, a partir do momento em que a produção de dicionários se torna o foco de interesse de uma ciência em particular: a lexicografia. No entanto, devemos ressaltar que o fazer lexicográfico desse final de século foi fundamental para delinear novos rumos para a Lexicografia nacional.

#### 4.7 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ARQUITETURA DO *DBLP*: AS PROBLEMÁTICAS DA LEMATIZAÇÃO

Da mesma forma que as lematizações apresentadas na seção anterior suscitaram uma reflexão sobre o caráter epistemológico da obra, vimos que outros aspectos fugiam do convencional no que se refere ao processo de lematização.

Se lematizar, ou seja, encontrar uma forma para ser usada como entrada de verbete, é uma das primeiras preocupações do lexicógrafo ao elaborar um dicionário, é por conta de essa ser uma problemática que compromete o aspecto científico da obra. Afinal, o lexicógrafo não pode selecionar e dispor os elementos da língua sem uma regularidade.

No entanto, a falta de um critério que sustente a formulação das entradas em dicionários que foram desenvolvidos antes da Lexicografia se tornar uma matriz reguladora da produção desses instrumentos também merece atenção, visto que a lematização, independente da força reguladora que a rege, é a forma escolhida pelo dicionarista para dar evidência ao elemento da língua que quer retratar.

Sendo o *DBLP* obra que figura em um cenário onde a produção de dicionários não tinha uma preocupação em estabelecer uma técnica de reprodução, encontramos em algumas lematizações um ponto de discussão sobre o fazer lexicográfico de Macedo Soares.

Um primeiro aspecto que gostaríamos de apontar é o fato de o dicionarista escolher lematizar prefixos e sufixos da língua, como vemos em: *ãi=aanha*, *ái=aim*, *aíva*, *-aba<sup>1</sup>*, *-aba<sup>2</sup>*, *acan=acang*, *açu=assú=guaçú=oçú=uçú*, *-angá*, *-Am<sup>2</sup>*, *-ão<sup>1</sup>*, *-ão<sup>2</sup>*, *-ão*, *ar<sup>2</sup>=ara*, *-ar<sup>3</sup>=ara*, *-assú=guassú=uassú*, *-ba*, *bae<sup>1</sup>*, *-bae<sup>2</sup>*, *-bóca*, *ca<sup>2</sup>*, *-cab=ab=-hab*, e *-caba<sup>1</sup>*. Para depositarmos nossas considerações, ilustraremos nossa reflexão tomando como exemplo os verbetes *açú*, *-anga* e *angá*.

• **açú** = *assú* = *guaçú* = *oçú* = *uçú*  
suff., grande, grosso, graúdo, grosseiro:  
entra na comp. de muitos nomes de  
logares, animaes e plantas do Brazil:  
*Paraguaçú, Manhuassú, Mogyguaçú,*  
*Caboçú, tatúguaçú, andáuaçú, pindo-*  
*bossú,* etc.

–**anga** suff., que tapa, faz sombra,  
envolve, escurece: entra na composi-  
ção de algumas palavras brasileiras.  
|| ETYM. br.

**angá** = **angab** = **angaba** pref.,  
e suff., visão, aparição, phantasma,  
alma do outro mundo: entra na  
compos. de alguns vocabs. brasilei-  
ros. || ETYM. br.

A lematização desses elementos busca, primeiramente, fundamentar algo que é caráter essencial da linguagem humana: a economia linguística. Ao dispor esses morfemas como lemas o autor potencializa o nível lexical, comprovando que esse constitui um conjunto aberto. Ou seja, mostra o autor com a exposição da “fragmentação” que a língua portuguesa do Brasil se movimenta.

Visto que o dicionário busca ser um “elucidário etimológico”, enxergamos na tentativa de lematizar prefixos e sufixos uma necessidade de expor como se dá a formação das palavras da língua, mostrando, inclusive, que as formas constituintes dos vocábulos advêm da relação entre línguas, como se marca em –anga e angá, cujo étimo aponta para a língua geral (br.).

Verificamos, assim, uma preocupação com a morfologia da língua. Fazer o consulente atentar-se para o processo de composição das palavras faz pensar que a diferença está presente em mais esse nível da linguagem. Então, compreendemos a lematização de sufixos e prefixos como mais uma tentativa de elucidar a peculiaridade da língua falada no Brasil.

Estando a língua em perpétuo movimento e tendo o dicionário o compromisso de descrevê-la da forma mais fiel possível, vemos a questão ortográfica como grande fator dificultador da lematização. Notamos que o *DBLP* apresenta mais de uma entrada para palavras com a mesma acepção, porém, com mais de uma forma escrita. No entanto, isso não é uniformizado pelo dicionarista.

Se em alguns momentos ele apresenta as variantes em uma mesma entrada como acontece em *anu-anum*, *bagage=bagaje*, *baguá=bagual*, *boccó=bocó* e *cabanage=cabanagem*. Em outros momentos a variação ortográfica é apresentada em entradas diferentes, como acontece com *aguachado* e *aguaxado* e entre *cacerenguengue*,

*cacherenguengue* e *cacheringuengue*. Destaquemos dois exemplos: *anù=anum* e *cacerenguengue, cacherenguengue, cacheringuengue*.

**anù = anum** sm., 1º passaro preto, da familia dos crotophagos, vive em bando, e serve ao povo de termo de comparação para a côr negra.

**cacerenguengue** sm., vj. *cacheringuengue*.

**cacherenguengue** sm., vj. *cacheringuengue*.

**cacheringuengue** sm., faquinha velha, gasta, sem córte. || ETYM.

Se por um lado o fato de o *DBLP* não apresentar uma coerência para tais aspectos mostra a não preocupação em estabelecer critérios de lematização, por outro, mostra a dificuldade encontrada por Macedo Soares em registrar as variantes ortográficas.

Se considerarmos que o *DBLP* é um dos primeiros dicionários monolíngues brasileiro a tratar do léxico em uma proporção nacional, vemos no fato dele registrar essas diferenças ortográficas como um compromisso em estabelecer a legitimidade da língua: o dicionarista busca apresentar a variedade de formas conforme o uso prega.

Se a dificuldade em registrar variantes ortográficas constitui em uma problemática atual na produção lexicográfica, o que dizer desse dicionário que descreve vocábulos referentes a uma realidade linguística desde o período colonial, período em que os contatos linguísticos eram muitos e os registros escritos poucos.

Observamos, portanto, que há um trabalho com as variantes ortográficas, e isso, mesmo que não disposto de forma criteriosa, mostra o compromisso do dicionarista em elucidar a língua em mais esse aspecto.

Uma última questão sobre o processo de lematização arrola-se sobre o que Biderman (2001, p.140), chama de *lexia complexa*. Segundo a autora, podemos considerar *lexias complexas* uma forma composta por elementos “perfeitamente” soldados. As *lexias*

complexas presentes no dicionário de Macedo Soares se arrolam em dois grupos<sup>76</sup>, divididos por nós: um em que são colocados locuções de cunho gramatical: locuções adverbiais, prepositivas, conjuncionais e pronominais, e outro com as demais sequências de combinatórias lexicais. Eis alguns exemplos:

Locuções de cunho gramatical: *à bruta, accents prosodicos, adjectivo possessivo, adverbios em mente, ambos-e-dois/ambos-os-dois, a mode que/a modo que, antes pelo contrario, a quo.*

Outras lexias complexas: *abaixo-assignado, abrir-cancha, abrir-o-cavalo, alqueire de medir, alqueire de terra, amago furado, andar de déu em deu, arroz-de-cuxá, arroz-de-ussá, arvore da Independencia, azeite-de-cheiro, azeite-de-dendê, baba-de-moça, bando-precatorio, bem-bom, bem-de-falla, bemzinho amor, benção-de-Deos, bens do evento, borda do campo, cabos-brancos, cabos-negros, cabo-verde, campos geraes.*

Sobre as locuções de cunho gramatical, temos que algumas entradas são propostas de forma totalizadora, como em *adjectivo possessivo*, na qual o autor designa toda uma classe em um verbete, e em outras há apresentação detalhada das unidades, *a mode que*, por exemplo. Deprendemos desse funcionamento que o autor tem dois objetivos: a) mostrar que a língua apresenta considerações gramaticais generalizadas (vemos nesses casos que há uma preocupação em expor aspectos morfológicos e sintáticos da língua); b) mostrar especificidades de uso gramatical (vemos nesses casos que há uma preocupação em apresentar os contextos de uso específicos e com o aspecto semântico dos vocábulos).

Nas demais lexias complexas, constituída de sintagmas nominais e sintagmas verbais, notamos haver domínios de usos especializados. Podemos reunir esses vocábulos quanto à sua referência a especificidades da culinária: *arroz-de-cuxá, arroz-de-ussá, azeite-de-cheiro, azeite-de-dendê, baba-de-moça*; da dança: *bemzinho-amor, benção-de-Deos*; do contexto e trabalho no campo: *alqueire de medir, alqueire de terra, borda do campo, cabos-brancos, cabos-negros, cabo-verde*; do relevo: *campos geraes*; e diversos outros domínios. Isso nos mostra que os contextos de uso são grandes responsáveis pela produção de vocábulos de acepção restrita, determinante de atividade ou objeto específico, e a

---

<sup>76</sup> Essa divisão surge de uma outra estabelecida por Biderman (2001) sobre a questão das lexias complexas.

nosso ver, conforme se busca a especificidade aumenta-se a quantidade de lexias em sua composição.

Também podemos reconhecer que algumas dessas lexias são expressões idiomáticas, como *andar de déu em déu*, por exemplo. Vemos que as expressões idiomáticas são excelentes exemplos de especificidades de uso da língua, assim, verificamos mais uma vez a necessidade que o *DBLP* tem de colocar em relevo as particularidades com o intuito de marcar a diferença. No processo de compreensão dessas lexias, uma palavra que nos chamou a atenção foi *arvore da Independencia*.

• **arvore da Independencia** sf., croton assim chamado por ter as folhas pintadas das cores nacionaes: verde e amarello. No começo do Imperio, os patriotas, em lucta com os portuguezes, distinguão-se collocando no chapéo, ou na casa da jaqueta, da farda ou da casaca uma *folha da Independencia*. « E ainda hoje, a sua presença é uma lembrança d'esse facto em todas as festas nacionaes; por isso, todos a cultivão. » Alm. Pinto.

O verbete nos chama a atenção, pois permite comprovarmos alguns aspectos que já colocamos em outras análises. Compreendemos que a designação do vocábulo é fortemente determinada por um acontecimento político e também por elementos de ordem simbólica. Quando falamos que o dicionário permite verificarmos o desdobramento das palavras em movimentos sociais e históricos produzidos por sujeitos em determinados contextos, chamamos a atenção para o que se evidencia neste verbete, no qual o processo de nomeação é determinado por gestos simbólicos produzidos em acontecimentos específicos. A independência, como já tivemos a oportunidade de dizer foi um acontecimento fundamental para determinar os rumos de uma história e gramatização brasileira, o que se evidencia aqui é que a constituição de uma língua também é tocada por acontecimentos como esses, portanto, vemos que o léxico também é resultado da relação entre o histórico, o linguístico e o simbólico.

Finalizamos esse tópico ressaltando que o processo de lematização do *DBLP* foi uma das questões que mais nos chamou a atenção no dicionário. Acreditamos que isso se deva não só pela falta de critérios utilizados por Macedo Soares, mas também pela heterogeneidade de elementos que são colocados em relevo e que reforçam um único objetivo, mostrar como se fala no Brasil.

#### 4.8 A SOCIEDADE BRASILEIRA NO SÉCULO XIX: CONSTRUÇÃO LÉXICO-DISCURSIVA DA HISTÓRIA

Segundo Nunes (2006, p.33), os textos introdutórios de um dicionário, como os prefácios, “constituem material fundamental para a análise das condições de produção do discurso e da posição do lexicógrafo”. Considerando esse pressuposto, quando lemos o prólogo do *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa*, “*Já é tempo dos brasileiros escreverem como se falla no brazil, e não como se escreve em Portugal*”, damos corpo a interpretações e questões que significam sujeitos, história, fazer lexicográfico e a língua.

Em primeira instância, percebemos, por parte do locutor, um *posicionamento*, a língua falada no Brasil possui uma especificidade, o português brasileiro é diferente do português europeu; e uma *necessidade*, a língua escrita do Brasil precisa se pautar nessa particularidade, isto é, na forma como é falada pelos cidadãos deste país.

Visto isso, uma pergunta recorrente e não diretamente ligada a este prólogo que fazíamos era: quem eram esses “brasileiros”? Esses sujeitos que falam diferente. Mas fazíamos essa pergunta não questionando quem era considerado brasileiro ou cidadão brasileiro. Inclusive, isso o dicionário nos responde:

**brazileiro** adj. gent., 1º nascido no Brazil. || 2º naturalizado cidadão do Brazil. || LEX. PORT. portuguez que emigra para o Brazil; portuguez ou de outra nacionalidade que, tendo estado no Brazil, regressa para a Europa.

Nossa indagação era outra: *quem* eram esses sujeitos responsáveis por esse falar diferente, *como* era constituída a sociedade brasileira desse “tempo”?

Uma leitura preliminar deste dicionário, apenas com o intuito de compreendermos como se dava o tratamento científico-prático das formulações das entradas lexicais, nos permitiu observar que muitos dos lemas deste dicionário, por vezes, nos diziam mais sobre os habitantes dessa terra, do que sobre a língua falada por eles, como pudemos visualizar em outros momentos da análise.

Portanto, pensando ainda sobre a formulação das entradas lexicais nos questionávamos: *o que* fez com que o sujeito lexicógrafo recortasse esses vocábulos como algo que deveríamos saber sobre a história, e mais, *por que* deveriam estar presentes em um instrumento que acima de tudo alicerça um saber sobre a língua, em um período como o século XIX?

Como vimos, a base empírica de material que foi consultada durante a formulação deste dicionário, arquivos de museu, anais, jornais, revistas, manuscritos, vocabulários, gramáticas, relatórios, testamentos, romances, corresponde a um horizonte de retrospectiva que ultrapassa os domínios do século XIX, então, *o que* fez com que o lexicógrafo recortasse determinados vocábulos dessas textualidades e os lematizasse?

Foi na tentativa de responder a indagações como esta que começamos a perceber que os enunciados definidores deste dicionário permitia rememorarmos uma história e reconstruirmos a sociedade brasileira do início da nossa nação.

Assim, foi exatamente visando conhecer um saber que se constrói sobre a língua que começamos a pensar a formação da sociedade e dos sujeitos que nela existem (ORLANDI, 2001, p.9). Refletindo nessa perspectiva, fortalecemos a relação Língua/Sujeito/História, visto que não tem como separarmos da história da nação, a história do conhecimento da língua, inclusive porque, para tanto, fazemos uso de um instrumento que antes de tudo propõe-se a tratar da língua, de um saber metalinguístico.

Então, verificamos como a formulação de alguns verbetes do *DBLP* permitiu rememorarmos uma história e reconstruirmos, léxico-discursivamente, efeitos de sentidos para sujeitos, práticas e outras conjunturas da sociedade brasileira desse século. Assim, procurando compreender o funcionamento do dicionário em uma sociedade como a vivenciada pelos brasileiros no século XIX, pensamos como os fatos são dotados de sentido.

Um primeiro aspecto sobre a microestrutura deste dicionário foi perceber que dos seus novecentos enunciados definidores a grande maioria faz referência a sujeitos, objetos, práticas, ações, ideias e instituições de um contexto rural, o que não é fortuito. Quando pesquisamos sobre o quadro econômico brasileiro, percebemos que enquanto colônia

portuguesa e durante os primeiros anos de sua independência as principais atividades cultivadas no país eram a agricultura, a pecuária e a mineração, atividades praticadas em um contexto rural, o que explica o fato de haver uma predominância de verbetes que fazem referência a esta realidade. No entanto, embora não houvesse desenvolvimento industrial no país até o início do século XX, o comércio começou a fazer parte das atividades econômicas brasileiras devido a um crescente desenvolvimento dos centros urbanos, o que faz com que o contexto urbano também seja referenciado neste dicionário, embora apareça de forma menos intensa.

Feitas estas considerações, observemos os quatro verbetes que selecionamos: *administrador*, *burocrata*, *agregado* e *caipira*.

**administrador** sm., a principio senhor de indio capturado nas entradas do sertão, como se vê do ex. supra; hoje, feitor-mór das fazendas cujos donos residem na Côrte, ou nas capitaes das provincias, ou em outras fazendas: preside aos feitores da roça e do terreiro, á enfermaria etc., superintendendo no serviço geral da fazenda.

**burocrata** sz., 1º poderoso nas repartições publicas, bancarias, de grandes companhias etc. || 2º influente por meio das repartições. || 3º empregado de secretaria. || 4º fig., vadio, que vive á custa do Estado.

**agregado** sm., morador gratuito das terras da fazenda, obrigado a certos serviços pessoais em favor do fazendeiro. « Os corpos enfraquecidos, que, sem trabalho nem pão, são a grande fonte onde o fazendeiro vai buscar os servos que chama *agregados*, e o Governo os seus *capangas*, os seus *volantes* e os seus *soldados* .. *agregados*. Estes são uma espécie de *bohemios* sem domicilio certo; pois que, ao menor capricho do senhor das terras, têm de pôr os trastes ás costas e mudar-se». SR. *Hist. L.* 47. || ETYM. lat. *aggregatus*<sup>3</sup>; prov. *agregado*; hisp. *agregado*; ital. *agregato*: do voc. lat. *aggregare*, de *ad* + *grex, -gis* rebanho. || SYNON. *camarada, foreiro, morador*.

**caipira** s2., 1º morador de fóra do povoado; gente que não vive na sociedade mais culta das villas e cidades. « Em Pernambuco, chama-se aos homens da roça, do campo ou mato, *matutos*; o mesmo é em Alagoas; o *matuto* é o caipira de S. Paulo e o tabaréo da Bahia ». J. Aug. da Costa *RBr*<sup>2</sup>. IV, 348. « Vem pelludo como um caipira ». Red. *Brazil* 28 Jul. 83. « Na roça, entre caipiras e matutos, é conhecida a interj. *chá!* e outros caçoethes em que se ouve essa inspiração de sons ». BCaet. *Ens. Sc.* I, 57. « Um caipira nobre não recúa ». Aparte à conferencia de J. Patroc. ap. *JC*. 15 oit. 88. || 2º fig., inculto, grosseiro, de maneiras acanhadas. || ETYM. tp.-guar. : s. *caá* mato + s. *ipir* = *ipi* principio, base; adj. primitivo, oriundo: filho do mato, originario da roça.

Considerando as definições, as informações enciclopédicas, as marcas de uso e as abonações, ou seja, todo o conjunto de dados que o verbete apresenta, podemos perceber que a referência ao espaço é condição necessária para o estabelecimento de sentidos para estes vocábulos: a identificação do sujeito em definição se dá pelo lugar em que ele atua e habita. O *administrador* – “sertão”, “fazenda”, “roça” e “terreiro”; o *agregado* – “fazenda”; *burocrata* – “repartições publicas e bancarias de grandes companhias”; *caipira* – “fora do povoado”, “que não vive na sociedade mais culta das villas e cidades”, “homens da roça, do campo ou mato”, “filho do mato”, “originario da roça”. Da mesma forma que a função praticada por esses sujeitos os definem, os espaços também estruturam estas definições, nos mostrando a realidade apontada no início desta análise. Interessante observar que esses elementos linguísticos são significados por meio de relações de articulação, das quais destacamos a dependência entre o sujeito e o espaço em que habita ou atua como o modo principal de construção dos sentidos. O Brasil do século XIX é um país predominantemente rural, e os verbetes *administrador*, *agregado* e *caipira*, assim como a grande maioria dos enunciados definidores do *DBLP*, nos mostra isso. Contudo, verbetes

como *burocrata* representam uma outra realidade brasileira, mostrando que o Brasil urbano também se faz presente no dicionário.

Ao verificarmos que há uma dicotomia pressuposta pelos verbetes que permite dividi-los em dois ambientes, o urbano e o rural, notamos manifestar um discurso valorativo, e altamente crítico, que determina efeitos de sentidos direcionados aos habitantes e atuantes em cada espaço. Ao olharmos o verbete *caipira*, por exemplo. Quando o enunciador pondera, logo na primeira acepção, que o caipira não vive na sociedade mais culta das vilas e das cidades, e o designa “matuto”, “homem da roça”, “homem do mato”, constrói para o habitante do campo um imaginário de homem “inculto”, fora de um ambiente desenvolvido e de progresso, e um imaginário de “trabalhador”, também presente nos dois outros habitantes do contexto rural – o *agregado* e o *administrador* – o que faz com que associemos a imagem destes sujeitos a um imaginário de submissão intelectual, os que não vivem na sociedade mais culta, e de submissão de poder, cabendo a esses a categoria de “servos”, os “encarregados pelo serviço geral da fazenda”, contrastando com os que possuem o poder, seus “senhores”, “donos”, os que habitam na “corte”, na sociedade culta, portanto são cultos e poderosos. E isso, de alguma forma, também reflete no verbete que recortamos para representar o ambiente urbano. As duas primeiras acepções de *burocrata* designam esse sujeito como o “poderoso”, o “influente” das repartições públicas, ou seja, são habitantes da área urbana, portanto, mais cultos e com algum poder. No entanto, manifesta-se no discurso deste enunciador uma quebra desse sentido “positivo”, pois o *burocrata* da mesma forma que o *administrador* e o *agregado* é um “empregado”, e pior, “vadio”. Dessa forma, de “poderoso” a “vadio” percebemos que o enunciador agencia estas acepções de forma que *burocrata* seja reescriturado por substantivos que vão do mais positivamente valorativo ao mais negativo, criando um aspecto pejorativo para a definição, o que faz do verbete uma grande crítica a esse “profissional”.

Nota-se, com isso, que definir também é um ato político, pensando o político como categoria que afeta materialmente a linguagem (GUIMARÃES, 2002, p.15) e que mostra direção e divisão de sentidos (ORLANDI, 1990, p.49), visto que a definição é balizada pelas condições ideológicas e enunciativas deste sujeito que ocupa a posição de lexicógrafo, e que escolheu o contexto, o espaço, o ambiente como critério de definição e que resolveu usar a microestrutura do dicionário para manifestar um posicionamento crítico dessa sociedade, o que verificamos em outros verbetes do *DBLP*.

Então, olhar para a microestrutura do dicionário nos faz refletir sobre como este Estado brasileiro vai se constituindo. Ao observarmos a descrição de certas práticas, ações e sujeitos percebemos que os enunciados definidores do *DBLP* refletem estruturas de poder dessa sociedade, e sabemos que a concentração de poder está na mão de poucos, e a predominância rural observada nestas definições, não de forma acidental, espelha porque teremos logo no início do século XX uma república coronelista.

Outra realidade do Brasil do século XIX, e que se faz presente neste dicionário é o regime escravocrata que assolavam indígenas e africanos, como já mencionamos anteriormente. *O DBLP* apresenta muitos verbetes com remissão a práticas e situações a que são submetidos os considerados escravos, ou como traz o *DBLP*, *administrados*, e como seus *senhores* e *administradores* os tratavam, como podemos verificar nos três próximos verbetes.

**administrado** sm. e adj., índio escravizado. Por euphemismo, em vez de *escravo* dizia-se *administrado*. «Tres mil tupys (estes são os índios administrados dos paulistas, que n'aquelle tempo tinham por seus administradores os que no sertão os conquistavam e do centro da gentildade os traziam ao gremio da Igreja, ficando os seus descendentes tambem administrados).» P. Taq. *RIH*. 1869. 1, 185. Vj. *amo*.

**bacalhão** sm., 1º tira de couro crú, torcido para servir de corda. «Traz consigo um embornal de algodão com corda nova de bacalhão.» Mar d'Hispan., Minas, ann. *JC*. 29 abr. 83. || 2º Açoite de quatro ou cinco pernas, de couro crú, com que nas fazendas se castigavam escravos que tivessem commettido falta grave, batendo-lhes nas nadegas. «No peito, nas costas, nos braços, apresentava as carnes dilaceradas a chicote; e as nadegas, inteiramente cortadas, denunciavam o supplicio demorado do bacalhão a que fôra submettida a infeliz [escrava]». Edit. *GN*. 15 jan. 84. «Soffreu a penna de 100 açoites, a que fôra condemnado pelo jury, sendo a applicação d'esse castigo feita com um azorrague (vulgarmente chamado *bacalhão*) já muitas vezes usado para o mesmo fim, impregnadissimo de sangue putrefacto e exhalando máo cheiro.» Parecer medico legal apd. *JC*. 22 maio 85. «Surrados com bacalhão, e raspada a cabeça.»

**amo** sm., senhor, dono de escravos. «Essa prizão foi solicitada pelo sr. .. na qualidade de amo do dicto negro ; mas este declara ser livre. » Red. *JCC.* 13 nov. 85. || ETYM. fôrma masc. de *ama*, do abl. fem. do lat. *almus*<sup>3</sup> criador, que nutre, faz viver ; b. lat., hisp. *ama*. Sz. e S. Luiz derivão do hebr. *am* mãe ; *amah*, *anim* ama ; de *aman* criar, instruir, educar. || HIST. a origem do desvio da significação de *amo* foi um euphemismo. Os sertanistas conquistavão os índios, e reduzião-nos a cativo ; como, porem, vedava-lhes a lei, e os Jesuitas, sob a capa da religião, mas impellidos pelo interesse proprio, os estorvavão de tel-os por escravos, os senhores, fingindo tutela officiosa e hypocrita, pretextavão ser apenas *amos*, não *senhores*, e ter os índios por *criados*, *administrados*, não *escravos* ; e ahi entrava a significação

usual port. de *amo*. Erão na realidade *senhores*, não *amos*, e crueldissimos ; e os desgraçados índios, *escravos*, reduzidos á condição mais lastimosa, á condição de coisa, que se vendia, trocava, alugava, doava, e legava por testamento, como vemos no de Lucrecia Leme (*Geneal. das fam. Botelho etc.*, 147) : « Declaro que *tenho em meo poder* alguma *gente do Brazil forros*, e *por taes os deixo*, e *estejão* com as pessoas *que m'os derão*, como foi o meo neto .. E assim nos mais netos que *me derão sua gente*, de que *me sirvo até o presente*, e *se lhes entregarão* os que forem vivos *por minha morte* ; e sendo viva uma *moça* por nome Paula, se *entregará* a minha filha Luiza 77

Ao lermos os três verbetes, em um primeiro momento, notamos que *definir também é fazer história*, pois rememora na constituição do enunciado um passado brasileiro, que neste recorte nos apresenta uma prática da vigente sociedade brasileira.

Algo que nos chama a atenção é que conhecer as condições de produção em que estes verbetes são produzidos é fator essencial para compreendermos os sentidos que são construídos. Nos dias de hoje *administrado* e *amo* não apresentam os mesmos sentidos, inclusive porque não temos tais práticas na sociedade do século XXI. Desse modo, notamos que são as condições socio-históricas e ideológicas que permitem a construção de um significado para estes verbetes. *Os enunciados só são compreendidos em um sentido eufêmico se avaliarmos a época e as “instituições sociais” que são mantidas no país.* Também precisamos considerar que estas formas estão ligadas a outros enunciados onde estas e outras

<sup>77</sup> Devido à extensão do verbete, que é o maior do *DBLP*, realizamos um recorte na descrição, excluindo da análise maioria das abonações.

formas se concretizam, e por isso o exemplo que Macedo escolhe para mostrar a utilização dos termos também é importante. O acontecimento socio-histórico e a interpelação ideológica são as instâncias que produzem estes significados para os termos *administrado* e *amo*. Desta forma, concordamos com Guimarães (1989, p.79) quando este diz que “a materialidade socio-histórica do enunciado, e por conseguinte da língua, é produzida numa formação discursiva e pela enunciação”.

Como dito em outro momento de nossa análise, percebemos mais uma vez, um discurso trazido por estas práticas, pois mais do que informar sobre um desvio de significado, podemos perceber, de forma direta e explícita, principalmente no verbete *amo*, uma crítica aos “senhores de escravos”. Logo no início da descrição temos como a etimologia designa o conceito de amo, ou seja, é o sujeito que “nutre”, “faz viver”, “cria”, “instrui”, “educa”, no entanto, logo após designado o conceito etimológico do item lexical, temos uma explicação histórica que mostra o desvio da significação do vocábulo, isto é, amo, na realidade, eram os “conquistadores de índios”, “que reduziam estes ao cativo”. Geralmente, o caráter etimológico dos vocábulos, neste dicionário, aparece no final da descrição, então, é interessante observar que o lexicógrafo não coloca o caráter etimológico da palavra antes do caráter usual da época (histórico) do termo de forma eventual. Temos manifestada a presença de um enunciador que quer fazer uma denúncia. Na verdade, o que se compreende é que os *amos*, ao invés de nutrirem, criarem, educarem, instruírem, que são as ações que um sujeito tomado por tal designação deveria manter, agiam de forma totalmente contrária, açoitando índios e negros e garantindo a estes condições de vida totalmente impróprias para um ser humano. Portanto, na construção da significação de amo, a designação dos senhores de escravos está totalmente ligada ao acontecimento histórico, pois é só na comparação do caráter etimológico com o histórico (usual) que temos a criação do eufemismo. E a crítica se concretiza, de forma clara no trecho: “erão na realidade *senhores*, não *amos*, e crudelíssimos; e os desgraçados índios, *escravos*, reduzidos á condição mais lastimosa, á condição de coisa, que se vendia, trocava, alugava, doava, e legava por testamento”. Percebe-se neste fragmento uma configuração ideológica deste sujeito, que se mostra contra o regime escravocrata.

A fim de comprovar e ilustrar o que se arrolava contra os escravos, temos no verbete *bacalhão* exemplos de abonações que são escolhidas pelo lexicógrafo para legitimar e convencer o leitor das injustiças que eras cometidas com esses indígenas: “No peito, nas costas, nos braços, apresentava as carnes dilaceradas a chicote; e as nadegas, inteiramente cortadas, denunciavam o supplicio demorado do bacalhao a que fora submettida a infeliz

[escrava]”. Vemos, então, que a escolha das abonações também é um ato político, visto que também direciona sentidos para o vocábulo em definição.

Como dissemos, o *DBLP* é um dicionário publicado em 1888. Sabemos que é nesse ano, no dia 13 de maio, que temos proclamada a abolição da escravatura. Sendo assim, o dicionário além de nos fornecer informações sobre como se manifestavam essas práticas escravistas, trazem informações sobre os momentos finais deste regime. Observemos o verbete *abolicionista*:

**abolicionista** s. 2, termos novos, creados modernamente, para exprimir ideias relativas a medidas tendentes á extincção da \*escravidão. « Partido dos Estados-Unidos » dizem Littré e DV.; podião acrescentar: — e do Brazil, e de todos os paizes onde se mantem como instituição social o abuso chamado *escravatura*, sustentado pelo homem ladrão, locupletando-se com o suor do homem roubado, á sombra da lei da força, tolerada por governos cobardes, em beneficio de sociedades que não têm clara a noção da justiça. || ETYM. do port. *abolir*; lat. *abolere*, comp. do pref. *ab* diminuição, suppressão + r. ary. *ol* crescimento, augmento + suff. *ere*; prov. hisp. fr. *abolir*; ital. *abolire*.

O verbete *abolicionista* nos mostra que, se por um lado tínhamos os sujeitos que se beneficiavam deste regime, por outro tínhamos os defensores da libertação. Podemos deprender, então, que a criação de idéias “relativas à extincção da escravidão” começam a figurar neste período, de 1875 a 1888 (período de elaboração do dicionário), e a necessidade de um vocábulo que expressasse e caracterizasse estas novas ideias se fazia importante. E é a partir disto que a sociedade passa a “usar” o termo *abolicionista*, tanto que Macedo coloca “termos novos”, “creados modernamente”, ou seja, os adjetivos “novos” e “modernamente” marca, quanto à temporalidade, o presente deste acontecimento.

O regime escravocrata é rememorado por diversas vezes no dicionário, seja em verbetes apontando práticas (aldeiar, amalocar), manifestações contrárias a essas práticas (alevante, aquilombar), funções exercidas pelos escravos (camba), além de descrever formas e espaços onde se cometiam as injustiças (bacalhão, calabouço), e os conteúdos desses enunciados definidores esboçam sempre uma crítica contra esse regime, o que fez com que caracterizássemos esse enunciadador como um abolicionista. Ao falarmos sobre a vida de Antônio Joaquim de Macedo Soares, no primeiro capítulo dessa dissertação, explicitamos que o escritor desse dicionário era um grande defensor das causas abolicionistas. Segundo José Celso de Macedo Soares, O editorial do jornal *O País*, de 15 de agosto de 1905, assim expressava sobre o lexicógrafo:

“Não houve campanha social, não houve prélio pelo bem e pela justiça, em que ele não deixasse um traço incisivo e brilhante da sua passagem. Abolicionista convencido, a abolição deve-lhe o primeiro golpe decisivo, a brecha rasgada no direito escravista, por onde se precipitaram encorajadas as reivindicações libertadoras; foi ele, juiz municipal de Cabo Frio, quem primeiro deu sanção do direito aos reclamos abolicionistas, alforriando escravizados que a fraude mantinha presos ao eito, à sombra de um sofisma jurídico.” (SOARES, 2000, p.42-43)

Saber desse posicionamento do dicionarista nos explica muito sobre o discurso que se apresenta neste instrumento linguístico, pois se comprova que há um conjunto de formulações feitas, uma memória, que determina os dizeres desses enunciados definidores. Segundo Orlandi, (2010, p.33), todo dizer se encontra na “confluência” de dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação), e é nessa confluência que os sentidos são construídos, ou como podemos ver mais especificamente neste caso, que os objetos, as práticas e os sujeitos vão sendo definidos. É a partir de uma conjuntura socio-histórica determinada, o regime escravocrata, que temos um posicionamento abolicionista por parte deste autor, ou seja, são formulações discursivas específicas que denotam a ideologia deste sujeito frente a este acontecimento, determinando o que deve ser dito.

Mas o regime escravocrata não é o único acontecimento histórico rememorado pelo *DBLP*: toda a seleção de entradas é um convite ao passado brasileiro, e como exemplo, podemos citar o verbe *balaiada*.

**balaiada** sf., a sedição dos *balaios* no Maranhão, de 1839 a 1840. «Durante a revolta da *Balaiada*, movimento sem carácter político, máo grado as asseverações de alguns escrip-

tores apaixonados, a imprensa democratica pôz-se ao lado da auctoridade». J. Serra *Jornalismo* 96. «Entrando no Brejo [Raymundo Gomes], reuniu-se com Ferreira Balaio, do qual tirou o povo o nome de Balaiada para denominar esta revolta. Sem plano, nem principios politicos, practitando a pilhagem e o crime, principiou essa rebellião de atrocidade e sangue, que assolou o Maranhão e o Piauhhy ». M. Azev. *Hist.* 294.

Como sabemos, a balaiada foi uma revolta de carácter popular ocorrida entre 1839 e 1840, nas províncias do Maranhão e do Piauí, que era contrária ao poder de aristocratas rurais dessas regiões, quer dizer, isso é o que os livros de história nos contam. No entanto, ao lermos o verbete do *DBLP*, observamos mais uma vez a perspectiva crítica deste enunciator, que só pelas formas como reescreve a revolta – “sedição”, “movimento sem carácter político”, “rebelião de atrocidade e sangue” – apresenta um posicionamento que repudia o movimento, mostrando descontentamento pela atitude tomada pelos “balaios”.

Voltando à perspectiva que iniciamos nessa seção, temos então um país predominantemente rural, e onde as atividades agrárias são as mais executadas. Contudo, uma outra atividade constitutiva da sociedade brasileira do século XIX foi o comércio. E essa atividade, com as especificidades da época, também está presente no *DBLP*, como podemos ver nos próximos dois verbetes:

**aviado** sm., negociante por conta alheia, mascate que, mediante lucro, vai vender no sertão por conta dos negociantes da costa. «Em tempo não mui remoto, erão frequentes os *aviados* das casas da costa para o interior [d’Africa]. Hoje poucos são os *aviados*. A morte de uns, a fuga de outros, tem dado logar a que os negociantes da costa mostrem a maior repugnancia em fornecer fazendas para o interior. O commercio, pois, é quasi exclusivamente feito pelos indigenas e por sua propria conta.» Cap. - Iv. 1, 15 e 17. Na região amazonica, porém, os *aviados* florescem. «O *Izora*, propriedade de um *aviado* do sr. Elias, tambem se julga perdido, ou pelo menos todo escangalhado.» Corrp. Purús in *Comm.*

**armarinheiro** sm., **armarinhista** s. 2, negociante de miudezas, que constituem o commercio de armari-nho. || LEV. PORT. *capellista*.

Não de forma aleatória recortamos e posicionamos esses dois verbetes desse modo, primeiro *aviado* e depois *armarinheiro* ou *armarinhista*. Estes verbetes foram colocados assim, pois apresentam um aspecto cronológico importante sobre esta prática de mercado. Novamente dizemos, o Brasil do século XIX é um país predominantemente rural, no entanto, no final do século, coincidentemente, no mesmo período em que o dicionário foi produzido e publicado, temos um desenvolvimento considerável dos centros urbanos que passam a apresentar suas contribuições para a economia do país, e estes dois momentos estimulam formas de comercialização diferentes. Se antes era preciso que os comerciantes saíssem do litoral para vender aos fazendeiros e habitantes do interior, ou seja, sujeitos de um contexto rural, com o desenvolvimento dos centros urbanos passamos a ter um novo tipo de negociante, que além de vender produtos mais específicos deste contexto, possui um ponto fixo de venda, o que fez com que diminuísse o número de *aviados*, como vemos na definição, e aumentasse o número de *armarinheiros*. Isso não só mostra uma mudança de prática, como também explicita uma mudança na conjuntura espacial e social desta sociedade, conjuntura que determina novas práticas, o que mais uma vez nos chama a atenção, por ser o *DBLP* nosso informante desta circunstância.

Então, verificamos nessa seção que história e sociedade não são independentes do fato que elas significam, pois os sentidos construídos para esta estão totalmente ligados às conjunturas daquela.

“O sujeito se submete à língua(gem) – mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar(se) – em um gesto, um movimento sócio-historicamente situado em que se reflete sua interpelação pela ideologia” (ORLANDI, 2008, p.103). Desse pressuposto temos a definição da prática lexicográfica executada pelo idealizador e produtor de nosso objeto de análise. Como vimos, o *DBLP* é um dicionário escrito em uma época em que se buscava uma identidade da língua, e isto já está materializado no prólogo, o que faz de Macedo Soares e do seu dicionário, sujeito e objeto determinados sócio-historicamente. No entanto, verificamos, e nossas análises tem comprovado isso, que outras práticas e movimentos são refletidos neste dicionário, o que mostra que o sujeito, ao dizer, é interpelado por outras injunções ideológicas e históricas, significando, assim, outros acontecimentos.

Mais do que possibilitar um saber metalinguístico, o *DBLP* permite conhecermos toda uma história, que afeta tanto a língua quanto sujeitos. E tratando-se de um instrumento linguístico, como o dicionário, cuja constituição se dá quase sempre de forma uniforme, *lema e definição*, o que também tomamos, principalmente para esta análise, como *léxico e discurso*, é que conseguimos compreender essa sociedade e suas práticas.

*Administrador, agregado, burocrata, caipira, abolicionista, aviado, armarinheiro* e uma infinidade de outros verbetes, são “palavras” que não atestam apenas a existência de um léxico tipicamente brasileiro, mas que, antes disso, significam uma história, sujeitos socio-históricos. Pensando no caráter individual da língua, e que estas palavras compõem a categoria que chamamos de brasileirismos, podemos afirmar que temos um léxico singular, próprio, porque se trata da constituição de um país com uma realidade singular, feita por sujeitos e práticas que só tivemos neste Estado. Ou seja, a constituição histórica, política, econômica e social se constituem *na* e são fatores necessários *para* a caracterização da língua.

Não podemos esquecer que este saber linguístico ligado a outras instâncias é formulado por um indivíduo, que se constitui em sujeito, enquanto lexicógrafo, abolicionista, enunciador, ou seja, enquanto interpelado por ideologias, por uma história e responsável por uma prática. Dessa forma, definir, visto que esta é a função primeira deste locutor dicionarista, é um ato político e ideológico de promover saberes, pois, ao exercitar esta prática pelo uso (e funcionamento) da língua, o locutor estabelece uma temporalidade, um

memorável, sobre um conteúdo (ideias, práticas, objetos, sujeitos etc.), que permite compreendermos os sentidos que são construídos para uma língua e uma sociedade, em um período específico, o que faz do dicionário, além de “pilar do saber metalinguístico” (AUROUX, 2009), um instrumento de reflexão e representação de uma realidade histórica e social, e de um espaço de enunciação.

Verificamos, então, que é pela relação entre língua e ideologia, compreendendo como a língua produz sentidos por/para sujeitos (ORLANDI, 2010, p.17), que temos rememorada, enquanto realidade discursiva, a sociedade brasileira do século XIX. Observamos que história e sociedade não são livres do fato de que elas significam na microestrutura desse dicionário, o que comprova que por meio de uma análise lexicográfica podemos fazer uma leitura de conjunturas, instituições e sujeitos marcados por uma época, o que faz do dicionário, antes de tudo, objeto de dimensão simbólica e documental.

#### 4.9 A LÍNGUA DO BRASIL: SEUS NOMES E SUAS DESIGNAÇÕES

Para finalizar nossa análise, vamos desenvolver uma questão pertinente às reflexões que efetivamos e que foi sendo problematizada conforme realizávamos a leitura do *DBLP*. Trata-se da problemática da designação da língua descrita por Macedo Soares.

Logo no início, quando efetuamos a análise do título da obra, verificamos que durante o processo de elaboração do dicionário nosso autor ficou em dúvida sobre como ele seria intitulado, principalmente, em se tratando do nome que seria dado à língua: “Língua Portuguesa” ou “Língua Luso-brasileira”? No entanto, se esse impasse foi resolvido, optando o dicionarista por Língua Portuguesa, o mesmo cuidado não foi dado no interior da obra. Já na seção de Abreviaturas léxicas temos enunciado *Diccionario da Lg. Luso-Brasileira*. Somamos a essas designações uma outra, “Língua brasileira”, que também percorreu as páginas do dicionário.

Assim, foi Macedo Soares alternando as designações luso-brasileira, brasileira e portuguesa para referir-se à língua, como pode ser visualizado nos recortes que seguem, e os quais tomamos como exemplos para apresentarmos nossa reflexão:

DICCIONARIO BRAZILEIRO  
DA  
LINGUA PORTUGUEZA

DICCIONARIO DA LG. LUSO-BRAZILEIRA

pressamente.» Ibid. Em luso-braz., isto é, em bom portuguez, supprimia-se o primeiro s. *mente* em cada uma d'essas phrases. « D. Fernando, dirige-se gra-

**a** sm., primeira letra do alphabeto luso-braz., tem tres sons; 1.º

*abajur* e *abajú* (já com a queda do *r* final, tendencia pronunciada da lingua brasileira). || ETYM. fr. *abat-jour*.

pressamente.» Ibid. Em luso-braz., isto é, em bom portuguez, supprimia-se o primeiro s. *mente* em cada uma d'essas phrases. « D. Fernando, dirige-se gra-

**accentos prosodicos** são tres no luso-brazileiro: o accento *agudo* *r*, que faz aberta a vogal *e*, *o*, e sempre carregada ou forte aquella sobre que recae: *acassá*, *Maricá*, *café*,

a lingua lusobrazileira já possuia os vocabs. *coagir*, *exigir*, *reagir*, *transigir* (que confirmão a supposição de Littré), *acção*, *acto*, *agente*: aquelles,

**boçal** 1º sm., cabresto com foinheira. Cor. || 2º adj. 2, rude, inculto, ignorante da lingua e dos usos do Brazil: dizia-se particularmente do negro novo, recentemente importado d'Africa, não *ladino*. «Constando ao Intendente Geral da Policia, ou a qualquer Juiz de paz ou criminal, que alguém comprou ou vendeu preto buçal, o mandará vir á sua presença, examinará si entende a lingua brasileira; si está no Brazil antes de ter cessado o trafico da escravatura, procurando por meio de interprete certificar-se de quando veiu d'Africa, em que barco ». Decr. 12 abr. 32,

Segundo Dias (2001, p.187), na segunda metade do século XIX, a partir do momento que começam a surgir os estudos chamando a atenção entre a língua falada no Brasil e a língua falada em Portugal, iniciam-se os primeiros debates em torno do nome da

língua, afinal, estava claro para alguns intelectuais que a língua admitia uma nova identidade, portanto, nomeá-la também era mais uma forma de acentuar o contraste.

Sabemos que nomear a língua foi questão que persistiu ainda no século XX, tendo nesse século tomado forma mais consistente e originado a tramitação de projetos legislativos sobre a mudança do nome. Desse modo, destacamos que a denominação da língua nacional<sup>78</sup> interessa tanto aos estudiosos da linguagem, quanto aos estudiosos da história ou da política do nosso país.

Como obra pertencente aos momentos iniciais dessa problemática, o *DBLP* traz vestígios desse debate, porém, primeiramente precisamos iniciar nossa reflexão em outro texto de Macedo Soares, no qual o autor fala de outra designação, usada por ele e também por diversos autores de sua contemporaneidade: “dialeto brasileiro”. Em texto intitulado “Sobre algumas palavras africanas introduzidas no português que se fala no Brasil”<sup>79</sup>, de 1880, Macedo diz:

Temos muitas vezes, no correr deste escrito, falado em *dialeto brasileiro*. Cumpre observar que não apuramos o valor científico da palavra dialeto. Se entendermos por dialeto a linguagem derivada de uma nação e particular a uma cidade ou província, o brasileiro não é dialeto do português. Por outro lado, a expressão língua brasileira nos parece demasiado pretenciosa, se se quer com ela distinguir o português falado no Brasil, modificado pelo clima, pela natureza ambiente, pela influência dos elementos africano e indiano, das relações comerciais, etc., do português falado em Portugal. Empregamos como mais modesta a outra expressão, que é ao mesmo tempo menos incorreta, e dá bem a entender que nos referimos ao movimento dialetal que visivelmente se está operando na linguagem nacional. (MACEDO SOARES, 1943, p.73)

Como podemos notar, a questão da nomeação é uma problemática que está fortemente ligada a outros fatores como a concepção de língua que é adotada. A partir desse fragmento vemos que ao mesmo tempo em que o autor cogita a possibilidade de chamar o português falado no Brasil de *língua brasileira*, instaura o receio de figurar nessa designação um ato pretencioso para falar da língua e significar a diferença, no entanto, vemos que a palavra dialeto também não corresponde ao que o dicionarista quer expor. Assim, verificamos

---

<sup>78</sup> Sabemos que a designação “língua nacional” é datada e cheia de problematizações, no entanto, ao designarmos língua nacional, estaremos assentindo com Orlandi (2010), que aponta este sintagma como um “imaginário de língua que se reveste de uma unidade que cobre um território correspondendo a um Estado-Nação”.

<sup>79</sup> Esse texto está presente: MACEDO SOARES, Antônio Joaquim de. **Obras completas do Conselheiro Macedo Soares II – Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro**. SOARES, Julião Rangel de Macedo (Org.). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

que a designação da língua tornou-se uma problemática aos estudiosos que buscavam tratar da diferença entre o português falado no Brasil e em Portugal.

Oito anos após Macedo Soares escrever esse texto, temos a publicação do *DBLP*. Vemos que a designação “dialeto brasileiro” não se faz presente em nenhum momento da obra, já “língua brasileira” ou “brasileiro” aparece em alguns momentos. Porém, podemos perceber que o receio em nomear a língua ainda prospera.

Observamos que o dicionarista, durante os treze anos em que a obra foi pensada, oscilou por “língua luso-brasileira” e “língua portuguesa”. Preocupado em parecer pretensioso mais uma vez opta pelo “menos incorreto”. Podemos dizer “menos incorreto”, pois a leitura do dicionário permite-nos verificar que essa designação só se faz presente no título da obra, visto que as designações “língua luso-brasileira”, “luso-brasileiro”, “língua brasileira” e “brasileiro” são as que se fazem presentes no seu interior, inclusive, se nos atentarmos ao vocábulo *apoiar* veremos que a designação “português” é utilizada para se referir à língua da ex-metropole, ao passo que a língua da ex-colônia é designada como “brasileiro”.

*apoiar* va., «fazer o terneiro mamar segunda vez para se poder tirar o *apojo*.» Cor. || HIST. Blut. recolheu o sf. *apoiadura*; Mor. o part. pass. *apoiado*; DV. o v. *apoiar*; Cor. o sm. *apojo*: ver-se-ha, comtudo, e já em seguida, que, apesar da identidade da origem, ha differença essencial entre braz. *apojo* e port. *apoiadura*, como se acaba de ver entre o braz. e o port. *apoiar*. || LEX. PORT. vn., retezar-se, encher-se a teta em resultado da secreção do leite. DV.

Percebemos, então, que a designação “Língua portuguesa” só se efetiva no título da obra, que como vemos, além de ser matéria de dúvida, mesmo quando a escolha foi feita, teve o dicionarista a necessidade de significá-la diferente, o que está inscrito na relação de determinação entre o título e o subtítulo da obra, como já explicitamos. Compreendemos, portanto, que a escolha por “língua portuguesa” não passa de conveniência.

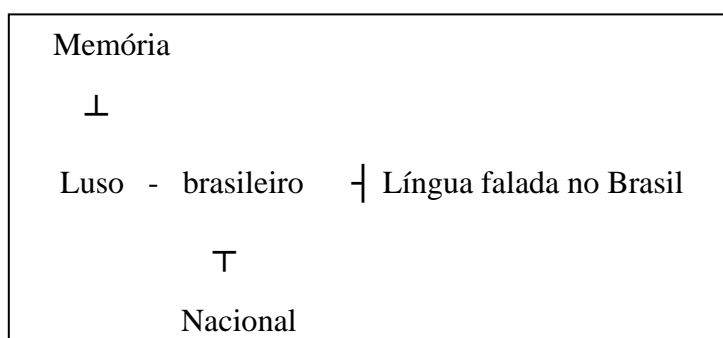
Já a designação “lusobrasileira” é mais frequente no dicionário. Sendo também opção do dicionarista no título da obra, Macedo Soares usa a designação para falar da língua em vários momentos e até mesmo para designar o alfabeto, como pode ser visualizado no verbete *a*.

Por mais que a designação não seja exclusividade de Macedo Soares, pouco tem se estudado sobre essa designação que vem tão fortemente marcada no *DBLP*, o que nos levou a questionar: por que haveria predileção por essa designação?

A designação lusobrasileira, talvez, seja um dos exemplos mais significativos para ilustrarmos a relação entre o português do Brasil e o de Portugal: “falamos a ‘mesma’ língua, mas falamos diferente” (ORLANDI, 2002, p.23). Por mais que o português brasileiro tenha se historicizado de maneira singular e apresente um caráter totalmente nacional em diversos níveis, abrigaremos sempre uma memória portuguesa que também faz significar a nossa língua.

Designar a língua falada no Brasil por lusobrasileira, a nosso ver, coloca a língua em um ponto de disjunção, pois, ao mesmo tempo em que a língua falada no Brasil significa diferente do português, e a presença do “brasileira” vem marcar isso, a categoria do colonizador se faz presente em uma memória inscrita em “lusobrasileira”. Vemos, então, que o funcionamento da memória é tão fundamental para a constituição da identidade da língua quanto a presença do nacional.

Dessa forma, a designação “lusobrasileiro(a)” se estabelece em uma clivagem determinada pelo funcionamento da memória e pela implementação de um imaginário brasileiro, nacional, determinado pela forma material do português falado no Brasil, neste caso, significado pelo léxico. O que pode ser visualizado no seguinte domínio semântico de determinação:



Compreendemos, portanto, que ao enunciar “língua luso-brasileira”, Macedo Soares instaura para a língua que faz referência, que descreve, falada no Brasil, o aspecto nacional e singular e ao mesmo tempo recupera a memória portuguesa que também foi fator fundamental tanto para a constituição de uma língua, quanto de uma história brasileira. De alguma forma, a forte frequência dessa designação, inclusive com a possibilidade de aparição no título da obra, é por conta dela não ser, pelo funcionamento da materialidade do objeto simbólico, uma forma totalmente pretensiosa, o que já podemos verificar ser uma preocupação do autor.

Já na designação “língua brasileira” ou “brasileiro”, vemos que a memória portuguesa deixa de funcionar no processo de designação da língua e se passa a gestar uma realidade linguística independente, nacional, que marca o espaço-tempo singular.

Assim, espaço, léxico, identidade nacional, memória, tempo, são essas algumas das categorias que determinam a língua e, por conseguinte suas designações no dicionário. Depreendemos da análise efetivada que na designação da língua posta em evidência, o espaço em que esta circula e no qual foi produzido este dicionário, o Brasil, o léxico que abrange esta língua, que é composto de brasileirismos, o que foi possibilitado pelo contato do português europeu com outras línguas, como as indígenas e as africanas, a importância do colonizador, o fato de ser um outro período, neste caso o final do século XIX, com vários acontecimentos sendo perpetuados no Brasil e a vigência de uma identidade nacional que estava sendo colocada em tela, foram aspectos fundamentais para as determinações dos sintagmas “luso-brasileiro”, “brasileiro” e “portuguesa”, que caracterizam e determinam esta língua.

Ao efetuarmos esta análise das designações da língua nacional, pudemos perceber que os sentidos de língua no *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa*, são construídos e manifestados a partir do momento em que esta começou a imperar no Brasil: tendo vocábulos ressignificados pelos habitantes da nossa terra, entrando em contato com as línguas africanas e indígenas e sendo falada por outros sujeitos em um espaço e tempo diferente.

Em *Problemas de Linguística Geral I (1991)*, Benveniste evoca uma questão que se faz pertinente em nossa reflexão, que é a questão forma/sentido. Pudemos comprovar com este estudo, o que pondera o linguista francês sobre o fato destas duas categorias se definirem uma pela outra e se articularem sempre juntas, pois observamos estas

atitudes na relação que se estabelece entre as formas, que são as nomeações dadas à língua, com os sentidos que são construídos com estas designações.

Poderíamos ainda dizer que compreender o processo de designação da língua, é entender como as formas enunciadas para esta e os sentidos estabelecidos se articulam, e juntos definem o caráter nacional da língua do Brasil. Também aquiescemos com Benveniste, quando este assente (p.136) que “o sentido de uma unidade lingüística define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior”, isto é, compreendemos os sentidos da língua nacional porque conhecemos as condições em que as designações desta são produzidas: o contexto sócio-histórico-político, a vigência do processo de gramatização do português brasileiro e a capacidade do lexicógrafo em notar que o léxico desta língua é dotado de elementos ausentes na língua portuguesa europeia, ou que possuem sentidos diferentes nesta.

Finalizamos essa última seção dizendo que ao analisar as designações estabelecidas para a língua no dicionário de Macedo Soares, notamos que os sentidos desta evocam uma língua com forte caráter nacionalista, com uma identidade própria, diferente da do colonizador e a necessidade que se tinha de enunciar estes aspectos, esse juridismo lingüístico, se reflete na tentativa de nomeá-la.

#### 4.10 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Cada uma das seções apresentadas refletem aspectos individuais sobre a língua, o saber metalingüístico e o fazer lexicográfico no *DBLP*. No entanto, para verificarmos como se deu o engajamento do autor com a obra que produziu foi necessário compreender o dicionário enquanto texto, assim, os aspectos e considerações que levantamos só foram evidenciando a posição do dicionarista conforme foram se articulando. Ou seja, o caminho que percorremos nesse quarto capítulo foi traçado no intuito de tentar mostrar que a interpretação de cada parte, tema ou reflexão funciona enquanto elemento integrante de um texto, o dicionário, e assim esperamos reportar o todo de forma significativa.

Não buscamos decodificar o dicionário, intentamos considerar e compreender o seu funcionamento enquanto texto que trabalha o lingüístico, o histórico, o social, o político, o ideológico e o simbólico de forma integrada. Desse modo, vemos que o *DBLP* expõe diferentes ordens simbólicas que representam uma unidade, o que fizemos,

portanto, foi organizar essas ordens a partir das posições teóricas que assumimos, o que não fez da nossa análise uma simples reprodução dos sentidos historicamente estabilizados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o fato da gramatização por meio de um objeto simbólico como o dicionário; observar a constituição de um instrumento linguístico ao mesmo tempo em que buscamos compreender um saber sobre a língua. A partir da análise do *DBLP* entramos em contato com um saber múltiplo e complexo que ora significa a língua, ora a história, ora o fazer lexicográfico e ora sujeito(s). Vemos que as tecnologias linguísticas não são só o resultado de um saber, e sim parte dos fatos para os quais, ou a partir dos quais foram produzidas (GUIMARÃES; ORLANDI, 1996, p.13). A análise do dicionário faz preponderar tantas questões que foi difícil estabelecer limites entre as reflexões que efetuamos.

Nossos caminhos de interpretação partem de uma primeira enunciação: “Já é tempo dos brasileiros escreverem como se fala no Brasil, e não como se escreve em Portugal”. O enunciado que nos apresenta o dicionário ilustra de forma significativa o que configura o movimento da gramatização a partir da segunda metade do século XIX. Descrever e instrumentar ganham significação maior e importância política nesse contexto. Assim, o dicionário se arrosta como objeto de saber e como espaço de constituição de um imaginário de língua, sociedade, história e nação.

A partir do que é sustentado na afirmação que concentra esse prólogo nos postamos a indagação austiniana: em que medida dizer alguma coisa é realizar algo? Ao mesmo tempo em que se enuncia cria-se um compromisso e esse funciona de acordo com os fatos, principalmente com o fato da gramatização brasileira. Desse modo, vemos que “o sujeito se compromete com a verdade do que afirma, segundo as condições em que afirma” (GUIMARÃES, 2005, p.42). Ao passo que se enuncia o prólogo Macedo Soares faz significar seu dicionário, pois nos mostra que está investido socialmente e essa ação que se realiza quando se diz que “já é tempo dos brasileiros escreverem como se fala no Brasil” é refletida por toda a obra: trata-se da reivindicação por uma língua.

O fazer lexicográfico, nesse contexto, é visto como prática descolonizadora. Atestar concretude nacional, mostrar que o Brasil já não é Portugal, busca-se construir a versão brasileira da língua e nessa construção legitimar o português falado no país foi o ponto nodal.

Em que aspecto o *DBLP* contribui para o processo de legitimação de uma língua? Como vem exposto no subtítulo da obra, ele realiza isso ao reproduzir, descrever e

definir as *palavras e frases que, originárias do Brasil, ou aqui populares, se não encontram nos dicionários da língua portuguesa, ou neles vêm com forma ou significação diferente.*

Sabemos que reside no léxico uma profunda e extensa diferença entre o português europeu e o brasileiro, e isso nossa análise pode evidenciar em sentidos diversos. A compreensão dos brasileirismos faz ver que a língua se historicizou de forma independente, assim, ao configurar em um espaço de enunciação brasileiro o português passou a funcionar de outra forma, em um espaço-tempo diferente.

Conforme analisávamos os verbetes do *DBLP* fomos conseguindo enxergar o caráter múltiplo sobre os brasileirismos e assim pudemos acompanhar como se deu o desenvolvimento de um léxico brasileiro. As classificações que apresentamos, pautadas em Melo (1981), nos mostram que os aspectos levantados para conceber esses brasileirismos, ao passo que evidenciam que reside no vocabulário uma vasta e desmedida diferença entre o português europeu e o brasileiro, fazem notar também os modos de dizer de uma sociedade e as conjunturas históricas de desenvolvimento e estruturação do país.

Por meio de *entradas, definições, marcações e abonações* somos possibilitados de conhecer a história e a sociedade de uma ex-colônia portuguesa que ao passar por transições políticas importantes buscou seu direito de dizer sobre a sua língua. Por isso, a arquitetura do dicionário foi pensada para direcionar qualquer consulente sobre a razão da obra, e nesse sentido vemos funcionar mais uma vez o político.

O modo como o dicionarista constituiu o corpo dos verbetes foi trabalho fundamental para acessarmos a constituição de um imaginário da língua e da sociedade brasileira no final do século XIX. A peculiaridade semântica das acepções, as marcações dêiticas que trabalham a disjunção “no Brasil – em Portugal”, as marcações geográficas, sintáticas, etimológicas, ortográficas, fonéticas, históricas, diaevaluativas, diastrásticas e as abonações se consolidam em um “fazer ver” a diferença entre a língua portuguesa falada no Brasil e a falada em Portugal, posicionamento dividido com outros autores desse final de século, o que caracteriza esse segundo momento da gramatização brasileira.

Ao fazer significar a língua Macedo Soares se significa enquanto cidadão brasileiro do final do século XIX e enquanto lexicógrafo. O sujeito dicionarista é visto como a representação de autoridade da língua, no entanto, seu poder dizer *sobre* a língua, ao passo que instaura um imaginário de língua e sociedade, não se mantém “neutro” no que tange as conjecturas retratadas, e é nesse ponto também que a análise que apresentamos traz sua contribuição, pois pudemos verificar que o dicionário não é objeto dotado de neutralidade e

sim que vem fortemente marcado por uma ideologia que toma conta dos estudos brasileiros sobre a língua no final do século.

O dicionário de Macedo mostra que esse tipo de instrumento, ao ser produzido na relação da língua com a história, inscreve diferentes formas de conhecimento sobre o saber linguístico. Portanto, “a compreensão do dicionário, como parte de nossa relação com a língua, faz ver sua presença como objeto simbólico, histórico e não apenas em sua função normatizadora” (ORLANDI, 2002, p.105).

Logo, compreendemos que se valendo de um posicionamento sobre a língua o dicionarista faz do dicionário um objeto particularizado ao mesmo tempo em que o inscreve em um espaço de reflexão dividido por outros estudos e autores: o final do século XIX.

O saber sobre a língua que é possibilitado pelo *DBLP* apresenta uma espessura temporal que significa o processo de historicização da língua portuguesa no Brasil, e é ao fazer significar a língua pelo léxico em descrição que o autor organiza, escolhe e constrói um saber que ultrapassa o nível do metalinguístico e faz dizer sobre uma sociedade e sobre uma história brasileira.

Por fim, gostaríamos de dizer que por ser um objeto simbólico o dicionário pode propiciar uma infinidade de direcionamentos sobre a sociedade, a história e a língua, portanto, enquanto estudiosos da linguagem e sustentados por bases teóricas específicas lançamos nosso olhar de forma direcionada para esse instrumento, assim, podendo o dicionário estar sujeito a novas leituras da mesma forma que a história sempre está sujeita a reinterpretação, o que realizamos aqui foram *nossos* gestos de leitura.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. (1865) Poscrito. In: PINTO, Edith Pimentel (Org.). **O português do Brasil: texto críticos e teóricos, 1 – 1820/1920 – fontes para a teoria e a história.** Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. p.55-60.
- ALENCAR, José de. (1870) Pós-escrito. In: PINTO, Edith Pimentel (Org.). **O português do Brasil: texto críticos e teóricos, 1 – 1820/1920 – fontes para a teoria e a história.** Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. p.67-86.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. L'argumentation dans la langue. In: DANON-BOILEAU, Laurent (Org.). **Langages: argumentation et discours scientifique.** Paris : Didier-Larousse. v. 42, p. 5-27, jun. 1976.
- AUROUX, Sylvain. **A filosofia da linguagem.** Tradução de: José Horta Nunes. Campinas: Unicamp.1998.
- \_\_\_\_\_. **A questão da origem das línguas, seguido de A historicidade das ciências.** Tradução de: Mariângela Peccioli Galli Joaquinho. Campinas: Editora RG, 2008.
- \_\_\_\_\_. **A filosofia da linguagem.** Tradução de: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2009a.
- \_\_\_\_\_. **A revolução tecnológica da gramatização.** Tradução de: Eni p. Orlandi. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009b.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. O discurso no dicionário. In: **ALFA: revista de linguística,** São Paulo: Unesp, v. 44, 2000. p.75-96. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4200/3796>>. Acesso em 12 set. 2011.
- BENVENISTE, Émile. (1966) **Problemas de linguística geral I.** Tradução de: Maria da Glória Novak; Maria Luisa Neri. 5.ed. Campinas: Pontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. L'appareil formel de l'énonciation. In: TODOROV, Tzvetan (Org.). **Langages: l'énonciation.** Paris: Didier-Larousse, v. 17, p.12-18, mar. 1970.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II.** Tradução de: Eduardo Guimarães et. al. 2.ed. Campinas: Pontes, 2006.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. O dicionário como norma na sociedade. In: CARVALHO, Nelly Medeiros de; SILVA, Maria Emília Barcellos da (Org.). **Lexicologia, lexicografia e terminologia: questões conexas: anais do I Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL.** Recife, 1998. p.161-180.
- \_\_\_\_\_. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto ; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001a, p.13-22.

\_\_\_\_\_. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto ; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001b, p.131-151.

\_\_\_\_\_. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida (Org.). **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas; FFLCH USP, 2002. p.65-82.

BILAC, Olavo. (1916) A Língua portuguesa. In: PINTO, Edith Pimentel (Org.). **O Português do Brasil: textos críticos e teóricos 1 – 1820/1920, fontes para a teoria e a história**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. p.370-371.

BOLÉO, Manuel de Paiva. **Brasileirismos** (problemas de método). Coimbra: Coimbra editora limitada, 1943.

COLLINOT, André; MAZIÈRE, Francine. **Un prêt à parler: le dictionnaire**. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **A abolição**. 5.ed. São Paulo: Global, 1994.

CUNHA, C. O. Que é um brasileirismo? In: **Tempo brasileiro**. Rio de Janeiro, 1987.

DIAS, Luiz Francisco. O nome da língua do Brasil: uma questão polêmica. In: ORLANDI, Eni (Org.). **História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional**. Campinas: Pontes; Cáceres: Unemat, 2001. p. 185-198.

DUCROT, Oswald. Enunciação. **Enciclopédia Einaudi: linguagem-enunciação**. vol. 2. Lisboa: Imprensa nacional – Casa da Moeda, 1984, p.368-393.

\_\_\_\_\_. **O dizer e o dito**. Tradução de: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

ELIAS DE OLIVEIRA, Sheila Elias de. Um espaço de enunciação para dizer os brasileirismos. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida (Org.). **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas; FFLCH USP, 2002. p.83-98.

\_\_\_\_\_. **Cidadania: história e política de uma palavra**. Campinas: Pontes; RG, 2006.

\_\_\_\_\_. Argumentação e ‘topoi’ argumentativos. Tradução de: Eduardo Guimarães. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989, p.13-38.

FERNÁNDEZ, Dolores Azorín. La lexicografía como disciplina lingüística. In: GUERRA, Antonia Medina (Org.). **Lexicografía española**. Espana: Ariel, 2003. p.31-52.

FIGUEIREDO, Candido de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 4.ed. Lisboa: Arthur Brandão, 1926.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, Michel (1969). **A arqueologia do saber**. Tradução de: Luiz Felipe Baeta Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2008.

FREIRE, Laudelino. (1920) A defesa da língua nacional. In: PINTO, Edith Pimentel (Org.). **O português do Brasil: texto críticos e teóricos, 1 – 1820/1920 – fontes para a teoria e a história**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. p.473-486.

GUILBERT, Louis. Dictionnaires et linguistique: essai de typologie des dictionnaires monolingues français contemporains. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Langue française: le lexique**. Paris: Larousse, v.2, p.4-29, mai. 1969.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Da enunciação ao acontecimento discursivo em análise do discurso. Tradução de: Freda Indursky. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989, p.61-70.

GUIMARÃES, Eduardo. Enunciação e história. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989. p.71-79.

\_\_\_\_\_; ORLANDI, Eni. Identidade Linguística. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Língua e cidadania: o português no Brasil**. Campinas: Pontes, 1996. p.9-15.

\_\_\_\_\_. Língua e Enunciação. In: RAJAGOPALAN, Kanavillil (Org.). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas: Unicamp-IEL, n. 30, p. 99-103, jan./jun. 1996a.

\_\_\_\_\_. Sinopse dos estudos do português no Brasil: a gramatização brasileira. In: \_\_\_\_\_. ORLANDI, E. P. (Org.). **Língua e cidadania: o português no Brasil**. Campinas: Pontes, 1996b. p.127-138.

\_\_\_\_\_. História, sujeito, enunciação. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Cadernos de estudos linguísticos**. Campinas: Unicamp-IEL, n. 35, p. 109-116, jul./dez. 1998.

\_\_\_\_\_. As fronteiras entre semântica e pragmática. In: ZANDWAIS, Ana. (Org.). **Relações entre pragmática e enunciação**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2002a. p. 36-46.

\_\_\_\_\_. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. Campinas: Pontes, 2002b.

\_\_\_\_\_. **História da semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil**. Campinas: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Análise de texto**: procedimentos, análise, ensino. Campinas: Editora RG, 2011.

KRIEGER, Maria da Graça . O século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do português do Brasil. **ALFA**: revista de lingüística, Araraquara: Unesp, v. 50, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1418/1119>>. Acesso em 12 set. 2011.

LAET, Carlos de. (1889) Um dicionário brasileiro da lingua portuguesa. In: PINTO, Edith Pimentel (Org.). **O português do Brasil**: textos críticos e teóricos 1 – 1820/1920, fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. P.357-358.

LEPSCHY, Giulio C. **A linguística estrutural**. Tradução de: Nites Therezinha Feres. São Paulo: Perspectiva, 1971.

MACEDO SOARES. Antônio Joaquim de. **Diccionario brasileiro da lingua portugueza**. Rio de Janeiro: Bibliotheca Nacional, 1889.

MACEDO SOARES, Antônio Joaquim de. **Obras completas do Conselheiro Macedo Soares II – Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro**. SOARES, Julião Rangel de Macedo (Org.). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

MACEDO SOARES. Antônio Joaquim de. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Coligido e Revisto por Julião Rangel de Macedo Soares. v.1. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.

MACHADO, Carolina de Paula. **A designação da palavra preconceito em dicionários atuais**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MAGALHÃES, Gonçalves de. (1836) Lede. In: PINTO, Edith Pimentel (Org.). **O português do Brasil**: textos críticos e teóricos 1 – 1820/1920, fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. p.13-16.

MALDIDIER, Denise; NORMAND, Claudine; ROBIN, Régine. Discurso e ideologia: bases para uma pesquisa. Tradução de: Bethania S. C. Mariani. In: ORLANDI, Eni (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Unicamp, 2010, p.61-97.

MARIANI, Bethania. **Colonização linguística**: línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos (século XVIII). Campinas: Pontes, 2004.

MELO, Gladstone Chaves de. **Origem, formação e aspectos da cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Padrão, 1974.

\_\_\_\_\_. **A língua do Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Companhia editora nacional, 1935.

NUNES, José Horta. Dicionarização no Brasil: condições e processos. In: \_\_\_\_\_; PETTER, Margarida (Org.). **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas; FFLCH USP, 2002. p.99-120.

\_\_\_\_\_. **Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX**. Campinas: Pontes; São Paulo: Fapesp; São José do Rio Preto: Faperp, 2006.

ORLANDI, Eni P. Exterioridade e Ideologia. In: RAJAGOPALAN, Kanavillil (Org.). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas: Unicamp-IEL, n. 30, p. 27-33, jan./jun. 1996.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional**. Campinas: Pontes; Cáceres: Unemat, 2001. p.7-20.

\_\_\_\_\_. **Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos**. 3.ed. Campinas: Pontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Terra à vista!: discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 9.ed. Campinas: Pontes, 2010.

\_\_\_\_\_. Lexicografia discursiva. In: **ALFA: revista de lingüística**, São Paulo: Unesp, v. 44, 2000. p.97-114. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4201/3797>>. Acesso em 12 set. 2011.

\_\_\_\_\_. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. 2.ed. Campinas: Pontes, 2012.

PASCUAL, José Ignacio Pérez; SOUTO, Mar Campos. El diccionario y otros productos lexicográficos. In: GUERRA, Antonia Medina (Org.). **Lexicografía española**. Espana: Ariel, 2003. p.53-78.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática**. Tradução de: Rosário Gregolin (Coord.); Vanice Sargentini; Cleudemar Fernandes; Carlos Piovezani Filho; Luzmara Cursino; Nilton Milanez. São Paulo: Claraluz, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Ideologia e história das ciências: os efeitos do corte galilaico na Física e na Biologia. In: \_\_\_\_\_; FICHANT, Michel. **Sobre a história das ciências**. Tradução de: Francisco Bairrão. Lisboa: Editorial Estampa, 1971, p.17-57.

PEDRA BRANCA. (1824-1825) Brasileirismos. In: PINTO, Edith Pimentel (Org.). **O português do Brasil: textos críticos e teóricos 1 – 1820/1920, fontes para a teoria e a história**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. p.5-7.

PEREIRA, Carlos Eduardo. (1933) O português no Brasil e em Portugal. In: PINTO, Edith Pimentel (Org.). **O português do Brasil: texto críticos e teóricos**, 1 – 1820/1920 – fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. p.403-407.

PINTO, Edith Pimentel (Org.). **O português do Brasil: textos críticos e teóricos** 1 – 1820/1920, fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto. Brasileirismos e regionalismos. In: **ALFA: revista de lingüística**, São Paulo: Unesp, v. 42, 1998. p.109-120. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4046/3710>>. Acesso em 12 set. 2011.

\_\_\_\_\_. **O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos**. 1999. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.

POSSENTI, Sírio. Pragmática na análise do discurso. In: RAJAGOPALAN, Kanavillil (Org.). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas: Unicamp-IEL, n.30, p. 71-84, jan./jun. 1996.

QUEIROGA, Salomé. (1871) Carta a Stockler. In: PINTO, Edith Pimentel (Org.). **O português do Brasil: texto críticos e teóricos**, 1 – 1820/1920 – fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. p.159-165.

REY, Alain. **Le lexique: images et modèles – du dictionnaire a la lexicologie**. Paris : Librairie Armand Colin, 1977.

RIBEIRO, Carneiro. (1890). Dos idiotismos, brasileirismos, provincianismos. In: PINTO, Edith Pimentel (Org.). **O português do Brasil: texto críticos e teóricos**, 1 – 1820/1920 – fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. p.359-363.

RIBEIRO, João. (1889a) Brasileirismos. In: PINTO, Edith Pimentel (Org.). **O português do Brasil: texto críticos e teóricos**, 1 – 1820/1920 – fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. p.333-348.

\_\_\_\_\_. (1889b) Macedo Soares. In: PINTO, Edith Pimentel (Org.). **O português do Brasil: textos críticos e teóricos** 1 – 1820/1920, fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. p.349-352.

\_\_\_\_\_. (1905) Brasileirismo. In: PINTO, Edith Pimentel (Org.). **O português do Brasil: texto críticos e teóricos**, 1 – 1820/1920 – fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. p.352.

SILVA, Mariza Vieira. O dicionário e o processo de identificação do sujeito-analfabeto. In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni (Org.). **Língua e cidadania: o português no Brasil**. Campinas: Pontes, 1996. p.151-162.

SILVA PINTO, Luiz Maria da. **Diccionario da lingua brasileira**. Ouro Preto: Typografia de Silva, 1832.

SOARES, José Celso M. **Antonio Joaquim de Macedo Soares: síntese biográfica**. Rio de Janeiro: BAW, 2000.

SOARES, Julião Rangel de Macedo Soares. (1952) Prefácio. In: MACEDO SOARES. Antônio Joaquim de. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Coligido e Revisto por \_\_\_\_\_. v.1. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954. p.XI-XXIV.

WEINRICH, Harald. A verdade dos dicionários. In: **Problemas da lexicologia e lexicografia**. Tradução de: por Mário Vilela. Porto: Livraria Civilização, 1979. p.314-337.

WELKER, H. A. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

WIEGAND, Herbert Ernst. Sinonímia e seu significado numa lexicografia monolíngue. In: **Problemas da lexicologia e lexicografia**. Tradução de: Mário Vilela. Porto: Livraria Civilização, 1979. p.118-180..

ZANDWAIS, Ana. (Org.). **Relações entre pragmática e enunciação**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2002.

## APÊNDICES

## DICCCIONARIO BRAZILEIRO

---

Foram tirados d'esta edição 200 exemplares em papel superior

---

DICIONARIO BRAZILEIRO  
DA  
LINGUA PORTUGUEZA

PELO  
DR. ANTONIO JOAQUIM DE MACEDO SOARES

---

PUBLICAÇÃO DA BIBLIOTHECA NACIONAL

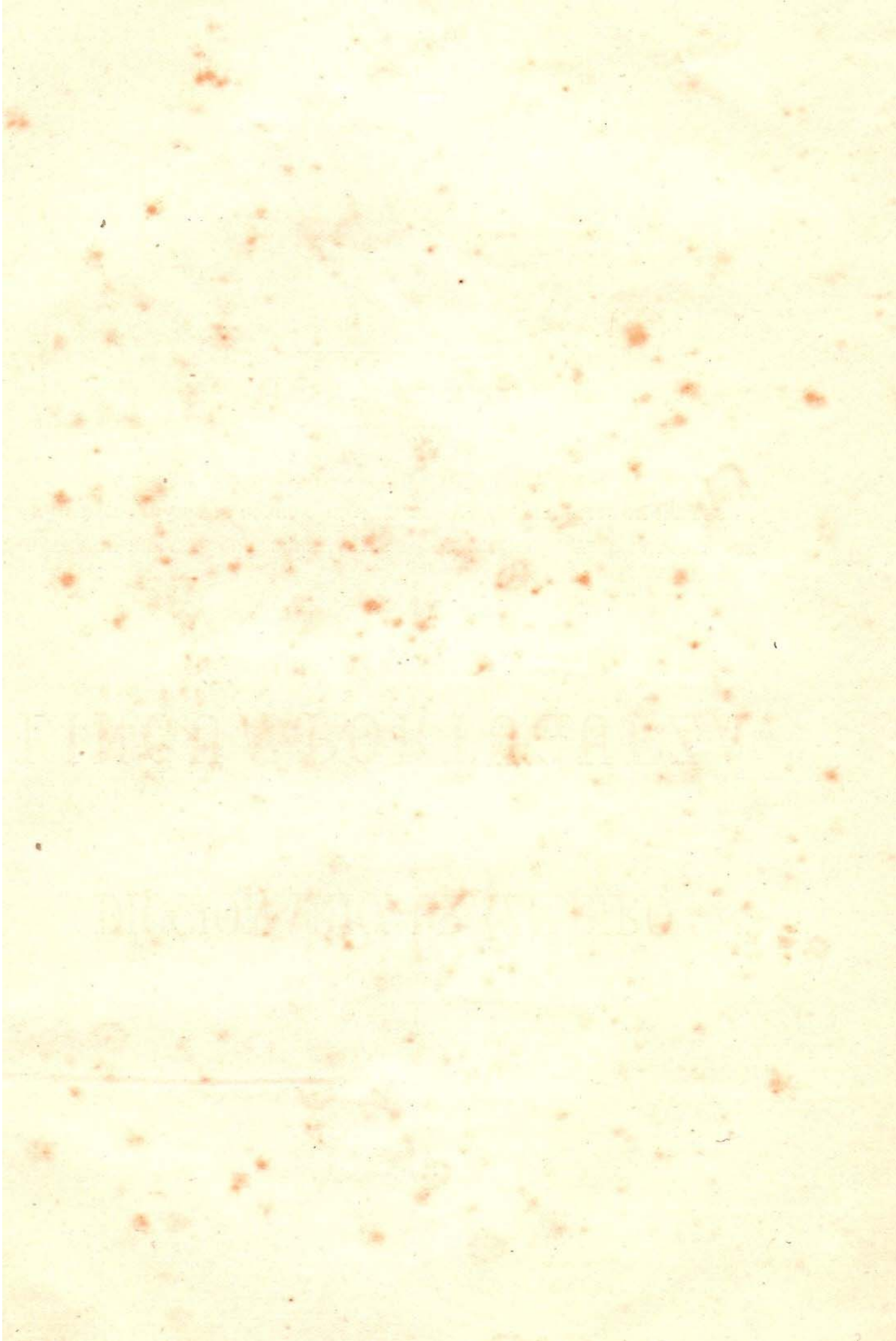
---



RIO DE JANEIRO

Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Rua d'Ouvidor 31

1889



DICCIONARIO BRAZILEIRO  
DA  
LINGUA PORTUGUEZA

ELUCIDARIO ETYMOLOGICO-CRITICO

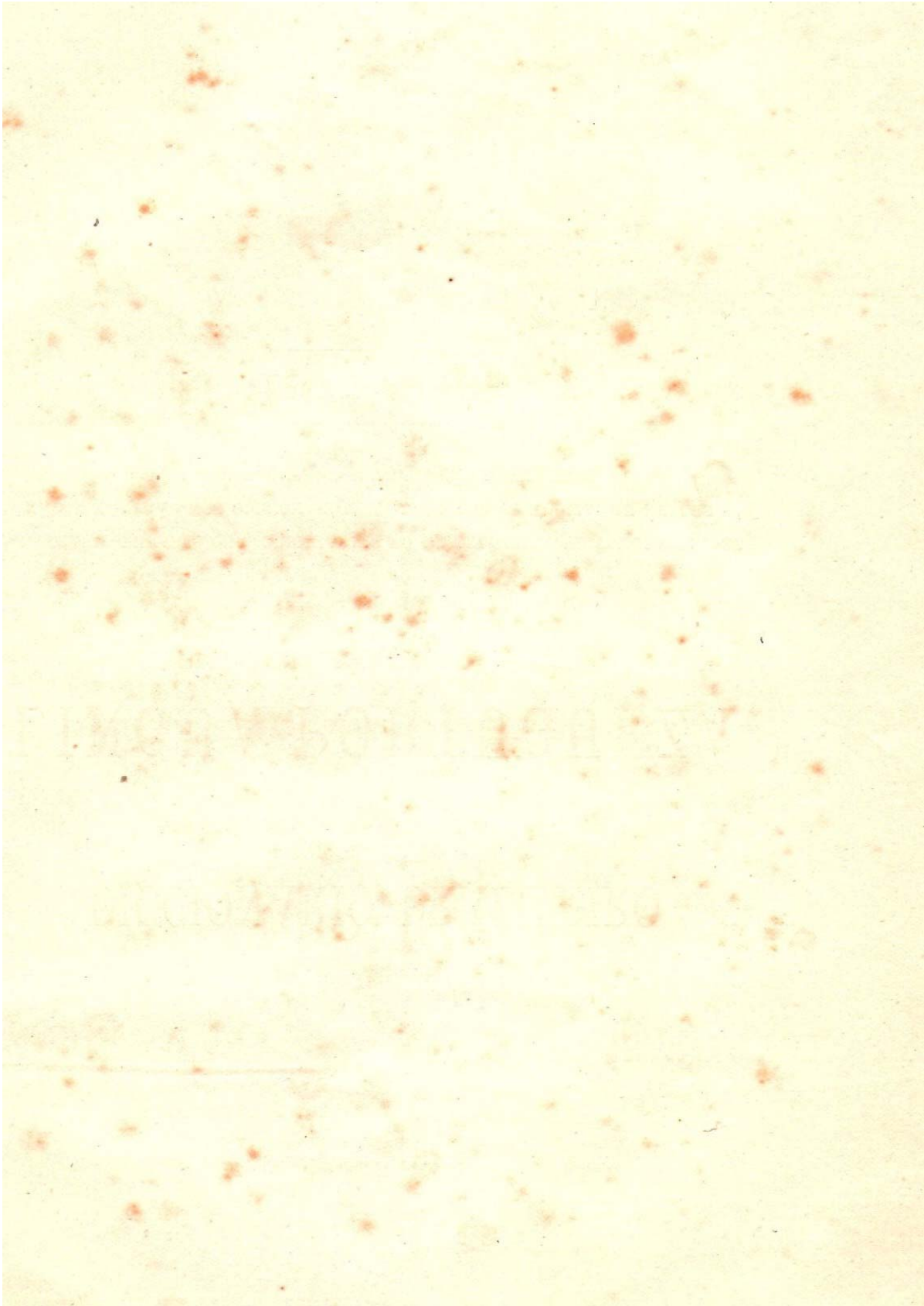
DAS

PALAVRAS E PHRASES QUE, ORIGINARIAS DO BRAZIL, OU AQUI POPULARES, SE  
NÃO ENCONTRÃO NOS DICCIONARIOS DA LINGUA PORTUGUEZA, OU NELLES  
VÊM COM FORMA OU SIGNIFICAÇÃO DIFFERENTE

---

1875-1888

---

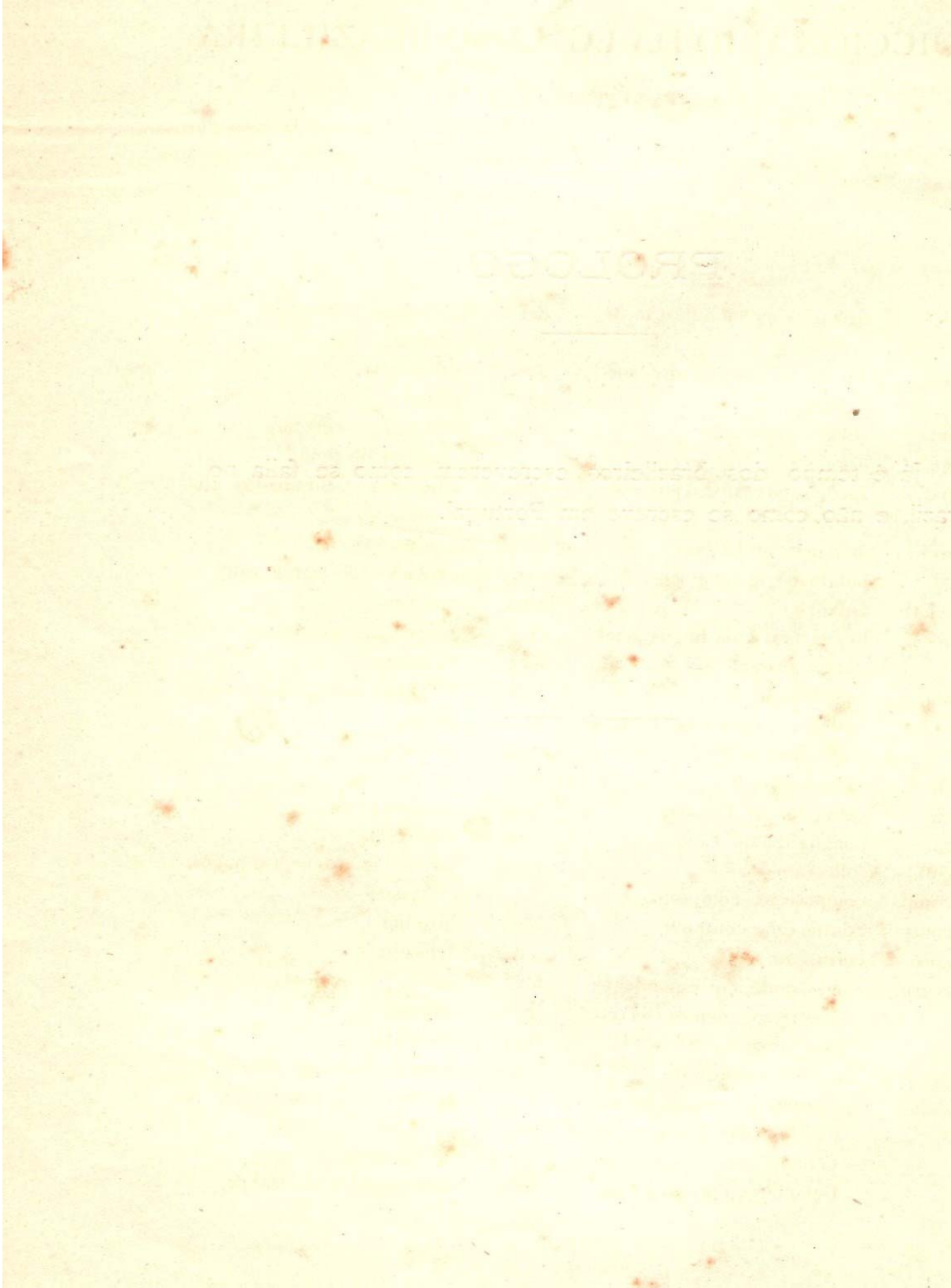


## PROLOGO

---

Já é tempo dos brasileiros escreverem como se falla no  
Brazil, e não como se escreve em Portugal.

---



# DICCIONARIO DA LG. LUSO-BRAZILEIRA

## ABREVIATURAS LEXICAS

(SÓ AS MENOS USUAES)

alt.	alteração ou modificação de palavras.	der.	derivação, derivado, deriva-se.
ann.	annuncio (secção dos jornaes).	des.	desinencia.
ant.	antigo, antiquado.	ed.	edição.
ap.	<i>apud.</i>	edit.	editorial (secç. dos jorn.), artigo de fundo.
apd.	apedido (secção dos jornaes).	elim.	eliminação, eliminado, elimine-se.
ar.	arabe.	erud.	erudito.
arch.	archaico, archaismo.	ext.	extensão (do significado).
bd.	bundo ou lg. angolense.	fam.	familiar.
b.lat.	baixo latim.	fb.	fongbê, lg. dahomeia.
br.	lingua brazil ou lingua geral tupi-guarani.	fig.	figurado.
braz.	brazileiro.	folh.	folhetim (secç. dos jorn.).
cast.	castelhano (hispanhol); cast. do Rio da Prata.	gr.	grego.
cf.	confere, confira.	guar.	guaraní.
cfr.	cafre, lg. da Cafraria.	hebr.	hebraico.
cg.	congo, lg. do Congo.	hom.	homonymia.
coll.	collecção.	intj.	interjeição.
comp.	composição, composto.	jor.	yoruba, lg. dos negros nagôs, haussas etc.
contr.	contracção, contracto.	l.br.	luzo-brazileiro.
corr.	corrupção.	lett.	letrado.
corrp.	corresponde, correspondente a; correspondencia (secção dos jornaes).	lex.	lexico ; lexicologia.
cp.	compare, comparado.	lg.	lingua.
dah.	dahomeu, lg. fongbê, fallada na Costa dos Escravos, na Guiné, pelos negros do Dahomey, Portonovo etc.	litt.	litterario.
		littor.	littoral, costa do Brazil.
		ll.	leilões (secç. dos jorn.).
		loc.	locução.
		metapl.	metaplasmo.
		moç.	moçambique ou suahile.

neol.	neologismo.	va.	v. activo ou transitivo.
orthogr.	orthographia.	var.	variação.
orthoph.	orthophonia.	vb.	<i>verbo, sub verbo</i> , debaixo da palavra.
p. c.	parte commercial (secç. dos jorn.).	vig.	vigente, em vigor, não antiquado.
pop.	popular.	vj.	veja.
pron.	pronuncia, pronuncia-se, pronuncie.	vn.	v. neutro ou intransitivo.
pref.	prefixo.	vr.	v. reflexivo ou pronominal.
qv.	que veja (remissão á pal. anterior mais proxima).	[ ]	As pals. comprehendidas dentro dos colchetes, nos trechos alheios citados, são do A. deste livro, e servem para explicar ou subentender outras necessarias á intelligencia das citações.
r.	raiz.	( )	Ao parenthesis deixou-se o seo uso ordinario.
rad.	radical.	*	Este signal, antes de uma pal., indica que ella é hypothetica; devia ter existido, comquanto se não possa provar.
red.	redacção (secç. dos jorn.), artigo do pessoal da casa, mas não de fundo, ineditorial.	‡	Antes de qualquer trecho, de ETYM. por ex., indica affirmacção hypothetica, apenas provavel.
sh.	suahile, lg. de Zanzibar, Moçambique e outras terras da Africa oriental.	.. ..	Nos trechos citados, indica suppressão de palavras desnecessarias á explicação.
suff.	suffixo.	.	Á reticencia conservou-se o seo uso vulgar.
syn.	synonymia.	...	
term.	terminação.		
tp.	tupi.		
tp. g.	tupi-guarani.		
tp. am.	tupi do Amazonas.		
tp. c.	tupi da costa, do littoral.		
tr.	traducção, traduzido.		
trs.	transcripção, transcripto.		
tt.	titulo (de alguma lei).		
us.	usado, usual.		
v.	verbo; velho.		

## ABREVIATURAS BIBLIOGRAPHICAS

(AA. E OBRAS MAIS FREQUENTEMENTE CITADOS)

- |  |  |
|--|--|
| <p><i>ABN.</i> <i>Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro</i>, ex 1876.</p> <p>Abreo capitão Manuel Joaquim de Abreo, in <i>RIH.</i></p> <p>Al. cons. dr. José de Alencar.</p> <p>Al.Az. Aluizio Azevedo, <i>Philomena Borges</i> etc.</p> <p>Alenc. José Martins Pereira de Alencastre, in <i>RIH.</i></p> <p><i>AMN.</i> <i>Archivos do Museo Nacional do Rio de Janeiro</i>, ex 1876.</p> <p>Anch. padre José de Anchieta,—<i>Gr.   Arte de Grammatica da Lingua mais usada na Costa do Brazil</i>, ed. Platzmann, 1874.—<i>Cart.   Cartas</i>, na <i>RIH.</i>, nos <i>ABN.</i> e in DOff.</p> <p>Ant. André João Antonil, <i>Cultura e Opulencia do Brazil</i>; obra dos começos do seculo XVIII, ed. de 1837, Rio de Janeiro.</p> <p>Ass.Br. Assiz Brazil, <i>Historia da Republica Riograndense</i>, Rio Jan., 1882.</p> <p>Aul. prof. Franc. Julio Caldas Aulete, <i>Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza</i>, Lisboa, 1881.</p> | <p>Av. Aviso, na <i>Coll. das Decisões do Governo do I. do Brazil.</i></p> <p>Az. conde de Azambuja, in <i>RIH.</i></p> <p>Band. cap. Joaquim José Pinto Bandeira, in <i>RIH.</i></p> <p>BC. dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira, o nosso eminentissimo americanologo. Obras varias, mas principalmente <i>Vocabulario das Pals. Guaranis us. pelo traductor da Conquista Espiritual do p. A. Ruiz de Montoya</i>. E' o vol. VII dos <i>Annaes da Bibliotheca Nacional.</i></p> <p>B.Guim. dr. Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, poesias e romances.</p> <p>Bl. padre Rafael Bluteau, <i>Vocabulario Portuguez e Latino.</i></p> <p>Bleek revd. Wm. H. J. Bleek, <i>The Language of Mosambique</i>, Lond., 1856.</p> <p>BR. cons. marech. Visconde de Beaurepaire Rohan, <i>Glossario de Vocabulos Brazileiros</i>, in <i>GL.</i></p> <p><i>Braz.</i> <i>Brazil</i>, jornal da Corte, 1883-1885.</p> <p>B.Roiz. João Barboza Rodrigues.</p> <p><i>BSGL.</i> <i>Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa.</i></p> |
|--|--|

- Bueno conego João Ferreira de Oliveira Bueno, in *RIH*.
- Burguy G. F. Burguy, *Grammaire de la Langue d'Oil*, Berlin, 1869.
- C.Abr. João Capistrano de Abreo, *Descobrimento do Brazil e seu desenvolvimento no seculo XVI*, Rio Jan., 1883.
- Cam. 1. tenente Antonio Alves Camara, *Ens. sobre as Construcç. Navaes indig. do Braz.*, Rio de Jan., 1888.
- Cann. fr. Bernardo Maria de Cannecattim. — *Gr.* | *Collecção de Observações Grammaticaes sobre a Lingua Bunda ou Angolense*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1859. — *Dicc.* | *Diccionario da Lingua Bunda ou Angolense*, Lisboa, 1804.
- Cas. padre Ayres do Casal, *Corographia Brazilica*, nova ed., R. Jan., 1833.
- Celesta Em. Celesta, *Dell' Antichissimo Idioma de' Liguri*, Genova, 1863.
- CEP. *Catalogo dos Diversos Productos da Exposição Provincial do Paraná*, 1866, 1872 e 1875.
- Ces. João Cesimbra-Jacques, *Ensaio sobre os Costumes do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, 1883.
- Chavée H. Chavée, *Les Langues et les Races*, Paris, 1862.
- C. de L. dr. Carlos Maximiano Pimenta de Laet, folhetins no *Jornal do Commercio*.
- C.Mag. dr. José Vieira Couto de Magalhães, *O Selvagem*, Rio Jan., 1876.
- Const. Francisco Solano Constancio, *Novo Diccionario critico e etymologico da lg. port.*
- Cor. Antonio Alvares Pereira Coruja, *Collecção de Vocabulos e Phrazes usados na prov. de S. Pedro do Rio Grande do Sul*, in *RIH*.
- Courdioux padre Ph. E. Courdioux (chefe da Missão do Porto Novo, Africa occid.), *Dictionnaire abrégé de la Langue Fongbe ou Dahoméenne*, Par., 1879.
- Crowther Samuel Crowther, *Vocabulary of the Yoruba Language*, Lond., 1843.
- D'Al. sarg.-mór d'engenh. Luiz d'Alincourt, in *RIH*.
- Davis Wm. J. Davis, *a Grammar of the Kafir Language*, 3<sup>a</sup> ed., Lond., 1863.
- DC. Du Cange, *Glossarium mediae et infimae Latinitatis*.
- Devic Marcel Devic, *Dictionnaire Étymologique des Mots d'Origine Orientale*, ap. Littré, *Dict. de la Lang. Franç.*, 1879.
- Diez Friedrich Diez, *Etymologisches Wörterbuch der Romanischen Sprachen*, Bonn, 1878.
- Dir. *O Direito, rev. de Legisl., Doutr. e Jurisprud.*, Rio Jan., desde 1873.
- DN. *Diario de Noticias*, Corte, ex 1875.
- DOff. *Diario Official do Brazil*.
- Döhne revd. J. C. Döhne, *a Zulu-Kafir Dictionary*, Cape Town, 1875.

- Drouin E. A. Drouin, *Dictionnaire comparé des Langues fr., ital., esp., lat., all., angl., gr., hébr. et arabe*, Caen, 1866.
- DV. fr. Domingos Vieira, *Grande Dictionario Portuguez*.
- Elliot o sertanista João Henrique Elliot, in *RIH*.
- Eng. dr. W. H. Engelmann, *Glossaire des Mots Espagnols et Portugais dérivés de l'Arabe*, Leyde, 1861.
- Ens.Sc. *Ensaio de Sciencia, por diversos amadores*, Rio Jan. 1876, I, II; 1880, III.
- E. Pit. Epiphaneo Candido de Souza Pitanga, in *RIH*.
- Est. *A Estação, jornal de modas parizienses (La Saison)*, Rio Jan.
- F. All. dr. Francisco Freire Allemão, in *RIH*.
- Faidh. gen. Faidherbe, *Essai sur la Langue poul*, Paris, 1875.
- Ficalho Conde de Ficalho, in *BSGL*.
- Fl. *O Fluminense*, periodico impresso em Niteroy.
- FN. *A Folha Nova*, jornal da Corte.
- Fr. Jun. dr. Joaquim José da França Junior.
- F. Tav. dr. João Franklin da Silveira Tavora, in *RBr<sup>2</sup>*. etc.
- Gay con. vig. João Pedro Gay, in *RIH*.
- G. Bell. Guilherme Bellegarde.
- G. Dias dr. Antonio Gonçalves Dias. *Diccionario da lingua Tupi*, Lipsia, 1858.—*Cantos*, e in *RIH*.
- Gl. *O Globo*, jornal da Corte.
- GL. *Gazeta Litteraria*, da Corte, dirigida por Teixeira de Mello e Valle Cabral.
- GN. *Gazeta de Noticias*, da Corte.
- GT. *Gazeta da Tarde*, Corte.
- GS. Gabriel Soares de Souza, in *RIH*.
- Grivet A. Grivet, *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*, R. Jan., 1881.
- Gurj. dr. Hilario Maximiano Antunes Gurjão, in *RIH*.
- Hartm. R. Hartmann, *Les Peuples de l'Afrique*, Paris, 1880.
- H. M. Barão Homem de Mello.
- Honor. dr. S. J. Honnorat, *Dictionnaire provençal-français, ou Diction. de la Langue d'Oc*, Digne, 1846.
- JC. *Jornal do Commercio*, da Corte.
- JCC. *Jornal do Commercio de Curitiba*.
- J.G. Juvenal Galleno.
- J. Rib. João Ribeiro, *Phil. | Estudos Philologicos*, R. Jan., 1884.—*Pron. | Morphologia e Collocação dos Pronomes, These*, R. Jan., 1886.—*Gr. | Grammatica da Lingua Portugueza*, 2ª ed., Rio Jan., 1888.
- J.R.Cunha cap. Jacintho Rodrigues da Cunha, in *RIH*.
- J. Serra Joaquim Serra.
- J. Sald. José de Saldanha, in *RIH*.
- J. Veriss. comm. José Verissimo, in *RAM*.
- Kaleid. *O Kaleidoscopio*, publicação semanal do Instituto Academico Paulistano, S. Paulo, 1860.
- Kos. Carlos v. Koseritz, ap. *CC pp.* de SR.—*Bosq. | Bos-*

- quejos Ethnologicos*, Porto Alegre, 1884.
- L. lei geral, na *Coll. das Leis do Imp. do Brazil*.
- Laf. p.<sup>o</sup> Lafitte, *Le Pays des Nègres*, 2.<sup>a</sup> ed., Paris, 1878.
- Lam. prof. Boaventura Placido Lameira de Andrade.
- Largeau V. Largeau, *Le Pays de Rirha Ouargla*, Paris, 1879.
- Lev. general Augusto Leverger, barão de Melgaço, in *RIH*.
- Lex. port. Lexico portuguez.
- Lopes o sertanista Joaquim Francisco Lopes, in *RIH*.
- L.pr. lei provincial.
- Lg. Tocc. Ach. Longhi e L. Toccagni, *Vocabolario della Lingua italiana*, Milão, 1856.
- Lux A. E. Lux, *Von Loanda nach Kimbundu*, Vienna, 1880.
- M. p.<sup>o</sup> Antonio Ruiz de Montoya, *Arte de la Lengua guarani*. — *Vocabulario y Tesoro de la Lengua guarani*, ed. de Varnh., Viena-Paris, 1876.
- Mac. dr. Joaquim Manuel de Macedo.
- Magalhães Domingos José Gonçalves de Magalhães, visconde de Araguaya.
- M. Assiz Joaquim Maria Machado de Assiz.
- M. Azev. dr. Manuel Duarte Moreira de Azevedo.
- MBraz.* *Minerva Braziliense*, Rio Jan., ex 1843.
- M. Mor. dr. Alexandre José de Mello Moraes.
- M.M.Jr. dr. Alex. J. de Mello Moraes filho.
- M. Oliv. cor. José Joaq. Machado de Oliveira, in *RIH*.
- Mor. José de Moraes e Silva, *Diccionario da Lingua portugueza*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1779.
- Moura fr. José de S. Ant. Moura, ap. Sz.
- M. P. Costa Miguel Pereira da Costa, in *RIH*.
- MSM.* *Monitor Sul Mineiro*, periodico da Campanha, Minas Geraes.
- Norb. comm. Joaquim Norberto de Souza Silva.
- Nog. A. F. Nogueira, *A Raça Negra*, Lisboa, 1880.
- Nov. Faustino Xavier de Novaes, *Cartas de um Rocciro*, Rio Jan., 1867.
- Ott. sen. Theophilo Benedicto Ottoni, in *RIH*.
- P. Al. Manuel de Araujo Porto Alegre, barão de Sant'Angelo, in *MBraz. et alibi*.
- Pach. Jr. prof. Francisco José Pacheco Junior.
- Paiz* *O Paiz*, jornal da Corte, ex 1884.
- Panor.* *O Panorama*, periodico de Lisboa.
- Patroc. José do Patrocinio (o *Proud-homme da G. da T.*).
- Pina Conde A. de Pina, *Deux Ans dans le Pays des Épices (îles de la Sonde)*, Paris, 1880.
- Port. portaria do Governo Geral, na *Coll. das Leis*.
- Port. pr. portaria do governo prov. de...

- Praz. fr. Francisco dos Prazeres Maranhão, in *RIH*.
- P. Taq. Pedro Taques de Almeida Paes Leme, in *RIH*.
- Quest. *Questões do Dia, observações políticas e litterarias escriptas por varios* [José Felic. de Castilho, dr. Franklin Tavora &], Rio Jan., 1871.
- RAm.* *Revista Amazonica*, Pará, ex 1883.
- Rb., Rub. Braz da Costa Rubim, in *RIH*, e *Vocabulario Brasileiro*, Rio Jan., 1853.
- RBr.*<sup>1</sup> *Revista Brasileira*, dirigida pelo cons. Candido Baptista de Oliveira, Rio Jan. ex 1857.
- RBr.*<sup>2</sup> *Revista Brasileira*, dirigida pelo comm. Nicoláo Midosi, dr. Moreira Sampaio e outros, Rio Jan., ex 1879.
- REA.* *Revista da Exposição Antropologica Brasileira*, dirigida pelo dr. Mello Moraes filho, Rio Jan., 1882.
- Reb., Th. Reb., Thomaz da Costa Correia Rebello e Silva, in *RIH*.
- Rel. Pres.* *Relatorio do Presidente* (da prov. de...) á assembléa legislativa provinc., ou ao seo successor.
- RH.* *Revista de Horticultura*, dirigida por F. Albuquerque, Rio Jan., ex 1876.
- Riddel Alexander Riddel, *a Grammar of the chinyanja Language as spoken at lake Nyansa, with chinyanja-english and e.—ch. Vocabularies*, London, 1880.
- RIH.* *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil*, Rio de Jan., ex 1839.
- Roq. p.<sup>o</sup> J. I. Roquette, *Diccionario da Lingua Portugueza*, Paris, 1867.
- R. Ort. Ramalho Ortigão, *A Hollanda*, ed. da *GN.*, etc.
- R.Th. Rodolpho Theophilo, *Historia da Secca do Ceará*. Fortaleza, 1883.
- R.T.Seg. dr. Rufino Theotonio Segurado, in *RIH*, 1848.
- Sar. cardeal Saraiva, d. fr. Francisco de S. Luiz, *Obr. compl.*, ed. de A. C. Caldeira, Lisboa, 1872.
- Sarm. Alfr. de Sarmiento, *Os Sertões a' Africa*, Lisboa, 1880.
- Sev. dr. João Severiano da Fonseca, *Viagem ao redor do Brazil*, Rio Jan., 1881.
- S. Luiz o mesmo cardeal Saraiva.
- Soido Claudio Soido, in *REA*.
- SR. dr. Sylvio Romero. — *CC. pp.* | *Cantos populares do Brazil*, Lisboa, 1883. — *Hist.* | *Introducção á Historia da Litteratura Brasileira*, Rio Jan., 1882. — *Crit. parl.* | *Ensaio de Critica parlamentar*, Rio Jan., 1883, etc.
- St. H. Augusto de St. Hilaire, *Voyages dans l'Intérieur du Brésil*. Citão-se as obras pelas provincias, *Min.* ou *RJan.*, viagem pelo Rio de Jan. e Minas; *SP.*, em S. Paulo; *Goy.*, em Goyaz.

- Sz. fr. João de Souza, *Vestigios da Lingua Arabica em Portugal*, Lisboa, 1830.
- dr. Sz. dr. Antonio José de Souza. — *Pref.* | *Tratado dos Prefixos da Lingua Latina*, Rio Jan., 1868. — *Suff.* | *Tratado dos Suffixos da Lingua Latina*, Rio Jan., 1868.
- Taun. dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay, romances e in *RIH*.
- Th.Reb. vj. Reb.
- U. D. Urbano Duarte, na *GL*.
- Wappœus J. E. Wappœus, *A Geographia Physica do Brazil* refundida, ed. condensada, por C. Abreu e V. Cabral, Rio Jan., 1884.
- Varnh. Fr.<sup>o</sup> Adolpho de Varnhagen, visconde de Porto Seguro.
- V. Cabr. Alfredo do Valle Cabral, in *GL*. — *Guia* | *Guia do Viajante no Rio de Janeiro*, Rio Jan., 1882.
- Virg. dr. Virgilio Martins de Mello Franco, *Viagem á Comarca da Palma*, Rio Jan., 1876.
- Vit. fr. Joaquim de S. Rosa d' Viterbo, *Elucidario*, ed' de Innocencio, Lisboa, 1865.
- V.Mag. dr. Antonio Valentim da Costa Magalhães, na *GN*. e *alibi*.
- V. Real Thomaz de Souza Villa Real, na *RIH*.

NOTA. — Os *classicos brasileiros*, colonias e contemporaneos, não contemplados n'estas abreviaturas, vão citados no corpo do *Diccion.* com os nomes por inteiro. — Às vezes, e por mero descuido, o A. afasta-se do seo systema de abreviaturas; mas, como o leitor intelligente sabe sempre a quantas anda, não faz mal.

As abreviaturas dos nomes das nossas provincias facilmente se percebem á vista das suas iniciaes: *RJan.* Rio de Janeiro, *Min.* Minas Geraes, *Mgr.* Mato Grosso, *RGS.* Rio Grande do Sul, *Serg.* Sergipe, *SP.* São Paulo, etc. Na duvida, vão por extenso, como *Pará*, *Paraná*; mas *Parah.* Parahyba do Norte.

## ACCENTOS PROSODICOS EMPREGADOS N'ESTA OBRA

1.<sup>o</sup> Aos accentos *agudo* ˊ, *circumflexo* ˆ e *nasal* ˜, assim como ao trema ˆˆ, conservou-se o uso ordinario.

2.<sup>o</sup> Os accentos *longo* ¯ e *breve* ˘ indicão ser tónica, ou não, a vogal em que recahem, como em latim designão a quantidade; e só os empregamos na figuração da pronuncia.

3.<sup>o</sup> O accento ˘, nas palavras tupís e guaraní, é nasal; e só usamos para guardar uniformidade com os vocabularios da lingua geral ou brazil.

4.<sup>o</sup> O accento *faucal* ou *guttural* do chamado *i especial* do abánheenga e do nheengacatú (lingua geral) é representado nos auctores pelo signal de breve (*ĩ*), que aqui não podia ter duplo emprego; pelo que, o *i especial* ou *guttural* é representado pelo *i lithuanio*, assim: *ĩ*.

5.<sup>o</sup> O accento breve ˘, não é portuguez, nem tão pouco brasileiro; propomol-o para distinguir a preposição *a* do artigo *a*, nos raros casos dubios, como em logar proprio se verá.

# DICCIONARIO BRAZILEIRO

DA

## LINGUA PORTUGUEZA \*

The national language is the only safe exponent of the national character.

DÖHNE

La parola è la prima istoria delle nazioni: e perciò i parlari plebei sono, oserei dire, gli archivii e la più ricca miniera dei documenti d'un popolo.

EM. CELESTA

Vivamus moribus præteritis: præsentibus verbis loquamur.

MACROBIUS

**a** sm., primeira letra do alphabeto luso-braz., tem tres sons; 1.º surdo ou breve, quando sobre elle não recae accento prosodico: *arara, cuiã, tanga, vatapá*; 2.º aberto ou longo, levando ou não accento prosodico, salvo si fôr seguido de *m, n* ou *nh*: *ata, cajã, coivara, paca, Pará, picuã*; 3.º nasal, quando marcado com til, ou seguido de *m, n* ou *nh*, ainda que estas consoantes não fação corpo com o *a* e pertença a syllaba separada: *areão, carimã, moganga, amo, tucano, maniva, cama, picanha*. || LEX. PORT. Querem os Castilhos Antonio e José que o *a* port. tenha quatro sons; Barboza Leão dá-lhe só tres. Admittem aquelles a nasalisação do *a* antes de *m, n* ou *nh*, ainda mesmo pertencentes á syllaba seguinte; este não, e mais acertadamente, porque

os portuguezes pronunciação *á-mo*, e não como nós *ã-mo*; elles *ingá-no*, nós *engã-no*; elles *cá-ma, fã-ma*, e nós *cã-ma, fã-ma*; lá *picã-nha*, e cá *picã-nha*; dum *jã-mi* dizem elles de *Dom Jayme*, que nós pronunciamos *dom jã-me*; e emquanto lá dizem *mêu mã-nu*, dizemos nós *meo mã-no*; quando nos referimos a irmão ou *mano*. || PHONOL. Como em Port., o povo do Braz. perverte o som do *a*, trocando-o por outro: assim, no littoral do R. Jan., e principalmente no Cabofrio e Barra de S. João, onde mais se accentua a influencia portugueza, é frequentissimo ouvir *elegre, kemisa, gheivota* por *alegre, camisa, gaivota*, permutado o *a* pelo *e*. E' a tendencia portugueza para a suppressão das vogaes de som claro, pronunciando *'legre, k'misa, gh'ivota*. « Elle

\* Protesta o A. que este livro, debaixo de todos os pontos de vista, não passa de mero ensaio.

*êhi* vem, elle *ê* vem» *ahi* vem. || Outras vezes é o contrario; dá-se ao *e* o som do *a*, como em *libaral* liberal, *sociadade* sociedade. Este vicio é muito mais frequente em Port. que no Braz.: lá dizem ainda *Pachâco* em vez de *Pacheco*, não obstante o *e* ser tónico (*Panor.* n. 146, 325); e no ditongo *ei* a troca é infallivel, ex. a pal. *conselheiro*, que elles pronunciação *cunsilháiru* e nós *cônselhêro*; *ameixa*, *peita*, *seita*, que lá se diz *amâixa*, *pâita*, *sâita*, e cá *amêxa*, *pêita*, *sêita*. || Tambem dão o som do *a* ao *e* nasalizado por *m*, *n*, *nh*, como em *bem*, *convem*, *tenho*, *mantens*, *parabens*, pronunciando *bâi*, *cunvâi*, *tânho*, *mantâx*, *prâbâx*, e rimando com *mãe*, *mães* (*mãx*). Um litterato nosso, escrevendo sobre Gomes Leal, reparou que o poeta rimasse *mães* com *tens*, e *Jerusalem* com *mãe*. Não tem razão: elles pronunciação *tâi*, *jruz'lâi*, *mãi*; e a rima é perfeita. || A troca de *i* por *ã* só se ouve aqui em boccas portuguezas, como em *mil reis*, que pronunciação *mâl râix*, e nós *mil rêz* (às vezes *min rêx*). O *ã* port., circumflexo, fechado, usual entre inglezes, é impossivel em bocca brasileira. || Em regra, não embebemos o *a* na vogal antecedente. A phr. « porque a nau arribou » pronunciamos *pôrkê ã nau árribô*; os portuguezes, *purcânâu ar-bô*, ou, como attesta o dr. Figueiredo Magalhães, *Cam.* 76, *pôrca nau* etc. « Basta-me dizer que acho-me animado » (J. Nab.) pronunciamos *bástame dizêr kê áxume ânimádu*; os port. *bást' mi dzêr cáxu mânmmádu*. Si Joaquim Nabuco dissera « que me

acho animado » (como devia dizer, por ser brasileiro, isto é, portuguez classico, do padre Vieira), entende o dr. Figueiredo Magalhães que se devia pronunciar *k' maxu manimádu*; mas cá pronunciaríamos, no littoral, *kê me áxu ânimádu*, e em S. Paulo e Paraná, *kê mê ãxô animadô*. || A letra *a* accresce ou supprime-se em muitos vocabulos, fazendo apocope em *contáro* contárão, *dissêro* disserão, *viro* virão; apherese em *lazão* alazão, *guiada* aguilhada, *calentar* acalentar, *cabar* acabar; epenthese em *Ingalaterra* Inglaterra, *caravelha* cravelha (lat. *clavicula*); prothese em *abastar*, *alembrrar*, *alevantar*, *asucceder*, *avexar*, *avovar*; syncope em *pra* para, *escrafunchar* escarafunchar, *frandulaje* farandulagem, *graveto* garaveto, *tramela* taramela, etc.

a art. f., vj. o.

a prep., indica diversas circumstancias ou relações entre os substantivos, pronomes e verbos; e especialmente as de attribuição, logar para onde, fim para que, ordem. || ETYM. lat. *ab* de, *ada*, para, logar, direcção de, juncto de, para onde, fim para que; v. fr. *ai*; prov. hisp. ital. *a*; fr. *à*. || ORTHOGR. Concorrendo a prep. *a* com o art. *a*, contrahem-se e a prep. toma accentu agudo. « Vou á casa » *a a* casa. Querem, porem, graves escriptores brasileiros, como Alencar, Baptista Caetano, José Jorge, que se accentue sempre a prep., para differençal-a do art.; o que parece inutil, visto a facilidade de fazer de prompto a distincção, como bem demonstra Grivet, n. 139. Entretanto, si duvida houver, como n'este ex. de

Vieira: « Outros dirão que, para ter muito, o melhor remedio é tel-o, guardar, poupar, não gastar, morrer de fome e *matar a fome* », em que *a fome* tanto pode ser complemento directo, como indirecto de *matar*, podemos sobrepôr á prep. o accento grave (*à*), como em francez, o qual nenhum outro emprego tem no Brazil; mas não o accento agudo, que está consagrado na lingua para a contracção

do artigo na preposição. || SYNT. Não tem ainda no Brazil o uso universal e exagerado que em Portugal, onde substitue quasi todas as outras preposições: mas já se vai generalizando, graças á preponderancia dos litteratos de Lisboa na imprensa da Côrte. Onde regularmente empregamos *com, de, em, para, por*, os portuguezes empregão somente *a*, como nos demonstrão os exs. segs. .

### Portuguez

### Brazileiro

Trabalhar <i>a</i> preceito.....	<i>com</i> preceito.
Consentem <i>a</i> grande pena.....	<i>com</i> muita pena.
Ter medo <i>á</i> pobreza.....	<i>da</i> pobreza.
Pescar <i>á</i> canna, <i>á</i> linha.....	pescar <i>de</i> pindahiba, <i>de</i> linha, <i>de</i> anzol.
Caçada ao leão (fr. <i>la chasse au lion</i> ) Alfr. Sarm. cap. 1.º.....	caçada <i>de</i> onça, <i>de</i> paca, <i>de</i> veado, <i>de</i> tatú, <i>de</i> leão.
Cheiro nauseabundo <i>a</i> carne queimada. <i>Corr. Eur.</i> 21 oit. 81.....	cheiro <i>de</i> carne, cheiro <i>de</i> peixe, cheiro <i>de</i> flôr.
Telheiro coberto <i>a</i> zinco e vidros. Ann. <i>Fl.</i> 5 jul. 85.....	coberto <i>de</i> zinco, coberto <i>de</i> vidro, coberto <i>de</i> telha, <i>de</i> tabuinhas etc.
Basta olhar para elle para a gente se escangalhar <i>a</i> rir. V. Mag. <i>G. N.</i> 3 fev. 84.....	a gente se escangalha <i>de</i> rir.
Vir <i>a</i> ferias, ir <i>a</i> ferias, estar <i>a</i> ferias.....	<i>de</i> ferias, <i>em</i> ferias.
Não são noivos... que podem então elles ser um <i>ao</i> outro? R. Ort.....	que podem ser um <i>do</i> outro?
Fructas verdes com que se estraga diariamente o estomago <i>ás</i> crianças. Dr. Pires de Alm. <i>DN.</i> 12 maio 86.....	o estomago <i>das</i> crianças.
Distancia que equivale a 8 vezes a volta <i>ao</i> mundo. Red. <i>DN.</i> 18 jul. 86.....	a volta <i>do</i> mundo.
Cortinas de cassa abertas <i>ao</i> centro e prezas <i>a</i> cada lado. R. Ort. <i>Holl.</i> 551.....	abertas <i>no</i> centro e prezas <i>de</i> cada lado.

Portuguez	Brazileiro
Por mais que olhasse em torno <i>a</i> si. Red. <i>DN.</i> 4 maio 86.....	em roda <i>de</i> si, em redor <i>de</i> si.
Luvras brancas pospontadas <i>a</i> preto <i>a</i> toda a medida do braço. R. Ort. <i>Holl.</i> 399.....	<i>de</i> preto <i>em</i> toda a medida.
Escriptorio <i>á</i> rua do Ouvidor; residen- cia <i>á</i> rua da Lapa; <i>ao</i> largo do Capim; <i>ao</i> campo de S. Anna.....	<i>na</i> rua do Ouvidor; <i>na</i> rua da Lapa; <i>no</i> largo, <i>no</i> campo, <i>no</i> beco, <i>na</i> praça.
De grão <i>a</i> grão enche a gallinha o papo. Adag. pop. DV.....	de grão <i>em</i> grão.
Ter felicidade <i>ao</i> jogo.....	<i>no</i> jogo.
<i>Ao</i> 1.º de Março.....	<i>no</i> primeiro.
A rir-se <i>á</i> janella.....	rindo-se <i>na</i> janella.
Estava <i>á</i> janella, encostada <i>na</i> grade.	estava <i>na</i> janella, encostada <i>á</i> grade. BC. <i>Rasc.</i> 138.
A vasa cuja existencia mal se suspei- tava <i>ao</i> fundo das aguas tranquillias. Edit. <i>GN.</i> 17 dz. 83.....	<i>no</i> fundo das aguas.
O almoço está <i>á</i> meza. Red. <i>FN.</i> 7 oit. 84.....	<i>na</i> meza, está <i>na</i> meza, <i>em cima da</i> meza, <i>sobre</i> a meza.
Venho alistar-me <i>á</i> legião dos vencidos. Dr. Aff. Celso Jr. apd. <i>JC.</i> 20 jan. 85.....	<i>na</i> legião, <i>no</i> batalhão, <i>no</i> exercito, <i>na</i> marinha.
Sentar-se <i>ao</i> throno. Edit. <i>GN.</i> 24 maio 85.....	<i>no</i> throno.
Uma vez <i>ao</i> anno. V. Mag. <i>GN.</i> 28 dz. 83.....	uma vez <i>no</i> anno, <i>por</i> anno.
Subiu, de certo, da planicie que lá <i>abaixo</i> vê-se estendida até <i>á</i> praia. Ed. Prado, de Lisboa, <i>GN.</i> 4 abr. 86. ....	lá <i>embaixo</i> se vê estendida até <i>a</i> praia.
Cancellia de ferro que fecha, <i>a</i> toda lar- gura, a embocadura da ponte. R. Ort. <i>Holl.</i> 63.....	fecha <i>em</i> toda <i>a</i> largura.
Entre Bonn e Reiragen, o rio espraia- se <i>a</i> uma grande largura. Id. <i>ibid.</i> 71. ....	espraia-se <i>em</i> grande largura.

Portuguez	Brazileiro
Collocado pela historia <i>a</i> toda a altura da sua legenda. Id. ibid. 81.....	collocado <i>em</i> toda a altura.
Por mais que olhasse <i>em torno a</i> si. Red. <i>DN.</i> 4 maio 86.....	olhasse <i>em roda de si, em redor de</i> si.
<i>As</i> mezas que guarnecem <i>á</i> toda a sua extensão o tombadilho é difficil encontrar <i>um</i> logar devoluto. R. Ort. 65.....	<i>nas</i> mezas que guarnecem o tombadilho <i>em</i> toda a sua extensão é difficil encontrar logar vazio.
Entrecortado de longe <i>a</i> longe. Id. 404.....	de longe <i>em</i> longe.
E <i>ao</i> meio de uma ovação. <i>Corr. Eur.</i> 9 jun. 86.....	<i>no</i> meio de uma ovação.
E a figura de bronze posta <i>ao</i> centro da praça. Red. <i>GN.</i> 7 set. 86.....	posta <i>no</i> centro.
O attentado .. foi motivado, segundo se pensa, <i>á</i> exaltação politica do aggressor. <i>Telegr. GN.</i> 12 maio 86.....	motivado <i>pela</i> exaltação.
Responder topico <i>a</i> topico. V. Mag. apd. <i>JC.</i> 30 nov. 86.....	topico <i>por</i> topico.
Traduzir palavra <i>a</i> palavra.....	palavra <i>por</i> palavra.
Apenas, de quando em quando, atravessa <i>ao</i> fundo. R. Ort. cit. 417.....	atravessa <i>pelo</i> fundo.
Vai <i>para</i> a rua de S. Jorge tentar fortuna <i>ao</i> vispora. Red. <i>GN.</i> 7 set. 86.	vai <i>á</i> rua de S. Jorge tentar fortuna <i>no</i> vispora.
Ficou o paiz com um engenheiro vulgar <i>a</i> menos e um actor distincto <i>a</i> mais. <i>Folh. de Lisboa JC.</i> 1 jan. 87.	um <i>de</i> menos ; um <i>de</i> mais.

Vê-se que as relações ou circumstancias de causa, companhia, contiguidade, direcção, distancia, fim, instrumento, logar onde, d'onde, para onde e por onde, materia, modo, nexo, ordem, possessão, os portuguezes de hoje exprimem pela só prep. *a*, e os brazileiros por innumeradas outras, herdadas do portuguez antigo, do port. classico de Camões,

de fr. Luiz de Souza e do p. Antonio Vieira. || Antes de verbo no infinito, com os auxiliares *estar, andar, ir* etc., *a* em port. hodierno é supprido, no Brazil, pelo gerundio. O port. « Estava a rir, ia a churar, andava a r'zar » diz-se em braz. « estava rindo-se, ou estava-se rindo, ia chôrando, andava rêzando ». || Depois da prep. *até* não usamos de *a*.

« Até o fim » braz. ; port. hod. « até ao fim » — « Vendo ora o mar até o inferno aberto » Camões, e assim se diz no Brazil; em Portugal, porém, « até ao inferno ». || Também não empregamos *a* antes de « um a um, um por um, pouco a pouco, pouco e pouco, mais, demais », como fazem os ports. « Refutando *a* um por um todos os factos de *uma* invenção pueril. » R. Ort. *Holl.* 376; no Br., refutando um por um. « A multidão aglomerada no Binnenhof dispersa *a* pouco e pouco ». Ibid. 376; no Br., dispersa-se pouco *a* pouco. « Se elle tentar proferir uma palavra *a* mais, e os *dous* amigos separão-se n'um silencio funebre ». Ibid. 373; no Br., « si elle tentar proferir uma palavra mais (ou demais), e os *dois* amigos se separão (ou separão-se) em silencio funebre ». ||

**ãatá** sf., canôa de casca de madeira. « Do sr. dr. Paranaguá, presidente do Amazonas, acaba de receber o sr. dr. Ladisláo Netto uma *ãatá*, canôa feita de um pedaço de casca de jitañy dos índios Ipurínus, que habitão o rio Aquery, affluente do Purús, e uma piroga ou igara dos índios Pamaris, do mesmo Purús, donde as trouxe S. Ex. de volta da sua excursão áquelle rio. A igara lembra a forma da que esteve exposta no salão Rodrigues Ferreira e que o sr. dr. Ladisláo Netto trouxe do aldeamento do rio Potiretá, o mais recondito dos índios Tembés; e a canôa de casca, ubá ou *ãatá*, comquanto lembre as ubás expostas no mesmo salão, tem as duas extremidades achatadas em forma de bico

de pato, como se achão figuradas na *Viagem Illustrada* de Marcoix ». Red. *JC.* 25 fev. 83 || ETYM. tp. am.  $\zeta$  *a* = *aa* pouco, ruim, mal + *atá* andar, caminhar, marchar.

**-aba<sup>1</sup>** suff., cabelo, pennugem, lâ: entra na comp. de muitos nomes brasileiros de plantas, animaes e logares. *Guaraciaba* cabelo do sol; *Icamiaba* cabelo de velho (*kimiab*); *piçaba* cabelo de criança. || ETYM. guar. *a*, *ab*; tp. c. *aba*: tp. am. *aua*.

**-aba<sup>2</sup>** = *hab* suff. part., logar, tempo, modo, causa, fim, instrumento com que se fazem as coisas: entra na comp. de muitos nomes braz. de logar e outras pal. usuaes. *Pindamonhangaba* logar onde se faz anzol (*pindá* anzol + *monhang* fazer, fabricar + *aba* logar onde); *Paranapiacaba* d'onde se afasta o mar (*paraná* agua muita como o mar + *peá* = *piá* afastar, apartar, arredar + *hab* = *cab* onde; serra em S. Paulo, até cujo sopé chegavão as aguas das baixadas de Santos); *Guarakessaba* pouso dos guarás (*guará* a *Ibis rubra* + *ké* dormir + *hab* = *çaba* onde). || ETYM. guar. *ab* = *hab*: tp. c. *aba*, *caba*, *haba*, *çaba*; tp. am. *aua*.

**abá<sup>1</sup>** pref. e suff., homem: entra na comp. de alguns ts. brazs., como *abaeté*, *abaré*, *emboaba* (seg. BC.), e outros que virão nos seos logares. || ETYM. guar. e tp. c. *abá*; tp. am. *auá*.

**abá<sup>2</sup>** pref., fructa: entra na composição de nomes de plantas. || ETYM. Corr. pop. do br. *ibá* fructa.

**abacaxi** sm., variedade do ananaz *Bromelia ananas* L., *Ananassa sativa* Lindl., denominada *Pyramidalis*

*alba* Mill., é a melhor fructa conhecida (Richard), justamente apreciada, pelo perfume e pelo sabor, nas mezas brasileiras, ao lado da laranja e da banana. || ETYM. corr. pop. do br. *ibáxaxi* = *ibácati* fructa rescendente, de cheiro forte. Alli, *x* = *tx* = *tch*.

**abade** sm., prelado da ordem benedictina. « *Mosteiro de S. Bento*. — Chama-se a attenção do exm. sr. d. Abbade para a obra que estão fazendo no predio da rua *Primeiro de Março*. » Apd. *J. C.* 19 mr. 83.

|| ETYM. prov. *abat*, *abbat*; hisp. *abad*; ital. *abate*, *abbate*; v. fr. *abé*; fr. *abbé*; lat. *abbas* (abl. *abbate*), e *abas* ap. Sidon. *Carm.* XVI, v. 114; hebr. *ab*; syrio *aba* pae. || LEX. PORT. prelado de monges, em geral; eremitação veneravel; cura d'almas, parochio; ant. confessor. Const.; nome geral dado aos chefes espirituaes, não só em mosteiros ecclesiasticos, mas ainda em seculares e meramente civis. DV. « O prior do convento do Carmo foi agraciado pela Santa Sé com os privilegios e insignias dos abbades regulares e o uso da cruz peitoral. » Red *J. C.* 15 jul. 83. Entende-se dos abades regulares da Europa; no Brazil, *abade* só de S. Bento. || ORTHOGR. us., com *bb*; etymol., indifferente, com *b* ou *bb*. Os lexs. ports. dão *abadão* augm. de *abade*; *abadar* provêr de *abade*; *abadengo* apresentação de *abadia*; *abadessa*, *abadado*, *abatina*. Não ha, pois, razão para preferir a geminação do *b*, nullo na pronuncia.

**abadessa** sf., fig. mulherona, alta e gorda; matrona respeitavel; matronaça.

**abaeté** sm., « nome brazilico de qualquer varão idoso e prudente » define DV. como si fosse t. us. na ling. braz.; mas sem fundamento, pois é voc. puro guar. ou tp. da costa, e nunca se abrazeirou, comquanto seja frequente em livros brasileiros. Rb. e Cor. não o recolherão; nem Aul. o reproduziu. || ETYM. br. *abá* homem + *eté* corr. de *eté* verdadeiro, legitimo, bom, honrado, illustre, grande, muito; donde, *abaeté* homem de bem (BC.). || HIST. titulo nobiliarchico do sr. visconde Antonio Paulino Limpo de Abreo, senador do Imperio, que acaba de fallecer (1884), digno realmente da alta qualificação de *abaeté*. Elle dizia chamar-se *Abaeté*, e não *Abaeté* como geralmente se pronunciava; e com razão, porque *eté* significa quasi o contrario de *eté*, isto é, feroz, terrivel, demasiado.

**abaixo-assignado** sm., requerimento, representação, memorial, attestado, felicitação, qualquer papel contendo um *cabeçalho*, em que se requer ou attesta alguma coisa, e assignado por muita gente. « Vá mais longe, ordenando ao tal typo que arranje um abaixo-assignado contestando a jogatina. » Apd. *GN.* 30 abr. 83. || ETYM. vem de começarem taes peças por estas palavras: *Nós abaixo assignados*, moradores em... etc. etc. || SYNON. *nós-abaixo*, *subscrição*.

**abajur** sm., abaixa-luz, quadro ou reflector de metal ou de papel que se põe nos lampiões para abater a luz. Littré. Neologismo necessario, pois não temos em braz., nem em port., t. correspondente; e o objecto existe com o seo nome popular de

*abajur* e *abajú* (já com a queda do *r* final, tendencia pronunciada da lingua brasileira). || ETYM. fr. *abat-jour*.

**abanador** sm., especie de abano para enxotar as moscas, na meza, quando a gente come: consiste simplesmente n'um ramo de arvore, ou em haste de páo fino e duro, em cuja ponta se amarra um mólho de tiras de papel compridas, que se agitam em roda da meza. || LEX. PORT. *abanamoscas*, *enxotamoscas*.

**abancar** sm., «tomar assento, assentar-se; us. em Minas Geraes.» Rb. || ETYM. prep. *a* + s. *banc(o)* + suff. *ar*. || LEX. PORT. existia já então (1853) em port., mas só na forma refl. *abancar-se*. Aul. dá *abancar* v. tr., intr. e pr.; mas é novidade; os outros lexicogr. não trazem n'aquelle signif. sinão o refl. *abancar-se*.

**abará** sm., «iguaria grosseira, feita com massa de feijão cozido, adubado com pimenta e azeite de dendê.» Rb. || ETYM. BR., citando a Neves Leão, dá como t. joruba, dos negros nagôs. Crowther e Courdioux não o trazem; nem Bouche, nem Lafitte o mencionão.

**abarbarado** adj., «terrivel, valentão, capaz de atirar-se aos maiores perigos.» Ces. «Sou gaucho abarbarado Da serra do Caverá; A faca de ponta grande E a cinta de tafetá, Por Deus e um patacão, Gosto d'isto, que é meo chá.» Ces. 114.

**abaré** sm., guar., «sacerdote selvagem, diz DV., é nome dado pelos indígenas do Brazil aos missionarios»; e cita este trecho de Simão de Vasconcellos: «E como esta gente se preza muito de que os Abarés (assim

chamão aos Padres) lhes gabem seos bailes e vozes.» Está no mesmo caso de *abaeté*, t. guar., que jámais se introduziu no uso vulgar. Note-se, porém, que *abaré* não significa «sacerdote selvagem»; ao contrario este é *abá pajê* homem feiticeiro ou sacerdote; o padre christão é *pai-abaré* padre homem outro, que «conserva comsigo até morrer aquella innocencia com que fôra amamentado.» *Conq. Espir.* || ETYM. tp. guar., s. *abá* homem + adj. *é* diverso, diferente, outro = 'ré.

**abatiz** sm., mais us. entre nós no pl. *abatizes*, t. tact. mil. «Trincheira defensiva, formada de repente com troncos e ramos de arvores, principalmente usada nas planicies pela infantaria. Servem tambem para tornar mais inacessivel um reducto e diffcultar a passagem do inimigo na direcção em que elle caminha. Os abatizes erão usados no tempo dos Germanos, como historia Tacito. O abatiz tambem pode ser offensivo.» DV. || ETYM. fr. *abatís* derrubada, córte, matança, em poncto grande, de arvore, de gente, de gado, de caça; extremidades da ave, como pés, cabeça, azas. Littré. || HIST. Introduzido na 6.<sup>a</sup> ed. de Mor. (1858), é t. braz., nacionalisado depois da Independencia.

**abarem** sm., «iguaria feita de farinha de milho com assucar.» Rb.; bolo envolto em folhas de banana e assado ligeiramente no forno, na frigideira ou nas brazas. || ETYM. BR., citando N. L., dá como t. joruba; pensamos porém ser o guar. *abereb* (*b* fin. nasal = *mb*) chamoscar, quei-

mar de leve, tostar. Entretanto não é raro deparar com termos equiformes e de igual significação nos dicionários das duas linguas geraes da Africa occidental e da America meridional, o bundo e o tupi. || *Deest in* Crowther e Courdioux.

**abichornado** adj., aniquilado. Ces. || ETYM. corr. pop. do cast. *abochornar* crestar ; irritar ; córar, envergonhar-se, encalstrar : intercurrencia da pal. *bicho* qv. || GEOGR. RGS. campanha.

**abobra** 1º sf., fructa da *abobreira*, *Cucurbita pepo* L. e de outras cucurbitaceas. « Os poetas gentis sertanejos. As abobras chamarão meninas. » P.º Correia *Son.*, alludindo á *abobra menina*. *C. pepo*, *C. max.* Duches. « Chegados os quatro á estação da Côte, perdem-se a gorducha e a abobora... Ora, como ambas são do sexo feminino e assemelham-se em corpulencia — embora eu ache a abobora mais magra do que a moça — adivinha-se logo que vai nascer d'ahi um *quiproquo* .. cada vez que os personagens perguntão : — « Que é d'ella? » os *mocistas* e os *abrobistas* respondem referindo-se á moça ou á abobora. » Folh. *J.C.* 12 mr. 85. « Ora vá plantar abobra ! » phr. de desprezo com que se despede algum importuno ; e corresponde á port. « vá plantar pés de burro ! » || 2º sm., fig. molleirão, fracalhão, sem prestimo ; anal. do fructo, cujo cheiro e sabor são quasi nullos. || ETYM. ? || ORTOPH. é lei constante a queda da vogal atona precedida de qualquer consoante e seguida de *r* ; d'onde *abobra*, *abobral*, *abobreira* (Nic. Mor., *Dicc.*

*de Plant. Medic. Braz.*), *abobrinha*, *abobrista* (ex. supra). Vj. *escrafunchar*, || SYN. 2º *banana*, *inhame*, *pacova*.

**aboiar** vn., « cantar á frente do gado ; toada pouco variada e triste : serve para guiar e pacificar as rezes, e sobre estas exerce muita influencia, quando saudosa e em viagem. » J. G. || ETYM. pref. *a* + s. *boi* + suff. *ar*, chamar boi. || GEOGR. Ceará. || LEX. PORT. *aboiar* va., amarrar na boia ; vn., boiar, fluctuar.

**abolição** sf.

**abolicionismo** sm.

**abolicionista** s. 2, termos novos, creados modernamente, para exprimir ideias relativas a medidas tendentes á extincção da escravidão. « Partido dos Estados-Unidos » dizem Littré e DV. ; podião accrescentar : — e do Brazil, e de todos os paizes onde se mantem como instituição social o abuso chamado *escravatura*, sustentado pelo homem ladrão, locupletando-se com o suor do homem roubado, á sombra da lei da força, tolerada por governos cobardes, em beneficio de sociedades que não têm clara a noção da justiça. || ETYM. do port. *abolir* ; lat. *abolere*, comp. do pref. *ab* diminuição, suppressão + *r*. ary. *ol* crescimento, augmento + suff. *ere* ; prov. hisp. fr. *abolir* ; ital. *abolire*.

**abombado** pp., muito cansado, arquejante, esfalfado. « De saudade inda me lembro De um dia em que lá cantei, E de amores abombado, Este verso botei. » Ces. 104. || GEOGR. Paraná, RGS.

**abombar** vn., cansar, esfalfar-se, ficar arquejante : « diz-se que o ca-

vallo *abombou* quando, tendo feito grande viagem em dia de calor, fica em estado de não poder mais caminhar ; mas, depois de refrescar, ainda pode continuar a viagem. » Cor. || ETYM. pref. *a* + s. *bomb* (*a*) globo, corpo redondo, bola + suff. vb. *ar*; do mesmo modo que o v. port. *abolar* vem de *bola* corpo redondo, e sign. « derrubar o que está levantado, amassar como uma bola, embotar .. Faria e Souza .. diz: *abolar* é deixar alguma cova ou buraco, finalmente desegualar com golpe qualquer coisa que estava igual ou lisa, como soem de ser os arnezes. » DV. A ideia é a mesma: *abombar* é *abolar*, amolgar, amassar, fazer de qualquer coisa *bola*, *bolo*, *bomba*, *massa*, amarrotar, machucar, pisar. B. Roh. pensa que o voc. é guarani, e promete justificar. || GEOGR. Paraná. RGS. || SYN. *abolar*, *assolear*, *assonsar*. « Mas o do luzo, arnez, couraça e malha Rompe, corta, desfaz, abola e talha. » Camões III, 51. *Abatatar*, *atomatar* dão a mesma ideia de reduzir um corpo a massa molle e informe, a monte, montão, corpo limitado por linhas curvas como a *bola*, a *bomba*, o *tomate*, a *batata*.

**abotoar** va., agarrar pelos botões do paletó, da farda, da camisa; segurar botando a mão no peito de outrem (port.: deitando a mão ao peito d'um outro). || ETYM. pref. *a* + s. *bot*(*ã*)*o* + suff. vb. *ar*. || LEX. PORT. metter os botões nas casas.

**abrideira** sf., bebida de espirito, em pequena quantidade, antes da comida, para abrir o appetite; de ordinario, um copinho (port. *copito*)

de aguardente, laranjinha, paratí, cognac. || ETYM. f. de *abridor*, do v. *abri*(*r*) + suff. m. *dor*, f. *deira* agente. || GEOGR. Min., R. Jan.

**abridor** sm. instrumento consistente em pequena lamina de aço encabada em madeira, para abrir latas de conservas alimentares, como sardinhas de Nantes, lombo de Portugal, compotas francezas etc. || ETYM. v. *abri*(*r*) + suff. *dor* agente. || LEX. PORT. adj. e sm. que abre; sm. gravador.

**abrir** va., « dobrar as franças das folhas de palmeira, obrigando-as a sahirem perpendiculares da haste, de modo a assentarem bem sobre o tecto e as paredes ». J. Veriss. *RAm.* I, 194 || ETYM. lat. *aperire*.

**abrir-cancha**, dar lugar. Ces. || GEOGR. campanha RGS. Vj. *cancha*.

**abrir-o-cavallo** = *tirar-o-cavallo-da-chuva*, loc. equivalente a mandar que outrem retire o que disse. Ces. Vj. *cavallo*.

**á bruta** loc. adv., em grosso, em monte; informemente; em grande copia, innumeravelmente. « Comer á bruta », com intemperança. « Correr á bruta », a perder o folego. « Havia gente á bruta », multidão sem conta e atropelada.

**abrutalhar-se** vr., embrutecer-se, tornar-se bruto, grosseirão. || ETYM. pref. *a* + s. *brut* (*o*) + suff. *alh* (*o*) peyor. + suff. vb. *ar*. || LEX. PORT.; *abrutar*, *abrutecer* = braz. *embrutecer*.

**absenteismo** sm., systema dos fazendeiros ricos de serrácima, no Rio de Janeiro e Minas, que não residem nas suas terras, e vão despender na

Côrte ou na Europa os rendimentos das fazendas. « Um [escripto] com data do Rio 5 de Abril, no qual o que ha de mais interessante é uma allusão, em poucas linhas, ao *absenteísmo* das classes abastadas, que vão gastar o seo dinheiro na Europa, ou o empregão em aquisição de valores estrangeiros ». Corrp. Berlim *JC.* 4 jun. 86. || ETYM. fr. *absentéisme*; do ingl. *absentism*, de *absentee* que se ausenta do seo paiz ou emprego; do abl. lat. *absente*, que deu o v. *absentare* ausentar-se.

**abuna** sm., padre, frade: nome que os indios das Missões davão aos jesuitas, alludindo á sua roupeta negra. || ETYM. br. s. *ab(á)* homem + ad. *una* negro, preto.

**acaboclado** pp., parecido com caboclo; côr de cabloco. « Mulato acaboclado » que tira mais a indio do que a negro. || ETYM. pref. *a* + s. *cabocl(o)* + suff. pp. *ado*.

**acaboclar-se** vr., atrigueirar-se, queimar-se no sol, ficar côr de caboclo. || ETYM. pref. *a* + s. *cabocl(o)* + suff. vb. *ar*.

**acaçá**, vj. *acassá*.

**acachapar** va., abater; achatar. || « Folhetim acachapado pelo noticiario ». Red. *FV.* 11 maio 85. || ETYM. corr. pop. do port. *acaçapar-se*, por intercurrencia de *escachar* abrir de meio a meio; pois é-nos desconhecido o t. *caçapo*. || LEX PORT. *acaçapar-se* agachar-se como o caçapo.

**academico** sm., estudante do curso superior de qualquer faculdade; especialmente da de S. Paulo e Pernambuco, onde o termo se emprega por opposição aos estudantes do curso

de preparatorios, professados no mesmo edificio (*bichos*), e aos estudantes de collegio (*cascabulhos*).

**acaipirado** pp., feito *caipira* qv.; de maneiras esturdias; acanhado, sem desembaraço na sociedade.

**acaipirar-se** vr., tornar-se caipira; adquirir habitos e modos de fallar do roceiro ou matuto.

**açalpão** sm., gaiola com armadilha para apanhar passaros: dentro da gaiola vai o *chama* qv. || ETYM. metathese do port. *alçapão*. || HIST. O povo já o vai convertendo em *açarvão* e *sarvão*; e não será de Apollo prever que a intercurrencia de *sapo* virá converter *alçapão* em *sapão*, de bocca aberta para apanhar passarinhos, como o sapo para apanhar insectos.

**acan** = *acang* pref. e suff., cabeça: entra na composição de algumas palavras brasileiras. || ETYM. guar. *acan* = *acang*; tp. *acanga*, *canga*.

**acanalhar-se** vr., tornar-se *canalha* qv.; desmoralizar-se, perder o prestigio. || ETYM. pref. *a* + s. *canalh(a)* + suff. vb. *ar*.

**acará**<sup>1</sup> sm., peixe escamoso, cascudo, de que se conhecem varias especies em todos os rios e lagos do Brazil; apreciado pela sua carne branca e sabor delicado: *carapeba*, *carapicú*, *caratinga*, *carauna*. Vj. *cará*. || ETYM. br. adj. *acará* = *cará* cascudo, escamoso. Entra em varios tt. braz.

**acará**<sup>2</sup> sm., pão, bolo, croquette frita em azeite de dendê; « comida feita de massa de feijão cozido, com a fôrma de bolas, que são fritas em azeite de dendê, com pimenta malagueta ». BR. vb. *acarajé* = *acará*. ||

ETYM. jor., dah. *acará* pão, bolo; fb. *acrá*. || GEOGR. Bah., RJan. Na Costa dos Escravos, o *acará* não faz parte da comida ordinaria; é especialidade, prato de gulodice (*un hors-d'oeuvre, presque une friandise*, diz Bouche), e distingue-se em *acará-bovôbovô* em forma de anel; *a.-avon* especie de filé; *a. folhado* mistura de *ocrô* (planta comestível) e feijão branco; *a.—cu* (*acará da morte*) biscoito secco, que se conserva por muito tempo e serve de viveres de campanha. Bouche 62.

**acarajé** sm., *acará* <sup>2</sup>. || ETYM. jor. *acará* + *jeh* comer, comida. Falta, entretanto a prep. *tí* ou o apostrophe (signal de genitivo) que ligue as duas pals. || ORTHOGR. *carajé*. SP.

**acassá** sm., 1.º « angú preparado com farinha de arroz ou de milho, e serve de conducto ». Rub. *RIH*. 1882. || 2.º angú « sómente de fubá mimoso de arroz, reduzido a uma massa gelatinosa, que, desfeita em agua com assucar, se toma no verão como refrigerante ». Rub. *l. c.* || 3.º fig. perfume rescendente; attractivo; coisa que embriaga.. « O ardor do carurú não impelle a tanto; o acaçá do poder aconselha, pelo contrario, ganhar tempo ». Patroc. folh. *GN*. 4 jul. 81. || 4.º fig. refrigerio, calmante. « O mais do discurso do sr. Dantas, respondendo ao sr. Vianna, foi verdadeira agua de flor, fresco acaçá.. trescalando gratidão e ternura ». Red. *FN*. 10 jun. 84. || ETYM. jor. *acassá* = *êcô* bolo de massa de farinha de milho fermentada (*agidi*), do tamanho de uma laranja, envolto em folha de bananeira e tostado no fogo.

Bouche 59. É o prato nacional da Costa dos Escravos, na Africa Occidental. A etym. de Rub. do guar. *caaçá* coisa cozida ou assada, que elle viu em M. (*caaçã* cosa cocida o assada) é uma das fórmãs do part. *caêhab* = *caençab* enxuto, secco, tostado (d'onde *mocaê* moquear, fazer enxuto, tostar) = *caêçã*, que já está longe de *acaçá*. || ORTHOGR. B. Rohan e P. Bouche escrevem com *ss*; Rubim e os jornalistas da rua do Ouvidor, á portugueza, com *ç*. Preferimos com *ss*. || SYNON. 2º *garapa de acassá*. Bahia; *pamonha de garapa*. Pern. (B. Roh.).

**acatingado** adj., que tem alguma *catanga*, menos que *catungoso* ou *catungento* qv. « Inqualificaveis estylos de um Senio, com os seos Canhos escanhoados e as suas Catitas acatingadas ». F. Tav. *Quest.* I, XI, 13. || ETYM. prep. *a* + s. *catung(a)* + suff. pp. *ado*.

**acceite** sm., vj. *accite*.

**acceito** sm., vj. *aceito*.

**accentos prosodicos** são tres no luso-brazileiro: o *accento agudo* ´, que faz aberta a vogal *e*, *o*, e sempre carregada ou forte aquella sobre que recae: *acassá, Maricá, café, Itambê, sirí, Piquirí, coió, Marajó, angú, Acaraú*; o *accento circumflexo* ^, que faz fechada a vogal *e*, *o*; *mercê, canjirê, Itiberê, avô, zorô*; o *accento nasal* ou til ~, que a nasaliza ou torna fanhosa: *romã, pirão, mães, irmãos*. || Os *accentos prosodicos* nas palavras derivadas do latim exprimem sempre contracção: o primeiro e o segundo, de vogal identica ou analogo; o segundo e o terceiro, da

consoante nasal *n*. O s. *pé* vem do abl. lat. *pede*, que perdeu a consoante media *d* e ficou *pee*, que se contrahiu em *pé*. O s. *mercê*, do abl. lat. *mercede*, *mercee*, *mercê*. O s. *arêa*, do lat. *arena* = *arenna*, *aren-a*, *arê-a*. O v. *vi*, do pret. lat. *vidi*, *vi*, *vi*. O s. *avô*, do b. lat. *avolo*, *avoo*, *avô*. O adj. *nú*, do lat. *nudo*, *nuo* (pron. *nuu*), *nú*. O s. *mão*, do lat. *manu* (pron. *mã-nu*), que perdeu o *n* e ficou *mã-u* = *mão*. O s. *irmã*, do lat. *germana*, *germãa* = *hermãa* = *ermã* = *irmã*. O adj. *vão*, do lat. *vano*, *vã-o*, *vão*. || Nas palavras oriundas de linguas estrangeiras, os accents são meramente tonicos: *cajá*, *ipê*, *juvevê*, *caurí*, *sací*, *quingombô*, *calundú*, *zungú*, *tabôca*, *cavôco*, *carimã*. || ORTHOGR. O accentto nasal fóra do ditongo *ão* substitue-se por *m* ou *n*: *poã* = *poan*, *cecê* = *cecem*, *mutũ* = *mutum*; salvo, si recahe sobre vogal seguida de vogal com que a consoante faria syllaba: *ãatá* não se poderia escrever *anatá*. || O accentto grave *˘*, que Garrett considerava extranho ao portuguez, não tem uso entre nós. Poucos o empregão, e só para exprimir que é breve alguma vogal que costuma ser longa, como o *e* antes do *a*: *Gavèa*. Propomol-o para distinguir a prep. *a* nos casos duvidosos. « Como vai a guerra? » (*a* art.); « Como vai à guerra? » (*a* prep.) « Matar a fome » (*a* art.); « matar à fome » (*a* prep.).

**aceirar** vn., abeirar; circular, rodeiar, estar de fora, observando e mudando de posição para melhor ver; approximar-se de alguém ou de alguma coisa, espreitando. « Aceirar o jogo » é vel-o de fora, mas tomando interesse na

sorte dos jogadores. || ETYM. s. *aceir* (*o*) beira, facha de terra, limpa d'enxada, em redor da derrubada, para impedir que o fogo da queimada passe pr'as capoeiras e roças vizinhas + suff. vb. *ar*. Analogia do fogo, que percorre toda a derrubada; mas só no espaço abeirado pelo aceiro. || LEX. PORT. dar tempera de aço; metter na ceira; assoldadar; fazer aceiro. No Br. só empregamos o primeiro e o ultimo signifs. *Ceira*, cesta de botar fructa, não se conhece cá.

**aceite** sm., «declaração escripta de quem acceita lettras de cambio ou da terra, pela declaração exarada nellas das palavras sacramentaes: *Acceito*, sendo um só aceitante; *Acceitamos*, sendo aceita por dois ou mais aceitantes. *Cod. do Comm.* art. 394 ». Teixeira de Freitas, *Vocab. Jurid.* || ETYM. lat. *acceptus*<sup>3</sup>, abl. *accepto*. || ORTHOGR. tem prevalecido a phonographica, escrevendo-se com um *c* só.

**aceito** pp. de *acceitar*, recebido, admittido; bemquisto; agradável. || ETYM. abl. lat. de *acceptus*<sup>3</sup>. || LEX. PORT. *acceite*.

**achamurrado** pp., achatado; grosso e chato. « Era um cabra curiboca De nariz achamurrado, Tinha cara de pipoca ». SR. 1, 75. || ETYM. parece corr. pop. do hisp. e port. *achaparrado*, ¿ por intercurencia do v. *esmurrar*, visto não conhecermos no Brazil o s. port. *chapparro*. || GEOGR. Ceará.

**acochar** va., conchegar apertando, calcando. « O sebo está muito caro, Stá valendo um dinheirão: Quero ver com que se acochão Estes cocós

de cordão ». SR. 1, 64. || ETYM. hisp. *acocharse* agachar-se. || GEOGR. Ser-gipe, R. Jan. etc. || HIST. Blut. traz na forma reflexiva, e como signif. de agachar-se. Roq. dá nas formas activa e reflexiva. Aul. não inclue o voc., que parece ter-se antiquado em Port.

**açoiteira** sf., 1º chicote curto de que usão os cavalleiros. || 2º, pl., « as pontas das redeas com que o cavalleiro açouta o cavallo ». Cor. || ETYM. cast. *azotera*, do ar. *assoate* + suff. *era*. || GEOGR. no sg. RJan.&; no pl. RGS. || ORTHOPH. Cor. recolheu o voc. sob a forma port. de *açouteira*; mas, no Brazil, pronuncia-se *açoite*, *açoiteira* = *açoitêra* || SYN. *rebenque*, *tala*.

**acolherar** va., 1º « reunir dois cavallos por uma guasca chamada *colhera*, afim de que não fuja o cavallo que não está aquerenciado ». Ces. Cf. Cor. || 2º, por ext., acamaradar-se, amigar-se. « Louco e cheio de amor Andava como um demonio, E já queria metter-me No curral do matrimonio. N'isto chega um cajetilha Mui alegre e rufião, Acolherou-se com ella, E já me ganhou de mão. « Ces. 105. || ETYM. cast. *acollerar*; hisp. *acollarar*.

**acostumar-se** vr., dar-se bem no logar, gozando saude e passando a vida á medida dos desejos, independente de se adoptarem ou não os costumes locaes. N'este sentido, é muito usual no Paraná perguntar a quem está de fresco na terra: « O sr. se acostuma aqui? » como quem diz: « vai logrando saude? tem gostado do logar? » O signif. port. de *acostumar-se* é habituar-se, adquirindo os usos e cos-

tumes da população, affazendo-se ao clima, gostando da alimentação, folgando com as relações sociaes, adaptando-se, emfim, ao meio onde a gente se acha: ideia complexa, predominando a influencia dos costumes da localidade sobre o seo novo habitante; mas, n'aquella phrase paranaense, o *acostumar-se* é, antes de tudo, acclimar-se, e depois achar a gente o melhor modo de levar a vida, — ideia mais restricta, e relativa antes ao meio physico do que ao moral. A' phr. paran. corresponde esta fluminense: « o sr. se dá (ou dá-se) bem aqui? vai passando bem? tem gostado d'isto? »

• **açú** = *assú* = *guaçú* = *oçú* = *uçú* suff., grande, grosso, graúdo, grosseiro: entra na comp. de muitos nomes de logares, animaes e plantas do Brazil: *Paraguaçú*, *Manhuassú*, *Mogyguaçú*, *Caboçú*, *tatúguaçú*, *andáuacú*, *pindebossú*, etc.

**acuação** s. f., 1º, acção de acuar de perseguir a caça até obrigar-a a entocar. || 2º, fig., perseguição do inimigo até mettel-o em reducto donde não possa fugir. « Depois de grande algazarra, Ferrão dura acuação; O Bugre acode: o que viu? Proficua, austera licção. » Apd. *JC.* 12 ag. 82.

**acuar** 1º vn., sentar-se (o cão) ao pé da toca ou da arvore onde se refugiou a caça, e ahi ficar ladrando até que chegue o caçador. || 2º va., perseguir (o cão) a caça, ladrando, e obrigar-a a entocar, ou a trepar em arvore, ou a tomar pela *espera*, onde a aguarda o caçador. || 3º, por ext., perseguir o inimigo até pol-o em sitio. || ETYM. pref. *a* + s. *cu* + suff.

vb. *ar.* || LEX. PORT. o 1º e o 2º signifi. tral-os Blut. Roquette dá-os todos tres, e accrescenta: recuar; ficar confundido em argumento, entocar; parar (o cavallo) e não querer andar: empregos que *acuar* não tem entre nós. Aul. consigna o 1º, e mais: recuar, ceder.

**adestra** adv. de logar, e **adestro** 1º adj., ao lado. || 2º adv., que vai ao lado, para preencher falta; sobresalente: diz-se principalmente de cavallo que se leva para muda em caminho. || ETYM. corr. pop. de *adextra* á mão direita; do lado direito; em geral, ao lado: do lat. *ad dexteram*. || HIST. arch. em Port., este termo é vig. no Brazil. Bluteau define: *adestro* diz-se de coisas que se levão de mais, por allivio e por estado. « Mandou-lhe dar outro andor, que trazia adestro. » Barros I, dec. 75, col. 3. Cf. Vit. vb. *adextrado*. Já não o dão Roq. nem Aul. Nem mesmo trazem *adestra*, vig. em Port. no sec. XVIII, sg. F. J. Freire. || ORTHOGR. com *s*, ou com *x*; *adextra*, — *o*. || ORTHOPH. *e* aberto (*é*).

**adjectivo possessivo** antes de nome de parentesco, com referencia á pessoa que, com quem ou de quem se falla, é imprescindivel. « Meo pae, tua mãe, nossos irmãos, suas tias. » Não leva artigo, salvo si entre o possessivo e o nome se interpõe adjectivo qualificativo. É a regra do italiano. « Meo pae, tua mãe, seo tio, nossos irmãos, vossas filhas, seos cunhados; o meo velho pae, a tua sancta mãe, o seo generoso tio, os nossos bons irmãos, as vossas queridas filhas, os seos aman-

tes cunhados. » || SYNT. PORT. o adj. poss. na especie é sempre precedido do artigo. « O meo pae, a minha mãe, os nossos filhos, as vossas irmãs », quando não suprimem o possessivo como é de regra lá. « O pae, a mãe, os irmãos, os tios, » significando *o meo, o teo, os nossos, os vossos*.

**adjutorio** sm., auxilio que um vizinho tem o direito de exigir dos outros para os serviços da lavoura, segundo o costume local. « Parentes, amigos e vizinhos, no mais cordial *adjutorio*, com elle arrancão, raspão e cevão a bemdicta raiz. Levão-na á prensa, á peneira, ao forno. » R. Theoph. 86. || ETYM. lat. *adjutorium* (abl.—*o*). || GEOGR. Ceará, RJan.

**administrado** sm. e adj., indio escravizado. Por euphemismo, em vez de *escravo* dizia-se *administrado*. « Tres mil tupys (estes são os indios administrados dos paulistas, que n'aquelle tempo tinham por seos administradores os que no sertão os conquistavão e do centro da gentildade os trazião ao gremio da Egreja, ficando os seos descendentes tambem administrados). » P. Taq. *RIH.* 1869. I, 185. Vj. *amo*.

**administrador** sm., a principio senhor de indio captivado nas entradas do sertão, como se vê do ex. supra; hoje, feitor-mór das fazendas cujos donos residem na Côte, ou nas capitaes das provincias, ou em outras fazendas: preside aos feitores da roça e do terreiro, á enfermaria etc., superintendendo no serviço geral da fazenda.

**adornar** vn., port. *adernar*: cair de banda, para um lado. O port.

*adernar* é *abaixar-se*, abater. « Foi quando ouviu uma forte pancada; então, olhando para traz, viu Justino adornado sobre o balcão e Lino perto d'elle... E d'ahi a pouco, voltando d'alli, já viu Justino morto no chão, e, junto a seo corpo, grande porção de sangue. » Autos crimes, Cabofrio, 1884. || LEX. PORT. ornar, aformosear.

**adufo** sm., pandeiro, com fundo de couro: instrumento musico muito us. nas folias do Espirito-Santo. || ETYM. ar. *addofe*; hebr. *hadaff* pandeiro. || LEX. PORT. *adufe*.

**adverbios em mente.** Uma das bellezas do port., que conspirão para dar lhe o tom masculino e energico pelo qual tanto se avantajava ao francez, é a suppressão do suff. *mente* em um ou mais adverbios d'essa forma, quando concorrem dois ou mais, conservando-se só no ultimo; ex.: « vinha tardia, lenta e vagarosamente; appareceu subita e inesperadamente; batalhou firme e intrepidamente; morreu calma e valorosamente. » Em fr., os adverbios em *ment* hão de por força arrastar-se com toda a sua longa cauda. Estes exs. são de Ramalho Ortigão: « O movimento litterario foi subitamente e violentamente refreado pela censura. Inicia-se um novo regimen de tolerancia e de liberdade relativa, o qual findou rapidamente e completamente com a reacção subsequente á sublevação da Polonia. » Carts. Ports. in *GN.* 24 nov. 82. N'essa Carta ha, em 2 1/2 estreitas cols. da *Gazeta*, boaduzia e meia de compridos adverbios em *mente*. « As cousas passavão-se tão simplesmente como *se* cada um es-

tivesse *tranquillamente e confortavelmente* exercendo no *seu* escriptorio ou na *sua* officina o trabalho legal da *sua* profissão. » Id. *GN.* 4 dz. 82. No Brazil escrever-se-hia: « As *coisas* se passavão tão simplesmente como *si* cada um estivesse no escriptorio ou na officina, exercendo tranquillamente e confortavelmente o trabalho legal da profissão. » A repetição de *seo*, *sua*, *um*, *uma*, sem necessidade, é outro francezismo do Chiado. « E assim progressivamente até *ao* duodecimo caderno vai o discipulo aprendendo racionalmente e praticamente a traçar as letras, de sorte que o estudo se torna muito facil. » Red. *GN.* 28 dz. 83. « Os casamentos são canonicamente e civilmente legaes. » Edit. *GN.* 2 abr. 85. « É preciso que a lei regule taxativamente e expressamente. » Ibid. Em luso-braz., isto é, em bom portuguez, supprimia-se o primeiro s. *mente* em cada uma d'essas phrases. « D. Fernando, dirige-se gravemente, colericamente e sardonicamente a Passos Manuel. » A. Zeferino Candido apd. *JC.* 17 jan. 86. || No Brazil, frequentissimas vezes, mesmo na linguagem popular, elimina-se, á grega, a termin. *mente*. « Corre violento, come apressado, caminha lento, » por «corre violentamente, come apressadamente, caminha lentamente, » são phrases muito usadas, mais ainda cá do que lá. Este grecismo, uma das bellezas do port. antigo, conservado aqui tão vivo, e tendendo (segundo parece, julgando pelos escriptores) a perder-se em Portugal, prova a verdade da these de José Jorge, que o portuguez puro é o que se está

fallando no Brazil, é o luso-brazilero.

**afamilhado** part. pass. de

**afamilhar-se** vr., ter muitos filhos, encher-se de familia. « Esse ministro deve ser, com seos collegas, uma commissão do parlamento, e não um commissario de cada deputado ou senador, cheio de compromissos ou afamilhado. » Red. *Braz.* 27 dz. 83. || ETYM. pref. *a* + *familh(a)* = *famili(a)* + suff. pp. *ado*. || GEOGR. Minas, S. Paulo, R. Jan., Paraná etc.

**afan** sm., ancia; cansaço, fadiga; lida, trabalho penoso. || ETYM. voz onomatopaica de quem está cansado (DC.), deu logar ao b. lat. *affanare* e *ahanare*; prov. *afan*; cat. *afany*; hisp. *afan*; port. *affan*, *afan*; ital. *affanno*; fr. *ahan*: troca de *h* aspirado por *f*. Raynouard, *Lex. Rom.*, verificando a existencia da palavra antes do anno de 1000, aventura-se a derival-a do ar. *ana*, labor, fadiga, pena « cujo primeiro *a*, fortemente aspirado, havia de ser reproduzido por *af* »; e Denina, cit. por Honnorat, diz que vem do ar. *afan* ou *ufan*, pezar; mas nem Souza, nem Engelmann o trazem. Para Du Cange, o t. formou-se da interj. *ahan!*, exclamação de cansaço de quem *labori succumbit*. Diez acha razoavel esta explicação; e comquanto depare com o gaelico *fann* cansado, *fainne* cansaço, fadiga, correspondente ao adj. kymri *gwan*, não lhe dá pezo porque o *f* gael. = *gw* kymr. não se troca pelo *f* lat., porém pelo *v*; e umoutra pal. kymri *afan* combate, agitação, sedição, não basta para filiar a etymologia. || HIST. Em França, como em Portugal, a pal. *ahan* = *afan*

cahiu em desuso: entretanto, observa Littré, seria bom fazer esforços para conserva-la; pois é expressiva, e relacionada com todas as linguas romanas. No Brazil, já conseguiu esse desideratum o genio de Alvares de Azevedo, o *poeta dos vinte annos*, rejuvenescendo o vocabulo, que ahí está vigente, com os seos derivados *afanar-se* e *afanoso*. || ORTHOGR. Brandão, *Monarch. Luzit.* liv. 17 cap. 54, *afão*; Bl. *afam*; Vit. *afanar*, *afanoso*, *affam*, *affan* (sec. XIV); Mor. *afão*; Roq. *afão*, *afan*, *afano*; DV., Aul. *afan*. Admittida a etym. de Du Cange, é inadmissivel a geminação do *f*.

**afanar-se** vr., cansar-se, fatigar-se, afadigar-se, trabalhar com excesso. || ETYM. b. lat. *affanare* trabalhar com as mãos; d'onde *affanator*; hisp. *affanador* operario; v. fr. *affaineur*, *affanour*: b. lat. *ahanare* lavrar o campo; voz de quem, vencido pelo labor, succumbe exclamando *ahan!* (DC.). Sg. Diez, o v. port. *afanar* era transit. e intransit.; e o v. fr. *ahaner* ou o b. lat. *ahanare* significava trabalhar de enxada, lavrar a terra: donde *ahans* o cultivo dos campos; *ahanables* campos de cultura, terras de lavoura. No Braz. temos só a forma reflexiva com o signif. port. ant. || HIST. ant. em Port.; vig. no Br. desde 1852.

**afandangado** pp. de

**afandangar** va., 1º cantar, tocar ou dançar em estylo de fandango. || 2º imitar os requebros do fandango. « Lundum afandangado; polka afandangada; afandangando a modinha na viola (port. « a modinha á viola). » || ETYM. pref. *a* + s. hisp. *fandango* + suff. vb. *ar*.

**afurá** sm., bolo de farinha de arroz fermentado, o qual, diluido n'agua adoçada, produz bebida refrigerante; especie de *acassá*. || ETYM.? *Deest in* Crowther, Courdioux, Davis, Steere, Bleek, Bouche, Lafitte, Hartmann etc. || GEOGR. usado entre os nagôs e na Bahia. BR.

**agaturrar** va., agarrar; prender, capturar. || ETYM. corr. pop. de *capturar* (pronunciado *caturar*) por intercurrencia das pals. *gato* e *garra*: troca natural de *c* por *g*; queda do *p*, nullo na pronunciação, e geminação do *r*. Vj. *gaturrar*.

**agauchado** pp. de

**agauchar-se** vr., tomar habitos de *gaucho* qv.

**agregado** sm., morador gratuito das terras da fazenda, obrigado a certos serviços pessoases em favor do fazendeiro. « Os corpos enfraquecidos, que, sem trabalho nem pão, são a grande fonte onde o fazendeiro vai buscar os servos que chama *agregados*, e o Governo os seos *capangas*, os seos *volantes* e os seos *soldados* .. *agregados*. Estes são uma especie de *bohemios* sem domicilio certo; pois que, ao menor capricho do senhor das terras, têm de pôr os trastes ás costas e mudar-se». SR. *Hist. L.* 47. || ETYM. lat. *aggregatus*<sup>3</sup>; prov. *agreguado*; hisp. *agregado*; ital. *agregato*: do voc. lat. *aggregare*, de *ad* + *grex*, *-gis* rebanho. || SYNON. *camarada*, *foreiro*, *morador*.

**agir** vn., obrar, fazer, proceder. «Por sua vez, a auctoridade ver-se-ha compellida a agir. Comprehende-se que a auctoridade actue espontaneamente quando se tracta de coisas

graves». Disc. sen. Aff. Celso *JC.* 12 abr. 82. « Ellas [historias e anedotas dos indios] nos mostram como age o espirito humano sem cultura e só inspirado pela natureza ». Claudio Soido *REA.* 83. || ETYM. lat. *agere* (r. sanscr. *aj* mover); fr. *agir*, que suppõe o lat. \* *agire*. Littré. || HIST. a lingua lusobrazileira já possuia os vocabs. *coagir*, *exigir*, *reagir*, *transigir* (que confirmão a supposição de Littré), *acção*, *acto*, *agente*: aquelles, composições do v. lat. *agere*; e estes, ablativos dos ss. lats. *actio*, *actus*, e p. pr. *agens*<sup>2</sup>. Era logica a formação de *agir*, que é novo e se creou no Brazil primeiro que em Portugal, graças a esse requintado e ridiculo escrupulo que nos enche de horror á vista de um cacophaton, ainda mesmo phantastico. Não ha duvida, *agir* foi inventado por falso pejo; porquanto, o seo synonymo *obrar* é empregado pelo povo no sentido de evacuar materias excrementicias. E ainda não está acclimado, não é popular, nem mesmo entre os escriptores e oradores, que não ousão conjugal-o em alguns tempos, conservando-o defectivo, e substituindo-o por *actuar*, como no primeiro ex. supra. Ahi, em vez de *actue*, o orador podia dizer *aja*, como diria *coaja*, *reaja*.

**agorinha** adv. dim., agora-agora, ha pouquinho, ha poucos instantes, ainda agora, agora mesmo, quasi n'este mesmo momento. « Agorinha mesmo me acabão de mostrar a copia de um contracto ». Folh. *Fl.* 21 mr. 86. « Agora é que você chegou? — Agorinha mesmo ». Fr. Jr. *Folh.* 164.

|| ETYM. adv. *agor(a)* (lat. *hac hora* n'esta hora) + suff. f. *inha* dim. Cp. *longinho*, *pertinho*. Vj. *diminutivo*.

**agreste** sm., o *littoral*, nas provincias do Norte, opposto ao *sertão*, como no Paraná a *marinha* é o littoral opposto á *serra* e aos *campos*. « Cumpre notar que hoje conta o sertão mais duas comarcas, creadas depois d'aquella epocha. Isto deve ser levado em linha de conta, quanto á egualdade da população, para o districto do agreste ou littoral. O Decr. n. 1108 .. dividiu esta provincia em dois districtos eleitoraes. Rio Gr. N. corr. *JC.* 28 nov. 81. « A falta das chuvas destruiu a planta do algodão nos agrestes e catingas ». Pernamb. trs. *Diar. Br.* 28 mr. 84.

|| ETYM. lat. *agrestis*<sup>2</sup>, de *ager*, *agri* o campo: o campestre, a campina, a planicie coberta de capim nas dunas, as restingas e marinhas do littoral. || LEX. PORT. s. homem do campo; adj. campestre, rustico, tosco, rude, grosseiro, desabrido.

**agrestia** sf., rudeza, rusticidade; grosseria. « O SR. CARVALHO MOREIRA: — É agrestia do meo character. O SR. FURTADO: — O nobre deputado não permite estas observações? » Disc. dep. Furtado sess. 5 ag. 48.

|| ETYM. adj. *agrest(e)* + suff. *ia*.

**aguachado** adj., gordo, barrigudo e largado ha tempo: diz-se do cavallo. Ces. || ETYM. cast. *aguachado*? || GEOGR. RGS. || ORTHOGR. BR. escreve com *x* (=ch).

**aguapé** sm., 1º *Nymphaea nelumbo* Pison., nympheacea de S. Cruz (RJan.) e seos arrabaldes pantanosos. Nicol. Mor. || 2º, *Villarsia nymphaeoides*, da

mesma familia, flores brancas e aromaticas, fructos comestiveis. || 3º por ext., nome dado ás nympheaceas e mais plantas aquaticas que alastrão a superficie dos lagos. « Na maior parte do anno, ella [bahia de Caceres], como as outras lagoas ás bordas do Paraguay, mais parece extenso e nivelado prado do que uma massa de agua, coberta de aguapés, nenuphares, victorias-regias e de varias especies de cyperaceas e gramineas aquaticas a que no Amazonas chamaõ *caranas*, cujas extensas hastes e grossos rhizomas formão um tecido tão emmaranhado e cerrado que detem muitas vezes a marcha de vapores, até de grande força ». Sev., I, 314. « No dia 20 do passado, appareceu em uns agoapés [*sic*] das proximidades do passo do Arroio-grande o cadaver do inditoso Antonio .. capataz da estancia do sr. dr. V... Estava mettido no aguapés até o pescoço ». Red. *Braz.* 3 nov. 85. || ETYM. br. *aguá* redondo + *pé* chato, allusão ás folhas das nympheas. || HOMON. licor tirado do pé da uva repizada no lagar, com mistura d'agua; vinho fraco. || ORTHOGR. *agoapé*, como no 2º ex., é corr. erud., por intercurrencia do s. port. *agoa* agua, o meio onde vivem essas plantas. || ORTHOPH. tp. c. *auapé* (Pará).

**aguaxado** adj., vj. *aguachado*.

**agulhas** sf. pl., « pedaços de carne unidos ao osso do espinhaço do boi: picado o osso do espinhaço, cada um d'estes pedaços de osso com a carne correspondente é o que se chama *agulhas* ». Cor.

**ai** = *aib* = *aiba* = *atva* qv.

**ãi** = *anha* suff., aspero; aguçado, em ponta; em gancho; que corta; que pica. BC. : entra na composição de algumas palavras brasileiras, ex. *piranha* = *pirãi*. || ETYM. tp. guar.

**ai** = *ai* = *aim* suff., crespo, enrolado, grenho; rugoso; murcho; aspero; aguçado; picante; cortante. BC. : entra na composição de algumas pals. brazs., ex. *pixaim*. || ETYM. tp. guar.

**aiba** = *aiva* qv.

**ai-cuna!** intj. de admir., ai minha gente! ai gente! « Aicuna, que moço guapo! » oh que valente moço! Ces. || ETYM. intj. *ai!* + s. hisp. *cuna*, família, gente, patria (originar., berço de criança). || GEOGR. RGS. || SYNON. gente! ó gente! ô minha gente! R. Jan., Min.

**aijulate**, vj. *julata*.

**aipim** sm., mandioca doce, *Manihot aipi* L., euphorbiacea cultivada nas hortas, e cuja raiz come-se assada ou cozida e serve para fazer papas, sopas, doces, bolos etc. « Também se faz farinha de outras raízes, que chamão *aipin*; são como as de mandioca propriamente, mas não matão, e também se comem assadas. » Anch. in *DOff.* 10 abr. 86. || ETYM. br. *aipi* (*a* fructa + *ipi* secco? BC.). || GEOGR. ES. R. Jan., e provincias do sul. || ORTHOGR. Nic. Mor. escreve com *y* *aypim*, dando ao *y* o valor do *i* especial = *i* || SYN. *macaxera*, da Bahia para o N.

**aiuá!**

**aiuê!** intj. de alegria zombeteira, de gracejo. || ETYM. bd., intj. de afflicção, sg. Cap.-Iv., que escrevem *ai-o-ê-!* || GEOGR. Bahia, em estribilhos de lunduns: « Aiuê! aiuá! Meia pataca, sinhá! »

**aiva**, 1º suff., máo, ruim; pequenino, insignificante, átôa; pouco; falso; fraco; torto; diminutivo, entra na comp. de innumeradas pals. brasileiras. « Ha diversas cartas de *pajé*: uns a que chamão *pajé catú*, *pajé* bom; outros, *pajé ayba*, id est, máo. O *pajé catú* não é tão ruim, nem tão embusteiro como o *ayba*. » J. Daniel in *RIH.* 1840, 497. « O nome de *temirecô etê*, sc. *uxor vera*, creio que o tomarão dos padres, que lhes querião dar a entender a perpetuidade do matrimonio, a qual é mulher legitima, porque d'este vocabulo *etê*, que quer dizer « legitimo », usão elles nas coisas naturaes da sua terra; e assim a seo vinho chamão *cãoy etê* vinho legitimo, verdadeiro, á differença do nosso a que chamão *cãoy ayà*, vinho agro. » Anchieta in *RIH.* 1846, 258. *Ayà* = *ayva*. Esses exs., assim como os segs.: *caá* = *cá* mato, *caeté* mato virgem, *caaguaçú* mato alto = *caapum*, *caacatú* mato limpo, *caíva* carrascal, mato ruim, baixo, sujo; *pará* mar, *paraguaçú* mar grande, *paranan* irmão ou parente do mar, parecido com o mar, *paraíba* mar pequeno, *paranaíba* rio grande, porém menor do que o outro com o qual se compara; *jaguar* cão, onça, *jaguary* rio da onça ou do cão, *jaguarycatú* rio bom ou grande da onça, *jaguaryaíva* rio máo ou pequeno da onça, justificação a sign. pejorativa de *aiva* com os seos « varios sentidos *in malam partem* », como diz Figueira. || 2º adj., com os mesmos significados do suff. « Homem *aiva* » insignificante, átôa, sem prestimo. « Cavallo *aiva* » punha, de mãos an-

dares, cangalheiro, mofino. « Educação aiva » falsa, baseada em principios falsos. « Sciencia aiva » sem serventia, sem utilidade. || ETYM. guar. *ai*=*aib*, tp. c. *aiba* no S., *aúba* no N., *aiva*, *aúva*; tp. am. *aêua*, *aêuva*, *aêva*: oppõe-se a *catú* bom; muito, avultado; a *guaçú* grande, grosso; a *etá* muito, plural; a *etê* verdadeiro; forte; direito; legitimo; superlativo. || GEOGR. 1º, geral; 2º, SP., Paraná SC., RGS., Mgr. || LEX COMP. é esta palavra uma das muitas da lingua braz. identicas ás quaes vamos achar outras nas linguas africanas da familia *bantu*, e particularmente no bundo onde « mão, ruim, sem prestimo, á tóa, mofino » é *aíba*. Parece ahi dominar a raiz *i*, cujo significado absoluto dá a ideia de movimento, e, como consecutario, a de instabilidade, fraqueza; em contraposição á raiz *sta*, que exprime em absoluto a fixidez, estabilidade, immobilidade, e, em consequencia, duração, permanencia, resistencia, força. Em guarani, o *i* posp. ao substantivo fal-o diminutivo, e dá-lhe o sentido de pequenez, fraqueza, pouca dura. || ORTHOGR. Mont. escreve *ai*, *aib*, *ai*, *aib*; Fig. *aib*; B. Caet. *aib*, *ahiva*; C. Mag. *aíua* (*i*=*î*=*i* especial da lg. ger.); como, porém, o *h* é mudo e o *y* das formas que o trazem não se pronuncia diverso do *i* port., a escripta *aiba*, *aíva* parece mais contorme não só com a pronuncia, mas tambem com a etymologia. São, entretanto, frequentes nos nossos classicos as formas *ahiba*, *ahiva*, *ahyba*, *ahyva*, *ayba*, *ayva*. Quanto a estoutras *aúba* e *aúva*, *aêua* e *aêuva*, são

do tupi do litt. do norte e do tp. do Amazonas.

**ajoujo** sm., barca feita de duas canoas emparelhadas e travadas. Cam. dá no pl. e define: « Reunião de duas ou tres canoas, tendo por cima um lastro de madeira inteira, ou formado de tábuas separadas, sendo o todo bem amarrado ». Chegados a Tres-Irmãos, tinhamos de atravessar para o lado esquerdo do Parahyba. A barca que encontrámos fez-nos rir. Parecia um dos *ajoujos* tão usados no S. Francisco, e as varas que empregavão a principio os barqueiros augmentarão a illusão». Red. *GN.* 14 ag. 83. || ETYM. lat. *ad jugum*; *adjugare* ajoujar; *conjungere*, *ad aliquid jungere* conjungir; donde *conjuncção*. || GEOGR. centro e norte do Braz. || LEX. PORT. correia, cipó, ou corda, com que se prendem os cães dois a dois; canga; fig. união forçada e incommoda. Mas não nos consta d'estoutra sign. de Aul.: « um par de animaes ajoujados um ao outro ». || ORTHOPH. *ajôjo*.

**ajudar** va., t. techn. da fabricação de assucar nos antigos engenhos. « Sahida a primeira escuma per si mesma, começam os caldeireiros com grandes escumadeiras de ferro a escumar o caldo e ajudal-o: e chamão *ajudar o caldo* o botar-lhe de quando em quando já um reminhol de decoada, já outro de agua, que ahi tem perto: a agua nas tinas, e a decoada nas fôrmas. Serve a agua para lavar o caldo, e a decoada para que toda a immundicia que resta na caldeira venha mais depressa arriba, e não

assente no fundo. » Antonil, 77.  
 || ETYM. lat. *adjuvare*.

**ajulata** sf., vj. *julata*.

**ajurú** sm., nome brazil, generico, do papagaio. || ETYM. br. *a* gente + *jurú* bocca: allusão ao fallar o papagaio como a gente.

**ajurujuba**, sf., vj. *jurujuba*.

**a la** prep. e art., nas locs.: « a la grande » a fartar; « a la fresca! » intj. de admiração; « a la gran pucha! » intj. de colera. Ces. || ETYM. cast. || GEOGR. RGS.

**alagadiceiro** adj., que pasta nos alagadiços: diz-se do gado. Mor.

**alambrado** sm., cerca de arame.

Ces. || ETYM. pp. de *alambrar*.

**alambrador** sm., fabricante de fios de arame para cerca; fazedor de de cerca de arame. « Os mesmos bandidos forão furtar ovelhas na estancia do sr. em Caraguatá; e indo um peão reconhecê-los foi por elles assassinado, bem como também assassinarão um aramador (*alambrador*) que encontrarão no regresso. » *Independ.* de Bagé, trs. *JC.* 8 fev. 84. || ETYM. v. *alambra* (*r*) + suff. *dor* agente. || GEOGR. RGS.

**alambrar** va., cercar o pasto, a roça etc. com fios de arame atravessados em moirões ou postes de madeira ou de ferro. || ETYM. hisp. *alambre* arame. O port. *alambre* é o hisp. *alambar*; do ar. art. *al* + s. *ânbâr*. || GEOGR. RGS.

**albardão** sm., 1º cadeia de serros e baixadas. « Posto que a chuva tornou a repetir de noite, comtudo sempre nos deu logar para n'este dia caminharmos mais outras duas leguas escassas para nornordeste, pelo albardão de serros e baixadas, entre pon-

tas de restingas. » J. Sald. *RIH.* 1841, 68. || 2º cochilha pequena. Rub. « O Paraguay, internando-se entre montanhas e pequenos abbardões .., e agora reunidos n'um só corpo seos immensos cabedades, vão-se elevando no solo, vão submergindo pouco a pouco os albardões e tezos. » Sev. I, 48. « A direcção do rio Mucajahy, onde encontraria [a estrada do Rio Branco] albardão de terra firme, e povoações de indios mansos, que alli vivem em suas malocas. » *Corrp. Ma-naos ap. JC.* 14 ag. 83. || ETYM. augm. do hisp. port. *albarrada* cerca, trincheira; port. *albarran*, hisp. *albarrana* torre levantada de distancia em distancia, ao longo das muralhas: do ar. art. *al* + adj. *barrani* exterior, de fóra da cidade, do campo, extramuros; de *barr* terra, campo, roça. Sz., Eng., Marc. || GEOGR. RGS. || HOMON. port. *albardão*, augm. de *albarda* cangalha: do ar. *al-bardáa*.

**alçado** adj., brabo, que nunca foi costeado; diz-se do gado. Cor. || « Tinhaõ a seo favor a immensa campanha do sul do Ibicuhy, cheia de gado alçado, fazendo todos os annos uma corrida geral: o gado apanhado se repartia pelas suas estancias.. A abundancia do pumbauva, angico e outras cascas capazes de cortir a multiplicidade de couros, e as innumeraveis eguas alçadas nos dão a facilidade dos cortumes. » Th. Rab. *RIH.* 1840, 160, 165. || ETYM. prov. *al-sar*; hisp. *alzar*; ital. *alzare*; fr. *hausser*; wal. *inaltzá*: b. lat. \**altiare*, que Diez e Littré supõem ter existido e de que ha exemplos nas *Sigl. Benedictin.* ap. DC. Aul. deriva do

v. lat. *altare*, que com effeito existiu, pois não só se acha em Sidonio, como persistiu no seo composto *exaltare*; mas o *t* seguido de *a o u* não se transforma em *ç=s*, como seguido de *ia, ie, io, iu*, ex. *justitia* justiça, *planitie* planície, *actione* acção, *pretio* preço. || GEOGR. campanha RGS.; campos-geraes do Paraná. No R. Jan., é t. erudito, e signif. levantado, elevado, exaltado.

**alcaguete** sm., alcoviteiro. Ces. || ETYM. cast. *alcahuete*: port. *alcaioite*; prov. *alcauotz, alcaot, alcauot, alcoat*: do ar. *al+cahuet*, do v. *cada* acompanhar, levar uma pessoa a outra de sexo differente. || GEOGR. RGS.

**alcaide** sm., coisa avariada, mercadoria mofada, trastes velhos de pouco ou nenhum valor. « O facto é que consegue attrahir alguns papalvos transeuntes que sahem depennados e com cada alcaide até indigno de figurar no mais reles belchior. » Red. *FN.* 15 jan. 85. || ETYM. ar. art. *al+s.caid* commandante. HIST. o cargo foi gradualmente diminuindo, desde chefe de districto ou provincia entre os mauro-arabes, commandante de praça militar na Hispanha (Eng.), até magistrado sem lettras e meirinho em Portugal e Brazil, onde ficou com a significação pejorativa. || LEX. PORT. ant., governador de provincia, de comarca, de castello, de navio; juiz do povo; official de justiça, meirinho.

**alcazar** sm., theatro onde se cantão operetas francezas. || ETYM. hisp. *alcazar* fortaleza; palacio; port. *alcacer* castello, paço real: do

ar. art. *al+s.cacer* palacio acastellado. || HIST. Passou para o fr. sob a forma hisp., e assim se naturalizou no Brazil, em 185., com a ultima syllaba longa, quando em hisp. é breve.

**alcazarino** adj., pertencente ao Alcazar. « Estrellas alcazarinas » chamavão-se as cantoras bonitas do theatro francez d'aquelle nome, no Rio de Janeiro.

**alcoviteiro** adj., contador de novidades; mexeriqueiro, intrigante. || ETYM. v. *alcovit(ar)+suff. eiro*: do ar. art. *al+s.coued=cahuet=cavvâd* medianeiro, que acompanha a quem se vai entregar a outrem de outro sexo. Vê-se que o significado brasileiro é figurado. || LEX. PORT. medianeiro de amores alheios; mensageiro de recados de amantes. || SYNON. *azeiteiro, invencioneiro, novidadeiro.*

**aldeia** sf., 1º povoação de indios brabos, vivendo junctos sob o mando de um chefe, morubixaba ou cacique. « Filhos casados segundo seo modo com indios principaes de toda a aldeia de Jaribâtiba. » Anch. *RIH.* 1846, 255. « Vivião elles [indios] em ranchos e em casas bem seguras.. formando *tabas* ou aldeias, circumdadas de uma cahizara ou trincheira. » Norb. *RIH.* 1854, 123. || 2º cada uma das casas dos indios, as quaes reunidas formavão a povoação. « Nas terras dos carijós, gentio do Brazil, a cada casa ou palhoça sua chamão *aldeia*. 35 casas são 35 aldeias. Fern. Guerr. liv. 4 das *Cois. do Braz.* p. 199 ». Bl. *suppl.* « E casa [ou *oca*] ha que tem duzentas e mais pessoas ». Cardim 9. || 3º povoação de indios mansos, vivendo junctos sob o man-

do de um director, que costuma ser padre ou frade missionario, ou militar reformado. « Em suas aldeias [dos Jesuitas] reinavão os dias de paz, alegria e bonança da idade d'ouro. Comsigo levavão pelos desertos os indios convertidos a attrahir os que vivião ainda na rudeza da ignorancia. Por meio de presentes .. os acariciavão.. Formavão depois as aldeias, que deixavão sob a guarda e vigilancia de dois missionarios.» Norb. cit. 138. « A falta de missionarios me tem inhibido de fazer algumas tentativas no sentido de reanimar as principaes aldeias actualmente em quasi completa decadencia, e de crear outras no alto Purús, onde sei ha tribus dispostas a abraçar a civilisação. » Wilk. de Matt. *Relat. Pres. Amaz.* 1870, 30. || 4º peyor. e erud., povoação insignificante pelo numero e qualidade das casas, quer seja freguezia, quer villa, ou mesmo cidade. || ETYM. ar. *ad-daiã* predio, immovel. Sz.; *adh-dhaiã* pequena povoação. Eng. Com Sz. concordão Diez e Devic. Blut. deriva do gr. *aldainein* augmentar, accrescentar. Vit. do longob. *al-dius*, *aldio*, donde *aldios* aldeões, *aldearicias* casas separadas dos semiservos das fazendas; mas, observa Diez, precisava interpretar a terminação *êa=eia*. || HIST. nos secs. XV e anteriores, chamava-se *aldeia* a uma só casa rural. Vit.; donde o 2º signif. attestado por Fernão Guerreiro. || LEX. PORT. povoação rustica, sem jurisdicção propria; o campo, em contraposição á cidade ou villa (no Brazil, *roça*). || SYNON. 1º *taba* no littoral; *toldo*, *toldaria* no Pa-

raná e RGS.; *maloca* no Pará e Am.; 3º *aldeiamento*; 4º *arraial*, *povoação*, *povoado*, *villorio*.

**aldeiado** adj. e sm., reduzido a vida colonial; indio manso, que vive em aldeiamento. « O cacique Victorino Condá, chefe dos indios mansos aldeiados em Palmas. » Ermelino *Rel. Pres. Paraná* 1871, 19.

**aldeiamento** sm., povoação de indios, sob a direcção de missionario ou de auctoridade leiga. « Os indios voltarão satisfeitos para o aldeiamento, tendo tambem recebido alguns brindes que pedirão. » Ermelino *Rel. Pr. Paraná* 1871, 19. « Aldeiamento de S. Pedro de Alcantara: é o mais importante da provincia, e está sob a direcção de fr. Timoteo de Castelnuovo.. Aldeiamento de S. Jeronymo; é dirigido por fr. Luiz de Cemitile.. Aldeiamento de Paranapanema, continua sob a direcção do cidadão José Antonio Vieira de Araujo. » Lamenha Lins *Rel. Pr. Paraná*, 1876. « Estabeleção-se officinas, abirão-se asylos nas localidades mais proximas dos aldeamentos do gentio, onde se recebem exclusivamente orphãos e menores indigenas. » J. Paranaguá *Rel. Pr. Amaz.* 1883, 45.

**aldeiar** va., reunir indios em povoação, formar aldeia. « Recebi ordem para mandar aldeiar indios em Marrecas, no municipio de Guarápuava. » C. A. Carvalho *Rel. Pres. Paraná* 1882, 84. « Hordas immensas de selvagens, alliciadas pela piedade fervente dos religiosos capuchinhos .. já procurão aldeiar-se. » Villa-da-Barra *Rel. Pr. Min. Ger.* 1876, 25. || SYNON. *amalocar*.

**alevantado** pp., mais us. como adj., elevado, exaltado, remontado, sublime. «Estylo alevantado; linguagem alevantada; feitos alevantados; qualidades alevantadas.» || ETYM. pref. *a*+th. *levant*+suff. pp. *ado*. || HIST. este termo, ant. em Port. e no Br., foi entre nós rejuvenescido por influencia de Alvares de Azevedo, cuja prosa turgida era tida em conta de linguagem muito *alevantada*, e d'aqui passou para Lisboa. Com o mesmo direito com que os litteratos renovão este archaismo, pode o povo formar *abastar*, *alembrear*, *avexar*, *avovar*, *azangar* etc., e podemos, nós brasileiros, usar sem reparo d'essas protheses, que têm por fundamento a lei da analogia.

**alevante** sm., 1º levantamento popular contra alguma auctoridade; sublevação de povo; insurreição de escravos. || 2º aleive, calumnia, accusação falsa. || ETYM. pref. *a* para, contra+th. *levant*+desin. *e*. Cp. *acceite*, *esquente*. || HIST. port. ant. *alevanto* alvoroço, motim, estrondo, descomposição de palavras, ralhos, disputas, contendias. Vit., sec. XIV. Roq. dá *alevanto* sublevação. || LEX. PORT. *levante*.

**alfafa** sf., luzerna, *Medicago sativa* L., leguminosa; excellente forragem para o gado. || ETYM. ar. *al*+*halfa* trevo, esparto, *Fenum Burgundiacum*. Eng.; hisp. *alfalfa*.

**alface** sm., pego, cova funda, com ou sem redomoinho, buraco no mar, formado pela deslocação da areia, nas paragens onde se toma banho. || ETYM. ar. *al*+*heqge*. || GEOGR. Cabofrio (R. Jan.). || LEX.

PORT. fenda da terra ou quebrada que fórma o pego ou lago quando sécca. Moura; pego fundo. Mor. Engelmann desconhece o signif. e pergunta: «banc de sable? bas fond?» Aulete, porem, não teve duvidas, e foi traduzindo: «banco de areia, recife.» || SYN. *peráu*.

**alqueire de medir** em muitas partes do Brazil tinha cinco quartas, e chamava-se «medida velha». || ETYM. *alqueire* vem do ar. art. *al*+s. *queil* medida. || GEOGR. R. Jan. (Cabofrio), Paraná, Min., Mgr.

**alqueire de terra**, superficie onde se póde plantar um alqueire de milho. || GEOGR. Em S. Paulo e Paraná, equivale a 5000 braças quadradas ou um rectangulo de 50 braças de testada com 100 de fundos. Em Minas Geraes e serrácima do Rio de Jan., ha dois typos: um de  $75^{br} \times 75^{br} = 5625^{br^2}$  (alqueire de Cantagallo); outro de  $85^{br} \times 85^{br} = 7225^{br^2}$  (alqueire de Minas). Na mata, está se adoptando, de certo tempo a esta parte, o *alqueire geometrico* chamado, equivalente a um terreno de  $100^{br}$  em quadrado =  $10000^{br^2}$ . *Dircito*, XV, 102. Em Port., tambem varia muito esta medida, como se pode ver em MS. *Tr. Jur. Pract. da Med. e Demarc. das Terr.*, II, 492. «Calculou-se serem as roças de 4 a 5 alqueires de planta de milho.» 1850 Vic. Ayr. *RIH*, 1851, 441.

**aluá** sm., bebida refrigerante, feita de farinha de arroz ou de milho com agua, fermentada em potes de barro; «bebida de farinha de milho torrado com agua adoçada.» Juv. Gall. «No primeiro reinado, o refresco em voga, foi o *aluá*.. O pote

de aluá sahia para o meio da rua, e o povo refrescava-se ao ar livre, a vintem por cabeça». França Jr. *Gl.* 19 nov. 81. || ETYM. m.-ar. *haluah*, *halauah* doce secco, doce de fructa confeitado. Marcel. *Aloá*, diz Blut., doce o mais commum de todo o Oriente, compõe-se de farinha de arroz, manteiga e jagra (que é o asucar da palmeira); e accrescenta que os portuguezes da Asia o estimão tanto como os orientaes, e pronunção *aluá*. Parece vir da mesma origem arabe o bd. *ualúa* especie de cerveja de milho (Cap.-Iv.), o masongo *ualla* bebida feita de milho fermentado (Lux), correspondente ao *kimbombo* dos bailundos e a *garapa* de outras terras d'Africa. Mor., 5ª ed., dá por etym. *lua* agua [?] na lg. dos negros *aiissás* (aussas) da Costa da Mina. || HIST. levado á Africa central pelos mouros ou berberes, traficantes de escravos; e de lá trazidos por estes e pelos pombeiros para a costa occidental, donde o recebemos. Accresce que os portuguezes da Asia devião tel-o introduzido na Africa e na America. Vj. *cuscús*. Mor., 1ª ed., já dá como t. braz. significando «bebida de arroz com assucar fermentado em agua».

**alvarenga** sf., «barco pequeno que serve para conduzir generos de commercio». Rub.; «embarcação de carga e descarga dos navios.» Cam. «Em Pernambuco dá-se este nome a uma embarcação de forte construcção, guarnecida de remos, que se emprega no serviço de carga e descarga de navios fundeados, principalmente no Lameirão». *DMB.* || ETYM.? Temos

o nome proprio de familia, *Alvarenga*: *inde?* || SYNON. *barcaça*, *bateira*, *perú*, *saveiro*.

**am**<sup>1</sup>=*ão* (breve), desin., vj. *ão*.

**-Am**<sup>2</sup> suff., em pé, erguido, firme., sobranceiro, tezo: t. tp.-guar., entra na composição de algumas palavras brasileiras.

**amadrinhar** va., 1º «acostumar os cavallos a persistirem juncto de uma egua, a que se dá o nome de *egua-madrinha*. O cavallo assim acostumado se diz *amadrinhado*.» Cor.

|| 2º guiar um animal a tropa, indo adiante com a campainha no pescoço, regularisando-se ao som d'ella os passos das bestas. «Tropa bem amadrinhada» é a que se habituou ao som e compasso da campainha, e se não extravia. || 3º fig., disciplinar multidões, indo á frente commandando.

|| ETYM. pref. *a* + sf. *madrinh* (*a*) qv. + suff. vb. *ar*. || GEOGR. Min., Mgr., SP., Paraná, serracima R. Jan., RGS.

**amago-furado** sm., «molestia que ataca o fumo.» Rub.

**amalgamento** sm., resultado da amalgamação (combinação do mercurio com outro metal); combinação, confusão, mistura de coisas diversas. || ETYM. formação incorrecta; pois, vindo do v. *amalgamar*, devia ser *amalgama* (*r*) + suff. *mento*, =*amalgamamento*.

**amalocado** pp. de

**amalocar** va., metter indios em maloca; reunil-os em aldeia. || ETYM. pref. *a* + s. *maloc* (*a*) + suff. vb. *ar*.

**amalucado** pp. de

**amalucar-se** vr., ficar maluco; andar malucando. Usa-se mais do v. *malucar* e do pp. *amalucado* como

adj. || ETYM. pref. *a* + adj. *maluc* (*o*) qv. + suff. vb. *ar*. Cp. *abobado*, *abrutalhado*, *adoidado*, *aparvalhado*, *apascaçado*, *apatetado*, *atoleimado*, formações idênticas de palavras synonymas.

**amanhecer** vn., passar a noite.

|| GEOGR. esta phr. usualíssima e peculiar do Paraná: « Como amanheceu? » equivale a estoutra do littoral: « Como passou a noite? » No R. Jan. aquella pergunta só se faz a quem, por encommodos physicos ou moraes, tinha razão de passar a noite mal, e desejamos saber si com a manhã melhorou; ou então, a quem deixámos depois da meia noite e queremos saber como lhe foi o resto d'ella.

**amar** va., ter amor, dedicação, afeição viva e forte por pae e mãe, pela mulher, pelos filhos, pela amante: t. erud.; o pop. é *estimar*, *querer bem*, como já observou B. Caet., *Rasc.* 168. || HOM. *gostar de*, gallicismo usual entre escriptores do Chiado e da rua do Ouvidor, avezados á leitura dos livros francezes.

**amarrar** va., 1º ajustar ou apostar carreiras. « Quando está concluido o ajuste d'ellas, e algumas vezes com papel de tracto, se diz estar a carreira atada ou *amarrada*. » Cor. || 2º concluir ajuste definitivo sobre qualquer assumpto, e não sómente sobre corridas de cavallos. « Amarrar o tracto, amarrar o negocio. » || SYN. *arreglar*, *atar*.

**amassador** sm. lugar onde se amassa qualquer coisa, barro, cal, pão etc. || ETYM. port. *amassadouro* (que nós pronunciamos *amassadôro*, e elles *amassadôiro*. Aul.)—o final, que cahe, ficando *amassador*, que já vai

por sua vez perdendo o *r* e dando *amassadô*. Cp. *babador*, *bebedor*, *tombador*.

**ambicioneiro** adj., ambicioso.

|| ETYM. form.reg. do th. lat. *ambition* (*e*) + suff. *eiro* abl. do suff. lat. *arius*, que significa habito permanente, e tambem habitos vulgares, menos nobres. || GEOGR. matta de Minas.

**ambos-e-dois**, **ambos-os-dois**, ambos, os dois, um e outro. « Ai de mim! ai de você! Ai de nós ambos e dois! Ai de mim primeiramente! Ai de você ô depois!» Mod. pop. Maricá (RJan.) « Ambos os dois (á italiana) mandão (são *mandachugas*, dizem no norte) contra o senso commum, contra os factos, contra tudo. » BC. *Rasc.* 153. || ETYM. ital. *ambi i due*. Na primeira expr. vê-se que a conj. *e* é trad. do art. pl. *i* do ital. || GEOGR. litt. RJan.

**ambrozô** sm., comida feita de farinha de milho, azeite de dendê, pimenta e outros temperos. Syl. Rom. ap. BR. || ETYM. ζ jor.

**amendoim** sm., corr. erud. do tp. *mendubi* = *mendobi* qv., por intercurrencia de *amendoa*.

**americanizar** va., tornar americano; fazer á americana, como fazem os Americanos do Norte ou habitantes dos Estados-Unidos, e como os americanos devem fazer, diversamente dos europeos. « Ao nosso patriotismo cumpre americanizar as nossas instituições politicas. » Apd. JC. 2 ag. 88. || ETYM. adj. *american* (*o*) + suff. vb. *izar* imitativo e frequentativo.

**amigação** sf., acção de amigar-se.

**amigado** pp. de

**amigar-se** vr., amancebar se, amasiar-se.

**amilhar** va., dar ração de milho aos animaes; tractal-os com bastante milho. || ETYM. pref. *a* + s. *milh* (*o*) + suff. vb. *ar*. || GEOGR. ser-rácima R. Jan., Min., SP., Paraná, RGS.

**amistade** sf., amizade. || ETYM. hisp. *amistad*; prov. *amistatz*; cast. *amístat*; ital. *amistà*; fr. *amitié*; port. *amizade*; lat. \* *amicitas*, abl. *amicitate*. || GEOGR. entre caipiras no Paraná. Presidindo nós o jury da Curitiba, em 1876, uma testemunha, mulher, natural da provincia, d'onde nunca havia sahido, perguntada aos costumes, disse «não ter maior amizade ao reo». || Cp. *inimistado, amistoso*.

**amo** sm., senhor, dono de escravos. «Essa prizão foi solicitada pelo sr. .. na qualidade de amo do dicto negro; mas este declara ser livre.» Red. JCC. 13 nov. 85. || ETYM. fórma masc. de *ama*, do abl. fem. do lat. *almus*<sup>3</sup> criador, que nutre, faz viver; b. lat., hisp. *ama*. Sz. e S. Luiz derivão do hebr. *am* mãe; *amah*, *amim* ama; de *aman* criar, instruir, educar. || HIST. a origem do desvio da significação de *amo* foi um euphemismo. Os sertanistas conquistavão os indios, e reduzião-nos a captivo; como, porem, vedava-lhes a lei, e os Jesuitas, sob a capa da religião, mas impellidos pelo interesse proprio, os estorvavão de tel-os por escravos, os senhores, fingindo tutela officiosa e hypocrita, pretextavão ser apenas *amos*, não *senhores*, e ter os indios por *criados, administrados*, não *escravos*; e ahi entrava a significação

usual port. de *amo*. Erão na realidade *senhores*, não *amos*, e crudelissimos; e os desgraçados indios, *escravos*, reduzidos á condição mais lastimosa, á condição de coisa, que se vendia, trocava, alugava, doava, e legava por testamento, como vemos no de Lucrecia Leme (*Geneal. das fam. Botelho* etc., 147): «Declaro que *tenho em meo poder alguma gente do Brazil forros, e por taes os deixo, e estejão com as pessoas que m'os derão, como foi o meo neto .. E assim nos mais netos que me derão sua gente, de que me sirvo até o presente, e se lhes entregarão os que forem vivos por minha morte; e sendo viva uma moça por nome Paula, se entregará a minha filha Luiza Leme, por lhe pertencer. Declaro que tenho mais algumas pessoas forras que me couberão por morte de meo irmão Braz Esteves, as quaes peço estejão com meos herdeiros, e elles as tractem bem, e as doutrinem, e lhes dêem o necessario, e as não vendão; no que desengarrego minha consciencia.» Este testamento é de 1645; e um seculo depois, ainda o bispo do Pará d. fr. João de S. José, na *Viagem e Visita do Sertão* na sua diocese (1762), estigmatizava esse euphemismo tartufo dos que ajustavão com o gentio do Xingú, «devendo receber *tantas peças*, isto é, *indios de serviço*, a troco de outras coisas, persuadidos n'aquelle tempo que, como livravão da morte a muitos, lhe podião tyrannizar contra a vontade dos proprios a liberdade, que estimão mais que a vida, fazendo assim *illicitos captiveiros* palliados com o *especioso**

*título de resgates.* » *RIH.* 1847, 68. Era inaudita a barbaridade dos brancos, os intitulados *amos*. « E' bem verdade (refere o A. do *Thesouro Descoberto no rio Amazonas*) que alguns brancos são reprehensíveis pela crueldade de que usão muitas vezes com os índios, pelos terem mortos uns á vehemencia de açoites, e, quando pouco, a outros tem posto ás portas da morte ... *E visto que os açoites são os castigos mais convenientes e proporcionados para os índios*, como a experiencia tem mostrado .., é *louvável* o castigo de só 40 açoites, *como costumavão os seus missionarios.* » *RIH.* 1841, 47. Esse euphemismo de *amo* por *senhor*, essa dissimulação de *resgate* em vez de *reducção ao captiveiro*, esse disfarce de *entregar um forro que se recebeu dos paes* por não dizer que *legava ao filho o escravo herdado do pae*, prova que a lei não consentia nesses abusos, mais que abusos, crimes, tanto mais nefandos quanto erão infames os motivos da perpretação: contra o sexo fraco, a concupiscencia sem o freio da moral; contra os homens, a molleza da ociosidade, atolando-se o portuguez, o paulista, o boava, em toda a sorte de vicios com os ganhos do suor do indio escravizado. « A legislação portugueza, observa Machado de Oliveira, .. teve ao menos a virtude philologica de modificar palavras sem que mudasse a essencia da coisa sobre que dispunha .. Si antes d'ella os indigenas vivião na condição explicita e genuina de escravos, n'esta condição persistirão elles subsequentemente, embora o legislador procurasse neutrali-

zal-a; mas, em vez de serem chamados *escravos*, como d'antes, foi esta palavra substituída pelo epitheto menos odioso de *administrados*, que em nada alterou a primordial condição. » *RIH.* 1846, 210. Depois da introducção dos africanos, a pal. *negro* foi ficando syn. de *escravo*: no Paraná ainda se diz « meo negro », quando no geral das provincias se diz « meo escravo », e alli ainda que o escravo seja cafuz, mulato, pardo, caboclo, não-negro emfim; e a expressão « meo negro » é a correlata de « meo amo ». || GEOGR. SP., Paraná, SC., RGS. || LEX. PORT. aio; dono de casa; patrão; estalajadeiro. || SYN. a « meo amo » nas provincias mencionadas corresp. em Min., R. Jan., Bahia e outras do littoral « meo senhor. » *Amo* n'estas é patrão do criado ou camarada.

**amocambado** part. pass. de **amocambar** va., ajunctar, reunir em *mocambo* qv. || SYN. *aquilombar*.

**a mode que** corr. pop. de

**a modo que** loc. adv., como que. Castilho disse: « Ás vezes sinto a vista a modo turva » (ap. Aul.); no Brazil dir-se-hia « a modo que turva » Na seguinte anecdotia da *GN.* 5 jan. 84 sahiu gryphada, como se costuma fazer na transcripção da linguagem incorrecta do matuto, essa locução, aliás correctissima, pois é brazileira de lei. « *A modo* que conheço o senhor. — E' possível. — *A modo* que conheci seo pae. — Tambem é possível. — *A modo* que elle era sapateiro e que estes sapatos que tenho nos pés forão feitos por elle. — Tambem é possível, porque meo pae era ferrador. » O tal matuto po-

dia não ter sciência ; mas com certeza fallava lingua de branco (ao menos cá do Brazil, nossa terra).

**amojada** adj., «vacca que está prestes a parir ; o que se conhece pelo *amojo*.» Juv. Gal. || ETYM. pp. de *amojar* encher de leite o ubre. || HIST. ant. em Port., vig. no Braz. || GEOGR. Ceará.

**amolação** sf., discurso ou acto com que se aborrece, desgosta, molesta ou caustica a outrem.

**amolador** adj., massante, aborrecido, enjoado. «Diz-se de um homem que falla pelos cotovellos,.. que se nos mette em casa para tomar chá e conversar até as duas horas da noite :— é um amolador, é um cacete ! » Folh. *JC.* 2 mr. 83. «Os amolladores [*sic*] são o que Molière chamava *impertinentes* ; o que nossos paes denominavão *importunos*.» Red. *MSM.* 14 jun. 85. || HIST. Roq., em 1867, ainda não dá noticia d'este signif. ; tral-o Aul., 1881. Já o tinhamos na Corte desde antes de 1860, tirado de um italiano que percorria as ruas, de rebolo nas costas, offerecendo os seus serviços e gritando em voz fanhosa, de espaço a espaço e sempre no mesmo tom :— *Amolador ! ... amolador ! ...* D'ahi, *amolação* e *amolar*. Cremos (si nos não falha a memoria) que França Junior foi o primeiro que introduziu a palavra na imprensa, pelos annos de 1858 ou 1859.

**amolar** va., aborrecer, desagradar, desgostar, enfadar, enjoar, entediar, massar. « E' mister que o sr. ..mude de linguagem, e não continue a amolar o publico, repetindo tantas vezes que deixou espontanea-

mente o seo cargo. » Apd. *JC.* 13 jun. 85. || ETYM. siginificação translata da accepção natural de *amolar* faca, tezoura, ferramenta em geral, na pedra de amolar ou no rebolo, produzindo certo chiado continuo, que irrita os nervos dos impacientes. || LEX. PORT. D. Vieira traz estes signifs., apenas na forma refl. : « *Amolar-se*, na linguagem da giria, achar-se em difficuldades ; procurar modo de sahir d'ellas ; ver-se abarbabo ou mettido em talas. *Estar-se amolando*, isto é, em linguagem vulgar, estar-se preparando para o que succeder ; prevenindo-se. » No Brazil não é tanto assim : *amolar-se*, *estar-se amolando* é achar-se em difficuldades, abarbado com algum massante, ver-se em talas, n'um caso grave ; mas independente da ideia de prevenção.

**amolecado** part. pass. de

**amoleçar** va. e *amolecar-se* vr., sevandijar, desmoralizar, tractar indecorosamente pessoas ou coisas, ridicularizar uma *funcção*, uma sociedade ; proferir graçolas inconvenientes, praticar acções indignas de homem serio, tornar-se moleque emfim. || ETYM. pref. *a* + s. *moleq* (*ue*) + suff. vb. *ar*.

**amostrinha** sf., certo tabaco em pó.

**andador** adj., cavallo cujo passo habitual é a *andadura*. Cor. || GEOGR. B. Roh. dá como t. do RGS. ; é tambem us. na baixa e em serrácima do R. Jan., matta de Minas, por toda a parte onde é empregada a pal. *andadura*. || HIST. Roq. já o havia recolhido. || LEX. PORT. que anda muito ; que avisa (nas irmandades) ; carrinho em que andão meninos ; official d'almoçoaria.

**andadura** sf., passo em que a cavalgadura levanta sucessivamente a mão e pé com movimento igual, andando assim com velocidade e comodo. DV. Entre nós é tido por incommodo esse passo, ao menos cá no littoral, onde se prefere muito o cavallo marchador.

**andar de déu em déu** loc. pop., andar de festa em festa; passar a vida aqui e alli em pagodes; sucilar todos os dias. « Isto vai de déu em déu. E assim domingos passemos; De modo que sempre busquemos Diver-timentos. » SR. I, 154. || ETYM. curiosa traducção pop. do hymno festivo *Te Deum laudamus* da igreja, onde o acc. lat. *te* converteu-se na prep. port. *de*; *déum—dêum—dêum*, repetido pelos cantores no côro, passou a *dêu—em—dêu—em—dêu*, pela transformação da termin. *um* na prep. *em*; e *laudamus* verteu-se por *lá vamos* na bocca de uns; e *andamos* na de outros. || GEOGR. RJan. SP. Min. etc.

**andorinha** sf., « carruagem de praça na cidade do Rio de Janeiro, tem quatro rodas, assentos para duas pessoas, um cocheiro, e é puchada por um só animal. » Rub.: definição que Dom. Vieira copiou, e Julio Cesar Machado reproduz no folh. *JC.* 5 jan. 85. « Grandes carroças apropriadas ao serviço de mudanças, conducção de moveis, pianos, vidros etc. V. Cabr. *Guia* 28. » No Rio de Janeiro é impossivel abrir fallencia a empreza de *andorinhas*. E' um transporte continuo de trastes de um lado para outro. » França Jr. *Folh.* 52. « Outra vez, tractava-se de safar um

pobre diabo que ficara entalado entre uma andorinha e uma parede: o nosso Borges arranjou um ponto de apoio, metteu os hombros contra a andorinha, e esta virou e cahiu immediatamente para o lado opposto. » Al. Az. *Philom. Borg.* || ETYM. *andorinha* passaro; lat. *hirundo*, dim. fem. \* *hirundina*. Allude á frequencia e rapidez com que essas carroças se movem pela cidade, cruzando-se em todas as direcções, como as andorinhas no espaço.

—**anga** suff., que tapa, faz sombra, envolve, escurece: entra na composiçãõ de algumas palavras brasileiras. || ETYM. br.

**angá** = **angab** = **angaba** pref., e suff., visão, apparição, phantasma, alma do outro mundo: entra na compos. de alguns vocabs. brasileiros. || ETYM. br.

**angana** sf., 1º a senhora, mulher do senhor. || 2º a filha mais velha da senhora. || 3º denominação familiar dos paes ás filhas. || ETYM. bd. *ngana* senhor; zulu *i-ngane* criança, *ngwana* menino,—a. || HIST. o bd. *ngana* é masculino; o fem. é *ngana-mug'atu* senhor-femea. Cann., Lux; *ngana-muatu*. Cap.-Iv.; como, porém, para o senhor reservavão os nossos escravos o tratamento magestático portuguez de *senhor* em absoluto e por excellencia, ficou *ngana*, apor-tuguezado em *angana*, para a mulher do senhor, intercorrendo a terminação em *a*, propria dos substantivos femininos || SYN. *yáyá*, *nhanhá*, *sinhá*.

**angareira** sf., « pequena rede rectangular de malhas miudas, com as cabeceiras cozidas em pequenas

varas em que segurão os canoeiros, e fixão no fundo da canôa, para n'ella baterem as tainhas quando saltão por cima da rede que as cerca e cahirem dentro de canôa.» Cam. || ETYM. encurtamento de *angaria-deira* f. de *angariador* alliciador, recrutador, receptador? Cp. *angaria*, *angariar*, *angarilha*. || GEOGR. Bah., R Jan. (Cabo frio).

**anginhos** sm. pl., par de argolas de ferro, de abrir e fechar, para prender os polegares dos criminosos, dos recrutas e dos negros fugidos; *algemas* dos dedos. || ETYM. norm. e fr. *engin*; prov. *engen*, *engein*, *engienh*, *engin*; hisp. *ingenio*; ital. *ingegno*; port. *engenho*; do lat. *ingenium*, de *ingenere* produzir, gerar. Talvez de *angere* apertar, premer? O nosso voc. foi tomado n'uma das significações do fr. *engin* ratoeira, esparrela, armadilha, laço, instrumento de agarrar ou apertar pelo pescoço, pelos braços, pelos pés. «Un engin à prendre les rats.» Scarron; fig. «Un engin pour prendre les sots.» Voltaire; quebra nozes: «Un engin pour casser des noix.» Scarron. — A etym. de Aul., do lat. *angere* apertar, carece de justificação. || ORTHOGR. os lexs. ports. dão com *j* suppondo o voc. dim. pl. de *anjo*. || SYNON. *anillo*.

**angola** 1º adj. patron. 2, angolano, angolense, natural de Angola; negro; já us. por Greg. de Matt.: «Porque brancas e mulatas, Mestiças, cabras e angolas, São o azeviche em parolas, E as duas são duas pratas.» I, 281. Aqui, *angola* negra, preta. || 2º sm., capim d'Angola; *Panicum guineense*, graminea. «Fazenda deno-

minada *Engenho de Serra*, com 400 alqueires de boas terras de cultura, sendo 40 em pastos de angola, com uma boa e bem construída casa, toda envidraçada.» Ann. *MSM*. 26 fev. 80. «As invernadas, quer sejam de angola ou de gordura, são completamente devoradas, ficando a terra reduzida a uma *marmellada* de bichos.» *Gaz. Sul Mineira* ap. *JC*. 25 fev. 86. || EYM. bd.

**angostura**, vj. *angustura*.

**angú** sm., 1º bolo de farinha de mandioca, de milho, de batata, fervida n'agua, com o qual se come a carne, o peixe, o carurú, o feijão, o quingombô etc. «Mascarado é papa-angú.» Gr. Matt I, 60. «Quem tem dó de angú não cria cachorro.» Annex. pop. «Talvez com o fim de ganhar um prato de angú, avança-se a procurar defender uma causa que ninguém pode defender.» Apd. *GN*. 4 Maio 83. «Ha outros que morrem por um angú de quitandeira.» Apd. *JC*. 7 jan. 83. «Offerte-lhes o mel de jatahy, Que combate amargores do giló E adoça a insipidez do grosso angú.» P.º Correia, *Son*. || 2º fig., mistura confusa; trapalhada; mixórdia. «Quanda a phrase deve ser dicta de um trago, com certa precipitação, Lucinda atrapalha tudo por forma tal, faz tal angú que nem o diabo a percebe.» Folh. *JC*. 7 maio 85. || 3º por ext., intriga, mexerico, mexida. || 4º massa ou qualquer preparação destinada a solidificar-se e que fica molle e não corta. || ETYM. bd. ? br. ? || GEOGR. acha-se o voc. em todo o Brazil e na ilha de S. Thomé, onde as papas semelhantes ao *infundi* d'An-

gola têm esse nome. Parece levado de cá como forão *calulu* carurú, *churasco* churrasco, *fuba* fubá, *mandioca*, *mandubim*, *mingau*, *muqueca*, *pirão* pirão, em que vemos *r* tp. = *l* bd., tp. *á*, *ú* (agudo) final = *a* (grave) bd. || SYNON. O angú de farinha de mandioca ou de batata inglesa, ou de aipim tem o nome particular de *pirão*. O de farinha de milho é *angú de milho*. O de farinha de mandioca fervida em caldo de feijão é o *tutú* qv. *Angú de negra mina*, *angú de quitandeira* são guizados de carurú e outras hervas, com ou sem carne, muito apimentados, com ou sem azeite de dendê, engrossados com farinha de mandioca, de milho ou arroz. *Angú de fubá*. « Serve-se [com o carurú] angú de fubá de moinho ou de pirão de farinha de mandioca. » *Cozinh. Nac.* 52.

**anguite** sm. especie de angú de negra mina ou carurú da Bahia. BR. || ETYM. *angú* + *ite* suff. = *ito* dim. hisp. : *angúzinho* ? ou br. *itê* por *etê* bom, verdadeiro, legitimo, com o *e* final abreviado segundo a indole das linguas africanas do grupo *bantu* ? || GEOGR. Maranhão. || ORTHOPH. *an-gu-î-te*.

**angustura** sf., logar estreito, passagem apertada, boqueirão || ETYM. lat. *angustura*; hisp. *angostura*. || GEOGR. Paraná, RGS. || LEX. PORT. *angustia* : é t. obs., sg. Aul. || SYN. apertado, biboca.

**anguzada** sf., 1º « misturada de coisas, confusão, mescla. » Rb. || 2º intriga, mexerico, mexida de palavras e contos, como de quem mexe angú. || 3º reunião de pessoas de genio, opi-

niões e habitos encontrados, da qual só pode nascer a desordem e a confusão.

**anguzô** sm., especie de angú de quitandeira ou carurú bahiano. || ETYM. *angú* + *z* euph. + *ô* desin. que reporta a voz ao fb. e ao jor., *nagô* e outros idiomas da Costa dos Escravos, Costa da Mina, do Ouro e mais d'Africa occidental da região do Niger. Cp., *ambrozô*, *bovô* qv. em *acará*, *nagô*, *quingombô*, *zorô*.

**anhanga** sm., espirito errante, alma que vaga. M.; alma do mal, o diabo. BC. «O destino da caça do campo parece estar affecto ao *Anhanga*. A palavra *Anhanga* quer dizer sombra, espirito. A figura com que as tradições o representam é de um veado branco, com olhos de fogo. Todo aquelle que persegue um animal que amamenta corre o risco de ver o *Anhanga*, e a sua vista traz febre, e ás vezes a loucura. » C. Mag. *Selv.* II, 136. Parece que Couto de Magalhães engana-se: sombra, espirito é *ang*; *anhang* é mais alguma coisa. || ETYM. guar. *an*=*ang*, tp. *anga* alma, espirito + v. *nhan* correr, vagar. M.; ou s. *ai* mal, ruindade + *ang*. BC: alma errante, espirito máo.

**anhanguera** sm., 1º diabo que foi e existe debaixo de outra forma; ex-diabo. || 2º por ext., destemido, decidido, resoluto, valentão. || ETYM. br. *anhang* diabo + pret. nom. *uera* que foi uma coisa e hoje é outra. || HIST. alcunha dado pelos indios ao grande sertanista e intrepido bandeirante Bartholomeo Bueno da Silva, sec. XVII. || ORTHOPH. *guc*=*güê*=*gu-ê*.

**anilho** sm., « corda pertencente á colhéra; é a parte que enlaça o

pescoço (do animal), e prende por um botão.» Cor., formando anel. || ETYM. hisp. *anillo* anel. || GEOGR. Paraná, RGS. || LEX. PORT. Mor. define «argola de metal para enfiar ou prender corda etc.; especie de anel de ferro, que se abre e fecha, com que se prendem os dois dedos polegares aos criminosos que se levam presos: hoje diz-se *anjinhos*;» argola para enfiar cabos (naut.). Viterbo já dá *anilhaçar* prender com anilhos.

**aningal** sm., mato de *aninga*, *Arum liniferum*. Arr. Cam., aracea. «Esta planta encontra-se em Pernambuco abundantemente nos pantanos, dos quaes muitos estão quasi cobertos d'ellas.» Alm. Pinto. «Os feios arapapás côr de terra, de enormes bicos concavos maiores que a cabeça, grasnão amontoados nos perigosos aningaes, onde se aninham também as truculentas sicurijús enroscadas em montes.» J. Veriss. *R. Am.* I, 192.

**anonadar** va., aniquilar, reduzir a nada. «S. Francisco é um mercado que se levanta para anonadar ao Paraná no seo commercio de matte.» P. c. *Dezen. Dez.* Curit. 29 jul. 82. || ETYM. hisp., pref. *a* + s. *nonada* ninharia, bagatella + suff. vb. *ar*.

**anoque=noque** sm., «couro quadrado, com 4 varas costeando os 4 lados, porém mais curtas que estes, e as 4 pontas sobre 4 forquilhas para fazer decoada.» Cor. || ETYM. b. lat. *noccus* telha de chumbo servindo de rego, balde; v. a. all. *nôch*; v. fr. *nocq, nolz*; fr. *noc, noue*. DV. deriva do blat. *noca*, que elle traduz «porção de terra». *Noca=nocha*, sg. DC., é *modus terræ* medida agraria,

e não porção. *Legavit Christinae filiae suæ unam nocham terræ .. Tres nocas terræ, quas tenuit Willelmus.*

|| ORTHOGR. também *noque*, que mais confirma a nossa etym. || LEX. PORT. pellame ondese curtem couros.

**ansim** adv., assim. || GEOGR. t. obsol. em Portg. e em todo o litoral do Braz.; us. porém em muitas partes de serrácima, e particularmente no interior de S. Paulo e campos geraes do Paraná, até mesmo entre gente de boa sociedade.

**anta** s. 2, 1º *Tapirus americanus*, da ordem dos pachydermos, familia dos tapirideos. || 2º pelle ou couro preparado para obras de vestuarios. || ETYM. ? a anta americana tinha no Brazil o nome de *tapii*, *tapiira*, convertido pelos escriptores em *tapir*. || HIST. vj. *couro-d'anta* cara dura.

-**antã** suff., vj. *tã=tan*.

**antes** (em), vj. *em antes*.

**antes pelo contrario** loc. adv. pop., pleonastica e muito expressiva, posta em voga na imprensa por Arthur Azevedo ap. *Folha Nova*, e sem razão extranhada por outras folhas da Corte, principalmente por Luiz de Castro no *Jornal do Commercio*; pois é port. e braz. de lei. «Tão longe estavam os portuguezes de seguir a ordem da construcção latina que, antes pelo contrario, o que mais frequentemente se observa nos documentos d'essas edades é...» S. Luiz, IX, 185. «Não tendo estas [sesmarias] até agora regimento proprio ou particular que as regule quanto ás suas datas, antes pelo contrario têm sido aqui concedidas por uma sum-

maria e abreviada regulação.» Alv. 5 oit. 1795 pr. « Antes pelo contrario, isto como já notámos, será anglicanismo ou germanismo, jámais gallicismo.» BC. *Rasc.* 140. || GEOGR. usualissimo em todo o Brazil.

**anthontem** adv., no dia immediatamente antes do de hontem. || ETYM. t. bil., da prep. lat. *ante* antes + adv. *hontem*. || LEX. PORT. antehontem. || ORTHOPH. o *e* de *ante* e o *m* de *hontem* cáem na pron. pop., *antonte*.

**anù = anum** sm., 1º passaro preto, da familia dos crotophagos, vive em bando, e serve ao povo de termo de comparação para a côr negra. || 2º dança pop. ao som de cantigas de viola, a qual Cesimbra descreve assim: « Erão então as dansas [no RGS.] em ordem e debaixo de marcas como nas quadrilhas actuaes, e começavão assim: — Depois da roda feita, no *anú* por exemplo, dizia o marcante: *Roda Grande!*; a esta voz todos se davão as mãos, e ao dicto do mesmo marcante: *Tudo cerra!* a um tempo cerravão a sapatada de mãos dadas; á voz de *ca-áena!* fazião os dansantes mão direita de dama, como na quadrilha. Acabado isto, cantava o tocador da viola: *O anù é passaro preto, Passarinho de verão; Quando canta á meia-noite, Dá ùa dôr no coração ... Folgue, folgue, minha gente, Que uma noite não é nada; Si não dormires agora, Dormirás de madrugada.* Durante o canto, cada cavalheiro tomava a mão de sua dama e passava-lhe o braço por cima da cabeça, como na *meia-canha* e no *pericon*; e

assim dispostos, comprimentavão-se com a cabeça mutuamente..» pg. 93. || ETYM. BC. traz *anú* = *aní* aparentado, que vive na sociedade [de eguaes]: parece haver na pal. a raiz *anã* parente, mas seguida do suff. *un* preto, negro. || GEOGR. 2º no litt. R. Jan. tambem se dansava esse fado; mas pronuncia-se *anúm*.

**-ão<sup>1</sup>** (breve) suff. vb. da 3ª p. pl. pr. indic. 1ª conj. e conjunct. das outras, e dos pret. imperf., perf. e plusq. perf. ind. de todas, hodiernamente substituído por *am* em Portugal, donde passou para o Brazil, desde a 2ª metade d'este seculo. O auctor d'este dictionario, engodado pelo genio de Garrett, que não escrevia de outra maneira, já usou d'essa esturdice; mas, confessa que errou, pois o *am* não reproduz o som do *ão*, como em *amão*, *vendão*, *partirão*, *puzerão*; nem está de accordo com a etymologia. Com effeito, *am* sôa  $\tilde{a} + m' = an + m'$ ; *ão* sôa  $\tilde{a} + o = an + o$ . Cp. *ão* longo de *christão*, lat. *christiano*, e *ão* breve de *orphão*, lat. *orbano* = *orphano*, e ver-se-ha que o som de *ão* é o mesmissimo, com a só differença da quantidade. Nem outra existe hoje, phoneticamente, entre o pret. *amárão* e o fut. *amarão*. Tambem não está *am* de accordo com a etym., que, sendo o lat. *ant*, passou para o port. como *ão*. E este som nacional de *ão*, que os portuguezes de hoje querem enjeitar, não porque seja difficil pronuncial-o, mas só porque os francezes o achão feio, é mais varonil e certamente mais bello do que o fanhoso *on* fr. e hisp. muito mais nasal; e pois, não vale

a pena trocal-o. Cp. fr. *raison*, hisp. *razon*, port. *razão*: o nosso ditongo é mais aberto, mais da bocca que do nariz; mais sonoro, portanto.—O *Jornal do Commercio* e a casa editora Laemmert nunca adoptarão a novidade de *am* por *ão*, e quando querem distinguir do futuro os preteritos perfeito e plusquam perfeito, os unicos tempos que se poderião confundir (e o evitar essa confusão, tão singular e tão accidental, tem sido o grande argumento dos mantenedores da innovação), accentuão a vogal da syllaba anterior á do *ão*, ou mesmo esta, assim: *amárão*, *amarão*; *vendêrão*, *venderão*; *vestirão*, *vestirão*. Como, em regra, as pals. ports. em *ão* são longas, basta realmente distinguir a excepção; o que se consegue por meio do accento na vogal da syll. precedente.

—*ão*<sup>2</sup> (breve) desin. de subst. e adjs., e flex. vb., tende a trocar-se por *on*, e a perder mesmo o som nasal pela queda do *ã*: ex. *orgão*, *ôrgon*, *ôrgo*; *orphão*, *orphon*, *orfo*, *orfon*, *orfos*, tal qual nos tempos primitivos. « Dos Mininhos Orfoos, a que dam Titores ata doze annos » inscreve-se o art. 51 dos das Cortes de Santarem (1369) ap. Per. e Sz. *App. ás Prim. Linh. Proc. Civ.* I, 27. O povo de todo o Brazil diz: « *Foron* elles que *contaron* o que *fizeron* e o que *deixáron* de fazer. »

—*ão* (longo) suff. augm., masculiniza os substantivos femininos, communicando-lhes as dimensões, a força, a virilidade do masculino: lei da energia, mais constante ainda no Brazil do que em Portugal. Exs. *baeta baetão*,

*câsa casão*, *caixa caixão*, *faca facão*, *fita fitão*, *gala galão*, *jalapa jalapão*, *mulher mulherão*, *porta portão*, *vara varão*, *xacra xacrão* etc.

**aonde** adv., onde; direcção para, logar para onde se vai. « Onde vai? onde foi? » aonde vai? aonde foi? « Aonde está? aonde dormiu? » onde está? onde dormiu? || ETYM. lat. *ad* a, para + *unde* onde. Cp. *donde*, direcção de, logar *de* onde se vem: lat. *de* + *unde*. *Unde* onde exprime repouso, parada, estada *em* certo logar. || SYNT. erra-se muito empregando *aonde* por *onde*, e vice-versa. « Como todas as grandes capitaes aonde existe uma população heterogenea e onde os habitos sociaes .. têm creado uma situação penosa para as familias, aonde a má educação .. » Red. *Paiz* 27 mr. 86.

**apalermado** pp. de

**apalermar-se** vr., ficar pateta, tornar-se *palerma* qv., bobear.

**apanhado** sm., 1º apanha, apanhação, apanhamento; colheita em grosso; vista geral e rapida; avaliação de relance; exposição summaria. || 2º apanhamento, colhimento do panno do vestido em pregas quando se arregança, andando. || 3º arregança feito na saia do vestido para armar-lhe o *puf* qv. || ETYM. pp. substantiv. do v. port. *apanhar*, hisp. *apañar*, prov. *panar*, v. fr. *paner*, do lat. *pannus*; v. fr. *pan*, ital. e port. *panno*, hisp. *pañõ*, como demonstra Diez; e não do port. *pañõ*, como pretende Aul. || LEX. PORT. Aul. já dá; mas os escriptores do Chiado preferem o fr. *aperçu*, e ás vezes *coup d'œil*. Vj. Cap.-Iv.

**apascaçado** part. pass. de  
**apascaçar-se** vr., torna-se *pas-*  
*cacio* qv., atoleimar-se, apalermar-se.

**apecú** = **apicum**, vj. *apicú*.

**apedido** sm., rubrica de artigos do *Jornal do Commercio* da Corte, sob a qual se inscrevem publicações de interesse particular, com a responsabilidade dos donos ou de terceiros (*testas de ferro* qv.), que não da redacção; secção não editorial. « Facto ha tantos dias denunciado pelo dr. .. e em apedidos commentado, e deplorado pela opinião publica. » Apd. *JC*. 23 abr. 83. « O abaixo assignado, deparando na *Gazeta* de hoje com um artigo inserto na secção dos *apedidos* e com a epigraphé acima, não pode deixar de vir dar a competente resposta. » Apd. *JC*. 28 dz. 83. « Vejão o *Jornal do Commercio* de ante-hontem nos seos apedidos. » Red. *GN*. 19 jan. 84. || ETYM. da rubrica cit., que se inscreve: *Publicações a pedido*. || ORTHOGR. alguns escrevem, com visível incorrecção, no pl. *a pedidos*; e ha quem ainda accentue a prepos. « Nos á pedidos do *Jornal* de ante-hontem. » C. Mag. apd. *JC*. 20 jan. 85.

**apendoar** vn., botar pendão ou bandeira (o milharal). || ETYM. pref. *a* + sm. *pend(ã)ô* + suff. vb. *ar*. || GEOGR. geral no norte; no sul dizemos *pendoar* qv. || HIST. em Mor. e Roq., ant. ornar, guarnecer com pendões (as náos etc.); Aul. já o não dá. Arch. em Port., vig. no Braz.

**aperado** part. pass. de

**aperar** va., arrear, ajaezar o cavallo de sella. « Diz-se estar o cavallo *bem aperado* quando está ricamente ornado para montar-se». Cor. || ETYM.

cast., s. *aper(o)* sella etc. + suff. pp. *ado*.

**apero** sm., e mais us.

**aperos** sm. pl., « os preparos necessarios para ensilhar um cavallo. » Cor.; « aparelho de guascas, com prata ou com corredores de tentos, para uso do cavallo: consta o apero das rédeas, do boçalete e cabresto, da maneia, cabeçadas, rabicho, peitoral e da trava, que se prende á maneia para segurar além das patas dianteiras uma das trazeiras. » Ces. « Em suas excursões, a ellas [mulheres] destinão [os indios] a melhor cavalgadura e *aperos* (arrieos de montar). » M. Oliv. *RIH*. 1842, 177. || ETYM. cast. *apero*. || LEX. PORT. *apeiro* aparelho, preparo, trem, o necessario.

**apertado** sm., estreito, desfila-deiro, garganta de morros ou serras; estreitura de rio ou de caminho. « Dormi em um apertado que faz o rio. » 1850 Vic. Ayr. da Silva *RIH*. 1851, 441. || ETYM. pp. de *apertar* estreitar. || SYNON. *angustura*.

**apicú** sm., « *apicús* são as corôas que faz o mar entre si e a terra firme, e as cobre a maré; dão o barro para purgar o assucar nas fôrmas e para a olaria. » Antonil, 46. || ETYM. ç guar. *apecú* lingua (*apé* chato + *cu* longo), por serem os apicús verdadeiramente linguas de alagadiços que entrão pela terra a dentro? ou do guar. *apé* casca, crosta + adj. *cu* longo, comprido, por ter essa fôrma a vasa deixada pelo mar, a qual, seccando no sol, na baixa-mar, racha e fragmenta-se em cascões? Propendemos para esta etym. como a que mais material e sensivelmente traduz o factô geogra-

phico, parecendo menos natural a metáphora contéuda na primeira; e assim, traduzimos *apécú* encoscorado, escamoso, superfície coberta de cascas duras e quebradas em tijolos irregulares. || ORTHOGR. adoptada a etym br. (e não vemos outra), preferimos *apécú*; mas o uso tem consagrado *apicú*, pela tendencia portugueza de trocar o *e* atono pelo *i*. || ORTHOPH. *apécú*, *apicú* no sul; *apicum*, *apicum* no norte.

**apinchar**, vj. *pinchar*.

**aplastado** adj., cansado, fatigado. «Pois vou esbarrar o pingo, Que já vai muito aplastado: Por outra vez te direi O mais comprido recado». Ces. 105. || ETYM. pp. do hisp. *aplastar* achatar, esmagar. || GEOGR. RGS. || ORTHOGR. BR. dá *aplastrar*. Cp. *emplasto*=*emplastro*, *emplastar*=*emplastrar*.

**apoiar** va., «fazer o terneiro mamar segunda vez para se poder tirar o *apojo*.» Cor. || HIST. Blut. recolheu o sf. *apojadura*; Mor. o part. pass. *apojado*; DV. o v. *apoiar*; Cor. o sm. *apojo*: ver-se-ha, comtudo, e já em seguida, que, apezar da identidade da origem, ha differença essencial entre braz. *apojo* e port. *apojadura*, como se acaba de ver entre o braz. e o port. *apoiar*. || LEX. PORT. vn., retezar-se, encher-se a teta em resultado da secreção do leite. DV.

**apojo** sm., «leite mais grosso que se tira da vacca, depois de ter-se tirado o primeiro: tirado o primeiro leite, faz-se o terneiro mamar segunda vez, como para chamar este segundo leite.» Cor. || ETYM. a de DV., do ital. *appoggiatura* apoio, não

é recebivel; e menos a de Aul., do va. ant. *pojar* desembarcar, do ital. *paggiare* ir para cima; navegar com vento em popa; soprar o vento; apoiar. *Apoiar* parece corr. pop. de *apejar*=*pejar* encher, endurecer, entezar. Reteza-se o ventre da vacca *pejada* como se reteza o ubre da *apojada*. A prothese do *a* é frequente no braz. e no port. pop.; e a troca do *o* pelo *e* nada tem de extraordinario em quem, como os portuguezes, tem horror ás vogaes e pronuncia *pejar* e *pojar*=*p'jar*. || LEX. PORT. *Apojadura*, sg. Blut. e os outros, é abundancia de leite que vem ás vezes ao peito da ama ou da femea do animal; é *mais liquido* que o leite que lhe vem ordinariamente, e sahe com maior força, *ainda que não chupado da criança*.

**aporreado** part. pass. de

**aporrear** va., domar o cavallo contra as regras da equitação, viciosamente. «*Aporreado*, que se tem tentado domar, mas que não se consegue; domado viciadamente (cavallo).» Ces. || ETYM. pref. *a* + hisp. port. *porr* (*a*) massa, clava, cacete, porrete + suff. vb. *ear*. || GEOGR. RGS. || LEX. PORT. va. ant., dar pancada com porra ou porrete, vexar, atormentar, aporrinhar, educar brutalmente.

**aparelho** sm., t. de pescaria, o conjuncto dos seguintes utensilios: linha, anzol, chumbada, faca de escala e bodoque de pescar. || GEOGR. Cabofrio (R Jan.).

**aprumo** sm., 1º vertical, em posição erecta. || 2º fig., segurança de si, consciencia de suas opiniões;

convicção profunda. || 3º altivez, sobrançeria. « A cada momento ouve-se o ruído soturno dos destroços que cahem. Decididamente ha falta de aprumo e de equilibrio. » Red. *Paiz* 8 jan. 85. N'esta phr., o voc. não parece bem empregado; pois o subst. *prumo* só por si exprimia bem a ideia do jornalista. Influencia do Chiado, onde aliás se diz mesmo em francez, *à plomb*, por ser mais elegante... || ETYM. fr. *à plomb*. Cp. *apedido*.

**apuava** adj., espantado, que custa a chegar-se, alçado: diz-se do cavallo. || ETYM. parece haver alli o rad. *puã* levantar-se, reagir, brigar, resistir; ou talvez *apó*, com os mesmos signif.; mas, o suff. *-ava* = *aba* = *haba* exprime circumstancia de modo, tempo, logar, instrumento, e não o agente, que é o suff. *-ar* = *har*. Só si é a pal. *abá* homem, abreviada, na passagem para o port., em *aba*, como succedeu com *emboaba*, transformação de *mbo abá*: então teriamos *apoabá* homem da briga, rusguento; e posterior translação para o cavallo. Sg. Cesimbra, os guascas, quando querem pegar o cavallo, chamão-no de *amo*, *patrão*. || GEOGR. Paraná, RGS. || ORTHOGR. *apoava*? || SYN. *aragano*, *aruá*, *fuá*.

**aquerenciar-se** vr., « tomar querencia a algum logar: diz-se especialmente dos animaes; tambem se diz que um animal está *aquerenciado* com outro quando vivem junctos ou se acompanhão. » Cor. || ETYM. cast. Temos o sf. port. *querença* afeição, boa ou má vontade a outrem,

nos vocabs. *bemquerença*, *malquerença*; mas o v. *aquerenciar-se* parece nunca ter existido. Os riograndenses do sul tomarão o voc. dos hispanhoes do Prata, que o formavão do sf. *querencia*. || LEX. PORT. Aul. dá *querencia* logar ou paradeiro onde habitualmente o gado pasta ou onde foi criado. Mas, o hisp. *querencia* é o port. *querença* afeição, amor, benevolencia, estima.

**aquilombado** part. pass. de.

**aquilombar** va.,-se vr., reunir, reunir-se em *quilombo* qv. « Só a escravatura [ de Caxias ] computa-se em cerca de 20.000 africanos; o que muitas vezes ameaça o socego publico subtrahindo-se parte d'ella ao jugo do senhorio, e aquilombando-se nas matas, d'onde em sortida vão roubar as fazendas circumvizinhas. » D.J.G.Mag. *RIH.* 1848, 277. || SYN. *amocambar*.

**a quo** phr. empregada com os vv. estar e ficar. « Estar *a quo*, ficar *a quo* » não entender, ficar em jejum ou na ignorancia do que se lhe explicou; não saber a licção. || ETYM. da declinação do pr. rel. *qui quæ quod* nas artinhas da grammatica latina, fazendo no abl. *a quo qua quo* ou sómente *qui*. A principio dizia-se « ficar *a quo* ou sómente *qui* »: depois supprimiu-se o ultimo membro da locução, que aliás era o seo sainete, Creação dos estudantes, como todos os latinorios que subsistem no port.

**ar<sup>1</sup>** sm., estupor (ar de), paralysis. « Apanhou o ar » ficou estuporado, arejado.

**ar<sup>2</sup>=ara** pref. e suff., nascer; succeder; cahir; receber; agarrar, prender: entra na compos. de algumas pals. brazs.

**-ar<sup>3</sup>=ara** suff., agente, sujeito que faz a acção expressa pelo verbo : entra na comp. de muitas pals. brazs.

|| ETYM. guar. *ar=har=çar=car* ; tp. *ara* fazedor, possuidor, senhor.

**araã!** interj., exprime saudade ou surpresa agradável. BR. || ETYM. ? guar. *araá = maraá = mbaraá* doença, doente (BC.): febre, quentura de doença daria para expressão de dôr. || GEOGR. Pará.

**aracambús** sm. pl., 1º «cruzeiras feitas de páos encavilhados nas bordas da jangada, onde descança a verga da mesma.» Cam. || 2º «armação de páos infincados nos da jangada, com um no centro com forquilha, onde pendurão os utensilios da pesca.» Cam. || ETYM. tp. guar. *ibirá* páo + *cambi* forquilha, páo cruzado. Cp. *araçanga*, *buraçanga*, *Itacambira* montanha em Minas (forquilha de pedra). O tp. guar. *ibirá* deu *birá*, *mírá*, *irá* que aparece em *ará*. || GEOGR. 1º Bahia; 2º Al., Pern. e Ceará.

**araçanga** sf., «cacete curto que usão os jangadeiros para matarem o peixe já ferrado no anzol, quando chega perto da jangada para poderem collocar-o sobre ella sem perigo.» Cam. || ETYM. ç br. *ar* colher, tomar, agarrar + *açá* ir de travez, ir sobre, cortar em cruz, cahir obliquamente sobre, cahir de banda. ? Talvez melhor corr. pop. de *ibiraçanga* páo longo, páo largo, cacete, porrete. Cp *buraçanga*, que tem o mesmo signif. || GEOGR. Ceará.

**aração** sf., acção de \* *arar* ; fome canina; precipitação no comer. || ETYM. v. *ar* (*ar*) + suff. *ação*. ||

GEOGR. Sergipe (SR.); litt. norte do R. Jan.

**aracatí** sm., «vento mui forte que sopra de repente, no verão, ao cahir da noite.» Rod. Theoph. 15.; nordeste (Th. Pomp.), que sopra do lado do Aracaty. || ETYM. br. *ára* tempo, vento + *catú* muito. Cp. *atapú* e *minuano*. || GEOGR. sertão do Ceará e principalmente no valle do Jaguaribe.

**araçazada** sf., doce de *araçá*, fructa do *Psidium araça*, *P. pomiferum* L., araçazeiro: o fructo é descaroçado, fervido em calda de assucar, coado em peneira fina e engrossado em ponto de marmellada.

**arachá**, vj. *araxá*.

**arado** pp., morto de fome, com fome canina. || ETYM. pp. de \* *arar* vn. offegar, estar anhelante, sem ar, estar rafado de fome. || GEOGR. Sergipe (SR.); litt. N. do R. Jan.

**aragano** adj., disparador; fujão; difficil de pegar-se: diz-se dos cavallos. Ces. || ETYM. cast. || GEOGR. RGS. || SYNON. *apuava*, *aruá*, *fuá*.

**arajaué!**, vj. *arayaué!*

**aramador** sm., fazedor de cerca de arame. Vj. ex. em *alambrador*.

**araponga** sf., 1º psittaco muito conhecido, branco, pousa no cimo das mais altas arvores, d'onde solta os seus gritos metallicos e estridulos, que atrôão o matto; é o *chasmarrhynchus* dos ornithologistas, o passaro martellante. || 2º fig., pessoa que falla gritando, de voz estridente. || ETYM. br. *ará* arara, papagaio grande + *ponga* p. pr. e adj. que sôa, batendo-se. || SYN. *ferrador*. Min.

**arapuca** sf., 1º «armadilha de varinhas para apanhar passarinhos.» Juv. Gal.; «para apanhar passaros.» Rub.; «aves, e mesmo outros animaes.» BC. «A passarinhada que o bom do fazendeiro caça em arapucas e laços de toda especie, para que não lhe destroce os milhares.» Patroc. folh. *GN.* 23 maio 81. || 2º fig., casa velha, esburacada, que ameaça ruina. «Ha muito, ha muitissimo tempo que todo o mundo reclama, supplica e pede pelo amor de Deos que se retire a justiça publica d'aquella arapuca fetida e fatidica [a casa do Jury da Corte].» V. Mag. *GN.* 5 jan. 84. «Casa destinada para banhos... sendo antes uma armadilha que uma casa em ruinas. Aquella arapuca conserva-se ainda alli para attestar o quanto os governos geral e provincial fazem caso de Caxambú.» Maxim. Serzedello *GN.* 20 jul. 84. || ETYM. BCaet. dá *arapug* cahir com estrondo, rebentar cahindo, comp. de *ar* cahir + *a* euph. + *pug* rebentar, estourar; furar-se, arrombar-se; bater; soar. Pode que, em vez de *ar* cahir, seja *ar* tomar, apanhar, prender, agarrar: e então seria o guar. *arapug* =tp. *arapuca* prender batendo; o que melhor se adapta ao fim da armadilha. Cp. *arataca*; e ao lado d'essas duas formas, *urupuca* e *urutaca* (Min., SP.), compostos de *urú* cesto, cóvo + *pug* + *tag* = *taca* estralar, bater com ruido, soar com estrondo. || GEOGR. littoral. || SYN. *arataca*, *urupuca*, *urutaca*, *urapuca* (Pará), *mundêu*.

**arara** sf., 1º nome generico dos papagaios grandes, fam. dos Psittacos, ordem dos trepadores. || 2º especie

de papagaio grande, «tem as pennas do collo, pernas e barriga vermelhas, e as das costas, das azas e do rabo azues, e algumas verdes, e a cabeça e pescoço vermelho, e o bico branco e muito grande, e tão duro que quebrão com elle uma cadeia de ferro, os quaes mordem muito e gritão mais. Crião estas aves em arvores altas, comem fructas do matto e milho pelas roças, e a mandioca quando está a curtir. Os indios tomão estes passaros quando são novos nos ninhos, para os criarem; os quaes, depois de grandes, cortão com o bico por qualquer páo como se fosse uma inxó. A sua carne é como as dos canindés, de cujas pennas se aproveitão os indios.» G. Soares. «Em vão das flexas a purpurea arara Fugir-lhe espera!» Cl. Man. *Villa-Rica* c. III. || 3º fig., toma-se no mesmo sentido que o fr. *canard*, peta, carapetão, balela. «Comer araras» é ser victima de logro. «A historia toda é uma peta, uma grandissima arara, que ninguem engole.» Edit. *Braz.* 11 jan. 84. «Cobra com pernas?.. Oh collega! não será arara isso?» Red. *FN.* 17 jan. 85.

|| ETYM. guar. *ará* =tp. *arara*, que dizem ser onomat. do fallar da ave, «mas note-se, diz B. Caet., que *ara* exprime «dia, luz, aurora.» || HIST. A origem do *canard* vem de certo espertalhão que promettia castellos na Hespanha, vendendo *patos pela metade*, isto é, *meio* pato por um: d'ahi, «vender um pato pela metade» phr. simplificada em «vender um pato» tornou-se synon. de zombar, caçar, pregar logro; pois vender *um*

pato pela *metade* não é vendel-o inteiro. Littré. A analogia da nossa phrase parece vir de serem a *arara* e o *canard* passaros grandes, aves corpulentas, e, não obstante o tamanho, ser capaz de engolir uma de um só bocado o credulo ou simplorio que come o mais grosso carapetão como si fôra verdade.

**arataca** sf., armadilha para apanhar aves e animaes de caça. || ETYM. vj. *arapuca*. || SYN. *arapuca*, *mundêu*, *urupuca*, *urutaca*.

**aratanha** sf., 1º vacca de pequena estatura. BR. || 2º especie de camarão pequeno. || 3º sapo pequeno. || ETYM.? a de *Aratanha* serra na provincia do Ceará parece vir de *ará* arara + *tã* bico, trad. litt. do nosso *Bico do Papagaio* aqui na Côte. O mesmo nome cabe ao camarão, que toma a forma adunca; mas, os outrossignificados? || GEOGR. 1º Piahy; 2º e 3º Al. || SYN. 3º *intanha* qv. Alagoas.

**araxá** sm., planalto, vasta chapada no interior do Brazil, chapadão. «Os lagos [na região amazonica] são de grande belleza, sobretudo na parte da bacia que fica em cima do grande *plateau* ou *araxá* central.» Cout. Mag. *Selv.* II, 176. «Da immensa área da provincia [Mattogrosso] a parte maior está situada no vasto planalto central da America do Sul, e talvez o mais elevado *araxá* brasileiro.» Sever. I, 21. || ETYM. Couto de Magalhães tem esta pal. por tupi-guarani, composta de *ára* dia + *xá*=*chá* ver, «por ser o *araxá* a região mais alta de um systema qualquer [orographico?] e assim a

primeira a ver e a ultima a deixar de ver os raios do sol.» Mas, sendo assim, tractando se de *logar onde*, esta circumstancia havia de ser expressa pelo verbal *hab=aba=caba*, dando *araechahab* (guar. *echab* ver), *aracha-caba*, que se contrahiria em *aracháb* guar., *arachaba=arachava=arachaua* tp. Cp. *Ibiapaba*, *Paranapiacaba*, *Pindamonhangaba*. || ORTHOGR. com *ch.*, mais conforme á etym.; com *x*, usual.

**arayaué!** intj. «de aborrecimento causado pela repetição enfadonha de qualquer noticia já de todos sabida.» BR. || ETYM. tp. Talvez comp. de *arayá* todo o dia, sempre, de continuo + intj. *ué!* || GEOGR. valle do Amazonas || ORTHOGR. com *y* traduz se melhor o som do *j* da lg. ger., como si se pronunciasse *arai-iá-ué*.

**areia-preta** sf., «qualidade de rapé» (Rub.) da fabrica de Meuron, na Bahia.

**areião** sm., augm. de *areial*. «Cheguei a um areião ou banco de areia, que tinha uma extensão de mais ou menos 30 braças, em que quasi totalmente se descarregarão os barcos.» 1847 Ruf. Theot. *RIH.* 1848, 203.

**areisco** adj., areiento, «terra misturada de areia e salão, serve para mandioca e legumes, mas não para canna.» Rub.

**arejar** vn., apanhar o ar, sc. de estupor (paralysis), estuporar. || LEX. PORT. tomar ar; expôr ao ar; ventilar.

**armar** va., «nos engenhos de assucar, é arrumar a lenha na fornalha.» Rub., ou na bagaceira. «O pri-

meiro aparelho da lenha, para se botar fogo á fornalha, chama-se *armar*; e isto chama-se empurrar rolos e estendel-os no lastro (o que se faz com varas grandes que chamão *tras-fogueiros*) e sobre elles cruzão travessos e lenha miuda, para que levantada chegue mais facilmente com a chamma aos fundos das caldeiras e taxas.» Anton. 71.

**armarinheiro** sm., **armarinhista** s. 2, negociante de miudezas, que constituem o commercio de armariño. || LEV. PORT. *capellista*.

**armarinho** sm., 1º armario pequeno, onde se guardão miudezas. || 2º casa onde se vendem objectos de costuras e outras miudezas. || ETYM. *armar(io)* + suff. *inho* dim. O 2º sign., exclusivo nosso, vem de serem os *armarinhos* lojas pequenas, *armarios* comparados a *armazens*. || LEX. PORT. 2º casa de capella.

**arranchar** 1º vn., tomar rancho para descançar da viagem do dia; parar e dormir em rancho. || 2º — *se* vr., morar em rancho. «Arranchando-se fora da estrada em suas casas de esteiras, entrão [os guaycurús] dentro do forte de dia e desarmados.» 1795 Prado *RIH*. 1839, 55. || ETYM. pref. *a* + s. *ranch(o)* casa de palha, telheiro aberto + suff. vb. *ar*. || GEOGR. interior do Braz., especialmente Min., Mgr., SP. e Paraná, RGS., serrácima do RJan. etc. || LEX. PORT. *arranchar* nas signifs. tr., intr. e pron., é formado de *ranch*o grupo de pessoas que se associão para qualquer fim, e particularmente para viajar e para comer. || SYNON. *parar*, *pousar*.

**arrastão** s. m., rede de apanhar peixe, varre tudo o que encontra, graúdo e miúdo.

**arreador**,

**arrear**,

**arreata** = a **reata**,

**arreeiro** vj. com *-rei*: *arreedor*, *arreeiro*, *arreeio* etc.

**arreganhar** vn., «ficar o cavallo cansado a ponto de cerrar os queixos sem que se lhe possa tirar o freio.» Cor. || ETYM. pref. *a* + s. *reg(o)* sulco, vinco, contracção da face em gesto feroz ou de dôr profunda, trismo + suff. iter. *anhar*. || SYNON. *abombar*, *assolear*, *assonsar*.

**arreglar** va., ajustar, contractar, regular um negocio. «Segundo o *Conservador*, sete são os motivos que levão o redactor da *Gazeta de Noticias* á capital do Imperio, entre os quaes citaremos os tres seguintes.. .. arreglar e decidir questões de terras devolutas.» *Echo do Sul* [RGS.] 7 abr. 83. || ETYM. s. cast. *arregl(o)* + suff. vb. *ar*. || GEOGR. Paraná, RGS.

**arreglo** sm., ajuste, tracto. || ETYM. hisp. *arreglo* regra, ordem, regulamento. || GEOGR. Paraná, RGS.

**arreiador** sm., 1º tropeiro encarregado do arreiamento e do tratamento da tropa. || 2º chicote curto com que o cavalleiro toca a propria cavalgadura. «Um chicote (arriador) de cabo de páo, fingindo tecido de lonca.» *CEP*. 1875, 174. «Chegava prezo a Lages, um individuo.. que armado de uma faca e um arreador de ferro, tentou matar o fazendeiro.. residente na freguezia da Bagagem.» Red. *JC*. 12 jan. 84. || ETYM. vb. *arreeia(r)* + suff. *dor* agente. || GEOGR.

Paraná, SC., RGS. || ORTHOGR. *arreador, arriador*; mas o th. é *arrei-*. || SYNON. *açouteira, tala*.

**arreiar** va., botar os arreios no animal. || LEX. PORT. *deitar, pôr* os arreios a *uma cavalgada*. Aul. || ORTHOGR. *arrear, arriar* não reproduzem o th. que é *arrei-*, metath. do v. \*ar. *arriel* ornar, enfeitar.

**arreiata** loc. adv., pela corda, pelo cabresto. || ETYM. contracç. da prep. e art. *a* + sf. *arreiata* corda, cabresto.

**arrieiro** sm., encarregado dos arreios da tropa. || ETYM. s. *arrei(o)* + suff. *eiro* profissão. || ORTHOGR. port. *arrieiro*. || ORTHOPH. *arriêro, arriêro*.

**arreios** sm. pl., «as peças com que se arreja um cavallo para montar, e são : suadouro, xerga, carona, lombilho, cincha, coxinilho (ou pellego), badana, sobrecincha ou cinchão, rabicho e freio com seos pertences.» Cor. «Especie de sella complicada, quasi que só usados aqui [RGS.], nas republicas do Prata e Paraguay.» Ces. || ETYM. Aul. dá para etym. de *arrei* e seos compostos *arreiar, arreiador, arrieiro, arreiata, arreamento*, a interj. *arre!* usual entre os arrieiros (que elle escreve *arrieiro*); cremos, porém, que essa interj. arabe, derivada do v. *arra*, e que significa «anda! move-te! vamos!» Sz. não podia dar logar a um verbo que signif. ornar, vestir com garbo, decorar, enfeitar. E' duvidoso mesmo que interjeições produzão qualquer outra especie de palavras. Demais, o t. *arrieiro* = *arrieiro* é evidentemente formado de *arrei*; e este existiu

antes que os *arrieiros* tornassem popular a sua exclamação favorita : *arre!* Estamos com Bluteau, que deriva *arrieiro* = *arriar* do ar. *arriel* ornar, adornar, enfeitar, revestir; vestir, cobrir de adornos.

**arribe** sm., chegada, importação, «O commercio [do matte] está muito abatido .. Receiamos baixa ainda muito mais importante em vista dos proximos arribes que se esperão.» P. c. *Dezen. Dez.* Curitiba 2 ag. 82. || ETYM. cast. *arribo* chegada. || GEOGR. Paraná, RGS.

**arrinconar** va., «metter animaes em um rincão.» Cor.; encantoar. || ETYM. pref. *a* + s. *rinc(ã)* o = hisp. *rincon* canto, extremidade, lugar escondido + suff. vb. *ar*. || GEOGR. Paraná, SC., RGS. || HIST. Bl. havia recolhido o pp. *arrinconado*, e Mor. o vr. *arrinconar-se*. Em Port., já houve *arrinconar*, que se tornou obsoleto; hoje é *arrincoar*, que Aul. diz ser pouco usado.

**arroz-de-cuxá** sm. comp., arroz cozido n'agua e sal, sobre o qual se bota o molho de *cuxá* qv.

**arroz-de-ussá** sm. comp., arroz cozido n'agua e sal, sobre o qual se bota carne secca frita, bem picadinha e bem temperada. || ETYM. de *Aussa* nação da Costa dos Escravos. BR. || GEOGR. Bah., Serg., Al., Pern. || ORTHOGR. *ussá* é contr. de *aussa*. O ult. *a* quasi longo: pron. *áu-çã*, com maior quantidade na 1ª syll.

**articulista** s 2., auctor de *artigos* de jornaes.

**artigo**, vj. o art.

**aruá** adj., desconfiado, espantadiço, indocil. Applica-se aos cavallos inquietos, que não se deixão facilmente apanhar, e antes correm quando o vão prender. || ETYM. guar. *aruai* solto, desenvolto, escarnecedor: de *arô* sorrir + *ai* mal. Talvez de *arú* revoltoso; damnoso, malefico; contrariador; damnado, perverso + suff. part. *á* = *ar* agente. || GEOGR. RGS.

**arubé** sm., «massa feita de mandioca puba, misturada com sal, alho e pimenta da terra, a qual desfazem no molho do peixe ou carne e lhe serve de tempero á meza. Tambem a chamão *uarubé*.» BR. || ETYM. ? Temos em br. *carú* comida, sustento, e *bê* que dura, permanente; d'onde *carubé* conserva de alimento. Mas então, a pal. seria *harubé*, que parece justificada pela forma *uarubé*. || GEOGR. Pará.

**arvore da Independencia** sf., croton assim chamado por ter as folhas pintadas das cores nacionaes: verde e amarello. No começo do Imperio, os patriotas, em lucta com os portuguezes, distinguíam-se collocando no chapéo, ou na casa da jaqueta, da farda ou da casaca uma *folha da Independencia*. «E ainda hoje, a sua presença é uma lembrança d'esse facto em todas as festas nacionaes; por isso, todos a cultivão.» Alm. Pinto.

**assado** sm., «pedaço de carne ordinariamente sem osso, para assar: tem já este nome antes de assado.» Cor. || GEOGR. RGS.

**assado-de-couro** sm., «carne que se assa sem desunir-se do couro,

em cuja parte se applica ao fogo.» Cor.

**assahí** sm., 1º *Euterpe edulis* Mart.; *E. oleracea* Mart., palmeira. || 2º «especie de alimento feito com a polpa da fructa d'este nome diluida em agua. Ajunctão-lhe assucar e tapioca ou farinha de mandioca, e torna-se desta sorte um alimento nutriente e agradável, apesar de um certo gosto herbaceo, que repugna aos novatos.» BR. || «Saboreiem-a como si estivessem no Pará deante de uma cuia d'aquelle ineffavel assahy, que se bebe aos goles para não acabar depressa.» Red. *DN.* 12 sett. 85. || ETYM. *ia* fructa + *çai* que chora, bota agua. || GEOGR. Am., Pará, Mar. || ORTHOGR. aceita a etym., deve-se escrever com *ç* = *s*; mas, está em uso com *ss*.

**assaranzado** pp., trapalhão; abobado. || ETYM. pref. *a* + s. *saranz* (*a*) qv. + suff. pp. *ado*. || GEOG. Cabofrio. || SYN. *avoado*.

**assaranzar-se** vr., atrapalhar-se; ficar tonto, abobado. || ETYM. pref. *a* + *saranz* (*a*) qv. + suff. vb. *ar*.

**assentada** sf., «partida falsa, ou pequena carreira dada do ponto de partir pelos cavallos parceiros antes de começarem a correr; costuma haver 1ª assentada, 2ª ou 3ª, ou ás vezes mais, conforme o tracto com que se amarrou a carreira.» Cor. || ETYM. v. *assent* (*ar*) adaptar, ajustar, applicar, acertar, endireitar, preparar, collocar convenientemente, ensaiar si está justo + suff. *ada*.

**asso** adj., albino: homem de raça preta, que sae branco pela ausencia total do pigmento destinado

a colorir a pelle dos da sua casta. || ETYM. negros da costa occidental d'Africa, e do paiz dos Mumbutus, nas margens do Bahr-el-Ghazel.

**assoalhar** va., pôr soalho na casa. || HIST. já era vocab. braz. antes de figurar nos lexicos ports. Na 5.<sup>a</sup> ed. de Moraes (1844), ainda de *assoalhar a casa* se remette para *assoalhar*, que era o v. port., derivado de *solho*, o nosso *soalho* ou *assoalho*. Roq. (1867) traz *assoalhar* guarnecer a casa de *solho*; e não conhece *soalho* e *assoalho*. *Assoalhado*, e só, em Bl. *Suppl.*

**assoalho** sm., vj. *soalho*.

**assolear** vn., « fatigar-se por ter viajado ao sol, ou em dia de calor: diz-se do animal, principalmente si é gordo. E' quasi o mesmo que *assonsar*. » Cor. || ETYM. cast. *asolearse* insolar-se, queimar-se no sol.

**assombração** sf., susto causado por encontro ou aparição de alma do outro mundo, do diabo, do lobis-homem, da caipora, do curupira ou outra coisa sobrenatural; terror motivado por causa inexplicavel, fora da ordem natural, por sombra ou phantasma. || ETYM. th. *assombr*=prep. *a* + s. *sombra* visão, espectro, phantasma, extra e super-natural, do outro mundo + suf. s. *ação*. Aul. dá *assombrar* vindo de *assombro*, e *assombro* de *assombrar*; e ria-se do nosso Moraes...

**assonsar** vn., « quasi o mesmo que abombar; mas não tanto. » Cor. || ETYM. de *sonso* velhaco que se faz de tolo? malandro que se faz de doente para não trabalhar? || GEOGR.

serrácima R. Jan., mata de Min., Paraná, RGS. || SYNON. *affrouxar*, *cansar*, *assolear*, *assonsar*, *esfalfar*, *arreganhar*, *arrebentar*. No litt.<sup>o</sup> do R. Jan., exprime-se a gradação assim: — O cavallo fica *lerdo* quando por priguica ou manha habitual, ou *cansaço*, ou molestia, anda com difficuldade no passo costumado. *Affrouxou*, *está frouxo*, quando o cansaço o impede de andar na marcha costumada, e precisa leval-o a passo mais lento *Cansou*, *está cansado* quando precisa parar para *descansar*, pois nem a passo lento pode caminhar. *Esfalfou*, *está esfalfado* quando cahe arquejante. Estes dois ultimos tt. correspondem a *assonsar* e *abombar*. O *assolear* exprime antes a causa da molestia, a *insolação*; o *arreganhar*, um symptoma, o trismo. Assim o cavallo *assonsou* quando *está cansado*; *abombou* quando *esfalfado*, ou, como tambem dizemos na beiramar, *arrebentado*. E talvez esta mesma ideia de *arrebentar*, *estourar* tenha dado nascimento ao v. *abombar* qv.

-**assú** = **guassú** = **uassú** suff., grande, grosso, grosseiro, saliente; opposto a *mirim*: entra na composição de grande numero de nomes de animaes, plantas e logares. « Na ausencia do zumbi-assú, o sr. agente do correio recorreu ao zumbi-mirim de S. Gonçalo de Sapucahy. » Apd. *GN*. 17 set. 84. *Zumbi-assú*, *zumbi-mirim*, notavel formação bilingue: subst. bd. qualificado por adj. tp.-guar. || ETYM. br. || ORTHOGR. *açú* á hisp., *guaçú*, *uaçú*.

**assucena** sf., recipiente de vidro, em forma de lyrio, que se col-

loca nos castiças afim de aparar o espermacete que cahe da vela. || ETYM. port. *assucena* lyrio branco; ar. *alsusana*, do heb. *susan* = *zuzan*, cecen, lyrio.

**assumptar** vn, ouvir attento, escutar com interesse, dar attenção ao assumpto. «Ora me assumpte, nhá Tuca, que eu conto pra mecê como foi que o arreglo se amarrou» ora escute-me, d. Gertrudes, que eu lhe digo como foi que o tracto se firmou (trad. em linguag. do litt. d'aquella phr. que ouvimos no Campo-largo, Paraná). «O caçador que se embrenhar no serrado acautele-se ao perder o trilho e assumpte bem no que faz quando de novo o encontrar, porque muitas vezes é o curupira que o está enganando.» Alb. Torrezão *Fz.* 13 jul. 83. || ETYM. s. *assumpt* (o) qv. + suff. vb. ar. || GEOGR. SP., Paraná, RGS.

**assumpto** sm., attenção. «Dar assumpto» prestar attenção. || ETYM. confusão pop. dos dois tt. *attenção* e *assumpto*, empregados ordinariamente na mesma phraxe e separados pela prep. e art. *ao*, pronunciado *ô* e confundido com a conj. *ou*. «Prestar attenção *ao* assumpto, *ô* assumpto, attenção *ou* assumpto.» Lei da inter-currencia. D'ahi, muito naturalmente o v. *assumptar*. || GEOGR. litt. R. Jan. Paraná.

**assungar** va., levantar, puchar para cima. «Assungar a saia; assungar o cesto etc.» || ETYM. pref. *a* + v. *sunçar* qv.

**atá** va., andar: apparece só na phr: «Caranguejo anda ao atá», diz a cantiga, para signif. anda andando,

á tóa, sem direcção, como succede quando elle está na desova. || ETYM. prep. *a* + 3ª p. sg. pr. ind. v. *atá*: *oatá* elle anda.

**atacado** (por —) loc. adv., em grosso, por juncto, não a varejo. «Vender por atacado». || LEX. PORT. vender atacado.

**atacar** va., t. d'engenh., dar começo aos trabalhos da empreitada. «Si o empreiteiro atacar os trabalhos de Macahé a encontrar os que vão de Capivary, o presidente da provincia encarregará um engenheiro das obras publicas da fiscalização d'aquelle trecho.» Emenda do dep. Pedro Luiz sess. ass. prov. Rio Jan. 26 oit. 86.

**atalhar** va., endireitar os arreios, concertal-os em ordem a não machucarem os animaes. || ETYM. pref. *a* + v. *talhar* cortar por molde ou por medida, ajustando a roupa ao corpo de modo que fique elegante e comoda. || GEOGR. interior do Br., Min., SP., Mgr., Goyaz.

**atapú** sm., «buzio grande ou caramujo, que serve de trombeta. O jangadeiro toca o buzio para chamar os companheiros, ou para chamar freguezes ao mercado do peixe.» J. Gal. || ETYM. br. *guatapú* = *guatapi*, que BCAet. decompõe em = *guatá* = *atá* andar + intj. *pi* ólá! então? vamos! depressa! Talvez do s. *atá* o andar, caminhada, viagem + *pug* o que sôa, a buzina. No Pará *uatapú*, guar. *oatá* elle anda + *pug*: anda soando, tocando buzina. || GEOGR. Ceará e outras provs. do N.

**atar** va., conchavar, concluir ajuste, contracto, mas de uma vez, de-

finitivamente, ficando o negocio *amarrado*. « N'estas reuniões [de caudilhos e peães nas pulperias ou vendas] se falla de carreiras [sc. de cavallos], se atão novas, se falla de marcações, de animaes extraviados, de assassi-natos e disputas que têm havido na semana, de eleições &c. » Con. Gay *RIH*. 1863, 835. || SYNON. *arreglar* é regular as condições do ajuste; *atar* é concluir-o, dal-o por feito e acabado; *amarrar* é implicitamente prometter não voltar atraz, sellar o pacto com a honra dos contractantes, ou com estipulação de signal adeantado, ou mulcta em caso de arrependimento, ou outra qualquer garantia do fecho do tracto. *Amarrar* é dar o nó em negocio *atado* depois do arreglo.

**atarau** sm., furor. « Estar em atarau » em furor, muito zangado. Araripe Jr. ap. BR. || ETYM. guar. *atá* fogo + *raú* á tóa, sem razão, ficticio, illusorio; exaltação de animo, furia, furor, ás vezes sem motivo. || GEOGR. Ceará. || SYN. *calundú*.

**atillo** sm., no Paraná é igual a 4 espigas de milho: 16 atillos fazem ãa *mão* = 1 quarta, quando o milho não é bem graúdo, porque então dá mais. As 4 espigas amarradas ou *atadas* constituem o *atillo*.

**atirado** part. pass. de *atirar*, morto a tiro; que soffreu a acção de quem atirou. « Atrevido gavião, merece ser atirado, Pra não ter o atrevimento De comer pomba criada. » Kos. ap. SR. II, 12. « A testemunha ouviu um tiro; em seguida, mais alguns; e viu de novo voltar na carreira o mesmo Martins e cahir do lado de dentro da sala, atirado, não

sabendo por quem. » Goyaz ap. *JC*. 24 fev. 86.

**atirar** va. e n., 1º dar tiro em; fazer alvo de. || 2º matar a tiro de espingarda, pistola, revólver, gar-rucha, clavina, clavinote, bacamarte, armas de fogo e de tiro usuaes no Brazil.

**atôa** adj. 2, sem objecto; sem fim; a reboque; sem reflexão; sem prestimo; sem occupação; inutil; inconsiderado; a esmo; ao acaso. « Homem *atôa* » h. nullo; « mato *atôa* » m. sem utilidade; « coisa *atôa* » c. sem prestimo, sem serventia. || ETYM. adv. *á tóa*: prep. *a* + art. *a* + sf. *tóa* corda extendida de um navio a outro para o re-bocar; reboque; sirga.

**atoamente** adv., de modo *atôa*. || ETYM. adj. *atôa* desoccupado, sem que fazer + suff. adv. *mente*.

**atocaiar** va., fazer tocaia ou espera a alguém; esconder-se para com surpresa atacar a outrem; assaltar nas trevas ou no ermo. « E' por isso que o inimigo simula contra-marchas e movimentos de flanco á espera que chegue a vez do beaterio presumptivo. Elle espera atocaiado, porém minando sempre... » *Lucros e Perdas* IV, 17. || ETYM. vj. *tocaiã*.

**atocanar**, vj. *atucanar*.

**atoledo** sm., atoleiro. || ETYM. v. *atol* (*ar*) + suff. *edo* = *ciro*. Cp. *balsedo* ao lado de *balseiro* &c. || GEOGR. SP., Bah. (BR.)

**atomatar** va., acachapar (port. acaçapar), esborrachar como ao to-mate; pizar; abater; envergonhar.

**atora** sf., pedaço de pão, cor-

tado em peças regulares ; tóro. || ORTHOPH. (*ó*)

**atorar** va., cortar em toros, reduzir a toros. || ETYM. pref. *a* + s. *tor(o)* + suff. vb. *ar* || LEX. PORT. *torar*.

**atropilhar** va., « reunir os cavallos em *tropilha* » qv. Cor.

**atucanar** va., escorraçar, fazer fugir, perseguir ; apoquentar, moer a paciencia alheia com coisinhas ; aborrecer ; dar bicadas, alfinetadas ; enticar, bulir com quem está quieto. || ETYM. pref. *a* + s. *tucan(o)* qv. + suff. vb. *ar*: do tp. guar. *tucan* bater ; esbarrar ; esmurrar. || ORTHOGR. a escripta com *o*, *atocanar*, presuppõe a composição com o s. *toca*, forçar a outrem a metter-se na toca ; mas deixa sem explicação a nasal *an*. *Toca* deu *entocar* ; e podia dar \* *atocar* e \* *atoquear* ; mas não *atocanar*, que só se explica pelo vezo portuguez de escrever *o* onde se tem de pronunciar *u*. || SYNON. *amoliar*, *enticar*, *massar*.

**aturá** = *uaturá* sm., cesto em cone truncado para carregar mandioca e outros productos da roça. || ETYM. tp. am. (Couto de Mag. ap. B. Roh.; J. Ver.).

**aurana** sf. « certa especie de morphéa, vai passando dos indios, principalmente das tribus Purús e Purupurús para as pessoas de outras castas. Esta molestia não se apresenta com os tuberculos empolados da elephantiasis, que se engrossão nas partes mais salientes do rosto ; mas conhece-se por manchas e pintas, que lavrão por todo o corpo. Dá-se-lhe a denominação de *aurana*, que quer

dizer « impigem ou herpes », e se attribue a máos humores alterados por alimentos continuados de peixes gordos e nocivos. » Tenr. Aranha *Rel. Pr. Am.* 1852, ed. Manaos 1874, 22. || ETYM. guar. *ai* = *aib* chaga, ferida, podridão + *rã* semelhante, parecido. Glz. Dias dá *averana* = *aberana* tísica, asthma.

**avalentado** part. pass. de

**avalentear-se** vr., tornar-se *valentão*, levantar-se contra alguém. « Escravo avalentado » de genio indomavel, que se insurgia contra o senhor ou o feitor.

**ave** sf., sujeito exquisito, esturdio, singular. « Um cerebro que já se denuncia esbodegado pelo olhar fixo e vitreo d'essa ave. » Apd. *JC.* 5 mr. 83. || ETYM. da loc. lat. *avis rara*. Creação dos estudantes. || SYN *typo*.

**aviado** sm., negociante por conta alheia, mascate que, mediante lucro, vai vender no sertão por conta dos negociantes da costa. « Em tempo não mui remoto, erão frequentes os *aviados* das casas da costa para o interior [d'Africa]. Hoje poucos são os *aviados*. A morte de uns, a fuga de outros, tem dado logar a que os negociantes da costa mostrem a maior repugnancia em fornecer fazendas para o interior. O commercio, pois, é quasi exclusivamente feito pelos indigenas e por sua propria conta. » Cap. - Iv. 1, 15 e 17. Na região amazonica, porém, os *aviados* florescem. « O *Izora*, propriedade de um *aviado* do sr. Elias, tambem se julga perdido, ou pelo menos todo escangalhado. » Corrp. Purús in *Comm.*

*Am. trscr. Braz. 21 ag. 83.* || GEOGR. Amaz., Pará, para onde foi transportado da Africa portugueza.

**avoado** pp., tonto, adoidado, que anda com a cabeça no ar; trapalhão; sem assento ou juizo. || ETYM. Corr. de *azoadado?* ou part. pass. de *avovar?* Este v. significava no port. ant. fugir, desaparecer quasi de repente: do lat. *advolare*. Vit.; e deu o s. *avoamento* vôo; elevação d'espírito. Parece que é d'este ultimo significado, tomado em má parte, que vem o nosso peyor. *avoado*. || ETYM. litt. RJan. || SYN. *assaranzado*.

**axi!** intj., vj. *êxe!*

**ayurú** sm., papagaio. Vj. *ajurú*. || GEOGR. Min., onde a cidade de *Ayuruoca* (casa do papagaio).

**azedinha** sf. herva acidula, refrigerante, cozinha-se para comer com pirão, e entra na composição dos carurús, quitutes, angús e outras comidas brasileiras.

**azeite-de-cheiro** sm. comp., azeite de dendê, fabricado na Bahia por processo differente do importado d'África.

**azeite-de-dendê** sm. comp., oleo extrahido do coqueiro de *dendê* qv. || LEX. PORT. *oleo de palma*.

**azeiteiro** sm., fig. alcoviteiro; pelintra; bigorriilha. || LEX. PORT. em sent. fig., *azeiteiro* sujo de azeite, porcalhão &.

**azulego** adj., «oveiro de pintas miudinhas de branco e preto, que de longe parece azul: diz-se dos cavallos, e são rarissimos.» Cor. || ETYM. cast. *azulejo*: *j* asp., pronun-

ciado com o som do *g* forte ou guttural.

**-ba** suff. part. act. na lg. geral. Contr. de *bab=baba*, e de *bae* agente do part. (corr. ao lat. *-ans -tis, ens -tis, iens -tis*), apparece em muitos vocs. brazs. como *bacaba, chebamba, jereba, patureba, potaba, quirimbaba, teba* etc.

**babá** sm., bolo de farinha de trigo, leite e ovos. «Babá de Paris.. babá allemão.. babá de banqueiro.. babá de espeto.» *Doceiro Nacional*, 1881. || ETYM. fr. *baba* doce em que entrão passas de Corinθο. Littré.

**babaça** s. 2, irmão gemeo. || ETYM. bd. || GEOGR. Bahia. || ORTHOGR. *cabaça* qv., recolhido por V. Cabr. na Bah.

**baba-de-moça** sf., doce feito de coco da Bahia. Rb. || ETYM. port. hisp. *baba*; prov. ital. *bava*; fr. *bave* saliva que escorre insensivelmente da bocca (v.fr. *bave* a falla das crianças) + prep. *de* + sf. *moça* do port. *moço*, hisp. *mozo*, fr. *mousse* joven: do lat. *mustus* novo, fresco (troca de *st* por *z* e *ç*). \* Diez. A propriedade do nome está na consistencia babosa do doce; o espirito do confeiteiro addicionou-lhe o designativo. || ORTHOPH. *ç* *babá* em vez de *bába*. Cp. *babá*, supra. *ç* Caso notavel da lei da intercurrencia: pois a etym. é identica; mas *babá* é t. estranho, *baba* é nacional, e, por ser popular, prevaleceu no nome do do-

\* Essas e outras etymologias, que se achão em conhecidissimos livros de AA. europeos podem parecer truismo ou pedantismo. Damol-as, porém, como amostras do systema que vamos empregar no dictionario completo da lingua luso-brazileira; pois, protestamos ainda, o que se está publicando é mero ensaio, destinado a ser, no fundo e na forma, total e inteiramente refundido. O voto dos criticos decidirá.

ce bahiano. Cp. *babá-de-banqueiro*, *b.-de-espeto* etc.

**babacuara** s. 2, 1º toleirão, apasçado. || 2º roceiro, matuto. BR. || ETYM. br. *mbaebê* nada + *cuaá* saber + suff. *ara* agente do part. act., de nada sabedor, ignorante, bobo. BR. aproxima *babacuara* do port. *babão*, ant. *baboca*, *baboso* tolo, boca-aberta ou boquiaberto, que anda babando. Ha, com effeito, no grego no baixo latim e em todas as linguas que d'elle descendem, e bem assim nas germanicas, a raiz *bab* criança, e por metaph., simples, simplorio, tolo. *Baba* saliva que escorre, e seos compostos; isl. *bab*; din. *bable*; ingl. *to babble*; holl. *babbelen*; all. *babbeln*; fr. *babil* e seos compostos; b. lat. *babiger*, *babillio*, *babosus*, *babugus* tolo, *baboynos* especie de macaco, *babulus* dimin. de \* *babus*, *baburcus*, *baburrus*; prov. *babá* som inarticulado das creanças e seos compostos, *babau* tolo, *babi* criança, *babiola* brinquedo de criança, *bava* saliva e seos compostos, *bavous* e outros; ital. *babalone* credulo, *baba* e seos compostos; hisp. e port. *baba*. *babão*, *babáo*, *baboso*; celt. *bab* criança; gr. *babai!* interj. de espanto. Mas, a segunda parte *cuara* de *babacuara* está mostrando que esta pal. braz. não é formada sobre aquella raiz das lg. europeas; e sim sobre o substantivo tupi-guarany *mbaé* coisa. A etym. que ligar *babacuara* á indogerm. *bab* criança, será mais um exemplo da lei da *intercurrencia*, tão frequente nas corrupções operadas pelos eruditos. Vj. *bacuara*. || GEOGR. Campos (R. Jan.)

**babado** sm., tira entuiótada, ou encanudada, ou em pregas, de renda, crivo, crochet etc., para guarnecer saias, vestidos, toalhas, lençoes, fronhas e outras peças de roupa. «Si vós tendes um baijú Com seos babados de chita.» Silva sapateiro, *Decimas*. «Ai me largue o babado! Ai me largue, diacho! Que diacho de padre!» SR. I, 68. Serg. «Amarrotar os babados de alguém» loc. pop., offender-lhe os brios. || ETYM. ç pp. de *babar*, cahido do vestido como a baba cahe do beiço. Cp. *babador* =port. *babeiro*. || SYN. port. *folho*, desus. no Brazil.

**babador** sm., peça do vestuario das crianças, consistente n'um panno quadrilongo ou arredondado, preza no pescoço e pendente sobre o peito, para se não sujarem babando ou comendo. || ETYM. port. *babadouro* (pronunciado *babadôro*)—o, que cahiu, ficando *babador*; de *baba* qv. sub vb. *babacuara*. Cp. *amassador*, *bebedor*, *logrador*, *tombador*. || LEX. PORT. *babadoiro*, e tambem *babeiro*, aqui desconhecido.

**babatar** vn. apalpar; procurar pelo tacto, como os cegos. || ETYM. bd., *cu-babata* apalpar. || GEOGR. R. Jan.

**bacaba** sf., coco da palmeira *Enocárpus bacaba* ou bacabeira. || ETYM. tp. guar. *ibácãbãe*, comp. de *ibá* fructa + *cã* = *acã* caroço + suff. *bae* agente, que tem: como que os brazis fizeram da *bacaba* o typo do coqueiro, planta de fructa de caroço, talvez pela dureza do pericarpo.

**bacabada** sf., bebida preparada

com o succo da bacaba. Rb.; muito substancial. Gama e Abreu ap. Aul.

**bacabal** sm., mato de bacabeiras.

**bacabeira** sf., a *Ænocarpus b.*, a planta, a arvore da palmeira.

**bacalháo** sm., 1º tira de couro crú, torcido para servir de corda. «Traz comsigo um embornal de algodão com corda nova de bacalháo.» Mar d'Hispan., Minas, ann. *JC.* 29 abr. 83. || 2º Açoite de quatro ou cinco pernas, de couro crú, com que nas fazendas se castigavão escravos que tivessem commettido falta grave, batendo-lhes nas nadegas. «No peito, nas costas, nos braços, apresentava as carnes dilaceradas a chicote; e as nadegas, inteiramente cortadas, denunciavão o supplicio demorado do bacalháo a que fôra submettida a infeliz [escrava]». Edit. *GN.* 15 jan. 84. «Soffreu a penna de 100 açoites, a que fôra condemnado pelo jury, sendo a applicação d'esse castigo feita com um azorrague (vulgarmente chamado *bacalháo*) já muitas vezes usado para o mesmo fim, impregnadissimo de sangue putrefacto e exhalando máo cheiro.» Parecer medico legal apd. *JC.* 22 maio 85. «Surrados com bacalháo, e raspada a cabeça.» Apd. *GN.* 17 abr. 87. Allude a este instrumento da nossa selvajaria a seguinte quadrinha pop.: «Bode do cabello grande Merece ser bem penteado Com pente de cinco pernas, Para não ser confiado.» Kos. ap. SR. II, 71. *Bode* aqui é syn. de mulato. Os escravos trazem de ordinario o cabello rente; os de gaforina ou topete reputão-se atrevidos, desafora-

dos e insubordinados. «Apresentarão-se á policia dois menores, queixando-se de que, ha cerca de dois annos, havião sidos castigados com bacalháo de quatro pernas (textual) por Cayara.» Corrp. S. Paulo in *GN.* 6 jun. 86. || 3º fig., coisa secca, homem muito magro. (Em hisp. o mesmo sentido). «Bacalháo de porta de venda» expressão popular que designa qualquer pessoa esmirrada, demasiado secca. || ETYM. analogia do couro crú e secco com o peixe crú e secco do mesmo nome. Suppõe Diez que *bacalháo* vem, por deslocação, do holl. *kabeljaauw*; e talvez se refira ao lat. *baculus* bastão, páo, o hisp. *bacalao*; basco *bacailaba*; venez., piem. *bacalà*; b. all. *bakkeljau*. O fr. *cabéliau*=*cabillaud*=*cabliau*, wall. *cabiarwe*, namurez *cabouau* (Littré), vêm directamente do holl. Hōnor. diz que o prov. *bacalhau* vem de *Bacalaos*, nome de um lugar da Terranova onde se pesca o conhecido *Gadus*, e significa «morue blanche». Sendo assim, não precisamos da hypothese de Diez. || ORTHOGR. adoptando a etym. de Hōnor., devemos escrever com *o*, e não *u*; pois evidentemente o ditongo *au*, que apparece no fr. e nam., é trad. do *o* de *Bacalaos*, pron. *bácálâds*. Cp. fr. *cabéliô*=*cabiô*, nam. *cábúô*, holl. *câbêlhaôu*, hisp. *bácállíô*. E' a orthographia etymologica e prosodica, como em Mor.; *secus* em Aul.

**bacalhoada** sf., surra de bacalháo.

**bacalhoeiro** sm., 1º negociante de bacalháo a retalho. || 2º fig., lambazão, porco, que fede a bacalháo.

**bacamarte** sm., fig., sujeito grande e sem prestimo, pezadão, inutil, coisa á tóa. || ETYM. allusão ás dimensões da conhecida arma de fogo, comparadas com as da pistola, garrucha ou revolver, que, em ponto muito menor, e muito mais leves e portateis, produzem o mesmo effeito. Do b.-lat. *baga*=*baca Martis* sacco de Marte, bagagem de guerra. Não conhecemos o voc. em outra lingua além da port. || LEX. PORT. Aulete dá como chulo, significando livro velho muito volumoso: é a mesma ideia do nosso signif., menos a qualificação de *chulo*, que no braz. é syn. de obsceno, pornographico; e aquelle *bacamarte* é t. apenas faceto, pilherico, ou, si quizerem, amolecado; mas não obsceno. Bl. dá «livro velho que já não presta.»

**bacaraí** sm., «o feto da vacca morta em estado de prenhez, e que muita gente aproveita como alimento appetitoso.» BR. || ETYM. bi-ig. : do hisp. *baca* vaca + guar. *raí* filho.

**bacatella** sf., vj. *bagatela*.

**bacuara** adj., «esperto, diligente, sabido». BR. ; o contrario de *babacuara* qv.. || ETYM. br. *mbaécua* entendedor das coisas, entendido, sabedor : de *mbaé* coisa + *cuá* s. o saber (das coisas), pericia, sciencia, arte; v. saber, entender, ser versado nas coisas. BC.+suff. part. act. *ara* agente. || SYN. *cuéra*.

**badana** sf., peça dos arreios do cavalleiro, «pelle macia, lavrada, que se põe por cima do coxinilho». Cor., para amaciar o assento. || ETYM. port. e hisp.; b.-lat. *bazan*, *bazana*, *bazena*, *bedanas* (sec. XIV), *besana*

(sec. XVI) «corium vitulinum, ovium vel hircinum subactum». DC.; ar. *bithānet* pelle de carneiro curtida. Littré; ar. *badane* pelle, couro. Sz.; ar. *batana* forro, «pelles curtidas das ovelhas, que servem para forros dos sapatos». Moura; ou ar. *bitana* corrp. ao fr. *doublure*, hisp. *baldrez*, prov. e hisp. *dobladura*, ital. *doppiatura*, port. *chumaço*, *entretela*. Eng., Littré.

**baderna** sf., sucia, quasi sempre dansante. «Este sujeito leva toda a noite tocando viola no meio de uma baderna de sujeitos conhecidos pela auctoridade do logar como incorrigiveis.» Apd. *Fl.* 31 dez 84. Maricá (RJan.). || ETYM. ç de Marietta Baderna, celebre dansarina que esteve na Côrte em 185... onde fez furor. *Badernas* chamavão-se os seos admiradores e partidistas. || LEX. PORT. termo naut., arrebens que segurão os colhedores no apertar da enxarcia. Só no pl. || SYN. *brincadeira*, *bandega*.

**bae**<sup>1</sup> pref. coisa, coisas; o que existe; o que se possui, seres, riqueza; o que se sabe, sciencia, arte; entra na comp. de algumas pals. brazs., ex. *babacuara*, *bacuara*, *Baependy*, *Baetava* etc. || ETYM. contr. do br. *mbaé*, corrp. lat. *res*; port. *ser* tudo quanto existe.

**-bae**<sup>2</sup> suff., o que, aquelle que, o agente do verbo; o que faz: entra na compos. de algumas pals. brazs., ex. *chebamba*, *jereba*, *patureba*, *potaba*, *teba* etc. || ETYM. br., suff. de part. act. Vj. *ba*.

**baé**, vj. *bahé*.

**baeco** adj., baixo e reforçado. || ETYM. ? || GEOGR. ç Ceará. Re-  
5

colh. por V. Cabr. || ORTHOPH. *bá-é-cö*.

**baeta** sm., fig, mineiro, habitante da provincia de Minas Geraes. «Vamos para a terra dos baetas, que é gente boa, credula, entusiasta». Leopoldina, Minas, apd. *JC.* 23 dz. 82. || ETYM. vem das jaquetas de baeta com que se veste a gente dos campos. Do lat. *bætica*; d'onde Marcial formou o adj. *bætícatu*s vestido de lã da Betica (Andaluzia hoje), liv. I epigr. 97; prov. cat. hisp. *bayeta*; it. *bajetta*; v. fr. *bayette*. Sar. deriva do gr. *βαῖτα* ou *βαίτη* pelle, vestido de pelles. || LEX. PORT. tecido de lã para roupa de inverno.

**baetão** sm., cobertor de lã, colcha de lã grossa. || LEX. PORT. baeta grossa propria para capas.

**baga** sf., mamona, semente do mamoneiro *Ricinus comm.* L. «Azeite de бага» azeite de mamona; o oleo de ricino não purificado. || ETYM. lat. prov. ital. *bacca*; fr. *baie*. || LEX. PORT. *bagá* especie de fructo, de polpa molle como a uva; com o que alias nada se parece o do ricino.

**bagaceira** sf., 1º monte de bagaço, arrumado debaixo de coberta enxuta, ou amontoado no campo ao sol, nos engenhos de assucar. «As escravas de que necessita a moenda são sete ou oito.. e outra finalmente para botar fora o bagaço, ou no rio ou na bagaceira, para se queimar a seo tempo». Anton. 64. || 2º monte de lenha, armada em pilha, no campo das fazendas, em certa ordem, de sorte que os fornecedores d'ella á fornalha, quando necessitarem de

tiral-a, não percão tempo em escolher a de que precisarem, grossa, meião ou miuda (vj. *lenha*), nem desmanchem a pilha. «Chegada a lenha ao porto do engenho, arruma-se na sua bagaceira: e sempre é bom que, deante ou perto das fornalhas, estejam arrumadas cinco ou seis tarefas de lenha». Anton. 71. || 3º fig., palavreado sem ideia, como bagaço sem succo.

**bagação** sm., 1º a parte fibrosa da canna de assucar que fica depois de expremida na moenda para se lhe tirar o caldo. || 2º fig., coisa já inutil por se lhe haver tirado o util. || ETYM. anal. do *bagação* da uva, que se deriva de *bago*=*baga* fructo carnudo, sem caroço, com a semente no centro. Littré filia o fr. *bagasse* ao hisp. *bagazo*=port. *bagação*; mas do fr. *bagasse*, it. *bagascia*, hisp. *bagasa*, port. *bagaxa*, prov. *baguassa* meretriz, mulher vil, tem por duvidosa a origem depois de dar as que Diez indica, a saber, do ar. *bâgez* vergonhoso, ou *bagí* prostituta; do celt. kymri *baches* femeazinha; do b.-lat. *baga* mala, pacote com o suff. pejour. *acca*, *pacotilha* = \**bagotilha* (*bag(a)* + suff. dim. *ot* (*e*) + suff. dim. *ilha*). Parece que o rebotalho do sexo feminino, *bagaxa* = fr. *bagasse*, tem analogia com o rebotalho da canna, da uva etc., *bagação*=fr. *bagasse*: são refugos. N'este caso, o fr. vem do lat. *bacca*, hisp. e port. *bag(o)* + suff. *aço*.

**bagage**=**bagaje** sf., bagagem, povo miudo e ruim, que vai atraz da gente boa, tal qual a bagagem do exercito, a bagagem que vai atraz do

viajante etc. || ETYM. b.-lat. *bagagium* (cp. port. *viagem* do lat. *viaticum*); prov. *bagagi*; cat. *bagatje*; hisp. *bagaje*; fr. *bagage*; v.-ital. *bagaggio*; ital. *bagaglio*: do ingl. *bag sacco*, mala, que deu o b.-lat. *baga*. || LEX. PORT. cargas; trem; o que se leva nos sacos de viagem; o que leva o exercito para a sua manutenção. || SYN. *teréns*. qv.

**bagatela** sf., «jogo entre duas pessoas, e sobre um taboleiro, com umas bolinhas de marfim que se mettem em uns buracos semiespheroides». Rb. || ETYM. hisp. *bagatela*; it. *bagattella*; fr. *bagatelle*, que Diez suppõe algum dim. do b.-lat. *baga*, que deu *bagattare* dizer frioleiras, subtilizar, fazer tricas. DC.: *baga* signif. anel, collar, cofre, sacco. O it. *bagattella* é o nome colectivo dos instrumentos (copos, varinhas, aneis etc.) com que os prestidigitadores executão as suas escamoteações. L.-Tocc. Parece que o nosso t. provém de ser jogo de pouca ponderação, mais de mãos do que de calculo, jogo proprio de mulheres e meninos. *Ex eo bagatella dicimus nugas et jocularia: latini quoque nugas dixere res omnes muliebris mundi*. Salmasio ap. Bl. S. Luiz deriva do gr. *βραζυτελιζ* de pouca dura. || ORTHOGR. *bacatela*, e já desde Bluteau.

**baguá=bagual** adj., 1º cavallo brabo, amontado, alçado, que se não deixa pegar, «não obedece ao costeiro, nem o fazendeiro conta com elle, e só a bolas pode ser pegado». Cor. || 2º cavallo vistoso. Ces. «De meos trastes que ficarem Te reservo umas chilenas, Que o bagual repini-

quei Na frente de umas morenas». Kos. ap. SR. II, 74. || 3º cavallo ruim, trotão, de cangalha; magreirão.

|| ETYM. † guar. *mbaguá* que tem fim, mortal, perecedouro; que não fica, não permanece; por ext., que vai-se embora, que não nos pertence. D'ahi a signif. metaphor. 1º de cavallo amontado ou brabo, sem dono, livre; e d'esta, 2º de cavallo bom, bravo, garboso. O 3º signif. está na accepção natural de dar a casca: vj. *baguari*, *manguari*. || GEOGR. 1º e 2º RGS., Paraná; 3º RJan. || ORTHOPH. *baguá*. Paraná; *bagual*. RGS. || SYN. no RGS. «cavallo bagual» corrp. a «boi chimarrão».

**bagualada** sf., manada de baguás, «manadas sem numero de animal cavallar, que andão montados e sempre a corso com incrível velocidade.» M. Ol. *RHH*. 1842, 335. «Como a horda de charruas e minuanos, disputando com as matilhas de chimarrões a posse do avestruz e da poldra da bagualada com que se devem alimentar.. Apresentava-se apto para voltear o laço e as bolas e a disparar sobre a bagualada quando vinha em um cordão incomensuravel reconhecer os viandantes». *ibid.* e 338.

**baguarí** adj., 1º pezadão, vagaroso, lerdo: diz-se do cavallo. || 2º grandalhão e pezadão, corpulento e molle. || ETYM. br. *mbaguari*, nome generico de cegonhas e garças. BC. || GEOGR. R.Jan. || ORTHOGR. *manguari*: queda do *b*, absorvido no *m* de *mb*; nasalização do *g* (*ng*).

• **bahé** sm., «fazenda de algodão fabricada em Inglaterra e que se

reexporta para a costa d'Africa». Rb. || ETYM. *baê* chamão na India ás mulheres dos canarins christãos por differençar das gentias. Bl. Que relação terá a fazenda com as christãs da India? O mesmo t. Mor. accentua *baé*. « Fazenda de *baé* » ? || ORTHOGR. *baé*? *bahé*?

**bahia** sf., lagoa com canal de comunicação para o rio. « Do outro lado, o Paraguay, internando-se entre montanhas ou pequenos albardões, cobre os terrenos da sua margem direita desde o rio Jaurú, penetra por entre as serranias da Insua, Pedras de Amolar, Dourados, Xanés, Jacadigo, Albuquerque etc., paredes que, mesmo na secca, deixão-lhe entradas francas para as lagoas, ou como aqui as chamão, *bahias* de Uberaba, Gahibas, Mandioré, Caceres e Negra; e ahí, reunido a esses já por si vastos lençóes d'agua, muitissimo accrescentados pelas torrentes de alluvião, espraia-se, cobrindo enorme territorio, onde as estreitas depressões do terreno, já aproveitados pelas primeiras escoantes das chuvas, têm se convertido em rios; onde os brejos e almargeaes hão se mudado em lagos; e agora reunidos n'um só corpo seos immensos cabedaes, vão-se elevando no sólo, vão-se submergindo pouco a pouco os albardões e tezos, vão ilhando as montanhas e cobrindo as florestas ». Sev. I, 48,313. || 2º canal de escoante dos pantanos, banhados, brejaes e campos alagados. « *Bahias* são canaes naturaes que servem de escoante aos campos e pantanos, e por onde as vezes se derramão pelos mesmos campos as entumecidas

aguas dos rios : segundo as depressões do terreno, formão lagos mais ou menos consideraveis, ou encanão-se como rios, dos quaes se distinguem por não terem correnteza sinão occasionalmente ». Lev. *RHH*. 1862, 212. || ETYM. b.-lat. prov. ital. *baia*; hisp. *bahia*; fr. *baie*; ingl. *bay*. || GEOGR. Mattogrosso. || LEX. PORT. t. geogr., porção de mar ou de lago que entra pela terra a dentro, formando sacco ou enseada, com embocadura estreita, e alargando-se para o fundo; no que se distingue do *golfo*, que tem a bocca mais larga do que o sacco.

**bahianada** sf., 1º fanfarronada de bahiano nas expansões do seo espirito de bairrismo. || 2º acção de quem diz uma coisa na presença a outra na ausencia; falta de sinceridade; diplomacia, no sent. peyor. de francezia ou jesuítismo, arte de empregar as palavras para occultar os pensamentos.

**bahiano**, 1º adj. patron., natural da provincia da Bahia. « O Brazil é dos brasileiros; a Bahia é dos bahianos ». Dictado pop. « Quem vencerá : o bahiano, ou o guasca ? » Apd. *JC*. 13 jun. 85. (O *bahiano* era o ministro d'agricultura, deputado pela Bahia; o *guasca*, um senador pelo RGS.). || 2º adj., nortista, em geral. || 3º adj., roceiro, matuto, habitante do campo, da roça. || 4º sm., homem de apparencias enganadoras, falto de sinceridade, que diz uma coisa na presença e outra por detraz; que promette tudo e nada cumpre. « Que programma d'espavento Exhibiu-nos n'um momento Esse principe ro-

mano!... Fez tantas promessas, tantas, Que n'isto parece o Dantas, Ou qualquer outro bahiano ». Red. *FN*. 17 jan. 85. || 5º máo cavalleiro, molleirão, que não sabe montar a cavallo e cahe com facilidade. « Na questão de hippiatría, um riograndense vai sempre pelo que melhor monta. E ainda mais, ou o sujeito é bom cavalleiro, e n'esse caso elle é chamado *guasca*; ou o homem faz figura triste, e em tal caso elle tem a sua sentença final na palavra, carregada de ironia, *bahiano* ». Red. *GN*. 23 abr. 85. « N'essa occasião [guerra do Paraguay] verificámos que erão muitos os brazileiros que tinham servido em nosso exercito e que estavam engajados nos exercitos argentino e oriental. Pela campanha do Estado Oriental se encontrão esses nossos rebaixados, que são chamados *os bahianos* porque não sabem bem andar a cavallo: todos quantos não sabem andar a cavallo n'aquelle paiz são chamados *bahianos* ». Disc. sen. H. d'Avila sess. 5 jun. 85. || 6º dansa, syn. de *baião*. || GEOGR. 1º em todo o Br.; 2º do RJan. até o sul, e no centro; 3º Piauhy, Maranhão; 4º geral no littoral; 5º RGS. e Estado Oriental do Uruguay; 6º Ceará. || HIST. provém a signif. peyor. ligada ao voc. de serem os bahianos muito bairristas. É d'elles a phr. cit.: « O Brazil é dos brazlleiros; a Bahia é dos bahianos »; e como na provincia do Rio de Janeiro não ha gente bairrista como os campistas, costuma-se chamal-os *bahianos do Rio de Janciro*. Ha contra os bahianos certo sentimento de rivalidade. Elles

entrão em todas as organizações ministeriaes; constituem na camara dos deputados e no senado grupos importantes e unidos; emigrão facilmente e vêm occupar cá no sul e centro, na Côrte e nas provincias do Rio de Janeiro, Minas, S. Paulo, Matto-Grosso, Goyaz, Paraná, S. Catharina, Rio Grande do Sul, os melhores logares da administração e da magistratura; de ordinario intelligentes, vivos, insinuantes, flexiveis, fallantes, poetas, jornalistas, facilmente conquistão posições, que excitão inveja ou reparo. No Rio Gr. do Sul, somos *bahianos* todos os que estamos de S. Paulo para o Norte; e a pal. é tomada no sentido peyor. Vingamo-nos cá chamando a elles, os riograndenses, de *castelhanos* e *hispanhoes*, isto é, fanfarrões e *guascas* qv.

**baiacú** sm., 1º peixe do littor. R. Jan., que incha e bufa quando se lhe toca. || 2º fig., « homem baixo, gordo e desgeitoso ». Rb. || 3º fig., orgulhoso, cheio de vento, cheio de fumaças.

**baião** sm., canto e dansa popular, ao som da viola. || ETYM. corr. pop. de *bahiano*. E *bayadeira*, India? || GEOGR. Ceará. || ORTHOGR. mais correcto *bahião*, como nota BR.? Cp. *bayadeira*.

**baixa** e seos comps., vj. *baxa*.

**bajú** sm., camisa da India, vestido de mulher, que não desce abaixo da cintura. S. Luiz. Castanheda e Góes o mencionão. Pina, descrevendo o traje dos naturaes de Deli, diz que se compõe de calção largo e curto, amplo bajú (especie de veste) e sarong atirado sobre os hombros. || ETYM.

ar. *badju*, sg. Moura; Bluteau e Saraiva dão indiano. || HIST. inteiramente desus. entre nós, acha-se n'uma decima do Silva sapateiro: « Si vós tendes um baijú Com seos babados de chita ». || ORTHOGR. no ex. de Silva *baijú*. No Brazil, sg. Mor., também *bajó*.

**bala** sf., porção de assucar derretido, levado a ponto de pasta e secco, embrulhada em papel e disposta em feira ou collar, que os moleques vendem na rua em taboleiros: dissolve-se na bocca. Ha de assucar simplesmente, ou de ovo, de chocolate, de amendoa, abacachí, côco, hortelã-pimenta etc. || ETYM. b.-lat. *balla* pedra de chuva; « grandinis globulus »: sec. XIII. DC.; prov. hisp. *bala*; ital. *palla*; fr. *balle*: do v.-a.-all. *balla* = *palla*; all. *ball*; ingl. *ball*; scand. *böllr*. Reportão-se todos estes termos á raiz aryana *bal* = *bol* adj. redondo; s. arremeço, tiro. || GEOGR. provs. do sul. || HIST. forão celebres na Côrte as *balas do Parto*, feitas pelas educandas do Recolhimento de N. S. do Parto, rua dos Ourives, nº 1. || LEX. PORT. esphera de metal para arma de fogo; esphera de barro para bodoque; bola; fardo; pacote. || ORTHOGR. *balla* é conforme á etym.; usualmente, porém, escreve-se *bala*. || SYN. *queimado*. Bah.; *bola*. Pern. e outras provs. do N.; *rebuçado*. Port.; *raspa*. Africa occ. port.

**balaiada** sf., a sedição dos *balaios* no Maranhão, de 1839 a 1840. « Durante a revolta da *Balaiada*, movimento sem character politico, mão grado as asseverações de alguns escrip-

tores apaixonados, a imprensa democratica pôz-se ao lado da auctoridade ». J. Serra *Jornalismo* 96. « Entrando no Brejo [Raymundo Gomes], reuniu-se com Ferreira Balaio, do qual tirou o povo o nome de Balaiada para denominar esta revolta. Sem plano, nem principios politicos, praticando a pilhagem e o crime, principiou essa rebellião de atrocidade e sangue, que assolou o Maranhão e o Piauhhy ». M. Azev. *Hist.* 294.

**balaio** sm., 1º cesto de palha, do feitio de alguidar, mais largo na bocca que no fundo, feito de folhas de sapê, trançado de gungí ou outro sipó, para guardar costuras, roupa etc. Em Minas, cesto de taquara, para apanhar café, com fórma de vaso de jardineiro; cesto de sipó e bambú, para guardar roupa suja. Fr. Vic. 38. « Balaio, meo bem, balaio, Balaio do coração; Moça que não tem balaio, Bota a costura no chão. Mandei fazer um balaio Pra botar meo algodão; Balaio sahiu pequeno, Não quero balaio não ». Mod. pop. « Balaio de taquara. Expostos por diversos ». CEP. 1866, 44. « Um terno de balaio de taquara de forma elliptica .. Um dicto redondo. Um balainho de taquara e fio de arame amarello .. Uma cesta de taquara .. Um balaio de dicto .. Um dicto com tampo ». CEP. 1875, 165-6. « Volta [a agulha] para a caixinha da costureira antes de ir para o balaio das mucamas ». M. Ass. *GN.* 1 mr. 85. || 2º fanel que vai dentro do cesto nos passeios ou viagens de recreio. Eis ahi o continente dando o nome ao conteúdo. || 3º partidario do Balaio, bandido, chefe de uma revolta no Ma-

ranhão. « Na *Chronica* são dignos de menção os artigos .. e a discussão sobre a revolta dos *Balaios* ». J. Serra 144. || ETYM. Bl. define : « cesto como redondo, feito de uma palhinha negra e parda, que vem de Angola ». Entretanto, a pal. não é africana. Chamavão-se, na meiedade, *baladium* ou *balagium* os restos do trigo que se ajuntavam com a vassoura, as varreduras da eira ; e *balaium* a propria vassoura ; d'onde o v.-fr. *balay*, hoje *balai*, prov. *balay*, celt. *balan*, *balaen*, kymri *balaon* (pl. de *bala*). Recolhidos os restos n'uma cesta, facilmente se applicou ao continente a signif. do conteúdo ; e pela queda da consoante medial *g* ou *d*, tanto mais depressa quanto já existia a pal. *balaium*, veio *balagium* ou *baladium* a converter-se n'aquella, dando lugar ao port. *balai*. || GEOGR. 1º geral no Br.; 2º Pará, Am. ; 3º Maranhão, Pará.

**balandronada** sf., fanfarronada, hispanholada. « Não ha na provincia do Rio Grande do Sul nenhum symptoma que ameace as instituições do paiz ; e a doutrina do nobre senador, dizendo que empregou esforços para garantir alli essas instituições, não passa de uma simples balandronada para fazer effeito nos espiritos fracos ». Disc. dep. Silva Tavares sess. 4 jul. 88. || ETYM. cast. || GEOGR. RGS.

**baldrame** sm., alicerce, massiço de alvenaria de pedra e cal, fundamento de parede, de muralha. || ETYM.? a de Castro Lopes, do lat. *basim alteram*, é pura phantasia ; pois daria *báldrāmĕ*, e não *báldrāmĕ*, como pronunciamos ; ou antes, nem

dava *báldrāme*, porem sim *baçãldra*, *bazãltra*, *baçõldra*, *baçõutra*, *bazõutra*; *baldrāme* nunca. E para assim concluir, basta possuir as mais rudimentares noções da historia da lg. port. Não vem nos arabistas Souza, Engelmann, Dozy, Devic, Marcel, S. Luiz e outros; mas, a feição da pal. é arabe, e talvez não passe de corr. pop. do port. ant. *albarrã*, *albarrada*, d'onde o nosso *albardão* qv., por metath. *abaldrão*, por apher. *baldrão*, *baldrām*, *baldrāme*. *Albardão* é contr. de *albarradão*, augm. de *albarrada* parede de pedra secca. Covarruvias ap. Dozy & Eng. *Gloss.* 2ª ed. || GEOGR. geral. || LEX. PORT. *caret.*

**balla**, vj. *bala*.

**balsa** sf., 1º « especie de plataforma fluctuante, feita de antenas ou outros quaesquer páos de modo que possa occasionalmente servir, já para descarregar um navio, já para salvar a gente de bordo em caso de naufragio ». *DMB.* || 2º especie de jangada usada no Uruguay, Paraná e outros rios do sul e do oeste, para passar gente e gado, e transportar carga ; pelota ou barca de couro, que Basilio da Gama descreve assim : « Especie de barcos em que os nossos passão n'aquelle paiz [Rio Gr. do Sul, Missões &] os maiores e mais profundos rios. Fazem-se de couros de boi. Levão no fundo as cargas, e em cima os homens, com os cavallo nadando á mão. Os indios, que são robustissimos, e grandes nadadores, tirão toda esta machina por uma corda, cujas pontas tomão nos dentes. Quem vai dentro leva na mão a outra ponta, largando-a mais

ou menos, conforme julga ser necessario». Nota sob a rubr. *Balsas e Pelotas*, commentando estes versos do *Uruguay*: «Preparo curvas balsas e pelotas, E em uma parte de passar aceno, Emquanto em outra parte occulto as tropas». || 3º barcaça de tabuado, com a mesma serventia da pelota (que é feita de couro). «E é ordinariamente até este ponto [Salto Grande, no r. Uruguay] que chegam os barcos e canoas que sahem da provincia de Missões, ou as grandes balsas de tabuado que algum dia se tirarão dos mattos do lado oriental». Th. Rab. *RIH.* 1840, 157; ás vezes com cobertas, que ficavão verdadeiras casas fluctuantes. «No 1º de Agosto de 1734, sahiu uma armada do porto geral da villa do Cuyabá, a qual se compunha de 28 canoas de guerra, 80 de bagagem e 3 balsas, que erão casas portateis, armadas sobre canoas, onde celebravão os capellães da tropa, que se compunha de 842 homens, entre brancos, pretos e pardos». 1795 Prado *RIH.* 1839, 42. «Eu passei o Parnahyba, Navegando n'uma barça. O peccado vem da saia; Mais não pode vi da carça». [*sic*] Mod. pop. Ceará. || ETYM. S. Luiz deriva *balsa* do gr. *Bálza*; Aul. diz ser o basco *balsa* montão, cumulo; mas ap. Du Cange vem como voz hisp., corrp. ao lat. *ratis* jangada, e abonada com o seg. ex.: «Rex Ferdinandus fecit fieri balsas et navigia de lignis et coriis». || GEOGR. 1º litt. do Br.; 2º RGS.; 3º Mgr., Goyaz, RGS. || HIST. o signif. de «barco» é braz. desde antes do sec. XVIII: Basilio da Gama (17...) e Moraes (1789)

trazem-no como termo corrente no Brazil. || LEX. PORT. matagal; forro de palha, tapume; uva pizada; funil de baldear vinho; antigo estandarte dos Templarios; barril para guardar a bordo a carne salgada do rancho. || SYNON. *pelota*. RGS., Mgr.; *banguê*. Bah. (S. Franc).

**balsedo** sm., matagal fluctuante nos rios, lagos e banhados. || ETYM. *bals(a)* matagal + suff. *edo* collecção, reunião, muito, grande porção. Cp. *arvoredo*, *atoledo*, *rochedo*, *vinhedo*. || LEX. PORT. *balscero* é matagal espesso (Aul.), sem a ideia de fluctuação, ou de existencia n'agua ou em logares humidos. O sent. do nosso *balsedo* é o de uma das significações que de *balsa* dá S. R. de Viterbo: «logar apaulado, coberto de matagaes, charcos ou lagôas».

**bamba** sf., no jogo do bilhar, bamburro, acaso feliz, fortuna de fazer uma bola sem esperar, sem calculo. «Arregaçou as mangas, deu giz no taco e fez uma *rufia* que a todos pareceu bamba. Caramba!». Apd. *JC.* 27 dz. 83 || ETYM. ç bd. *mbamba* jogo; talvez no bilhar jogo á toa, sem reflexão, grosseiro. ç Encurtamento de *bamburro*? talvez para evitar entre os jogadores a ideia ligada ás duas ultimas sylls. Propendemos para a 1ª origem, tanto mais que em alguns artigos seguintes vamos achar *bamba* como tronco de vocabulos africanos abrazilados, com a signif. de dança, jogo, brincadeira, divertimento de muita gente reunida. Vj. etym. de *bambaré*. || LEX. PORT. f. do adj. *bambo*.

**bambá**<sup>1</sup> sm., 1º dança dos negros

africanos, em circulo de homens e mulheres que cantão o estribilho: *Bambá, sinhá! bambá, querê!* ao som de palmas cadenciadas, em applauso a um ou dois dansadores que, no centro, executão varios passos e figuras. || 2º jogo de cartas. « Em Itaipú, em uma das casas de negocio, todos os dias joga-se o *bambá* tão descaradamente que priva-se os freguezes de chegarem ao balcão ». Apd. *Fl.* 1 abr. 81. || 3º fig., desordem, confusão, sarilho, como sóe haver nas dansas d'esse genero. || 4º fig., dansa qualquer que acaba em desordem. || ETYM. bd. *mbamba* jogo, divertimento, em circulo, formando roda. || GEOGR. R. Jan., Min., SP., Bah., Mgr. etc. || SYN. 1º *bambaquerê, bangulê, bendenguê, batuque, candombe, candomblê, canjerê, cateretê, jongo, samba*; 3º *bambaré, banzê, chinfrim, sarilho*.

**bambá**<sup>2</sup> sm., bôrra do azeite fino de dendê. || ETYM. bd. || GEOGR. Bah.

**bambaquerê** sm., 1º a dansa do bambá, cujo estribilho diz: *Bambá, querê!* || 2º fig., confusão, desordem. || 3º fig., toda a dansa ou outra funcção que acaba em desordem, pancada, gritaria. || ETYM. bd. || SYN. vj. *bambá*<sup>1</sup>.

**bambaré** sm., vozeria, barulho de vozes em desordem. || ETYM. bd. Vj. *bambá*<sup>1</sup>, *bambaquerê, bambulá*. « D'ahi a poucos instantes suscita-se um *bambaré* ou arruaça medonha, e mais de meia hora decorre ainda para restabelecer o socego ». Cap.-Iv. *Iacca* I, 131. Blut. e Mor. (1ª ed.) dão *babaré*, termo de Gôa, Asia, onde «tocar babaré» é dar rebate de ladrões na vi-

zinhança; o que não obsta á origem africana, maxime tractando-se de duas colonias portuguezas, para cada uma das quaes levavão os dominadores vocabulos usuaes da outra. As pals. *bambá*<sup>1</sup>, *bambaquerê, bambulá, bambê* parece filiaem se todas a esta ultima, na sua fórmula bunda *mbambi* limite, rumo, que cinge e separa as roças, aceiro, como nas danças os dansadores estão no terreiro central, separados do publico pela linha dos que, em circumferencia, cantão e batem palmas. *Bambaré* já é formado do sent. fig. de *bambá* e *bambaquerê*.

**bambê** sm., « mato estreito que, á guiza de cerca, se deixa entre uma roça e outra, linha divisoria ». BR. || ETYM. bd. e cg. *mbambi* limite, rumo, aceiro. || GEOGR. R. Jan., Bah. (alto S. Franc.).

**bambear** va. e n. afrouxar, fazer *bambo*, lasso. || LEX. PORT. *bambar*. Aul., que accrescenta: pouco usado. *Deest* em Mor.

**bambinar** v. n., «adejar; bater; esvoaçar; agitar, como a fita do sapato quando está desatada e vai adejando com o movimento do andar ». V. Cabr. || ETYM. de *bambo* frouxo, lasso. Cp. *bambaleiar, bambinela*. || GEOGR. Bah.

**bambú** sm., 1º *Bambusa arundinacea* graminea gigantesca, de tantas applicações na lavoura e nos usos domesticos, para cestos, balaios, pe-neiras, gongás, esteiras, cercas, pãos a pique, ripas, caibros, e para forragem dos animaes. Esta preciosa planta veiu-nos da India portugueza, com o seo nome actual, que aqui ficou desde os tempos coloniaes. || 2º fig.,

homem muito alto e magro. || ETYM. Devic. dá t. malaio, sob a forma de *mambú*, também pop. entre nós. || SYN. *taquara*.

**bambual** sm., mata de bambú, cerrado de bambús. || HIST. antiquissimo em Port. (sec. XVI), vem em Balth. Telles *Ethiop.* IV cap. 17, como termo corrente (sec. XVII) e na Asia port. Dão-no Bl. e Mor. Entre nós, é de uso vulgar e commum.

**bamburro** sm., no jogo do bilhar, acaso feliz que nos faz ganhar sem esperarmos; jogada errada que faz carambola. || ETYM. b-lat. *babur-rus* inepto, estulto. Cp. prov. *badoc* e *barboulhur*; hisp. *barbullon*; ital. *barbugliatore*; fr. *barbouilleur*; port. *borrador*. || LEX. PORT. *bamburrio*.

**banana** sf., 1º fructa da bananeira *Musa*. || 2º fig., sm. poltrão, moleirão, palerma. || ETYM. galibi? || HIST. Na *Carta do Spiritusancto para o Padre doctor Torres*, de 10 de Junho de 1562, dá-se noticia da horta dos Jesuitas, onde havia « muitos legumes e fructas em seo pomar, especialmente a que chamão *bananas*, que durão todo o anno e são grande ajuda para sustentação d'esta casa ». *RHH.* 1840, 421. Por ahí se vê que, ainda na segunda metade do seculo XVI, a *banana* era novidade em Portugal, para onde se mandava do Brazil noticia da abençoada *musa do paraíso*. Bl. diz ser fructa do Brazil; Aul. que é indiana; Mor., fructo asiatico e brazilico.

**bananada** sf., doce da polpa da banana, coada na peneira e engrossada em calda de assucar até o ponto de marmelada.

**bananal** sm., plantação de bananeiras, cerrado de bananeiras, quer de pomar, quer de jardim, quer silvestres ou do mato. « Outro grupo de indios acaba de apparecer no Amparo, queimando casas e bananaes ». Goyaz, *Tribuna Livre* trscr. *JC.* 25 abr. 84.

**bananeira** sf., 1º planta que dá a banana, da familia das *Musaceas*; a haste sécca depois que deu o cacho e as fructas têm amadurecido. « Bananeira que deu cacho » diz-se fig. de quem teve prestimo e hoje nada vale; de negocio que já rendeu, e não dá mais lucro que sirva; de terra que se esterilizou depois de muitas colheitas etc. || 2º chamão *bananeira do matto* ou *caeté* uma *amomacea* de sementes pretas, duras, redondas, luzidias, de que fazem contas de rosario; flôr em cachos amarellos ou vermellos, linda planta de ornamento, parecida com a bananeira nas folhas e no porte. A *caeté* é planta nossa; mas, a bananeira *Musa* não é fóra de duvida que não nos tenha vindo das Indias portuguezas.

**banca** sf., banco curto, largo, sem encosto, cujo assento é formado de duas tábuas collocadas em angulo obtuso reintrante, com ou sem gavetinhas, onde se sentão as mulheres quando cozem. *Banca de costura*. || ETYM. f. do port. hisp. ital. *banco*; b.-lat. *bancus*; fr. e prov. *banc*; do v.-a.-all. *banc*, *panc*; celt. *banc*, *beinc*, *benk*, ingl. *bench*. || LEX. PORT. *banqueta*, pequeno banco sem costas. Aul.

**banco** sm., ilhota de alluvião. « Appellidão [os paraguayos] *bancos*

as pequenas e baixas ilhas formadas por alluviões, embora sejam cobertas de arvoredo». Lev. *RHH*. 1862, 213.

|| ETYM. vj. *banca*. || GEOGR. Matogr., Paraguay.

**bandão** sm., augm. de *bando*, porção grande, numero avultado. « Sua Magestade disse... Ah! mas agora me lembro que a Falla [do Throno] foi publicada hontem na *Gazeta*, por signal que se vendeu mais um *bandão* de exemplares ». Red. *GN*. 10 mr. 85. Um bandão de gente é muita gente, mas não é um povo; um bandão de soldados são muitos soldados, mas não fazem um exercito. « Arma bando sobre bando Até formar um bandão ». Red. *FN*. 11 mr. 85. || GEOGR. geral. « Um bandão de gente, um bandão de povo » phrases populares em todo o Braz. || ETYM. s. hisp. port. *band* (*o*) multidão reunida; tropa; quadrilha; partido; rancho + suff. *ão* augm.: do ablat. do b.-lat. *bandum* bandeira; bando, tropa; *bandus* multidão reunida sob uma bandeira; prov. ital. hisp. *banda*; fr. *bande*: do all. *band* fita, faxa, banda; bandeira feita de fita; gente que segue a bandeira.

**bandeira** 1º sf., bando, cabilda, cafila, caravana, « dá-se no Brazil este nome *bandeira* a um indeterminado numero de muitos homens que, providos d'armas, munições e mantimentos necessarios para sua subsistencia e defeza, entrão nas terras possuidas pelos indigenas com algum intuito, v. g. de descobrir minas, reconhecer o paiz ou castigar as hostilidades dos barbaros. Os individuos que formão estas campanhas appellidão-se *bandeirantes* e

os chefes *sertanistas* ». Casal 1, 205 nt. Um d'aquelles intuitos, e o mais frequente, era escravizar indios. Vj. *descimento* e *resgate*. || 2º sf., guião em forma de estandarte, tendo no panno pintada uma pomba branca entre raios prateados ou dourados, chamados *resplandores*, e que symboliza o Espirito Sancto. E' a *bandeira do Divino*. Vj. *folia*. || 3º sf., pé de milho em roda do qual, quando se quebra o milharal na roça, se vão ajuntando pequenos montes de espigas, ficando elle inteiro no meio para os assignalar. || 4º sm., empregado das companhias dos bondes, de ordinario invalidos, que se sentão nas esquinas das ruas que os carros atravessão, para fazer signal com uma bandeirola, afim de evitar abalroamentos. « Falleceu repentinamente um bandeira da companhia de S. Christovão, que estava de serviço na praça da Constituição, canto da rua do Sacramento ». Red. *DN*. 9 oit. 85. « Falleceu repentinamente .. Francisco Cardoso, empregado como *bandeira* na companhia de S. Christovão ». Red. *JC*. 10 oit. 85. || ETYM. b.-lat. *banderia*; prov. *baneira*; prov. ital. *bandiera*; hisp. *bandera* (pronuncia braz.); fr. *bandière*, *bannière*. Vj. *bandão*. || GEOGR. 1º SP., Min., Mgr., Goyaz; 2º todo o Br.; 3º S. João del Rey (Min.); 4º Corte. || SYNON. 3º *capitão*.

**bandeirante** sm., que fazia parte das caravanas chamadas *bandeiras*. « A preponderancia do Tieté [no devassamento do interior do Br.] é tammanha que geralmente são considerados synonymos *paulista* e *bandeirante*.. Si o caracteristico de taes

expedições é a insignia sob que marchavão, então os paulistas são provavelmente os unicos bandeirantes, pois não consta que alhures usassem de bandeira. Si o que ha de fundamental é o fim e o resultado, — o fim, isto é, a captura de indios e a procura de objectos de valor; o resultado, isto é, a exploração inconsciente do territorio, então quasi todas as provincias têm bandeirantes». C. Abr. *Desc.* 79. « Quando [os Canoeiros] assassinao e fazem depredações, costumão os parentes e interessados pelas victimas fazer bandeiras, como os antigos aventureiros sertanistas.. Esses bandeirantes vingativos por sua vez cahem sobre os selvagens, e não lhes poupão mulheres nem filhos, sobre quem exercem toda a especie de atrocidades ». Virg. 25, 26.

**bandeirar** vn., andar em bandeira, ser bandeirante ou bandeirista.

**bandeirista** sm., bandeirante. « Foi-lhe a clavina arrebatada por um indio, que deu ás gambias com toda a velocidade, não tanto quanto voaria uma das nossas balas, si a quizessemos empregar segundo o costume dos bandeiristas ». Elliott *R.I.H.* 1848, 166.

**bando** sm., vj. *pomba de* —.

**bando-precatório** sm. comp., reunião de gente que sae encorporada pelas ruas, esmolando para algum fim pio. || HIST. assim se chamou, em 1885, o que esmolou na Corte em beneficio das victimas do terremoto na Hispanha.

**bandó** sm., penteado de mulher, arredondando em relevo desde o alto da cabeça até a orelha, de um a ou-

tro lado. « E uma velha com uma especie de bandó na testa ». Lop. *R.I.H.* 1850, 330. || ETYM. v.-fr. *bande*: nomin.-sg. *li bandaus*; acc.-pl. *les bandaus*; actual *bandeau*, pronunciado á port. *bandó* (á braz. e parisiense, *bandô*).

**bangoê**, vj. *banguê*.

**bangolê**, vj. *bangulê*.

**banguê** sm., 1º cadeirinha, liteira, puxada por dois animaes, um atraz, outro adeante, dentro dos varaes, com assento para duas a quatro pessoas e cortinado nas portinholas. « A viagem da estação de Caldas aos Poços.. se faz com poucas commo-didades.. conducções constantes de animaes de sella, cargueiros, trollys e banguês, notando-se que nos banguês só poderão viajar deitados, soffrendo muitos abalos devidos aos máos caminhos: esses banguês são carregados por dois animaes, e só dão commo-didade a uma pessoa ». Pinto Coelho, *Rot.* 53. || 2º ladrilho das taxas, nos engenhos de assucar, por onde corre a espuma que trasborda com a fervura, ou quando se ajuda a caldeira, ou quando o fogo é muito. || 3º a fornalha e o terno das taxas assentadas sobre a fornalha, o complexo do apparelho do cozimento do caldo. « Privilegio por dez annos para.. assentar banguês com fogo sobreposto, isto é, deitado de cima para baixo ». *Aux. Ind. Nac.* 1870, 149. « Julgando ver uma fabrica central em cada banguê ». Apd. *J.C.* 5 ag. 82. || 4º padiola de carregar terra. || 5º padiola de conduzir cadaveres. || 6º carro da Misericordia, que conduz a tumba. « Negro Gêge quando morre Vai pra

tumba do banguê; Os parentes vão dizendo: Aribú tem que comê.» Cantiga bah. recolh. por V. Cabr. || 7º coxo de couro para curtir pelles ou fazer decoada. || 8º canôa de pelle ou couro, *pelloa* qv. || ETYM. a feição da pal. é bunda, *mbanguê*, e não *banghê* como Aul. manda pronunciar. || GEOGR. 1º M. gr., Goyaz, Min, SP., serrac. R. Jan.; India port.; 2º litt. R. Jan., ES., Bah.; 3º ibid.; 4º 5º e 6º Bah. e outras provs. do N.; 7º Min., Goyaz, Mgr.; 8º Bah. || HIST. «No seculo XVII, cantava-se na Bahia uma modinha com o estribilho: «Meo Deos, que será de mim?», que outros substituição por este: «Banguê, que será de ti?»; e forão ambos glosados por Greg. de Mattos, o unico que nos deixou testemunho da canção popular, hoje perdida na tradição. Em um documento de 1761, da Santa Casa da Misericórdia da Bahia, sobre negocios de defuntos, lê-se: «Ha mais um esquife chamado do Banguê, em que se sepultão os escravos, de que dão seos senhores dois cruzados, de cujo rendimento se satisfaz a despeza dos tres que o carregão e o da cruz e o capellão, que os acompanhão á sepultura, e se pagão os 240 rs. de emolumentos aos sachristães das respectivas egrejas onde se sepultão». Doc. manuscripto da Bibl. Nac. «Irmandade de banguê» diz-se de irmãos ou pessoas da mesma casa que não se unem muito, estando sempre em brigas. «Pelo progressivo entaipamento do cemiterio do Campo da Polvora, apressou-se a remover as inhumações para o Campo Santo, determinando que de 1º de Maio de

1844 em deante fossem ahí sepultados os corpos dos doentes fallecidos no Hospital, e os dos escravos, que a Sancta Casa fazia conduzir no esquife denominado *banguê*. (Damazio, *Tombamento da Sancta Casa da Misericórdia da Bahia*, 1862, pg. 57.)» Comunicação de V. Cabr. || LEX. PORT. Aul. define fornalha em que se collocão as *talhas* nos engenhos de assucar (no Brazil); liteira rasa, coche de coiro [braz. *couro*, pron. *côro*] na India. De algures copiou *talhas* por *tachas* ou *taxas*, si não é erro typ. || ORTHOPH. *ban-gu-ê*.

**banguela** adj. 2, 1º benguela, natural do reino d'esse nome, n'Africa occidental. || 2º fig., sujeito que falla incorrectamente. || 3º fig., desdentado na frente. || ETYM. bd. O sentido figurado vem do costume dos benguelas arrancarem os dentes da frente das crianças em tenra idade, como fazem os australianos (Letourneau 77; Topinard 373). || ORTHOGR. *banguela* = *benguela*, no sent. propr. e no fig., é pop. no Brazil. Aquí, na cidade do Cabofrio (1886) e cartorios da provedoria, do tabellião das notas, dos orphãos etc., tenho achado muitos testamentos, escripturas, avaliações de escravos, cartas de alforria de antiquissimas datas, onde vem *banguela* como naturalidade dos negros de Benguela. || ORTHOPH. *gu = gh*: *banghêla*.

**banguelê** sm., briga, desordem. BR. || GEOGR. Minas. || ORTHOPH. *gu = gh*.

**bangula** sf., «embarcação de pescaria». Rub. || ETYM. bd. || ORTHOPH. *bān-gŭ-lă*. Erra Aul. pro-

nunciando *băn-gũ-lă*. || SYNON. *ga-ropeira*. Bahia.; *calungueira*. Niteroy, Cabofrio até ES.

**bangulê** sm., dança dos negros, ao som da puita, de cantigas obscenas, palmas e sapateados. || ETYM. bd. || GEOGR. Cabofrio. || SYNON. vj. em *batuque*. Cp. *bambá* e *banguelê*.

**banhado** sm., brejo, pantano, laguna coberta de vegetação aquática e de ordinário pouco profunda. « Comecei a viajar observando varios banhados á esquerda, e á direita terrenos altos e enxutos ». E. Pit. *RIH*. 1864, 162. « Seo clima [de Curitiba] é muito saudavel, não obstante haver na entrada da cidade um ou outro banhado formado pelo rio Iguassú ». E. Pit. *RIH*. 1863, 542. « Pode um commandante ordenar a um batalhão que atravesse um banhado ». Red. *GN*. 27 mr. 84. « Tambem se fará declaração no *Memorial*.. dos banhados ou mangues, e terrenos aridos ou estereis ». Av. n. 98 de 8 maio 1854, art. 45. « Quem não quizer emprender viagem nos mezes sem chuva ha de atravessar por lagoas, banhados interminaveis, atravessar a nado e com mil perigos as caudalosas correntes ». Piauhy corresp. *JC*. 26 fev. 84. || ETYM. part. pass. do v. *banhar* substantivado; mas vem directamente do cast. *bañado*.

**banqueiro** sm., 1º nas fazendas de assucar, é o encarregado da casa das caldeiras de noite, em substituição do *mestre de assucar* qv., que assiste de dia. « Tem mais por obrigação o banqueiro repartir de noite o assucar pelas fôrmas, assental-as no tendal e concertal-as com cipó ».

Anton. 75. || 2º banco de açougueiro. « Da cabeça do boi Espacio D'ella se fez um banqueiro Para retalhar a carne Da gente do Saboeiro ». SR. 1, 85. || ETYM. port. *banc(o)* + suff. *eiro*. || GEOGR. 1º litt. do Br.; 2º Ceará. || LEX PORT. negociante que faz negocio de banco; jogador que faz o monte e tira as cartas.

**banquinha** sf., banca pequena, onde, nas fazendas, se sentão meninas ou negrinhas que aprendem a cozer. « As mucamas.. sentadas em banquinhas, costuravão a seo lado ». França Jr. *Paiz*, trscr. *Progressista* (S. João da Barra, R. Jan.) 30 dz. 86.

**banzar** vn., pasmar com pena (Bl.) e magoa (Mor.), pela consideração de algum mal que se teme (S. Luiz); estar pensativo sobre qualquer caso; triste sem saber de que; soffrer do *spleen* dos inglezes, tristeza e apathia simultaneas; soffrer de nostalgia, como os negros da costa quando vinhão para cá, e ainda depois de cá estarem; considerar, meditar, pensar. Cannec.; mas concentrada e irresolutamente, sem tomar resolução alguma. « Botei-lhe os olhos no mundo, Banzando d'esta maneira: Boi Branquinho foi dizendo :- Muda-te d'esta ribeira ». O *Boi Branquinho*, cantiga do sertão, recolh. em Paulo Affonso por V. Cabr. || ETYM. bd. *cu-banza* estar pensativo e pezaroso.

**banzé** sm., vozeria, fallatorio, barulho, desordem; festa ou função ruidosa. « Está bem claro que não é para acabar com o Hospicio que elle tem feito esse banzé ». Apd. *JC*. 24 maio 82. « Ao ser transportado de um cubiculo para outro [na casa de

Correição, o reo] armou *banzé* com as dez praças que o forão levar, e feriu o soldado Alberto». Red. *GN.* 25 mr. 85. || «*Banzé de cuia*» barulhada; grande tumulto, arruaça, chinfrim qv., vaia batendo em cuia. «Logo á noite, si a senhora não encontra a roupa engommada, faz ahí um banzé de cuia que ninguem a pode aturar». Fr. Jr. *Folh.* 114. || ETYM.  $\xi$  bd. *mazue*, pl. de *rizue* vozes, vozeria, que, pela natural nasalização do *b* e do *z* com o *m* e o *n*, deu *mbanzue*, que perdeu a vogal atona *u*? Propendemos para ver ahí o mesmo rad. *banz* = *banç* do v. bd. *cu-banza* = *cubança*, que deu os subst. ports. *banza* viola ou guitarra, *banzé* folia ou festa ruidosa, *banzo* nostalgia dos negros d'África, os vv. *banzar* e *banzear*, e o adj. *banzeiro*. Banzando está o triste que da viola desfere accordes saudosos: não viria d'ahí o chamar a viola de *banza*? E adquirido pelo instrumento o nome do effeito causado sobre o musico, não teriamos facilmente *banzé* tocata de viola, mas já sem a ideia de melancholia, antes em tom festivo, de funcçanata, barulho de toques, cantigas e dansas, e comes e bebes, sem ordem nem preceito? *Banzear* é balouçar, mover-se de um para outro lado, ondular, vacillar, mover-se inquietamente: ideia contida em *banza*, *banzar*, *banzé*, *banzeiro*, *banzo*. *Banzeiro* inquieto, mal seguro; «mar banzeiro» nem quieto nem tormentoso; «jogo banzeiro» quando ninguem ganha. Blut. Em todos esses vocabs. está o sentido de indecisão, irresolução, suspensão de animo vacillante, estado do espirito obsediado

por pensamentos confusos ou contrarios, por tristezas vagas e inquietadoras; perturbado como as ondas em marulho ou barulho, ou como o vozear de povo em tumulto. E eis-nos na accepção de *banzé*. || SYN. *bambá*, *banquelê*, *chinfrim*.

**banzeiro** adj., profundamente triste e sem motivo; *splenetico*, nostalgico; pensativo, como quem está *banzando*, «alheio ao que se passa, meditando». Juv. Gal.; inquieto, mal seguro, nem quieto nem tormentoso. «Chronicas incognitas, onde tambem achou a sua poesia banzeira, os seos selvagens mandriões». Frankl. Tav. *Quest.* II, 130. || ETYM. bd. r. *banz-* + suff. port. *eiro*. || HIST. João de Barros, na *Dec.* 1<sup>a</sup>, já empregava o t. como usual da marinha: «O mar com a calmaria andava banzeiro».

**barangandan** sm., «collecção de ornamentos de prata que as crioulas trazem pendentes da cintura nos dias de festa, principalmente na do Senhor do Bom-Fim». BR. || ETYM.  $\xi$  onomat. do ruido que fazem, como chocalho, as missangas, aneis, figas, rosarios etc. que constituem essa peça de enfeite. || GEOGR. Bah.

**banzo** ad., molle; triste. || GEOGR. Pernamb. (V. Cabr.).

**barbacuá** sm., giráo ou grade de varas sobre forquilhas encima da qual se extendia a herva (*ilex paraguariensis* St. Hil.: vj. *herua*), accendendo-se por baixo o fogo para sapecal-a. «Todos os oito dias, trazião [os Guaycurús] á venda provisões, que consistião em caça conservada por um processo que chamavão *barbacoá* em feixes e n'uma especie de

manteiga». Southley I, 185. E' a caça *sapecada* ou *moqueada*: vj. estas pals. || ETYM. guar. *mbara* = hisp. *vara* + *mbâcuá* coisa assada para se comer. M., BC. *No se dize de cosa grande, e assi se aplica a almuerço ó merienda.* M. *Tes. Obarbacoá = amôcãem, assar algo en parillus.* M. *Voc.* || GEOGR. *Paraná*, ant.; acha-se substituído por *carijó*.

**barbaridade** sf., bandão, muito. Us. como intj. « Que barbaridade! » sc. de gente, de bichos, de soldados, de peixes, de coisas que andão em collecção. || SYN. *bandão*.

**barbatão** adj., brabo, amontado, o contrario de *corteleiro* qv. SR. I. 79 nt. « Minha mãe era uma vacca, Vaquinha de opinião; Emquanto fui barbatão Nunca entrei em curralão.. Tenho corrido muito gado, Novilhote e barbatão, Nos carrascos e restingas; Agora fiquei logrado No centro d'este sertão ». SR. I, 81, 88. || ETYM. corr. pop. de *brabatão* duplo augm. de *brabo*, por intercur-rencia de *barba*, *barbado*, *barbadão*. Cp. port. ant. *barbata* bravata, fr. *bravade*. Vit.; e *braganha* barganha; *bargante* bragante; *barguilha* braguilha; *burlote* brulote; *pregunta* pergunta; *percisão* precisão. A metathese do *r* deslocado da sua vogal é frequente na falla pop. || GEOGR. sertões do norte, da Bahia ao Piauí, Ceará. || SYNON. *montado*. R. Jn.; *alçado*, *chimarrão*. RGS.

**barbela** sf., 1º peça do freio que, passando por baixo do queixo do animal, se prende nas câimbas. || 2º *barbicacho*. || 3º especie de botão que se toma nos gatos de ferro afim

de não desengatarem do logar onde estão dados. *DMB.* || ETYM. sf. *barb* (*a*) + suff. *ela*. || GEOGR. 1º R. Jan.; 2º SP. || HIST. 3º ant. em Portugal; vig. no Brazil.

**barbicacho** sm., 1º « cordão trançado, cujas pontas cozidas no chapéo o prendem ou segurão á pessoa que o traz, passando por baixo da barba ». Cor. || 2º pedaço de corda ou couro que se amarra no queixo do cavallo, passando por baixo da lingua, para governal-o quando se monta em pello. || ETYM. duplo dim. de *barba*: *barb* (*a*) + suff. *ic* (*a*) + suff. *acho* peyor. || GEOGR. 1º RGS.; 2º RJan.

**barcaça** sf., augm. de *barca*, 1º pontão, « embarcação com appa-relho proprio para virar de carena os navios: deve ter menos pontal que o navio que fôr virar, e o lastro necessario ». *DMB.* || 2º « Ha certas embarcações na prov. de Pernambuco que conduzem diversas mercadorias de uns para diversos portos da mesma provincia e para os das provincias limitrophes, a que dão o nome de *barcaças*; suas velas são como as das jangadas ». *DMB.* « A navegação do rio Doce, de sua barra até o porto de Souza, é franca e boa; e pouco abaixo do dicto porto de Souza, admite barcaças que podem velejar, e mesmo bordejar.. Si a navegação de todo o rio Doce admittisse barcaças, as cachoeiras das Escadinhas lhe servirião de grande obstaculo; mas, como muitos logares do rio, que pertencem á capitania de Minas Geraes, só admittem navegação de canoas, sempre no ultimo d'estes se deverião baldear os generos para

barcaças ». Tovar 1810 *RIH.* 1839, 174-5. « As canoas a que chamão *barcaça* e que navegão pela costa de Pernambuco e provincias adjacentes do sul e norte têm dois páos d'esta arvore [jangadeira], para formarem equilibrio : chamão-os *embonos* ». Alm. Pinto.

**bargado** adj., 1º experto, maitreiro, diz-se do gado que se não deixa pegar. || 2º em ger., vivorio, vivatão, que logra os outros, mas não se deixa lograr; expertalhão. || ETYM. port. *bargante* = *bragante*, velhaco, talvez *barganhante* troquilha? ou *brigante*, *brigão*, como quer Diez? E que relação terá com *desbragado* dissoluto, sem leis, nem costumes; e *desembargado* = *desembaraçado*? Vj. *bragado*, que é coisa diversa. || GEOGR. Ceará.

**barra** sm., resoluto, decidido, valente, homem para qualquer desempenho. || ETYM. ζ do jogo da *barra*, onde ganha quem atira mais longe uma barra de ferro: do b. lat. prov. hisp. ital. *barra*; ingl. *bar*; all. *barre*, *barren*: do celt. *bar* vara, tranca. Vj. *barranco*. || SYN. *botábaixo*, *cabo* (eleitoral), *chefe* (de partido), *cuera*, *damnado*, *grubixá*, *influencia*, *influyente*, *macota*, *manda-chuva*, *mandão*, *manata*, *morubixá*, *proconsul*, *regulo*, *sova*, *tarugo*, *teba*, *temível*, *totum-cuebas*, *tutú*, *tuxaua*.

**barranca** sf., barranco. « Dando elle [os paraguayos] á palavra *barranca* a mesma significação que damos a « barranco », extendem frequentemente essa denominação a toda a ribeira esquerda ou oriental, designando a outra pelo nome de *chaco*, que, como se sabe, designa o vasto e pouco co-

nhecido paiz situado a poente do Paraguay ». 1847 Lev. *RIH.* 1852, 213. Suas margens [do Jatapú], formadas de barrancas altas de argilla, apresentam em alguns pontos praias e em outros igapós.. Entre as barrancas a mais notavel é a chamada Tatáuacá, pouco abaixo do lago Uaucú, na curva que ahí apresenta o rio, com frente para NO. E' formado de seis stratus distinctos ». BRoiz. 1875 *Urubú* 59-60. « O aspecto da barranca, que desde a margem do Paranápanema é alta, de rocha, de piçarrão e terra barrenta quasi roxa, transformou-se em pantanos cobertos de relva até a barra do Ivahy ». Elliot. 1845 *RIH.* 1847, 28. || ETYM. vj. *barranco*. || GEOGR. Matto Grosso, Amazonas e Paraná: d'onde se vê que não é só expressão paraguaya, como se deprehende do Barão de Melgaço no trecho supra cit.

**barranceira** sf., barranco ou barranca de certa extensão; continuação de barrancas. « Ao cabo de cinco dias, Estando eu na barranceira, Quando fui botando os olhos E' que vi Manuel Moreira ». O *Rabicho da Geralda*, versão das Alagoas, rec. por V. Cabr. || ETYM. os lexs. que o trazem dão como forma ant. de *ribanceira*; mas parece erro. *Ribanceira* vem de *riba*, lat. *ripa* praia; d'onde *ribeira* no mesmo sentido de *barranca*. Lev., ex. cit. *Barranceira* compõe-se do s. *barranc* (a) margem ou riba excavada, barrancosa + suff. *eira*; e bem duvidou Moraes quando, depois de remetter de *barranceira* para *ribanceira*, pergunta: « Talvez continuação de barrancos? »

Sim, mas de *barrancas*; e a etym. d'estas pals. é o port. *barro*, do ar. *bara* terra. Eng. E' certo que, sendo o *c* de *barranca* = *k* = *qu*, devia dar *barranqueira*; mas, a intercorrência de *ribanceira*, do ant. port. *ribanç(a)* margem de rio talhada a pique + suff. *cira*, explica a formação pop. do nosso voc.

**barranco** sm., « é o nome que se dá á ribeira do rio, tendo ella pouco ou nenhum talude, seja alias qual fôr a sua altura; quando pelo contrario, o talude é consideravel, a ribeira recebe o nome de *praia*, designação que tambem ás vezes se applica aos baixos, ainda que não contiguos ás margens ». 1847 Lev. *RIH.* 1862, 212. « Abre o rio um estirão muito comprido, e no fim campo á beira do rio, á direita com suas ilhas; outro estirão comprido, campo á parte direita á beira do rio, suas ilhas da parte esquerda.. Forão apparecendo suas praias e ilhas, barranco de campo á direita ». V. R. 1793 *RIH.* 1848 Suppl. 413. Eis ahi: campo que morre á beira do rio, e campo que se desbarranca sobre o rio. « E logo praia muito grande á direita, e no fim ilha grande á esquerda; barranco de campo á direita, ilha de serans pelo meio do rio; praia da parte direita; o canal é á esquerda; avistão-se muito longe dois morros da parte esquerda; e pelo meio do rio suas ilhas de serans; e no fim, uma entaipava rasa; ficando os morros na beira do rio, com barranco de campina á esquerda; alarga muito o rio: fiz pousada ». Ibid. 416. Vê-se: *barranco* opposto a *praia*, *despenhadeiro* opposto a *margem que vai*

*morrer á flor das aguas*. || ETYM. ha tres familias de palavras começando por *bar*, cuja etym. precisa discernir. 1º *Barral*, *barranca*, *barranceira*, *barranco*, *barrancoso*, *barrear*, *barreira*, *barreiro*, *barrela*, *barrento*, *barroca*, *barrocal*, *barroso*, vêm do port. *barro*, que se formou do ar. *bara* terra. Eng., que pergunta: *ut ex qua quid formatur?* 2º *Barra* de porto, *barraca*, *barrica*, *barriga*, *barril*, *barco*, *barathro*, *barratta* vaso, descendem da raiz aryana *bar* ouco, oucura, cava, excavação, vacuo, bojo, capacidade. 3º *Barra* trave, *barra* do vestido, *b.* do dia, *barreira* obstaculo, *barrar* separar, fechar, *bardo* cerca, *vara*, constituem outra familia, proveniente do celt. *bar* vara, regua, trave, que obsta, que separa, que cerca. O port. *barro* argilla, não tem correspondente em nenhuma outra lg. neolat., com excepção do hisp., que o tirou da mesma fonte. O fr. é *glaise*, ital. *bucchero*, prov. *argila*. || LEX. PORT. *barranco* é « cova ou quebrada de terra, a modo de vallado de uma e outra parte, que, por receber de ambas toda a agua, está humida e feita quasi barro ». Bl.; « cova ou quebrada formada pelas enxurradas ou por outra causa ». Aul.: noção que tambem aqui temos.

**barrancoso** adj., cheio de barrancos ou barrancas. « As margens, desde a barra [do Ivahy] baixas e pantanosas tornão-se barrancosas ». Elliot 1845 *RIH.* 1847, 29. || ETYM. *barranc(o)* + suff. *oso* cheio.

**barrão** sm., porco novo e inteiro, serve de reproductor ou pae do lote, *vir gregis*. || ETYM. corr. pop. de *var-*

*rão* pela troca do *v* pelo *b*. A forma augm. *varrão* presuppõe o ant. port. \* *varro*, do b.-lat. *verrus*, v.-fr. *ver*: do lat. *verres*. Com effeito, as formas norm. *vernat*, *verrot*, *verrou*, wall. *verâ*, *veraû*, prov. *verrat*, *verragut*, hisp. *verracó*, fr. *verrat* não são primitivas; ao contrario são diminutivas ou augmentativas, da mesma sorte que as ports. *varrão*, *varrasco*. || LEX. PORT. *varrão*.

**barrasco** sm., dim. de *barrão*, entre leitão e barrão. || ETYM. v.-port. \* *varr(o)* + suff. *asco* peyor. ; hisp. *verracó*, prov. fr. *verrat*.

**barrear** va., revestir de barro a parede: vj. *embarrear*. « Para o que se barreou um dos ranchos ». *RIH.* 1855, 258. || ETYM. s. *barr(o)* + suff. vb. *car*. || LEX. PORT. *barrar*.

**barreio** sm., pastagem nos barreiros salgados. « Fazer barreio » levar o gado a pastar nos barreiros salitrados. « Todo o mais dilatado espaço de campanha [na prov. das Missões] não só não cria, como mata, passados tempos, os animaes que n'ella se apascentão. Este defeito, porem, poderia remediar-se tendo-se o trabalho de fazer barreiros; mas como os nossos povoadores têm a fortuna de possuir campos que, independente d'este serviço, crião com notavel proveito e adiantamento, desprezão estes campos ». Th. Rab. *RIH.* 1840, 158. || ETYM. s. *barr(o)* + suff. *eo*. Parece que, á similhaça de *rodeio* qv., se formou a pal. *barreio*: acção de levar o gaço ao *barro* onde ha sal.

**barreira** sf., « logar escarpado na margem do rio com extensão até meia legua, onde não ha mato ». RTS. *RIH.*

1848, 202. « D'este ponto [Tupinambáranas] ou pouco mais acima se deve atravessar o Amazonas, por não navegar uma margem insípida .. e um rio vazio de muitas praias, e buscar a parte do norte até Cararaucú, que são umas barreiras de terra vermelha ». André Frnz. 1820? *RIH.* 1848, 419.

|| ETYM. *barr(o)* + suff. *eira*. || GEOGR. Mgr., Goyaz, Am. || LEX. PORT. logar donde se tira barro; estacada; alvo; limite; obstaculo. || SYN. *barreiro*.

**barreiro** sm., 1º logar donde se tira barro para as obras de pedreiro. || 2º « terreno salitrado mui buscado pelos animaes, e sitios sabidos dos caçadores para a espera e caçada das antas ». Sev. I, 53. Ou, como descreve Taunay: « Chamão-se *barreiros* algumas baixadas salino-salitrosas, de côr acinzentada puxando para o branco. Todos os animaes buscão, com verdadeira soffreguidão, esses logares; não só mammiferos, como aves e reptis. O gado lambe o chão, e, atolando-se nas poças, bebe com delicia aquella agua e come o barro. Quando as vezes voltão á noite d'esse pascigo, vêm com o ventre empazinado, como se estivessem prenhes. Não ha melhor poncto d'espera para um caçador; na verdade, a abundancia de passaros e de caça grossa que se juncta n'um barreiro é coisa de pasmar. Tambem ahi é que os sucyrus vêm-se esconder para colherem as suas prezas ». 1865 *RIH.* 1874, 220. « Sahi em uma canoa a correr todos os barreiros, que ficão ou se achão nas margens do Tieté, de cujo barro comem os gados, talvez por ser salgado;

parece-me que elles contêm sua porção de muriato de soda, mas nunca salitre, como aqui tinham pensado.. Na volta, encontrei o sujeito encarregado da fabrica do salitre, bom practico, que vinha examinar as dictas barreiras, a quem desanganei». Martim Francisco 1803 *RIH*. 1882, 28. « Vim dormir nos campos; e depois que anoiteceu, embarcarão os dois remeiros e forão esperar caça em um barreiro, pois que ha muita pelas margens do rio, e matarão uma anta ». Ol.B. 1810 *RIH*. 1839, 182. « Atravessei o rio Daboque, que vem da serra, e alem d'elle encontrei barreiros mui ricos de salitre ». D' Al. 1825 *RIH*. 1857, 340. « Chegámos a uma pequena e romantica ilha com um barreiro na ponta superior, aonde affluia um bando immenso de passaros, e ahí pousámos ». Elliott 1847 *RIH*. 1848, 161. Esses exs. definem o *barreiro* que, segundo o naturalista D' Alincourt, contem salitre, e segundo o naturalista Martim Francisco, não contem. || GEOGR. SP., Paraná, Mgr., Goyaz.

**barrigueira** sf.. « peça que faz parte da cincha: é a parte que passa pela barriga do cavallo ». Cor.

**barroca** sf., buraco, rasgão praticado na terra pelas enxurradas ou outras causas, cova profunda, circular ou comprida, que geralmente intercepta o passo. || ETYM. a pal. filia-se, parece, á mesma familia descendente de *barro*. Comtudo, Diez acha bom fundamento nos etymologistas ports. que a derivão do ar. *borqah'*. || HIST. « Este termo, diz DV., anda confundido com *barranco*,

como se vê pela definição de *cova* que lhe assignão »; e define *barroca* monte ou rocha de piçarra; ou de barro, ajuncta Aul., dando tambem o signif. vulgar de *cova*, *barranco*. Esta accepção vulgar de *cova*, unica que passou para o Brazil, era tambem a unica em Port. no sec. XVII, como testimunha Bluteau, definindo *barrôca* covas que fazem as aguas impetuosas; e adduz ex. de João de Barros: d'onde concluimos que assim era no sec. XVI. No sec. XVIII, vemos em S. Rosa de Viterbo *barroco*, *barrocos* (forma masc.), penedo ou penedos altos e sobranceiros ao valle ou á terra plana e assente; d'onde *barrocal* logar cheio de penedos altos e fragosos; pal. ainda então usada em Pinhel e Ribacôa. N'este sec., Moura ap. Souza dá *barroca*, do ar. *borca* terra inculta cheia de penedia e cascalho; mas Engelmann não perfilha o vocabulo, que já nos está com tres ideias diversissimas; cova, penedo e terra coberta de penedos e cascalho. Cumpre notar que o ar. *borqah'* faz no pl. *boraq*, d'onde o nosso t. *buraco*; logo, *barroca* devia ser *cova*. « O chão estava calçado ou alastrado de pedras soltas e deseguaes, com muitos saltos e barrocas; e onde isto faltava, era atoleiro grande e caldeirões muito fundos ». Az. 1751 *RIH*, 1845, 471. O Conde de Azambuja, que chegava de Portugal, emprega aqui *barroca* no sent. de Moura. « D'elle [morro do Bom Jesus, em Iguape] correm por muitas barrocas regatos de boa agua.. Sempre as grandes massas da mencionada rocha granitica, desarrumada. Esta rocha forma pelo

seo desarrumamento barrocas a cada passo, por onde correm regatos e cachoeiras abundantes em aguas». Mart. Franc. 1805 *RHH*. 1847, 532-3. Eis ahí a accepção brazileira. As barrocas, em forma de covas circulares, assim como as grotas, são muito frequentes nos campos geraes do Paraná, consequencia talvez da formação rochosa do terreno. O solo dos taboleiros ou chapadas que se estendem sobre as cristas das serras é uma camada comparativamente delgada, que os ventos crestão e as enxurradas facilmente excavão; e tanto mais amiude quanto, despojados de vegetação vigorosa, apenas coberta de gramineas, aroideas, cyperaceas e outras hervas e alguns subarbustos, cujas tenues raizes não segurão a terra, é infallivel e rapida a desaggregação das rochas que a compõem. A forma e direcção das barrocas são determinadas pelas fendas dos rochedos, atravez das quaes foi a terra carregada pela acção das aguas pluviaes; e depositando-se no leito e pelas bordas d'essas bibocas, dá nascimento á vegetação enfezada e carrasquenha que a reveste.

**barrocal** sm., logar cheio de barrocas. Oliv. Bello *Farrapos* 4.

**barrocão** sm., augm. de *barroca*. «Juntou atraz o Moreira, Correndo como um damnado; Mas logo adcante esbarrei, Escutando um zoadão. Moreira se. despenhou No fundo de um barrocão». Al. ap. SR. I, 75. Ceará.

**barroso** adj., 1º branco sujo, côr de barro, entre branco e vermelho: diz-se do gado, e é, nas fazendas, nome com que os moleques e pastores baptizão o boi ou vacca de

côr barrenta. || 2º branco. Cor. «E's branco como o jasmim, Colorado como a rosa: Si tu me amares sempre Dou te ãa terneira barrosa». Kos. ap. SR. II, 73. || ETYM. s. *barr(o)* + suff. *oso* cheio. || GEOGR. 1º litt. RJan.; 2º RGS.

**barulhoso** adj., agitado, tumultuoso, marulhoso. «E não tocava ainda o fundo a grande anchora, que caia levantando barulhosamente espadanas d'agua e escorregando com ruido pelos escovens, já muitos saltavão nas montarias e dirigião-se para elle». J.Ver. 1883 *RAm*. I, 186. || ETYM. *barulh(o)* + suff. *oso* cheio: corr. pop. de *marulhoso* (*m* por *b*) por intercurrencia de *barulho* t. us., em vez de *marulho* t. erud.

**basquine** sm., peça de roupa das mulheres, paletó curto e justo no corpo. || ETYM. picard *vasquine*, hisp. *basquina*, fr. *basquine*, port. *vasquina*. J. Rib. *Philol.* 49 deriva *vasquim*, *vasquino* talvez de *balduquino*, adj. formado adulteradamente de *Bagdad*, para designar um tecido de seda. Littré def. «especie de casaco rico e elegante usado pelas mulheres *bascas* e hispanholas»: parece mais provavel esta origem.

**basto** sm., «lombilho de cabeça mui rasa e pequena: ordinariamente se diz no plural». Cor. || ETYM. cast.

**batata** sf., 1º o tuberculo da conhecida solanea tuberosa. *Batata edulis*. «Plantar batatas» loc. corresp. ao port. «bugiar», ao braz. «penteat macacos»: phr. de aborrecimento ou desprezo com que se despede um importuno. «A especialidade do

sr. Damaso é a lavoura; e, si nos permite um conselho, dir-lhe-hemos: Vá plantar batatas». Apd. *JC.* 3 abr. 83. || ETYM. Martius dá como t. taino; que é americano não ha duvida. || 2º fig., nariz grande e grosso. || 3º asneira grossa, dicto tolo.

**batatada** sf., 1º doce de batata preparado como a *bananada* qv.. || 2º fig. erro grosseiro de pronuncia ou de dicção. || 3º sequencia de tolices.

**batatão** sm., nome que dão ao fogo fatuo na Parahyba do Norte; syn. de *boitatá* em outras provincias. BR. || ETYM. corr. de *mboitatá* cobra afogueada.

**batateiro** adj., 1º que pronuncia mal ou falla incorrectamente. || 2º que diz asneiras.

**batecum** sm., 1º barulho de sapateados e palmas como nos batuques. || 2º barulho de pancadas fortes e frequentes com os pés, com soquete, martello etc. || 3º pulsação forte, cheia e rapida da arteria, no coração, nas fontes, no ventre, a qual o doente ouve e sente como si fôra na cabeça. || ETYM. nasalização do port. *batecú* pancada que se dá com as nadegas, cahindo.

**batedeira** sf., «é semelhante á escumadeira, mas com beicho e sem furos». Anton. 81, para bater o melado afim de se não queimar na taxa. || LEX. PORT. engenho de bater manteiga, barata.

**batelão** sm., 1º «canôa curta e com grande bocca e pontal sem relação a seo tamanho». Cam. || 2º canôa pequena. || GEOGR. 1º Bah.; 2º Mgr. || LEX. PORT. augm. de *batel*.

**bater** vn. e a., correr. || GEOGR. RJan., Pern. SR. *Contos* 131.

**batoque** sm., vj. *cherembetá* e *tembetá*.

**batucar** vn., 1º dansar o batuque. || 2º fazer batecúm; bater a miudo e de riço, bater muito e forte. || ETYM. bd. *batuq* (ue) dansa + suff. vb. *ar*.

**batuerasf.**, sabugo do milho sem os grãos. || ETYM. br. *abatiera*, *abatiguera*, *abatiuera* milho que foi e já não é. Montoya dá *abatiguê*, *espiga de maiz sin grano*, ou literalmente *abati* milho + *i* = *ib* haste ou pé + *guer* que foi. || LEX. PORT. *carolo*. || ORTHOPH. pronuncia-se o e ora aberto, ora fechado.

**batuque** sm., 1º dansa com sapateados e palmas, ao som de cantigas acompanhadas só de tambor quando é de negros, ou tambem de viola e pandeiro quando entra gente mais açada. «Acolá.. rasgado cateretê. Ao longe, ouvem-se sons surdos de tambores acompanhando umas cantigas monotonas, porém cheias de suave tristeza. E' o *batuque* dos negros das fazendas circumvizinhas». Fr. Jr. *Folh.* 159, 160. || 2º fig., qualquer barulho produzido por pancadas frequentes e fortes, sapateados, arrastar de pés etc. || ETYM. accitamos a procedencia africana que dá o cardeal Saraiva quando define: «*batuque* dansa ou baile de que usão as duas nações congueza e bunda, e a que ambas dão o mesmo nome». Cf. Aul. «Recebendo-nos com a maior amabilidade, não faltando *batuques* (dansas), caçadas e excursões.. Os *batuques* prolongarão-se ao som dos bumbos, pifanos e palmas, re-

petidas pela multidão entusiasmada, que a esta medonha scena accrescentava transportes de alegria, gritos e urros». Cap.-Iv, 56, 210. Alfr. de Sarmiento dá o nome de *batuque* não sómente á dança, mas também ao tambor a cujo som se executa (vj. *púita*). Merece aqui transcripta a perfeita descripção que elle faz de uma dança tão original, que os negros d'Africa ainda hoje reproduzem no Brazil com toda a côr local: « Forma-se um circulo composto dos dansadores e dos espectadores, fazendo parte d'elle também os musicos com os seus instrumentos. Formado o circulo, saltão para o meio d'elle dois ou tres pares, homens e mulheres, e começa a diversão. A dança consiste n'um bambolear sereno do corpo, acompanhado de um pequeno movimento dos pés, da cabeça e dos braços. Estes movimentos accelerão-se, conforme a musica se torna mais viva e arrebatada, e, em breve, se admira um prodigioso saracotear de quadris, que chega a parecer impossivel poder-se executar sem que fiquem deslocados os que a elle se entregão. Aquelle que maior rapidez emprega n'esses movimentos é freneticamente applaudido e reputado como o primeiro dansador de batuque. Quando os primeiros pares se achão extenuados, vão occupar os respectivos logares no circulo formado e são substituidos por outros pares que executão os mesmos passos.. Os cantares que acompanhão estas dansas lascivas são sempre immoraes, e até mesmo obscenos, historias de amores descriptas com a mais repellente e impudica nudez ». Esse é o batuque

do Congo e dos sertões ao norte do Ambriz. Em Loanda e outros presidios e districtos, « o *batuque* consiste também n'um circulo formado pelos dansadores, indo para o meio um preto ou preta, que, depois de executar varios passos, vai dar uma embigada, a que chamam *semba*, na pessoa que escolhe, a qual vai para o meio do circulo substituindo-o. Esta dança, que se assimelha muito ao nosso *fado*, é a diversão predilecta dos habitantes do sertão africano onde a influencia dos europeos tem modificado de algum modo a sua repugnante immoralidade. Os cantares são menos obscenos, e não raro é ver tomar parte n'um batuque, por occasião de festa, alguns indigenas de classe mais elevada ». O mesmo se dá entre nós: o batuque do Congo é mais proprio dos negros africanos; o outro, já mais civilizado, é dos crioulos, dos mulatos e até dos brancos. Esses exs. provão que a palmas veiu d'Africa; mas, não teria sido importada lá pelos portuguezes, e naturalizada, e espalhada por todos os recantos que esses ousados viajantes têm percorrido? ha muitas outras palavras n'este caso, e entre ellas algumas evidentemente tupis. E não teria passado para a dança o nome do tambor, que a caracteriza? e o voc. *batuque* applicado ao tambor não está denunciando origem port. no v. *bater*, na forma iterativa *batucar*? De todas as linguas africanas que conhecemos (de vista apenas, ou antes, de ouvir dizer), já da costa occidental, já da oriental, já da meridional ou da região dos lagos, em ne-

nhuma se acha o t. *batuque*, quer applicado a dança, quer a tambor. Em todas, *dansa*, *tambor*, *bater*, são palavras que não têm uma letra de *batuque*. Em conclusão, o t. veiu d'Africa; mas a etym. parece port. Vj. *batucar*. || GEOGR. geral no Brazil. No RJan., applica-se a toda a dança desde que é executada ao som do tambor como unico ou principal instrumento. || SYN. *bangulê*, *bendenguê*, *candombe*, *candomblê*, *cateretê*, *jongo*, *samba* etc.

**bazar** sm., armazem ou loja que comprehende todos os generos de fazendas seccas, pannos, vidros, objectos de armarinho, chapéos, calçado, cutilarias, quinquilharias etc. « Casas onde se vendão fazendas e objectos de diversas especies e qualidades, conhecidas pela denominação de *bazares*, de 40\$ a 100\$ ». L. prov. R. Jan. n. 2538, art. 24. || ETYM. persa *bazar* praça, feira onde se vendem todas as castas de mercadorias. Sz.

**bazulaque** sm., doce feito de coco ralado e mel de furo: « quando tem bastante consistencia para ser cortado em talhadas, chamão-no *pé-de-moleque* ». BR. || ETYM. parece corr. de *badulaque*, t. port., guizado de figado e bofes em pedacinhos, com os quaes se comparassem os do coco ralado. || GEOGR. Alagoas. || LEX. PORT. alem d'aquelle signif., o port. *badulaque* exprime *cacarecos* trastes de pouco valor por serem velhos ou quebrados, cacos; e ha *bazulaque*, t. burl., homem muito gordo (Aul.), e, como define Blut., « guizado de forçura de carneiro, com cebola, toucinho, azeite e vinagre,

coentro, ortelã etc. He muy usado no Mosteiro de Alcobaça, para cea dos Monges », e remette para *badulaque*.

|| ORTHOGR. *bazulaque* parece erro.

|| SYN. *sambongo*. Pern.

**bebes** sm. pl., vj. *comes-e-bebes*.

**bebida** sf., bebedouro, deposito de aguas da chuva, aonde vão beber os animaes durante as seccas no Ceará. Como os barreiros em Goyaz e Matto Grosso, são as *bebidas* logares azados para a caça. « Conhecida a *bebida*, logar onde as pombas costumão beber, fazem uma *espera*, pequena palhoça de ramos verdes, á beira d'agua, onde se possa occultar uma pessoa. Atravessão um páo de uma a outra extremidade da fonte, a pouca distancia da *espera*, e está prompta a *armadilha* ». R. Theoph. 287. || GEOGR. Ceará, Piauhy. || SYN. *barreiro*.

**bejú** sm., especie de biscoito de farinha de mandioca. « *Meiú* (bejú) não é propriamente biscoito, mas é o que entre os selvagens substitue a isso ». C. Mag. *Selv.* I, 35. Gabriel Soares descreve-o assim: « Fazem mais d'esta massa [da raiz da mandioca ralada] depois de exprimida, umas filhós, a que chamão *beijús*, estendendo-se no alguidar sobre o fogo, de maneira que ficão tão delgadas como filhós mouriscas, que se fazem de massa de trigo; mas ficão tão eguaes como obreias; as quaes se cozem n'este alguidar, até que ficão muito seccas e torradas. D'estes *beijús* são mui saborosos, sadios e de boa digestão, que é o mantimento que se usa entre gente de primor, e que foi inventado pelas mulheres portuguezas, que o gentio não usava d'elles.

Fazem mais d'esta mesma massa tapiocas, as quaes são grossas como filhós de polme e molles; e fazem-se no mesmo alguidar como os beijús, mas não de tão boa digestão, nem tão sadias; e querem-se comidas quentes; com leite têm muita graça, e com assucar clarificado tambem ». 1587 *RIH*. 1851, 104. Vê-se que o chronista nacional dá o bejú como invenção port., quando é certo e elle refere que os indios no seo tempo tiravão da mandioca todas as utilidades, inclusive a farinha como alimento. O que ha de ser das mulheres ports. é a forma delicada do bejú de tapioca, em folhas finas, niveas, transparentes, tenras, saborosas, como só mãos femininas e civilizadas soem fazer. « N'esta fazenda [Bahia] se fazem os mantimentos de farinha e beijús de mandioca para os irmãos ». 1585 *Anch.* in *DOff.* 4 abr. 86. || Ha os *bejús de tapioca*, feitos de polme da massa da mandioca, de ordinario cylindricos e oucos; *bejús de massa*, feitos da propria massa da mandioca, redondos e chatos; *bejús de sola*, especie de *manapansa*, temperados com sal, assucar e herva-doce e assados em folhas de banana; *bejús de guardanapo* ou *de prato*, que se dobrão como guardanapos. « Tambem cruas se ralão [mandiocas] e expremem-se e fazem-se uns beijús que são como obreias do tamanho de um prato. E' mantimento de pouca sustancia, insipido, mas são e delicado. » *Anch.* in *DOff.* 10 abr. 86. « Lencinho de crivo, dobrado em forma de bejú ». *Fr. Jr. Folh.* 101, isto é, em triangulo, como ordinariamente se dobrão os guardanapos.

« A praça do centro [da aldeia dos Curutús] é commum a todos para os differentes trabalhos de ralar a mandioca, amassar e cozer os beijús, para as suas dansas etc. » M.M. 1866 *Br. Hist.* I, 105. « N'esse ponto entrou um mulatinho com um bule de louça azul e quatro tijelinhas brancas; depôz tudo sobre a meza e foi buscar um prato de alvissimos beijús encanutados e frescos ». *Folh. GN.* 16 ag. 82. « Bijú de tapioca.—1 lata ». *CEP.* 1875, 138. « No roçado germinavão extensos milharaes, fornecendo optimas maçarocas, e dava bem boa mandioca, com que se fazião excellentes bijús.. ». C. de L. *folh. JC.* 7 ag. 81. || ETYM. guar. *mbeítú* cosa apeñuscada; tortas de mandioca; cosa en razimos. M.; *mbeyú* = *mbejú* bolo ou filhó de farinha torrada. BC., de *mbiú* pp. de *u* comer, a comida por excellencia, o pão; tp. *meiú*. C. Mag. || ORTHOGR. a escripta correcta é, pois, *bejú* ou *bijú*, e não *beijú*, que já fez alguém acreditar viesse do port. *beijo*, como outros bolos, e doces, e flores, denominados *beijo de moça*, *b. de freira*, *de frade*, *de Venus* etc., quando não viesse do fr. *bijoux* joia!

**beiracampo** sm., comp. « terreno comprehendido entre o limite de um campo com um mato e o ponto em que, a começar d'aquelle, prefizer 600 braças ». Art. 1º L. pr. Paraná n. 619, 18 fev. 57.

**belchior** sm., negociante de coisas velhas, livros em segunda mão, registros de sanctos, badulaques ou trastes velhos. « Olhou machinalmente para o interior de uma casa de ferros velhos e deu com o respectivo bel-

chior muito occupado a limpar a moldura de um velho quadro.. Que o calunga não scandalize a piedade do leitor: o belchior era judeo ». Red. *DN.* 24 jun. 85. « Quanto aos trastes velhos.. Que o digão os *belchiores*, que não tem mãos a medir ». Red. *DN.* 5 oit. 85. « Folheto que alias o meo informante não poude encontrar em nenhuma livraria, e nem teve a lembrança luminosa de procurar nos *belchiores* ». Dr. J. Macario apd. *JC.* 13 nov. 86. « Vendeu o guarda-chuva por 500 rs. a um belchior da rua da Carioca ». Red. *JC.* 27 nov. 88. « O facto é que consegue attrahir alguns papalvos transeuntes que sahem depennados e com cada alcaide até indigno de figurar no mais reles belchior ». Red. *FN.* 15 jan. 85. || ETYM. provavelmente de algum Melchior ou Belchior que tivesse tido d'esse commercio na Corte, d'onde parece originaria a pal. || ORTHOPH. *belxó, belxór, berxó, brexó*, pronuncias pop. viciosas. || SYN. *cagasebo*.

**beldroegas** sf. pl. de *beldroega*, 1º herva das hortas da fam. das portulaceas. || 2º fig., um coisa á tôa, lorpa, molleirão, comedor de hervas frias?, homem frio e mellosos como a folha mucilaginoso e fresca da beldroega? « O SR. ZAMA: — ... o orador tem culpa da pobreza intellectual do juiz, da sua falta de energia... O SR. JOÃO PENIDO: — E' um pouco *beldroegas* ». Sess. cam. dep. 13 jul. 88. || ETYM. persa *baldoraca*. Sz. D'ahi *baldoreca, beldoreca, beldorega, beldroega*.

**belicnete** sm., quartinho sem ar, nem luz, para guardar trastes ve-

lhos; deposito de canastras e malas vazias; cafua; beliche. || ETYM. de *belichete*? || SYN. *boliche, candomblé*.

**bem-bom** sm. comp., belprazer. « Estar no seo bem-bom » loc. mineira, corresp. á riogr. do sul « estar na sua cancha », a gosto, á vontade, como quer. || GEOGR. Min.

**bem-de-falla** sm. comp., loc. pop., modo de fallar, de dizer as coisas singelamente, sem atavios, nem rodeios, sem malicia ou segunda tenção. || GEOGR. RJan.

**bemtevi** sm. comp., 1º « passarinho que articula distinctamente o seo nome ». Rub. || 2º « parcialidade politica no Maranhão ». Rub. || ETYM. 1º onomat. *bemte-vi*; 2º o *bemtevi* é acerrimo inimigo do gavião, *caracará*, a que persegue sem piedade, belisca e faz correr, defendendo o seo ninho. Houve no Ceará o partido *caracará*; o *bemtevi* era de rigor houvesse: cremos que essas denominações se filião á mesma origem ornithologica. Cp. *capoeira, marido-é-dia* etc.

**bemzinho-amor** sm. comp., especie de fandango no Rio Grande do Sul. Cor. ap. BR. Ces. menciona entre as dansas do Rio Grande o *feliz-amor*: será a mesma?

**benção-de-Deos** sf. comp., certa dansa entre a gente rustica do Ceará. Araripe Jr. ap. BR. || ORTHOPH. pronuncia-se longo o ditongo de *benção, bençã-o*.

**bendenguê** sm., jongo, dansa dos negros da costa, ao som da púita e cantigas africanas, especie de *bangulê* qv. || ETYM. bd? suah. ? cafre? *Auctores tacent*. || GEOGR. Cabofrio. || ORTHOPH. *gu = gh*.

**bengala** sf., bastão ordinariamente de junco, cacete ou porrete fino, mais ou menos flexível, com ou sem castão e ponteira de metal.

|| ETYM. bd. *bangala* junco, canna índica. Talvez que os abundos houvessem recebido o termo dos portugueses da Asia; e a pal. seja abreviatura de « canna de Bengala », do celebre reino da India portugueza, como pensa o cardeal Saraiva. Cp. *brctanha, cachemira, cambraia, damasco, escocia, hollandia, irlanda, madapolão, nankim, segovia* etc. || HIST. ha na costa e no interior do RJan. gente antiga que ainda pronuncia *bangala*, a forma afr. da pal. || ORTOGR. *bengalas do Brasil* erão, no sec. XVIII, genero de exportação para Inglaterra e Hollanda, como affirma D. Luiz da Cunha *Testam. Polit.* 59, 60.

**benguela**, 1º adj., natural do reino do mesmo nome na costa occidental d'África || 2º fig., que falla mal a lingua natal. || GEOGR. RJan.: para qualificar a falla ou escripta incorrecta diz-se « lingua de benguela ou banguela, lingua de cassange, de congo, d'angola, de moçambique, de negro mina », sem duvida porque áquellas nações pertencião em grande numero, na quasi totalidade, os escravos que importavamos do continente negro. Vj. *banguela*. || ORTHOPH. *benghêla*.

**bens do evento**, vj. *evento*.

**bentinho** sm., escapulario. || ETYM. « assim chamado porque se benze. » Bl.: de *bent* (o) coisa que se benzeu + suff. *inho* dim. || LEX. PORT. Aul. dá só o pl. *bentinhos*, que não é braz. Bl., Mor. e Roq. dão no sg. || SYN. *breve*.

**benzina** sf., oleo obtido pela distillação do acido benzoico (extraído do benjoim), incolor, volatil, de cheiro forte tirando a alcatrão, vulgarmente empregado para tirar nodos. « Por Deos! não gaste toda a sua benzina com a nodoa negrejante da escravidão ». Red. *JC.* 30 abr. 88.

|| ETYM. r. lat. *benz(oe)* + suff. *ina*. O hisp. *benjui, menjui*, port. *beijoim, benjoim*, ital. *belzuino, belgívino* vêm do ar. *loubban djawi'* incenso de Java.

**beriberi** sm., molestia do norte do Brazil, caracterisada por paralysis, ou por hydropisia, ou por uma e outra (forma mixta), anciedade, prostração etc., e importada d'Asia. « O *beriberi*, que existe no norte do Imperio ha muito tempo, ha 15 ou 20 annos: é uma molestia que pode-se dizer endemica. No Pará mesmo essa molestia tem-se manifestado com character endemico ha muitos annos ». Disc. min. Meira de Vasconc. sess. sen. 28 maio 85. Epidemica tambem, diz o dr. Silva Lima, nos seos *Ensaios sobre o beriberi no Brazil*. || ETYM. dão-lhe por etym. o indust. *b'hay-ri* carneiro, porque o andar do beriberico se assimelha ao d'este herbivoro, *mictando genibus, ac elevando crura, tanquam oves ingrediuntur*. Bontius ap. dr. A. J. Nicoláo *These*, Rio Jan. 1877. Referem-na outros ao ar. *buhr* oppressão, asthma + *bahri* maritimo, por ser molestia frequente no Mar-Vermelho. Opinião outros em favor do voc. indust. *bharbhari* inchação, que é um dos symptomas caracteristicos da forma mais commum do beriberi. Vem do cingalez

*beri* fraqueza; *beriberi* augm. ou superl. Apesar de haver quem negue a existencia do superl. cingalez formado pela repetição do voc., preferimos esta etym., que é de Bontius *Medicina Indorum* (sec. XVII), e aceita por Littré e a maior parte dos medicos que se têm especialmente occupado do assumpto. || ORTHOPH. *běřiběři*.

**beriberico** adj., doente do beriberi.

**berne** sm., certa larva que se introduz sob a pelle dos animaes, do gado vaccum principalmente, e ahí cresce e encabella, podendo occasionar a morte. É uma das pragas da industria pastoril. || ETYM. corr. pop. de *verme*. || ORTHOGR. *berno* in folh. *Fl.* 25 jan. 85.

**bertanha** sf., 1º fazenda de linho muito fina, branca, importada da Bretanha de França. « Sua saia de bertanha, Sua camisa de irlanda ». Mod. pop. || 2º renda de linho muito delicada, da mesma procedencia. || ETYM. metath. de *bretanha*. || HIST. Esta corr. data de longe. « Sr. P.º Antonio Gl'z. Marinho. R.º a sua carta por mão de seu Primo, e vejo tudo o q̃. me diz; ao mesmo entreguey os coatro sentos mil reis em dr.º, como tãobem o Gabão, bertanha e panno del.º [de linho], estimarey vá a seu gosto, o gabão foi aleição [á eleição] do Alfayate. » Carta sem data de Antonio José Ribeiro Guimarães, pelos fins do sec. XVIII (em nosso poder). E assim, no mesmo sec., escreveu D. Luiz da Cunha *Testam. Polit.* 59. || Vj. *bretanha*.

**bestagem** sf., tolíce, asneira; acção de

**bestar** vn., fazer asneiras; praticar inconveniencias. || GEOGR. sertão do Alto S. Francisco (Bah.), rec. pelo dr. Brotero de M. Soares.

**bezunga** sf., vj. *bizunga*.

**biboca** sf., 1º fenda, rasgão da terra; cova estreita, comprida e funda; barroca, fundão. « As plantas estão no maior desaccordo com o terreno: onde tem uma biboca a planta do dr. C... marca uma meia-laranja ». Apd. *JC.* 13 sett. 82. || 2º, em S. Paulo, « no sentido de buraco ou toca, dão figuradamente o nome de *biboca* a uma casinhola de palha ». BHM. ap. BR. || ETYM. br. *ibi* terra + tp. *boca* = guar. *bag* rasgão, fenda, abertura violenta.

**bibocão** sm., augm. de *biboca*.

**bica** sf., da giria dos estudantes, chorrilho de approvações nos exames; facilidade de passar sem saber, de escoregar como a agua pela bica. « Forão concedidos identicos favores [licença] a outros funcçionarios, ou, como se diz em linguagem escolastica, foi uma boa *bica* para os felizardos ». Edit. *GN.* 2 sett. 84. || ETYM. Aul. deriva do celt. *pic*; mas talvez seja antes a forma fem. de *bico*, por anal. ou similhaça da *bica*, por onde o chafariz, o poço, a valla deixa sahir a agua reprezada, como bico de passaro. A razão de duvidar é que o celt. *pic* que deu o b.-lat port.. hisp. *pica*, it. *picca*, fr. *pique*, signif. vara, haste comprida, fina e rija; ideia sem applicação alguma á *bica*, mais parecida com a excrescencia cornea que forma a bocca dos passaros, e dir-se-hia com propriedade o *bico* do chafariz, do poço,

da repreza etc. Ora, *bico* vem ou do lat. *bucca*, ou do b.-lat. *becca*, *becco*, *beccum*, velho vocab. gaulez (D C.), que deu o picard e berry *bé*, vall. *bèche*, prov. e cat. *bec*, port. hisp. *bico*, it. *becco*, fr. *bec*, b.-bret. *bec* = *beg*, gael. *beic*, ingl. *beak*. Cp. *bar-ranco barranca*, *esteiro esteira*, *pero pera*, *barco barca*, *marco marca*, *porto porta*, coisas inanimadas com distincção regular de generos, como si tivessem sexos; e não haverá difficuldade em admittir a nossa etym.

**bicão** sm., matame qv. || ETYM. augm. de *bico*, que apparece em *bico de sinhá Anninha* especie de enfeite de saias e vestidos. || GEOGR. Bahia.

**bicha** sf., 1º nome vulgar da aguardente de canna no Ceará. J. Gal. || 2º nos engenhos de assucar do R. Jan., a serpentina do alambique. || 3º sf. pl., «fazer bichas» é pintar o padre, pintar o diabo, pintar o sette, pintar a manta, fazer diabruras, coisas do arco-da-velha. «Pegarão as bichas» foi bem succedido, feliz na empreza. Na loc. port. «bicha de sette cabeças», o nosso povo já substituiu *bicha* por *bicho*. || 4º *bichas*, brincos de orelha. || ETYM. b.-lat. *bicha* = *bissa*, ital. *biscia*, v. fr. *biche* ou *bisse* serpente. Vj. *bicho*. || LEX. PORT. *lombriga* e *sanguesuga*.

**bichará** sm., «poncho de bichará é poncho de lã grossa, branca e preta com listras ao comprido: d'estes tambem se chamão *ponchos de Mostardas* por serem feitos em uma povoação d'este nome, onde se crião muitas ovelhas». Cor. || ETYM. ?

**bicheira** sf., 1º ulcera coberta de bichos de vareja; «ferida dos animaes

com bichos». Cor. «Domingos e dias sanctos Sempre tenho que fazer: Ou bezerros com bicheira, Ou cavallos para ir ver». Araripe Jr. ap. SR. 1, 96. Ceará. || 2º «grande anzol prezo a um cacete, com que se puxa o peixe pezado para cima da jangada, afim de não quebrar a linha». J. Gal. || LEX. PORT. *bicheiro* (Cabo-frio).

**bichento** adj., que tem bicho nos pés. || SYN. *cambaio*, *pindunga*.

**bicho** sm., 1º todo animal que não é homem, nem ave, nem peixe.

|| 2º todo animal, seja homem, ave ou peixe, de formas colossaes, ou extranhas á especie, ou muito feios.

|| 3º visão, alma do outro mundo, *coisa* extraordinaria, phenomenal e inexplicavel, o *mbaú* dos guaranis, o *zumbi* dos negros d'Angola e do Congo, o *papão* = fig. *coca* come-criança (dos ports.) «Olha o bicho!» dizem as amas brasileiras mettendo medo ás crianças; «olha o zumbí!» dizem as negras; «olha o papão!» dizem as portuguezas, todas no mesmo sentido e com a mesma intenção. E n'esse signif. é que são synonymos, como dissemos na *RBr.*<sup>2</sup> IV, 269, e Valle Cabral contestou na *GL*. I, 549. Vj. *zumbí*. — «Olha o bicho, está lá dentro... Senhores, deixal-o estar; Si elle fôr amante firme, Não tarda que ha de voltar». Mod. pop. (Cabofrio). || 4º homem exquisito, selvagem, anti-social. «Está ficando um bicho do mato, acudiu Sophia rindo». M. Ass. *Est.* 15 sett. 83. «Na vida de bicho do mato em que ia, nunca presumiu que fossem typographicamente applicados [elogios]». M. Ass. *GN*. 4 jan. 84. «Artigos laudatorios do astuto e

grande bicho.. pretendendo tapar o sol com a peneira». Apd. *JC.* 8 abr. 83. «De resto, não tem absoluta consciencia do que fez; é uma especie de bicho! Não sabe a razão porque apparece em publico, não comprehende nada do que o cerca». Al. Az.

|| *Bicho de conta*, um myriapode que vive debaixo das pedras e se enrola quando se bole n'elle. || *Bicho de concha*, 1º todo o mollusco que vive debaixo d'essa capa, sob a qual se recolhe quando se lhe toca; e tambem 2º o *tatú* qv., legendario nas modinhas nacionaes. Ambas estas expressões designão fig. o sujeito vivorio, espertalhão, jesuita, que sabe viver sem se comprometter, que tem a habilidade de sahir sempre bem dos passos arriscados e das situações difficeis. || ETYM. a mesma de *bicha*, do b.-lat. *bicha* = *bichia* = *bitschia* = *bissa*, prov. *bicha*, it. *biscia*, hisp. *bicho*, fr. *biche*, all. *betze*, ingl. *bitch*.

**bichôco** adj., *bichento* qv., diz-se do cavallo a que, por falta de exercicio, inchão os pés, como si os tivera bichentos. || GEOGR. RGS.

**bicos** sm. pl. de *bico*, restos de alguma coisa; quebrados de dinheiro; quantia insignificante. || ETYM. analogia de *bicos* cotos de vela.

**bicudo** adj., 1º zangado, amuado; taciturno, que puxa bico, de seo natural. || 2º que puxa bico por ter bebido de mais; que está nos prodromos da bebedeira. || 3º difficil de aturar. «Si os tempos estão bicudos e não ha dinheiro..». Red. *GN.* 31 jl. 83.

**bidé** sm., 1º movel de quarto de vestir onde se guarda uma bacia em forma de 8, para banho de assento. ||

2º movel de quarto de dormir, collocado ao pé da cama, e sobre o qual se bota o catiçal com vela, a caixa dé phosphoros, o copo d'agua &. : tem tampo de marmore, gavetinha e duas prateleiras com porta onde se guardão ourinoes. || ETYM. celt. *bideacto*, *bidein* pequenino, *bidan* fraco; donde fr. *bidet*, ital. *bidetto*, ingl. *biddy* pequirá, cavallinho, signif. originaria do voc. || SYN. 2º *criadomudo*, *velador*.

**bife** sm., 1º posta de carne, ordinariamente de vacca, assada na grelha, ou ensopada em fatias grandes e finas com batatas, cebolas &. || 2º fig., o inglez. || ETYM. ingl. *beef* carne (de vacca), boi, vacca.

**bifestéque** sm., talhada ou posta de vacca, mal assada, com molho da mesma carne. || ETYM. ingl. *beefsteak*. || ORTHOGR. Os ports. escrevem *bifteck*, pal. barbara que se lê nos *Guias de Conversação* de Carolino Duarte, nas narrações dos turistas do Chiado &.

**bilontra** sm., adj. 2, sem character; biltre com ares de homem serio. «O *bilontra*, que é, nada mais, nada menos, um meio termo entre o *pelintra* e o *capadocio*». Red. *DN.* 31 jan. 86. «O *bilontra* actual é pouco mais ou menos o *capadocio* de hontem, algum tanto mais civilizado, e *caradura* pela influencia mesologica». C. de L. folh. *JC.* 31 jan. 86. || HIST. Carlos de Laet explica assim a formação d'este voc. na Corte, donde é originario: «Ao imperador Tiberio exprobrou Pomponio Marcello haver creado não sei que palavra nova: Pódes, disse-lhe, conferir direito de

cidade aos homens, mas não aos vocabulos. E tinha razão este Pomponio. Acima, porém, dos reis estão em coisas litterarias o lampejo do genio e a vontade geral. O Urso metteu uma palavra no dictionario. Para variar chamavão-no *Lontra*; e elle retorquia, antepondo com agudeza philologica o prefixo *bis*... — Oh lontra! oh lontra! berrava a molecagem. — E vocês são bilontras! respondia o philologo. Foi assim que nasceu o termo, constituido de accôrdo com as sãs prescripções glottologicas. *Sociologia, bureaucracia* e outros monstros que correm mundo, melhormente se terião formado, si os houvera engendrado a philologia do Castro Urso». Folh. *JC.* 9 maio 86. É o caso do proloquio ital.: *Si non è vero è ben trovato*. O Castro Urso, original geralmente conhecido na Corte.

**binga** sf., 1º chifre, corno. || 2º especie de piçarra [cascalho]. Mor. || 3º o colibri, beija flor, fam. *Trochilidae*, grupo *Tenuirostres*. || ETYM. bd. *binga* chifre. || GEOGR. 1º sertão da Bah.; 2º ?; 3º R. Jan. || HIST. No R. Jan., ouvimos, em menino, negros novos dando o nome de *binga* ao nosso colibri, beija-flor ou chupa-flor. D'elles passou para o vulgo; mas não o achamos com esse signif. em vocabulario algum das linguas africanas.

**biombo** sm., quarto de dormir ou d'escriptorio, formado de peças de tábua ou panno, de armar e desarmar. «Actos immoraes e improprios da nossa civilização que praticão algumas mulheres de má vida, frequentadoras de um *biombo* d'aquellas immediações». Red. *Provincia do Rio* (Niteroy) 1 abr. 86.

**biqueira** sf., ponteira de ambar, de louça, vidro &, dentro da qual se mette a ponta do charuto ou cigarro para se fumar. || ETYM. s. *bic* (o) + suff. *eira*.

**biriba**<sup>1</sup> sf., eguinha, egua pequena ou nova, mas refeita, já prompta para o trabalho. || ETYM. br. *mbiriba*, *pirib* pouco, diminuto, pequeno. || GEOGR. Paraná.

**biriba**<sup>2</sup> sf., cacete, porrete. || ETYM. br. *bi=i* páo, vara + *mbirib* curto. || GEOGR. Bahia, RJan. || ORTHOGR. nas Alagoas *imbiriba*, forma completa do voc. || SYN. *camarão, cipó, gurungumba, japecanga, quirí*.

**birimbáo** sm. «Chicolate, café, birimbáo, Uma correia na ponta de um páo, Nas suas cadeiras, não era máo». SR. I, 173. R. Jan. || ETYM. corr. pop. de *marimbáo* qv.

**birola** sf., «fazenda de algodão fabricada em Inglaterra e que se re-exporta [?] para as costas d'Africa». Rub.

**bisca** sf., fig. pessoa sem character, coisa-á-tôa. || ETYM. do jogo da *bisca*: ital. *bisca* lugar onde se joga publicamente.

**biscoitar** vn., comer aos bocadinhos; comer coisas miudas; mariscar. || ETYM. *biscoit(o)* + suff. vb. *ar*. A forma correcta seria *biscoitear*. || LEX. PORT. desus.; *abiscoitar* seccar no forno a ponto de biscoito.

**bitú** sm., «coco para pôr medo ás crianças». Rb.; personagem cantada nas cantigas populares. «Vem cá, Bitú, Vem cá, Bitú, Vem cá, meo camarada. — Não vou lá, não vou lá, não vou lá; Tenho medo de apanhá.—Que d'elle o teo camarada?

— Agua do monte o levou. — Não foi agua, não foi nada; Foi caxaça que o matou». (Versão de Maricá.) Sylvio Romero dá *bitú* n'uma versão por elle colligida no Rio Jan. (Pirahy?), e *vitú* n'outra coll. por Varnhagen (onde?). || ETYM. *Bitú*, *Vitú* é dim. fam. de *Victorino*; e como anda ligada á cantiga uma recordação pessoal, de bebado que desapareceu em alguma enxurrada (agua do monte), propendemos para aquella origem. A do br. *ibitú* vento não tem explicação.

**bizunga** sf., a velha bezunga, protagonista de um conto pop., por nós recolhido em Maricá, e publicado pelo dr. Sylvio Romero nos *Cant. Pop. do Braz.* I, 117. || ETYM. ? || ORTHOGR. *bizunga*, *bezunga*.

**blindagem** sf., 1º revestimento do tecto das obras de fortificação militar. || 2º revestimento de navio com chapação de aço.

**blindar** va., «resguardar, defender um forte, um navio etc., revestindo-o de grossas vigas de madeira, de amarras de ferro etc., de modo a impedir ou dificultar a penetração dos projectis. Com referencia aos navios, a blindagem que hoje se usa consiste no revestimento de chapas de ferro ou aço, que se collocão na parte exterior do costado, para proteger a linha d'agua, as obras vivas ou parte d'ellas». *DMB.* || ETYM. fr. *blinder*; all. *zu blenden*; ingl. *to blind*: do all. *blende* couraça, de *blind* cego, tapado. || HIST. este e o t. antecedente são neologismos introduzidos aqui ao mesmo tempo que em Portugal.

**bloco** sm., pedaço consideravel de qualquer substancia pezada, como pedra, ferro etc. || ETYM. b.-lat. *blocus* (sec. XIII); fr. *bloc*: do v.-a.-all. *bloc*, *bloch*; all. *block*: do celt. *bloc*, *bluic*. || HIST. não no dão os lexs. ports.; mas, desde annos, está introduzido no Brazil. Nos *Archivos do Musco Nacional* VI, 324 *et alibi*, escreve-se «*bloc*»(em typo redondo): convinha dar ao voc. a forma port. *bloco*, já nacionalizada.

**blusa** sf., paletó largo, de panno grosso, que se amarra na cintura; usado por soldados e operarios. || ETYM. fr. *blouse*, *blande*, prov. *blial*, *bliau*, *blizaut*, hisp. *brial*, v.-all. *blialt*, *bliat* estofo, panno, fazenda: de origem desconh. || HIST. não no trazem os lexs. ports.; mas é desde annos us. entre nós, até em peças officiaes. Guerra Junqueiro ainda escreve *blouse* em francez. «A's commendas diamantinas Prefere os lirios nevados, E as *blouses* garibaldinas A's beccas dos advogados». *Musa em ferias*.

**boava** sm. e adj., 1º filho de fora, portuguez. || 2º estrangeiro em geral. || ETYM. corr. pop. de *emboaba* qv. || GEOGR. Paraná, sertão de SP., campos de S. Cathar.

**bobalhão** sm., muito bobo, palerma. || ETYM. duplo augm. de *bob(o)* + suff. *alh(o)*pejor. + suff. *ão* augm. || SYNON. *bocó*, *palerma*, *pas-cacio*.

**bobear** vn., ficar bobo, patetear, pasmar. || GEOGR. serra acima do Rio Jan., Minas, SP., Paraná.

**bobó** sm., «iguaria de feijão com abobora». Rb.; «comida africana,

mui usada na Bahia, a qual é feita de feijão mendubi, alli chamado feijão mulatinho, bem cozido em pouca agua com algum sal, um pouco de banana da terra quasi madura. Reduzido o feijão a massa, pouco consistente, junção-lhe por fim azeite de dendê em boa quantidade, para o comerem só, ou incorporado com farinha de mandioca. Ha tambem o *bobó* d'inhamé». BR. || ETYM. fb. *bovô* qv, s. v. *acará*. || LEX. PORT. o voc. africano (Angola) *bombó* qv. não é outra coisa.

-*bóca*=*poca* suff., racha; rachar; rachado; que racha, entra na comp. de algumas pal. brazs.: *taboca*, *pipoca*, *biboca*, *arapoca*, *Ibitipoca* etc.

**bocaina** sf., boqueirão, rasgão de serra, desfiladeiro; «depressão de uma serra ou cordilheira quando a escarpa d'esta parece. abrir-se como formando uma grande *bocca*, que facilita o acesso ao plano superior ou chapada». BHM. ap. BR. «O alto da serra do Tinguá tem na bocaina da estrada do Commercio 360 braças, isto é, 792 metros, acima do nivel do mar. O rio de S. Pedro corre naturalmente mais baixo, e a estrada do Commercio desce para o atravessar; assim como, depois de atravessal-o, tem de subir para alcançar a bocaina da serra de S. Anna». Apd. *JC*. 6 abr. 85. || ETYM. ĩ br. *bocaba*, part. de *bog* fenda, racha, buraco em forma de rasgão? Antes, s. port. *bocca* + suff. *anho*=*aneo*, por metath. *ãeno*=*aino*, dando *bocanha*=*bocaina*? || ORTHOPH. pron. braz. *bôcãĩ-nã*; port. *bucãĩ-na*.

**bocal** sm., 1º «peça de prata

que circumda o loro na parte inferior, immediata ao estribo». Cor. || 2º peça do freio que entra na bocca do animal.

**boçal** 1º sm., cabresto com focinheira. Cor. || 2º adj. 2, rude, inculto, ignorante da lingua e dos usos do Brazil: dizia-se particularmente do negro novo, recentemente importado d'Africa, não *ladino*. «Constando ao Intendente Geral da Policia, ou a qualquer Juiz de paz ou criminal, que alguém comprou ou vendeu preto buçal, o mandará vir á sua presença, examinará si entende a lingua brazileira; si está no Brazil antes de ter cessado o trafico da escravatura, procurando por meio de interprete certificar-se de quando veiu d'Africa, em que barco». Decr. 12 abr. 32, art. 9. || ETYM. hisp. *bozal*; port. *buçal*: de *bozo* buço. Coruja escreve *buçal* derivando do port.: etym. sem razão rejeitada por Beaurepaire Rohan, porque o hisp. *bozal* vem de *bozo* buço. «Que relação, pergunta elle, haverá entre *buço*, que é a pennugem do bigode nos moços, e um cabresto com focinheira?» Toda; ou pelo menos duas essenciaes: de forma, em arco; e de logar, no queixo superior, por cima do beiço. S. Ex. mesmo escreve *buçal*, e não *boçal* como devia escrever, derivando do cast. || ORTHOGR. preferimos *boçal* a *buçal* porque, alem de se conformar com a etym., está de accordo com a pron. braz. (*bôçãĩ*; não com a port., *buçal*); e é como escrevem Bl., Mor., Const., Roq., Aul. etc., e já antes escrevião Lucena, Galvão e outros. Vj. *buçal*.

**boçalete** sm., boçal aperfeiçoado. Ces.

**bochinche** sm., batuque reles, chinfrim. BR. || ETYM. cast. (Valdez). || GEOGR. RGS.

**boccó** = **bocó**<sup>1</sup> sm. e adj. 2, bobo, bocca-aberta, pascaço, palerma. || « Sou gaúcho da cochilha Que dou meo tiro de laço De quatro e cinco rodilhas, Que do chão levanta pó. E quem não faz essa gauchada Nunca passa de bocó ». Ces. 100. || SYN. *bobalhão, pongó, pungá*.

**bocó**<sup>2</sup> sm., maleta, alforge de couro não curtido, ainda com o cabelo do animal; pendura-se a tiracollo e serve para guardar miudezas, canivete, isqueiro, fumo, palha de cigarro, barbante; e também matelotaje; e às vezes dinheiro. || ETYM. br., contr. de *mbocog* segurar, prender, deter, reter, guardar; ḡ s. vasilha, sacco? Cp. guar. *mbohog* cobrir, tapar, acoutar, receber em casa, hospedar, guardar. || GEOGR. us. em quasi todo o Brazil. || SYN. *cacaio, capanga, caramenguá, guaiaca, mala, patiguá, patuá, picuá*.

**bode** sm., fig. mulato, mestiço. « Quanto ás minhas *bellas* qualidades physicas, é franqueza, sou *moreno* na lingua d'aquelles que julgão que não me conheço n'este ponto; na linguagem official, sou *pardo*; e na minha, sou *bode* ou *cabra*; mas fiquem também sabendo que tenho o sangue vermelho ». Apd. *MSM.* 2 abr. 84. S. v. *bacalhão* vj. outro ex. || ETYM. é difficil que venha do celt. *boc, buic*, que deu o wall. *bo, boc*; prov. *boc*; arag. *boque*; fr. *bouc*. A metaphora, de procedencia port., funda-se na catinga propria da raça africana comparada com o bodum dos cabritos.

**bodoque** sm., « arco com duas cordas e uma rede, no meio da qual se põe a balla ou pelouro de barro com que se atira ». Pizarro IX, 6. « Tres bodoques com pelotas ou balas de barro. Este instrumento é empregado na caça de passaros e outros pequenos animaes pelos homens da roça ». *CEP.* 1875, 190. || LEX. PORT. *bodoque* bala de barro. Bl., Roq., Aul.-Roq. dá também o signif. braz. de arco; mas como ant., que é em Port., no signif. de *bala*.

**bôeiro** = **boieiro** adj., que demanda pouca agua para navegar; que só com muita carga attinge a linha de fluctuação: diz-se de canôa, bote, lancha, e mesmo de embarcações maiores. || LEX. PORT. conductor ou guardador de bois. || ETYM. v. *boi* (*ar*) + suff. *eiro*. || GEOGR. Cabofrio (RJJan.).

**bogó** sm., vasilha para tirar agua dos poços. || ETYM. ḡ corr. pop. de *bocó*<sup>2</sup>. || GEOGR. sertão do Alto S. Francisco (Bah.). || SYN. *caçamba*.

**boi-espaço** sm., vj. *espaço, espaço*.

**boiada** sf., « porção de bois mansos, especialmente do serviço de carretas ». Cor.: noção mais restricta que a port. « manada de bois ». A loc. « fazer boiada » comprar gado, arrebanhar gado, é braz. « O tenente Hygino, indo para as margens do rio Paranahyba fazer boiada, levou como seo camarada na comitiva a João ». Red. *JC.* 19 oit. 82.

**boiadeiro** sm., capataz do gado; tocador de boiada; comprador de gado para revender, « que compra o gado ao invernistista para vendel-o ao

marchante. *Invernista*, que compra o gado ao criador, engorda-o [nas *invernadas* qv.] e vende-o ao boia-deiro, ou ao marchante. *Criador* propriamente dicto, que tem animaes que se occupão na reproducção; que cria os productos da sua industria para vendel-os aos invernistas, ou manda-o cortar de conta propria». Apd. *JC.* 23 jun. 82. «Muitos que exercem a profissão de boiadeiros, transitando no sertão com avultadas sommas». Apd. *JC.* 19 oit. 82. «Boiadeiros .. com este nome são conhecidos não só os individuos que comprão gado para vender, mas tambem os capatazes e tocadores do gado (tropeiros), que, em numero extraordinario accumulão-se nas proximidades do matadouro». Acta da Camara Munic. da Corte 3 jl. 84. «Criador é o que cria gado. Invernista, o que o melhora e engorda. Boiadeiro, o que compra gado aos dois primeiros para tornar a vender em pé. Marchante, o que compra o gado para vendel-o depois de abatido. Tambem são vulgarmente conhecidos como boiadeiros os capatazes e tocadores de gado». *JC.* 11 jl. 84.

**boiota** sf., 1º partes exteriores e pendentes do aparelho genital, engrossadas por hydrocele etc. || 2º testiculos muito desenvolvidos. || ETYM. do v. *boiar*?

**boitató** sm., 1º fogo-fatuo, ex-halação dos corpos organicos em decomposição, nos cemiterios e nos pantanos. || 2º na mythol. br., «o *mboi-tatá* é o genio que protege os campos contra aquelles que os incendeião; como a palavra o diz, *mboitató* é cobra

de fogo; as tradições figurão-na como uma pequena serpente de fogo, que de ordinario reside n'agua. A's vezes, transforma-se em um grosso madeiro em braza, denominado *méuan*, que faz morrer por combustão aquelle que incendeia inutilmente os campos». C. Mag. II, 138. || 3º na mythol. pop. braz., touro furioso, botando fogo pelas ventas e queimando tudo. || ETYM. br. *mboi* cobra + *tatá* s. fogo; adj. afogueado, encandescente; ou seg. Anch., *mboêtatá* coisa que é toda fogo. *Gr.* 12. «Cobra de fogo», como traduz o dr. Couto de Magalhães, é contra a syntaxe da lingua geral, que, á similhaça do genitivo saxonio, antepõe o possuidor ao possuido; e assim, *mboi-tatá* diz «da cobra o fogo, fogo de cobra»; e é exactamente «fogo do feitio de cobra». Na lenda brazileira, a pal. *boi* touro já é corr. pop. do guar. *mboi*, tp. *boia* cobra, por intercurrência d'aquelle voc. port. E' facil de ver pela pron.: o tp. guar. pronuncia *mbói*; o nosso povo *bôî*; a noção passou de «cobra» para «boi».

**bola** sf., 1º doce de assucar, derretido em ponto de quebrar, que se derrete na bocca. || 2º pastilha envenenada para matar cães. «Vai-se abrir concorrência para o fornecimento de pastilhas de strichnina, destinadas a matar cães .. *Pastilhas* é o nome moderno. Antigamente era *bola*. O processo é que é o mesmo. Confia-se as pastilhas ou bolas aos guardas-fiscaes, e estes, de passeio pelas ruas, vão distribuindo aos cães que encontram a preciosa comida». Red. *GN.* 1 fev. 85. || «Comer bola» deixar-se

embahir por tolo, como os cães que innocentemente comem as bolas envenenadas; faltar aos deveres por condescendencia, peita ou suborno. || 3º no pl., « tres pedras de forma espherica, retovadas com couro e prezas por guascas de couro de covado de comprido: d'estas tres uma, que é mais pequena, se chama *manica*; e é n'esta que se pega para fazer mover as outras. Servem para bolear os animaes ». Cor. || 4º fig., *um bolas* é um coisa-á-tôa, um cara-dura, sem character. || ETYM. Aul. deriva do lat. *bullā*: devia então dobrar o *l* e escrever *bolla*. De *bullā* vem o fr. *boule*; mas o prov. hisp. port. *bola* é o b.-lat. *bola*. || SYN. *bala*. RJan.; *queimado*. Bah.; *rebuçado*. Pará e Port. || GEOGR. Al., Pern.

**bolapé** sm, « corresponde quasi á pal. port. *vão*: diz se estar o rio de *bolapé* quando está muito cheio, mas inda o cavallo passa sem nadar ». Cor. || ETYM. cast. *vuclō à pié* vôo a pé, que, na verdade, mais anda que nada, e menos anda que vôa quem, pé aqui, pé alli, pé acolá, vai transpondo o leito do rio cheio.

**bolas!** « intj. de desdem, de despeito, de aborrecimento, para enxotar um importuno, ou rebater uma insolencia: foi ouvido da bocca de um deputado mineiro em plena camara em 186... E' a isso que allude este trecho: « Ora bolas! que é parlamentar ». Red. *GN*. 7 abr. 84.

**boleador** sm., peão dextro em manejar as bolas, na campanha do RGS.

**bolear**<sup>1</sup> 1º va., « pegar com bolas algum animal, atirando-lh'as aos

pés ». Cor. || 2º vn. atirar-se o cavallo no chão com o cavalleiro. || GEOGR. 1º RGS.; 2º RJan.

**bolear**<sup>2</sup> vr., « deixar-se o cavallo cahir com o cavalleiro ». Cor.; atirar-se como uma *bola*. || GEOGR. RGS.

**boliche** sf. « vendinha de pouco sortimento e de pouca importancia ». Ces. || ETYM. hisp. *boliche* tarrafa, rede para apanhar peixe miúdo na praia.

**bolsa** sf., « o lugar, no salão da Praça do Commercio ou da Associação Commercial, destinado a operações de compra e venda de titulos publicos, acções de bancos e companhias, de valores commerciaes, e finalmente, de metaes preciosos ». Regim. 12 abr. 77 art. 1º. || ETYM. v.-fr. *bourse*; pron. ital. *borsa*; hisp. *bolsa*: do lat. *byrsa*. || HIST. até 1877, as operações de que falla o Regim. cit. erão chamadas da *praça*, por se fazerem na do Commercio, na Corte.

**bomba** sf., 1º canudinho de páo ou de metal, provido, n'uma das extremidades, de uma cestinha espherica ou alongada, que se introduz na cuiã para tomar matte, sorvendo: pelo crivo da cestinha passa o liquido, deixando na cuiã os residuos da herva. « Bombas de matte enfeitadas.. Cuiã e bomba de prata e ouro para matte, feita e exposta pelo sr.. Dicta guardanecida de prata, com bomba ». *CEP*. 1866. « Bombas para matte (enfeitadas).. Idem de cesta dupla ». *CEP*. 1872. || 2º boeiro para esgoto das aguas. || 3º Na gíria dos estudantes, reprovação em exame. || ETYM. lat.

*bombus* estrondo, estalo; onomatopéia que deu o port. hisp. it. *bomba*, prov. *boumba*, fr. *bombe*. A forma espherica da *bomba* transportou a pal. para o instrumento de tomar matte. Da mesma noção de rebentar com estrondo vem a metaphora dos estudantes, chamando *bomba* a infelicidade de baquear nos exames. O 2º signif., porem, já se refere a *bomba* de tirar agua, com a qual se esgotão poços etc., fr. *pompe*, ingl. all. *pump*, holl. *pomp*, que Menage tira do gr. *παμπή* acção de enviar (Littré), que deu o lat. *pompa* comboi, conducção em fila, tropa, cortejo, acompanhamento, procissão; mas não sabemos como podia dar o fr. *pompe*, d'onde se formou o b.-lat. *pompa* receptaculo d'onde se tira agua com a machina que em lat. se chamava *antlia*. || GEOGR. 1º SP., Paraná, SC., RGS.; 2º Pern.; 3º geral.

**bombeador** sm., explorador, que *bombeia*. « Um indio prizioneiro, que foi atacado por uma das guardas avançadas, na campanha dos mesmos castelhanos, cujo indio andava com outros, que escapárão em bons cavallos, fazendo a diligencia de nos verem a forma com que acampamos, marchamos, e as forças que trazemos, como tambem o caminho por onde marchamos, para darem parte aos seus caciques e maioraes. A estes chamão elles bombeadores dos seus campos ». JRC. 1756 *RIH*. 1853, 215.

**bombear** vn., 1º procurar com empenho e minuciosidade, explorar, espiar, espreitar. « Suppezemos que, desconfiados pelos tiros da tarde an-

tecedente, nos bombeassem no alto de alguma arvore, em algum espigão ». Elliott 1845 *RIH*. 1847, 37. || 2º t. escol., reprovar em exame. || ETYM. N'este ultimo sentido, vem de *bomba* esphera cheia de polvora, que estoura. No outro, virá de *bomba* machina de tirar agua, sacar, arrancar de outrem informações, segredos, o que se deseja, como a bomba faz surgir a agua do seio da terra ou levanta-a do fundo do poço? Em fr., *pomper* tambem tem essa signif. metaphorica. Pode, entretanto, que não seja sinão metath. de *pombear*, assim como *bombeiro* de *pombeiro* qv. Esta origem, assignalada por B. Rohan, parece mais aceitavel.

**bombeiro** sm., 1º explorador; espião do campo inimigo. || 2º soldado do corpo dos *bombeiros*, que trabalha com *bombas* de apagar incendios.

**bombó** sm., mandioca puba, na Africa occidental portugueza. || ETYM. bd. Suppomos ser a mesma pal. *bobó* supra, applicada a differente objecto. Depois de descrever a preparação do *bombó* n'aquellas possessões patrias, diz o Conde de Ficalho que « mais geralmente desfazem o *bombó* em almofarizes de páo, e peneirando-o em cestos ou peneiras de *subi*, obtêm a *fuba* ou farinha ». *BSGL*. 3ª ser. 619. Vj. *fubá*.

**bombonassa** sf., 1º a palmeira *Carludovica palmata*. || 2º a fibra ou palha que se extrahе das suas folhas para fazer chapéos, objecto de grande exportação da região amazonica. « Chapéos de bombonassa 33154, valor 165:770\$000 ». Ad. de Barros *Rel. Presid. Amaz.* 1884, 45.

**bond** sm., 1º cautela dos títulos da dívida pública interna, contrahida em 1868, pelo ministerio de 16 de Julho, com juros pagaveis em ouro. || 2º Carro de passageiros na Corte, *bonde* qv. || ETYM. ingl. *bond* vale, bilhete contendo obrigação, cautela de títulos ou apolices a receber; fr. *bon* bilhete que auctoriza a receber determinada coisa.

**bonde** sm., carro de passageiros, que corre sobre trilhos de ferro, puxado por bestas. « Vocemecês tomão-me por um d'esses pobres diabos que por ahi vagão á tôa, e julgão que eu venho implorar á sua generosidade alguns cartões de bonds ». 1871 J. F. de Castilho *Quest. do Dia XXV*, 74. » O bond conta apenas oito annos de existencia. Entretanto, quantas revoluções não tem elle operado em tão curto espaço de tempo! » Fr. Jr. 1876 *Folh.* 143. « Conversa-se muito nos bonds do Cajú ». C. de L. folh. *JC.* 8 abr. 83. « Uma das coisas de que mais me admiro n'esta vida e n'esta cidade é não ter morrido ainda esmagado por um bond ». V. Mg. *GN.* 6 jan. 84. « A scena passa-se em um *bonde* ». Fr. Jr. folh. *JC.* 27 abr. 83. || HIST. Quando em 1868, o Visconde de Itaborahy, ministro da fazenda e presidente do concelho dos ministros, emittiu o emprestimo nacional de juros pagaveis em ouro, operação financeira que attraheu a attenção geral na Côte, com a entrega dos *bonds* ou cautelas das apolices do emprestimo coincidiu o estabelecimento de viação urbana da *Botanical Garden Rail Road Company*, cujo serviço se inaugurou dois mezes

depois. O povo applicou aos novos vehiculos, elegantes, commodos e velozes o nome das cautelas do emprestimo; e a pal., que os jornalistas a principio medrosamente escrevião em grypho e com a fórma ingl. de *bond*, pouco a pouco se foi nacionalizando até tomar a feição braz., que está quasi firmada, de *bonde*. Valle Cabral escreve *bonde* (*Guia* 29), e explica a denominação como provindo do apparecimento simultaneo dos bonds do emprestimo Itaborahy, emittidos em ag. de 1868, e dos bilhetes de passagem da *Botanical Garden*, que gyravão no pequeno commercio como moeda corrente. Pode ser; era mesmo natural se dêsse a esses bilhetes o nome de *bonds*, os *bonds* da Companhia, os *bonds* de Botafogo; e dos bilhetes passasse o voc. para os carros, cuja inauguração teve logar em Oitubro, quando ainda occupava a attenção de todos o exito da brilhante operação realizada pelo eminente financeiro que então dirigia a pasta da Fazenda.

**bondinho** sm., dim. de *bonde*, applicado aos dos Carrís Urbanos e outras companhias, por serem menores que os de Botafogo e S. Christovão. « Pagámos um ao outro a passagem no bondinho de tostão ». Red. *GN.* 7 ag. 83.

**boneca** de milho sf., a espiga ainda com os *cabellos* (estames) prezos aos grãos. || ETYM. anal. de *boneca* de criança.

**bongar** va., apanhar catando, procurando com empenho e minuciosidade, de grão em grão. « Bongar os caroços de café na apanhação » é extremal-os da terra e do cisco em que

estão envoltos, separal-os das folhas cahidas : loc. muito usual na roça. || ETYM. bd. *cu-bonga* catar, apanhar, colher. || GEOGR. RJan.

**bonzo** sm., hypocrita, jesuita. || ETYM. jap., sacerdote de Buddha.

**boquinha** sf., beijo, osculo.

**boqueirão** sm., baixa ou valle profundo. « O João Bernardo e Miguel .. Tomarão pr'o boqueirão ». SR. I, 89. Pern. || ETYM. augm. de *boqueir(a)* + suff. *ão*. Cp. *biqueira*. || SYN. *barroçãõ, bibocãõ, brechãõ, fundãõ, grotãõ*.

**borá** sm., a substancia amarella e amargosa dos cortiços, que nem é cêra, nem mel, e as abelhas comem. || ETYM. br., contr. de *heborá*. *Borá* propriamente é o fut. do v. *bor* = *por* ter, conter. *Heborá* que ha de ter sc. mel, *t-ei-porá* o que vai ser sc. mel. BC.; *heborá* = *teborá, hámagõ, comida de las avellas*. M.-Rubim define : « abelha amarella e esguia do tamanho de uma mosca pequena ». ?

**borda do campo** sf., limite do campo com o mato, logar onde acaba o mato e principia o campo. S. Hil. *Rio et Min.* I, 113. Vj. *beira-campo*. || ETYM. *borda* reporta-se ao celt. *bord* tábua, *burdd* meza, e ao german. *bord* (v. -scand.) e *bort* (v. -a. -all.) tábua, meza : d'ahi o fr. *bord*, o port. hisp. e ital. *bordo* (do navio). *Bord*, observa Littré, é propriamente tábua, prancha; e a etym. permite seguir o encadeiamento das significações. O *bordo* do navio é obra de tábuas; d'ahi, por metonymia, o que *borda*, encerra, limita, fica na extremidade.

**bordoeira** sf., frequencia de bordoadas, grande sova. || ETYM. s. *bor-*

*d(ã)õ* bastão, cacete, porrete, bengala grossa e tosca + suff. *cira* : do b. lat. *bordo, bordonus, burdo, burdus*, prov. *bordo*, ital. *bordone*, hisp. *bordon*, fr. *bourdon*.

**boré** sm., trombeta dos indios. || ETYM. br.  $\xi$  *mbiré*, pret. de *mbig* soprar : talvez contr. do pp. *mimbirer* o soprado. BC.; *mburè-mburé*. M.

**boreste** sm., estibordo, bordo de leste, « o lado direito do navio, olhando da popa para a prôa ». *DMB*. || ETYM. s. *bor(do)* + s. *este* leste, oriente ou nascente. || HIST. para evitar a confusão que se dava, nas vozes de manobra, entre *bombordo* e *estibordo*, devida á identidade das duas ultimas syllabas, a primeira das quaes é justamente a tónica, mandou o Av. do Minist. da Mar. de 14 fev. 84 substituir *estibordo* por *boreste*. O Decr. n.º 9382 de 21 fev. 85 diz : « que o *clarão verde* nunca seja visto de *bombordo*, nem o *encarnado* de *boreste* da prôa ». Mas, observa um articulista : « Vimos empregada essa expressão de BE (*boréste*); entretanto ha pouco no senado por occasião de ser interpellado o ex-ministro da marinha, disse este que aquelle termo não é official e que apenas está introduzido pelo uso, apezar de que o aviso de 14 de Fevereiro do anno passado mande adoptar essa expressão ao mesmo tempo que as vozes do excellente manobreiro Wandenkolk. Ficamos, pois, inteirados de que *boréste* não é termo official, comquanto o relatorio que ora estudamos mostre predilecção por elle ». Apd. *JC.* 24 jun. 85. Hoje geralmente empregado, official e extra-officialmente.

**borocotó** sm., vj. *brocotó*, mais us.

**borracha** sf., 1.º gomma elastica, leite da seringueira coalhado, cahutchú. || 2º seringa de gomma elastica. || 3º fig., beberrão. || ETYM. b.-lat. *borratium* = *borrachia* vestido grosseiro de *borra* tomento ou estopa, restos que se não fião da lã ou da seda; panno grosso, de estopa, com o pello aspero, como o couro ainda encabellado com que se fazem as borrachas ou ôdres para vinho, mais grosseiro e mais aspero que a estamemha, feito « do que a gente do monte chama *tomentos*, que é a ultima escoria do linho ». Fr. Luiz de Souza, *Vida de d. Fr. Bartolameu dos Martyres* liv. 4 cap. 21 : lat. *burr(a)* panno grosseiro de lã + suff. *acho* peyor. || HIST. foi aqui, na colonia, que os port. applicarão o nome de *borracha* sacco de couro em forma de pera aos pães de gomma elastica que apparecerão no commercio de-baixo d'aquella forma.

**borrachada** sf., seringada, clyster dado com seringa de borracha. || ETYM. s. *borrach(a)* seringa de gomma elastica + suff. *ada*. || GEOGR. Mgr.

**borrachão** sm., augm. de *borrachá* « chifre com fundo (a parte mais larga) tapado, e aberto na ponta : serve para conduzir agua ou outro liquido em viagens ; alguns são feitos com primor ». Cor. || ETYM. s. *borrach(a)* + suff. *ão*. || GEOGR. RGS. || SYN. *guampa*.

**borrachudo** sm., « mosquito muito conhecido pelas ferroadas dolorosas que dá. » Rub. : enche-se de sangue que nem borracha de vinho ; e assim se deixa facilmente matar. ||

ETYM. s. *borrach(a)* + suff. *udo* plenitude.

**borrasbotas** sm., homem á tóa, insignificante ; poltrão. || ETYM. 3ª p. sg. pr. ind. v. *borra(r)* + art. *as* + sf. pl. *botas*. || LEX. PORT. *borrabotas*, sem o art. *as*.

**bota** sf., composição ruim de pintor, gravador etc. « Tem apenas 24 annos de idade e já é auctor de 140 quadros ! A menos que tão prodigiosa quantidade de telas não passe de uma vergonhosa collecção de *botas*; a menos que o sorprendente mancebo seja um caiador incipiente, ou um pintamonos bisonho ». Red. *DN*. 5 ag. 88. « Conscios da inqualificavel *bota* por elles feita (perdôe-nos o honrado julgador : d'este termo usão os artistas quando querem qualificar trabalho abaixo da critica) .. Os trabalhos de pintura dos AA. forão qualificados de chinfrinadas, sem gosto artistico, sem similhaça alguma, mal pintados, horrorosos, detestaveis, imprestaveis, abaixo da critica, verdadeiras *botas*, e os AA. considerados sapateiros... ». Dr. J. Monteiro da Luz, *Côrte*, 2ª vara commercial, escrivão Abreo, AA. J. F. G. e J. L. R., R. Georges Heughbaert.

**botada** sf., acto de *botar* o engenho a moer, nas fazendas de as-sucar, precedido de benção do capellão e seguido de jantar dado pelo senhor d'engenho aos seos lavradores, vizinhos e amigos. « O primeiro engenho a vapor que houve no Brazil foi na ilha de Itaparica [Bahia].. cujo proprietario era então o coronel Pedro Antonio Cardoso .. Assistirão á *botada* do engenho o Conde dos Arcos,

o coronel Cogominho de Lacerda e outros ». M. Mor. *Br. H.* I. 280. « Mezes antes, um grande jantar se realizára alli por occasião da *botada* do engenho, ao qual assistiu Felix José Machado [governador de Pernambuco] ». Fr. Tav. *RBr.*<sup>2</sup> VII, 227.

**botafogo** sm., 1º barulhento, rixoso. || 2º nome proprio de uma familia da Côrte, descendente de João Coelho Gato Botafogo, dono de uma fazenda sita no actual bairro do mesmo nome, que o tirou da « fazenda do Botafogo ».

**botar** va., 1º pôr, lançar sobre, em; dispôr, collocar, arrumar, assentar, deitar, prostrar, dar posição em geral e seja qual fôr; lançar dentro ou entre, metter: ideia de logar onde, repouso. « João, bota este vaso onde estava antes, disse ella ». M. Assiz *Est.* 15 sett. 83. « A carne do boi Espacio, Botada no estaleiro, Comêrão vinte familias De janeiro a janeiro ». SR. I, 85. Ceará. « O sr. Pinheiro Chagas não quíz botar: e só *podião encontra-la* ». B. Caet. *Rasc.* 45. || 2º lançar para ou contra, impellir, arremessar: ideia de logar para onde, movimento para. « Botar barro á parede » loc. pop., empregar os meios para conseguir algum fim. « Seccarão-se os olhos d'agua Onde eu sempre ia beber: Botei-me no mundo grande, Logo disposto a morrer ». Al. ap. SR. I, 78. Ceará. « Estava no meo descanso Debaixo da cajazeira; Botei os olhos na estrada: Lá vinha seo Antonio Ferreira ». SR. I, 81. Sergipe. « Eu vi outra lagartixa Na feira da Macahiba, Botando torrões abaixo, Botando torrões arriba ». SR.

I, 142. Alagoas. || 3º lançar de si, lançar fóra, expellir, fazer sahir de si, exhalar: ideia de logar d'onde, movimento de extracção de dentro. « O cravo do meo craveiro Bota amarellos e verdes ». Mod. pop. « Botar ovos » diz-se da gallinha e outras aves. « Botar cheiro » diz se das flores. « Botar grelo, botar botão, botar flor, botar fructa » diz-se das plantas. || 4º lançar fora, lançar de algum logar, atirar embaixo, desfazer-se de, rejeitar: ideia de logar d'onde, movimento de repulsão. « Queria que me demorasse [no governo] para me botarem abaixo? » Aparte do sen. Saraiva sess. 7 oit. 86. || 5º acabar, terminar, chegar ao fim, conseguir. « O doente não bota o anno fora » não chega ao fim do anno, morre antes d'elle findo. « O negro não botou o eito fóra » não acabou o eito. || 6º soltar, largar. « Bote o burro no campo » solte o burro, tirando-lhe o cabresto. « Bote o remo » largue-o n'agua. || 7º entornar, derramar. « Isto foi, como diz o vulgo, botar agua na fervura ». Red. *JC.* 2 ag. 82. || 8º *botar* a mão, o gadanho, a unha, agarrar, prender. « Eu tinha meo boi Espacio, Meo boi preto caraúna; Por ter a ponta mui fina, Sempre fui, botei-lhe a unha ». SR. I, 80. Sergipe. || 9º fazer apparatus, ostentar. « Botar carro; botar luminarias; botar estadão ». || 10 estabelecer-se, arranjar-se. « Botou casa de negocio; botou sapataria ». || 11 abrir, sahir, dar sahida. « A porta bota para a rua; a janella bota para o jardim ». || 12 vn., botar a, começar. « Botar a moer », ou sómente « botar » diz-se

do engenho que começa a moagem ». || 13 vn., bater, dar pancada. «Vendo-se assim maltractado, apanhou uma acha de lenha e botou no tal sujeito ». Red. *GN.* 29 jun. 83. || 14 — *se* vr., abalançar-se, aventurar-se, arriscar-se, atrever-se. || ETYM. b.-lat. *botare, boutare* (pellere, pulsare, offendere : sec. XIV.), prov. *boutar, botar, butar*, ital. *bottare*, hisp. *botar*, fr. *bouter*. || GEOGR. todo o Brazil. || HOM. port. *botar* embotar não se conhece aqui. || LEX. PORT. tem os mesmos signifs. brazs.; mas lá é t. vulgar e menos polido, sg. Aul. No Brazil, não; é termo usual, popular, empregado no jornal, no livro, no parlamento, na sala, no gabinete, na venda, na praça, na roça e na cidade. E por mais que certa imprensa da Côrte, influenciada por jornalistas do Chiado, porfie em substituir o nosso brazileirissimo *botar* por *deitar* e *pôr*, ouve-se o voc. nacional a cada passo nos salões, nas assembleias de todo o genero, nas rodas populares e nas dos homens de lettras. || ORTHOPH. braz. *bôtar*, port. *butar*.

— **botara** sf., vj. *butara*.

**botocar** vn., sahir fora, saltar fora, surdir em ponta. || ETYM. s. *botoq(ue)* + suff. vb. *ar*.

**botocudo** adj., 1º indio que traz *botoque* ou batoque pendente dos labios, das orelhas etc. || 2º fig., inculto, selvagem.

**botoque** sm., rodela ou cylindro de páo, de resina ou outra substancia, que certos naturaes d'America, d'África e da Oceania mettem pelas orelhas, narinas e labios furados. || ETYM. br. *nibotog* fazer tapar,

cobrir; tapar. || HIST. Moraes prefere o nosso *botoque* como mais certo; Aul. nem o dá, posto venha em Roquette, e já o velho Bluteau o houvesse recolhido com esta definição exacta: « *botoque* chamão no Brazil a pedra que os indios mettem na barba, furada para este effeito, e é seo principal ornato ». || SYN. *cherembetá, metara, tembetá* pedra do beicho.

**bozerra** sf., 1º bosta, monte excrementicio. || 2º fig., molleirão, sem animo para nada, um banana, um inhamme. || ETYM. ζ corr. do port. *bruceira* a estopa mais grosseira que primeiro se tira do linho? ou do port. *bostela* pustula? Vj. em DC. *buccerius* carniceiro, açougueiro; *bucetum* curral destinado para tirar leite das vaccas; *bostar* = *bostarium* curral dos bois, e ter-se-ha talvez a origem da pal.

**bozó** sm., jogo que se faz com uma bola. || ETYM.? || GEOGR. Bah. (V. Cabr.)

**brabeza** sf., ferocidade, selvajaria, exprime ideia diversa de *braveza* bravura, coragem, intrepidez.

**brabo** adj., 1º bravio, selvagem, grosseiro. || 2º nocivo, damnoso. || 3º feroz, sanhudo. « Dirigindo-se ao logar o delegado de policia do termo [do Mar d'Hispanha, Min.], .. em caminho foi ameaçado de *ter a mesma sorte dos pretos si lá fosse muito brabo* (textual)». Carta lida pelo sen. Chr. Ottoni sess. 26 jun. 85. || ETYM. b.-lat. *bravus* sicario, capanga; touro novo e ainda não amansado; selvagem; prov. *brau* (f. *brava*), *brabe*, *brave* duro, máo, brabo; ital. hisp. *bravo*, fr. *brave*: do lat. *pravus* máo, torto, falso, disforme, perverso, aíva?

do v.-a.-all. *raw* (epenthese do *b* de *braw*)? do celt. *braw* terror, ou *borb* cruel? || HIST. a Port. de 2 de Julho de 1662 deu providencias sobre o *gentio brabo*. *ABN.* IV, 221. Em Bluteau, 1712, *brabura* bravura, no adagio pop. « A fartura faz brabura ». || SYN. confundem os eruditos *brabo* com *bravo*; ou melhor, rejeitão *brabo* como vicioso; mas, o povo braz. distingue sempre. « Homem *brabo* » é homem zangado, que se enfurece por qualquer coisa, capaz de violencias; « homem *bravo* » é o que não teme o perigo. O animal não domesticado é *brabo*, bravio; ninguém diz « cavallo bravo », mas *brabo*. O mar encapellado está *brabo*; e aqui a ideia de *bravo* nem teria applicação. «Cardo *brabo* » é um cujo fructo se não come, de ruim no gosto, ou grosseiro, ou espinhoso que é. « Figo *brabo* » cujo leite assa a bocca de quem o come. *Bravo* é t. erud.; *brabo* é pop. e corrp. ao erud. *bravio*. O nosso povo, do littoral ao menos, não conhece o t. *bravo*; substitue-o por valente, animoso, atrevido, avalentuado.

**brabura** sf., brabeza, ferocidade; sanha, ira; grosseria. || GEOGR. pop. no litt. RJan.

**branca** sf., aguardente, cachaça, por opposição ao vinho, que é *tincto*. « Está um tempo levado de todos os diabos! Venha um gole da *branca* para aquecer.. Barroso tragou de um gole o copinho de aguardente ». V. Mg. *GN.* 23 mr. 84. « No dia seguinte, sob pretexto de sua mulher o haver abandonado, fez um grande samba em sua casa, onde, ao som da viola e saboreando a *branca*, dansá-

rão até ao amanhecer ». Garanhuns (Pern.) ap. *JC.* 30 sett. 86. || ETYM. f. de *branco*, b.-lat. *blancus*, prov. fr. *blanc*, hisp. *blanco*, ital. *bianco*, v.-a.-all. *blanch*. || GEOGR. Juv. Gal. dá como t. do Ceará; é tambem pop. no RJan. || SYN. *bicha*, *canna*, *parati* etc.

**brazileiro** adj. gent., 1º nascido no Brazil. || 2º naturalizado cidadão do Brazil. || LEX. PORT. portuguez que emigra para o Brazil; portuguez ou de outra nacionalidade que, tendo estado no Brazil, regressa para a Europa.

**brazino** adj., « côr de *braza*, isto é, vermelho com algumas riscas pretas: diz-se do gado e tambem dos cães ». Cor. « Pela menor coisa ás vezes Perde um qualquer o tino; Por isso ás vezes me sinto Como aspa de boi brazino ». Kos. ap. *SR.* II, 73. « Andando em serviço de campo na fazenda do Auctor, Theophilo Rassier, de quem é capataz, fez reponte de uma ponta de gado de propriedade de seo patrão, na qual estavam duas vaccas de pello brazino-claro, sendo uma d'ellas novilha.. Viu ter sido alli morta e carneada a vacca brazina-claro ». Sent. Juiz de Dir. da Encruzilhada (RGr. S.) 1879 *Dir.* XXVIII, 413. || ETYM. b.-lat. *braza*, hisp. *brasa*, it. *brace*, *bracia*, *bragia*, *brascia*, fr. *braise*, v.-all. *bras* fogo, flam. *brase*, sueco e v.-scand. *brasa* fogo vivo, gael. *brath* conflagração.

**brazulaque** sm., vj. *bazulaque*.

**brechão** sm., augm. de *brecha* abertura, rasgão: t. geog., brecha profunda e larga. « Mais longe viu-se o brechão do Paranapanema, cortando

o sertão de leste a oeste ». Elliott 1846 *RIH.* 1848, 156. « Do alto d'essa serra, em dia claro e com bom oculo, vimos sómente matos frondosos para todos os lados áquem do Paraná, cujo brechão avistámos em distancia de 10 a 12 leguas, além do qual vimos fumaça de queima nos campos de S. Rita, na provincia de Cuyabá ». Elliott 1845 *RIH.* 1847, 26. || ETYM. s. *brech* (a) + suff. *ão* augm.: do all. *zũ brechen* quebrar, v. a.-all. *brechâ*, m.-a.-all. *breche*, holl. *breke*, prov. *breca*, it. *breccia*, hisp. *brecha*.

**brejal** sm., brejo extenso. || GEOGR. R. Jan.

**brek**=*breque* sm., freio do carro da machina nos caminhos de ferro. || ETYM. ingl. *brake* (pron. *brêic*).

**brekista** sm., vj. *brequista*.

**breque** sm., freio do carro da machina nos caminhos de ferro. « Justamente quando o honrado actual sr. presidente do concelho, então ministro da fazenda, proclamava a necessidade de *breques* nas rodas do carro do estado ». Edit. *Rio de Jan.* 31 ag. 86. || ETYM. forma port. do ingl. *brake*, pron. *brêic*. || ORTHOGR. || *brek*. || ORTHOPH. *brêke*.

**brequefeste** sm., almoço, refeição ligeira; almoço fora do ordinario, na roça, em *pic-nic* qv., em caçadas ou pescarias etc. || ETYM. ingl. *break-fast* almoço.

**brequista** sm., empregado nas estradas de ferro, que tem a seo cargo o freio da machina, o *brek*. « Entre ellas [pessoas] esteve um brequista do trem, conhecido por Gorgonha ». *Jorn. do Recife* transcr. *JC.* 12 jan. 85. || ORTHOGR. *brekista*.

**bretanha** sf., vj. *bertanha*.

**breve** sm., bentinho, escapulario contendo *breve* do Papa, impondo alguma obrigação (de rezar certa oração por ex.), para livrar de algum mal. || GEOGR. muito us. entre os nossos caipiras e matutos, que acreditão piamente na efficacia dos breves, ou *patuás*, como **tambem** os chamão, para livrar de **traicão** de inimigo, de mordedura de **cobra**, de morte de raio, ou qualquer outro desastre. E não só entré os caipiras, mesmo entre gente civilizada, doutores e homens de letras, o uso do *breve* é muito espalhado, mesmo na Côrte, mas sobretudo em Minas, interior de S. Paulo e outras provincias mais atrasadas, cuja educação moral e litteraria tem sido flagellada pelos padres, jesuitas, capuchinhos e lazaristas, protegidos pela ignorancia, pelo fanatismo, e não menos pela velhacaria de quem só pôde governar pelo obscurantismo. || SYN. *patuá*.

**brevidade** sf., biscoito de farinha de milho. « Ficava todo o serviço de casa e roça a cargo d'aquella virago, que nos deu de boamente farinha de milho com leite e o biscoito mais saboroso do interior, a *brevidade*, especie de pão-de-ló ». Taunay *RIH.* 1869. 2, 45. || GEOGR. Mgr.

**brigalhada** sf., briga aturada. « O menor Massarico, a 24 do passado, fez uma brigalhada com o menor Avelino, do que resultou atirar este sobre aquelle uma tesoura, que lhe fez um ferimento na perna ». Red. *FN.* 14 jan. 85.

**brincadeira** sf., dansa, festa familiar, patuscada, pagode, sucia

cantante e dansante. « Depois do minuete, foi desapparecendo a cerimonia e a brincadeira aferventou, como se dizia n'aquelle tempo ». Almeida *Mem. de um Sargento de Milicias* 103. « Ainda hontem foi ao cartorio de proposito avisar-me de que viria tarde, mas que contasse com elle; tinha de ir a uma brincadeira na rua da Carioca ». M. Assiz *GN.* 29 oit 84. || LEX. PORT. Aul. adduz ex. de Al. Herculano no signif. braz.

**brinquete** sm., 1º « travessa em que os agulhões [da roda que toca as moendas] se encostão ». Anton. 57. || 2º peça da prensa, que expreme a mandioca reduzida a massa no rodete. J.Gal. || ETYM. ? fr. *briquet* ?

**brôa** sf., pão ou bolo de farinha de milho, arroz, araruta etc., com ovos bem batidos, assado no forno ou no borrarho. || ETYM. hisp. *borrona*, port. *borôa* (pron. *burôa*).

**broaca** sf., vj. *bruaca*.

**broca** sf., 1º « cavidade na raiz do casco do cavallo, que vai minando até a parte superior do mesmo casco ». Cor. || 2º mato baixo que se corta antes das arvores grossas. || 3º peneira grossa de peneirar o café em grão. || 4º bicho que fura a madeira. || 5º instrumento de furar, como veruma grande ou trado. || 6º o furo feito por esse instrumento. || ETYM. b.-lat. *broca* dente, chifre, espinho, garfo, ponta, que espeta, que fura, que faz buraco. || GEOGR. 1º geral; 2º Ceará e outras provs. do norte; 3º RJan.; 4º 5º 6º em todo o Braz.

**brocar** va., cortar o mato fino com a foice: é o primeiro trabalho no roçado». J.Gal.; furar o mato

grosso, desembaraçando-o do fino. « Nos annos regulares, tudo corre bem. Em Oitubro, brocão-se os roçados. Junctão-se, para este fim, os parentes e amigos da vizinhança, permutando entre si os dias de serviço. Cada um abre o seo *roçado*, que a mais das vezes não excede de duzentos passos em quadro ». Rod. Theoph. 85. || ETYM. *broc(a)* furo+suff. vb. *ar.* || GEOGR. Ceará e outras provs. do N. || ORTHOGR. *broquear*. Ceará, RJan. || SYN. *roçar*, *cortar de foice* arvores finas, em contraposição a *derrubar*, *cortar de machado* arvores grossas.

**brocotó** sm., terreno desigual, aspero, cheio de altos e baixos. || ETYM. ; de *mburú* contr. de *pororú* transtornado, atormentado, revolto, que immerge e emerge, entra e sahe+*cotog* vacillante, vaivem, que sacode e balança, mexe e remexe, levanta e abaixa, puxa e empurra. || GEOGR. Bah., Pern., Piauhy, Mgr. (sg. BR.). || ORTHOGR. *borocotó*. || SYN. *chão repecho*. Paraná.

**broguncios** sm. pl., 1º miudezas, coisas e negocios miudos. || 2º pequena bagagem, pobre e reles, do viajante a pé, do trabalhador d'estrada, do garimpeiro, constando do surrão de roupa do serviço, rede, marmitta etc. || 3º o complexo das miudezas da barraca ou casa de poucos recursos. || ETYM. ? || GEOGR. sertão do Alto S. Francisco, recolh. pelo dr. Brotero de M. Soares. || SYN. *cangaças*, *mucumbaje*.

**bromar** vn., falhar; perder-se; ser mal succedido, quebrar no pezo, na medida, no valor. « No anno se-

guinte se descobriu outro correço, em que se tirou bastante ouro; mas em breve tempo brumou [*bromou*]. 1727 Cabr. Cam. *RIH.* 1842, 499. || ETYM. *brom(a)* insecto que roe a madeira + suff. vb. *ar.* || LEX. PORT. va. deitar a perder, roer como a broma. || ORTHOPH. braz. *brômar*; port. *brumar* como no ex. supra de Cabral Camara.

**bruaca** sf., sacco de couro crú com capacidade para accommodar um sacco de mantimentos, que se pendura nos ganchos da cangalha sobre o animal de carga. || ETYM. contr. de *buruaca*; do br. *mburuá* = *píruã*, comp. de *pí* centro, interior + *'ruã* erguer-se, inchar; barriga inchada, prenhez. || SYN. *buraca, surrão*.

**bruaqueiro** adj., 1º que carrega bruaca: diz-se do animal de carga. || 2º tropeiro, que lida com bruacas e animaes de carga; que vive de transportar mantimentos das roças para os povoados. «A praça do mercado existe em uma coberta ou rancho para tropeiros (ou *bruaqueiros*, como se chamão os que exclusivamente transportão viveres para as povoações)». P.º Correia *Not.* 27. || 3º homem da roça, que vive dos trabalhos da lavoura e dos campos de criar. «Ainda hoje, não ha talvez um só *caipira* de S. Paulo ou um *bruaqueiro* de Minas a quem possaes dizer que é um ente imaginario o *saci-cererê*». C. Mag. *Selv.* II, 121. || ETYM. *bruac(a)* + suff. *eiro* profissão. || SYN. 1º *cargueiro*; 2º *tropeiro*; 3º *caipira*. S.P., Paraná; *mandioqueiro, matuto, roceiro*. R. Jan.

**bruega** sf., desordem, barulho.

|| LEX. PORT. chuvisco miudo e de pouca duração; embriaguez.

**brutamonte** adj., alarve, grosseirão. || LEX. PORT. *brutamontes*.

**bubuia** sf., leve, fluctuante, que boia, que nada. «Vir de *bubuia*, estar de bubuia, ficar de bubuia, fluctuando sobrenadando, boiando». J. Ver. *RAm.* 1, 86. || ETYM. tp. *bebuia*, guar. *bebuí* boiante, fluctuante. BC. || GEOGR. Pará e Amazonas.

**bubuiar** vn., fluctuar, sobrenadar, boiar. «Pouco us. em suas formas verbaes, geralmente substituidas por *bubuia* e sem auxiliar». J. Ver. *l. cit.*, como vimos no subst. *bubuia*.

**buçal** sm., especie de cabresto com focinheira. «Um cadaver horriavelmente mutilado; cheio de cicatrizes produzidas por laço, tala e buçal, além de queimaduras pelas costas e peito, feitas por liquido». *Fidelense* trscr. *Fl.* 8 jul. 85. Vj. *boçal*.

**buçalete** sm., vj. *boçalete*.

**bucaneiro** sm., define Littré: 1º caçador de bois selvagens; 2º espingarda grossa e comprida usada n'essa caçada; 3º e por extensão, piratas que infestavão as Antilhas. N'este ultimo signif. é que temos visto o t. empregado entre nós. || ETYM. fr. *boucanier* de *bucan*, t. caraiba, sg. Furetière ap. Littré, 1º logar onde os caraibas botão as suas carnes no fumeiro; 2º grade, caniçada, jiráo, sobre o qual se faz seccar a *cassada* qv.; 3º preparação para reduzir a tartaruga a pastel; 4º na linguagem pop. e muito baixa, syn. de *vacarme* sem duvida alludindo á vida desordenada e ruidosa dos bucaneiros, e

tambem signif. « bordel ». *Bucan* é o nosso *moquem* = *mboquem* = *poqué* = *boquem*, que os francezes pronunciação *bocãe* = *bocan*, como os ports. pronunciarão *mocãe* ou *mocan-e*. *Bucaneiro* é simplesmente « moqueador ».

**bucha** sf., pop., comida leve, bolo, bejú, biscoito para tomar com café, ou matte, ou leite, segurando o estomago, quando se tem de almoçar ou jantar tarde; pequeno *lanche* qv. || ETYM. b.-lat. *buxa*, *buxus*; it. *busso*? hisp. *broza*, fr. *bourre*. Formação por anal. de « bucha d'espingarda ». ? || LEX. PORT. Aul. dá como t. plebeo (?) « bocado de pão ou de outra comida que se mette de uma vez na bocca »: a ideia é a mesma. « Tomar café simples ou com bucha » é usual na beira-mar do R. Jan. || ORTHOGR. Bluteau escreve com *x*, *buxa* de espingarda; Roq. de ambos os modos.

**bugia** sf., 1º ant., velinha de cera. || 2º vela d'espermacete. || 3º t. cirurg., velinha, sonda cylindrica para a uretra. || ETYM. de *Bugia* cidade da Argelia, na Africa septentrional, onde se fabricavão as taes velinhas de cera; fr. *bougie*, nome que vinha no rotulo dos pacotes de velas de espermacete.

**bugio** 1º sm., macaco, mono. || 2º adj., feio, mas engraçado. || ETYM. *Bugia*, cidade argelina, ao norte d'Africa.

**bugra** sf., a femea do *bugre* qv., como *cafra* é a femea do cafre. || ETYM. fr. *bugresse*, f. de *bougre*, bulgara, natural da Bulgaria.

**bugrada** sf., 1º malta de bugres. || 2º acção de bugre. || GEOGR. 2º Paraná.

**bugre** sm., 1º indio brazil, indio brabo, indigena no estado primitivo. « Guarda destinada para defenza dos bugres ou tupis ». 1798 J. Saldanha *RIH.* 1841, 65. « Achámos saborosas jaboticabas, muitos vestigios de bugres, tanto de um como de outro lado ». 1845 Elliott *RIH.* 1847, 25. « Hoje, o viajante caminha tranquillo, não teme a flexa do bugre; e o lavrador, habitando solitario esses sertões [de Santa Catharina], goza das delicias do campo, sem receiar os perigos do ermo ». Ol. Paiva *RIH.* 1841, 519. || 2º indio manso, já domesticado, aldeiado. « Os oito camaradas indios, temendo os bugres bravos, decidirão-se a voltar, apezar de promessas e ameaças ». Elliott. cit. 24. Vê-se: *bugre brabo* (Elliott, estrangeiro, erudito, escreve *bravo*) contraposto a *indio* ou *bugre manso*. || 3º fig., selvagem, grosseiro, estúpido, perfido, desconfiado. || ETYM. Aug. de St. Hilaire, *S. Paul* I, 454, foi o primeiro (cremos nós) a notar que *bugre* vem evidentemente do fr. *bougre*; e assim é. Na edade media, hereges *bulgaros*, cujas doutrinas religiosas muito se assimilhavão ás dos albigenses, receberão e transmittirão a estes a alcunha injuriosa de *bugres*. Um dos crimes attribuidos aos bulgaros e aos albigenses era a sodomia: verdade ou mentira dos padres catholicos, n'esse tempo sem o menor escrupulo para casos taes, a palavra *bugre* passou a significar « o que se entrega á luxuria contra a natureza », e ficou como expressão de desprezo e injuria, usual na linguagem popular a mais trivial e grosseira. Littré. Não é outro o sentido em que os paulistas appellidarão

*bugres* os índios não aldeados, sodomitas, porcos, avessos a qualquer noção de moralidade, decência ou asseio. Entretanto, Varnhagen, « depois dos mais profundos estudos do tupy » (!!), descobriu que « *bugre* não quer dizer mais do que carregador ou portador de carga, de *bohú-rêa* [?]; pelo que, ficarão assim chamando os índios escravos ». *Hist. ger.*, 2ª ed., I, 18. É o caso do cavallo do rei Gradasso: *Alfana vient d'equus, sans doute; Mais il faut avouer aussi Qu'en venant de là jusqu'ici, Il a bien changé sur la route.* Quanto áquelle *bohúrea*, Varnhagen viu algures o s. e vn. *bohú* carregar-se, pezar, pezo, carga, e o adj. *'réa*, campeiro, morador dos campos, e concluiu que o ar. *alfana* vem do lat. *equus*, e ambos gerarão o port. *cavallo*. Em definitiva, *bugre*, fr. *bougre*, vem do lat. *bulgarus*, natural da Bulgaria, que, pelas conhecidas leis da formação das linguas, só podia dar *bougre*, pela quêda do *l*, consoante media, e desaparecimento do *a*, vogal atona. || GEOGR. pretende Machado de Oliveira que os *bugres* formão « uma só nação », recomposta das reliquias das tribus do littoral da capitania de Martim Affonso, que, vencidos e dispersos, se congregarão nas mattas da Serra Geral e do sertão; sendo depois divididos em tribus, que vivem errantes no espaço longitudinal da serra que vae de Curitiba ás Missões Brasileiras. *RIH.* 1842, 176, isto é, todo o territorio oeste e sul da actual provincia do Paraná. Em anthropologia, proposições d'estas, não documentadas com provas anatomicas, physiologicas, ethnologicas e linguis-

ticas, não têm valor algum; são conjecturas, que não podem ser affirmadas, nem negadas. Entretanto, parece pouco plausivel a asserção da « unidade nacional » dos *bugres*. A diversidade não só das linguas, como da indole e costumes das hordas que habitão esse territorio, o odio profundo que mutuamente se votão, as continuas dissensões em que de dia em dia se anniquilão, mostrão a impossibilidade de se amalgamarem n'um só povo tantos elementos divergentes e tantas forças dissolventes de qualquer vinculo social. *Bugre*, já vimos, é nome gentilico, é termo erudito de origem franceza, usado pelo nosso povo do interior para exprimir o mesmo que em Portugal o *cafre*, no Pará o *tapuya*, no Rio de Janeiro o *cigano* etc. Entre os proprios indigenas, *tapuya* era o inimigo, mas o inimigo domestico, natural do paiz, filho da terra, por differença do *emboaba* o inimigo estrangeiro, filho de fóra; do *caraiiba* o inimigo de côr differente, o estrangeiro branco etc. « Nunca, diz Varnhagem, houve no Brazil uma grande nação de índios *tapuyas*. Esta expressão, que de si mesma significa *inimigo*, na lingua geral [?], applicarão todas as nações para todos os seos vizinhos rivaes; e d'ahi veiu que, achando-se noticias de *tapuyas* por toda a parte, se julgou serem elles uma nação formidavel. Nenhuma nação dizia, nem diz ainda hoje de si mesma que é *tapuya*. Assim acontece em São Paulo com os *bugres*, expressão que parece significar *escravos*. Entre aquelles que conversámos no rio Paranápánema, Fachina e Curitiba, todos dizião de si não serem

bugres; e todavia, é esse o nome que por cá damos aos índios não domiciliados». *RIH.* 1844, 70. Não sabemos porque ao illustre visconde pareceu que *bugre* é synonymo de *escravo*: sel-o-hia, pela mesma razão, *tapuya*, o inimigo, gente errante, que anda roubando e matando, cafila de beduinos, cabilda de ciganos, horda de tuaregues, corja de cafres, os bandos que mais se assemelham ao bugre, o *tapôy* sem raiz, sem fixidez, como tão expressivamente o chamão os guaranis. É verdade que Martius affirma serem cames os que os habitantes do interior de S. Paulo chamão *bugres* ou « índios do matto ». *Gloss.*, 212 not.; e aquella palavra parece ser alcunha, equivalente a fugitivo, calhambola; e na propria lingua dos cames significa « cobarde ». Ora, a palavra *came* é arabe ou mauro-arabe, berb. *khame*, e quer dizer « escravo » (Largeau); e, assim como *bugre*, *cafre*, *beduíno* e *cigano*, é de introdução e applicação erudita. Aos bugres chamão tambem, no Paraná e no interior de S. Paulo, *cafres* e *chinas*, vozes evidentemente de procedencia lettrada. Não é improvavel a hypothese de Machado de Oliveira, considerando os bugres como emigrados do littoral para as mattas e campos dos planaltos do interior. Em Guarapuava, ha indícios glotologicos da invasão dos cames e repulsão dos guaranis pelo Iguassú abaixo até o Paraná, como se mostrou na *Revista Paranãense* I, 14 (1881). Entretanto, não consta que jámais existisse no littoral, do Amazonas ao Prata, tribu alguma de índios com o nome gentilico de *bugres*. No Paraná, vimol-o, dá-se esta appellação ao « índio »

em geral, seja brabo, seja manso; da mesma sorte que, no Pará, *tapuya* é, em geral, o indio manso ou bravo, de qualquer tribu. Accioly *RIH.* 1849, 152; mas, quando se quer fallar do indio feroz, é o *bugre*, e ninguem o confunde com o indio manso ou civilizado. O mesmo succede no sertão de S. Paulo, nos campos de Santa Catharina e na campanha do Rio Grande de Sul.

**bumba!** intj., onomatopéa, como soem ser as interjeições populares: *bum! tibum! catumba!* correspondentes á port. *catrapuz!* para exprimir a queda, com estrondo e ridiculo, de um corpo, gente ou bicho, que se acachapa ou *cahe* n'agua. || *Bumba, meo boi!* dança comica em que figura de protagonista um sujeito agachado debaixo de um arcabouço, coberto de colcha pintada e rematado em cabeça de boi, a dar chifradas em pae Matheus e mãe Catherina (*sic*), que dansão em roda, ao som das cantigas do violeiro, que faz de dono do boi. « O meo boi é pintadinho Da cabeça até os pés...— Ora dansa que dansa, meo boi! Ora pula que pula, meo boi! Ora investe, investe!... »; e aqui o boi dá marradas no pae Matheus, que *cahe* e põe-se a chorar. Acode mãe Catherina, a quem o preto dirige agradecimentos (com graçolas ás vezes bem deshonestas), acabando por convidal-a para dansarem outra vez. Recomeça o da viola: « Quem me empresta um vinthem? Eu ámanhã dou-lhe dois; Para comprar uma corda, Para laçar o meo boi.—Ora dansa que dansa, meo boi! Ora pula que pula, meo boi! Ora investe, investe!... » Esta brincadeira

tem logar na vespera do dia de Reis (6 de janeiro), e aqui no Cabofrio (1883) chama-se o *Reis do Boi*, por differençar do *Reis dos Meninos*, do *Reis dos Mouros*, do *Reis das Contra-dansas*, e outros grupos de «Cantadores de Reis», que sahem a divertir o povo, mediante qualquer voluntaria paga, e se distinguem pelo genero de dança, pelo vestuario, especie de representação ou scena, comica ou seria etc. — Sylvio Romero traz, nos *Cantos Populs. do Br.* I, 167, os versos do *Bumba, meo boi!* de Sergipe; e na *RBr.* I, 265, define assim: « O *Bumba, meo boi* vem a ser um magote de individuos, sempre acompanhados de grande multidão, que vão dansar nas casas, trazendo comsigo a *figura de um boi*, por baixo da qual occulta-se um rapaz dansador. Pedem, com canticos, licença ao dono da casa para entrar. Obtida a licença, apresenta-se o *boi* e rompe o côro: « Olha o boi, Olha o boi que te dá... Ora entra pra dentro, Meo boi marruá... Olha o boi, Olha o boi que te dá... Ora dá no vaqueiro, Meo boi marruá ». O vaqueiro representa sempre a figura de um *negro* ou de um *caboclo*, vestido burlescamente, e que é o alvo das chufas e pilheiras populares.—Do *Bumba, meo boi!* da Bahia temos a seguinte descripção de Celso de Magalhães, cit. por Th. Braga, nota aos *Cantos Pops. do Br.* II, 218: « Um outro grupo pulava e saltava deante de um boi, cujo arcabouço era de madeira, coberto com pannos pintados. No meio de tudo isso, os fadistas, os trovadores da rua, com os violões enfitalhados, a

cantarem desentoadada e lugubrememente modinhas em tons menores. É o fundo do quadro. O variegado dos vestuarios ajudava a belleza do panorama. Os jaqués encarnados, os calções de côres, as fitas, os laços, os ramos de flores, fazião um conjuncto original. Foi onde já vimos o espirito popular mais puro e mais despreoccupado ».

**bumbo** sm., tambor grande, bombo. || ETYM. provavelmente do lat. *bombus*, tem, entretanto, na ling. d'Angola, o corresp. *mubumbi* tambor grande, caixa redonda, cujo rad. *bumb* deu o v. *cu-bumbi* arredondar. Parece voz onomat. Vj. *zabumba*.

**bunda** sf., o assento, as nade-gas; onde se bate; que bate. || ETYM. bd. *cu-bunda* bater. || LEX. PORT. Aul. def. « t. braz. nade-gas volumosas ». Beaurepaire Rohan confirma; o adj, porém, é de mais: carnudas ou magras, as nade-gas são sempre a *bunda*, pal. chula para os ports., mas pop. no Brazil, e por isso muito acceitavel.

**bundo** adj. gent., 1º natural d'Angola; negro d'Angola. || 2º « lingua bunda » lingua d'Angola. || 3º lingua de negro em geral, sem differença de nação d'Africa. || 4º fig., linguagem errada, falla ou escripta incorrecta.

**buque** sm., navio pequeno. « Sobre o *Almirante Brown* .. ao entrar em Montevideo .. quasi encalhou o *Almirante*. Si o fundo não fosse de lama, lá ficaria o formidavel buque, de uma feita ». Red. *GN.* 8 nov. 81. || ETYM. hisp. *buque* navio; capacidade do n.; carcassa do n.; v.-port. *buco* pequena embarcação de

guerra: do b.-lat. *buca* tronco, madeiro; bocca, entrada; bojo, capacidade. Cp. v.-prov. *buc* cortiço de abelhas, it. *buco* vaso, abertura, fr. *bouque*, que Littré considera outra pron. de *bouche* bocca, prov. hisp. *boca*, ital. *bocca*: do lat. *bucca*, ser. *bluj* comer. O *Dicc. Mar. Braz.* não recolheu.

**buraca** sf., «pequeno sacco de couro que usão os tropeiros de Minas». Rb. || ETYM. *bruaca* qv. é um sacco grande; ambos os vocabs., porém, parece virem do br. *mburuá*, qv. s. v. *bruaca*.

**burassanga** sf., 1º «pequeno cacete cylindrico para bater algodão». J.Veriss. || 2º idem «para bater roupa na occasião da lavagem». J.Veriss. || ETYM. br. *mírã* = *ibírã* páo, madeira + *çanga* extendido, que se estende de um para outro lado, que serve para estender: *miraçanga* a bengala, o porrete (Couto de Magalhães). J.Veriss. 1883 *RAM.* I, 86.

**buriqui** sm., vj. *muriquí*.

**buriti** sm., *Mauritia vinifera* Mart., palmeira insigne, a mais alta do paiz; come-se o fructo. «Em tempo de calamidade, o povo erra pelas matas á procura d'estes fructos, para mitigar a fome; mas o uso quotidiano e prolongado d'elles determina uma amarellidão na cutis». Almeida Pinto. O tronco fornece por incisão excellente succo vinhoso; as folhas têm variadas applicações; o caule fornece madeira de construcção: faz lembrar a tamareira nos desertos d'Africa central. || ETYM. br. *imbiriti*: de *i* agua + *mbiriti* que emette, que bota, que escorre.

**buritizal** sm., 1º mata de buriti, a palmeira *Mauritia vinifera* Mart. || 2º lugar humido onde cresce o buriti. «As excellentes pastagens de variado capim, humidecidas por lagoas, buritizaes, ipoeiras e rios». Virg. 56.

**buritizeiro** sm., arvore do buriti (a palmeira).

**burjaca** sf., jaleco, jaqueta. «Trazia chapéo de palha fina, burjaca preta, calças de ganga, botas de polimento, onde retinião esporas de prata». F.Tav. *RBr*<sup>2</sup>. VIII, 87. || LEX. PORT. ant. *borjaca* sacco de couro com fundo de páo, onde o caldeiro ambulante mettia o que comprava e vendia. Bl., Aul.

**burlantim** sm. pop., funambulo, acrobata, dansador de corda, volteador, que brinca no trapezio. «Companhia de burlantins», estes fazião parte das companhias de bonecos e de cavallinhos. || ETYM. b.-lat. *burla*, *burlaria*, *locus in urbe, vel extra urbem, in quo ludere solent incolæ* (DC.), it. *burlare*, hisp. e port. *burlar*: d'ahi o b.-lat. *burlator*, fr. *bourleur*, o nosso *burlantim*, que faz jogos sc. acrobaticos. Essa mesma é a origem do it. *burletta* scena comica, farça, entremez.

**burlequeador** sm., que burlequeia, vadio.

**burlequear** vn., vadiar, andar á tôa, passeando sem destino. || ETYM. não parece de origem analoga a de *burlantear* andar como *burlantim*, de povoado em povoado, na vida nomada e vadia das companhias de bonecos e de cavallinhos? Der. do b.-lat. *burla* jogo, divertimento, gracejo, illusão, scena de theatro etc.

**burocracia** sf., 1º poder das repar-

tições publicas dos diversos ministerios.

|| 2º influencia abusiva dos empregados d'essas repartições. || 3º carreira ou profissão de empregado publico, principalmente de empregado de escripta. || ETYM. fr. *bureaucratie*: do fr. *bureau* meza d'escriptorio; repartição bancaria, ou publica; empregado d'essas repartições + gr. *Κρατέω* ter o poder. *Bureau* vem do b.-lat. *burellum* panno grosso de lã com que se cobrem mezas d'escrever; prov. *bureau*, hisp. *bureo*, meza coberta de *burel*, *burriel*, ital. *burello*, port *burel*.

**burocrata** sz., 1º poderoso nas repartições publicas, bancarias, de grandes companhias etc. || 2º influente por meio das repartições. || 3º empregado de secretaria. || 4º fig., vadio, que vive á custa do Estado.

**burocratico** adj., pertencente á burocracia. « O SR. AFFONSO PENNA faz diversas considerações sobre a empregomania; que parece ser o unico campo para desenvolver-se a auctoridade nacional, tornando-se este paiz — não essencialmente agricola, mas essencialmente burocratico ». Sess. cam. dep. 6 oit. 86.

**burrada** sf., tropa de burros e bestas. || LEX. PORT. asneira grossa, estupidez notavel, *burrice*. || SYN. *mulada*.

**burrego** sm., carneirinho ou cabritinho. || ETYM. corr. pop. port. *borrego*, por intercurr. de *burro*. || GEOGR. sertão do Alto S. Francisco, rec. pelo dr. Brotero de M. Soares.

**burriquete** sm., « nome de pequena vela triangular que serve nas

embarcações empregadas na pesca (na parte da costa do Brazil, entre a Bahia e Rio de Janeiro), e que se denominação *ygarités*. O *burriquete* enverga a ré e serve para capear, bem como para conservar as embarcações aoadas ao vento, quando fundeadas ». *DMB*. Em vez de *igarités*, t. só do norte, Beurepaire Rohan emenda com razão « garoupeiras e bangulas ». Corresp. ao fr. *tape-cul* e ingl. *ring-tail*, e parece aportuguezamento do fr. *bourriquet* torniquete; machina de levantar pezos, polé; hisp. *borriquillo*, *pollino*.

**buruaca** sf., vj. *bruaca* e *buraca*.

**butara** sf, armadilha, mundéo. « Tomando por guia as manchas de sangue que o animal [onça canguçu] deixara pelo caminho, eis que o avistão dentro de uma *butara* ». Red. *Diar. da Bah.* 1 oit. 84. || ETYM. br.: de *pó* mão + *tar* apanhar, colher? *mbotara* = *potara*. Cp. guar. *mbitáá* = *pítahab* andaime; pouso, pousada.

**buzina** sf., 1º « buraco do centro da roda do carro, onde entra o eixo: é assim chamado por ser mais largo da parte de dentro que de fora. D'aqui vem que, quando se acha gasto e é preciso pôr-se-lhe um remate, se chama a este *contrabuzina* ». Cor. || 2º buzio grande, furado de um lado, servindo de buzina aos pescadores, *atapú* qv. || 3º « conducto de ferro, fixo no convez, por onde passa a amarra ». *DMB*. || 4º fig., homem brabo, irritadiço, que falla grosso. || ETYM. lat. *buccina*. || GEOGR. 1º e 4º RGS.; 2º litt. R. Jan.; 3º geral.

**buzo** sm., jogo com rodelas de

casca de laranja, verdes de um lado e brancas do outro : ganha-se ou perde-se como no jogo de *cruz ou cunho* (tambem chamado do *buzo*), apostando um dos jogadores pelo lado que cair para cima. || ETYM. corr. pop. de *buzio*? jogar-se-hia com a concha d'este nome? *Buzio*, sg. Aul., vem do lat. *buccinum*; sg. Sar., é da costa [?] d'Africa. O nosso *buzo*, jogo usual entre os *negros novos*, é pal. bunda.

**ca<sup>1</sup>** pref., diminutivo. || ETYM. bd. adj. *ca* pequeno, menos, abaixo do que a coisa é ou deve ser: *ngulu* porco, *cangulu* porquinho. No eg., particula negativa, que destróe o effeito do verbo. Holman Bentley.

**ca<sup>2</sup>** contr. de

**caá** s., 1º folha de planta. || 2º planta, herba, mato. || 3º páo, madeira. || 4º o matte, *ilex paraguariensis* St. Hil. || 5º o chá de matte. || ETYM. tp. - guar. Entra como thema na compos. de innumerables pals. brazs., nomes de plantas principalmente. Vj. *caetê*, *capão*, *capueira* &.

**caátinga**, vj. *cahatinga* e *caatinga*.

-**cab** = -*ab* = -*hab*,

-**caba<sup>1</sup>** = *aba* suff. posposicional, denota varias circumstancias ou relações grammaticaes, como sejam de causa, fim, instrumento, logar, modo, tempo etc., que exprimimos pelas nossas preposições *a*, *com*, *de*, *em*, *para*, *por* etc. || ETYM. suff. partic. 1º guar., 2º tp. Entra na compos. de innumerables vocabs. brazs., principalmente de nomes de logares. Ex. *jaboticaba*, *potaba*, *Mambucaba*, *Paranápiacaba* &. Vj.-*aba<sup>2</sup>*.

**caba<sup>2</sup>** sf., « especie de abelha mordaz ». Rub. ; marimbondo. || ETYM. tp. guar. *cab*, *caba* que fere, offende, pica, abre, corta, quebra. Cp. kech. *cab* mel, assucar (Brasseur de Bourbourg), e vj. a synonymia. || GEOGR. nos Campos dos Guaitacazes, prov. do RJan., chamão *caba* um marimbondo preto de bunda amarella. *Caba* é da região amazonica; no Paraná *eixú* = *inxú*; no resto do Braz. *marimbondo* qv. || SYN. *abelha-cachorra* (do mel que fabrica? de ser abelha braba, que morde?), *eixú*, *marimbondo*.

**cabaça<sup>1</sup>** sf., vj. *cabaço*.

**cabaça<sup>2</sup>** sz., gemo, -a. || ETYM. bd. Vj. *cacúlo*. || GEOGR. Bahia, onde *babaça*, sg. V. Cabr.

**cabaceiro** sm., 1º arvore do cabaço, a. da cuia, *Crescentia Cujete* L., fam. das Bignoniaceas, a *cuiú* dos brazís, assim descripta por Gabriel Soares: « *Cuiyiba* é uma arvore tamanha como nogueira, a qual se não cria em ruim terreno, e dá umas flores brancas, grandes. Da madeira se não tracta porque a não cortão os indios, por estimarem muito o seo fructo, que é como melões, maiores e menores, de feição redonda e comprida, o qual fructo se não dá entre as folhas como as outras arvores, si não pelo tronco da arvore e pelos braços d'ella, cada um por si: estando esta fructa na arvore, é da côr dos cabaços verdes, e, como os colhem, cortão-nos pelo meio ao comprido e lanção-lhe fora o miolo, que é como o dos cabaços; e vão curando estas peças até se fazerem duras, dando-lhe por dentro uma tinta preta, e

por fora amarella, que se não tira nunca; ao que os índios chamão *cuias*, que lhe servem de pratos, escudelas, pucaros, taças e de outras coisas ». *RIH.* 1851, 220. || 2º planta de haste reptante, da familia das Cucurbitaceas, *C. lagenaria* L., *C. leucanthes* Duchesn., de cujos fructos tambem se fazem cuias e cumbucas. || ETYM. de *cabaço*. || GEOGR. 1º RJan.; em Min., SP. & *coité*, *cuitê*; 2º RJan., Al., Pern. || SYN. 1º *cuitê*, *cuiçira*. Pará, *cuitêseiro*, *cuitêçira* (Alm. Pinto); 2º *cabaço do chão*. RJan., *c. de collo*. Pern., *c. marimba*. Al..

**cabacinha** sf., 1º dim. de *cabaça* fructa da *Cucurbita maxima*, *C. lagenaria* &, e vasilha feita da fructa. Vj. *cabaço*. || 2º bala de cera, cheia d'agua da Colonia, para jogar o entrudo. Vj. *limão de cheiro*.

**cabacinho** sm., dim. de *cabaço* qv., em todas as suas accepções.

**cabaço** sm., 1º fructo de varias cucurbitaceas, *Cucurbita lagenaria* L., *C. leucanthes* e *maxima* Duchesn., *C. ovoide*, *pulvis* &. « Espécie de abobera de miolo amargo, o qual se separa, e deixa um casco rijo, de que se fazem cuias, secando-se, para guardar farinha, liquidos & ». Pizarro IX, 6. || 2º fructo da *Crescentia cujete* L., o br. *coité* = *cuieté* = *cuitêseiro* = *cuiçira*.

|| 3º vasilha formada da casca do fructo do cabaceiro despojado do miolo: muito leve, portatil e duradouro, para guardar liquidos e seccos, usualissimo no Brazil, já desde os indigenas, de quem dizia Simão de Vasconc. que « o seo maior enxoval vem a ser uma rede, um patiguá, um

pote, um cabaço, uma cuiá, um cão. Serve-lhe.. o cabaço para [guardar] suas farinhas, mantimento seo ordinario ». || 4º fig., o hymen, virgindade, integridade dos genitales da mulher: analogia da inteireza do fructo antes de destampado para se lhe tirar o miolo. « Ter cabaço » phrase plebeia equivalente a « ser virgem »; « perder o cabaço » perder a virgindade; « tirar o cabaço » deflorar.

|| ETYM. cat. *carabassa*, hisp. *calabaza*, prov. *calabassa*, sic. *caravazza*, fr. *calebasse*: talvez do ar *kerâbat* pl. de *kerbah* barril, vasilha d'agua. Diez.

|| HIST. Bl. differença *cabaço* vaso de *cabaça* fructa e vaso. Mor. 1ª ed. dá para *cabaça* o fructo, um vaso de vidro da mesma forma (de pera, diz elle) e pendente ou pinjente de brincos id.; e para *cabaço* o fructo e a vasilha. Roq. *cabaça* fructo, *cabaço* vaso. Aul. ambos os signifs. para ambas as pals. || SYN. *cuiá*, *cuieté*, *cuitê*, *cumbuca*, *caramengué*, *patiguá*, *patuá*, *quituto*. O signif. de « regador grande de cabo comprido » in Aul. não se conhece no Brazil.

**cabaçuda** adj. fig., virgem.

**cabaçudo** adj. fig., novo, fresco, simples, ingenuo como a virgem.

**cabahú**, vj. *cabau*.

**cabala** sf., 1º manejo, trica, meios empregados para arranjar a maior somma de votos n'uma eleição e inutilizar os do contrario. || 2º pedido instante a uns e a outros para se conseguir uma pretensão. || ETYM. chald. *chhabalah* doutrina dos interpretes da biblia; corpo de interpretes; conjuração com fim máo. D'ahi o sent. do nosso t., conspiração dos

influentes para ganhar eleições políticas ou quaesquer outras, como por ex. nas irmandades religiosas.

**cabalar** 1º vn., fazer *cabala* 1º || 2º pedir com instancia a uns e outros, de quem depende um arranjo, um bom logar; dispôr as coisas a geito.

**cabalista** sz., que sabe cabalar; geitoso para ganhar eleições; para arranjar empregos. || LEX. PORT. dado ás praticas da cabala; astrologo.

**cabanada** sf., bando de cabanos. « Nome com que tornou-se conhecida a revolução levantada no Pará, em 1834, pela rivalidade politica, e sustentada depois pela infima plebe ». Al. Arar. *R.III.* 1880, II, 216. || HIST. já antes assim se chamava a sedição que grassou em Pernambuco e nas Alagoas, de 1832-35.

**cabanage** = **cabanagem** sf., 1º acção de cabano, selvajaria, vileza. || 2º cabanada, grupo de cabanos. || 3º por ext., canalha, bagage.

**cabano** sm., sectario do partido que, de 1832 a 35, pegou em armas em Pernambuco, sob o mando de um Antonio Timotheo, concentrado nas mattas de Panellas e Jacuípe, e perpetrou toda sorte de crimes, passando tambem á provincia das Alagoas. « Coñhecidos por *cabanos*, vivião esses rebeldes commettendo vinganças, devastações e roubos ». Mor. Az. *Hist.* 97. Com essa mesma denominação forão designados os revoltosos que se rebelarão no Pará, de 1834 a 38. || ETYM. ζ alcunha derivado do adj. port. *cabano* baixo, cahido para baixo, pendido; decahido, arruinado, pobre, proletario, alludindo á infima plebe de que se com-

pôz, logo no principio, a cabanada. « Boi cabano, cavallo cabano » de chifres derrubados, de orelhas pendentes. || LEX. PORT. o signif. supra, e mais o de « cesto », accepção aqui desconhecida.

**cabaú** sm., mel do tanque. BR. || ETYM. br. *caba* marimbondo + *ú* comida. || GEOGR. Sergipe. || ORTHOGR. BR. escreve com *h*; mas sem justificação. O *h* na lingua geral é sempre aspirado, mais ou menos fortemente, e dá a pronuncia do  $\epsilon = k$ ,  $\xi = s$ , ou *f*. E assim *cabahú* daria *cabacú*, *cabaçú* ou *cabafú*; mas não *cabaú*, como se pronuncia.

**cabeçada** sf., cabresto ou focinheira, enfeitado de fitas, pedaços de chita ou de baeta, e guarnecido de campainhas, com que adornão o animal que vai na frente amadrinhando a tropa. || GEOGR. Min., S. Paulo, Paraná, R. Jan. (serrácima). || LEX. PORT. *cabresto*, commum; fig. desacerto, erro de más consequencias.

**cabeçadas** s. pl., « correias que, cingindo a cabeça, testa e focinho do cavallo, lhe segurão na bocca o freio: sendo guarnecidas de chapas de prata, lhes chamão *chapeado* ». Cor.

**cabeçalho** sm., os dizeres do *abaixo-assignado* qv., da subscripção, expondo o assumpto que vai ser adoptado pelos subscriptores ou abaixo-assignados. || ETYM. s. *cabeç(a)* + suff. peyor. *alho* pequeno. || LEX. PORT. cabeçalho do carro.

**cabeção** sm., « a parte superior da camisa da mulher: de ordinario a mulher do povo veste-se de saia e

camisa ; ficando, pois, descoberto o cabeção, fazem-no de fazenda mais fina ». Juv. Gal. *Lend.* 395. « Rosa apenas trouxe em dote Duas saias de riscado, Dois cabeções, um rosario, E um crucifixo dourado ». Juv. Gal. 32. « Esta velha intentou Vestir panno de fustão ; Precizou quinhentos covados Pra fazer um cabeção ». SR. I, 48. || ETYM. augm. de *cabeça*, sc. da camisa. || LEX. PORT. parte outra do vestuario feminil.

**cabiuna**, 1º sf., jacarandá preto, madeira de marcenaria. || 2º adj. 2, preto, côr de cabiuna. Nome usado nas fazendas para os bois. Em uma freguezia do norte da prov. do R. Jan., chamavão *cabiuna* o vigario, caboclo de côr fula, natural das Alagoas. || ETYM. br. *caá* páo + *obi* verde, azul + *una* preto : madeira de côr entre azul e preto, ou verdi-negra. O *caobi* = *cabui* = *cambui* forma extensa familia de madeiras de construcção e de marcenaria.

**cabocla** 1º sf., femea do caboclo. || 2º adj., côr de caboclo. « Pomba cabocla ». || SYN. *china* qv.

**caboclada** sf., 1º bando de caboclos. « E voltando-se para os seos companheiros, ordenou-lhes : — Caboclada ! pnhão-lhe os maneadores ». Red. *Artista* RGS. ap. *JC.* 26 ag. 87. || 2º acção ou qualidade propria de caboclo : desconfiança, animo vingativo, perfidia.

**caboclo**, 1º sm., indigena do Brazil, e, em geral, da America, indio. « Minha mãe .. Pegue na cabocla, Dê-lhe co o bordão, Que ella foi causa Da minha prizão ». SR. I, 165. || 2º raça de côr acobreada. ||

3º mistiço de branco com indio brazil. || 4º mulato de côr acobreada e cabellos corridos, como os brazís. || 5º o sertanejo, caipira, tapuia &, o proletario do sertão ou da roça, queimado do sol. « Si não pudermos sustentar, com a lei do contracto ao serviço estipulado, o nosso caboclo, que vive aggregado á nossa propriedade. » *Diar. de S. Paulo* 20 jul. 83. « Affrouxa a redea, Caboclo ! Encosta a espora, Preguiça ! » SR. I, 90. || 6º adj., côr de caboclo, acobreado. « Abelha cabocla, boi caboclo, formiga cabocla, marimbondo caboclo, páo caboclo, pomba cabocla (especie de rôla côr de tijolo. Rub.) ». || 7º fig., sujeito desconfiado e traiçoeiro. || ETYM.  $\zeta$  *caboclo* = *caboco* (Mor.) é sync. de *cariboca*, na forma masc. aportuguezada \* *cariboco*. Sg. Marcgrav, o filho de pae do Brazil e mãe negra é *curiboca* ou *cabocles* ; mas, *curiboca* = *cariboca* perfilhado por branco (BC.) é outro mestiço, meião de branco com indio. O que é certo, entretanto, é que a denominação de caboclo abrange todo e qualquer sujeito côr de pinhão (br. *curi*), mais ou menos carregada. O *l* de *caboclo* pode ser = *r*, em metath. de *car' boco*, dando *cabocro* = *caboclo*. Cp. port. ant. *vigairo* vigario, *frol* flor, *Craсто* Castro &. Vj. em *curiboca* a etym. que aventuramos. Moraes (5ª ed.) s. v. *caipora* dá tambem *cabouco*, forma que achamos na Africa occidental. Alfr. de Sarmiento falla no dembo Cabouco, a quem conheceu em Angola. Não seria improvavel viesse de lá o vocabulo. || GEOGR. geral, em todas as provincias, e em

quasi todos os significs. || HIST. era, ainda no sec. XVIII, termo injurioso, como attesta o Alv. de 4 de abril de 1755, que concedeu privilegios aos que no Brazil casassem com indias naturaes: « E outrosim prohibo que os ditos meos vassallos casados com as indias ou seos descendentes sejam tratados com o nome de *caboucolos*, ou outro semelhante que possa ser injurioso ». || SYN. 2º, 3º e 4º *caborê*, *caboverde*, *cabra*, *cafuz*, *cariboca*, *curiboca*, *mameluco*; 5º *tapuia*. Pará e Am.; *cabrã*. Ceará; *matuto*, *restingueiro*. R. Jan.; *caipira*. SP., Paraná, Min. &.

**caborê**<sup>1</sup> 1º sm., especie de coruja, côr escura, entre amarello e preto. || 2º adj. 2, moreno acaboclado, trigueiro, fusco. || 3º mistiço de indio com negro. BR. || 4º caipira, matuto, sertanejo. || 5º fig., sujeito que só sahe de noite, como as corujas, ou por medo, ou por systema. || 6º fig., sujeito feio e de ar tetrico, como ave agoureira. || ETYM. tp. - guar., contr. de *caá* mato + *porê* morador. BC. Montoya dá *caburé* « passarillo conhecido »; mas não traz a etym. || GEOGR. 1º R. Jan.; 2º Pern.; 3º Mgr.; 4º Mgr. e Goyaz. « O *caipira* de S. Paulo e Paraná, o *caburé* de Goyaz e Matogrosso, o *gaucho* do Rio Grande do Sul, Uruguay e Republica Argentina são o vaqueiro, o pastor por excellencia, porque são descendentes d'aquella raça que está habituada á vida nomade ». C. de Mag. *Selv.* II, 87; 5º e 6º RJan. || ORTHOGR. *caborê*, *caborê*, *caburê*, *caburé*. A escripta com *u*, em vez do *o* de *porê*, não calha; é vezo port.

de trocar o som das vogaes. *Caburo*, como traz Aul., é erro de transcripção. || SYN. *caboclo*, *cabra*, *caboverde*, *cafuz*.

**caborê**<sup>2</sup> sm., 1º boião, vasilha de barro para aqueantar agua, cozinharervas &. BR.; Rub. || 2º fig., homem gordo, de baixa estatura. BR., por analogia da forma bojuda do boião. || ETYM. br. *caá* herva + *porê* continente, vaso &. : que levou hervas dentro, mas está sem ellas. BC. Vj. pret.guar. *cuer*. || GEOGR. 2º Mgr.

**caborteiro** adj., « máo, velhaco, manhoso &. : diz-se dos homens e dos animaes ». Cor. || ETYM. ? || ORTHOGR. *cavorteiro*. SP. || SYN. *candongueiro*, *mirongueiro*.

**cabos-brancos** sm. pl.,

**cabos-negros** sm. pl., « diz-se do cavallo de qualquer côr que tem os quatro pés brancos; vj. baio cabos-brancos; tambem se diz *cabos-negros* do que tem os quatro pés negros ». Cor. || ETYM. *cabo* extremidade. || LEX. PORT. † *cabo-negro* especie de palmeira da America equatorial. Aul.

**cabouco** s. e adj., caboclo. Mor. || ETYM. contr. de *caboucolo*, s. v. *caboclo*. || HOMON. port. valla, fosso, cava. Corr. de *cavouco*. « Alguns cavoucos em que no inverno se recolhe alguma agua ». Barros I dec. 192 col. 3.

**cabo-verde** s. e adj. 2, 1º mistiço de negro com indio. || 2º quarteirão de negro com mulato. || ETYM. analogia da côr com a dos naturaes do archipelago do Caboverde. « Hontem.. varios individuos caboverdes estavam reunidos em grande conversa na estalagem ». Red. *JC.* 29 nov. 87.

GEOGR. Bahia, RJ. || SYN. *caborê, cabra, cafuz, canarim, fulo*.

**cabra** sz. e adj. 2, 1º quarteirão de mulato com negro; caboclo escuro. « Resolverão-se a chamar De Pajehú um vaqueiro; Dentre todos que lá tinha Era o maior catingueiro. Chamava-se Ignacio Gomes. Era um cabra curiboca, De nariz achamurrado, Tinha cara de pipoca ». SR. I, 75. « Não achando n'estes honrados homens consentimento para uma tal maldade, servirão-se em ultimo remedio de um homem cabra de nome José Vieira Braga, famulo assalariado de Maria Ferreira Leite ». 1824 A. Borg. Corr. *Manifesto ao Grão Brazil* 43.

**cabralhada** sf., 1º porção de cabras. || 2º acção de cabra. || SYN. *bugrada, canalhada, congada* &.

**cabrestear** vn., 1º « ir o animal prezo pelo cabresto ». Cor. || 2º deixar-se o animal conduzir bem pelo cabresto, sem relutar.

**cabriola** sz., dim. de *cabra* 1º. « Procedemos á penhora em um escravo cabriola, de nome Geraldo ». Autos de exec. de Francisco Felix de Andrade, Cabofrio 1882. || ETYM. vj. *cabrito*. || GEOGR. RJJan. || LEX. PORT. salto de cabra; fig., mudança rapida de opinião ou de partido.

**cabriolar** vn., vadiar, andar aos pulos na vadiação. || ETYM. do s. *cabriola* (lex. port.): lei da intercurrencia.

**cabrito** sm., 1º dim. de *cabra* 1º. « Eu vi uma lagartixa Tocando n'uma viola. O calangro respondeu: Oh! que cabrita paixola! » SR. *Cant.* I, 142. || 2º mulato. « Lourenço Ribeiro, clérigo e prégador, natural da Bahia

.. mulato.. teve a indiscrição de mofar e desdenhar publicamente dos versos de Gregorio de Mattos. Chegou isto aos ouvidos do poeta, que, offendido da fatuidade do cabrito, resolveu logo tirar a desforra ». Gr. Matt. I, 126, introd. || ETYM. *cabriola* c *cabrito*, ts. brazs., vêm de *cabra* nação africana, como os ts. ports. identicos se formarão de *cabra* animal. As applicações são phenomenos de intercurrencia.

**cabrocado** pp. de

**cabrocar** va., roçar, cortar o mato, a capoeira, com foice. || ETYM ? vj. *brocar* || GEOGR. Bah. (BR.). || ORTHOGR. BR. escreve *cabrucar*. *Quid juris ?* Vj. *brocar* e *cavacar*.

**cabrocha** adj. 2, dim. de *cabra* 1º. || SYN. *cabrinha, cabriola*.

**cabroeira** sf., porção de *cabras* junctos. || ETYM. a regular seria do s. *cabr(ã)o* + suff. *eira*; e como *cabrão* é augm. port. de *cabra*, parece que na formação da pal. interveiu a lei da intercurrencia.

**cabroeiro** sm., magote de cabras em qualquer dos seos tres signifs. || GEOGR. Ceará.

**cabrucar** va., roçar, cortar o mato com foice. || ETYM. ? Vj. *brocar* e *cabrocar*.

**cabundá** sz., fujão e ladrão (escravo). || ETYM. guar. *cabondá* = *caá-bô-hi* andar pelo matto. BC. + suf. part. ag. *ar*; tp. *mondá* furtar, pilhar. G. Dias: donde *cábondá* ladrão do mato. || GEOGR. RJJan. || ORTHOGR. com *o*; mas a usual com *u* é conforme a pronuncia. || SYN. *canhambora, quilombola*.

**cabungo** sm., 1º ourinol. || 2º fig., homem desprezível. || ETYM. bd. || SYN. *bispote*.

**cabungueiro** adj., 1º moleque ou negrinha encarregada da limpeza da latrina; carregador de *cabungo*. || 2º fig., porco; desprezível; que só serve para officio baixo.

**caburê, caburé**, vj. *caborê*. « O *caipira* de S. Paulo e Paraná, o *caburé* de Goyaz e Matto Grosso, o *gaúcho* do Rio Grande do Sul, Uruguay e Republica Argentina são o vaqueiro, o pastor por excellencia, porque são descendentes d'aquella raça que está habituada á vida nomade ». C. de Mag. *Selv.* II, 87. || ORTHOGR. preferível com *o*, já por ser a etymologica, já por ser a phonetica em varias partes, como por ex. o littor. R. de Jan.

**cacao** sm., alforge, sacco de viagem, prezo debaixo dos braços e pendurado nas costas. || ETYM. bd. ? || GEOGR. Bah., sertão de Min. || SYN. *bocó, capanga, caramenguá, guayaca, patiguá, patuá*.

**cacaieiro** adj., portador de cacao.

**caçamba** sf., 1º balde prezo na ponta de uma corda enrolada no sarilho (port. *nora*), para tirar agua do poço. « Aonde vai a corda vai a caçamba ». Adagio pop., corrp. ao port. « onde vai a nora vão os alcatruzes », só por portuguezes us. no Brazil. « Formando ambos novos irmãos siamezes ou, conforme o anexim popular, *a corda e a caçamba* ». Dr. Gomes Guimarães *Direito* XXXIV, 443. || 2º balde, em geral. « O encarregado d'essas lavagens nocturnas vem quasi sempre despejar, com toda a semcere-

monia, o conteúdo da caçamba, de que se serviu, no meio da rua. » Red. *JC.* 12 jan. 85. || 3º sapato do estribo, em forma de chinella, onde o cavalleiro mette o pé. || 4º « nome que os garotos dão .. ao vehiculo [carro da praça] .., considerado pelos conductores como injurioso ». V. Cabr. *Guia* 70. || ETYM. ar. *qeçãa* prato de pão em que os arabes comem o cuscús. Largeau 38 e 51; de *qaçã* sorver, engolir, beber. Cp. ar. *tassah* taça, copo, vasilha de beber. || ORTHOGR. Rub. e BR. escrevem *cas-samba*; mas é escripta arbitraria. || SYN. o port. *alcatruz* é desconhecido no Brazil, ou, pelo menos, desusado.

**cação** sm., 1º *Mustellus vulgaris*, peixe da familia dos Mustellideos. || 2º por ext., homem ruim, á tôa, sem prestimo, como o cação que os pescadores botão fora na praia, por ser peixe ruim de comer (salvo a variedade chamada *caneja*, que é apreciada). || 3º mulher perdida e já fóra do commercio venereo, prostituta reles. || GEOGR. 3º RJan.

**caçar** va., 1º procurar coisas perdidas, animaes fugidos, papeis desaparecidos. || 2º pescar, apanhar peixe. || 3º transmittir, passar uma coisa a outro. || ETYM. lat. *quassare*, b.-lat. *caciare, cassare*, ital. *cacciare*, prov. *casar*, hisp. *cazar*, fr. *chasser*. Menage e Diez presumem o verbo lat. \* *captiare*, donde *captare*, que no b.-lat. significava *caçar*. DC. O signif. de « pescar » pode ser translação do tupi-guarani, onde *poracá* caçar e pescar. « Ce mot *yporraca* est spécialement pour aller en pescherie au poisson. Mais ils en vsent en toute

autre industrie de prendre beste et oyseaux». Lery. || GEOGR. 1º e 2º Min., SP., Paraná; 3º Min. || SYN. 1º *bombear, bongar, campear*.

**cacaracá** (de -) phr., de nada, de nenhum prestimo ou valor. « Coisa de *cacaracá* » c. á tóa. « Razões de *cacaracá* » que não convencem, razões de cabo d'esquadra. « Apanhados das folhas da Europa, a circular dos deputados francezes das *direitas* traduzida para uso dos eleitores brasileiros, meia duzia de noticias de ca-ca-ra-cá [*sic*], alguma palha e mais não disse». Apd. *JC*. 1 oit. 85. || ETYM. ? Cp. *cacareco*. Parece, contudo, t. tp.-guar., introduzido desde o sec. XVII. || HIST. Bl., Mor. e Roq. dão; Aul. não: o que faz crer se não usa em Portugal. Bluteau, depois de definir *cácaracá* voz que imita a do gallo, acrescenta: « Usa o vulgo d'esta expressão fallando em coisas de pouco preço, de pouca estimação, v. gr., palavras, negocios, etc. de *cacaracá*. Como ninguem faz caso do canto do gallo [?], tambem ninguem o faz das coisas de *cacaracá* ». É duvidoso.

**cacareco** sm., mais us. no pl., trastes velhos, coisas de pouco ou nenhum valor. « Por menos de cem mil reis mensaes é impossivel encontrar um buraco limpo onde uma familia que se preze se metta com os respectivos *cacarecos* ». Arthur Azev. red. *DN*. 26 oit. 85. « Defender cá a pessoinha e os respectivos *cacarecos* ». Id. *ibid*. 24 nov. 88. || ETYM.  $\xi$  *cac(o)+(a)+r* euphon. + suff. *eco* peyor., pedaço de louça quebrada, fraudulagem, trastes velhos e estraga-

dos. Cp. port. *tareco*, donde parece ter o nosso voc. derivado o seo suff. por intercurrencia. || LEX. PORT. *cacaré*.

**cacaria** sf., corja de ladrões; espelunca de ladrões. || ETYM. da ilha da Cacaria, onde existiu uma quadrilha de salteadores.

**cacerenga** sf.,

**cacerenguenge** sm., vj. *cacheringuenge*.

**cacete** adj. 2, massante, amolador, que tem por habito moer os outros com bobagens e impertinencias. « Sabemos que é a indole de nós brasileiros; ninguem resiste a esses pedidos, principalmente si o pedinte torna-se cacete ». Disc. dep. M. J. Soares, sess. 10 maio 85. « Peixinhos a quem frei Antonio prégava os seos cacetes [sc. discursos] ». Folh. *Fl*. 25 Jan. 85. || ETYM. por ext. de *cacete* páo, porrete, com que se moem os ossos do proximo (port. *ao proximo*). « E' então que o sr. NN., orador, desembrolha o cacete, e exordiano: — Exmas. senhoras, meos senhores .. ». C. de L. folh. *JC*. 27 nov. 81.

**cacetear** va., massar, amolar, moer o proximo (port. *ao proximo*).

**caceteação** sf., acção de cacetear. « Não foi mais possivel supportar o temivel livreiro; era uma caceteeção damninha. » SRom. *Expert*. 10.

**cachaça** sf., 1º a espuma grossa que sahe da tacha do cozimento do caldo da canna. « Espuma espessa, contendo impuridades, que tira-se das caldeiras na defecação ». F. R. B. de Lacerda in *JC*. 24 jun. 82. « O fogo faz n'este tempo o seo officio; e o caldo bota fora a primeira espuma, a

que chamão *cachaça*; e esta por ser immundicia vai pelas bordas das caldeiras .. por um cano .. cabindo .. em um cocho de páo, e serve para as bestas, cabras, ovelhas e porcos; e em algumas partes tambem os bois a lambem ». Anton. 77. « Já houve quem botou no caldo cachaça azeda em quantidade bastante ..; e comtudo, coalhou muito bem a seo tempo ». Id. 80. || 2º aguardente do mel ou borras do melaço. Mor. 1ª ed. « O mel que das fôrmas depois de lhes botar barro torna a cozer-se .., e se faz d'elle assucar .., ou se estilla d'elle aguardente, que nunca eu aconselharia ao senhor d'engenho, para não ter uma continua desinquietação na sanzala dos negros, e para que os seos escravos e escravas não sejam com a aguardente mais borrachos do que os faz a cachaça ». Anton. 95. || 3º fig., bebado. || 4º fig., paixão predominante. « O jogo é a sua cachaça »; isto é, o seo vicio habitual. « A politica é a sua cachaça », isto é, a sua occupação exclusiva. || ETYM. ? || SYNON. *aguardente, branca, branquinha, canna, caninha, gerebita, paraty*.

**cachaceira** sf., 1º logar onde se deposita a cachaça. || 2º bebedeira. || LEX. PORT. cachaço grande e largo.

**cachaceiro** adj., dado ao vicio de beber cachaça. « As ameaças e provocações de cachaceiros que contão com o apoio das auctoridades policiaes ». Doc. da villa de Alcobaça, Bah., lido na sess. sen. 21 abr. 85.

**cachaço** sm., cevado, porco engordado na ceva. || ETYM. abreviat. da phr. « porco de cachaço » sc. de pescoço gordo e grosso. Mousinho

*Affonso Africano*. De *cach(o)* ant. pescoço + suff. *aço* grandeza. || GEOGR. Min., SP., Paraná.

**cachambú** sm., 1º caixa grande, tambor, bumbo. « Grande barril tapado com uma pelle esticada ». Lino d'Assumpção *Narrat. do Braz.* 210. || 2º dança. « Apreciação [os do valle do Paraná] muito a dança; porém a mais commum é a que executa-se ao som do tambor, a que chamão *cachambús*. Essa dança, porém, nada tem de elegante, nem artistica; ao contrario, é grosseira e brutal como todas as coisas africanas, e consiste em uns trejeitos e gatimanhos .. ». Virg. 55. || ETYM. ? || GEOGR. 1º Min., SP.; 2º Goyaz. || SYN. *púita*.

**cacheado** pp. e adj., 1º espigado em cachos. || 2º penteado em cachos. « Mulatinha do cabello cacheado ». Mod. pop. || 3º crespo, encrespado.

**cachear**, 1º vn. dar cacho (o arrozal). Em Portugal, dar cacho a vinha. || 2º va. encachar os cabellos, penteal-os em cachos, isto é, em anneis ou canudos pendentes; encrespal-os.

**cachengó** sm.,

**cacherenga** sf.,

**cacherenguengue** sm., vj. *cacheringuengue*.

**cacherim** sm., 1º faquinha, canivete. || 2º faca velha, gasta pelo uso, toco de faca. || ETYM. tp. - guar. *quicé* faca + *mirim* = *î* = *hî* = *quirî* dim. || SYN. *cacumbú* é toco de enxada, foice, machado ou cavadeira; *cacherim* é toco de faca, facão, canivete etc. Vj. *quicé*.

**cacheringuengue** sm., faquinha velha, gasta, sem córte. || ETYM.

bi-lg.: tp.-guar. *quicémirim* + bd. *nden-gue* pequeno, diminuto, reduzido. Cp. *cacerenguengue*. || ORTHOGR. aceita a etym., não se pode escrever com Coruja *cachiringuengue*, nem com B. Roh. *caxirenguengue*.

**cachichí** adj., de má qualidade, inferior; diz-se da aguardente. BR. || ETYM. corr. pop. de *cachacinha?* talvez *cauíchí* vinhosinho, vinho á tôa, aguado. Cp. *cachirim*.

**cachimhada** sf., porção que se pita do cachimbo.

**cachimbar** vn., 1º fumar pelo cachimbo; pitar cachimbo. || 2º meditar, reflectir, scismar, lembrar-se com saudade ou magoa. « Busca outros temperilhos, Que eu já estou des-temperado; E estou na quinta do Pegas, Minhas coisas cachimbando ». Gr. Matt. 1, 205. || SYN. 1º *pitar*; 2º *banzar*.

**cachimbeiro** adj.,

**cachimbento** adj., 1º habituado a pitar cachimbo. || 2º fig., reles, sujeito de baixa extracção.

**cachimbo** sm., 1º aparelho para *fumar* qv., isto é, aspirar o fumo do tabaco que está ardendo: compõe-se de um recipiente de barro, louça ou metal, de forma conica, onde se bota e accende o tabaco, e de um canudo fino, mais ou menos comprido, uma de cujas extremidades se insere no vaso e a outra na bocca do fumante. || 2º por ext., vaso ou recipiente onde se adapta outra peça, como o *cachimbo* do leme, da tranca da porta, da vela etc. || 3º por ext., contas de coquilho. Mor. || ETYM. bd. *quiximá* poço, buraco, coisa ouca. || HIST. veio-nos este

termo ao mesmo tempo que foi para Port., importação africana; e entre nós tem formado o grupo de palavras que se acaba de vêr e algumas das quaes não vêm nos lexicos ports. Vj. *cacimba*.

**cachinche=cachinge** sm., vj. *cachinguelê*.

**cachingar** vn., coxear. || ETYM. ? || GEOGR. Piauby, sertão do Alto S. Franc. (recolh. pelo dr. Brotero de Macedo Soares).

**cachinguelê** sm., 1º *Sciurus aestuans* L., o eschilo, animal da ordem dos roedores. || 2º fig., sujeito miudinho, magrinho e expertinho, figura de *cachinche*. || « Dentes de *cachinche* », vj. *serelepe*. || ETYM. bd. pref. de dim. *ca* pequeno + *jingulu* pl. de *ngulu* porco. J. Rib. O *ê* final (fechado e longo) parece influencia do tp.-guar. || ORTHOPH. *gu=gh*.

**cachirim** sm., 1º caldo feito de bejú diluido n'agua. || 2º « licor fermentado, extrahido da mandioca por destillação ». Roq. || ETYM. tp.-guar. s. *cauí* vinho, bebida + s. *ri* sumo, caldo. || GEOGR. 1º Pará, Amaz.; 2º  $\zeta$  arraial do Cabo (RJan.). || SYN. 2º *cacica*, *icica*, *mocororó*.

**cachoeira** sf.,

**cachopos** sm. pl., vj. *itupava*.

**cachumba** sf., « molestia que ataca o pescoço ». Rub.; inflammação das glandulas parotidas: mais us. no pl. || ETYM. ? parece bd. || GEOGR. RJan. || SYN. *esquinencia*.

**cacica** sf., cachirim 2.º || ETYM. tp.-guar. s. *caá* herva + s. *icig* = *icica* gomma, gusmo, grude; adj. pegajoso. || GEOGR. Cabofrio. || SYN. *chipá*, *icica*, *mocororó*, *quicica*, *tipá*.

**cacimba** sf., cova ou poço que se faz em lugar humido, para se ajunctar agua que reçuma ou para ahí corre de algum olho». Pizarro II, 152 nt. 24. «E' porém esta paragem falta d'agua corrente, e servem-se das produzidas pelas cacimbas». J. F. Lopes *RIH.* 1850, 320. «Os habitantes do interior continuárão a abrir cacimbas nos leitos dos rios e nas ipoeiras». Rod. Theoph. 187. «Costellas do boi Espacio, D'ellas se fez cavador Para se cavar cacimbas: De duras não se quebrou». SR. *Cant.* 1, 83. Sergipe. «Emquanto Deos não dá chuva Logo tudo desanima, Sómente mode o trabalho Das malvadas das cacimbas». Id., *ibid.* 86. Ceará. «Não conseguiui [certo engenheiro no Ceará] abrir uma cacimba». Disc. sen. H. d'Avila sess. 6 jun. 85. || ETYM. bd. ant. *quichima*, actual *cacimba*, *cacimbo* poço, fonte, comp. de *ca* dim. + *cimbo* denominação «frequentemente dada aos logares onde se encontra agua, cavando poços». Cameron *Africa* 1, 56: do mauro-ar. *hhassi* poço «cavado á mão no leito arenoso de um rio secco, ou em comoro ou recife». Largeau *le Pays de Rirha* 48 nt.; do v. *hhassá* beber chupando. || HIST. a necessidade de Pizarro, em 1817, definir em nota a pal. *cacimba* mostra que não era vocabulo usual entre os ports.; e só se poderia vulgarizar aqui por intermedio dos africanos. || HOM. o outro signif. de *cacimba* ou *cacimbo* nevoeiro humido e doentio que cahe de tarde, nas costas d'Africa occidantal, a nossa *garôa* qv., ficou em Portugal, não foi aqui importado.

**cacimbado** adj., terreno onde as aguas empoção; encharcado n'uns logares e n'outros não; onde se formão pequenas poças, rasas como cacimbas; terreno de barro de louça.

**cacimbão** s., augm. de *cacimba*. «Veiu aquella grande secca.. Seccárão-se os olhos d'agua Onde eu sempre ia beber.. Seguí por uma vereda Até dar n'um cacimbão; Matei a sede que tinha, Refresquei o coração». SR. *Cant.* 1, 78. Ceará.

**cacimbar** vn., encharcar-se o terreno, formando poças aqui e alli, como succede nos de barro de louça, que sécca e se fende em panellas ou *caldeirões* qv., d'onde a agua não sahe sinão evaporada pelo calor do sol.

**cacique** sm., chefe de indios. Roq. || ETYM. quichua? aymara? galibi? || GEOGR. mais us. no sul e oeste que no norte; no valle do Amaz. é quasi desconhecido, com excepção do rio Negro e Orenoco. || SYNON. *morubichaba*, *tubichaba*, *tuchaua* (Amaz.).

**caco** sm., tabaco de caco, pó das folhas do *fumo* (*Solanacea*) torradas e esmoidas em caco de panella, boião ou outra vasilha de barro.

**cacorio** adj., expertalhão, vivorio, manhoso, que não se deixa lograr; ajuizado. || ETYM. de *cac(o)* cabeça + suff. *orio* qualidade. Cp. *simpflório*, *vivorio*. O bd. *cacoria* avarento não se aclimatou entre nós.

**caçua** sm., 1º cesto de cipó. «Da beira do rio levárão peixe para o engenho em *caçuas*; tão grande fôra a pescaria». Fr. Tav. *RBr.* 2 VII, 231. || 2º jacá de alças, para pendurar na cangalha. || 3º sacco de couro, como

o 2º. || 4º rede de pescar, de malha larga, armada em forma de sacco. || ETYM. tp. || GEOGR. 1º e 2º Al., Pern. etc.; 3º Mar.; 4º litt. RJan. (Cabo-frio etc.). || SYN. 3º *bruaca*.

**cacuco** sm., vj. *cacumbú*.

**caçula**<sup>1</sup> sz., o mais moço dos filhos, o ultimo dos irmãos. Rub. « E todos sahem, cada um para o seo lado, inclusive o *caçula* com o competente cigarrinho ». França Jr. *Folh.* 145. « Havia um homem que tinha tres filhos: João o mais velho, o outro Manuel e o caçula José ». SRom. *Contos* 124. || ETYM. bd. *cazulê* o mais moço da familia (*ca* pref. dim.). Vj. *caçulê*.

**caçula**<sup>2</sup> sf., o soque do milho no pilão, a braços. « Ao anoitecer, sahindo de uns paúes perigosos.. ouviu sorprezo o bater de uma *caçula* por alli perto. E tirou para a casinha d'onde lhe chegava aos ouvidos o som levantado pelo alternado bater das mãos do pilão sobre o milho. Fazião a *caçula* uma rapariga e uma mulher já de idade. A mulher era alli mesmo das vizinhanças, e viera ajudar a moradora no serviço da *caçula* ». Fr. Tav. *RBr.*<sup>2</sup> VII, 320-4. || ETYM. bd. *cuçula* = *caçula* pilar, socar (*ca* = *cu* demonstr. vb., como *to* ing., *zũ* all.).

**caçulê** sz., caçula : é forma mais approximada do bd. *cazulê*. || ORTHOPH. B.Roh. dá *caçulé* (*e* aberto), que nunca ouvimos, nem está de accordo com a pronuncia angolana.

**caçulo** adj., o mais moço : forma menos us. que as duas precedentes.

**cacúlo**<sup>1</sup> sm., o gemo que nasce primeiro; o que vem em segundo

logar é *cabaça* qv. || ETYM. bd. (*ca* pref. dim.).

**cacúlo**<sup>2</sup> sm., vj. *cuculo*.

**cacumbí** sm., 1º *cacumbú* qv.

|| 2º *jiquí* qv.

**cacumbú**<sup>1</sup> sm., 1º cacherim, toco de faca. || 2º toco de enxada, machado, foice, cavadeira, gastos pelo uso. || 3º fig., o tempo que vai do meio-dia de quinta-feira santa ao meio-dia de sexta-feira da Paixão, o qual se guardava nas fazendas do Rio de Janeiro : são dias *cacumbús*, pedaços, metades ou tócos de dia de serviço e de diasancto. || ETYM. bd. : pref. *ca* dim. + s. *quimbu* machado. || SYN. *cacuco*. Cabofrio.

**cacumbú**<sup>2</sup> sm., dança dos negros africanos, ao som da púita, com palmas e cantos. || ETYM. bd. Vj. *cachambú*, *cacumbí* e *cucumbí*.

**cacunda** sf., dorso, costas, já do homem, já dos brutos. || ETYM. bd. : pref. *ca* dim. + (pref. de s. da 2ª decl. *ri*+) s. *cunda* dorso. *Carcunda* e *corcunda* já são corrupções eruds., por intercurrencia de *corcova* giba.

**cacundê** sm., bordado de fitas ou tiras de chita sobre a fazenda, cobrindo um debuxo feito a lapis ou tinta do sumo verde de folhas de fava, formando gregas, desenhos de folhagem e outros labores. || ETYM. 2 tp.-guar. *caá* herva, folha + *cundá* entretecido, entrelaçado, enrolado: debucho de folhas. || GEOGR. Al. || SYN. *picado*. RJan.

**cacundeiro** adj., 1º carregador, que tem por officio levar carga ás costas, na *cacunda*. || 2º animal que na tropa gosta de andar atraz dos outros, pelas costas, pela *cacunda*. ||

3º fig., homem de baixa extracção, da infima plebe. || GEOGR. Min. || SYN. 1º *cangalheiro*.

**cacundo** adj., carcundo, corcundo qv. « Quem toma o que deu fica cacundo ». Adagio pop.

**cacurí** sm., cesto de pescaria, afunilado como o *jiqui* ou *covo* qv., feito das folhas do jupatí. Baena. || ETYM. tp.-guar. : *caá* folha + *curú* cesto. Cp. br. *irú* = *urú* vasilha, cesto, caixa, bacia; *urucurú* cesto ralo, grade, gaiola; *urupema* cesto chato, peneira.

**cadê?**

**cadella?**

**cadelle?** phrases interrogat., que de? que d'ella? que d'elle? que é de? que é d'ella? que é d'elle?: populares em todos os recantos do Brazil. « Você diz cadê as tropas Do coitado do Pinheiro ». SR. *Cant.* I, 110 (Ceará). « Matheus, cadê o boi? » *Ibid.* 181 (Pern.). « Vem cá, vem cá, Vitú.. Que d'elle o teo camarada? » *Ibid.* 281 (RJan.). || SYNT. parece a alguns grammaticos que nas phrases supra *que d'elle*, *que d'ella*, ha erro, que se deve emendar para *que de lo*, *que de la*, sendo *lo*, *la* as ultimas syllabas. do adj. lat. *ille*<sup>3</sup>, no abl. *illo*, *illa* (ou, como pensa Diez, no acc. *illum*, *illam* com a queda do *m*). Assim, em vez de *que d'ella a chave*, deve-se escrever *que de la chave*; em vez de *que d'elle o chapéo*, *que de lo chapéo*. Entendem outros que as phrases são ellipticas; imaginamos, ao formulal-as, que o nosso interlocutor está sciente do que nos preoccupa o pensamento quando procuramos alguma coisa, do genero masculino ou do feminino, e rompemos na pergunta:

« que é d'elle? que é d'ella? » isto é, o chapéo? que é feito d'elle? a chave? que é feito d'ella? A prova está nas locuções equivalentes: « que d'elle? » sem substantivo, e « que de? » sem substantivo, nem pronome. Diz bem Leite de Vasconcellos que com o pronome *elle* a explicação não é menos clara que com o archaico *lo*. Quanto ao castelhanismo *que de la chave* etc., imaginado por Baptista Caetano, *Rasc.* 220, parece desnecessario para entender locução nossa, tão só e tão puramente brasileira, a qual ou se explica pela hypothese do pronome lat., ou pela do pron. port.

**cadeira** sf., assento de platéa, no theatro. || LEX. PORT. *fauteil*. Os escriptores do Chiado, em podendo empregar palavra estrangeira, franceza sobre tudo, não empregão portugueza; ao que os obriga o intenso amor da patria, como diria Filinto Elysio, que dava o cavaco com essas importações desnecessarias.

**cadena** sf., 1º « maneira engenhosa de tirar dos chifres do touro bravo, sem perigo, o laço em que se acha prezo; e isto se faz com o socorro de um outro laço prezo á argola do em que se achava laçado: para se fazer esta *cadena*, põe-se o touro no chão, e então se forma a laçada a que se dá este nome ». Cor. || 2º *cadeia*, figura do *anú*, dansa ant. do RGS.: « Á voz de *cadena!* fazião os dansantes mão direita de dama, como na quadrilha ». Ces. 93. || ETYM. cast.

**caecáe** sm., rede de pescaria. « As demais redes de arrasto, denominadas *cerco*, *arrastão*, *caecae* e

outras, constituindo verdadeiro flagello contra a criação do peixe, devem ser proibidas em absoluto». Dr. Nobre, relat. sobre a pesca na bah. do R. Jan., ap. *JC.* 21 abr. 88. || ETYM. *cáe-cáe* duplicação da 3ª p. sg. pr. ind. v. *cahir*, para signif. que é rede em que todo o peixe cáe.

**caetê** sm., 1º mato bom, grosso, alto; m. virgem. || 2º a canna indica, bananeira do mato, de cujas latas folhas se usa «para forrar por dentro os jacazes em que se carrega o café». Rub. «Vou fazer uma saude Pela folha do caeté: — Viva o senhor Antonio E mais a sua mulher». Kos. ap. SR. II, 62. || ETYM. br. *caá* mato, folha + *etê* bom, legitimo, verdadeiro, respeitavel, grande. || ORTHOPH. vj. *caeté* e *abaeté*.

**caeté** sm., mato brabo, de espinho ou silva, embora fino, mas embastido e difficil de romper; m. cerrado, sem campo de permeio. «*Caethé* quer dizer mato bravo sem mescla de campo». Claudio Manuel *Villa Rica* nt. 2 ao cant. VII. «Era o terreno de *cahyté* ou *cuyaté* (que significa mato bravo, sem mistura de campo)». Pizarro IX, 3. || ETYM. br. *caá* mato, folha + *eté* ruim, falso, mesquinho, brabo, barbaro. || ORTHOPH. o e final pronuncia-se fechado ou aberto, conforme as localidades, sem que, entretanto, se possam confundir os dois vocabulos, muito distinctos em sua composição e significados.

**cafageste** sm., 1º quem não é estudante, da população academica, o philistheo dos estudantes da Allemanha. || 2º «a parte mais ou menos culta que figura no commercio, nas artes,

na politica e nas letras, e a parte inculta, a immensa cohorte dos capadocios ou cafagestes. Estes são os residuos populares das villas e cidades. É gente madraça, que, possuindo todos os defeitos dos habitantes do campo, não lhes comparte as virtudes». S. Rom. *RBr.* 2 I, 265. «Hoje foi agraciado o sr. Beltrão, e amanhã sel-o-ha do mesmo modo qualquer cafageste». Apd. *JC.* 27 jan. 84 (Curitiba). || ETYM. ? || GEOGR. SP., Pern. || HIST. até 1862, em SP., só se empregava no 1º sentido. || ORTHOGR. *cafagestre* em Pern.

**cafanga** sf., 1º «desdem simulado por aquillo que se deseja; recusa apparente d'aquillo que é offerecido: a isso chamão *botar cafanga*». BR. || 2º embuste. SR. || ETYM. ? Cp. *cafageste*, *cafife*, *cafirote*, *cafofo*, *cafúa*, *cafunê*, *cafunge*.

**cafeeiro** sm., planta do café. || HIST. forma erud., posta em circulação pelo *Jornal do Commercio* da Corte, ha cerca de vinte annos. O pop. é *cafezeiro*, consoante a *cafezal* e *cafezista* qv. Cp. *sapê sapezal*, *piri pirizal* etc.

**cafeina** sf., alcali extrahido do café, do chá, do matte, do cacáo etc. || ETYM. s: *café* + suff. *ina* força (na nomencl. chim.). || ORTHOPH. *cafeína*.

**cafelama** sf., grande extensão de cafezal. || ETYM. *café* + *l* euph. + suff. *ama* accumululo, monte, augmento. Cp. *bolama* bolada sc. de dinheirò, monte de ouro, de notas do Thesouro ou dos bancos etc.; *dinheirama*. || GEOGR. RJan., Min., SP.

**cafelista** s 2., bebedor de café; apaixonado pelo café.

**cafezal** sm., plantação de café. || LEX. PORT. *cafeiral*. Roq., t. de todo desconhecido aqui, na terra do café.

**cafezeiro** sm., 1º a árvore do café. || 2º lavrador, fazendeiro de café.

**cafezista** adj. 2, 1º negociante, commissario de café. || 2º plantador, lavrador de café.

**cafe** sm., 1º malestar, molestia indefinida, que traz desânimo para qualquer serviço; fraqueza de corpo e alma. || 2º infelicidade constante. || ETYM. bd. *cafe* sarampo, molestia que incomoda sempre, mas raro mata; que amofina, mas sem perigo. || GEOGR. 1º Minas, RJan.; 2º Pern., Min., RJan., SP. || SYN. 1º *lazeira*; 2º *caipora* qv.

**cafice** sf.,

**cafismo** sm., estado de cafe.

|| SYN. *caiporismo*.

**cafila** sf. fig., corja, bando de gente ruim; quadrilha de ladrões. || ETYM. ar. *câfila* tropa de viajantes, caravana. Eng. || HIST. no sent. fig. e pejor., já vem em Aul. (1881); todos os outros lexicos dão só no sent. proprio. Entre nós, é antiga a accepção fig. || LEX. PORT. « companhia de mercadores e de passageiros que, para maior segurança, se juntão para ir a uma feira, ou que vão de uma parte para outra ». Bl.

**cafirote** sm., ? « Estar de *cafirote* *acceso* equivale a estar de *candeias às avessas* ». Arar. Jr. ap. BR. || ETYM. ? Cp. *cafageste*, *cafanga*, *cafe*, *cafofo*, *cafre*, *cafua*, *cafuz*. *Quid* da raiz *caf*?

**cafofo** sm., latrina, commúa. || ETYM? vj. *cafundó*. || GEOGR. Maricá (RJan.).

**cafra** sf., fêmea do

**cafre** sm., 1º natural da Cafraria, na Africa. || 2º por ext., negro em geral. « Então não pizavão indios E vos habitavão cafres; Hoje chispaes fidalguias E arrojaes personagens ». Gr. Matt. I, 145. || 3º fig., ignorante; brutal; immoral; ideia pejor. ligada ao negro selvagem e, em geral, ao escravo.

**caften** sm., alcoviteiro, empresario de alcouces, que faz commercio de explorar a prostituição. « Fôra, fôra com os *caftens* da infancia ». V. Mag. *GN*. 25 fev. 85. || ETYM. ar. *caftân* ou *khaftân* vestido talar, tunica, saia. Dombay, Dozy. *Caften* homem de saia, h.-mulher. Cp. ar. *kettân* lençol. || HIST. introduzido no Rio de Janeiro no terceiro quartel d'este seculo.

**caftenismo** sm., officio de *caften*.

« Um vigoroso e indignado protesto contra o *caftenismo* de nova especie de que ha muito tem sido victima essa pobre menina ». V. Mag. *GN*. 25 fev. 85. Vj. *caftismo*.

**caftina** sf., mulher que exerce profissão de *caften*. « O sr. .. subdelegado do 1º districto d'esta cidade, effectuou a captura da caftina Rosa Porjéau, que se havia evadido d'aquella para esta capital ». Edit. *Fl*. 22 abr. 83. « Maria declarou ás auctoridades que é livre, e que Quirino queria obrigar-a a ser caftina ». Red. *JC*. 10 jul. 84. « Uma pobre menina de 17 annos .., Rosa da Silva a maltractava e obrigava a ter vida desregrada .. O sr. desembargador chefe de policia .. obteve do sr. ministro da justiça ordem de captura e deportação contra Rosa da Silva como caftina ». Red. *JC*. 3 oit. 86.

**caftismo** sm., officio de *caften*. « Homem de mãos costumes e que exerce a vergonhosa industria do caftismo; pelo que, já foi por duas vezes deportado ». Red. *Paiz* 24 fev. 86. « Chegando ao conhecimento do subdelegado.. que o dono da hospedaria.. exercia o *caftismo* com a menor Angela, filha de Presciliana, escrava de... » Red. *Paiz* 30 nov. 86. A forma *caftismo* tem predominado sobre *caftenismo*.

**cafúa** sf., 1º furna, caverna. || 2º fig., rancho, casa escura e immunda. || 3º por ext., taberna reles, com os generos em desordem. || ETYM. bd.? vj. *cafundó*. || HIST. desde Bl., com os mesmos signifs. || SYN. 1º *cafuca*, *cafundó*, *cafundorio*, *cafurna*; 2º *baiuca*; 3º *futrica*, *massimbo*, *quitanda*.

**cafuca** sf., cova de carvão de madeira. « O cemiterio publico, metade já está capinada e outra parte rouçada [*sic*]; porem a rua que vai para elle, o mato que tem já dá uma boa *cafuca* (pequena cova de carvão) ». Apd. *Fl.* 12 jun. 85. || ETYM. corr. de *cafúa*? || GEOGR. R. Jan.

**cafundó** sm., 1º cafúa. || 2º « lugar ermo e longinquo, de difficil accesso, ordinariamente entre montanhas ». Meira ap. BR. || ETYM. a r. *caf* ou o thema *cafu*, que apparece em *cafofo*, *cafúa*, *cafuca*, *cafundó*, *cafurna*, talvez seja a mesma r. *cav*, que deu *cava*, *cavar*, *caverna*, *cavoco*, *cova*, *covanca*, *coveiro*, *covil*, *covo*.

**cafundorio** sm., corr. erud. de *cafundó*, com a adjecção do suff. *orio*.

**cafuné** = **cafunen** sm., 1º estalo com o dedo pollegar no alto da cabeça d'alguem ». Roq. « Fazer cafunê, dar

*cafuné* » phrases pops. em todo o Brazil. « Emquanto os meos negros suão ao rigor da canicula, as mulatinhas me balanção a rede e me dão cafunés ». Folh. *Fl.* 24 fev. 82. « E eu, si hei de estar a embalar-me na rede, ou a berrar com o feitor, ou a pedir que me fação cocegas e dêem *cafonés* [*sic*], venho governar o mundo em secco e aborrecer-te com as minhas tontices ». *Quest.* I, 51. « É tão bom viver em santo ocio, fruindo o juro das apolices, deitado na rede, levando cafunés da mulata e sem se incommodar com inquilinos... ». Folh. *Fl.* 25 abr. 86. || 2º os cocos menores do cacho de dende. V. Cabr. ap. BR. || ETYM. bd. || GEOGR. 1º geral; 2º Bah. || ORTHOGR. *cafoné* no ex. supra das *Quest.* bem se vê que é escripta de portuguez, que põe *o* onde ha de pronunciar *u*. Basta ver a construcção da phr.: « hâi d'star á imbalarm-me, a berrar cu fâitor u a pudir câ mu fação cóçugas » etc. *U* é a vogal predilecta dos portuguezes, que, entretanto, na escripta, substituem-na por *e* e *o*. || ORTHOPH. *cafuné*, *cafunê*, *cafunê*.

**cafungar** va., esmiuçar, procurar minuciosamente, catar. || ETYM. ? bd.: talvez *cafucar* abrir cova, ir ao fundo, procurar dentro e embaixo. || SYN. *bombear*, *bongar*, *campear*.

**cafunge** sm., 1º moleque travesso, levado da breca, arteiro, fujão, larapio. || 2º fig., gatuno; homem desprezível. || ETYM. ? bd. || SYN. *camafonge*?, *candimba*.

**cafurna** sf., « cova, lugar escuro e subterraneo ». Bl. || ETYM. ? vj. *cafúa*. || SYN. *baiuca*, *cafua*, *frege*, *futrica*, *massimbo*, *quitanda*.

**cafuz = cafuzo = carafuzo** sm., mistiço de negro com índio brasileiro. || ETYM. ? || GEOGR. a forma *cafuz* é geral; *cafuzo* e *carafuzo* são do Pará. J. Ver. || LEX. PORT. Aul. dá *cafuzo* s2. e adj. 12; mas, entre nós, *cafuzo* é a fêmea do *cafuz*.

**caguincha** sm.,

**caguincho** 1º sm. o dois-de-páos nas antigas cartas-de-jogar portuguesas. || 2º adj. fig., fraco; medroso, covarde; anêmico; pequenino de corpo. || ETYM. vem do valor nullo que o dois de páos tem em alguns jogos. || LEX. PORT. *caguinchas*. || SYN. 1º *coringa*, *dunga*; 2º *cambembe*, *cambuta*, *coringa*, *dunguinha*.

**cahatinga** sf., vj. *catanga*.

**cahiva, cahyva** sf., vj. *caiva*.

**caibola** s2., vj. *calhambola*.

**cãibro** sm., «um par de qualquer objecto, principalmente duas espigas de milho prezas entre si com a propria palha: ãa mão de milho tem 50 espigas ou 25 cãibros». BR. Vj. *atillo*. || ETYM. ç corr. pop. do port. *cãibo*, *cambo* enfiada. || GEOGR. Pern., Al.

**caiçá** sf.,

**caiçara** sf., 1º estacada, trincheira, tapume. BC. «*Caiçá* era o nome do tapigo, tapume, silvado ou sebe, que fazia a contracerca ou circumvallação das tranqueiras ou palancas». Varnh. *RIH.* 1851, 410. «*Caiçara*, no *Dicc. Port. e Brasil*, é indicado como traducção do port. *arraial*. Presumo que esta palavra significa aqui *campo*, e não *aldeia*». S. Hil. *Rio Jan.* II. 362. «Fazem-lhe por derredor outra contracerca de

ramos e espinhos, muito liada com madeira que mettem no chão, a que chamão *caiçá*, pela qual, emquanto verde, não ha coisa que os rompa». G. Soares 331. Fr. Vic. do Salvador, *Hist.* 42, copiando esse trecho de Gabriel Soares, dá *caiçara* (que é a forma tp., sendo a guar. *caiçá*), e sempre assim escreve: «Foi forçado aos capitães, depois de muitas horas de peleja, mandal-os recolher pera uma caiçara ou cerca de rama, que fizeram 25 braças afastada da dos contrarios». *Hist.* 87. || 2º «cerca de ramos y ramones [galhos] con que van recogiendo el pescado, como con redes». M. vb. *caá*; tapagem do rio, na boca do poço formado por alguma queda, e onde, por mais fundo, se ajuncta o peixe, afim de não o deixar sahir quando se pesca de cesto, pe-neira, rede, tarrafa, ou com *tinguí* qv. || 3º «N'esta comarca da provincia do Rio Negro houve uma povoação, que por muito tempo se denominou *Caiçara*, do nome indigena do curral onde ordinariamente se retinhão os infelizes prisioneiros». J. F. Lisboa, *Timon* 1853, 463. || 4º mulher velha, feia, Megera, que tem nas faces rugas como varas de *caiçara*. || ETYM. guar. *caá* mato+*içá* estaca, espeque, páo, galho (tp. *içara*). || GEOGR. 1º e 2º norte e centro; 3º Mar.; 4º Paraná. || SYN. 2º *caní*, *parí*.

**cainho** adj., sovina, avarento, somitico, «misero, illiberal». Mor. || ETYM. de *Caim*, o máo filho de Adão, o fraticida, que deu cabo de Abel, seo irmão, por achal-o mais favorecido da graça divina? Cp. pop. *ruinho*

=*ruim*. Aul. deriva de *cão*, d'onde *cainçalha* e *cainhar*, aqui desconhecidos. || HIST. F. J. Freire dá *cainho* parco, t. ant. no seo tempo (sec. XVIII); no Brazil, porém, sempre esteve em vigor, ao menos entre o povo. Segundo Bl., era chulo em 1727; o que explica o ter-se antiquado em Port.

**caiongo** adj., avelhentado, sem forças. || ETYM. ? || GEOGR. litt. R. Jan.

**caipira** sz., 1º morador de fóra do povoado; gente que não vive na sociedade mais culta das villas e cidades. « Em Pernambuco, chama-se aos homens da roça, do campo ou mato, *matutos*; o mesmo é em Alagoas; o *matuto* é o caipira de S. Paulo e o tabaréo da Bahia ». J. Aug. da Costa *RBr*<sup>2</sup>. IV, 348. « Vem pelludo como um caipira ». Red. *Brazil* 28 Jul. 83. « Na roça, entre caipiras e matutos, é conhecida a interj. *chá!* e outros ca-coethes em que se ouve essa inspiração de sons ». BCaet. *Ens. Sc.* I, 57. « Um caipira nobre não recúa ». Aparte á conferencia de J. Patroc. ap. *JC*. 15 oit. 88. || 2º fig., inculto, grosseiro, de maneiras acanhadas. || ETYM. tp-guar. : s. *caá* mato + s. *ipir* = *ipí* principio, base; adj. primitivo, oriundo: filho do mato, originario da roça. Baptista Caetano traduz *caipira* pelle tostada, de *caí* queimado + *pir* pelle; ou então, o homem corrido, envergonhado, abatido, submettido, de *cai* vergonhoso, acanhado, medroso. *ABN*. VI, 12. Rejeitamos a segunda explicação, porque os brazís, muito precisos na sua nomenclatura, não tinham em conta qualidades moraes, que os

induzissem a designações de objectos characterizados por ellas; e a primeira por se não adaptar o nome á coisa.

*Caipira* nunca significou trigueiro, moreno, fusco &. || GEOGR. e SYN. 1º *bahiano*. Piauhy; *caboclo* 5º, *caboré*. Goyaz, Mgr.; *cabra*. Ceará; *casaca*. Piauhy; *gaucho*, *guasca*. RGS.; *matuto*. R. Jan., Pern., Parah., RGN.; *restingueiro*, *mandioqueiro*, *roceiro*. R. Jan.; *tabaréo*. R. Jan., Bah., Serg.; *tapuia*. Pará, Am. Em Port. *camponio*, *camponez*. 2º *pelludo*. Min.

**caipirada** sf., 1º bando de caipiras. || 2º acção de caipira; exquisitece de maneiras; toleima.

**caipiragem** sf.,

**caipirice** sf.,

**caipirismo** sm., caipirada 2º; toleima, acanhamento de maneiras; costume ou habitos de caipira.

**caipora**, 1º sm., deos, genio ou espirito da theogonia brazilica, assim descripto por Couto Magalhães: « Homem colossal de corpo pelludo, montado em um porco do mato, ninguem o podia ver sem ser extremamente infeliz pelo resto de sua vida. O *cahapora* é, pois, um ente tão máo que não pode ser visto sem que arraste a infelicidade para quem o avistar .. O *cahapora* era o genio protector da caça do mato, e só era visto quando, rodeando-se uma familia de animaes selvagens, se a pretendia extinguir ». *Setv.* II, 130. || 2º sm., sujeito que não pode ver a outro sem que o infelicite. || 3º adj., infeliz, nos negocios e fora d'elles, sempre, como quem viu o *caipora* 1º. « Era um pobre diabo, menos diabo do que pobre. Para este jámais a vida sorrira .. Um

famoso caipora ». V. Mag. *GN.* 5 fev. 83. || 4º sf., infelicidade continuada e em tudo. « Dirá o leitor: — Foi minha caipora! Seria ». C. Mag. apd. *JC.* 28 abr. 83. || ETYM. tp. *caápor* morador do mato? BC. traduz « o que ha no mato »; porquanto o v. *por* exprime em geral, ser, existir. Mas *bor* haver, ter, possuir póde explicar o termo pela natural troca do *b* pelo *p*; e então *caápora* significaria quem tem o dominio e posse do mato, o dono, o senhor das florestas. Entretanto, não passa de conjectura. || ORTHOGR. a de Couto Magalhães, *cahapora*, é inadmissivel; pois, sendo o *h* aspirado passava para o port. como *caçapora*. || SYN. port. *callisto*, *tumba*.

**caiporismo** sm., infelicidade constante, sem treguas, em todos os negocios, logares, tempos e situações. « Esta circumstancia .. não tem valor sinão para accentuar mais o caiporismo do secretario ». Red. *GN.* 24 jan. 85. « Vê tu que sina a minha! — Isto é o diabo! — Que queres? o caiporismo não me larga ». Trscr. de jornal da Côte no *JC.* 3 jan. 85. « E o meo caiporismo vai ao ponto de não tolerarem minhas represalias ». Disc. dep. Coelho de Rezende sess. 7 jul. 88.

**caitetú** sm., vj. *catetú*.

**caiva** sf., 1º mato ruim, carrasquenho, de silvas. || 2º por ext., terra esteril. || ETYM. br.: s. *caá* mato + adj. *aib* mão, ruim, aiva qv. || ORTHOGR. *cahiva*, como vem in BRoh., só é admissivel tomando-se o *h* como mera notação orthographica, equivalente ao trema ou ao accento

agudo sobre o *i*, para indicar que não se dá o ditongo *ái*; mas são preferiveis esses signaes porque na lingua brazil o *h* não é indifferente e sôa quasi *c*, *ç*, *s* e ás vezes *f*.

**caixeta** sf., 1º dim. de *caixa*: muito us. para guardar guaiabada, marmelada, araçázada, bananada qv. || 2º fig., avarento, sovina, caixa de aferrolhar dinheiro. || GEOGR. 1º ger.; 2º R. Jan.

**cajetilha** sz., pelintra; « rapaz da cidade, que anda no rigor da moda ». Ces. || ETYM. cast. || GEOGR. RGS. || ORTHOPH. *caxetilha*; *j* gutt. hisp. = *x* inic. port.

**cajú** sm., *Anacardium occidentale* L., *giganteum*, *pomiferum* &. || « Chuva de cajú » chama-se no Ceará a do tempo d'essa fructa. || ETYM. br.: s. *caá* folha, planta + adj. *jú* = *jub* amarello.

**cajuada** sf., bebida refrigerante feita de sumo de cajú, agua e asucar.

**cajual** sm., mata, grande porção de cajueiros.

**cajueiro** sm., a arvore do *Anacardium*. Entra na lyrica nacional, já pela flor, já pela castanha, já pelo sumo e o cheiro agradável do sarcocarpo e das folhas. « Cajueiro pequenino, Carregado de flor, Eu tambem sou pequenino, Carregado de amor ». Cantiga pop. Maranhão.

**calabouço** sm., prizão, xadrez, enxovia quasi sempre escura, principalmente para escravos. « Os escravos que fôrem encontrados fazendo desordens serão conduzidos ao calabouço, dando-se immediatamente parte aos senhores, para estes mandarem dar nos motores 100 açoites ». 1833 Postur,

Cam. Mun. Cabofrio, art. 193. || ETYM. ? || LEX. PORT. *calaboiço* casa de prisão para militares. Aul. Mor. 1ª ed. definia: « prisão funda, soterranea, masmorra ».

**calabrez** adj. gent., 1º natural da Calabria, Italia. || 2º fig. salteador, ladrão d'estrada. « Chama-me o meo antagonista de *calabrez*, isto é, de salteador d'estrada ou roubador dos dinheiros alheios. Repillo a injuria energicamente ». Dr. A. P. apd. *JC.* 23 jul. 85. « Per loro il popolano d'Italia, principalmente delle provincie meridionali, chi sà per quanto tempo ancora, resterà un povero affamato, un *carcamano*, un ex-brigante calabrese. La parola *calabrese* scrivemo, poichè, tra le frasi fatte ed antiquate, che spesso vediam citate da giornali brasiliani, scorgiamo quella, quando si parla di scene di sangue o simili: — Par di essere in piena Calabria! ». Red. *La Voce del Popolo* (R. Jan.) 22 maio 86.

**calafate** sm., chamão no Cabofrio e em Araruama o vento léste, pelos damnos que causa ás embarcações, obrigando-as a concertos de calafeto. || ETYM. b.-lat. *calafactus*, ital. *calafate*, fr. *calfat*. || LEX. PORT. operario que calafeta embarcações.

**calango** = **calangro** sm., 1º largarto, teijú qv. Em SR. *Cantos*, apparece frequentemente na poesia pop. || 2º grupo de salteadores e assassinos que, de 1873 a 1880, assolou a provincia do Ceará, duplicando os horrores da secca e da fome. Deveu o seu nome a João Calangro, evadido da cadeia do Crato, onde cumpria pena por furto de gado, e reunido a

Innocencio Vermelho e outros faccinoras, evadidos das prisões de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Parahyba e Ceará, foi chefe de um bando de malfeitores até findar a secca. Rod. Theoph. 116 e segs. || ETYM. ? a mesma de *caranga* qv. Havia nas Missões do Paraguay um logar com esse nome: *ibi ambuae* Calango *yape*, em outra terra chamada Calango. *Conq.* in *ABN.* VI, 183. O *l* não faz parte do alphabeto brazil. Note-se que no b.-lat. lemos *calandrus* grillo, cigarra, gurgulho, fr. *calandre*, ital. *calandra*, germ. *kalander*, *calender*; mas não passou para o port.

**calão** sm., 1º lingua dos ciganos. M. Mor. Jr. || 2º linguagem peculiar dos capoeiras: giria de certa classe de gente ruim. || 3º vara do *candombe* qv., e serve para arrastal-o ao longo da costa e suspendel-o dentro d'agua. Dr. Nobre in *JC.* 21 abr. 88. || ETYM. ? || LEX. PORT. os signifs., que traz Bl., de vaso da India, com ex. de Barros: « Acharão os *calões* em que os da terra trazião a agua », e de juramento na Ethiopia Oriental (correspondente ao *lembamento* da Africa occidental), abonado com ex. de fr. João dos Sanctos, não passarão para nós. Sobre o *lembamento* vj. Alfr. de Sarmento.

**calça** sf., port. *calças* (no pl.). Cp. braz. *ceroula* = port. *ceroulas*, *meia* = *meias*, *labio* = *labios*, *treva* = *trevas*: liberdades poeticas, que ficarão na prosa, e são geralmente empregadas na linguagem usual.

**calcanha** sf., « nos engenhos de assucar, é a mulher que cuida das

candeias, e varre ». Rub. e Anton. || ETYM. a serviçal d'esse officio era de ordinario preta velha, *acalcanhada*, cambeta qv. *Inde?*

**calcúlo** sm., *cucúlo* qv., por intercurrencia de *cálculo*.

**caldeirão** sm., 1º « cova que a passagem das tropas ruraes deixa na estrada, que antes fôra alagada pelas chuvas ». Rub. ; « buraco grande no meio do campo ou estrada, feito por chuva ou pisada de animaes ». Cor. « *Caldeirões* são umas covas que os cavallos fazem com a continuação do andar, as quaes, quando chove, se enchem de agua e lama, ficando entre cova e cova como uma parede de barro duro ; de sorte que é necessario que os cavallos vão por estes logares muito socegados, pondo os pés dentro das mesmas covas ; porque, si assim o não fazem, infallivelmente cahem, com grande risco de quebrar as pernas ao cavalleiro ». Esta descripção do Conde de Azambuja (1751) é perfeita. *RIH.* 1845, 470. || 2º tanque natural nos lagedos, onde costuma ajunctar agua das chuvas ». Meira ap. BR. « Este meo boi Epacio Morava em dois sertãos ; Comia nos cipoaes, Bebia nos caldeirões », SR. I, 86. || 3º, no regimen dos rios, redomoinho, vortice, turbilhão d'agua. « Nos desviámos da bocca de cima da vizinhança do Amazonas (de que tudo são braços), para evitar o perigo de encontrar os *caldeirões*. Succede talvez ao viajante, levada de impetuosa corrente a embarcação, ir cahir em paragem, ou, para melhor dizer, em revolução d'agua, que, mettida em movimento, como se esti-

vesse a ferver, deu nome de *caldeirões* a este formidavel phenomeno. É uma inquietação de vortice, ou como se explicão os francezes, *tourbillon*, a que pode corresponder o *redomoinho*. Nasce esta effervescencia do encontro de aguas violentas em sitio onde se junctão com movimentos oppostos, ou se unem combatendo, até correrem em confluencia, vendo-se antes levantar as aguas grandes canellões ou rejetsões em tres e quatro palmos de altura, como os de artificio nos repuxos. É perigoso o encontro, porque endoidecem as canôas andando á roda, e succede alagar-se, como succedeu a uma canôa do dr. João da Cruz, a qual se perdeu em caldeirões que hoje não ha. O exm. sr. d. fr. Miguel de Bulhões se viu atribulado juncto a Belem, nos caldeirões fronteiros a S. Boaventura, durando-lhe o susto e o perigo emquanto observou inefficaz o remo e frustrada a força dos indios, até que a mesma agua serviu á diligencia com que felizmente se livrou. Os acautelados devem prevenir muito antes este perigo, apartando-se a tempo da veia da corrente que os encaminha aos caldeirões, e procurando outra para evitar o lance em um sitio tão profundo e inquieto, como arriscado a tantos, fatal a muitos ». 1762 *RIH.* 1847. Não nos pudemos furtar ao gosto de transcrever inteiro esse trecho do sabio bispo d. fr. João de S. José, tão intrepido viajante, quão amavel narrador, além de ser honra e lustre da Ordem Benedictina. N'elle se vê definido o phenomeno, demonstrada a origem, explicada a causa,

indicado o perigo, aconselhado o remedio. || ETYM. augm. de *caldeira*: do lat. *caldarium*; b.-lat. *calderia*, *caldaria*, ital. *caldaia*, *caldaio*, *caldura*, hisp. *caldera*. || LEX. PORT. «cova que se abre nas terras alagadas para enxugar os caminhos alagados pelas chuvas», sg. define Aul. como t. braz., é phantasia de quem aliás não perdoava ao nosso Moraes qualquer descuido. || SYN. *camaleão*.

**caldo** sm., o sumo da canna de assucar, exprimido na moenda. || SYN. *garapa*. SP., Min., Paraná. RJan., Pará etc.

**caleça** sf., carro, sege. || ETYM. fr. *calèche*. || LEX. PORT. *caleche*.

**calembe** sm., «única vestimenta do indio, consiste n'uma faxa, de panno ou de casca de pão, para cobrir as partes». Coudreau *Guyenes et Amazonie* II, glossar. || ETYM. ? A pal. que conhecemos é nome de lugar d'África, reproduzido n'uma fazenda de Saquarema (do major João Barboza), RJan. Consignamos a def. de Coudreau, aguardando ulterior exame. || SYN. *curú*, *julata*, *tanga*.

**calhambola** adj. 2, fujão. Vj. *canhambora* e *quilombola*.

**calhorda** adj., patife, desprezível.

**calimbá** sm., vj. *calumbá*. || GEOGR. *Calimbá* é o nome de um caminho, hoje rua, na cidade de Nitheroy.

**calis** sm., «cano de pão nos engenhos de assucar». Rub., Anton.

**calombo** sm., inchaço, tumor no corpo do homem ou do bruto. «Queixa-se tão sómente que não houvessem sido mencionados os calom-

bos e contusões que este recebeu no barulho». Carta ap. *GN*. 27 abr. 84. A definição de Rubim «sangue, leite ou outro liquido coalhado em forma granular», acceita por Aulete, que por conta propria accrescenta o sentido isolado e geral de «coagulo», não é exacta. || ETYM. bd. *calumba* giba, giboso, corcova.

**calmeiro** adj., que navega (embarcação) com muito pouco vento, quasi com calmaria. || GEOGR. Cabofrio, Iguaba (RJan.).

**caluge** sm., rancho de palha. || ETYM. bd. || ORTHOGR. BRoh. dá *caloji* como t. de Pern. e Pará. Em Itaborahy (RJan.), houve uma fazenda de assucar com o nome de *Caluge*.

**calumbá** sm., «nos engenhos de assucar é o cocho do caldo». Rub. || ETYM. bd. *calumba* giboso, corcovado. || ORTHOGR. vj. *calimbá*. || SYN. *cocheira*. «Para alimpar o cocho do caldo (a que chamão *cocheira* ou *calumbá*)». Antonil.

**calundú** sm., 1º frenezi, máo humor, zanga, faniquito, hemorrhoidas, nervosia. || 2º quindins, partes, momices, capricho. «Vou criar as minhas raivas Com meos calundús, Para fazer as coisinhas Que eu bem quizer». SR. *Cant.* 1, 67. Sergipe. || ETYM. bd. Aug. de Carv. *Capitania de S. Thomé* 252. Baptista Caetano opina que é o guar. *acânundú* dôr de cabeça, ter febre, sezões. *Calundú* na Angola é parte de feitiçaria, e t. já recolhido por Gregorio de Mattos: «Que de quilombos que tenho Com mestres superlativos, Nos quaes se ensina de noite Os ca-

lundús e feitiços ». I, 82 || GEOGR. RJan., Bah., etc. Na Parah. e RGN. *lundú*; o que confirma a etym. angolana (onde o pref. *ca* é dim. e peyor.). Em Itaborahy (RJan.), houve uma fazenda de assucar com o nome de *Calundú*. || ORTHOGR. também se diz e escreve *calundum*, pl. *calunduns*. RJan. (litt.).

**calunga** sm., 1º rato pequeno, em geral. || 2º certo ratinho preto do mato. || 3º o pargo, peixe da familia dos *Sparoides*. || 4º bonecos, cavalinhos e outros brinquedos das crianças do sexo masculino; estampas de livros para divertir as crianças. « Meninos ricos que têm seos brinquedos bonitos... Que calungas! Cavallinhos, velocipedes, boisinhos ». Arth. Az. *Bilontra*. « Um S. João, respondeu o belchior .. Os São-Joões têm tido muita procura este anno .. De repente lembrei-me de que ha tres annos tinha este calunga allí n'um canto ». Red. *DN*. 24 jun. 85. || ETYM. bd. *calunga* mar; e d'ahi, « deos », não o deos d'elles, *zambi*, familiarmente conhecido e representado em figura; mas o deos incognoscivel dos missionarios, o qual era impossivel aos negros comprehender, e por isso lhe derão « um nome perfeitamente como ao mar, *calunga* ou *lunga*, cuja latitude não percebem ». Cap.-Tr. *Iacca* II, 241. Ora, para elles o deos não pode ser percebido sinão sob as formas do homem; e os seos feitiços são bonecos, animaes e outros artefactos d'essa ordem. Tambem, e pela mesma razão de superioridade divina ou quasi divina, chamão os abundos aos fidalgos *calungas*, uns

como semideoses, intermediarios dos seos adeptos juncto á pessoa do rei, o *muquiche*. A applicação ao rato e ao peixe já foi por extensão. A pal. *calunga* que apparece nas cantigas bilingues, publicadas por Couto de Magalhães, Silvio Roméro e outros, é o t. bd. na significação originaria de « mar ». || GEOGR. 1º Bah.; 2º RJan. (Araruama); 3º Cabofrio; 4º Pern. e outras provs. do norte. || SYN.

**calungage** sf., vadiação, andar por sambas e em folias. || GEOGR. Parah., rec. por V. Cabral.

**calungueiro** s. e adj., empregado na pescaria do pargo (*calunga* 3º); camarada de canôa ou lancha empregada n'essa pesca. Cp. *garoupeira*. « De settembro a março, mezes das inundações, é a quadra dos bagres ou *mulatos-velhos* tambem do Rio-Grande, e das pescarias de barra fóra nos lanchões de convez a que dão o nome de *calungueiros* ». F. J. Martins, *S. João da Barra* 18. || GEOGR. litt. RJan., ES. etc. || SYN. *bangula*.

**cama** sf., leito, fundo do rio. « Chegámos á barra do Corumbaty, rio caudaloso de 20 braças de largura, com cama de lage solida ». *RIH*. 1847, 33. || ETYM. b.-lat., hisp. *cama*. A de Constancio, derivando do gr. *Κοιμάω* deitar na cama, adormecer, e a de Aul. do gr. *Χαμαί* em terra, no chão, podem indicar a posição de quem está deitado, mas não o traste, utensilio, movel, onde se dorme.

**camada** sf., vasta extensão de campo limpo e parelho, sem mato,

nem cochilhas, nem barrocas. « Desci por terra com a minha comitiva, atravessando uma grande camada de campo; porém, este para os fundos, na direcção do rio Paraná, tornou-se intransitavel ». Lopes *RIH.* 1850, 323. || ETYM. *cam(a)* superfície plana +suff. *ada*.

**camafonge**, vj. **cafunge**.

**camaleão** sm., buraco feito pelas tropas e carros nas estradas, e cheio d'agua das chuvas. || ETYM. corr. pop. do port. *camalhão*, com transposição do signif.: *camalhão* é a terra que se ajuncta e levanta em roda do buraco [port. em *torno ao buraco*], nas duas margens do rego, cova, cava ou sulco; *camaleão* é, ao contrario, o rego, a cava, o buraco. || GEOGR. Pern., Al. (recolh. por BRoh.). || SYN. *caldeirão*.

**camalote** sm., ilha de troncos soltos, raizes, folhas e o mais que eventualmente se lhes aggrega, fluctuando á mercê das correntes nos grandes rios, como o Paraguay, Uruguay, Paraná, S. Francisco, Amazonas, Tocantins etc. || ETYM. ? || SYN. *piriantã*.

**camarada** sz., 1º amigo da infancia; amigo intimo. || 2º criado, pagem, de condição livre, pago ou não; companheiro de viagem, no character de servente, para cuidar dos animaes, da *bagagem*, da cozinha do patrão. St.-Hil. *S. Paulo* I, 128. « Fazendas ou engenhos isolados, com uma fabrica de escravos, com os moradores das terras na posição de aggregado do estabelecimento, de camaradas ou capangas ». Jm. Nabuco *Abolicion.* 152. « José Novato,

homem pobre, mas de probidade incontestavel. Vivia do que chamamos *camarada*; e no desempenho d'estes serviços, só ou acompanhando seos patrões, forão lhé confiadas muitas sommas e valores. Alegre, jovial e respeitoso, fiel cumpridor de seus deveres, distrahia os viajantes que acompanhava com historietas agradaveis ». Corrp. Uberaba (Minas) ap. *JC.* 15 jan 83. Vj. outro ex. s.v. *boiada*. || ETYM. de *camara* quarto de dormir. || GEOGR. SP., Paraná, Min., Mgr., Goyaz, serrácima do RJan. || LEX. PORT. o nosso equal, o companheiro d'armas, de cama, de rancho, amigo de cama e meza. || SYN. *aggregado*, *capanga* qv.

**camarão** sm., cipó, vara cylindrica, estriada ou canellada, cuja casca se recorta em debuxos, tirando-se a necessaria para fazer os lavores, e que se bota na cinza quente para tostar o lenho nas partes descascadas, conservando-se a côr natural nas encascadas: extrahidas estas fica o páo todo pintado. Serve de bengala, de chicote para tocar cavallo etc. « D'ahi a um nadinha, de um outro grupo, que alli está só para fazer chinfrim, parte o grito de todas as nossas sedições da rua, a *marselheza* da rapaziada, que não acha tantas vezes quantas precisa quem lhe applique uma boa dose de camarão: — Não pode! — Quando de um d'esses grupos parte o grito fatidico *não pode!* é contar que vai ferver pancadaria ». Red. *GN.* 31 oit. 83. || ETYM. br. *caá* páo + *marã* pintado, colorido. || HOM. conhecido crustaceo decapodes. || LEX. PORT,

vaso de louça (braz. *lôça*; port. *lôixa*); gancho de pendurar lustres etc.: signifs. que não temos no Brazil. || SYN. *cipó*, *gurungumba*, *marmello*, *vara*.

**camarinha** sf., quarto de dormir. «Pequena prateleira no canto [port. *ao canto*] da sala ou camarinha». J. Gal. *Sc.* 273. «Enhá Tuca com siá Anninha, Qual d'ellas mais bizarra, Lá estão na camarinha, Sentadas n'uma carona». Kos. ap. SR. I, 74. || ETYM. sf. *camar(a)* port., ant. no Braz., quarto de dormir + suff. *inha* dim. || GEOGR. provs. do norte, RGS. || LEX. PORT. no pl. gottas pequenas e redondas, vg. de suor; desconh. no Braz. || SYN. *beliche*, *casinha*.

**camarote** sm. divisão na camara do navio ou sala de theatro, para alojamento dos officiaes ou tripolantes, ou dos espectadores. || HIST. ant. em Lisboa, onde se diz *cabina*, e se prefere o puro fr. *cabine*, que, por não cheirar á portuguez, torna-se mais elegante; no Brazil, porém, está em vigor.

**camachilra** sf., corr. erud. de *camachirra*, por intercurrencia do v. *chilrar* = *chilrear*.

**camachirra** sf., 1º «passarinho de côr escura que tem o canto jovial». Rub., frequenta os arredores das casas, chilrando e pulando, sempre alegremente. || 2º fig., mulher pequenina, risonha, buliçosa; animal pequenino e espertinho. || ETYM. br. *campá* preto (applicado a vivente: gente, macaco, sarigué, passaro) + *chiichii* nome onomat. das andorinhas, a chilradora. Cp. *gambá*. || ORTHOGR.

*cambachirra*, *gamachirra*, *camachilra* qv.

**camb-** raiz ary., mudar, mudança, mudavel, troca; torto. Vj. no lex. port. e no luso-braz. *camba*, *cambada*, *cambadela*, *cambaio*, *cambalacho*, *cambalear*, *cambalhota*, *cambão*, *cambapê*, *cambar*, *campeta*, *cambiar*, *cambio*, *cambista*, *cambito*, *cambo*, *cambona*, *cambota*, *cambulhada*, *cambuta*; lat. *gamba*; gr. *καμπή* curvatura, dobra.

**camba** sf., mucama, mucamba, criada de quarto, escrava de serviço domestico. «Si Thereza é mui bonita, Mulata guapa e bizarra, Com mui bom ar se desgarrá A mestiça Mariquita. Ninguem a uma e outra quita Serem lindissimas cambas». Gr. Mattos I, 281. || ETYM. bd. || GEOGR. Bah.; no R. Jan. *mucama*.

**cambar**<sup>1</sup> va. e n., 1º mudar, virar de um lado para outro, de baixo para cima, trocar de posição. || 2º t. marit., «mudar de um bordo para outro, vg., as escotas das velas latinas, o vento etc.». *DMB.* || ETYM. b.-lat., ital. *cambiare* (do lat. *cambire*), prov. hisp. *cambiar*. || GEOGR. 1º Cabofrio. || *Lex. Port.* em ambos os signifs., mas antiquado.

**cambar**<sup>2</sup> vn., andar cambaio, cambetear. || ETYM. do lat. *scambus* torto das pernas. || LEX. PORT. vig. n'este signif., pouco us. no Brazil.

**cambembe** sm., 1º cambaio, torto das pernas. || 2º adj., esturdio mal amanhado. || 3º o sino, que ás 10 horas da noite, toca a recolher (Cabofrio). || ETYM. bd.

**cambica** sf., «especie de alimento feito com a polpa da fructa murici (*Byrsonima sp.*), misturada com agua,

assucar e farinha de mandioca ». BR. || ETYM. br. *cambi* leite. || GEOGR. Ceará, Maranhão.

**cambito** sm., pernil de porco. || ETYM. ital. *gambetta*, dim. de *gamba* perna. || GEOGR. SP.

**camboatá** sm., 1º peixe cascudo, que tanto nada, como anda; peixe de mar e terra. || 2º fig., sujeito que vive bem com todos; que accende uma vela a Deos e outra ao Diabo. « Camboatá não emperra; anda n'agua e em terra ». Prov. pop. em contrario do que diz: « Antes quebrar que torcer ». || ETYM. br. *cá* = *car* escama, casca + *mbo* que faz + *atá* andar. || GEOGR. 1º geral; 2º litt. RJ. || SYN. 2º *bahiano*, *díplomata*, *francez*, *jesuista*.

**cambondo** s., amasio, amigo, concubino, mancebo. BR. || ETYM. bd. || GEOGR. Bahia.

**cambota** sf., 1º peça de madeira, semicircular ou em quarto de circo, que faz parte das rodas d'agua, dos carros etc. || 2º molde de madeira para armar arcos. || ETYM. b.-lat. *cambotta* bastão recurvado na extremidade superior, baculo dos bispos, cajado dos peregrinos, etc. Vj. *cambuta*.

**cambraia** sf., 1º tecido fino de fazenda branca. || 2º « côr de cavallo; é branco de pello e coiro ». Rub. || 3º bejú de tapioca. || ETYM. *Cambray* cidade de França, donde vem a fazenda. Os signifs. 2º e 3º são metaphoricos da côr branca. || GEOGR. 1º geral; 2º provs. do Sul; 3º Bahia, Alto S. Francisco, recolh. pelo dr. Brotero F. de Macedo Soares.

**cambraeta** sf., especie de *cambraia* 1º.

**cambrainha** sf., especie de *cambraia* 1º, pouco ácima da *cambraeta* qv. « Cambrainhas finas, Não são pra você; Pra gente, sinhá, Que me faz a mercê.. ». SR. *Cant.* I, 61.

**cambuquira** sf., guizado de grelos de abobreira, para se comer com carne assada. || ETYM. br. *cambiquí*. BC., de *caá* herva + *ambiquí* = *oquí* = *oquíra* grelo. || GEOGR. SP., Paraná, Min. || ORTHOGR. *camoquíra*, *camboquíra*, *camuquíra*, *cambuquíra*.

**cambuta** sz., pequeno e enfezadinho, mal nutrido, mal construido, diz-se do homem ou mulher caturra, de physico depauperado; torto, cambeta. || ETYM. b.-lat. *cambotta* = *cambuta* páo, bastão curvado na extremidade por onde se deve pegar. DC. Vj. *comb-*. || GEOGR. litt. RJ.

**came** = **camé** adj. gent., tribu de indios de Guarapuava (Paraná). || ETYM. ar. *hkame* escravo. Cp. *bugre* e *cafre*. E' t. erud.

**camina** sf., « armadilha de pesca, que consiste em uma vara fincada no chão por uma das extremidades. A outra extremidade, sendo fortemente acurvada a vara, é preza dentro da agua em um gancho de páo disposto em um pequeno cesto atado na mesma extremidade da vara, de sorte que, logo que o peixe toca na ceva, a vara desprende-se, e tornando ao seo estado natural, traz ácima o peixe dentro do cesto ». Baena ap. BR. || ETYM. br. *caá* páo + *ami* que puxa, arranca, expreme, saca.

**caminhão** sm., carroça de quatro rodas, de pouca altura, com boléa. « O caminhão n.º 380 passava hontem em disparada pela praça da Accla-

mação. A victima foi um pequeno italiano». Red. *GN.* 8 nov. 81. « Não pode deixar de ser censurada a imprudencia com que alguns cocheiros de caminhões costumão conduzir os seos vehiculos, levando-os em disparada, atropellando os transeuntes com o maior desembaraço ». Red. *JC.* 1 oit. 85. || ETYM. fr. *camion*, por intercurrencia do v. *caminhar* andar. || HIST. é recente este voc. na Côrte.

**camoci** = **camocim** sm., 1º pote em geral, tina etc. || 2º pote ou talha de barro em que os indios sepultão os cadaveres dos seos. « As grutas calcareas das cercanias de S. Luiz de Caceres, nas quaes os bororós tinham suas necropolis, a julgar pelo numero de *camocis* ali encontrados ». Sev. I, 54. « O nome de *cambuchis* ou *camucins*, dado a todas as talhas e potes pintados, a que tambem chamavão *igacabas*, applica-se hoje mais especialmente a estas urnas funerarias ». Varnhag. *Hist.* 41. || ETYM. *camoci* = *camboci* = *camoti* = *cambuchi*: de *cambú* mammar, chupar, sorver, beber + *ci* fonte, manancial, o que dá de beber, pote, vaso d'agua.

**camondongo** sm., « ratinho caseiro ». Rub. « Vivo e experto como um camondongo, caminhava para o collegio, acompanhado por uma negra ». Fr. Jr. *Folh.* 155. « Convidar o povo para ver aquillo foi como chamar um gigante para ver um camondongo ». V. Mag. *O Escandalo V*, 6. || ETYM. bd.: *ca* pref. dim. + *mundongo* rato domestico. || ORTHOGR. mais correcto *camundongo*. Herdamos do port. o *o* medial atono = *u*.

**camote** sm., namoro. Ces. ||

ETYM. cast. || GEOGR. fronteira do RGS. com as republicas do Prata.

**campanha** sf., 1º campo extensissimo, a perder de vista. « Pantanaes que recebem os escoantes que esgotão os largos campos que os cercão. Estas campanhas formão um quadro de 14 leguas de lado, ellas fazem com os campos de Villa-Bella uma alagação geral no tempo das aguas ». Serra *RIH.* 1840, 27. « Não achei vestigios que me orientassem, .. pois a campanha é espaçosa n'aquelle lugar ». Lopes *RIH.* 1850, 324. « Do Tacuman segui por uma campina vasta, a que dão o nome de *Campo Grande*, sem descobrir agua ». D'Alincourt *RIH.* 1857, 339. Eis a campanha, campina vasta, campo grande. « D'elles [morros] entra-se em campanhas dilatadas até ao rio Apa ». Ibid. 341-2. « As campanhas comprehendidas nos limites d'esta provincia [das Missões] não são igualmente criadoras. Todos os campos ao sul do Ibicuihy têm preferencia em bondade ». Th. Rab. *RIH.* 1840, 157. || 2º campos geraes do Rio Grande do Sul e Minas Geraes. « E não vinha pessoal sómente de Porto Alegre, mas de outros pontos assás longinquos da campanha ». Disc. sen. Visc. de Pelotas sess. 3 jun. 85. || ETYM. s. *camp* (o) + suff. *anha* extensão. || GEOGR. provs. do sul e do centro || SYN. *campina* RJ.; *campos geraes* Paraná; *campos* RJ., Min.

**campão** sm., augm. de *campo*. « E para o norte e oeste [de Camapuã], é mais regular [o terreno], e apresenta espaçosas lombadas e grandes campões ». D'Alinc. *RIH.* 1857, 335.

**campação** sf., acção de *campar* 2º; passeio nocturno com fim amoroso. || GEOGR. litt. RJan.

**campador** sm., passeante nocturno em busca de amores: especialmente applicado aos escravos nas fazendas do littoral do Rio de Janeiro.

**campar** vn., 1º brilhar, sobressahir. «E tu, cidade, és tão vil Que o que em ti quizer campar Não tem mais do que metter-se A magano, e campará». Gr. Matt. I, 358. || 2º sahir a passeio nocturno; ir ter com a amante, de noite, fóra de horas: dizia-se particularmente dos escravos nas fazendas do litt. RJan. || GEOGR. RJan. || HIST. Moraes, 1ª ed., dá só no sentido de *acampar* assentar o campo ou arraial, e *campear* estar acampado etc.; e só no famil., brilhar, lustrar. || LEX. PORT. naquelles signifs. e nos de *lograr*, *aproveitar*, não se usa aqui.

**campeação** sf., acção de *campear* qv.

**campeador** sm., *campeiro* qv. || LEX. PORT. batalhador, combatente. Cid, o campeador.

**campeão** sm., «cavallo em que campêa-se». J. Gal. *Lendas*, 396. «Então nas catingas, rompendo espinheiros, Saltando os vallados .. Té o céo desafio no meo campeão». Ibid. 39. || LEX. PORT. batalhador, combatente, defensor.

**campear** vn., 1º «andar a cavallo no campo em procura ou tractamento de gado». J. Gal. *Lend.* 396. «Com cuidado leva o dia E a noite a maginar: De manhã tirar o leite, Ir ao campo campear». SR. *Cant.* 96. || 2º explorar, bater campo, procurar com

minuciosidade, por todos os recantos. «Mandou o general castelhano logo de manhã 120 correntinos campear estas campanhas, não só a exploral-as, mas tambem a reconduzirem gado dos indios para o seo exercito». *RIH.* 1853, 242. || ETYM. s. *camp* (o) + suff. v. *ear* iterat. || GEOGR. 1º RGS., Paraná, SC., SP., Ceará; 2º sul do Brazil em serrácima. || LEX. PORT. acampar, batalhar, correr campo, lustrar, sobressahir, ufanar-se. || SYN. *bombear*, *caçar*.

**campeiro** sm., 1º empregado, camarada, que tem a seo cargo o tracto do gado. «O trabalho das estancias .. não ha lida mais barbara e fragosa do que essa, em que a propria existencia periga a todos os momentos, já no domador .. já no campeiro, que despara á redea solta com rapidez vertiginosa, sobre terrenos crivados de buracos e precipícios». Ass. Bras. I, 29. || 2º adj., que vive habitualmente nos campos geraes ou na campanha. || SYN. *vaqueiro*, Ceará, Piauhy, RGN. & ; *pastor* RJ. e Portugal.

**campestre** sm., campo pequeno. «Sahi de tarde para o quinto ou penultimo campestre dos fachinaes de José Francisco .. dono d'estes campestres, repartidos por cinco restingas, que atravessámos». *RIH.* 1841, 65. «Quando passei o campestre, Vi uma rez lá deitada». SR. *Cant.* I, 90. || GEOGR. RGS., Ceará e outras provs. do norte. || LEX. PORT. adj., rustico, proprio do campo: us. no Brasil.

**campo** sm., grande extensão de terreno sem mato, nem capoeira, antes coberto de capim, comprehendendo varias especies de gramineas, cypera-

ceas, arundinaceas, juncaceas e outras plantas herbáceas, mais ou menos rasteiras e quasi todas apropriadas para pasto do gado. E' o inverso da *mata* qv. Distingue-se o *campo coberto* ou *sujo*, onde crescem subarbustos e macegas que precisa queimar annualmente, para que não tomem conta dos campos, reduzindo-os a *fachinaes* e *catanduvas*; e o *campo limpo*, que só tem capim proprio para pastagem. « Mais para o sul e para oeste, deramão-se leguas apoz leguas de campo ondulado até o horizonte, campo mais verdejante nos valles, mais sujo nos cabeços, quando a estação vai adelantada, mas interrompido apenas por algumas linhas de arbustos juncto aos arroios e dois ou tres capõesinho nas ladeiras abrigadas ». Herbert Smith in *GN.* 10 ag. 86. « E eu subi por terra .. .., visto ser tudo por campo, apezar de coberto, como são quasi todos da serra de Maracajú para o lado do rio Paraguay .. Porém, logo que estive nas vertentes para o Paraná, elles [campos] são limpos e de uma vista encantadora, um céu benigno, um clima regular ». J. Fr. Lopes *RIH.* 1850, 326. || *Campo parecido* é o plano sem ondulações muito sensíveis; *c. dobrado* ou *repecho* é, ao contrario, o que se dilata por terreno fortemente accidentado, de muitas e frequentes lombas. || *Campo nativo* é o que nasceu e se conserva nesse estado, pastagem natural; por differença de *campo feito*, plantado pela mão do homem, quasi sempre de gramma ou de capim gordura. || LEX. PORT. *campo* no Brazil é us. em todas as significações de além-mar,

menos na de « terreno aravel, extensão de terrenos fóra dos povoados ». Aul. A isto chamamos *roça* e *sítio*; e ao terreno aravel *terra de planta*. || SYN. *brocotó*, *campanha*, *campina*, *catanduva*, *fachinal*.

**campos-geraes** sm. pl., vastas campinas no planalto medio entre o da Curitiba e o de Guarapuava, na provincia do Paraná. Ha os campos da Curitiba, e os de Guarapuava; mas não são esses os *campos geraes*, que se estendem desde o rio Itararé até a Serrinha, no municipio do Campolargo, desde os 23° 40' lat. S. até  $\pm$  25°, em distancia de  $\pm$  8 leguas da Curitiba. St. Hil. *S. Paul* I, 100; e ao O. vão entestar com as matas que precisa varar para sahir nos campos de Guarapuava. E' d'essa fadaica e abençoada região que com tanto entusiasmo falla um dos mais illustres viajantes francezes e entranhado amigo do Brazil, Auguste de Saint-Hilaire, no seo notabilissimo livro intitulado *Voyage dans l'intérieur du Brésil*, ibi: « Montanhosa e coberta de grandes mattas nos dois pontos (áquem de Itararé e além do Campolargo), a região dos *Campos Geraes* apresenta, em geral, um terreno plano e ondulado, onde, a perder de vista, se descobrem immensas pastagens, cujo verde claro faz o mais agradável contraste com os tons escuros dos capões de mato que se levantão nas baixadas, ora formados só de *Araucarias*, ora compostos dellas e de outros arbustos quasi sempre de folhagem verde, igualmente carregada. Emquanto na Europa é rara a planta que medra nos pinhaes, aqui brotão

entre as *Araucarias* prodigiosa quantidade de arbustos, subarbustos e plantas herbáceas, contrastando de diferentes modos com a rjeza dessas grandes arvores e suas côres severas. Formão as *gramineas* a totalidade dos pastos nativos; crescem pelo meio outras plantas, aqui e alli diversas, commummente *Vernonias*, mimosáceas, um *Convolvulus*, a composta vulgarmente chamada *Charrua*, uma verbenacea, uma *Cassia*, uma labiatiflora. Em Janeiro, Fevereiro e mesmo começos de Março, a verdura dos *Campos* é tão fresca como a dos nossos prados; é, porém, menor o numero das flores que os esmaltão. Entretanto, em alguns pontos são extraordinariamente numerosas, sobreahindo em abundancia um *Eryngium* e uma composta; e ao passo que nos nossos prados dominão o amarello e o branco, aqui é o azul celeste que dá côr aos campos floridissimos ... Sem ser chatos e monotonos como as planicies de Beauce, os accidentes do terreno não são bastante sensiveis para estorvar a vista. A's vezes, no lançante da collina surgem rochedos á flôr da terra, deixando escaparem-se cascatas, que se precipitão nos valles: numerosos rebanhos de bestas, vaccas, pastão na campanha, animando a paysagem: poucas casas, mas bem aceiadas e acompanhadas de jardimzinhos, plantados de maceeiras e pecegueiros. O céu, sem deslumbrar como sob os tropicos, é mais convinavel á fraqueza da nossa vista ... Vê-se que tive razão em chamar os *Campos Geraes* o *Paraiso terrestre do Brazil*. Saint-Hilaire, *S. Paul*, I, 100; II, 2 e 29.

Attribuimos a existencia dos *Campos* á formação do solo, cuja base granitica é apenas coberta, geralmente, por delgadas camadas de alluvião de diferentes edades, onde não podem crescer arvores, nem arbustos de certo porte, cujas raizes exigem maior profundidade de terreno. Nessas camadas são frequentes os grés, mais ou menos solidos, schistos, calcareos em maior ou menor quantidade, ás vezes bem á flor da terra. Accresce a geada, a que só e difficilmente resistem as *gramineas*, sendo assim annualmente, de Maio a Setembro, queimadas quaesquer plantas vivazes que fôrem brotando. Finalmente, a vastidão dessas planuras sem fim, desdobradas a dezenas e dezenas de leguas entre serros que, mais aproximados, poderião defendel-as da violencia dos ventos, e a consequente relativa escassez d'agua, explicão sufficientemente a razão do desaparecimento das mattas nos *Campos Geraes*. Nos raros oasis onde é mais profunda a camada de alluvião, e o solo deixa de ser piçarrento, arenoso ou ferruginoso, cresce a *Araucaria* com todo o seo viço « contribuindo para (diz St. Hil. cit.), por sua elevação, elegante magestade das fórmãs, immobillidade, verde sombrio da folhagem, dar aos *Campos Geraes* uma physionomia particular »; crescem as *Laurineas*, a *Embuya*, o *Sassafras*, cujas folhas, esbranquiçadas na face inferior, contrastão sensivelmente com o verde-escuro do pinheiro; crescem as melastomaceas, vição as compostas e as myrtaceas e formão-se esses bosques encantadores, regados por algum fresco arroio; essas *ilhas de mato*, como

os chamarão os índios, comparando os campos ao mar e os capões a ilhotas.

**canalha** sf., adj. 2, vil, infame, desprezível. «A lama que os canalhas lhe atirão não pode emporcalhar-o». J. Patroc. ap. *JC.* 15 oit. 88. || HIST. até pouco tempo, era só empregado como sf., para significar a «infima plebe, o rebutalho do povo». Já vem em Aul. como sm., mas não como adj. Importação do Chiado.

**canarim** adj. gentil., homem de côr amarello-escura, malaio trigueiro, como os canaras de Gôa, na Asia. || ETYM. do ind. *canara* aldeião dos contornos de Gôa, serviçal dos officios mais baixos do campo e da cidade. «A esses taes chamão-lhe *canarins* porque seguem os costumes e as superstições dos povos que na India chamão *canaras*, donde vem a lingua canarina, muito commum na India». Bluteau. || SYN. são os *caboclos* ou *fulos* da India portugueza.

**cancaburrada** sf., asneira grossa, tolice grande, parvoice, desproposito sem qualificação. || ETYM. corr. pop. do port. *cacaborrada* obra mal feita, desproposito, parvoice (Aul.), por intercurr. de *burro*, *burrada* acção de burro. || SYN. *borradela*, *burrada*, *burrice*.

**cancha** sf., 1º «logar no mata-douro das charqueadas onde o boi vai morrer». Cor. || 2º «logar onde o [cavallo] parreheiro está acostumado a correr. Diz-se *está na sua cancha*, isto é, em lugar conhecido, onde é mais forte etc.». Cor. || 3º «logar onde

se correm carreiras». Ces. || 4º fig., commodo, commodidade; lugar onde a gente está a seu gosto. Taunay, *Narrat. Milit.* 114. «Condemne-se deveras o detestavel systema de procurar o emprego, ou antes a cancha ou a sinecura para o afillado, mas escolha-se o funcionario para o cargo». Apd. *JC.* 29 jan. 83. || ETYM. cast. || GEOGR. RGS., SP., Paraná, SC., Min., RJ. || SYN. o proloquio «estar na sua cancha» corresponde ao port. «estar nos seus geraes», e ao min. «estar no seu bem-bom».

**candango** sm., nome com que os africanos designão o portuguez. || ETYM. bd. || GEOGR. RJ., recolh. por Valle Cabral.

**candeia** adj., «casquilho, elegante, bonito, não só em relação a pessoas, como a coisas: uma moça *candêa*, uma sala *candêa*». B. Roh. || ETYM. br. *candêá* limpo, puro, são, bonito, perfeito: do s. *cang* cabeça + adj. *teá* formoso. B. Caet. «O *Grapsus brasiliensis*, notavel por sua formosura, tem, tanto no Rio de Janeiro, como na Bahia, o nome vulgar de *siri candêa*». BR. || GEOGR. Pern., Parah., RGN., Bahia, RJan.

**candeieiro = candieiro** sm., «o homem que, de ordinario armado de aguilhada, vai adeante dos bois que puxão o carro, como que ensinando-lhes o caminho que devem seguir». Cor. || 2º certa dança afandangada. || ETYM. s. *candei(a)*, que vai adeante, allumiando o caminho + suff. *eiro* profissão. || GEOGR. 1º RJ., RGS.; 2º RGS.

